JULIANA FERNANDA DE BARROS

A experiência migratória de jovens brasileiros no Japão e suas famílias na constituição do pertencimento e identidade

Assis
2021

JULIANA FERNANDA DE BARROS

A experiência migratória de jovens brasileiros no Japão e suas famílias na constituição do pertencimento e identidade

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador(a): Dra. Mary Yoko Okamoto

Assis
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

B277a

Barros, Juliana Fernanda de
A experiência migratória de jovens brasileiros no Japão e suas famílias na constituição do pertencimento e identidade / Juliana Fernanda de Barros. Assis, 2021.
347 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

1. Migração - Brasil e Japão - Aspectos psicológicos. 2. Jovens. 3. Subjetivação. 4. Identidade social. 5. Pertencimento. I. Título.

CDD 325.1

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: A experiência migratória de jovens brasileiros no Japão e suas famílias na constituição do pertencimento e identidade

AUTORA: JULIANA FERNANDA DE BARROS
ORIENTADORA: MARY YOKO OKAMOTO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Social / UNESP/Assis

Profa. Dra. KYOKO YANAGIDA NAKAGAWA (Participação Virtual)
Projeto Kaeru/São Paulo

Profa. Dra. MARIA INÊS ASSUMPÇÃO FERNANDES (Participação Virtual)
Instituto de Psicologia / USP/São Paulo

Profa. Dra. THÁSSIA SOUZA EMÍDIO (Participação Virtual)
UNESP/Assis

Assis, 16 de junho de 2021

AGRADECIMENTOS

A jornada do doutorado não foi nada fácil e eu não poderia deixar de agradecer quem esteve do meu lado me apoiando e orientando neste processo desde o início. Sem essas pessoas, eu não conseguiria concluir este trabalho, pois ninguém faz nada sozinho.

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus que me fortaleceu e me iluminou. A minha família que sempre esteve do meu lado me incentivando, em especial, a minha mãe Luzia, pai Olair e irmã Luana que nunca duvidaram do meu potencial. Eles viveram a angústia desse desafio comigo e me reergueram todas as vezes que eu estava caindo. Eu amo vocês.

A Mary, minha querida orientadora, que com todo cuidado e paciência me orientou nesta pesquisa. Eu aprendi muito com você e agradeço por toda dedicação que teve ao meu trabalho. Essa tese foi construída a quatro mãos e as suas orientações foram essenciais para mim.

Gostaria de agradecer a todas as famílias e adolescentes que gentilmente cederam um tempo de suas vidas para que essa pesquisa pudesse acontecer. Não teríamos ciência sem essas pessoas que acreditam e contribuem com a nossa pesquisa. A Carla Barros por me colocar em contato com essas famílias e facilitar a ponte entre Brasil e Japão.

Agradeço também aos meus amigos e amigas que me deram todo suporte emocional e atravessaram essa jornada comigo, sempre acreditando em mim e me incentivando a prosseguir, entre eles: Tatiane Cristine, Gustavo Ribeiro, André Tokuda e Roberta Barros. Em especial ao meu amigo Marcos Martinelle que me ajudou com as transcrições das entrevistas.

Agradeço também a todos os membros da minha banca de doutorado pelo aceite, por ler com cuidado a minha tese e pelos apontamentos e contribuições realizadas.

Por fim, agradeço aos meus bisavós Kotaro e Shimo, os quais não pude conhecer, que marcaram a minha vida e da minha família com a experiência da migração ao Japão e que hoje se converteu no desejo e produção desta pesquisa.

BARROS, Juliana Fernanda de. **A experiência migratória de jovens brasileiros no Japão e suas famílias na constituição do pertencimento e identidade**. 2021. 347 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi investigar e compreender as implicações psicossociais da experiência migratória dos jovens brasileiros no Japão para a constituição do pertencimento e identidade na subjetividade dessa população. Para isso, partimos do pressuposto de que a migração traz implicações psíquicas que terão desdobramentos na constituição subjetiva dos sujeitos que a vivenciam, especialmente nos jovens que estão atravessando um período importante na ressignificação de sua subjetividade, uma vez que o sujeito se constitui ancorado no pertencimento e nas operações identificatórias que o rodeiam e que são determinantes para a sua constituição identitária. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio do estudo de casos e com a realização de entrevistas semi-dirigidas com quatro jovens brasileiros que residem no Japão, que estudam em escolas brasileiras e japonesas, e com seus pais, a fim de compreender as implicações acerca da experiência migratória e suas reverberações no pertencimento e identidade. A análise das entrevistas foi realizada por meio do referencial psicanalítico e estudos migratórios. A partir da análise das produções discursivas das quatro famílias, concluímos que há aspectos da transmissão psíquica transgeracional nas famílias de *nikkeis* que atravessam a experiência migratória dos jovens *dekasseguis* que reverberam na constituição do sentimento de pertença e identidade. Com isso, os jovens entrevistados apresentam um duplo e parcial pertencimento não elaborado e identidades fragmentadas, atravessada pelas identificações e características de ambos os países. Como uma possível saída e resolução desse conflito em relação ao pertencimento e identidade, todos os jovens apontam o desejo de conhecer e habitar um terceiro país a fim de processar os ideais herdados e se (re)conhecer fora deste laço, rompendo com esse pacto transgeracional do duplo pertencimento não elaborado entre Brasil e Japão.

Palavras-chave: Imigração; Jovem; Subjetivação; Identidade; Pertencimento.

BARROS, Juliana Fernanda de. **The migratory experience of young Brazilians in Japan and their families in the constitution of belonging and identity**. 2021. 347 f. Thesis (Doctorate in Psychology) - São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2021.

ABSTRACT

The objective of the present work was to investigate and understand the psychosocial implications of the migratory experience of young Brazilians in Japan for the constitution of belonging and identity in the subjectivity of this population. To achieve this, we have assumed that migration brings psychological implications that will triggers consequences in the subjective constitution of the subjects who experience that, especially in young people who are going through an important period in the re-signification of their subjectivity, since the subject is constituted and anchored in belonging and in the identification operations that surround it and these are decisive for their identity constitution. Therefore, a qualitative research was carried out, through case studies and semi-directed interviews with four young Brazilians who live in Japan, who study in Brazilian and japanese schools, and with their parents, in order to know the implications about the migratory experience and its repercussions regarding belonging and identity. The analysis of the interviews was carried out using the psychoanalytical and migratory studies framework. From the analysis of the discursive productions of the four families, we conclude that there are aspects of transgenerational psychic transmission in the families of Nikkei that go through the migratory experience of the young Dekasseguis that reverberate in the constitution of the feeling of belonging and identity. As a result, the young people interviewed have a double and partial unprepared belonging and fragmented identities, crossed by the identifications and characteristics of both countries. As a possible way out and resolution of this conflict in relation to belonging and identity, all young people point out the desire to know and live in a third country in order to process the inherited ideals and (re)cognize outside this bond, breaking with this transgenerational pact the double belonging not elaborated between Brazil and Japan.

Keywords: Immigration; Young; Subjectivation; Identity; Belonging.

SUMÁRIO

PRÓLOGO **7**
INTRODUÇÃO **12**
1 O MOVIMENTO DEKASSEGUI: HISTÓRIAS DE VINDAS E IDAS **17**
1.1 Onde tudo começou: a imigração japonesa ao Brasil **20**
1.2 O retorno dos que não foram: o movimento dekassegui para o Japão **24**
1.3 A migração nos tempos atuais: a comunidade brasileira no Japão e o perfil dos dekasseguis **31**
2 A EDUCAÇÃO NO JAPÃO **37**
2.1 O sistema de ensino no Japão **38**
2.2 Escolas brasileiras no Japão **49**
2.3 Aspectos da educação dos dekasseguis no Japão **58**
3 OS IMPACTOS DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS **66**
3.1 O processo de adolescer **66**
3.2 Adolescência e migração **77**
3.2.1 Identidade e pertencimento 85
3.3 Psicanálise, transmissão psíquica e vincularidade **103**
4 A PESQUISA **114**
4.1 Referencial metodológico **114**
4.2 Delineamento e percurso metodológico **116**
4.3 Descrição dos casos **119**
5 ESTUDOS DE CASOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO **123**
5.1 Família 1: Roberto, Luci e Kenji **124**
5.1.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento 126
5.1.2 Eixo temático: Construção identitária 140
5.2 Família 2: Maurício, Marta e Yumi **143**
5.2.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento 145
5.2.2 Eixo temático: Construção identitária 158
5.3 Família 3: Ana e Alice **160**
5.3.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento 163
5.3.2 Eixo temático: Construção identitária 181
5.4 Família 4: Paulo, Daiane e Giovana **183**
5.4.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento 187
5.4.2 Eixo temático: Construção identitária 207
5.5 Discussão dos casos **208**
6 CONCLUSÕES **233**
REFERÊNCIAS **240**
APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas **255**
APÊNDICE B – Entrevistas Transcritas **259**

PRÓLOGO

No dia 03 de fevereiro de 1933, meus bisavós, Kotaro Fujimori e Shimo Fujimori, iniciaram a empreitada de imigração ao Brasil, acompanhados de três filhos: dois meninos, de 11 e 16 anos, e uma menina de 1 ano de idade. Eles embarcaram, no Japão, no navio *Buenos Aires-Maru*, e desembarcaram no porto de Santos, para trabalhar na fazenda Colônia Tietê, em São Paulo. Em 1941, nasce no Brasil meu avô Isamu Fujimori, que se casou e teve três filhas.

Em 1988, minha mãe, Luzia Kimiki Fujimori de Barros, com 19 anos, fica grávida de mim; na época, meu pai, Olair Roberto de Barros, tinha 21 anos, não sendo uma gravidez planejada por ambos. Em 1992, meu avô decide ir para o Japão, a fim de trabalhar e juntar dinheiro para retornar ao Brasil. No período em que esteve no Japão, ele tentou entrar em contato com um tio e suas raízes, mas foi rejeitado, pois os japoneses que fugiram da guerra e foram para outros países eram vistos como covardes. Como as condições financeiras da época eram complicadas e não havia perspectiva de melhora, em março de 1993, minha mãe também resolve ir para o Japão, para me dar um futuro mais próspero – e eu fiquei no Brasil com o meu pai.

Após as coisas estarem mais estabilizadas para a minha mãe, em julho de 1993, meu pai também migrou para o Japão e eu fiquei sob os cuidados da minha avó materna. Apesar de ter apenas quatro anos, eu me lembro da despedida dos meus pais e do sentimento de confusão, por não entender o que estava acontecendo e porque minha família estava chorando e me abraçando. Fui entendendo aos poucos que meus pais não estariam presentes no meu dia a dia e lidei com a dor de não os ter por perto, sobretudo em datas comemorativas. Com o tempo, a imagem deles foi desaparecendo, já que não podia vê-los, e os poucos telefonemas que recebia (por ser cara a ligação internacional e não se ter internet) não faziam mais sentido e algumas vezes eu não queria falar com eles. Minha avó mostrava as fotos que chegavam do Japão e eu olhava os meus pais, mas não os reconhecia. A única alegria eram as caixas de brinquedos que chegavam para mim do Japão, em algumas épocas do ano.

Essa distância dos meus pais durou dois anos, até que, em dezembro de 1995, quando eu tinha seis anos, meus pais vieram me buscar, porque estavam sentindo muito a minha falta e já estavam mais adaptados ao Japão. Meses antes de eles virem me buscar, eles me matricularam na Associação Cultural Nipo-Brasileira de Araçatuba, para eu aprender o japonês e não sofrer tanto no Japão. Porém, por não entender a importância de aprender uma nova língua e querer apenas brincar, eu não aprendi nada do idioma japonês.

Quando eles vieram me buscar, eu fiquei triste em ter que me despedir da minha avó e deixá-la sozinha no Brasil, já que o meu avô ainda estava no Japão. Ao mesmo tempo, eu estava animada em poder conhecer o Japão e ficar perto dos meus pais, de maneira que havia um sentimento de estranheza.

No Japão, morei com a minha família na cidade de Yono, província de Saitama, e meus pais me matricularam em uma escola japonesa, pois não havia escolas brasileiras em nossa cidade. Entrei no primeiro ano escolar e não compreendia nada de japonês. Eu me lembro de me sentir um extraterrestre, porque os japoneses me olhavam com espanto e curiosidade, como se eu fosse de outro planeta. Recordo-me de uma cena que me marcou, nos primeiros dias de aula: eu estava sentada na minha carteira e algumas crianças da minha sala se juntaram ao meu redor e ficaram falando coisas que eu não compreendia, rindo, olhando a minha pele e pegando no meu cabelo, como se eu fosse um ser de outro mundo que eles queriam explorar, porque o meu cabelo cacheado e a minha pele mais escura causavam estranheza neles, já que, embora seja mestiça, não herdara nenhum traço japonês. Eu fiquei paralisada e só desejava que eles se afastassem de mim.

Eu fui uma das primeiras estrangeiras da escola, por isso, os professores não sabiam como lidar comigo e eu passava das 8 às 18 horas calada e sozinha, na escola. Ficava todo esse tempo na escola, porque os meus pais trabalhavam muito e eu não tinha com quem ficar. Apesar de a aula acabar às 15 horas, após esse horário eu ia para uma outra sala brincar e fazer os deveres escolares, junto com outras crianças cujos pais trabalhavam até mais tarde.

Lembro também de outro episódio que me marcou e foi um reflexo da minha não compreensão do idioma. Um dia, a escola resolveu fazer uma simulação de um terremoto e incêndio e as crianças deveriam seguir todos os protocolos, como se realmente estivesse acontecendo aquilo. As sirenes da escola tocaram e todas as crianças foram se proteger debaixo das suas carteiras, tampando a boca com um lenço. Eu fiquei desesperada, sem saber o que estava acontecendo e achando que aquilo tudo era real, pois todos estavam levando tudo muito a sério e havia fumaça na escola (que depois eu entendi ser efeito do gelo seco). Não compreendi o que estava acontecendo, porque eu não entendia japonês e meus pais não entendiam os bilhetes que a escola encaminhava, comunicando sobre as atividades.

As crianças tinham dificuldade em me aceitar e, conforme eu fui entendendo o japonês, compreendi as falas endereçadas a mim, como: “O que você está fazendo no nosso país?”, “Vocês vieram para cá para roubar o nosso dinheiro”, “Você é estranha”, “Volta logo para o seu país”. Eu não compreendia o que eles queriam me dizer com essas falas e o porquê de tanta rejeição. No primeiro ano, eu sofri muito *bullying* na escola, conhecido no Japão

como *ijime*. Algumas crianças escondiam o meu material, me ofendiam, jogavam água e folhas sujas em mim, não me chamavam para brincar e me batiam. Recordo-me de que uma vez eu apanhei muito de alguns meninos na escola, porque fui defender um outro aluno estrangeiro, porque eu me compadecia muito dos imigrantes que entravam na escola: o professor olhou a cena pela janela da sala e não fez absolutamente nada, como se eu merecesse aquilo.

Meus pais tinham pouca dimensão do que acontecia na escola, pois eu não repassava muita coisa para eles. Eles foram lá algumas vezes, com a ajuda de uma amiga tradutora, já que ambos não falavam o idioma, para reclamar do *ijime* endereçado a mim. Mas essas intervenções e reclamações dos meus pais não surtiram muito efeito, na prática.

Com o tempo, outros brasileiros foram entrando na escola, eu fui aprendendo melhor o idioma japonês e a escola passou a lidar melhor com os estrangeiros. Logo, a escola disponibilizou uma professora japonesa que sabia falar um pouco de português, para ajudar os estrangeiros e compreender melhor os costumes e o idioma. Então, em algumas aulas, eu ia para uma sala separada ficar com essa professora, à qual eu me afeiçoei muito. Os japoneses passaram a me aceitar melhor, conforme eu fui me apropriando da língua deles, e eu consegui fazer amigos na escola, sendo incluída nas atividades e nas brincadeiras. Nessa época, eu tentei fazer de tudo para me parecer com os japoneses, para assim me sentir mais incluída e pertencente àquela comunidade. Tentei desenvolver os comportamentos, estilos e modo de falar das japonesas. Nesse período, comecei a sentir vergonha dos meus pais, quando eles iam à escola, e desejava ter herdado o sobrenome japonês da minha mãe.

Lembro-me de uma gincana de corrida na escola que eu ganhei em primeiro lugar. Ao me ver campeã da corrida, meus pais se alegraram e vibraram muito. Quando olhei aquela cena, eu virei a cabeça e fingi que não os conhecia, pois desejava que eles fossem discretos como os pais japoneses. Meus pais ficaram tristes, mas tentaram entender o meu comportamento. Aos poucos, eu fui compreendendo a minha nacionalidade brasileira e tendo orgulho dela.

Em 2002, no último ano correspondente ao Ensino Fundamental II, houve um concurso de redação na escola e, com a ajuda de um professor, eu escrevi uma redação abordando a minha experiência enquanto estrangeira na escola. Falei das vivências, dificuldades e conquistas. E, no final do texto, expressei o meu desejo de um dia poder voltar para o Japão e ajudar as crianças brasileiras que ali moram. Eu ganhei o concurso de redação em primeiro lugar e li o meu texto para toda a escola, em uma cerimônia de despedida.

Meus pais trabalhavam em uma fábrica japonesa de peças para carros, cercados de brasileiros, e eu passava muito tempo sozinha em casa. Meu pai trabalhava no período noturno e a minha mãe, durante o dia, de sorte que os momentos em família eram raros. Em 1996, minha avó materna que cuidou de mim no Brasil foi para o Japão, mas foi morar em outro estado. Em maio de 1998, eu, meu pai e minha mãe voltamos para o Brasil, para o nascimento da minha irmã, já que minha mãe tinha receio de realizar o parto no Japão, por não compreender bem o idioma. Tendo ela completado um ano, em novembro de 1999, retornamos ao Japão, pois meus pais ainda não tinham conseguido atingir os seus objetivos financeiros.

Como meus pais trabalhavam muito, eu passei a ser a cuidadora da minha irmã, quando não estava na escola, e a tradutora da família, já que meus pais não falavam quase nada de japonês. Em fevereiro de 2003, minha mãe nos trouxe – eu e minha irmã – ao Brasil, para morarmos com os meus avós maternos (os quais já estavam de volta ao país), para poder trabalhar mais no Japão e não ter a preocupação comigo e com a minha irmã, já que passávamos muito tempo sozinhas. Em janeiro de 2004, meus pais voltaram para o Brasil para participar da minha festa de 15 anos e com o intuito de permanecer, contudo, devido às dificuldades em se estabilizar no Brasil e conseguir um bom emprego, em setembro de 2005, retornaram ao Japão, levando apenas a minha irmã. Eu permaneci com a minha avó, para dar continuidade aos estudos. Em junho de 2006, minha mãe e irmã voltaram para o Brasil e, em agosto de 2007, meu pai também retornou definitivamente. Nessa época, eu já estava cursando Psicologia na UFMS. Assim, minha família foi a típica família *dekassegui* que fez a trajetória da migração circular.

Após muitos anos, em 2013, eu ingressei no mestrado na UNESP/Assis e lá conheci o projeto desenvolvido pela Professora Dr.ª Mary Yoko Okamoto, intitulado “Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil”, através do qual eram encaminhadas algumas psicólogas para o Japão, a fim de oferecer apoio psicológico a essa população. Era a minha chance de retornar ao Japão e, de alguma forma, cumprir aquilo que eu tinha prometido na redação que escrevera anos atrás. Logo me inscrevi no projeto e, em setembro de 2014, fui para o Japão, acompanhada de mais uma psicóloga, onde permaneci por três meses, na cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka.

Nessa experiência como psicóloga no Japão, pude compreender outros aspectos referentes à migração *dekassegui* e ser afetada pelos discursos colhidos dos adolescentes que estudavam em escolas brasileiras. Desse modo, o tema de pesquisa eleito, nesta Tese,

despertado mediante essa vivência, estabelece um forte vínculo com a minha experiência pessoal e profissional no Japão, tanto como imigrante quanto como psicóloga.

INTRODUÇÃO

Para que o leitor possa compreender de modo adequado o contexto da pesquisa, as motivações e como esta Tese foi pensada e concebida, torna-se importante considerar que a autora deste estudo pertence a uma família de *dekasseguis* que migrou ao Japão em busca de trabalho, em meados dos anos 1990. As razões que levaram à escolha deste tema, portanto, estão intrinsecamente relacionadas à história da autora e de sua família, que vivenciou todo o processo de imigração, tanto com seus bisavós vindo para o Brasil, quanto com seu avô e pais indo para o Japão. Assim, faz-se necessário recuperar, ainda que brevemente, alguns percursos pessoais e profissionais da autora e articular sua vivência de migração[1] com o objeto de investigação desta pesquisa.

A pesquisadora, bisneta de japoneses que chegaram ao Brasil em 1933, neta de japonês e filha de pais *dekasseguis*, sendo a mãe *nissei* e o pai brasileiro, morou e estudou no Japão, em escola japonesa, do ano de 1995 até o ano de 2003.[2] Durante esses cinco anos em que viveu no Japão, dos 7 aos 13 anos de idade, pôde conhecer a realidade dos brasileiros que moram no país, vivenciando na pele algumas questões presentes no processo migratório de crianças e pré-adolescentes estrangeiros, como o *ijime*, o desejo de ser aceita pelos japoneses, sentimentos de inadequação, rejeição, falta de tempo dos pais e tantas outras questões que afligem os migrantes.

As experiências vividas naquele país marcaram a pesquisadora, a qual, mesmo distante do Japão, sempre se remetia às memórias de um tempo bom de aprendizado e cicatrizes: de aprendizado, por ter contato com uma nova cultura e idioma, uma vez que, com o tempo, a pesquisadora se apropriou bem do japonês e conseguiu desenvolver amizades com os japoneses, além de conhecer a terra natal de seus bisavós; mas de cicatrizes, por ter sofrido muita rejeição e agressão física e verbal, no primeiro ano escolar, em razão de não ter um fenótipo e sobrenome japonês.

Mesmo voltando ao Brasil, com 13 anos de idade, a pesquisadora continuou mantendo contato com o Japão, por meio de amigos e de seus pais e irmã, os quais ainda permaneceram no país por alguns anos. Posteriormente, depois de concluir a graduação de

---

[1] Compreendendo que o ambiente acadêmico se pauta numa posição científica, racional e imparcial, conservando um certo distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo, a pesquisadora tomou cuidado para não imprimir e demarcar impressões pessoais sobre o estudo em questão, por meio da análise pessoal e supervisão com a orientadora, a fim de se manter o rigor de uma pesquisa científica, sem deixar que seu desejo pessoal determinasse o seu olhar sobre a análise das entrevistas, apesar de estar nelas presente.

[2] Houve um intervalo de 1998 a 1999, com uma vinda temporária para o Brasil, mediante o nascimento de sua irmã.

Psicologia, iniciou os atendimentos *on-line* a brasileiros que moram no Japão, mantendo assim o laço com a comunidade e a cultura.

Durante o mestrado, cursado na UNESP de Assis, a pesquisadora pôde participar, entre os meses de setembro e dezembro de 2014, do projeto intitulado "Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil", coordenado pela Dr.ª Mary Yoko Okamoto[3], professora da UNESP de Assis, em parceria com a JICA (*Japan International Cooperation Agency*) e o Conselho de Promoção para a Convivência Multicultural – MSPC. O objetivo do programa foi conhecer os conflitos e necessidades dos brasileiros que vivem no Japão (denominados *dekasseguis*), a fim de lhes oferecer apoio psicológico. Nesse período em que trabalhou no Japão, como psicóloga, realizou atendimentos em psicoterapia breve individual e grupos de orientações a pais, crianças, jovens, adultos e professores em escolas brasileiras e japonesas e no Consulado-Geral de Hamamatsu. No entanto, entre tantos atendimentos e orientações, o que chamou a atenção da pesquisadora foram os atendimentos dos jovens que estudavam em escolas brasileiras, no Japão.

A fim de conhecer melhor o perfil e os interesses daqueles jovens brasileiros e saber quais temas queriam que fossem tratados, nas palestras e grupos dentro da escola, a psicóloga aplicou um questionário para ter acesso a essas e outras informações. Mediante os dados obtidos, por meio de questionários aplicados[4] e das observações e atendimentos realizados, verificou-se que, de modo geral, aqueles jovens matriculados na escola brasileira demonstraram temor com relação à escola e cultura japonesa, uma vez que não tinham domínio do idioma, nem amizades com japoneses. Alguns manifestaram curiosidade em frequentar uma escola japonesa, mas temiam a adaptação ou o *ijime* (*bullying*), frequente naquele país. Muitos desejavam continuar os estudos no Japão, porém, conhecendo as dificuldades em cursar uma faculdade no país e sem o domínio do japonês, por não ter cursado uma escola japonesa ou não se apropriar das aulas de japonês, na escola brasileira, avaliavam tal desejo terminava como inalcançável. Por outro lado, também evidenciaram receio quanto ao Brasil, apresentando uma imagem negativa do país, baseada nos noticiários

[3] Atual orientadora desta Tese.

[4] No total, foram recolhidos 27 questionários, de 11 meninos e 16 meninas, aplicados em uma escola brasileira em Iwata, província de Shizuoka, com alunos do 5º ano até o 3º Ensino Médio. O questionário e os resultados completos e analisados estão em posse da pesquisadora. Nesse questionário, havia as seguintes questões: Você fala japonês?; Quais as nacionalidades dos seus amigos?; Você gosta de morar no Japão?; Com quem você mora no Japão?; Com qual idade você veio morar no Japão?; Você conhece o Brasil, já esteve lá?; Tem saudades do Brasil?; Você tem vontade de ir para o Brasil e morar lá?; Quais seus planos para o futuro?; Sobre quais assuntos você gostaria de conversar ou que fosse explicado (ensinado) melhor?; O que costuma fazer nos momentos de folga ou lazer?

que ouviam ou nos relatos dos familiares. Por terem migrado ainda pequenos para o Japão ou até mesmo nascido no país, muitos jovens não conheciam de perto a realidade brasileira.

Notou-se também um temor em relação ao planejamento para o futuro, visto que dependiam da escolha dos pais (se permaneceriam no Japão ou se retornariam para o Brasil) e, com isso, muitos não possuíam planos bem definidos de um projeto de vida. Havia um sentimento de não pertencimento a nenhum dos dois países – nem ao Japão, por não se apropriar e se inserir na cultura, e nem ao Brasil, por não conhecer de perto a realidade deste país e não ter vinculação. Essas questões geravam alguns impasses na constituição da identidade desses jovens que viviam no Japão, isolados da realidade local e, ao mesmo tempo, sem conhecer de perto a realidade brasileira, sentindo-se confusos quanto às questões referentes à identidade e ao pertencimento.

Corroborando essas observações, algumas reportagens também chamaram a atenção da pesquisadora, como a intitulada “Me sinto sem identidade, diz jovem brasileira no Japão”[5], publicada em 2012, pela BBC Brasil, na qual uma jovem de 26 anos, que chegara ao Japão com seis anos de idade e dizia que, "[...] às vezes, eu me sinto sem identidade. Não pertenço ao Japão, mas o Brasil é um país desconhecido para mim também.". A entrevistada, que não fala o idioma local e que estudou em uma escola brasileira, disse à reportagem que, “[...] na época em que cheguei ao Japão, não havia muitas famílias estrangeiras e meus pais tiveram receio de eu sofrer *bullying*. Por isso, optaram pelo ensino brasileiro.". A jovem ainda acrescenta: "[...] sempre vivi nessa redoma, nessa comunidade brasileira. É como se estivesse à parte da sociedade"; "[...] moro num país do qual não falo a língua, do qual não entendo nada e não consigo me integrar à sociedade”; "a imagem que tenho do Brasil é aquela que vejo na TV: corrupto, violento, onde não se pode confiar nas pessoas. Mas também vejo como um país de oportunidades, pois pelo menos poderei me comunicar no meu idioma", afirma a reportagem.

Apesar de sempre haver as exceções, percebe-se, mediante esses dados e informações coletadas através do questionário, entrevistas e reportagens, que uma parcela dos jovens brasileiros que vivem no Japão sofre uma angústia pessoal causada pelo isolamento social, falta de sentimento de pertencimento e crise de identidade, os quais são resultados do processo migratório e da rejeição étnica praticada por japoneses. Esses jovens, muitas vezes, reagem à não inserção étnica, isolando-se em seus próprios grupos sociais de brasileiros, em guetos, reforçando e contribuindo ainda mais para o seu isolamento social. Conforme ressalta

[5] Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121102_2geracao_sem_identidade_lk

Tanaka (2009, p. 43), as comunidades brasileiras, “[...] por sua vez, reuniram-se em comunidades e criaram comércio, escolas, bancos, etc. para atender suas necessidades. A formação dessa infraestrutura auxiliou a vivência e a permanência dos brasileiros, mas, por outro lado, dificultou sua inserção na sociedade japonesa.”.

Alguns desses jovens acabam abandonando a escola e não conseguem encontrar um lugar de pertencimento no Japão, devido ao abismo cultural, de maneira que muitos deles terminam constituindo a massa de mão de obra pouco qualificada naquele país, assim como seus pais.

Essas questões apontadas, as quais serão trabalhadas ao longo deste texto, inquietaram a pesquisadora e despertaram um interesse em estudá-las melhor, mediante o número de brasileiros permanentes que crescem no país. A angústia desses jovens, que viviam num limbo entre a cultura brasileira e a japonesa, travestido de incertezas em relação ao futuro e a sua identidade, reverberou na pesquisadora e promoveu um desejo em examinar tais aspectos e contribuir com um estudo referente a esse movimento migratório, o qual marcou tanto a sua trajetória pessoal quanto profissional. Logo, torna-se fundamental investigar as implicações subjetivas que a imigração causa a esses jovens que estudam no Japão e como refletem na constituição do pertencimento e identidade.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho, ancorado nas vivências pessoais e profissionais da pesquisadora, com sua inserção em campo e por meio de observações e dados preliminares coletados, é investigar e compreender as implicações psicossociais da experiência migratória e da longa permanência dos jovens brasileiros, no Japão, as quais refletem na formação da identidade, sentimento de pertencimento e modos de subjetivação que produzem impactos na socialização, reconhecimento, no processo educativo e planejamento de vida.

Para tanto, esta pesquisa visa a promover uma escuta dos relatos de jovens brasileiros que vivem no Japão e de seus pais, para discursar, refletir e ressignificar suas vivências enquanto imigrantes. A relevância social deste trabalho se justifica, na medida em que busca compreender como o fenômeno migratório, de longa permanência, afeta o sujeito na formação do seu modo de identificação, entendendo-a como algo fluido e não estável, sabendo-se que a cultura à qual este pertence ou em que está inserido, interfere diretamente nessa (re)construção, bem como compreender como o sujeito se estrutura, se sustenta e se define, mediante um contexto transubjetivo instável.

De sorte a cumprir os objetivos que esta pesquisa se propõe, estruturamos esta Tese em cinco capítulos, sendo os três primeiros voltados para a fundamentação e o embasamento

teórico, o quarto para a apresentação do método utilizado, o quinto para a análise e discussão dos casos e o último capítulo dedicado às conclusões finais.

No primeiro capítulo, intitulado “O movimento *dekassegui*: histórias de vindas e idas”, iremos apresentar a história do movimento de imigração dos japoneses ao Brasil e dos *dekasseguis* ao Japão, além de um panorama atual do perfil da comunidade brasileira, no Japão. No segundo capítulo, “A educação no Japão”, será exposta a estruturação, o funcionamento e o sistema de ensino da escola japonesa e da escola brasileira no Japão, assim como os aspectos da educação dos *dekasseguis* no país. No terceiro capítulo, “Os impactos dos processos migratórios”, abordaremos os aspectos gerais da adolescência, os modos de inserção dos jovens brasileiros no Japão e os impactos dos processos migratórios, na perspectiva psicanalítica, que influem na constituição do pertencimento e identidade, que norteiam os jovens no processo de migração. Também iremos abordar a questão da família mediante a transmissão psíquica e vincularidade.

Já no capítulo quatro, intitulado “A pesquisa”, trataremos dos aspectos teórico-metodológicos que embasaram o trabalho, apresentando a metodologia do estudo de caso, o percurso metodológico traçado e uma breve descrição dos casos que serão aqui estudados. No capítulo cinco, “Estudos de casos: análise e discussão”, iremos fazer os recortes dos relatos das entrevistas e realizar a análise e discussão dos casos articulados com a teoria psicanalítica. Por fim, teceremos as conclusões finais, onde serão alinhavadas algumas reflexões sobre este trabalho e suas contribuições à comunidade *dekassegui* no Japão, trazendo elementos centrais das entrevistas e articulando-as com as questões norteadoras e os objetivos deste trabalho.

1. O MOVIMENTO *DEKASSEGUI*: HISTÓRIAS DE VINDAS E IDAS

No texto *Recordar, repetir e elaborar* (1914/1996), Freud, a partir de suas análises clínicas, observa que existem conteúdos reprimidos que não podem ser recordados pelo sujeito, devido à alta carga de excitação psíquica que essas lembranças provocariam. Assim, em face da impossibilidade de "recordar a totalidade do que foi recalcado", o conteúdo reprimido retorna por meio da atuação, sem saber qual vivência está atualizando e repetindo (PEREIRA, 2013, p. 21).

Esses conteúdos surgiriam então como repetições nas ações, ou seja, como atuações, mesmo que estes levassem o sujeito ao sofrimento e à patologia. A tendência a repetir conteúdos desprazerosos, trazendo à tona materiais desagradáveis, por aumentar o *quantum* de energia, "[...] tratava-se de algo que, em seu fim maior, buscava realizar um trabalho para que o princípio do prazer pudesse vir a entrar em cena." (AZEVEDO; MELLO NETO, 2015, p. 72). O que o psiquismo pretende com esse movimento é vincular a energia que estaria livre em seu interior e "domar" os conteúdos, através da repetição para lograr constância e, desse modo, a compulsão à repetição estaria a serviço do princípio da constância (AZEVEDO; MELLO NETO, 2015).

Segundo Freud (1920/1996), a compulsão à repetição (de atos, ideias, pensamentos ou sonhos), a qual produz uma satisfação inconsciente, seria alimentada e marcada pela pulsão de morte, "[...] tendo ela sua origem no trauma, em impressões psíquicas precoces, decorrentes do caráter demoníaco da pulsão." (PAIM FILHO, 2010, p. 120). A força e o impulso a repetir, como motor mais fundamental da pulsão, colocam em movimento a compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, funcionando de modo independente e não em oposição a esse princípio. Nessa perspectiva, no texto *Além do princípio de prazer* (1920/1996), Freud propõe o segundo[6] dualismo pulsional, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Para ele, a pulsão seria "[...] o representante psíquico de uma energia que leva ao movimento, ou ainda uma espécie de demanda por ação que seria feita ao psiquismo." (AZEVEDO; MELLO NETO, 2015, p. 69).

A pulsão de vida, enquanto uma energia que impele à ação e moção, produziria excitações à busca de objetos nos quais pudesse investir e unificar; já a pulsão de morte

[6] O primeiro dualismo pulsional, denominado Teoria da Libido, se pautava nas pulsões do ego e pulsões sexuais. A partir do desenvolvimento do conceito de narcisismo, a retomada do princípio de constância e inércia e o entendimento da existência da compulsão a repetição, Freud propôs um novo modo de organização das pulsões. Vale ressaltar que, ao elaborar a segunda teoria pulsional, Freud não descarta a primeira, apenas agrupa as pulsões sexuais (objetais) e do ego (autopreservação), mantendo a distinção de tais pulsões em pulsão de vida.

impele à inanição, descatexização e estagnação, procurando promover a diminuição ou livrar-se da excitação do organismo. Boa parte da pulsão de morte é desviada para fora do organismo, pela pulsão de vida, a fim de preservar a vida diante da tendência mortífera da pulsão e não provocar a destruição interna (FREUD, 1923/1996).

> A compulsão à repetição, que foi a princípio a única manifestação da pulsão de morte apontada por Freud, encontrava sua justificativa no fato de que contrariava o princípio de prazer, ou melhor, ela nos remetia para um "além do princípio de prazer" exatamente porque não encontrava sua justificativa no princípio de prazer, no fato de que nenhuma das instâncias psíquicas parecia se beneficiar dela. Assim sendo, ela nos remetia para algo mais primitivo e mais fundamental, que Freud identificou como sendo a pulsão de morte. (GARCIA-ROZA, 1988, p. 54).

A compulsão à repetição, como uma manifestação do recalcado que exerce pressão para se expressar, seria uma tentativa do indivíduo em integrar o acontecimento e restaurar o primado do prazer, ao repetir os caminhos que o levaram à dor e ao sofrimento, sendo uma repetição ligada à pulsão de morte, uma vez que não almeja o desenvolvimento, mas a regressão e a reprodução (PEREIRA, 2013). Ao brincar, por exemplo, mesmo repetindo uma vivência dolorosa e desprazerosa, o sujeito a repete para se tornar ativo e vincular a experiência ao princípio do prazer. Logo, nem tudo o que se repete gera apenas desprazer no indivíduo, podendo a compulsão à repetição também estar relacionada ao princípio do prazer, "[...] a saber, aquelas cuja satisfação representa um prazer para o sistema inconsciente e, ao mesmo tempo, um desprazer para o pré-consciente." (CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p. 218).

Freud (1920/1996) cita quatro manifestações ou exemplos da compulsão à repetição de experiências desprazerosas, que não estão submetidos e ultrapassam o princípio de prazer: o jogo infantil (*Fort/Da*), a compulsão de destino, a neurose traumática e a transferência de situações desprazerosas. A compulsão de destino, como uma das faces da compulsão à repetição, leva o indivíduo a repetir e vivenciar as mesmas situações desprazerosas, como uma "[...] coerção compulsiva que obriga o sujeito a manter um determinado posicionamento subjetivo – que o levará a vivências que resultarão sempre num desfecho idêntico, construindo, assim, uma espécie de destino maligno, visto que se repetem experiências desprazerosas." (PEREIRA, 2013, p. 29 – nota de rodapé).

Ademais, a compulsão de destino, enquanto um "[...] posicionamento subjetivo que molda a vida do indivíduo", coloca-o em um mesmo caminho, desfechos e situações de vida (PEREIRA; MIGLIAVACCA, 2014, p. 80). No entanto, a Psicanálise nos mostra que os sujeitos são ativos na criação e sustentação de sua história; por isso, "[...] é lúcido indicar que,

na compulsão de destino, a transferência, como parcela da compulsão à repetição, também possui um papel central, pois possibilita o deslocamento de representações e afetos." (PEREIRA, 2013, p. 29).

O fenômeno da compulsão de destino pode também estar atrelado a uma transmissão psíquica que atravessa as gerações da mesma família, conforme podemos observar nas migrações, onde há um "apego" a repetir a ação de migrar e reconstruir a filiação interrompida. Há uma repetição da história familiar e de um projeto de vida identificado em alguns movimentos migratórios, no qual o imigrante *dekassegui* volta à terra dos seus ancestrais, retorna ao passado e às suas origens "[...] renegadas e não elaboradas, herdadas de seus antepassados." (CARIGNATO, 2002, p. 60). Assim, um dos aspectos que impulsiona a imigração é o desejo, a compulsão de um destino que repete a mesma saga familiar. O sujeito, todavia, não está completamente submisso a essa transmissão de destino e nem completamente à sua revelia (PAES; RUDGE, 2011):

> Nesse sentido, o imigrante porta heranças familiares que se perdem na sua linhagem, entre elas estão os legados construídos pelas gerações anteriores, dos quais se apropria, e também dívidas (conflitos) que recaem sobre ele como fardos que tem que carregar. Assim, o desejo de migrar, de ir para longe em busca do almejado, no caso da imigração de retorno, carrega consigo, inevitavelmente, o desejo de reaver legados dos antepassados deixados na terra natal, como se fossem tesouros soterrados. (RESSTEL, 2014, p. 50-51).

Migrar é partir para um mundo novo e desconhecido, de sorte que, muitas vezes, os motivos que levam o sujeito a tal empreitada não estão tão aparentes. Ora, tratando-se do fenômeno migratório, apesar de haver aspectos concretos da realidade social que balizam a condição de migrante, como as questões políticas e econômicas, há também aspectos subjetivos que impelem o homem a se deslocar. Os aspectos econômicos em si, tão justificados, talvez não seriam suficientes para entender e explicar a dinâmica migratória.

O processo de deslocamento de um lugar a outro destino, caracterizado pelo fenômeno migratório, não se dá apenas no campo geográfico, cultural e social, mas também no plano psicológico dos indivíduos envolvidos, mobilizando "[...] processos de subjetivação bastante enraizados e básicos no funcionamento psicológico." (RESSTEL, 2014, p. 54). Há princípios que movem esse indivíduo em sua dinâmica de trânsito e/ou permanência em contextos e culturas diferentes:

> Existem, além dos fatores econômicos e estruturais, elementos invisíveis que imprimem outros significados a esta migração. O desejo de conhecer a terra dos antepassados, viver novas experiências e aprender a língua japonesa são outras justificativas dadas pelos trabalhadores, que não excluem a pretensão de ganhos

> financeiros, mas são indicativas de uma outra busca, de natureza existencial e identitária. (OCADA, 2011, p. 42).

Dessa forma, os deslocamentos que se deram com o movimento *dekassegui*, entre o Japão e o Brasil, os quais foram impulsionados, sobretudo, pela crise econômica no Brasil e pelo desejo de acumular recursos financeiros em outro país, foram atravessados também por questões psíquicas e inconscientes. No entanto, para compreender as questões subjetivas, tão singulares de cada sujeito, encobertas pelo movimento *dekassegui*, é preciso conhecer, primeiramente, sua história, a fim de desvelar como esse povo se constituiu e como se deu a evolução das configurações e relações, ao longo dos tempos e na atualidade. Para tanto, este primeiro capítulo visa a relatar brevemente a história do movimento migratório dos japoneses ao Brasil e, de forma mais extensa, a dos *dekasseguis* ao Japão, a fim de descrever as experiências vivenciadas ao migar, entender os contextos históricos e quais eram as aspirações iniciais dos imigrantes.

1.1 Onde tudo começou: a imigração japonesa ao Brasil

Em 2020, Brasil e Japão comemoraram 125 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, estabelecido em Paris, no dia 5 de novembro de 1895. Essa data é considerada um marco importante para a história da relação nipo-brasileira, ao viabilizar a vinda oficial dos primeiros emigrantes[7] japoneses para o Brasil, em 1908[8], em viagens subsidiadas por fazendeiros de café (TANAKA, 2009).

Com a vinda, em setembro de 1894, do diplomata japonês Sho Nemoto ao Brasil, houve um despertar de interesse mútuo na cooperação entre Brasil-Japão, pois o contexto histórico vivido por ambos os países, naquela época, permeado por questões de ordem socioeconômica e política, eram favoráveis para o estabelecimento de um vínculo de paz e tratado de amizade (YONAHA, 2013). O Brasil, com a libertação dos escravos, em 1888, precisava recrutar mão de obra barata para continuar a lida nas lavouras de café; e o Japão, que, por sua vez, passava por uma grande crise político-econômica, devido às reformas administrativas, no período *Meiji* (1867-1912), enfrentando problemas de ordem social, via na imigração uma alternativa para sanar suas questões, diminuir os protestos da população por melhores condições de vida e escoar o excedente populacional.

---

[7] Por *imigração* compreendemos o movimento de chegada no país de destino e, por *emigração*, o movimento de partida/saída da terra de origem (GRINBERG; GRINBERG, 1984).

[8] Ainda que, segundo Hashimoto, Tanno e Okamoto (2008), os primeiros imigrantes japoneses tenham chegado ao Brasil a partir de 1906, a data de 18 de junho de 1908 tornou-se o marco inicial do processo de imigração.

Esses fatores despertaram um interesse mútuo[9] na cooperação Brasil-Japão, ocasionando a vinda, no dia 28 de abril de 1908, do primeiro navio japonês, *Kasato Maru*, com aproximadamente 167 famílias (sendo 761 japoneses - 601 pessoas do sexo masculino e 190 do sexo feminino), desembarcando no porto de Santos, em São Paulo[10], marcando o fortalecimento dos laços bilaterais e a imigração japonesa no Brasil (ENNES, 2001).

Esses japoneses vinham em busca de melhores condições de vida e para acumular recursos financeiros, a fim de retornar, o mais breve possível, à sua terra natal (YONAHA, 2013). Esse acordo rendeu a vinda de aproximadamente 250 mil imigrantes japoneses, entre 1908 e 1970, para o Brasil, sendo famílias inteiras oriundas de diversas partes do Japão, com a condição de pelo menos três membros da família serem aptos ao trabalho (TANAKA, 2009).

Os japoneses que aqui chegaram se concentraram principalmente no interior de São Paulo e, de forma menos densa, no Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e na Região Amazônica. Segundo Quintaneiro (2006), o estado de São Paulo abrigava cerca de 94% desses imigrantes, 87,2% dos quais exerciam atividades agrícolas.

De acordo com Hashimoto, Tanno e Okamoto (2008), a imigração japonesa ao Brasil, que começou em 1908, ocorreu em duas grandes ondas, sendo 200 mil imigrantes japoneses antes de 1940 e 50 mil imigrantes entre 1950 e 1970. Os primeiros imigrantes, "[...] partiram com suas famílias como 'heróis' que buscavam engrandecer e honrar sua Pátria naquela terra desconhecida" (OKAMOTO, 2008, p. 21), tendo já o seu retorno como algo planejado.

No entanto, ao se estabelecerem no Brasil, a realidade encontrada foi bem diferente da prometida e divulgada. Questões como o clima, língua, cultura, alimentação e costumes dificultaram a adaptação dos japoneses ao país, mas, sobretudo, as condições duras e inóspitas de trabalho e vida nas fazendas agravaram a situação. Contudo, com o objetivo de cumprir a promessa de riqueza e retorno ao país de origem, muitos imigrantes se submeteram a trabalhos pesados e a uma qualidade de vida degradante, acreditando que essa seria uma situação temporária.

---

[9] O interesse do Brasil em relação aos japoneses se devia também ao fato de que as elites procuravam "branquear" a nação e, apesar de os japoneses serem considerados amarelos, eram parte do povo mais próximo que chegava à cor almejada (TANAKA, 2009). Assim, a despeito de o asiático não condizer com os ideais de construção de uma identidade nacional brasileira, baseada na política de embranquecimento, foram vistos como uma alternativa para compor a mão de obra na lavoura cafeeira, uma vez que a Itália, de onde provinha o principal fluxo de imigrantes europeus, em 1902, proibiu que seus cidadãos fossem recrutados e encaminhados ao Brasil, devido às difíceis condições de vida no país (SASAKI, 2006).

[10] O estado de São Paulo foi escolhido em decorrência de uma viagem feita pelo deputado japonês Massayo Neguishi ao Brasil, em 1884, para escolher o estado mais propício à adaptação dos japoneses. Entre os estados de Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo, o último foi escolhido por causa do clima e da terra (ENNES, 2001).

Todavia, a cafeicultura já não andava "de vento em popa", mas passava por uma crise, o que inviabilizava os planos de acúmulo de ganho financeiro, num tempo curto e esperado. "Desilusões, amargas experiências e a árdua realidade não corresponderam à sua expectativa, ao seu imaginário e, nessa luta pela sobrevivência numa terra tropical desconhecida, foram criando suas novas raízes." (SASAKI, 2000a, p. 87). Com o passar dos anos, o objetivo de retorno ao seu país de origem foi-se modificando, em razão desses vários fatores, implicando a permanência dos imigrantes japoneses no Brasil. Com o sonho mais longínquo de retorno e "[...] por pertencer a outra etnia, eles tinham que marcar a sua presença nesses espaços, preservando a cultura de seu país de origem." (HASHIMOTO, 1998, p. 117).

Como muitas crianças em idade escolar migraram junto com os seus pais, foi surgindo a necessidade de fixar residências onde pudessem criar núcleos coloniais para o estabelecimento de escolas, a fim de manter a cultura, língua e tradição de seu país de origem aos seus filhos (*nisseis*)[11], já que existia a esperança e o objetivo de retorno ao Japão, mesmo que em longo prazo. "Assim, a educação dos filhos era direcionada para quando estes retornassem ao Japão, ou seja, os filhos eram educados como japoneses, e em muitos casos como japoneses 'exemplares'." (ISHIKAWA, 2016, p. 15).

Eles acreditavam que as crianças poderiam ser excluídas e marginalizadas no Japão, se não fossem educadas à maneira japonesa, assim, havia uma constante preocupação com a preservação identitária e sociocultural (DEMARTINI, 2000). Segundo Okamoto (2008, p. 24), "[...] os imigrantes necessitavam reconstruir e desenvolver uma nova rede social que poderia substituir, em parte, as funções e os vínculos perdidos durante o processo imigratório e que pudesse marcar este novo ambiente no qual se encontrava."

Desse modo, foram criadas as associações nipo-brasileiras,[12] na década de 1920, também conhecidas popularmente como colônias japonesas, onde os imigrantes e seus descendentes pudessem conviver, trocar experiências, buscar apoio, conservar algumas tradições e costumes culturais importantes para aquele povo, de sorte a consolidar suas raízes, formando uma comunidade étnica. Em 1929, havia mais de 200 associações no estado de São Paulo, já em 1953, mais de 400 associações[13] (ISHIKAWA, 2016). As associações foram um

[11] No Japão, *issei* é o nome dado à primeira geração de imigrantes japoneses; *nissei*, que significa segunda geração, corresponde aos filhos dos japoneses, enquanto *sansei*, que significa terceira geração, são os netos de japoneses.

[12] Essas associações funcionavam de forma organizada, havendo diretores, presidentes, administradores e um estatuto interno; realizavam festejos, solenidades, cultos e comemorações importantes para a cultura japonesa (ISHIKAWA, 2016).

[13] Atualmente, ainda existem inúmeras associações nipo-brasileiras espalhadas pelas cidades do Brasil, de maneira que os descendentes continuam a frequentá-las, "[...] apesar de não possuírem mais o problema de

mecanismo de sobrevivência encontrada para manter a continuidade da tradição japonesa e passá-la às futuras gerações, a fim de viver uma realidade que os aproximassem daquela deixada no Japão, efetuando práticas de sua cultura de origem.

> Nesse processo de adaptação à nova realidade, a convivência com os iguais era uma forma de manter a identidade e com certeza suavizar, ainda que minimamente, a saudade da terra natal, as dificuldades, os sofrimentos e as angústias que sentiam trabalhando e vivendo em uma cultura estranha. [...] Portanto, as diversas formas de sociabilidade, que promovessem o sentimento de grupo, de identidade, de pertencimento a um lugar e cultura, eram valorizados por eles. (HASHIMOTO; TANNO; OKAMOTO, 2008, p. 66).

Por outro lado, esses núcleos coloniais, segundo Okamoto (2008), acabaram levando os japoneses a viverem isolados no Brasil, uma vez que as associações supriam suas necessidades, por meio de escolas, serviços diversos e espaços de manifestações culturais voltados para a população japonesa. A aspiração de "[...] retornar à terra natal e a vida em agrupamentos rurais pacíficos, dedicados à dura atividade agrícola, ao mesmo tempo em que promoviam a disciplina e coesão social, dificultavam a integração com os nacionais, e alguns japoneses sequer aprenderam o português." (QUINTANEIRO, 2006, p. 157).

Essa situação só foi alterada a partir da década de 1930, marcada por uma política de forte nacionalização, na era do Estado Novo, a qual atingiu os países que compuseram o Eixo e diretamente as colônias de imigrantes. Assim, houve a "[...] proibição de escolas estrangeiras 'no âmbito das colônias' e a exigência do domínio da língua portuguesa para todos aqueles que optaram pela cidadania brasileira." (HASHIMOTO; TANNO; OKAMOTO, 2008 p. 58). Em 1942, todas as escolas de origem japonesa, italiana e alemã foram obrigadas a fechar as portas.

Conforme Nakagawa (2005), diferentemente dos mais velhos, que eram bastante resistentes[14] à aculturação no novo país, mantendo os laços identitários com sua terra de origem e não vendo necessidade de se adaptar e aprender o idioma local, porque pretendiam voltar o mais breve possível para o Japão, os mais jovens, os quais foram educados e criados entre as duas culturas, aceitaram e se aculturaram mais facilmente aos costumes brasileiros. Aos poucos, os filhos dos imigrantes japoneses começaram a sentir necessidade de se integrar e aprimorar os costumes e estudos da língua brasileira, para participar mais ativamente da vida social urbana, mediante o desejo de ascensão social no Brasil e sentindo mais distante

---

idioma e falta de informações sobre a sociedade brasileira como ocorrera com os primeiros imigrantes." (ISHIKAWA, 2016, p. 16).

[14] "Suas tradições milenares, o forte nacionalismo e o orgulho de pertencer a uma das potências mundiais dificultam sua integração com os brasileiros." (FLORES, 1997, p. 189).

promessa de um retorno ao Japão.[15] Desse modo, despertava nessa nova geração uma "[...] necessidade de atrelar sua identidade étnica à sociedade nacional, buscando participar da sociedade brasileira de forma mais ativa." (OKAMOTO, 2008, p. 44).

Outro fator que contribuiu para que os *nihonjins*[16] se integrassem ao Brasil foi o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, sendo esse evento um divisor de águas. Uma vez derrotados, a expectativa de retorno enriquecidos ao Japão foi dissolvida pela rendição dos japoneses. Nesse sentido, muitos japoneses se convenceram da necessidade de preparar o filho para se incluir e ascender na sociedade brasileira. Por isso, houve um fluxo de migração dos *nihonjins* do campo para a cidade:

> Terminada essa guerra, muitos desses *nihonjins* passaram a adotar o Brasil como pátria, tentando se integrar mais efetivamente na sociedade brasileira. A isso pode ter se somado o sentimento de não mais pertencer ao Japão, uma vez que eles estavam longe em momentos difíceis de sua história, como a reconstrução. É como se eles tivessem abandonado covardemente o Japão justamente quando passava por maus momentos, sem ajudarem a reconstruí-lo (SASAKI, 2000a, p. 88).

Mediante as dificuldades encontradas, o que era para ser de caráter temporário se tornou permanente, e as estratégias criadas aqui para atravessar as angústias e conflitos do que se acreditava ser passageiro passaram a ser pensadas como formas de estabelecimento, investimento e pertencimento. Desse modo, os japoneses que aqui chegaram gradativamente precisaram se aculturar ao novo país, sem perder de vista a valorização e a preservação dos seus costumes e tradições, mantidos pelas associações nipo-brasileiras. Os mais velhos precisaram quebrar as barreiras com o novo país, inclusive aceitando o casamento entre seus filhos e os brasileiros. Os japoneses, que se dedicaram inicialmente à atividade agrária, ao longo do tempo, passaram a exercer atividades comerciais. Os mais jovens precisaram se integrar mais ao país, para poder almejar outro futuro que não se limitasse à lavoura, concretizando a sua posição dentro da sociedade brasileira. Assim, as famílias que aqui chegaram, aos poucos, precisaram sair das colônias e alargar seus horizontes, para se integrar à cultura e comunidade brasileira.

1.2 O retorno dos que não foram: o movimento **dekassegui** *para o Japão*

[15] Assim, foram as crianças e jovens, que, ao frequentarem as escolas, promoveram o início da integração efetiva entre japoneses e brasileiros (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003).
[16] *Nihonjins* é o termo usado para se referir a pessoas com nacionalidade japonesa.

Anos depois, na década de 1980, final do século XX, percorrendo a mesma rota, porém em direção oposta, ocorre o fenômeno denominado *dekassegui*[17], pelo qual os japoneses residentes no Brasil ou os brasileiros descendentes de japoneses, da primeira (*issei*) ou da segunda geração (*nissei*), embarcaram com destino à terra de seus ancestrais, para trabalharem nas indústrias japonesas. Conhecido como movimento *dekassegui* (出稼ぎ), essa palavra é "[...] formada pela união de dois verbos japoneses: *deru* (出る) que significa "sair"; e *kasegu* (稼ぐ), que significa "trabalhar, ganhar dinheiro através do trabalho"; em seu sentido literal, a palavra significa "[...] sair para trabalhar e ganhar dinheiro em outro lugar" (SHISHITO, 2012, p. 8), realçando a condição da migração por necessidade. Ainda segundo o mesmo autor, "[...] o termo como era utilizado tradicionalmente no Japão carrega uma imagem estigmatizada do imigrante pobre, que busca ganhar dinheiro longe de casa e retornar em melhores condições financeiras." (p. 8).

Na década de 1980, a situação política fragilizada, em decorrência do processo de redemocratização do Brasil, as dificuldades econômicas e a consequente inflação e desemprego impulsionaram a ida de diversos descendentes da classe média para a "terra do sol nascente", a qual vivia uma fase de grande prosperidade e *boom* econômico, conhecida como *bubble Keizai* (NAKAGAWA, 2005; SASAKI, 1998). O Japão, que sofria com a questão demográfica, devido ao aumento da população idosa e baixo índice de natalidade, precisava de mão de obra barata e não qualificada para exercer os trabalhos considerados pelos japoneses como "3K"[18] *Kitanai* (sujo/porco), *Kiken* (perigoso) e *Kitsui* (penoso/pesado), nas fábricas, começando a facilitar a ida de pessoas dispostas a exercer tais funções (SASAKI, 1998).

Nessa perspectiva, o Japão "[...] demandava com urgência mão de obra estrangeira, haja vista o fato de que os jovens japoneses não demonstravam interesse em trabalhar na cadeia produtiva das fábricas de pequeno e médio porte" (YONAHA, 2013, p. 16), desenvolvendo trabalhos manuais sujos e sem perspectiva de carreira ou ascensão profissional, mas preferiam procurar empregos mais qualificados que lhes oferecessem uma

[17] "A palavra japonesa *dekassegui* significa trabalhar fora de casa. No Japão, referia-se aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam em direção a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompia suas produções agrícolas no campo. Este mesmo termo é, então, utilizado aqui aos descendentes de japoneses ou nikkeis – refere-se a todos os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, não se restringindo apenas aos brasileiros – que vão trabalhar no Japão, a princípio temporariamente, em busca de melhores ganhos salariais." (SASAKI, 1998, p. 1). Segundo Miura (2004, p. 192), "[...] nos anos oitenta a expressão *dekassegui* assumiu conotação pejorativa, por estar associada diretamente à mão-de-obra sem qualificação."

[18] Os brasileiros adicionam outros dois K, *Kibishii* e *Kirai*, significando "exigente" e "detestável" (NAKAGAWA, 2005). Vale destacar que todos esses termos foram empregados de modo pejorativo.

perspectiva de crescimento e futuro, já que possuíam, em média, alta escolaridade e qualificação profissional.

Para não fechar, as fábricas de pequeno porte, as quais comportavam apenas trabalhadores japoneses com uma idade média entre 40 e 50 anos, não conseguindo atrair os empregados japoneses jovens, abriram suas portas para os trabalhadores estrangeiros que aceitavam qualquer tipo de trabalho (SASAKI, 1998). Por conseguinte, a necessidade de mão de obra fez com que o Japão atraísse os olhares de pessoas que estavam à procura de oportunidade de emprego, a fim de driblar a profunda crise econômica brasileira, aumentando "[...] o fluxo de trabalhadores ilegais oriundos principalmente da Coréia do Sul, China, Tailândia, Filipinas, Bangladesh, Irã e Paquistão." (HIRAOKA; ANACHE, 2011, p. 2).

Para controlar a entrada de imigrantes ilegais no país, em junho de 1990, foi criada a Lei de Controle da Imigração do Japão, uma medida mais restritiva e severa, que previa punições para os empregadores[19] que contratassem imigrantes sem documentação legal e concedia aos descendentes, seus cônjuges e filhos o direito do visto especial de residência[20] e trabalho por longo período, facilitando a entrada de descendentes de japoneses da segunda e terceira gerações.

Porém, segundo Sasaki (2000a), no início do movimento, os trabalhadores migravam escondidos dos amigos e familiares para o Japão, pois sua partida não era "bem-vista" pela colônia. Ao contrário, era motivo de vergonha, sendo tachados como "clandestinos 'morais' para os seus semelhantes" (p. 7):

> Dentro da colônia japonesa no Brasil, a imagem negativa sobre a figura do *dekassegui* foi pouco a pouco se afrouxando, até praticamente inverter a situação, na virada da década de 80 para 90. O que era vergonhoso passou a ser uma boa oportunidade de conhecer a terra dos antepassados e a cultura que tinge a pele de amarelo e rasga os olhos, além de ganhar um salário melhor do que se estivesse no Brasil, mesmo se submetendo a trabalhos subalternos. (SASAKI, 2000a, p. 7).

Devido à origem japonesa, os descendentes não encontraram grandes problemas burocráticos para entrar no Japão, fortalecendo e ampliando a imigração. Tratava-se de "[...] filhos e netos de imigrantes japoneses que no início do século XX vieram ao Brasil e que estão indo agora para o Japão com as mesmas intenções de seus ancestrais: trabalhar

[19] Foram estabelecidas severas sanções aos empregadores, com multas caras e penas criminais de mais de três anos de prisão. "Estas penas seriam aplicadas tanto aos empregadores, que saberiam estar empregando estrangeiros ilegais, quanto aos intermediários ou contratadores que sempre recrutaram trabalhadores para as firmas japonesas." (SASAKI, 1998, p. 3).

[20] Concedendo vistos de três anos para os *nisseis* (segunda geração), um ano para os *sanseis* (terceira geração) e de seis meses a um ano para os cônjuges não *nikkeys*, todos renováveis (NAKAGAWA, 2005).

temporariamente para retornar enriquecido para o seu país de origem." (SASAKI, 2006, p. 99).

Conforme Okamoto (2007), a facilidade de imigração para os descendentes de japoneses revelava outro interesse oculto, pois, além de sanar a questão da escassez de mão de obra, a entrada de *nikkeys*[21] garantiria, teoricamente, a manutenção da hegemonia e unicidade étnica e cultural do país, a qual vinha sendo ameaçada pela entrada de imigrantes ilegais não descendentes. Assim, para o governo japonês, os *nikkeys* não colocariam em risco a homogeneidade étnica, pois, como parentes de japoneses, conseguiriam assimilar rapidamente a cultura e a língua japonesa. Entretanto, apesar de serem *nikkeys* e terem sua aceitação "facilitada", na prática, esse aspecto não cooperou para uma integração sociocultural, de fato (LASK, 2000), pois, de acordo com Kawamura (2003), os brasileiros descendentes de japoneses traziam consigo fortes traços culturais do Brasil, não sendo confundidos ou incorporados aos nativos japoneses, como era esperado.

Ao longo dos anos, o perfil do imigrante brasileiro mudou drasticamente, desde a década de 1980 até a atualidade, tanto no âmbito social como trabalhista (YONAHA, 2013). Para o professor Angelo Ishi (2010), o movimento *dekassegui* pode ser dividido em três fases. A primeira fase, denominada "*U-Turn*[22] para *Dekassegui*", que se inicia em meados dos anos 1980, faz referência aos *isseis*, chefes de família representados por homens da classe média de idade avançada que, em grande parte, sabiam falar japonês e que partiam desacompanhados de suas esposas e filhos para o Japão, com a pretensão de uma estadia temporária e buscando elevar seu padrão de vida. Logo, o termo *U-Turn* cedeu lugar ao termo *dekassegui*, sendo este mais apropriado para abranger o período de recrutamento intenso dos *nisseis* e *sanseis* que saíram do Brasil para ganhar dinheiro no Japão, impulsionados pelo *boom* econômico japonês e pela crise econômica vivida no Brasil.

Um outro fator que contribuiu para migração em massa para o Japão foi a reforma na legislação japonesa, com a lei de imigração, a qual permitiu a entrada legal dos *nikkeys*, da segunda e terceira geração (*nisseis* e *sanseis*), sem limitações ao tipo de atividade exercida no país e com possibilidade ilimitada de prorrogação do visto. Em São Paulo, segundo Lask (2000), a demanda de visto quadruplicou de 1987 para 1990. A partir desse tempo, o fluxo

[21] Descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, não se restringindo apenas aos brasileiros.
[22] Esse termo faz referência à curva (por isso a letra U) dos japoneses que migraram ao Brasil e que estariam retornando ao Japão (ISHI, 2010).

migratório veio crescendo e reconfigurando o perfil dos imigrantes, que passou de homens sozinhos, filhos e netos de japoneses radicados no Brasil, para migração em família.[23]

A segunda fase, classificada como "*Dekassegui* para *Decasségui*", na década de 1990, foi marcada pelo aumento extraordinário do número de brasileiros no Japão. Nesse período, surgiram os primeiros comércios e escolas brasileiras no país, os quais impulsionaram uma mudança no estilo de vida e no comportamento dos brasileiros, que passaram a gozar de mais comodidade. Em 2001, o dicionário *Houaiss* incluiu a palavra *decasségui* ao vocabulário da língua portuguesa, reconhecendo a existência dessas pessoas e desse fenômeno (ISHI, 2010).

A terceira fase, "De Decasségui para imigrante", na década de 2000, pode ser definida, segundo Ishi (2010), como um período em que uma parcela considerável de brasileiros acordou da ilusão da temporariedade de sua estadia no Japão e passou a admitir a sua condição de permanente. Com isso, há um aumento do número de vistos permanentes e de brasileiros que adquirem sua casa própria no Japão, buscando uma maior qualidade de vida, mesmo que isso implique a queda do rendimento. Aos poucos, os brasileiros passam a ser vistos não apenas como trabalhadores temporários, porém, como cidadãos e residentes da comunidade local, galgando melhores postos de trabalho e saindo do círculo dos serviços dos "3K". Nesse período, também, devido ao aumento da população jovem, a educação das crianças brasileiras no Japão ganhou destaque, passando a ser pauta central em muitas discussões.

Assim, esse período pode ser marcado pela consolidação das redes de migração para o Japão, representadas por trabalhadores já estabelecidos, filhos desses migrantes participantes do mercado de trabalho japonês, gerações mais avançadas (*nisseis* e *sanseis*), proporção equiparada entre homens e mulheres, faixa etária mais jovem, mais solteiros e recém-casados e sem tanta necessidade de saber a língua japonesa, devido à grande presença de brasileiros no Japão (HIRAOKA, 2012).

Segundo Lask (2000), a partir de 1988, quando o acesso e as vantagens econômicas de se trabalhar no Japão ficaram mais conhecidas, a composição social dos imigrantes brasileiros passou também a comportar pessoas da classe média com boa formação escolar e universitária, as quais se candidatavam aos trabalhos braçais em busca de ascensão social no país de origem.

---

[23] "Posteriormente, não suportando a solidão, ou com o fim do *bubble*, que resultou em redução drástica de horas-extras, diminuição salarial e/ou outros tipos de redução, houve a necessidade de prolongar a sua estada para atingir os seus objetivos, ou a crença na importância da família unida, muitos decidiram chamar suas respectivas esposas e filhos ao Japão. [...] Assim, muitas famílias embarcaram para o Japão sem nenhum preparo, sem conhecimento algum da língua e cultura japonesa." (NAKAGAWA, 2005, p. 50).

A Lei de Controle da Imigração japonesa, de junho de 1990, criada para evitar a entrada de imigrantes ilegais e atender à demanda de mão de obra, favoreceu[24] e legalizou a entrada de muitos descendentes residentes em outros países, para compor os postos de trabalhos no Japão. Com isso, de acordo com Rossini (2010), o número de emissão de vistos, concedidos pelo Consulado Geral do Japão, em São Paulo, teve um grande aumento, passando de 5.000, em 1987, para 48.100 vistos, em 1990: 15% dos contemplados tinham alguma formação universitária e 21 % tinham mestrado (LASK, 2000). "Em 1991 entraram cerca de 85.000 *nikkeys* do Brasil no Japão." (ROSSINI, 2010, p. 218). Sasaki (2000a, p. 41) acrescenta que "[...] a presença de amigos, conhecidos, parentes ou familiares, presentes no Japão e já experientes como *dekassegui*, acabou facilitando a ida de outros, pois este fato proporcionou segurança e laços de confiança para pisar num país estranho."

Segundo Shishito (2012), a imigração dos *dekasseguis* para o Japão atingiu o seu pico em 2007, com cerca de 317 mil brasileiros registrados no país. Logo após esse período, o número de imigrantes foi se estabilizado e, gradativamente, diminuindo, em função do aumento de brasileiros com visto permanente no Japão e pela crise econômica que assolou o país, no segundo semestre de 2008:

> Nesse ano a população brasileira teve um pequeno declínio para cerca de 312 mil registrados, e em 2009 com as consequências geradas pela crise, principalmente o desemprego nos setores que mais empregam os trabalhadores imigrantes, houve uma significativa queda da população brasileira para cerca de 267 mil, e 230 mil em 2010, ou seja, entre 2008 e 2010 a população brasileira registrada no Japão reduziu cerca de 26%. (SHISHITO, 2012, p. 42).

Devido ao terremoto, o tsunami e os riscos de radiação ocorridos em março de 2011, a quantidade de brasileiros retornados a seu país de origem aumentou consideravelmente. Não há dados exatos da quantidade de brasileiros que voltaram ao Brasil, após a crise de 2008, mas, segundo o Ministério da Justiça do Japão, entre 2008 e 2012, há uma diferença de, aproximadamente, 106.935 pessoas (CARIGNATO, 2013). Aponta Resstel (2019, p. 46-47):

> A economia de ambos os países funciona como uma balança medidora e impulsionadora da migração de descendentes de japoneses, ou seja, a balança seria uma espécie de termômetro que avisa que lado do globo a economia está mais aquecida ou não. Além disso, no Japão há acidentes naturais, como os terremotos (*jishin*) e tufões (*taifuu*), que dependendo da gravidade, acabam desencadeando o trânsito de retorno de brasileiros para o Brasil.

[24]Apesar de a Reforma da Lei de Imigração afirmar ter uma postura de neutralidade em relação aos *dekasseguis*, dada a sua consanguinidade, somente aos descendentes de japoneses era permitido receber o visto de reentrada no país (com validade de 1 ou 3 anos), exercer atividades no Japão sem restrição, renovar o visto quantas vezes se quisesse e vir a ser um residente permanente (SASAKI, 2000a).

Comparando alguns dados de 1995 e 2010, observamos que, em 1995, quando o número de brasileiros era de 176.440, a razão do sexo era de 136 homens para cada 100 mulheres, enquanto, em 2010, quando havia uma população de 230.552 brasileiros, foi de 119 homens para cada 100 mulheres. O grupo de idade de 0 a 14 anos, proporção de pessoas fora do mercado de trabalho, representava 9,8% da população, enquanto o grupo de 15 a 64 anos exibia a proporção de 90% em 1995, ficando a faixa etária de maior concentração entre 20 e 34 anos, a qual correspondia a 50,64% do total. Já em 2010, o grupo de idade até 14 anos equivalia 17,5%, ao passo que o grupo de 15 a 64 anos de idade representava 80,8% da população total, tendo como faixa etária de maior concentração aquela entre 35 e 65 anos, ou 44,4% do total. Vale ressaltar que os idosos acima de 65 anos dobraram na proporção da população total, passando de 0,8%, em 2005, para 1,7%, em 2010 (Japan Immigration Association *apud* SASAKI, 2011; Alien Registration Statistics, Ministry of Justice of Japan *apud* SHISHITO, 2012).

Tabela 1 – Número de brasileiros no Japão

	Ano 1995	**Ano 2010**
Número de brasileiros:	176.440	230.552
Razão do sexo:	163 homens para cada 100 mulheres	119 homens para cada 100 mulheres
Taxa da população de 0 a 14 anos	9,8% da população	17,5% da população
Taxa da população de 15 a 64 anos	90% da população	80,8% da população
Faixa etária de maior concentração	20 e 34 anos (50,64% do total da população)	35 e 65 anos (44,4% do total da população)

Fonte: Tabela elaborada pela autora, embasada nos dados de Sasaki (2011) e Shishito (2012).

Assim, acompanhando a evolução do movimento migratório no Japão, observa-se uma mudança no perfil do *dekassegui*, no transcorrer dos anos, havendo uma maior equiparação sexual entre homens e mulheres, a imigração de gerações mais avançadas, um aumento no número de crianças e adolescentes e um amadurecimento na faixa etária de maior concentração da população, antes caracterizada por uma população predominantemente jovem. Esses dados desvelam um processo migratório de caráter familiar, com tendência a uma longa permanência no destino:

> Considera-se que a estrutura etária da população brasileira no Japão, ao apresentar sinais de envelhecimento relativo da população, aponta para uma migração que se apresenta de maior permanência, uma vez que o envelhecimento pode ser compreendido a partir da inércia demográfica da população, embora trate-se de uma população imigrante, é reconhecido que o fluxo migratório é mais intenso entre as idades jovens e adultas, e que portanto um envelhecimento da população imigrante possa ser compreendido antes pela inércia demográfica do que pelo aumento no

> número da entrada de imigrantes em idades mais avançadas. (SHISHITO, 2012, p. 53).

Podemos perceber que o movimento conhecido como *dekassegui*, que teve início em 1980, foi marcado inicialmente por "[...] brasileiros, filhos e netos de japoneses que agora fazem a viagem contrária daquela de seus pais e avós fizeram, rumam ao Japão em busca de trabalho e dinheiro." (NAKAGAWA, 2005, p. 45). Aos poucos, a imigração foi-se intensificando, atingindo seu pico em 1991, com a mudança ocorrida na Lei de Imigração japonesa, quando famílias inteiras rumaram ao Japão, em busca de melhores condições de vida. Sua longa permanência no Japão, ultrapassando a condição temporária antes vista, fez com que alguns problemas viessem à tona, tornando-se manifestas questões complexas, as quais até então não eram consideradas, como, por exemplo, identidade, pertencimento, migração circular e educação dos filhos de brasileiros, que serão discutidas nos próximos capítulos (YOHANA, 2013).

1.3 A migração nos tempos atuais: a comunidade brasileira no Japão e o perfil dos **dekasseguis**

Segundo dados do Portal de Estatísticas Oficiais do Japão (e-Stat)[25], divulgados em junho de 2020 (Tabela N° 20-06-01-1), existiam no país 2.885.904 estrangeiros, dos quais 211.178 eram brasileiros. Já segundo os dados postados pelo Departamento de Imigração do Japão[26], em março de 2021, o total de brasileiros no Japão era de 208.538, formando a quinta maior comunidade estrangeira no país, após China, Coreia, Vietnã e Filipinas. As províncias com maior número de brasileiros são: Aichi, com 61.599, Shizuoka, com 31.153, Mie, com 14.047, Gunma, com 13.252, e Gifu, com 12.376 (Portal de Estatísticas Oficiais do Japão e-Stat, divulgados em junho de 2020. Tabela N° 20-06-06-5).

De acordo com o portal citado acima, em junho de 2020, dos 211.178 brasileiros, 114.468 eram homens e 96.710 mulheres. Eles estavam distribuídos nas seguintes faixas etárias: 46.757 pessoas de 0 a 19 anos; 144.263 pessoas de 20 a 59 anos, e acima de 60 anos, 20.158 pessoas.

Assim, o perfil atual dos brasileiros residentes no Japão é constituído por famílias, com quase equiparação de sexos; a maior parte da faixa etária é composta de jovens e adultos dos 20 aos 59 anos; grande parte tem visto permanente; jovens solteiros; gerações mais

[25] Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20200&month=12040606&tclass1=000001060399&tclass2val=0. Acesso em: 15 dez. 2020.
[26] Disponível em: http://www.moj.go.jp/isa/publications/press/13_00014.html. Acesso em: 28 maio 2020.

avançadas de *nikkey* (segunda e terceira geração), sem tanta necessidade de dominar o idioma japonês devido à grande presença de brasileiros no Japão e que visam a um estilo de vida de alto consumo (SASAKI, 2000b). Parte dessa nova geração de jovens-adultos brasileiros no Japão, diferentemente de seus pais que migraram, já nasceram ou cresceram naquele país. Segundo Sellek (*apud* LASK, 2000), uma em cada três pessoas vai para o Japão acompanhada de sua família, em grande parte formada por recém-casados e com filhos muito pequenos, apontando um caráter mais familiar do que individual, na imigração.

Como realçado pelos dados, a maior parte dos brasileiros no Japão está em idade ativa, tendo como fonte de renda e trabalho, em sua grande maioria, cargos como operários em fábricas automotivas e de peças eletrônicas, na indústria alimentícia, construção civil, firmas de limpeza, hotelaria ou trabalham em negócio/comércio próprio (ROSSINI, 2004).

Em julho de 2018, o governo japonês liberou os vistos de entrada ao país para a quarta geração de descendentes, os chamados *yonseis*, com algumas exigências elencadas, como ter conhecimento avançado da língua japonesa, idade de 18 a 30 anos, no máximo, viajar sozinho, não ter ficha criminal, passar por uma mentoria nipônica, entre outras condições. Esses requisitos dificultaram a inserção dos imigrantes *dekasseguis* de quarta geração no país.

Mesmo com a tendência a uma estabilidade e permanência no Japão, algumas famílias optam por voltar para o Brasil, em face dos desafios da vivência no Japão, ou para realizar tratamento de saúde, rever a família, ou como período de descanso e recuperação de energia, após anos desgastantes de jornadas altas de trabalho. No entanto, esse retorno nem sempre é fácil, pois, "[...] enquanto o viajante teme o que não conhece, aquele que retorna teme o que já conheceu, teme não reencontrar o que foi deixado ali, aquelas imagens fortemente registradas na memória." (JUSTO, 2008, p. 110). Com um montante de dinheiro acumulado, apostam no sucesso que irão ter em sua terra natal, mas, muitas vezes, sem um planejamento concreto e coerente com a sua realidade, acabam fracassando em sua empreitada. Ao não planejar adequadamente o retorno e nutrir o sentimento de que tudo estará como antes, esses brasileiros encontram realidades para as quais não estão preparados, muitas vezes não conseguindo se readaptar em sua terra natal.

> Muitas vezes, a estadia no Japão é entendida como temporária − não só pelos japoneses, mas pelos próprios dekasseguis − sempre tendo um retorno ao Brasil previsto nos planos. Mas, quando os dekasseguis voltam, o Brasil não está exatamente como haviam imaginado enquanto suavam no Japão. É como se tivessem congelado a imagem do Brasil na hora de partir para o Japão e depois a idealizassem e a mitificassem. E chegando aqui, mais uma vez a realidade nem sempre corresponde à expectativa do dekassegui. (SASAKI, 1998, p. 6).

Há um certo estranhamento e dificuldade de (re)adaptação dos emigrantes, quando voltam ao país de origem, porque muitas vezes não reconhecem mais sua comunidade e seus familiares, e as referências que guardavam em suas memórias já não condizem com a realidade encontrada. A readaptação se torna difícil também, porque os valores que adquiriram no Japão passam a contrastar com os valores até então familiares, e as preocupações que não eram presentes no Japão, como as relativas à segurança e à violência, passam a ocupar o primeiro plano novamente no Brasil (SASAKI, 2000b). Freud, em seu texto *O estranho* (1919/1996), trouxe o conceito de "estranho familiar" como um sentimento e experiência de estranheza ao que é conhecido e que, no passado, nos era muito familiar. Quando deixam sua terra natal, muitos elaboram suas perdas, idealizando

> [o]s objetos, as pessoas, a natureza e as relações com o país de origem, tentando manter vivo um passado que deixa de ser, para ele, passado. O choque com as perdas acontece no retorno em que ele não reconhece o que deixou para trás – pessoas e coisas – e também não se reconhece no passado que se transformou. (ROSA *et al.*, 2009, p. 504).

Muitos, em poucos meses, acabam com todo o dinheiro acumulado durante anos de trabalho, no Japão, ostentando carros, casas luxuosas e passeios para os familiares e amigos que consideram o quão bem-sucedidos estão ou investem tudo em algum negócio próprio que entendem extremamente lucrativo e, por falta de gerenciamento, perdem quase tudo e são forçados a voltar para o Japão. São poucos os que conseguem se sustentar e investir de forma adequada o dinheiro guardado.

Muitos optam por abrir o próprio negócio, por não quererem mais ser empregados ou por não terem currículo e capacitação técnica para exercer outra atividade, entretanto, como não possuem qualificação e preparo administrativo adequado, acabam deixando falir o comércio aberto. Além desse aspecto, outros fatores, como segurança, salários maiores e qualidade de vida também são responsáveis pelo retorno dos brasileiros ao Japão, quando não conseguem se readaptar à realidade e cultura do Brasil.

Segundo Hiraoka (2012), com o fracasso do retorno, muito em decorrência da dificuldade em se inserir no mercado de trabalho no Brasil, essas pessoas passam a viver a chamada "migração circular ou repetitiva", ou seja, vivem um movimento constante de deslocamento entre dois lugares, no caso, entre o Brasil e o Japão, não conseguindo se fixar em um local definido. "Muitos brasileiros ainda ficam divididos entre os dois países, onde transitam – entre facilidades e dificuldades – sem muita clareza em saber qual é o seu lugar." (SASAKI, 2006, p. 99).

Assim, ainda há um contingente de nipo-brasileiros que não conseguem se fixar em nenhum dos dois países, permanecendo como imigrantes transnacionais e se deslocando constantemente, uma vez que "[...] as necessidades que originaram e motivaram a primeira imigração tendem a se modificar e a criar novas." (FERNANDES; GOMES; LEVISKY, 2016, p. 138). O problema é que, como sempre estão planejando, muitas vezes de forma ilusória, um possível retorno ao Brasil, algumas famílias não preparam seus filhos para viver em caráter permanente no Japão, gerando algumas dificuldades, como a não adaptação e integração da criança e adolescente à sociedade japonesa.

Diferentemente do que acontecia nos anos 1990, quando o que se economizava com dois ou três anos de trabalho era o suficiente para voltar e viver de forma confortável, no Brasil, hoje, por diversos fatores, como o aumento do custo de vida no Japão para se manter uma família, já não é mais. Isso implica mais anos de trabalho e a consequente instalação do caráter de estadia permanente no Japão, pois os anos vão se passando e as pessoas não conseguem mais acumular o montante de dinheiro para voltar para o Brasil ou perdem o propósito para tal. Além disso, algumas famílias deixam de juntar dinheiro para ter acesso a bens desejados, viajar e aproveitar a vida no país de Primeiro Mundo.

Com o crescente número de brasileiros no Japão, as prefeituras e governos locais criaram departamentos específicos para atendimento aos *dekasseguis*. Com o tempo, os próprios brasileiros foram montando comércios, escolas, bancos, entre outros estabelecimentos, voltados para atender às necessidades da comunidade. Todavia, de acordo com Kawamura (2003), essa infraestrutura que veio para facilitar a vivência e a permanência dos brasileiros, por outro lado, criou barreiras para a sua inserção e vivência na sociedade e cultura japonesa. Assim, as redes comerciais e sociais de apoio aos brasileiros instalados no Japão, espaços fechados no seio da sociedade japonesa, reforçam, em certa medida, o isolamento dos mesmos em seus próprios grupos sociais, em guetos, contribuindo ainda mais para o seu isolamento social (TANAKA, 2009). Segundo Resstel (2014, p. 201), o isolamento em suas comunidades é "[...] um mecanismo de defesa inconsciente que o imigrante utiliza como uma proteção e preservação do ambiente antigo."

Apesar de estarem residindo no Japão em caráter permanente e "[...] apresentarem vínculos com o mundo do trabalho e relativo acesso a bens e serviços, há um *déficit* de integração, principalmente em relação à moradia, à vida cultural e ao desenvolvimento educacional" (NAKAGAWA, 2005, p. 52), pois "[...] os brasileiros mantêm comportamentos, relações, práticas e costumes típicos do Brasil; que muito diferem e se distanciam das práticas e costumes da sociedade receptora." (SHISHITO, 2012, p.19).

Essa postura, entendida como transnacionalismo, é bastante praticada pelos *dekasseguis*, pela qual os imigrantes estabelecem laços e vínculos sociais que unem o país onde residem com o seu país de origem, isto é, habitam "[...] simultaneamente os dois países, mantendo contato constante com familiares e outras pessoas de seus círculos de relacionamentos, residentes no Brasil", dificulta, em certo grau, a inserção sociocultural dos brasileiros no Japão (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 204). O transnacionalismo, segundo os autores supracitados, "[...] é acompanhado de processamentos psicológicos que caracterizam o que poderíamos chamar de transubjetivações,[27] isto é, produções psicológicas (afetos, sentimentos, pensamentos, cognições, condutas, identificações) híbridas, que se realizam no trânsito entre um lugar e outro." (p. 217).

Essa questão se reflete de forma mais aguda e significativa nas novas gerações, quando se trata de crianças e adolescentes, filhos de imigrantes, os quais vivem, muitas vezes, em um limbo entre os dois países, num estado de "suspensão" social e cultural e sentimento de estrangeiridade, que leva a um questionamento quanto ao sentido da própria etnicidade, suas origens, identidade e pertencimento. Assim, essas redes sociais, que são importantes para manter uma ligação afetiva com o seu país de origem, podem, entretanto, gerar uma dificuldade em criar laços sociais e sentimento de pertencimento, naquele país.

Como visto, o perfil dos imigrantes brasileiros no Japão vem mudando gradativa e drasticamente, desde a década de 1980 até a atualidade. Atualmente, observamos famílias inteiras que vivem no Japão e que não pretendem voltar para o Brasil ou ainda não têm definido seus planos para o futuro, ficando presas a uma migração circular/pendular. "Com repetidas idas e vindas, não sabem qual o seu lugar; e outros, principalmente aqueles trabalhadores que levaram suas famílias, assumem a permanência definitiva." (NAKAGAWA, 2005, p. 50-51).

Hoje, a comunidade *nikkei* ultrapassa a condição temporária dos primeiros *dekasseguis*, modifica-se gradualmente em emigrantes residentes de longa permanência no país (YONAHA, 2013). Contudo, apesar do número crescente de brasileiros permanentes no Japão, muitos ainda enfrentam instabilidade no trabalho, pouca ou nenhuma fluência na língua japonesa e dificuldade de inserção social.

---

[27] "A transubjetividade, nesse caso, refere-se, a uma transição do sujeito no tempo e no espaço no qual ele se constitui e produz sua existência em movimento, saltando dos lugares cristalizados, produzindo hibridismos, criando estranhamentos nas familiaridades. A experiência psíquica da transubjetivação, ao lado da experiência sociológica e cultural do transnacionalismo talvez seja o aspecto principal e inovador da experiência da imigração tal como ela se realiza na atualidade." (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 218).

Por conseguinte, torna-se cada vez mais urgente e importante promover discussões acerca do estabelecimento dos jovens imigrantes brasileiros em terras nipônicas que produz impactos na socialização, pertencimento, identidade e no processo educativo dos *dekasseguis*. Apostamos ainda que a educação familiar e institucional seja talvez um dos principais instrumentos para promover o sentimento de pertencimento e facilitar a inserção dessa população, no país, o que iremos trabalhar no próximo capítulo.

2. A EDUCAÇÃO NO JAPÃO

Segundo os dados do Portal de Estatísticas Oficiais do Japão (e-Stat)[28], divulgados em junho de 2020 (Tabela N° 20-06-06-5), das crianças e adolescentes brasileiras em idade escolar, dos 6 aos 18 anos, tínhamos um total de 31.668 pessoas. Não há uma estatística oficial que informe quantos desses estão matriculados em escolas japonesas, brasileiras e os que não estão matriculados em nenhuma rede de ensino[29]. No entanto, segundo o Ministério de Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia (MEXT, 2018)[30], crianças que tem o português como língua materna e precisam de auxílio no idioma japonês, representam 10.404 crianças (considerando o total dos ensinos fundamental I, II e médio).

Quando se trata da escolarização de crianças e adolescentes brasileiros que residem no Japão, os pais encontram basicamente duas opções: inserir o filho em uma escola brasileira privada ou em uma escola pública japonesa.[31]

No início do processo de migração dos *dekasseguis*, as crianças e adolescentes eram matriculados nas escolas públicas japonesas sem muito critério, mesmo apresentando dificuldade ou uma inabilidade em ler, escrever e compreender o japonês, uma vez que seus pais tinham a pretensão inicial de permanecer por um curto período no Japão, até regularizarem suas vidas financeiras. Nessa perspectiva, devido ao caráter temporário, muitos pais não se preocupavam em relação às consequências de ter o filho estudando em uma escola japonesa, já que essa era a única opção ou a mais viável, pela questão financeira e pela fácil localização.[32] Outras famílias acreditavam que "[...] poderia ser uma experiência enriquecedora para as crianças, reforçada pela chance de dominar uma nova língua, de fazer novos amigos, entre outros." (NAKAGAWA, 2010, p. 4).

No entanto, aos poucos, conforme o caráter temporário foi-se modificando para uma longa jornada de permanência dos *nisseis*, no Japão, e com o aumento da presença de crianças, em virtude da imigração em caráter familiar, a escolha de em qual rede escolar matricular o filho e as consequências dessa escolha vêm se tornando tema de pesquisa e

---

[28] Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20200&month=12040606&tclass1=000001060399&tclass2val=0. Acesso em: 15 dez. 2020.

[29] Há apenas os dados referentes aos estrangeiros no geral e não especificamente dos brasileiros.

[30] Disponível em: https://www.mext.go.jp/content/20200110_mxt-kyousei01-1421569_00001_02.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

[31] Apesar da oferta de outras opções, tais como escolas particulares japonesas, escolas internacionais ou *after school*, com a possibilidade de reforço de língua portuguesa em uma instituição brasileira, após a escola japonesa.

[32] No início do movimento, havia poucas escolas brasileiras no Japão. As que existiam eram muito caras, mal estruturadas ou longe da residência da pessoa.

discussão, sendo "[...] uma decisão cercada por questões sociais, financeiras e identitárias" (YONAHA, 2013, p. 08) e que deve extrapolar o aspecto material, levando em conta, sobretudo, o aspecto afetivo, social e cultural.

Há controvérsias sobre qual modelo escolar atende melhor aos interesses da família brasileira:

> Por um lado, considerando a importância de se manter a identidade cultural e a perspectiva de volta ao Brasil no futuro, alguns defendem a posição de que se deve oferecer um currículo que seja o mais próximo possível daquele indicado pelo MEC. Por outro lado, considerando a importância dos brasileiros se integrarem cultural e profissionalmente ao Japão e a perspectiva de longa permanência nesse país de residência, se deve focar bem mais no currículo e língua japonesa, mantendo o português como língua de herança. (BUGARIN, 2017, p. 2).

Segundo Yonaha (2013), ambas as redes apresentam carências em relação à socialização e educação dos imigrantes, por isso, cabe aos pais refletirem sobre os desafios resultantes de sua escolha e decidir qual processo educativo preferem para o seu filho, pois essa decisão irá afetar seu futuro e sua socialização.

Vale ressaltar que nunca haverá somente uma opção adequada e melhor para todos, porque essa decisão é atravessada por uma ampla gama de fatores, como as singularidades de cada indivíduo e família, projetos de vidas e planejamento futuro, perspectivas financeiras, limitações etc. Assim, cada família deve conhecer e pensar qual sistema de ensino cabe ao seu filho, pois, "[...] mesmo que em caráter temporário, a ida de famílias para morar no Japão impacta diretamente o processo educativo de crianças e jovens brasileiros em idade escolar." (BRASIL, 2018, p. 5).

A seguir, abordaremos o processo de educação no Japão, focando nos aspectos gerais e nas diferenças do sistema de ensino escolar japonês e das escolas brasileiras, no país, a fim de traçar comparações e compreender as especificidades do *modus operandi* de cada sistema de ensino, bem como as vantagens e desvantagens do ingresso e permanência nas mesmas.

2.1 O sistema de ensino no Japão

Apresentaremos sucintamente um panorama do sistema de ensino no Japão, apenas com o objetivo de oferecer uma visão geral e colaborar para a compreensão dos desafios enfrentados pelos filhos de brasileiros que residem naquele país. Por isso, discutiremos inicialmente a organização educacional japonesa e, posteriormente, as escolas brasileiras no Japão.

Devido às limitações orçamentárias, as mensalidades extremamente altas,[33] o difícil acesso às escolas brasileiras, por questão de locomoção, planejamento do retorno ao Brasil, medo de o filho perder o domínio da língua materna, entre outros fatores, muitos pais optam pela inserção de seus filhos no sistema de ensino japonês, sem conhecer como é o funcionamento dessas instituições escolares. Há também aqueles que optam pela escola japonesa, movidos pela qualidade de ensino, porque planejam permanecer no Japão, pelo desejo de a criança se integrar à cultura e à língua japonesa, dentre os principais motivos.

Antes de ingressar na escola, como educação pré-escolar, temos no Japão o *Hoikuen*, que são creches que admitem crianças desde os 4 meses de idade e funcionam em período integral ou parcial, e o *Yochien* - jardim de infância para crianças a partir de 3 anos até os 6 anos, quando ingressam no Ensino Fundamental I. O *Yochien* tem um foco diferente do *Hoikuen*, "[...] pois há um preparo dos profissionais que atuam e apresentam objetivos e preocupações específicas com a aprendizagem e desenvolvimento da criança." (BRITO, 2012, p. 143).

O sistema atual de ensino no Japão, formulado em 1947, obedece à Lei Fundamental de Educação. Após esse ano, essa mesma lei passou por outras reformulações (DIAS, 2017). A partir dessa lei e depois da Segunda Guerra Mundial, o sistema escolar no Japão[34] foi dividido em 6-3-3-4, seguindo o sistema americano: 6 anos de Ensino Fundamental I (*Shōgakkō*), 3 anos de Ensino Fundamental II (*Chūgakkō*), 3 anos de Ensino Médio (*Koukou*) e 4 anos de universidade (*Daigaku*) (YONAHA, 2013).

O Ensino Fundamental I, denominado *Shōgakkō,* é frequentado pelas crianças de 6 até 12 anos de idade.[35] Normalmente, há apenas um professor para cada turma, sendo este responsável por lecionar a maior parte das disciplinas, com exceção das matérias de Música e Artes. O plano de ensino inclui as disciplinas de Estudos Sociais, Língua Japonesa, Matemática, Ciências, Ambientes Biológicos, Educação Física, Arte, Música, Serviços

[33] Muitas escolas brasileiras têm altos gastos administrativos, por não serem reconhecidas como instituição de ensino no Japão e, consequentemente, não receberem subsídios do governo japonês.

[34] A escola japonesa funciona em período integral, o ano escolar se inicia no dia 1º de abril e se encerra no dia 31 de março do ano subsequente. O ano letivo está dividido em 3 períodos: *Ichigakki* - de abril a julho, *Nigakki* - de setembro a dezembro e *Sangakki* – de janeiro a março, com férias no período da primavera (em março), do verão (meio de julho ao final de agosto) e de Ano Novo (final do mês de dezembro ao início de janeiro). As aulas normalmente começam às 8h30 e terminam às 15h50, ou seja, são aproximadamente 7 horas diárias de carga horária na escola, incluindo a hora do intervalo, do almoço e horário da limpeza. Não raro, os alunos permanecem na escola após o término do horário escolar, para se dedicar a outras atividades, inclusive nos finais de semana.

[35] No Japão, "[...] os alunos são inseridos nas séries escolares de acordo com a idade e não com o histórico escolar ou com o domínio do conteúdo necessário para acompanhar as aulas." (BRASIL, 2018, p. 7). Estabelecem isso em obediência aos princípios da igualdade.

Domésticos, além de atividades extraclasse, tais como estudos integrados (com uma variedade de assuntos) e Educação Moral. Cada aula tem duração de 45 minutos (NOZAKI, 2016).

Ao concluírem o Ensino Fundamental I, os alunos são automaticamente matriculados no Ensino Fundamental II mais próximo de sua residência. O Ensino Fundamental II, o *Chūgakkō*, é frequentado por adolescente de 13 a 15 anos. As disciplinas trabalhadas são as mesmas do *Shōgakkō,* incluindo apenas o ensino de uma língua estrangeira, geralmente o Inglês. Cada aula tem duração de 50 minutos e há um professor específico para cada disciplina ministrada (BRITO, 2012). No Ensino Fundamental II, os alunos são obrigados a usar uniformes escolares[36] (chamados de *seifuku* e *gakuran*). Cada escola possui o seu uniforme, que não é fornecido pela instituição, e os pais arcam com esse gasto. O uso do uniforme, além de ter a função de manter a aparência, unidade e padrão entre os estudantes, serve também como uma forma de disciplina, pois os alunos devem manter seus uniformes limpos e bem passados. Caso o aluno esteja sem uniforme, seu ingresso na escola é vetado, ou caso o uniforme esteja sujo ou mal passado, o aluno pode sofrer advertência ou sanção.

Tanto o Ensino Fundamental I (*Shōgakkō*) quanto o Ensino Fundamental II (*Chūgakkō*), são obrigatórios no Japão, ou seja, para aquelas crianças e adolescentes de 6 a 15 anos. Porém, em se tratando dos estrangeiros, a Constituição de 1947 e a Lei Fundamental da Educação do mesmo ano (revisada em 2006) preveem a "igualdade de oportunidades para a educação". Entretanto, ao utilizarem a expressão "todos os nacionais", em alguns trechos, abrem brechas para a não obrigatoriedade aos estrangeiros (MINEI, 2018). Assim, segundo a lei japonesa, os estrangeiros têm o direito, mas não a obrigatoriedade de frequentar a escola, mesmo aqueles com descendência, ficando a cargo da família decidir sobre o ingresso e permanência do seu filho na rede escolar. Isso não significa que os estrangeiros estão isentos de fiscalização quanto à frequência escolar. Alguns Comitês de Educação das cidades com grande concentração de estrangeiros, mesmo que não obrigadas pela Constituição do país, fazem esforços para inserir e manter os estudantes estrangeiros nas escolas (COSTA, 2007).

Em 2006, foi aprovada a Petição de Controle da Reforma Resultante das Assembleias das Cidades com Concentração de Estrangeiros, que "[...] trata da determinação do direito e da obrigação da criança estrangeira, que permanecer no país por mais de 90 dias, de receber educação e o de providência de ambientes apropriados necessários à implantação da obrigatoriedade da educação à criança estrangeira." (NOZAKI, 2015, p. 387).

[36] Existem uniformes específicos para o verão, inverno e para práticas esportivas.

Ao todo, são 9 anos de ensino compulsório (chamado de *Gimukyoiku*) e não há possibilidade de reprovação ou aceleração dos estudos no Ensino Fundamental I (inclusive aos estrangeiros que frequentam a escola), "[...] a não ser em casos particularmente específicos como por baixa frequência." (NOZAKI, 2016, p. 5). Os livros didáticos do Ensino Fundamental I e II são gratuitos e as únicas taxas pagas pelos pais são referentes ao almoço que é servido na escola (*Kyushoku*, pago mensalmente), passeios/viagens escolares (chamados de *shuugaku ryokou*), uniformes e alguns materiais pedagógicos de uso pessoal (BUGARIN, 2017). Segundo Tongu (2010), para as famílias que não podem arcar com esses custos pedagógicos, existe um auxílio financeiro ao aprendizado que a Secretaria Municipal de Educação e as comarcas disponibilizam, caso seja comprovada a necessidade.

Durante o horário escolar, os alunos também se dedicam a tarefas de organização do almoço e limpeza da escola,[37] feita por um sistema de rodízio entre os alunos, e outras atividades pedagógicas, tais como música, pintura, esporte, costura, culinária etc. A maior parte das atividades são realizadas em grupos, em um sistema hierárquico e vertical de *senpai–kōhai* (veterano/subordinado), o qual norteia o comportamento de cada pessoa nas relações sociais (DIAS, 2017). No entanto, muitas vezes,

> [...] o sistema senpai–kōhai transforma-se numa relação de opressão. Não são raros os casos de ijime [bullying] motivados por um certo abuso de autoridade por parte dos mais velhos, em muitos casos a prática se transforma num círculo vicioso: quem é vítima quando é kōhai, muitas vezes se torna agressor quando está na posição de senpai. (DIAS, 2017, p. 617).

Uma peculiaridade do sistema escolar público do Japão é que os pais não escolhem em qual instituição de ensino irão matricular o seu filho, no Ensino Fundamental, pois é a Secretaria de Educação da cidade quem o decide, de acordo com o distrito residencial da pessoa, ou seja, conforme o local em que a família reside. Assim, "[...] quando a criança atinge a idade para ingresso neste nível de ensino, de seis anos, a Secretaria de Educação, do município que a criança reside, envia um comunicado de matrícula." (BRITO, 2012, p. 143). Esse comunicado também é enviado, todos os anos, para as famílias estrangeiras registradas nas Prefeituras japonesas e que possuem crianças em idade escolar, avisando sobre a

[37] "Durante a refeição escolar, realizada normalmente dentro da sala de aula com orientação do professor, as crianças, em sistema de rodízio, servem umas às outras, bem como separam o lixo reciclável e recolhem e limpam toda a sujeira, reorganizando a sala após a refeição. Da mesma forma, as crianças devem manter as salas de aula sempre limpas e arrumadas, bem como o pátio da escola que utilizam". (TONGU, 2010, p. 128).

matrícula[38] para o próximo ano letivo. Todavia, apenas em grandes cidades, como Hamamatsu, esse material é enviado em português (TONGU, 2010).

Pensando na dificuldade dos pais brasileiros, o Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia do Japão elaborou a cartilha "Guia Escolar: procedimentos para matrícula em escola japonesa", em 2005, explicando o processo e o passo-a-passo para a realização da matrícula em escolas japonesas. Há também, alguns gibis[39] da turma da Mônica, produzidos por Maurício de Sousa, que auxiliam tanto a criança quanto os pais a entenderem melhor a cultura e o sistema de ensino japonês.

Outra questão que difere do Brasil é que, desde o primeiro ano do Ensino Fundamental I, os pais não levam e buscam seus filhos na escola, pois o trajeto para a escola é feito entre os grupos de estudantes que habitam próximos, na vizinhança.[40] Os alunos do primeiro ano usam chapéu amarelo para a identificação e todos carregam uma espécie de apito para acionar, em caso de perigo.

A escola japonesa também se preocupa muito com a saúde e bem-estar dos estudantes. Prova disso é que as escolas disponibilizam um(a) enfermeiro(a) e uma sala equipada para prestar os primeiros-socorros, caso o aluno passe mal ou se machuque. Na sala de enfermaria, também são realizados, periodicamente, alguns testes e exames, simples e rápidos, para acompanhar o desenvolvimento da criança, como a medição de peso, altura, acuidade visual e auditiva, medição da base do quadril à cabeça, exame de urina, aplicação de vacinação, entre outros (TONGU, 2010).

Outro ponto interessante é que, tanto no Ensino Fundamental I quanto no Ensino Fundamental II, o Ministério da Educação criou, em 1992, as classes de *Kakusai Kyoshitsu* (sala internacional) para as escolas que possuem mais de 10 alunos estrangeiros. O objetivo dessas salas é acolher e dar uma assistência individual ou em pequenos grupos aos imigrantes que não entendem o idioma japonês e que apresentam dificuldades de aprendizagem. Os

[38] "Quanto aos procedimentos para a realização da matrícula de uma criança ou jovem estrangeiros, o responsável, após o preenchimento da carta de intenção de vaga tem como segunda etapa se deslocar até a prefeitura e realiza o registro de estrangeiro, confirmando o interesse em matricular a criança, preenchendo o formulário. Após alguns dias ou na mesma hora, a Secretaria Municipal de Educação enviará Certificado de aprovação de matrícula de criança estrangeira." (BRITO, 2012, p. 147).

[39] O nome do gibi é "Turma da Mônica e a escola no Japão" e "Turma da Mônica - Como preparar seu filho para estudar no Japão".

[40] Os alunos vão a pé, em fila indiana, juntamente com os colegas do grupo de diferentes idades que moram perto de sua residência. O trajeto até a escola geralmente é pré-estabelecido e deve ser mantido, e os alunos mais novos devem obedecer aos mais velhos/veteranos (DIAS, 2017). Como vão caminhando até a escola, os estudantes usam uma mochila-padrão resistente, chamada de *randoseru*, projetada para suportar o peso do material e não causar nenhum dano à coluna do estudante. Os pais de alguns alunos também fazem escalas para ficar em lugares estratégicos, como em cruzamento de avenidas, a fim de dar suporte às crianças e amenizar possíveis riscos.

alunos frequentam essas salas pelo menos duas vezes na semana, ausentando-se das aulas que requerem um entendimento mais avançado do idioma, tais como nas aulas de Caligrafia, Ciências, Redação, Geografia, entre outras. Nas aulas como Música, Matemática, Culinária e Educação Física, nas quais a compreensão do idioma não é imprescindível, as crianças estrangeiras permanecem em sala de aula com os demais japoneses. Na *Kakusai Kyoshitsu* (sala internacional), com o auxílio de um professor-intérprete, os alunos estrangeiros "[...] desenvolvem as habilidades de compreensão, comunicação, leitura e escrita do idioma japonês, e obtêm apoio para a realização das tarefas das demais disciplinas." (NOZAKI, 2016, p. 6).

Além disso, há espaços chamados de *gakudou hoiku* ou *houkago jidou kurabu* onde após o término do horário escolar as crianças do Ensino Fundamental I, cujos pais trabalham em tempo integral durante o dia, são direcionadas para brincar e estudar até um determinado horário. Há também NPO (Organizações Sem Fins Lucrativos) que oferecem o ensino da língua japonesa e tiram as dúvidas das crianças estrangeiras, depois do horário escolar.

Após a conclusão do Ensino Fundamental I e II, temos o Ensino Médio (*Koukou* ou *Kotogakko*),[41] público ou particular, dos 16 aos 18 anos, que já não tem caráter obrigatório, apesar de ser frequentado pela grande maioria dos estudantes. O *Koukou* é dividido em escola regular e escola profissionalizante (*Senmon gakko*), normalmente com duração de dois anos, com formação para diversas áreas, como comércio, indústria, línguas estrangeiras, agricultura, entre outras (BRITO, 2012). Nesta etapa, os materiais e livros didáticos são pagos, mesmo em instituições públicas. As matérias obrigatórias são: Geografia, Matemática, Língua Japonesa, Língua Estrangeira, Ciências, História, Educação Cívica, Saúde e Educação Física, Economia Doméstica e Informação. Atividades extraclasse também são desenvolvidas pelos estudantes, inclusive aos sábados (NOZAKI, 2016).

Para ingressar no Ensino Médio, o aluno presta alguns exames de desempenho, uma espécie de vestibular, conhecidos como *juken.*[42] Esses exames de diferentes complexidades costumam ser difíceis e concorridos, sendo chamados pelos estudantes como *shiken jigoku* (inferno de exames). A pressão e a competição para entrar nas melhores escolas e a frustração por não ser classificado geram um alto nível de competitividade e estresse, o que leva muitos adolescentes à depressão e até mesmo ao suicídio.

---

[41] Uma alternativa, além do Ensino Médio, é o ingresso nas escolas profissionalizantes ou de especializações, após o *Chūgakkō.*

[42] Há algumas instituições de ensino, nas quais o Ensino Fundamental e Ensino Médio são integrados, não havendo necessidade de o estudante prestar nenhum exame de admissão, conhecido como "sistema elevador". Essas escolas unificadas ainda são relativamente escassas, no sistema público japonês.

A despeito da queda no registro geral de suicídio no Japão, sendo o nono ano consecutivo em que o número anual de suicídios caiu, no país, os casos de suicídio entre menores de 19 anos têm crescido nos últimos dois anos, segundo a Agência Nacional de Polícia do Japão. As questões associadas com a escola estão no ápice da ideação suicida, pois, no início do segundo semestre escolar, em setembro, é quando a taxa de suicídio aumenta.

Apesar das medidas preventivas, o suicídio entre os adolescentes japoneses ainda é elevado no país. Segundo os dados divulgados pelo MEXT[43], no ano de 2020, o total de suicídio entre crianças e adolescentes no país foram de 479 pessoas, sendo 14 alunos do fundamental I, 136 estudantes do ensino fundamental II e 329 estudantes do Ensino médio.

Para ingressar em uma boa escola de Ensino Médio e receber um adequado suporte acadêmico, para posteriormente ingressar em uma renomada universidade, muitos fazem cursinhos, conhecidos como *Juku* ou *Gakken*. Assim, a seleção para o futuro começa no Ensino Médio e muitos jovens se sentem pressionados pelos familiares e por esse sistema educacional exacerbadamente exigente (YONAHA, 2013).

Após os três anos de Ensino Médio, os estudantes que têm interesse optam entre ingressar na universidade (*Daigaku*) pública, particular ou nacional. Para isso, é preciso prestar um exame nada fácil que dá acesso à universidade, chamado de *daigaku juken*. Para os estrangeiros, esse exame de admissão costuma ser mais "fácil" do que os prestados pelos nativos (YONAHA, 2013).

O número de brasileiros que conseguem ingressar em uma universidade japonesa tem aumentado, apesar de ser um índice ainda baixo, se comparado ao total de brasileiros em idade escolar, no Japão. Um fator importante a ponderar em relação as universidades japonesas são os altos custos de suas mensalidades, sendo muitas vezes inacessível para os próprios japoneses. Isso faz com que os estrangeiros tenham menos acesso à universidade no país, além da barreira do idioma. No entanto, atualmente existem algumas universidades brasileiras que oferecem cursos em português para os brasileiros que residem no Japão, sendo está uma alternativa de acesso ao ensino superior.

Como podemos ver, há uma grande diferença entre o sistema pedagógico e estrutura física[44] da escola pública japonesa e a escola pública brasileira que conhecemos. Conforme aponta Dias (2017, p. 612), "[...] essas diferenças são observadas, interpretadas e vivenciadas

[43] Disponível em: https://www.mext.go.jp/content/20210216-mxt_jidou01-000012837_009.pdf. Acesso em 28 jan. 2021.
[44] "Além das dependências comuns, normalmente a escola pública possui uma 'sala-cozinha' [para as aulas de culinária], um ginásio coberto, uma piscina e uma área poliesportiva [um grande pátio de terra arenosa]." (DIAS, 2017, p. 612).

de diferentes maneiras pelos estudantes brasileiros e seus responsáveis.” Há aqueles que, mesmo que tenham dificuldades, conseguem se adaptar bem a essa realidade e outros que apresentam maior dificuldade. Segundo Dias (2017), nem todos conseguem ou estão dispostos a se adaptar às fronteiras culturais e sociais, para integrar a comunidade escolar. Ressaltamos, no entanto, que a adaptação escolar não recai apenas nas questões individuais, mas em todas as dificuldades que envolvem o processo migratório e de permanência dos estrangeiros no Japão, enfocadas em nossa pesquisa.

As duas principais dificuldades dos brasileiros que estudam nas escolas japonesas são o domínio da língua e a adaptação, devido aos diferentes hábitos e costumes. Em relação à língua japonesa, mais do que falar, ler e escrever se tornam um desafio, porque a língua japonesa possui três sistemas de escrita distintos: *hiragana*, *katakana* (sílabas prontas) e o *kanji* (ideograma),[45] sistema de escrita de origem chinesa não silábico e mais difícil de aprender. Um único *kanji* pode ter várias traduções e representar diferentes fonemas, o que dificulta a leitura. Ainda quanto à escrita, além de memorizar a quantidade de traços para grafar o ideograma, é necessário saber a ordem e a direção de escrita do traçado. Enfatiza Dias (2017, p. 615):

> De maneira geral, o domínio da leitura e escrita da língua japonesa, imprescindível para o aprendizado dos outros conteúdos, depende de muita dedicação e persistência. No caso dos brasileiros, a dedicação precisa ser muito maior porque além da dificuldade natural enfrentada também pelos estudantes japoneses, muitos brasileiros terão que enfrentar simultaneamente o desafio de aprender a falar japonês.

Outro problema é a dificuldade de adaptação dos brasileiros ao sistema japonês, aos modelos de conduta e formato rigoroso nas orientações. Com uma cultura composta por regras, costumes, etiqueta social e modos de comportamento quase totalmente diferentes da cultura de origem, é comum que os brasileiros encontrem dificuldades para se adaptar a esse comportamento dito “robotizado” dos japoneses (BRITO, 2012). Assim, para muitos brasileiros, “[...] é quase impossível entender e/ou aceitar naturalmente algumas regras, principalmente porque não conseguem entender seu sentido lógico [do ponto de vista da sua própria cultura] e nem recebem explicações convincentes sobre as mesmas.” (DIAS, 2017, p. 616).[46] Já para os alunos japoneses, tais regras parecem naturais e justas, não havendo motivos para questionar:

---

[45] Até a conclusão do ensino obrigatório, no Ensino Fundamental I e II, os alunos devem aprender e memorizar 2.136 *kanjis* (DIAS, 2017).

[46] Entre algumas regras na escola, temos: a troca do calçado para usar dentro do prédio escolar; não usar perfumes e nem fragrâncias fortes; não pintar o cabelo ou fazer algo diferente; não fazer a sobrancelha; não usar

> O rigor disciplinar estabelecido pelas escolas japonesas é de difícil compreensão para os filhos de migrantes brasileiros acostumados a ter maior liberdade nas escolas que frequentavam, no Brasil. Inclusive muitos pais apresentam as mesmas dificuldades em compreender as diversas atitudes adotadas pelas instituições japonesas. Nas escolas japonesas os alunos são inspecionados frequentemente pelos professores e demais responsáveis quanto ao uso dos uniformes, dos cabelos e, principalmente a proibição ao uso de brincos, esmaltes e adereços. O objetivo é dar prosseguimento aos padrões estabelecidos pela escola coibindo posturas e atitudes que possam destoar do grupo. (BRITO, 2012, p. 158).

Os professores das escolas japonesas costumam ser muito rigorosos e exigentes, não permitindo muitas vezes que os alunos se expressem (BRITO, 2012). Há relatos, atualmente menos frequentes, de professores que dão tapas na cabeça dos alunos para repreender ou exageram ao chamar atenção, inferiorizando o estudante e o colocando em situações de constrangimento. Tais práticas estão sendo cada vez mais inibidas, tanto pela não aceitação dos pais brasileiros, os quais não aceitam tais práticas, quanto pela própria comunidade japonesa. No entanto, ainda é comum o professor japonês utilizar a vergonha e o medo da derrota como uma tática disciplinar para estimular o aluno, mesmo que isso afete a sua autoestima (SAKURAI, 2016). “O papel do professor japonês dentro da instituição escolar é de autoridade e extremamente respeitado no país. Sua decisão não deve ser contestada, e sim acatada pelos pais e pela própria criança, enfraquecendo a autoridade dos pais.” (RESSTEL, 2019, p. 55). Em casa, os pais japoneses também prezam muito pela educação e pressionam os filhos a serem bem-sucedidos nos estudos, a fim de que possam honrar o nome da família e os seus antepassados (SAKURAI, 2016).

Entre outras coisas, a cultura japonesa cultiva muito a pontualidade, o silêncio, a obediência e o respeito aos mais velhos, sem questionamento, a disciplina, a cooperação, o trabalho em grupo, a responsabilidade, a excelência nas atividades, o padrão de conduta e a homogeneidade. Para se inserir no contexto cultural japonês, muitas crianças e adolescentes brasileiros precisam se moldar ao sistema japonês – ou serão excluídas:

> Nesses casos, adaptar-se pode significar moldar-se, ou seja, a adaptação do aluno estrangeiro será reconhecida quando ele, de acordo com as ordens, agir “naturalmente” como todos os outros alunos japoneses. Essa necessidade de adaptar-se, que muitas vezes é interpretada como ter que virar japonês, também é uma dificuldade para muitos estudantes brasileiros; e em alguns casos, é a principal justificativa usada por pais que afirmam que não querem que seus filhos “virem japoneses” e, por isso, não os matriculam em escolas japonesas. (DIAS, 2017, p. 615).

---

maquiagem; deixar as unhas curtas e sem esmalte; não usar brincos e outros acessórios (DIAS, 2017; TONGU, 2010).

Outro fator que dificulta a adaptação é o não acompanhamento e a presença dos pais nas questões escolares do filho. Devido às longas jornadas de trabalho, à falta de tempo e ao desconhecimento da língua japonesa (para algumas famílias), muitos pais não conseguem auxiliar e acompanhar o rendimento escolar do seu filho, indo até a escola somente em caso de emergência. Todavia, conforme Yonaha (2013, p. 40-41), "[...] a organização da escola básica japonesa prevê uma participação intensa dos pais, seja em reuniões, grupos de trabalho específicos e comemorações, dentre outros, e o acesso à informação e comunicação em língua japonesa fazem-se fundamentais para o sucesso dessa interação."

As escolas também permitem, algumas vezes ao ano, que os pais visitem as salas de aula para participar e acompanhar o aprendizado e comportamento do seu filho, na escola (momento conhecido como *Jugyou Sankan*). No entanto, por falta de tempo e por não compreender o que os professores falam, muitos pais brasileiros deixam de ir. Os professores também, a fim de estreitar os laços com as famílias, conhecerem o ambiente familiar, detectarem ou esclarecerem determinado problema e observar a rotina, visitam as casas dos alunos, no início de cada ano letivo (hábito chamado de *Katei houmon*). Costumes como esses demonstram o quanto família e escola estão articuladas, no processo educativo dos alunos.

Além disso, as escolas japonesas esperam que as mães ajudem seus filhos nas lições de casa, como na organização e encaminhamento de materiais para as atividades escolares. Como muitas mães brasileiras não conseguem cumprir essa missão, isso acaba comprometendo o desempenho escolar das crianças, e alguns professores podem interpretar tal dificuldade como falta de interesse dos pais em colaborar com o processo educacional dos filhos. Dessa maneira, os pais/responsáveis também precisam se adaptar, compreender e colaborar com o sistema de ensino no Japão, para que haja uma boa integração dos seus filhos na escola.

Ainda sobre a dificuldade de adaptação, devido ao abismo cultural e pela sociedade japonesa ser extremamente vertical, respeitando majoritariamente aqueles que ocupam uma posição superior, algumas crianças na condição de *gaijin* (estrangeiro) sofrem discriminação, intimidação ou agressão física/psicológica, conhecida como *ijime*[47] (*bullying*, no Brasil), por parte de alguns alunos japoneses que não conseguem aceitar e conviver com as diferenças (COSTA, 2007). Assim, a diferença em seu fenótipo, origem e costumes, em uma cultura que

[47] É oportuno realçar que, para tentar amenizar essa situação, existe um Conselho Educacional nas escolas japonesas, composto por pais/responsáveis e professores, que viabiliza estratégias para contornar e sanar as práticas de *bullying* (BRITO, 2012).

preza tanto pela homogeneidade, leva muitos estrangeiros a serem excluídos.[48] Como consequências das práticas de *ijime*[49], e não suportando a pressão, sem ter muitas vezes com quem contar, alguns brasileiros se isolam, apresentam autoestima baixa, depressão, ansiedade, insegurança, manifestam comportamento de automutilação ou desistem da escola. "O primeiro desafio é o do silenciamento diante de situações de violência e discriminação: a vítima não deseja agravar sua estigmatização, sente vergonha de sua situação e às vezes chega a negá-la", por sua vez "[...] a testemunha vê a violência como algo "natural" e espera não se tornar a próxima vítima." (NAKAGAWA, 2018, p. 66).

> Diante de tantos desafios, é compreensível que o adolescente brasileiro no Japão perca o estímulo para estudar dentro dos padrões do sistema educacional japonês. Na falta de alternativas, o jovem pode resvalar para a ociosidade. Esta circunstância tem induzido não pequeno número à formação de grupos delinquentes, os quais, enquanto os pais estão internados por longas horas no trabalho em fábricas e indústrias, passam a praticar furtos e até mesmo se envolvem com o tráfico e consumo de drogas. (REIS, 2001, p. 146).

Por esses fatores e dificuldades apontadas e pelo fato de alguns pais não terem uma direção clara sobre qual escola seria mais adequada para o filho e quanto ao futuro, é comum a mudança de escola, da japonesa para a brasileira ou vice-versa, acreditando que isso irá agregar conhecimento e fluência nos dois idiomas. Quando chega à escola brasileira, para amenizar o impacto da ruptura escolar, o aluno passa por um sistema de avaliação chamado de "correção de fluxo", a fim de averiguar o nível de conhecimento, em Matemática e Português, e indicar em qual ano escolar deverá ser matriculado. No entanto, como bem aponta Resstel (2019, p. 274), "[...] essas rupturas com as instituições, trazem perdas e sofrimentos, pois são experiências de separações e lutos que as crianças vivem nesse trânsito escolar", por isso, tais mudanças devem ser bem analisadas e conversadas com as crianças.

Diante do exposto, podemos entender como vantagens do ingresso do estudante brasileiro em escola japonesa os seguintes aspectos: a escola japonesa se constitui um ótimo ambiente de treinamento para a vida no Japão, facilitando a inserção na comunidade; aprendizagem do comportamento social local (regras, normas e etiquetas); aprendizagem e aprimoramento do japonês (leitura, escrita e fala); baixo custo equiparado à escola brasileira; maior carga horária de atividades; diversidade e qualidade de ensino; possibilidade de

[48] Prática conhecida como *nakama hazure*.

[49] Importante ressaltar que sendo uma sociedade verticalmente estruturada, não são apenas os brasileiros e estrangeiros que podem sofrer *bullying* no Japão, mas aquele que ocupa uma posição inferior, mesmo sendo japonês. Senso assim, o *ijime* é um problema social no país.

ascensão a uma universidade japonesa; com uma melhor formação, poderá conseguir melhores postos de trabalho,[50] entre outros.

Em relação às possíveis desvantagens, podemos apontar: exposição a *bullying* e discriminação; alta taxa de evasão escolar; pouco envolvimento dos pais na vida escolar do filho, o que prejudica seu desempenho; dificuldade em acompanhar as disciplinas pelo não domínio do idioma; não aperfeiçoamento do português, o que será um problema, caso retornem para o Brasil; introjeção do modo de vida japonês e possível afastamento da cultura e costumes brasileiros, entre outras.

O apoio e a estrutura oferecidos aos estrangeiros, pelas escolas japoneses, variam de acordo com as províncias e cidades, de maneira que, embora pesquisas (como o *PISA - Programme for International Student Assessment*) apontem o Japão como um dos melhores sistemas educacionais do mundo (BUGARIN, 2017), o qual prioriza a educação e possui um índice de analfabetismo praticamente zero, ainda é necessário melhorar seu sistema de inclusão dos alunos estrangeiros nas escolas, apesar dos esforços já feitos.[51] Na verdade, a educação ainda é a melhor ferramenta para a integração da comunidade estrangeira no país.

2.2 Escolas brasileiras no Japão

Os brasileiros no Japão sempre tiveram uma carga horária pesada de trabalho, nas fábricas, chegando a trabalhar até 18 horas por dia e realizando até 200 horas de atividades extras por mês (ITO, 2002).[52] Essa questão passou a ser um problema, quando a segunda geração de *dekasseguis* começou a migrar com suas famílias inteiras para o Japão, na década de 1990[53], não tendo onde deixar seus filhos, porque as escolas brasileiras eram quase inexistentes e muitas escolas japonesas, nessa época, "[...] recusavam aceitar alunos estrangeiros alegando não terem estruturas para comportá-los" (YONAHA, 2013, p. 43),

[50] Vale ressaltar que estudar em escolas japonesas e se formar não é garantia de sucesso e bom emprego, pois o mercado japonês, muitas vezes, exclui os trabalhadores estrangeiros, mesmo com formação e qualificação.
[51] Como intérprete nas escolas para traduzir os bilhetes, oferecendo assistência bilíngue; salas para estrangeiros; distribuição gratuita de guias e manuais de orientação traduzidos para vários idiomas, assim como a correspondência enviada aos pais de crianças estrangeiras.
[52] "[...] nas fábricas, os japoneses esperam que os imigrantes sejam capazes de dar um volume alto de produção e que não adoeçam por trabalharem como máquinas e sob pressão, isto é, nessa sociedade o esforço está imbuído na cultura nipônica e uma palavra que é usual e conhecida por *gambate* pelos japoneses, ou seja, eles pedem que nos esforçamos no serviço, enquanto os professores japoneses, solicitam da mesma forma aos alunos. A palavra *gambate* tem um sentido pesado de cobrança, de esforço contínuo e de superação a si mesmo. Contudo, é um jeito educado de cobrança japonesa, de modo que o outro atinja aquilo que o próprio japonês desconhece, o inatingível." (RESSTEL, 2019, p. 258).
[53] Na década de 1990, a educação dos jovens começou a obter maior visibilidade devido ao grande contingente de crianças em idade escolar migrantes no Japão. Isso se deve à Lei de Controle da Imigração do Japão, em 1990, que facilitou a entrada de muitas famílias no Japão, aspecto já abordado no primeiro capítulo desta Tese.

enquanto as poucas creches e escolas japonesas que aceitavam os brasileiros não tinham nenhum trabalho individualizado para receber e adaptar o aluno à instituição.

Nesse sentido, muitos pais brasileiros, operários de fábrica, não tinham onde e/ou com quem deixar seus filhos, para que pudessem cumprir sua jornada de trabalho, muitas vezes, em turnos alternados. Assim, para suprir as necessidades desses pais, alguns vizinhos e amigos começaram a se organizar para cuidar das crianças em idade pré-escolar, bem como das crianças que não queriam/podiam ir para a escola japonesa e daquelas que frequentavam a escola japonesa, mas não tinham com quem ficar no pós-turno escolar, enquanto os pais trabalhavam. De acordo com Costa (2007), essa foi uma solução informal e espontânea encontrada por alguns pais brasileiros, de sorte a tentar amenizar a dificuldade de não ter com quem deixar os filhos.

Logo, surgiram diversas creches/escolas informais, organizadas de forma despretensiosa para suprir essa demanda, conduzidas por pessoas não qualificadas que tinham como objetivo inicial trabalhar em fábricas. Conforme Silva (2017, p. 416), "[...] como a implementação destas instituições não obedeceram a um pré-planejamento, mas sim o atendimento de uma demanda crescente de imigrantes, muitos operários de fábricas, qualificados ou não, acabaram, da noite para o dia, tornando-se diretores e professores em diversas escolas.".

> As próprias empreiteiras, também interessadas em dispor do trabalho dos pais nos horários que iam além dos turnos nas escolas, começaram a financiar ou subsidiar pequenos centros para oferecer orientação educacional básica e também alguma ocupação, ou passatempo, para os filhos de seus funcionários, até que estes voltassem para casa. (COSTA, 2007, p. 104).

Aos poucos, houve a necessidade, por parte da comunidade brasileira, de que esses espaços fossem transformados e restruturados em instituições, as quais, além de oferecer cuidados primários às crianças, pudessem ter a certificação dos órgãos competentes, de ambos os países, para o oferecimento de um ensino de qualidade com profissionais capacitados e material didático apropriado. A comunidade brasileira começou a se organizar e estabelecer diálogos com os representantes diplomáticos brasileiros, a fim de encontrar estratégias para o desenvolvimento do campo educacional dos filhos dos *dekasseguis*, no Japão (YONAHA, 2013). Como resultado dessa articulação da comunidade, foi produzido um *non-paper*

intitulado “Educação de Brasileiros no Japão”[54], pela Embaixada de Tóquio, encaminhada ao Ministério de Assuntos Estrangeiros do Japão, em 1997 (COSTA, 2007).

Com o tempo, essas atividades inicialmente informais realizadas nas casas “das tias”, onde as crianças ficavam enquanto os pais trabalhavam, foram se estruturando e se readequando em pequenas creches-escolas, surgindo então as primeiras instituições educacionais brasileiras no Japão, “[...] com o objetivo de, além da guarda, manter e desenvolver o conhecimento da língua-pátria.” (BUGARIN, 2017, p. 11).

Primeiramente, tais “instituições” não contavam com nenhum reconhecimento e subsídio por parte do governo japonês, operando tal como uma empresa. Havia muitos obstáculos financeiros e burocráticos, tais como a propriedade do imóvel onde funcionaria a escola e depósito de garantia de seis meses da folha de pagamento, para que tais escolas fossem devidamente reconhecidas como centros internacionais de ensino, ou seja, como *Miscellaneous School*[55] - instituição educacional certificada pelo governo japonês (COSTA, 2007).

Pela falta de uma legislação que tratasse da educação de crianças estrangeiras, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) admitiu a criação de escolas brasileiras privadas como uma alternativa de escolarização aos brasileiros residentes no Japão (NOZAKI, 2016). Assim, no final da década de 1990, algumas comunidades já dispunham de um serviço educacional brasileiro para acolher as crianças que não frequentavam escolas japonesas, nas cidades de Shizuoka, Kanagawa, Oizumi, Toyohashi, Hamamatsu, Shiojiri, Toyota e outras (KAWAMURA, 2003).

As escolas brasileiras eram uma alternativa para a manutenção da língua nacional, identidade cultural e para sanar as dificuldades daquelas crianças que não conseguiram se adaptar ao sistema e escola japonesa. Segundo Dias (2017, p. 618), “[...] essa demanda era

---

[54] Além de outras coisas, o documento ressaltava a necessidade de alfabetização em português, a importância da adaptação nas escolas japonesas, bem como a facilitação de acesso a cursos profissionalizantes e universidades (COSTA, 2007).

[55] *Miscellaneous School* (ou *Kakushu gakkō*, em japonês) é uma classificação/título que as escolas estrangeiras recebem, no Japão, que, além de reconhecer o estabelecimento como uma instituição de ensino, oferece diversas vantagens em comparação às escolas brasileiras que possuem somente o reconhecimento do governo brasileiro. Entre elas, a instituição fica isenta de vários impostos; pode receber subsídios públicos e outros benefícios, como investimento de empresas em troca de isenção fiscal; os alunos passam a ter os mesmos direitos dos estudantes japoneses, como passe para transporte escolar; aumento da credibilidade perante o governo e a comunidade japonesa; possibilidade de intercâmbio com escolas públicas japonesas, em nível fundamental e médio; possibilidade de contribuição do governo japonês, caso a escola esteja em perigo financeiro para continuidade da administração escolar etc. Entretanto, para o reconhecimento como *Miscellaneous School*, há necessidade de adequação a uma série de exigências difíceis de serem alcançadas, principalmente por escolas pequenas localizadas em regiões de pequena representatividade brasileira. Entre os critérios, temos: número de alunos e funcionários, estrutura física da escola, alto valor de capital de giro etc. (SILVA, 2017; BRITO, 2012; DIAS, 2017).

grande porque muitos brasileiros, por diferentes motivos, não queriam matricular seus filhos em escolas japonesas, ou mesmo que o fizessem, o horário escolar não coincidia com o horário de trabalho."

> Diante das dificuldades de adaptação à escola japonesa, por mais precárias que fossem as escolas brasileiras iniciais, elas possibilitaram um aumento de bem-estar a muitas famílias brasileiras que se viam restritas a sofrer os elevados custos de adaptação à escola japonesa ou então manter seus filhos fora do sistema educacional. (BUGARIN, 2017, p. 3)

Segundo Ishi (2010) e Bugarin (2017), a primeira escola brasileira inaugurada no Japão foi o Colégio Pitágoras, em 1999.[56] No entanto, Hiraoka (2012) e Brito (2012) apontam que a criação das primeiras escolas brasileiras no Japão se deu a partir de 1995, com a Escola Alegria de Saber, constituída pela família Fujii. De acordo com Hiraoka (2012), segundo pesquisa do Ministério da Educação (MEC), nesse período de 1995, funcionavam cinco instituições escolares sem o aval do governo brasileiro. Em consequência disso, nenhum documento emitido por esses estabelecimentos tinha validade legal.

A homologação de escolas brasileiras no Japão, pelo governo brasileiro, só se tornou possível em 7 de julho de 1999, com o Parecer do CNE (Conselho Nacional de Educação)[57] - CEB nº 11/99, que estabeleceu as principais normas e diretrizes para o funcionamento das escolas brasileiras sediadas no exterior. Desde então, as escolas brasileiras credenciadas no Japão passaram a ter reconhecimento do ensino ministrado, com validade para prosseguimento de estudos no Brasil, sem a necessidade da realização de testes de avaliação (TONGU, 2010). Salienta Silva (2017, p. 418):

> As intervenções do MEC, com exigências na adequação do currículo, ambiente físico das escolas e contratação de professores qualificados, fizeram com que muitos pais de alunos passassem imediatamente a identificar as instituições homologadas como legalmente capacitadas e consequentemente melhores preparadas quanto ao seu nível técnico e profissional.

Em 2001, um grupo de escolas criou a Associação das Escolas Brasileiras no Japão (AEBJ), uma organização não governamental e sem fins lucrativos, com o objetivo de viabilizar um maior diálogo entre as instituições escolares com a Embaixada, Consulados-Gerais e o MEC, além de representar as escolas brasileiras no Japão perante os governos brasileiro e japonês (COSTA, 2007). Essa associação também tinha como função discutir o

[56] "Apesar de muitas destas instituições terem iniciado suas atividades no final dos anos 90, somente em 2000 o MEC passou a efetuar acompanhamento, vistoria e homologação de escolas brasileiras no Japão." (SILVA, 2017, p. 416).
[57] Órgão colegiado integrante da estrutura do MEC do Brasil.

processo, vantagens e desvantagens do reconhecimento das escolas brasileiras junto ao governo do Japão, para alcançar o *status* de *Miscellaneous School* - a referida categoria de escola internacional (SILVA, 2017).

Posteriormente à CNE/CEB n° 11/99, outros pareceres foram emitidos pelo Conselho Nacional de Educação, tais como o CNE/CEB n° 18/2002, CNE/CEB n°19/2002, CNE/CP n° 30/2002, CNE/CEB n° 1 e 25/2003, CNE/CEB nº 2/2004 e CNE/CEB nº 6/2013, entre outras ratificações e pareceres,[58] que deliberam sobre normas para declaração de documentos escolares considerados válidos no Brasil e sobre o funcionamento de instituições de Educação Básica brasileiras no exterior (YONAHA, 2013). Com a nova resolução, todas as instituições que oferecem Educação Básica e forem credenciadas ou homologadas pelo Conselho Nacional de Educação deverão seguir a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), vigente para a organização e o estabelecimento do seu projeto pedagógico e proposta curricular.

Em 2005, segundo Hiraoka (2012), o MEC registrou 50 instituições brasileiras de ensino no Japão. Porém, ainda poucas escolas haviam conseguido a homologação e o reconhecimento do governo brasileiro, por causa do grau de exigências estabelecidas pelo MEC, como a qualificação de professores e a estrutura física do local. Essa situação foi amenizada com a redução dos critérios avaliativos fixados pela Resolução CNE/CEB nº 2, de 10 de março de 2006 (BRASIL, 2006).

Com a nova resolução e reformulação dos critérios avaliativos pelo governo brasileiro, segundo Hatano (citado por DIAS, 2017), a Associação das Escolas Brasileiras no Japão (AEBJ) registrou a existência de 97 escolas brasileiras no Japão, em outubro de 2006. Ainda de acordo com a mesma autora, a maior parte das escolas se concentrava em Shizuoka, com 23 escolas, seguida pela província de Aichi, com 17 escolas, Gunma com 15 escolas, e Nagano, com o total de 12 escolas. Em dezembro de 2006, das 97 escolas existentes, 49 conseguiram ser homologadas pelo governo brasileiro, possibilitando aos alunos dessas instituições continuarem seus estudos no Brasil.

Somente em 28 de novembro de 2006, pela primeira vez no Japão, uma escola brasileira, a *Hiro Gakuen*, da província de Gifu[59], foi reconhecida como instituição estrangeira de ensino, recebendo o certificado de *Miscellaneous School* e passando a integrar o sistema

[58] Os pareceres e resoluções podem ser encontrados no *site* http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12975-normas-para-escolas-brasileiras-no-exterior.

[59] Fundada em 2000, a escola *Hiro Gakuen*, do professor Kawase, contava, nesta época, com 284 alunos de 5 a 17 anos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em 2017, essa escola passou a chamar-se Escola Brasileira Prof. Kawase (SILVA, 2017).

educacional privado do país. Como benefício, a escola passou a receber uma ajuda de custo do governo japonês e isenção de impostos, enquanto os alunos passaram a ter direito ao passe de estudante para transporte. Vale ressaltar que, das mais de 90 escolas brasileiras no Japão, em 2006, somente a escola *Hiro Gakuen* recebeu essa certificação (TONGU, 2010; SILVA, 2017). Esse fato atesta a dificuldade do governo japonês em reconhecer e legitimar as instituições educacionais brasileiras como escolas e não como meras empresas. "Em 2013, no entanto, o número *Miscellaneous School* chegaria a 15, segundo o TS Public." (SILVA, 2017, p. 418). A flexibilização para obtenção do certificado de *Miscellaneous School* é fruto dos esforços conjuntos dos Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, para convencer o governo e as províncias japonesas a afrouxar as regras para o reconhecimento das escolas brasileiras como instituições internacionais de ensino.

Nas escolas brasileiras no Japão, todo o ensino é regido e regulamentado por leis do sistema educacional do Brasil. O estudante é inserido na série conforme resultado de uma avaliação escolar, ao longo dos anos acadêmicos, podendo ser aprovado ou não, de acordo com o seu desempenho. Esses aspectos já diferenciam a escola brasileira da dinâmica da escola japonesa, onde os alunos ingressam nas séries conforme sua idade e não por rendimento, e até os 15 anos de idade não há possibilidade de reprovação do aluno. Embora todo o ensino seja ministrado em língua brasileira, segundo as normas,[60] as escolas brasileiras precisam oferecer aulas de língua e cultura japonesa para os alunos, regidas por voluntários japoneses (NOZAKI, 2016).

A escola brasileira no Japão inicia o ano letivo bem antes das escolas do Brasil, para se adequar ao calendário e horário de funcionamento das fábricas japonesas. No tocante às atividades desenvolvidas, além de ministrar as disciplinas do projeto curricular exigidas pelo Ministério da Educação, tendo a mesma grade curricular das escolas brasileiras, a fim de diminuir a evasão escolar, caso retornem ao país, as escolas brasileiras no Japão realizam também celebrações típicas, como a festa junina, de sorte a estimular e preservar as tradições brasileiras (DIAS, 2017). Algumas escolas também se esforçam para inserir o aluno na cultura japonesa, por meio de atividades culturais daquele país, como o *undokai*:[61]

---

[60] Segundo o Art. 3º da Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de dezembro de 2013, dentre as "[...] condições essenciais para que um estabelecimento possa se adequar às normas da presente Resolução, a fim de emitir documentos escolares considerados válidos no Brasil", é necessária "[...] a inclusão nos seus planos de curso da oferta de aulas de língua e cultura do respectivo país onde se encontram de acordo com seus projetos político-pedagógicos, para a continuidade de funcionamento."

[61] O *Undokai* é uma gincana esportiva que acontece nas escolas japonesas e envolve todos os alunos e familiares. Nessa gincana, os familiares são convidados a assistir e torcer para os alunos, os quais formam grupos e disputam vários jogos, como revezamento, dança, cabo-de-guerra, encestamento de bolas, corrida com ou sem

> Porém, poucas instituições se preocupam em complementar o conteúdo curricular com temas relacionados à realidade japonesa. Os alunos estudam sobre o contexto brasileiro, mas vivem num contexto japonês [mesmo que estejam numa comunidade brasileira], assim, fica muito difícil vivenciar ou visualizar, na vida diária, o que está sendo estudado. Além disso, em muitas escolas, a carga horária para ensino da língua japonesa é insuficiente para que o aluno adquira um nível satisfatório de conversação, leitura e escrita. (DIAS, 2017, p. 620).

Essa providência, muitas vezes, se torna um problema, porque não contribui para a integração do aluno à comunidade japonesa. Como passam grande parte do tempo na escola brasileira, convivendo nessa comunidade, muitas crianças e adolescentes não veem a necessidade de entender, se integrar e participar da comunidade japonesa, vivendo em pequenos guetos no Japão e isolados da comunidade local.

Outro aspecto que diferencia a escola brasileira da japonesa é em relação aos custos. Normalmente, a mensalidade cobrada nas escolas brasileiras é onerosa, havendo gastos com o material didático, vindos do Brasil, e com o transporte escolar. Além disso, algumas escolas, sem generalizar, possuem um espaço físico inadequado e limitado, com adaptações a partir de instalações de casas ou galpões, o qual "[...] nem sempre oferece condições apropriadas para a efetivação de práticas pedagógicas necessárias ao correto cumprimento do currículo escolar." (DIAS, 2017, p. 619).

Em relação ao horário escolar, as aulas obedecem e seguem geralmente a carga horária básica brasileira. No entanto, pela necessidade dos pais, devido à longa jornada de trabalho, muitas escolas oferecem atividades pedagógicas em tempo integral, o que se torna uma boa alternativa à escola japonesa, que não acolhe os alunos em contraturno escolar:[62]

> Há instituições que perceberam uma nova demanda e estão investindo nesse período extra, não só para oferecer reforço e assistência pedagógica aos próprios alunos, mas também a alunos brasileiros que estudam em escolas japonesas. Dessa forma, esse serviço atende também a demanda de pais que matricularam seus filhos em escolas japonesas, mas que não têm onde deixá-los após o término da aula. (DIAS, 2017, p. 621).

Entretanto, como ressalta Dias (2017, p. 620-621), frequentemente, essas "[...] atividades pedagógicas ficam apenas no papel, ou seja, não acontecem efetivamente na prática cotidiana", e os alunos vivem esse período ociosos no celular vendo vídeos, jogando games,

---

obstáculos etc. Nessa reunião/encontro de esportes, os familiares também levam comidas (*obentô*) e fazem um grande piquenique com todos. Essa é uma tradição que fortalece os laços entre família-escola e pais-filhos.

[62] Existem escolas brasileiras que oferecem um sistema do tipo *after school* para os alunos brasileiros que estudam em escola japonesa. Nesse sistema, os alunos, ao saírem da escola japonesa, se dirigem à escola brasileira, para ter aulas de língua portuguesa, a fim de manter a cultura brasileira de herança e ter apoio acadêmico e psicológico para se adaptar à escola japonesa. A prática do *after school*, conhecida no Japão como *Gakudou hoiku*, é estimulada pelo Ministério da Educação japonês (BUGARIN, 2017).

conversando com os amigos ou dormindo. Além de passarem muito tempo na escola, algumas crianças e adolescentes ainda enfrentam um longo percurso escolar, pois muitos estudantes moram longe, chegando a residir em outra cidade ou província. Há também pais que precisam deixar o seu filho na escola antes de irem para o trabalho ou acabam demorando para ir buscá-los. Devido a isso, a maior parte das escolas funciona desde às 6 horas e fecha por volta das 19/20 horas ou não têm um horário específico para fechar, havendo alunos que permanecem até 15 horas na escola (BRITO, 2012).

Quanto a esse aspecto, Dias (2017, p. 626) ressalva que "[...] muitas crianças e jovens brasileiros que vivem no Japão passam a maior parte do tempo numa instituição educacional, e muitos, por diferentes motivos, não têm muito tempo livre e/ou oportunidades para desfrutar da companhia dos pais." Silva (2017, p. 423) alerta também que o excesso de trabalho[63] "[...] contribui para o deterioramento das relações sociais, comprometimento das relações familiares e reflete direta e indiretamente em problemas na educação das crianças e jovens que hoje vivem no Japão." A falta de tempo familiar afeta crianças e jovens que necessitam dessa convivência e presença para se estruturar psiquicamente, receber apoio, carinho e constituir sua autoestima.

A respeito da estrutura das salas, é comum haver turmas multisseriadas, devido à falta de espaço e professores para todas as séries. Mesmo assim, em comparação com as salas de aula no Brasil, as turmas não são numerosas. Há também uma dificuldade em encontrar, nas comunidades *dekasseguis*, profissionais qualificados e capacitados para ocupar o cargo de docente, pois o professor brasileiro no Japão ganha menos que os trabalhadores de fábrica. Por isso, essa é uma lacuna difícil de ser suprida, em razão do salário e falta de capacitação (KANASIRO, 2011).

De acordo com Yonaha (2013), por causa das dificuldades apontadas pelas escolas brasileiras no Japão, o MEC aplica anualmente o supletivo aos alunos que concluem o Ensino Médio para medir a qualidade de ensino da instituição. Em 2006, o governo japonês concedeu aos alunos formados nas 19 escolas brasileiras homologadas pelo MEC o direito a prestarem vestibular em universidades japonesas (NAKAGAWA, 2018).

Segundo Bugarin (2017, p. 33), "[...] a comunidade brasileira no Japão é extremamente dinâmica e sua realidade muda muito rapidamente." Prova disso é a crise

[63] O excesso de trabalho afeta não só a convivência familiar, mas a saúde dos brasileiros, os quais adoecem física e psiquicamente. No Japão, a morte por excesso de trabalho é chamada de *Karoshi*. Entre as formas mais comuns de mortes por excesso de trabalho temos os infartos, derrames e suicídio por estafa. Segundo Resstel (2019, p, 60), "[...] a tradição corporativa e a valorização da cultura das horas-extras vêm matando os seus jovens trabalhadores." Todavia, não se têm dados dos estrangeiros que morrem por excesso de trabalho, mostrando o descaso e a invisibilidade desses trabalhadores.

financeira de 2008, que reduziu drasticamente o número de brasileiros no Japão, com as demissões em massa, afetando e obrigando algumas escolas brasileiras a se reestruturarem ou a fecharem as portas, com a inadimplência e a redução drástica de alunos. A revista *Time*, em 2009, expôs esse problema, em uma matéria intitulada "Japan to immigrants: thanks, but you can go home now" (SILVA, 2017, p. 415). Pensando nos imigrantes que, mediante a situação de desemprego no país, não tinham recursos para se manter, o governo japonês se propôs oferecer auxílio financeiro para arcar com os custos dessas famílias para retornar ao Brasil. Porém, havia uma cláusula, que ganhou a mídia internacional, ao estabelecer a proibição, de quem aceitasse a ajuda financeira, de retornar ao Japão. Posteriormente, essa cláusula foi revogada e se estabeleceu um prazo de três anos para o retorno.

Nesse ínterim, além das escolas brasileiras perderem muitos alunos para as escolas japonesas, diversos estabelecimentos brasileiros, como supermercados e lojas, fecharam as portas, decretando sua falência.

> Nos últimos anos, principalmente após a crise econômica de 2008, a comunidade brasileira tem se organizado e promovido algumas ações importantes para a melhoria da educação dos brasileiros no Japão. Entre estas ações é digno de nota o desenvolvimento do Fórum Educação Brasil-Japão, que reúne entidades, escolas, educadores e familiares, na busca de soluções coletivas para problemas relacionados a educação dos brasileiros. A primeira edição do Fórum, "Onde estamos e para onde queremos estar", foi realizada em 2013 e, desde então, ele tem sido desenvolvido periodicamente todos os anos. (SILVA, 2017, p. 423).

Podemos citar também como práticas de melhoria da educação dos brasileiros no Japão: a realização do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), desde 1999, os cursos profissionalizantes à distância oferecidos pelo SENAC e a oferta, cada vez mais crescente, de cursos superiores em faculdades a distância, dando a oportunidade da continuidade de estudar no exterior.

Diante do exposto, podemos citar como vantagens em estudar em escolas brasileiras no Japão: a preservação da cultura e língua brasileira; a importante função sociocultural; a possibilidade de reinserção na escola no Brasil; a facilidade da continuidade dos estudos no Brasil; a boa alternativa para aquelas famílias que pensam em permanecer por uma curta duração no Japão e para os estudantes que não se adaptaram ao sistema de ensino japonês; a menor evasão escolar, comparada aos alunos que estudam em escola japonesa, entre outras.

Como desvantagens, temos: custo relativamente alto, com mensalidades onerosas; deslocamento até a escola, as quais, em alguns casos, leva horas; variação dos níveis de excelência em relação ao corpo docente; estrutura física e qualidade das atividades, em alguns casos, inferiores às escolas japonesas; dificuldade de inserção e integração do aluno à

comunidade japonesa; dificuldade do aluno em galgar postos mais qualificados de trabalho no Japão e ingressar em uma universidade japonesa,[64] entre outras.

Considerando os aspectos expostos, podemos observar que há uma série de fatores que devem ser levados em consideração, na escolha de qual rede escolar é mais adequada para se matricular o filho. Essas questões não devem permear somente o aspecto financeiro, mas, sobretudo, a formação da identidade e do futuro desse jovem, o que será discutido no próximo item.

2.3 Aspectos da educação dos **dekasseguis** *no Japão*

No início, como já tratado, devido ao caráter temporário de sua presença no país, a escassez e alto custo das escolas brasileiras no Japão e com o objetivo de acumular o maior montante de dinheiro para retornar o mais breve para o Brasil, muitos pais *dekasseguis* optavam por matricular os filhos em escolas públicas japonesas, já que essa era quase a única opção existente e viável.

Entretanto, essa inserção não ocorreu e ainda não ocorre, na maioria dos casos, de forma natural e pacífica, pois, além das dificuldades e barreiras impostas pela cultura e idioma, as crianças e adolescentes, considerados *gaijin* (estrangeiro), sofrem muito ainda com os *ijimes*, uma vez que, no Japão, há certa valorização da homogeneidade e rejeição de tudo que sai do seu padrão.

O número de *ijimes*, ao contrário do que se pensa, não vem diminuindo nos últimos anos, entre as crianças e adolescentes no Japão. Essa informação pode ser confirmada pelo relatório do Ministério da Educação (MEXT)[65], de 2019, onde consta que o Japão registrou 612.496 casos de *bullying* nas escolas. É importante frisar, no entanto, que esses dados não se restringem ao *ijime* sofrido somente pelas crianças e adolescentes estrangeiros; esses dados podem indicar tanto que o número de *ijimes* tenha crescido ou, o mais prudente, é que o governo japonês tenha lançado mão de métodos mais eficazes de identificação e notificação, ganhando assim mais notoriedade.

[64] Alunos com 18 anos completos, que tenham concluído um nível de estudo equivalente a *12 anos do Ensino Fundamental e Médio* e que estudaram em escolas brasileiras no Japão, reconhecidas pelo MEC, são considerados aptos a prestar o vestibular de universidades japonesas.
[65] Disponível em: https://www.mext.go.jp/kaigisiryo/content/20201204-mxt_syoto02-000011235_2-1.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

Ao serem inseridas no sistema de ensino japonês, algumas crianças e adolescentes vivenciam um conflito de identidade, pois, por apresentarem traços e descendência nipônica[66], no Brasil eram considerados japoneses, mas, quando vão para o Japão, são considerados brasileiros, por não terem nascidos lá. E caso não se enquadrarem totalmente na cultura e nos costumes, sofrem exclusão. Nas palavras de Tanaka (2009, p. 57), eles saem "[...] de um país onde é chamado de japonês e chega a um país em que é considerado forasteiro (*gaijin*). No Brasil ele é considerado 'outro'; no Japão também é um 'outro'; a condição de não-pertencimento ou de não-pertencimento pleno está presente nas duas realidades."

Em decorrência de possíveis discriminação, agressão física, psicológica e intimidação sofrida pelos japoneses, muitos estudantes brasileiros acabam se isolando e desenvolvendo transtornos, como depressão, ansiedade, pânico ou comportamentos de automutilação, por não conseguir compartilhar a sua dificuldade e sofrimento. Ainda no que tange ao isolamento, muito se dá também em função da dificuldade de comunicação e não apenas pela questão da agressão ou discriminação.

Contudo, esse isolamento e a falta de interação têm sido interpretados, equivocadamente por alguns profissionais como traços do Transtorno de Espectro Autista (TEA) ou até como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O número de autismo, nas crianças brasileiras, pode ser justificado por um diagnóstico equivocado ou precipitado feito por médicos que não sabem lidar com crianças de cultura diferente e pela dificuldade dessas crianças em se integrar e se adaptar ao sistema e idioma local. "Os instrumentos usados para a avaliação, testes com uso questionável de normas e padronizações, tradutores não qualificados, podem agravar o problema." (NAKAGAWA, 2018, p. 33). A esse respeito, assinala Dias (2017, p. 624):

> Normalmente os profissionais que avaliam as crianças são japoneses que não falam português e as crianças, por sua vez, não dominam o idioma japonês; e mesmo quando conseguem se comunicar em japonês, nem sempre possuem vocabulário para realizar os testes de acordo com o esperado; é preciso considerar também as questões culturais que podem permear essas avaliações.

Assim, muitas crianças brasileiras acabam sendo diagnosticadas como autistas, no Japão, devido às dificuldades apresentadas na adaptação à cultura, à língua e ao sistema de ensino, que são ignoradas e interpretadas como um transtorno, a partir de uma observação, avaliação e diagnóstico equivocados. Desse modo, algumas dificuldades que podem ser

[66] Por ter o rosto e traços parecidos, alguns japoneses acabavam exigindo que os *nikkeis* se comportassem como eles, principalmente nas fábricas.

compreendidas, ao se analisar o contexto social, a história pregressa e o ambiente familiar, são ignoradas e rotuladas.

Atualmente, algumas pesquisas têm sido promovidas sobre esse problema, para melhor investigar e entender a taxa de alunos brasileiros diagnosticados com TEA, os quais são enviados a classes especiais.

> A exigência da alta performance na escola ao lado da profusão de diagnósticos psiquiátricos e psicológicos, que acabam se prestando a patologizar baixos rendimentos escolares, produzem ou legitimam a desqualificação e incapacitação das crianças estrangeiras que enfrentam desafios muito maiores do que as crianças japonesas elas próprias já colocadas em situações de extrema pressão quanto à performance escolar. (RESSTEL, 2019, p. 264).

Há também alunos brasileiros em escolas japonesas que, em decorrência da não adaptação, do *ijime* sofrido pelos alunos nativos e/ou não suportando a pressão do sistema escolar japonês, migram para as escolas brasileiras ou abandonam as escolas, resvalando para a ociosidade, entrando precocemente no mercado de trabalho ou no mundo da criminalidade, gerando o aumento da evasão escolar entre os *dekasseguis*.

> Alguns pais, mesmo sem ter passado pela experiência de seus filhos serem alvos de *ijime* na escola japonesa e pelo fato de ter, ao redor, outras tantas crianças que passam por essa situação, ficam temerosos e acabam preferindo não mandar os seus filhos para as escolas japonesas, e como as brasileiras são onerosas, acabam optando por não mandar para escola nenhuma. (NAKAGAWA, 2005, p. 159-160).

A falta de perspectiva escolar, da fiscalização e do acompanhamento dos pais, as dificuldades de adaptação e o fato de a educação para estrangeiros não ser compulsória inibem medidas mais coercitivas do governo japonês e podem levar esses adolescentes a se envolver em casos de delinquência juvenil, como furtos, vandalismo, dirigir sem habilitação ou sob o efeito de álcool e consumo de drogas, tornando-se graves problemas sociais.

> O reconhecimento que não foi possível obter de bom grado, será tomado pela força. Através da transgressão, preferem atrair a censura dos outros a sofrer sua indiferença. [...] Ser considerado um infrator é também uma forma de reconhecimento, de alguma forma, estão “sendo vistos”. (NAKAGAWA, 2005, p. 203).

De acordo com Lima (2018, p. 21), “[...] para os padrões japoneses, as taxas de criminalidade entre brasileiros desta faixa etária são altas”, e isso se deve, em parte, à evasão escolar, aliada à falta de motivação, ociosidade dos adolescentes, ausência de comunicação e monitoramento dos pais, que acabam deixando a família em segundo plano, mediante a alta demanda de trabalho (COSTA, 2007).

Outro caminho traçado é a evasão escolar para o ingresso no mercado de trabalho japonês, uma vez que os adolescentes com 16 anos[67] já podem trabalhar, segundo a lei brasileira e japonesa. Dessa forma, muitos abandonam os estudos para ingressar nas fábricas, já que os ganhos obtidos são mais atraentes que os estudos. Tal fator é responsável pela redução do nível de escolarização dos *dekasseguis*, tornando-se mais uma geração de trabalhadores não qualificados (HIRAOKA, 2012).

Atraídos pelo consumo de tecnologias, as quais, no Japão, são muito avançadas, como *tablets*, *iphones*, jogos etc., e pela possibilidade de ter sua independência e ostentar determinados bens, como carros, motos e viagens, chegando a ganhar inclusive a mesma remuneração dos pais, muitos adolescentes acabam ingressando precocemente no mercado de trabalho e se evadindo da escola, que não se mostra vantajosa e atraente. Segundo Nakagawa (2005, p. 202), "[...] o desejo pelo poder, de adquirir riquezas materiais não passam de meios para assegurar esse reconhecimento pelos outros."

Assim, esses jovens passam a exercer, muitas vezes, as mesmas atividades laborais dos pais, tendo poucas chances de se desenvolver e crescer em alguma carreira profissional mais especializada, podendo vir a se tornar os futuros excluídos da sociedade, tendo pouca valorização e reconhecimento. Na visão de Nakagawa (2005, p. 59), "[...] eles eliminam, assim, as possibilidades de adquirir alguma qualificação e cria-se, mais uma geração de trabalhadores não qualificados."

De acordo com Tanaka (2009, p. 33), um dos fatores que contribui para essa dificuldade de adaptação das crianças brasileiras nas escolas japonesas é constituído pelas "[...] longas jornadas de trabalho e a consequente falta de tempo e mesmo o desconhecimento da língua, dificultando os pais na tarefa de acompanhar o desempenho dos filhos." Afirma Sawaguchi (2018, p. 71):

> Pais *nikkeis* costumam priorizar o trabalho e a ascensão financeira. Para isso, trabalham arduamente e amiúde retornam para casa apenas para se prepararem para uma nova jornada de trabalho. Dedicam pouco tempo a seus filhos e esperam que eles também trabalhem arduamente e solucionem seus próprios problemas. De modo algum podem ser considerados "maus pais" – trata-se de um modo de vida da coletividade familiar.

[67] No Japão, pessoas com menos de 20 anos são consideradas menores e são protegidas por lei, mas, a partir dos 16 anos, o adolescente já pode trabalhar, desde que não exerça nenhuma atividade de laboral depois das 22 horas e/ou realize horas-extras. A partir do dia 1º de abril de 2020, entrou em vigor a lei que revisa o Código Civil e que passará a maioridade no Japão de 20 para 18 anos. Entretanto, algumas ações como ingerir bebidas alcoólicas, fumar e praticar jogos de azar vão continuar sendo proibidas a menores de 20 anos. Essa mudança visa a "[...] estimular a participação social dos jovens enquanto a população japonesa envelhece rapidamente" (*Jornal Alternativa*, 2018. Disponível em: http://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/76783/Lei-que-reduz-maioridade-de-20-para-18-anos-ira-vigorar-no-Japao-em-2022. Acesso em: 25 mar. 2021.

Sem respaldo dos pais, algo tão importante e cobrado no sistema de ensino japonês, as crianças estrangeiras que apresentam dificuldades de aprendizagem e distúrbios emocionais e comportamentais são enviadas a classes "especiais", as quais deveriam ser destinadas apenas às crianças com deficiência. Essa providência gera e reforça um estigma de deficiente, marcando a pessoa como incapaz, enquanto a sua dificuldade se deve a outra ordem. Às vezes, o envio da criança à classe especial é em decorrência de não haver na escola a classe para os estrangeiros.

Outra questão importante é a idade em que a criança estrangeira migrou e foi integrada ao sistema japonês, porque os impactos migratórios irão reverberar de maneiras diferentes, a depender da etapa da vida do indivíduo (GRINBERG; GRINBERG, 1984). As crianças e adolescentes que chegam com idade avançada possivelmente terão mais dificuldade de adaptação à cultura, idioma e escola japonesa. Já as crianças pequenas ou que nascem no Japão poderão ter maior facilidade em assimilar a língua e os costumes japoneses. Todavia, poderão enfrentar uma dificuldade de outra ordem: conflitos no âmbito familiar, "[...] pois os filhos passam a falar apenas em japonês e, como os pais não dominam a língua, a comunicação familiar fica comprometida, levando muitas famílias a retirarem a criança da escola." (HIRAOKA, 2012, p. 66). Ou, então, eles se convencem de "[...] que voltando ao Brasil, o problema será resolvido sozinho. Será o momento mágico no imaginário dos pais que vai transformar os filhos novamente em brasileiros." (LASK, 2000, p. 81).

É comum ouvir relatos também de crianças e adolescentes que se integram tão bem à escola e cultura japonesa, formando uma ligação identitária mais intensa com o Japão do que com o Brasil, de sorte que passam a ter vergonha dos pais,[68] por serem estrangeiros. Diante do desejo de serem ou parecerem japoneses(as) perfeitos(as), "[...] muitos passam a sentirem 'vergonha' dos pais por usar um vocabulário 'errado', 'arcaico'" e possuir costumes tão diferentes, comparados aos japoneses (NAKAGAWA, 2005, p. 166). Essas crianças tentam se integrar e se parecer com os japoneses, para não se sentirem diferentes e marginalizados. Na medida em que vão percebendo que falar e se comportar como brasileiras as diferencia e as distancia dos demais, algumas crianças começam a negar qualquer referência que as identifique como brasileira, esquecendo ou deixando de aprender a língua materna, para se assemelhar aos japoneses (DIAS, 2017).

[68] "Na prática isso significa que muitas crianças se recusam a sair com os pais na rua e a falar o português em casa. Os pais não sabem como reverter a situação, ainda mais que no início acharam 'um barato' os filhos falarem tão bem japonês e tê-los apoiado a praticá-lo em casa. Muitos pais estão convencidos que voltando ao Brasil, o problema será resolvido sozinho." (LASK, 2000, p. 81).

> Talvez o receio de que esse tipo de situação venha acontecer, também favoreça os pais de não desejarem tanto que os seus filhos ingressem nas escolas japonesas, embora algumas dessas crianças e adolescentes estejam servindo de "intérprete" para os seus pais e parentes. (NAKAGAWA, 2005, p. 166).

Assim, de modo geral, as crianças e adolescentes que vão para as escolas japonesas encontram três saídas para lidar com problemas surgidos em face da escolarização: ou incorporam a cultura e costumes, a fim de se tornar japoneses perfeitos e esquecem qualquer referência brasileira, como a língua; ou não incorporam a realidade escolar japonesa e sofrem exclusão e rejeição, o que contribui para a evasão escolar; ou incorporam tanto os costumes e a cultura japonesa e brasileira, negociando ambas as realidades. "As crianças e adolescentes brasileiros têm a escola japonesa como único canal de inserção à sociedade japonesa, se essa inserção não ocorre, não resta outra alternativa a não ser viver à margem dessa sociedade." (NAKAGAWA, 2005, p. 222).

Para essas famílias que vivenciam tais situações, na educação dos filhos, muitas vezes o apoio psicológico se encontra "[...] no fato de que sua estadia é tida como temporária e que, em breve, retornarão à pátria" (YONAHA, 2013, p. 21); conforme afirma Resstel (2016, p. 48), "[...] pensar em voltar é a forma que o ego encontrou para não se desvincular da terra-mãe." Entretanto, muitos brasileiros alimentam a ilusão de que, no Brasil, tudo estará como antes e que poderão retomar sua vida naturalmente do ponto onde pararam.

Tendo em vista essas questões e as dificuldades decorrentes do processo de escolarização na escola japonesa, muitos pais acreditam que a melhor solução para tal problema seja matricular a criança ou o adolescente em escola brasileira, no Japão, para assim garantir a identidade brasileira, evitar o *ijime* e não perder o vínculo com seu país de origem, tornando mais fácil o retorno, a readaptação e a manutenção da cultura de seus pais (YONAHA, 2013).

Contudo, nem sempre manter um filho estudando em escola brasileira no Japão é garantia de sucesso e ausência de preocupação, pois, mesmo com os diversos avanços, há ainda algumas barreiras à escolarização dos *dekasseguis* em instituições brasileiras, no país, como, por exemplo, o acesso a essas escolas, devido à distância de suas residências, as altas mensalidades, devido aos gastos administrativos, já que grande parte não recebe subsídios nem reconhecimento do governo japonês, segundo já explicitado. Entre os itens citados, outras questões podem ainda ser apontadas:

> Falta de profissionais da educação, como professores, monitores, coordenação e administração escolar; a necessidade de formação e atualização de professores e agentes educacionais qualificados que atendam à demanda nas escolas brasileiras no Japão; produção e acesso ao material didático e um campo de debate sobre o seu

> conteúdo; precariedade das instalações e equipamentos escolares como laboratórios, quadras esportivas, computadores com acesso à internet; os onerosos impostos que incidem sobre os imóveis comerciais alugados para a instalação das escolas que são vistas como empresas; isso, por sua vez, leva às altas taxas das mensalidades das escolas brasileiras que acabam fazendo com que muitas famílias brasileiras deixem de colocar suas crianças nessas escolas; falta de auxílio-educação por parte dos governos locais; a barreira da língua japonesa e de uma cultura diferente; evasão escolar – apesar do aumento do número de crianças estrangeiras de 5 a 14 anos no Japão, há uma diminuição no número dessas crianças nas escolas nesse país; aumento de criminalidade dentre outras. (SASAKI, 2009, p. 5).

Além das dificuldades mencionadas acima, os alunos que estudam nessas escolas, muitas vezes, vivem em uma redoma dentro da comunidade brasileira, alienados e separados dos japoneses; alguns também desconhecem o Brasil, por terem migrado muito novos ou até mesmo nascido no Japão. Esses aspectos geram uma falta do sentimento de pertencimento tanto ao Brasil quanto ao Japão e uma consequente crise de identidade. Essa exclusão social[69] passa a ter repercussão em longo prazo, quando terminam o ensino médio na escola brasileira e, estando ainda no Japão, não sabem bem que rumo tomar, porque não há muitas oportunidades para aqueles que não dominam o japonês e não se integraram à cultura e comunidade nipônica. A solução inicial encontrada para não sofrer *ijime*, na escola japonesa, não perder a identidade e língua portuguesa e estudar em escola brasileira para poder voltar à terra natal e cursar uma faculdade, acaba caindo por terra, quando os pais resolvem permanecer no Japão e os filhos, sem grandes perspectivas nesse país, acabam indo para as fábricas ou para o mundo da criminalidade, como já apontado.

A despeito do menor índice de evasão escolar, nas instituições brasileiras, as crianças e adolescentes que estudam nesse sistema de ensino e acabam permanecendo no Japão, em caráter permanente, por decisão dos pais ou própria, possivelmente estarão menos preparados para uma vida plena no país, possuindo poucas ferramentas necessárias para a sua integração. Assim, com a permanência cada vez maior dos brasileiros no Japão, torna-se urgente esclarecer aos pais as consequências de suas decisões, no que tange à educação de seus filhos, a fim de pensar em medidas e estratégias de ensino e inclusão das crianças e jovens e impedir a evasão escolar.

---

[69] Jodelet (2006) arrola algumas formas de manifestação da exclusão social, como a segregação, marginalização e discriminação. A segregação diz respeito ao afastamento e à manutenção do distanciamento do sujeito; a marginalização se dá, quando ele é mantido à parte de um corpo social ou institucional; e a discriminação, "[...] através do fechamento a certos bens ou recursos, certos papéis ou *status*, ou através de um fechamento diferencial ou negativo." (p. 53). Na segregação, o sujeito é separado do grupo e, na marginalização, apesar de não haver uma separação física, há uma ausência de interação e integração com os outros (NAKAGAWA, 2018).

Essa nova geração, denominada segunda geração, é constituída pelos filhos das crianças e adolescentes que outrora migraram com os seus pais para o Japão e lá se "estabeleceram". Esses pais enfrentaram dificuldades de inserção dos filhos nas escolas japonesas, que muitas vezes se evadiram ou não concluíram os seus estudos, chegando no máximo ao *Chūgakkō* ou *Koukou*.

Como observado, apesar das conquistas na área educacional, as redes de ensino japonesa e brasileira, no Japão, apresentam deficiências quanto ao processo educativo e de socialização. Portanto, cabe investigar quais as implicações psicossociais que tais experiências evocam nas crianças e as consequências de tais escolhas, na formação da identidade e pertencimento.

A falta de motivação e perspectiva escolar reflete na alta taxa de evasão dos estudantes brasileiros, tanto nas escolas brasileiras quanto japonesas. Entretanto, sendo a educação uma ferramenta essencial para a progressiva integração e expansão da comunidade brasileira, no Japão, precisamos pensar em meios de amenizar as dificuldades e fomentar as potencialidades. Como uma alternativa a essa questão, há autores que defendem o *after school* ou a "escola bilíngue[70] como uma alternativa superior à escola brasileira e à escola japonesa, mas chamam a atenção para a baixa capilaridade desse modelo, em função dos elevados custos envolvidos." (BUGARIN, 2017, p. 3).

É importante assinalar, no entanto, que, "[...] em um movimento migratório, não existe uma única experiência, homogênea, vivenciada e contemplada da mesma maneira pelos migrantes/atores sociais." (SASAKI, 2000b, p. 97). Assim, devemos entender e respeitar as especificidades de cada criança e adolescente, pois a experiência de migração é observada, interpretada e vivida de modo singular por cada sujeito e família.

[70] "A escola bilíngue é aquela que segue os dois currículos nacionais, o japonês e o brasileiro, e que garante um nível de aprendizado do currículo japonês compatível com aquele obtido na escola japonesa e um nível de aprendizado do currículo brasileiro compatível com aquele ensinado no Brasil." (BUGARIN, 2017, p. 18).

3. OS IMPACTOS DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Neste terceiro capítulo, iremos tecer conceitos sobre os aspectos gerais que caracterizam o período da adolescência, bem como o desenvolvimento da identidade, pertencimento e a socialização dos jovens brasileiros que vivem no Japão. Abordaremos as implicações do processo de imigração na crise de identidade, isolamento social e desamparo psíquico, a partir da abordagem psicanalítica.

Procuraremos, neste capítulo, construir uma visão ampla dos fenômenos relativos à migração dos adolescentes no Japão, o processo de assimilação e aculturação destes, na sociedade japonesa, e as dimensões subjetivas que implicam a questão identitária. Também iremos abordar a questão da família, mediante a transmissão psíquica e vincularidade. Assim, o principal objetivo é compreender como opera a formação da identidade, numa experiência migratória nos sujeitos em deslocamento.

3.1 O processo de adolescer

A adolescência é um período marcado por mudanças de diversas ordens, tais como físicas, fisiológicas, mentais, comportamentais, emocionais e psíquicas. Entre as mudanças físicas, temos a maturação biológica com estirão de crescimento e mudanças na composição corpóreas. Nas mudanças comportamentais e emocionais, percebemos a impulsividade, distanciamento dos pais, necessidade de pertencer a um grupo, interesses sexuais, conflitos de identidade, escolha profissional, entre outras. As mudanças são singulares, sentidas e vivenciadas de formas diferentes por cada adolescente, assim, não devemos generalizar a categorização de tal período, mas pensar em “adolescências” marcadas e atravessadas de acordo com a realidade, cultura e projeções que recebe da sociedade em que vive (CARRETEIRO, 2012).

Apesar de haver, na adolescência, uma sequência de maturação e idade pré-estabelecida para definir essa fase, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS/1999), a pré-adolescência vai dos 10 aos 14 anos, a adolescência dos 15 aos 19 anos completos e juventude dos 15 aos 24 anos; porém, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990), a adolescência corresponde à faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos – com efeito, a idade cronológica não se constitui um critério único de maturação e mensuração. Assim, “[...] na adolescência, a idade cronológica deixa de ser um parâmetro seguro para a caracterização biopsicossocial de um determinado indivíduo”, uma vez que “adolescentes de mesma idade frequentemente estão em fases distintas da puberdade, pois

esta tem início e ritmo de progressão muito variáveis entre eles." (CHIPKEVITCH, 2001, p. 135).

Neste ponto, torna-se preciso diferenciar adolescência de puberdade, já que a maioria dos eventos puberais "[...] se correlacionam mais com determinadas fases da puberdade do que com a idade cronológica." (CHIPKEVITCH, 2001, p. 135). A puberdade, sendo um fenômeno universal, não tendo a idade cronológica como um parâmetro para a caracterização biopsicossocial, é marcada pela maturação biológica e por várias mudanças hormonais e físicas, rápidas e impetuosas, como estirão de crescimento, maturação de caracteres sexuais, modificações da composição corpórea, menarca, surgimento de pelos, espinhas, entre outros.

Logo, é comum encontrarmos adolescentes com a mesma idade em fases distintas da puberdade, uma vez que esta tem ritmo e progressão variáveis (CHIPKEVITCH, 2001). A adolescência, sendo uma etapa intermediária do desenvolvimento humano entre a infância e a fase adulta, é um fenômeno psicossocial decorrente das transformações culturais e sociais, tendo relação direta com a idade cronológica e com as mudanças sociais e psicológicas. Vale ressaltar que, segundo Marty (2006), as transformações psíquicas tendem a ser impulsionadas pelas mudanças corporais que são incorporadas à realidade psíquica, ou seja, "[...] o processo da adolescência é antes de tudo o acontecimento pubertário." (p. 121).

Outra distinção, não consensual entre os estudiosos, está no uso dos termos adolescência e juventude. Segundo a OMS, a juventude é caracterizada dos 15 aos 24 anos e, para Gomes e Caniato (2016, p. 134), "[...] a adolescência é um termo privilegiado no campo da Psicologia e da Psicanálise, que tem como foco a singularidade do sujeito e de sua experiência subjetiva; já a noção de juventude é mais utilizada no campo da Sociologia e da História, as quais priorizam uma leitura do coletivo."

De acordo com a perspectiva adotada, diferentes olhares são lançados ao processo de adolescer. A perspectiva desenvolvimentista, por exemplo, concebe a adolescência como um período de transição entre a infância e a fase adulta, sendo uma etapa universal e natural do desenvolvimento humano e que possui características específicas, como rebeldia, agressividade, impulsividade, insegurança etc. como consequência das mudanças biológicas e hormonais[71] (GOMES, 2017). Já para a perspectiva histórica e social, "[...] adolescência é, primeiramente, um fenômeno social contemporâneo, com características específicas que o

[71] "Nessa perspectiva, se reforçamos a ideia de manifestações naturais na adolescência, dificultamos a possibilidade de o sujeito se expressar em sua singularidade, ou ainda corremos o risco de não escutar a sua manifestação, encaixando-a nos padrões de anormalidade e normalidade consolidados pelos discursos desenvolvimentistas e reforçados pelos ideais modernos." (GOMES, 2017, p. 249).

atrelam particularmente ao contexto socioeconômico e político destes últimos sessenta anos, neste universo globalizado" (MATHEUS, 2012b, p. 724). Desse modo, a adolescência é uma construção social com base nas relações sociais, condições de vida, cultura e sociedade em que o indivíduo está inserido.

A cada geração, a representação e os conflitos vividos pelos adolescentes vão se modificando, mediante o momento histórico vivido. Assim, segundo Gomes (2017), nos anos 1960 e 1970, a geração dos jovens ficou marcada como idealista e utópica, enquanto, nos anos 1980, foi considerada individualista, consumista e indiferente aos assuntos públicos, nos anos 1990, foi representada pela rebeldia e, nos anos 2000, ganha destaque o prolongamento da adolescência, sendo este um fenômeno característico do nosso tempo.

A adolescência, como área de turbulência no percurso da vida humana, devido às várias mudanças que essa fase impõe, é caracterizada geralmente como um período de instabilidade emocional, pela busca da satisfação imediata, baixa tolerância à frustração e comportamentos/sentimentos contraditórios (FERNANDES, 2016). Segundo Aberastury e Knobel (1981), a adolescência é um ciclo do desenvolvimento caracterizado por lutos, diversos conflitos e desequilíbrio com os quais o sujeito precisa lidar, tais como: o luto pelo corpo e objetos infantis, pelos pais idealizados da infância, pelo lugar/*status* de infância perdida, bissexualidade infantil, sentimento de onipotência, crise e constituição da identidade, planejamento futuro, entre outros.

Os autores supracitados nomeiam essa passagem e a elaboração desses lutos como a "síndrome normal da adolescência". Nessa perspectiva, cabe ao adolescente processar e elaborar os lutos concernentes a essa fase da vida, "[...] apropriar-se de uma nova imagem de si e encontrar um novo lugar no laço social" (FERNANDES, 2016, p. 11), sendo este um momento crucial na busca de um novo sentido do Eu, onde se procura compreender seu papel no mundo, o lugar ao qual pertence e sua identidade em face de uma confusão que se instala nessa transição da infância para a fase adulta (UENO, 2010).

A perda do lugar infantil, antes outorgada pelos pais, gera um movimento de luto, algumas vezes de resistência e, posteriormente, a busca por um novo lugar e papel social. Esse movimento de resistência para elaborar e simbolizar a separação dos pais, do posto e corpo infantil, pode ser observado nos comportamentos infantilizados e nas constantes ambivalências de reações apresentadas pelos adolescentes, que ora lutam para manter o lugar de infância e ora reivindicam o lugar de adolescente/adulto. Simultaneamente a esse processo, vivenciam sentimentos contraditórios em relação às figuras parentais, ora manifestando afeto, dependência, obediência e submissão, ora irritabilidade, rebeldia, confronto e exigência de

autonomia e emancipação. Por conseguinte, há um movimento de oscilação entre a condição de dependência e a busca por autonomia (GOMES; CANIATO, 2016). Segundo Fernandes (2016), há uma certa agressividade projetada nos pais, vistos como perseguidores e opressores, e um movimento de desinvestimento nessas figuras, enquanto primeiro objeto edipiano de amor, o que implicará um inevitável processo de luto.

Os pais, por sua vez, também experienciam o processo de adolescer do filho de forma ambivalente, ora o tomando como um estranho, potencial rival e não mais identificado ao grupo familiar, ora apoiando a autonomia do filho, ao reconhecer neste um semelhante que reativa as experiências passadas dos próprios pais. Há um sentimento paradoxal, pois, ao mesmo tempo que é preciso garantir a separação e a individuação do filho, para que ele cresça, há um receio dessa desvinculação e uma tendência a aprisionar o filho na teia dos valores e ideias familiares (FERNANDES, 2016). Por isso, os pais também expressam um sofrimento, resistência e ambivalência, ao lidar com a perda do seu lugar idealizado e se desprender do filho da infância, vendo que este está crescendo e se distanciando. Nesse processo, alguns pais podem tentar manter e aprisionar o filho no lugar de infância e reprimir qualquer manifestação da adolescência:

> Ocorre que também os pais vivem os lutos pelos filhos, precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil. Agora são julgados por seus filhos, e a rebeldia e o enfrentamento são mais dolorosos se o adulto não tem conscientes os seus problemas frente ao adolescente. O problema da adolescência tem uma dupla vertente, que, nos casos felizes, pode resolver-se numa fusão de necessidades e soluções. Também os pais têm que se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias de sua parte. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 15).

Assim, tanto os filhos quanto os pais precisam elaborar os lutos próprios desse processo e desfazer-se dos aspectos mais imaturos e infantis (JORDÃO, 2008). A elaboração desse luto, de acordo com Aberastury e Knobel (1981), exige uma desestruturação e reestruturação no psiquismo de todos os envolvidos, os quais "[...] precisam estar presentes o suficiente para lhe permitir suportar sua própria tomada de distância, mas, ao mesmo tempo, não presentes demais a ponto de não darem espaço para sua diferenciação" (FERNANDES, 2016, p. 50), na busca da consolidação de um novo lugar/papel social e de uma identidade. "Faz-se fundamental, portanto, ressignificar os lugares e papéis até então ocupados, reformular-se subjetivamente para que se possa adquirir uma identidade própria, condizente com seu desejo, e não alienada ou subordinada às figuras parentais." (JORDÃO, 2008, p. 165). No entanto, para que o adolescente possa alcançar uma nova posição subjetiva, os

aspectos que envolvem a resolução da problemática identitária precisam encontrar eco em seu contexto familiar (FERNANDES, 2016).

Segundo Knobel (1992), no processo de adolescer, o sujeito procura estabelecer sua identidade adulta, a partir das identificações e internalizações ocorridas na infância, por meio das relações parentais e sociais. Blos (1998, p. 8) sinaliza que "[...] os fenômenos complexos da adolescência são edificados sobre antecedentes específicos que se situam na primeira infância." Há então uma clara relação entre a primeira infância e o desenvolvimento adolescente, quando "[...] as transformações da puberdade são determinadas de maneira significativa pelas experiências infantis." (BLOS, 1998, p. 49). Nesse processo, o adolescente experimenta uma complexidade de emoções e sensações das quais tem escassas capacidades de lidar e ter controle. Essa instabilidade psíquica pode se refletir inclusive em alguns distúrbios emocionais no adolescente[72] (FERRARI, 1996). Com efeito, essa é uma fase que "[...] obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua autoimagem infantil e a projetar-se no futuro da sua vida adulta." (KNOBEL, 1992, p. 26). Nesse percurso, instala-se o que Erikson (1987) chamou de crise de identidade normativa, marcada pelo choque entre o desenvolvimento biológico e o social, na organização e estruturação do indivíduo.

Pierre Benghozi (2010) reforça que a adolescência não é vivida apenas pelo adolescente, mas por todo o grupo familiar, porque as transformações ocorrentes nesse período geram tensões na malhagem dos vínculos familiares e atualizam os processos que estiveram presentes na adolescência dos seus pais. "Assim, com a adolescência de um de seus membros, é todo o grupo familiar que fica implicado no processo de adolescência. Nesse sentido, toda adolescência é também adolescência familiar." (BENGHOZI, 2010, p. 90).

Para explicar como ocorre a transmissão psíquica entre as gerações, Benghozi emprega a metáfora de uma rede[73], que liga os vínculos e laços psíquicos de filiação e de afiliação, na qual a malha seria a disposição e a agenciação desses vínculos. Para Benghozi (2010), a malha é a rede constituída pelos laços de filiação, que se dá entre os ascendentes e descendentes, apoiada na base biológica, e afiliação, determinada pelo pertencimento a um grupo, comunidade ou a uma instituição, amparada no social. A disposição desses vínculos forma a malha e a malhagem, que "[...] é o trabalho psíquico de construção-desconstrução e de organização dos vínculos." (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016, p. 151). Conforme

[72] Tais como anorexia, bulimia, escarificações, somatização, depressão etc.

[73] "O pensar a metáfora da rede no campo do vincular nos permite imaginar o sujeito, seus vínculos e a cultura como fios de uma trama que se entrecruzam, se juntam, se separam e onde há também pontos vazios." (GOLDSMID, 2009, p. 15).

Benghozi (2010), o processo de malhagem, que é determinante para a estruturação do ego, é dinâmico e sujeito a reestruturações ou rupturas de acordo com as crises e contingentes sociais[74] que podem resultar em desmalhagem e remalhagem. Logo, o lugar central e as transformações que a adolescência experimenta nos envelopes psíquicos individual e familiar, bem como o processo intenso de afiliação a outros grupos, ameaçam a manutenção dos pactos e alianças familiares, e a malha de vínculo de filiação sofre um tensionamento, podendo levar a um rompimento dessa rede.

Nessa perspectiva de reorganização dos vínculos familiares em torno da adolescência, Benghozi (2010) assinala que esse período pode ocasionar três tipos de crises e remalhagem no núcleo familiar, de acordo com a capacidade e recursos que seus membros têm de acolher e apoiar às mudanças psíquicas, sociais e biológicas vivenciadas pelo adolescente. Os três tipos de crises que podem provocar possíveis vulnerabilidades nos vínculos são: a crise da adolescência, adolescência em crise e adolescência-catástrofe.

Na crise da adolescência, a malha do continente grupal familiar resiste, ou seja, a capacidade de a família tolerar e lidar de forma saudável com as transformações decorrentes do processo de adolescer está preservada. Já na adolescência em crise, a malhagem se rompe parcialmente e a função de continente familiar fica enfraquecida e apresenta dificuldade em sustentar as mudanças do adolescente. Por fim, na adolescência-catástrofe, há o rompimento da malha e a família se encontra impossibilitada de conter a experiência do adolescente (BENGHOZI, 2010).

Benghozi (2010) nomeia como anamorfose as crises originadas em decorrência das transformações subjetivas, sociais e corporais, "[...] que é um processo também familiar, pois essas ressoam nos outros membros da família e requer investimento afetivo para ele se adequar à mudança e assim assegure sua sobrevivência e identidade." (FERNANDES, 2019, p. 48). As transformações na adolescência têm efeitos potencialmente desorganizadores da vida psíquica do indivíduo e da família; assim, o apoio narcísico parental é primordial para a travessia saudável deste adolescer:

> Em resumo, a crise é um atributo da adolescência em dupla acepção: individual e grupal. No plano individual, a adolescência corresponde a um período de instabilidade decorrente das reconstruções que lhe são próprias e, no plano grupal, ela se exprime pelo conflito entre gerações, como ameaça ao narcisismo grupal; por isso, configura-se, de acordo com Kaës (1988), como uma "crise do vínculo". (FERNANDES, 2016, p. 43).

[74] Tendo como lastro essa teoria, os processos migratórios, segundo Benghozi (2010), podem também produzir desmalhagem e provocar crises nos sujeitos.

Outro aspecto presente na adolescência é o comportamento de imprudência e "rebeldia" que alguns apresentam, quando o grupo fornece "[...] uma espécie de autorização e incentivo das experiências transgressivas, essenciais para a simbolização da lei e a relação com as restrições impostas por esta." (GOMES, 2017, p. 252). Anna Freud afirma que a adolescência é uma segunda edição da infância, na qual "[...] um id relativamente forte enfrenta um ego relativamente fraco." (1936/2006, p.15). Assim, outra característica dessa fase é o sentimento de onipotência e aspectos maníacos de que "tudo posso" (FERRARI, 1996). Esse sentimento de onipotência pode levar alguns adolescentes a terem comportamentos de risco, a se envolverem em situações de perigo e a confrontar tudo o que os pais dizem e orientam. Esses atos, os quais podem ser interpretados como rebeldia, constituem um modo que o adolescente encontra para testar a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo, demonstrando que consegue tomar as próprias decisões sobre si.

Blos (1998) classifica a adolescência como um período de conflitos e exigências que acarreta o desprendimento dos objetos internalizados e investimento nos objetos fora do núcleo familiar. Para que o adolescente possa se entender e reconhecer como um ser único e singular, é comum seu afastamento das figuras paternas e com o discurso familiar, que tanto os influenciaram na infância, e a busca de maiores participações sociais por meio de grupos que compartilham os mesmos interesses, opiniões e gostos, procurando modos de se representar junto aos outros, alheios ao núcleo familiar. Esse processo acontece na adolescência inicial. A respeito dessa questão, Blos (1998, p. 102) assinala:

> Tanto o menino como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetais antigos tem início. Esse processo atravessa várias fases até chegar, por fim e idealmente, ao estabelecimento de relações objetais maduras. O caráter marcante da adolescência inicial está na decatexia dos objetos amorosos incestuosos; assim, a libido objetal que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Segundo Jordão (2008, p. 161), "o afastamento do adolescente em relação ao discurso, opiniões e ideais dos pais evoca, muitas vezes, sentimentos de ameaça, frustração e de inutilidade nos pais." Contudo, esse distanciamento do véu protetor dos objetos primários de amor e ressignificação das referências herdadas, que algumas vezes é interpretado de modo equivocado pelos pais, os quais podem entender que estão perdendo o seu filho ou que ele não gosta mais da sua companhia, sentindo-se rejeitados e excluídos, é extremamente importante e saudável para os adolescentes, pois traz a possibilidade de separar-se de certas repetições e introjeções do seio familiar (MATHEUS, 2012a):

> A desvalorização das figuras parentais e das referências sociais por elas transmitidas é, à custa de uma fragilização egoica, um movimento no sentido de encontrar a singularidade, caminho necessário para que os remanejamentos identitários sejam efetivados. O vínculo formado com base na reciprocidade narcísica possibilita que o amigo seja idealizado e que o adolescente seja reconhecido em suas qualidades, fortalecendo a imagem que tem de si mesmo. (FERNANDES, 2016, p. 55).

Nesse período, para Freud (1905/1996), há uma reativação do Complexo de Édipo, de sorte que as fantasias de parricídio e incesto se intensificam, devido à maturidade física e sexual, exigindo o desligamento com as figuras parentais, sendo esta uma etapa dolorosa e crucial ao desenvolvimento psíquico, uma vez que cria oposições entre as gerações e propicia um avanço cultural intrafamiliar, ao mesmo tempo que põe em risco o equilíbrio pulsional e narcisista de toda a família. Na verdade, a separação do adolescente com o núcleo familiar e a adesão a outros grupos, além de ameaçar as alianças, pactos e valores familiares, põe em xeque os limites entre o interior e exterior do grupo familiar (FERNANDES, 2016).

Partindo da compreensão psicanalítica do sujeito como sujeito do grupo e do vínculo, a participação do adolescente em outros ciclos sociais, por meio de novos investimentos pulsionais que não os familiares, é profícua para sua expansão enquanto indivíduo e necessária para o processo de separação-individuação e a busca de sua identidade, remetendo à dimensão intrapsíquica e intersubjetiva, visto que a constituição dos adolescentes se dá "[...] na/pela relação com o outro, pela via social, cultural e por meio de processos identificatórios." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 133).

> Testemunhamos na adolescência um segundo passo para a individuação, tendo o primeiro sido dado por volta do final do segundo ano, quando a criança experimenta uma distinção fatídica entre o "eu" e o "não-eu". Uma individuação semelhante, e muito mais complexa, ocorre durante a adolescência, que leva em seu passo final a um senso de identidade. (BLOS, 1998, p. 19).

Nesse movimento de individuação, o adolescente busca, nesses novos grupos, criar seus próprios sistemas semióticos e elementos identificatórios (como as gírias, modo de agir, estilo de vestimenta etc.) que fazem parte da cultura juvenil típica de cada geração/sociedade e fortalecem o sentimento de pertencer que se constitui como um tecido do "quem sou eu", ou seja, o sentimento de pertencimento sustenta a identidade. Portanto, enquanto, na infância, a identificação e a imitação eram os principais mecanismos utilizados para aprender e socialização, na adolescência, a diferenciação é a estratégia responsável pela afirmação e construção de sua identidade, onde sua individualidade é encenada (OLIVEIRA, 2006).

Ao se diferenciar dos pais e romper com os vínculos de dependência, através de um certo distanciamento e tentativa de separar-se, o adolescente procura, nos grupos que constitui, o suporte coletivo, fontes de gratificação e investimento psíquico para compor uma identidade diferente daquela proporcionada pelo laço familiar. Conforme propõe Rouchy (2001, p. 135), "[...] a necessidade de pertencer, de ser reconhecido, de existir para si mesmo e para os outros, vai se deslocar para outros grupos." Nesse processo de pertencimento secundário, transfere para o grupo de amigos, onde se sente mais compreendido, uma dependência substitutiva à vivenciada com os pais, seu investimento narcísico e parte da relação de dependência afetiva que tinha com a família. Essa tendência grupal e laço social, necessária para construção de uma nova identidade, é sustentada pela necessidade de pertencer, sem perder de vista a necessidade de ser reconhecido como um indivíduo único e singular. A representação que o adolescente tem de si, em grande parte, vai ganhando contorno, então, a partir da opinião e apreciação que os outros têm a seu respeito:

> O ideal de eu na adolescência se serve do grupo como substituição de identificação e de gratificação narcísica, logo, podemos considerar que o surgimento dos amigos e dos grupos como novos objetos de investimento amoroso e sexual representa algo narcísico, próximo de um objeto idealizado de si mesmo e projetado no(s) companheiro(s). (LEVISKY, 1998 *apud* GOMES; CANIATO, 2016, p. 136).

A partir dessas novas ligações sociais e apropriações identificatórias, onde o Eu é formado e modificado pelas múltiplas identificações, a subjetividade do indivíduo vai se constituindo. "Pode-se dizer que a identificação possibilita a elaboração da constituição subjetiva, operando a partir de modelos parentais e sociais que servem de referência, sendo, portanto, um processo singular que pode ocorrer em várias direções." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 135). Desse modo, a "[...] identidade será resultado do reconhecimento e elaboração de diversas identificações parciais, que vão se incorporando no sujeito, desde os primórdios, pela introjeção de valores parentais e sociais." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 135). Vale ressaltar que esse processo de aquisição/formação de novas identidades na adolescência não suprime as anteriores e que o processo de identificação prossegue por toda a vida do sujeito.

No texto *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921/1996), Freud trata a identificação sob o protótipo da incorporação, onde o laço afetivo se estabelece com base na qualidade e semelhança que o sujeito percebe entre ele e o objeto, permitindo a inscrição e o laço do sujeito em um grupo. Por isso mesmo, segundo Fernandes (2016), nesse período, transcorrem atos de afirmação identitária, a fim de estabelecer um sentimento de unidade, o qual é buscado e encontrado dentro de um grupo, capaz de dar sentido e representar as

transformações vividas, uma vez que "[...] o grupo de iguais proporciona um espelho para testar a normalidade das próprias transformações e fornece os meios de apaziguar a ferida narcísica ligada à separação." (p. 55).

A necessidade de pertencer a um grupo, comum ao momento da adolescência, é um aspecto essencial na cultura japonesa, pois, para ela, o pertencimento é definidor de cada sujeito. Entretanto, nem sempre a inserção e a conquista de um espaço próprio a um grupo é uma tarefa fácil, ainda mais naquela cultura, onde "[...] o diferente, aquele que destoa do grupo, sofre exclusão e não é considerado confiável." (DANTAS; UENO; LEIFERT; SUGUIURA, 2010, p. 51). Assim, muitos jovens brasileiros, em sua condição estrangeira e errante, não conseguem se integrar aos grupos de japoneses, dentro e fora da escola, e, frente a essa exclusão, permanecem conectados e isolados nos grupos de imigrantes brasileiros, aspecto este que será tratado em outro subcapítulo.

> Desta perspectiva, estar de fora (das redes) é ocupar a posição de estrangeiro, ser o elemento estranho a uma suposta identidade compartilhada, referência identitária que sustenta cada coletividade e que, idealizada, impõe-se como padrão de uniformidade e coesão, a partir do qual o diferente é discriminado. (MATHEUS, 2012a, p. 85-86).

Durante essa fase da vida, a família e a sociedade também depositam no adolescente muitas expectativas. As projeções familiares, em face daquilo que seus pais não foram e gostariam de ser, são depositadas no adolescente, como um "mandato geracional", e esse lugar social ofertado a ele pode tornar-se um peso. Assim, segundo Matheus (2002), os ideais das gerações precedentes, projetados nos adolescentes, cumprem um papel de destaque nessa fase da vida e, conforme aponta Ferrari (1996, p. 5-6), o adolescente pode ser "[...] onerado pelo maciço condicionamento de suas projeções, que o torna vulnerável aos apelos ideológicos." Ora, ao fazer seu planejamento de vida, é necessário que o adolescente possa se desvincular das expectativas e demandas parentais, para se diferenciar e bancar seus desejos. A nova geração precisa "[...] processar os ideais herdados, transformando-os de forma a negar ou reafirmar a mensagem transmitida pelas gerações anteriores." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 134).

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996), Freud afirma que o sujeito traz como herança os sonhos e desejos parentais que não foram concretizados, portanto, há um retorno ao próprio narcisismo primário dos pais. Nessa obra, Freud ressalta que o filho é o portador dos sonhos do narcisismo primário dos pais, renascido e investido nesse filho, desenvolvendo o conceito de ego ideal como o resultado desse investimento narcísico dos pais. Com isso, destaca que todos teremos um enfrentamento decorrente de tal investimento,

que é servir de elo numa cadeia geracional e, assim, somos todos portadores de uma herança geracional.

A noção de ideal, segundo a Psicanálise, aponta para o lugar que o outro ocupa na dimensão social e psíquica dos sujeitos, balizando os ideais do Eu e os ideias culturais.[75] Assim, o sujeito se constitui ancorado nas operações identificatórias e nos ideais culturais presentes nos discursos dominantes que o rodeiam e que são determinantes nos caminhos identitários que o sujeito percorrerá, sinalizando a este o percurso necessário para que ele seja reconhecido e valorizado pela sua comunidade e pelo seu grupo social de referência (GOMES; CANIATO, 2016). Há, então, um impasse entre a dimensão familiar e a dimensão social, as quais fazem apelos aos adolescentes para que estes perpetuem uma certa ordem estabelecida, a partir das projeções e expectativas que neles são depositadas.

> Os conflitos do adolescente com a dimensão social são expressão, de uma parte, do conflito fundamental entre os desejos individuais e as exigências de subordinação social e, de outra, consistem numa tentativa de corresponder aos ideais coletivos. Uma vez que a condição de mal-estar é inerente à cultura, é de se esperar que a adolescência, como momento importante de adesão ao contrato social, represente certa instabilidade para o sujeito e o para o grupo. (FERNANDES, 2016, p. 38-39).

Outro movimento observado atualmente, devido às complexidades da vida contemporânea, é o prolongamento do período da adolescência,[76] que se caracteriza pela "[...] perseveração estática na posição adolescente que, sob circunstâncias normais, tem uma natureza de tempo limitado e transitório." (BLOS, 1996, p. 29). Segundo o autor supracitado e Gomes (2017), isso ocorre em razão do prolongamento da dependência financeira e afetiva aos pais; ao alargamento do tempo de escolaridade e formação profissional; a uma resistência de encarar as prerrogativas da vida adulta, como a escolha profissional, maturação sexual e estabelecimento de laços conjugais; ingresso tardio no mercado de trabalho e resistência a sair da casa dos pais, tentando manter as gratificações da infância e evitar o amadurecimento, autonomia e escolhas exigidas no final da adolescência. Jeammet (2005) utiliza o neologismo

[75] "Em *O mal-estar na civilização*, Freud (2010c [1930]) aponta que os ideais em sua face cultural exerceriam duas funções: a função protetora contra o desamparo e a função de auxílio na constituição de laços sociais. Desse modo, os ideais ofereceriam consolo para o conflito entre sujeito e civilização, bem como recursos para o sujeito lidar com a castração e os destinos pulsionais, se constituindo como elementos norteadores da cultura que oferecem referências para seus membros sobre aquilo que deve ser almejado." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 134).

[76] Vale ressaltar que, conforme pontua Fernandes (2016, p. 19), em seu trabalho, o "[...] prolongamento da adolescência, embora pareça compreender uma tendência geral, deve ser avaliada segundo classes sociais diversas. A perspectiva de continuar em situação de dependência com relação à família, como efeito do aumento dos anos de formação educacional e do adiamento do casamento, se expressa para os adolescentes das classes média e alta de maneira incisiva, diferentemente do que se passa com aqueles de classes populares.".

adultescência para designar esse fenômeno, frisando que está cada vez mais fácil fixar o início da adolescência e cada vez mais difícil determinar o seu fim.

Como podemos observar, mais do que um acontecimento biológico, a adolescência é uma experiência psicossocial (BLOS, 1998). Nesse processo, o pertencimento e as identificações são aspectos relevantes no processo de formação do jovem e em sua relação com o mundo. “Visto dessa forma, o laço social ocupa um lugar fundamental na construção da identidade, particularmente no decurso da adolescência” (AMPARO; ALVES; CARDENAS, 2004, p. 13), porque “[...] a presença do outro na formação do sentimento de identidade é fundamental para manter o sentimento de si mesmo.” (RESSTEL, 2019, p. 77). Nesse contexto, o desenvolvimento da identidade e do Eu, que se relaciona às dimensões de vinculação ao outro, pertencimento e territorialização, é tarefa crucial na adolescência.

3.2 Adolescência e migração

Levando-se em conta as questões do processo do adolescer abordadas no subcapítulo anterior, nós nos indagamos sobre a identidade e o pertencimento dos jovens que passam pelo processo de migração, visto que esta mobiliza o processo de construção/desconstrução da identidade do sujeito, por meio das trocas, assimilações e hibridização com a nova cultura, colocando em marcha a necessidade de criar pontos de identificação e pertencimento a um grupo social, através dos referenciais culturais e psíquicos simbólicos. Nos jovens, a vulnerabilidade e a crise de identidade ficam mais evidentes, devido ao ciclo de vida que estão passando, “[...] uma vez que estes irão fazer suas escolhas identitárias, mas também irão se afiliar ou desafiliar totalmente do país de origem familiar.” (MORO, 2015, p. 188). Assim, a necessidade de identificação e pertencimento, a qual permite ao jovem se reconhecer como sendo de algum lugar, é extremamente importante no processo de migração e na construção e ressignificação da sua identidade cultural.

Sabemos que a migração do sujeito contemporâneo não é algo totalmente nova, mas tem-se modificado ao longo do tempo. Desde os tempos imemoriais, o homem tem migrado em busca de condições melhores, mudanças e transformações (WEISSMANN, 2016). Segundo Carignato (2002, p. 26), “[...] levadas pelas ações do capital, guerras, desemprego e cataclismos naturais, as pessoas cruzam fronteiras em busca de trabalho e de sobrevivência”, no entanto, “[...] não é somente alimento e abrigo que atraem os migrantes. Eles partem fascinados pela perspectiva de uma vida melhor e de felicidade.”

> A mudança de país ocorre dentro de um contexto social, político e histórico que precisa ser compreendido. É preciso entender como as representações coletivas dadas em determinada época atravessam a vida de cada indivíduo e estão interconectadas com as motivações subjetivas daqueles que cruzam fronteiras culturais e se deparam com uma nova realidade cultural, política, social e psicológica. (DANTAS, 2015, p. 75).

Na verdade, a migração é um processo dinâmico mobilizado por motivações econômicas, sociais, políticas e subjetivas que promovem deslocamentos psíquicos. "Cada movimento migratório, no entanto, tem suas características próprias e estão atrelados a processos de socialização que muitas vezes podem levar a conflitos." (SILVA, 2017, p. 412).

Quando nos remetemos à migração dos *dekasseguis*, abordada no primeiro capítulo deste trabalho, e as dificuldades vividas nesse movimento migratório, conforme aponta Okamoto (2007), um aspecto a ser levado em consideração são as consequências familiares e psíquicas desse movimento migratório, "[...] que não dizem respeito ao ganho financeiro obtido por essas pessoas, mas as demais consequências e impactos que tal emigração tem causado, principalmente para a família, seus filhos e a comunidade nikkey." (p. 87).

> O deslocamento migratório implica ruptura do contexto externo que o cerca, o que "implica" uma desorganização do universo do sentido cultural interiorizado pelo paciente. A migração é um acontecimento sociológico, inscrito em um contexto histórico e político que não é sem consequências para os sujeitos. (MORO, 2015, p. 187).

Segundo Okamoto, Justo e Resstel (2017, p. 205), "[...] as experiências migratórias produzem impactos psicológicos consideráveis que são elaborados de maneira distinta, conforme as singularidades de cada um, inclusive, no que diz respeito à idade, à história e ao ciclo de vida." Assim, observamos com frequência que a idade e as condições em que a criança e sua família migram pesam consideravelmente na experiência da migração e fazem diferença no processo de permanência, adaptação e de identificação das crianças e adolescentes.

Quando as crianças nascem ou migram em idades precoces para o Japão, sentem menos o impacto da diferença cultural e da língua e, consequentemente, se integram mais ao país e assimilam com mais facilidade a nova realidade, percebem-se menos estrangeiras daquele local, podendo produzir identificações profundas com a cultura japonesa. Entretanto, se migram com uma idade mais avançada, podem encontrar mais dificuldades no processo de inserção à cultura japonesa e deparam com entraves na formação de pontos de identificação e pertencimento a um grupo social. Além da idade em que migrou, a forma e a duração da migração, condições de acesso, pertencimento e o tipo de rede de ensino frequentado

(brasileiro ou japonês) também terão reverberação no processo de identificação desse sujeito, pois "[...] o acontecimento migratório não é apenas um ato social, mas também psíquico que inaugura uma nova dinâmica subjetiva." (MORO, 2015, p. 187).

Um dos primeiros impactos em relação à identidade para as crianças e jovens *nikkeis* que migram mais tardiamente é que, enquanto no Brasil as características fenotípicas eram fatores suficientes para serem considerados japoneses, quando chegam ao Japão, são vistos como estrangeiros. Por conseguinte, no Brasil, são tidos como japoneses e no Japão, como brasileiros. Observa-se ainda que, mesmo após longo tempo de permanência no Japão, fortalecendo a identidade étnica e adquirindo a língua japonesa, geralmente não são considerados japoneses. Desse modo, estabelece-se um desencontro entre a identidade cultural *versus* a conceituação fenotípica, e a questão da identidade dessas pessoas é colocada em xeque, pois, mesmo em "[...] face a uma população fenotipicamente semelhante a eles, se percebem mais estrangeiros do que nunca." (OLIVEIRA, 1998, p. 807).

Algumas crianças brasileiras se inserirem na sociedade japonesa e mantém apenas algumas referências da cultura brasileira como um símbolo de sua origem. Além da imagem negativa muitas vezes associada ao Brasil, pela criminalidade, pobreza, por ser um país em desenvolvimento e por não o conhecerem pessoalmente, algumas crianças e jovens encontram dificuldades em ligar-se identificatoriamente com o Brasil, vivendo na sociedade japonesa. Alguns pais, ao verem desaparecer os traços da identidade brasileira nos filhos, entram em desespero, outros ignoram e outros, ainda, certos do retorno ao Brasil, não consideram a possível perda de identidade de seus filhos enquanto brasileiros como um problema, porque acreditam que, ao retomar ao país de origem, magicamente o filho irá recuperar a identidade brasileira.

As crianças e os jovens geralmente não participam da decisão de migrar para o Japão ou do retorno ao Brasil, mas são os mais afetados por esse movimento. Dependendo de como essa experiência for vivida e trabalhada pelos pais, a criança pode experimentar sentimento de insegurança, ansiedade e hostilidade, pois convive em ambientes e espaços psicossociais diversos. Para Nakagawa (2010), o estado em que essas crianças retornam ao país de origem está relacionado ao modo e estilo de vida que as mesmas tinham no Japão. Segundo Resstel (2014), há alguns fatores que são relevantes e influenciam a forma como ocorrerá a adaptação da criança, na escola brasileira, como a idade, o tempo de permanência na escola japonesa e no exterior, o grau de escolarização e o desconhecimento da língua portuguesa, sendo esta a principal barreira.

A maioria dos jovens, que atualmente reside no Japão, são filhos dos *dekasseguis* que vieram ao Japão no início dos anos de 1990 e lá se instalaram. São jovens que nasceram ou foram muito pequenos para o Japão, e enfrentam algumas dificuldades, quando o assunto é identidade e lugar de pertencimento.

De maneira geral, sem a pretensão de esgotar as possibilidades e respeitando as demais possíveis formas de inserção desses jovens no Japão, observamos que há quatro modos de os jovens brasileiros se estabelecerem e se integrarem ao país. Vale destacar que esses quatro modos foram elaborados pela autora deste estudo, embasado em sua experiência, observação e nas quatro variantes de aculturação descritas por Debiaggi[77] (2008): os *japonizados*, que são aqueles que incorporam a cultura japonesa e se tornam "perfeitos" japoneses; os *abrasileirados*, aqueles jovens que não incorporam a cultura japonesa em sua totalidade e se identificam como brasileiros, mesmo tendo nascido ou crescido em terra japonesa; os *duplamente aculturados*, os quais incorporaram as duas culturas e transitam uma pela outra, sem grandes questões, se sentindo meio brasileiro e meio japonês; e os *duplamente à margem*, que são aqueles jovens que não se sentem plenamente nem brasileiros ou japoneses e vivem entre as duas culturas, não conseguindo definir e nomear sua identidade cultural e pertencimento, de fato.

Os *japonizados* são aqueles que se consideram japoneses e têm o Brasil apenas como um lugar de referência onde seus pais nasceram, ou seja, são os *nikkeis* brasileiros, mas que possuem a identidade étnica japonesa. Por terem, em sua maioria, nascido ou migrado muito pequenos ao Japão e inseridos em escolas japonesas, devido às facilidades já apontadas no segundo capítulo deste trabalho ou pelo desejo dos pais em permanecer no Japão, foram desde cedo imersos na cultura japonesa e não mantêm referências identitárias com o Brasil e nem com os familiares que aqui permaneceram. Mediante tal inserção e apropriação da língua e costumes japoneses, como parte integrante de sua identidade, alguns jovens "[...] enfrentam o dilema de se autoidentificarem como brasileiros, uma vez que sua experiência de vida é basicamente no Japão." (ISHIKAWA, 2016, p. 13).

Eles incorporaram mais a cultura japonesa e não querem ser chamados e reconhecidos como brasileiros; geralmente sentem vergonha dos pais que falam o idioma português e não se identificam com os costumes do país de origem dos seus pais, e sentindo-se "estrangeiros" dentro do seu próprio lar. É comum, nesses casos, os jovens passarem a funcionar como

[77] Assimilação, separação, integração e marginalização.

tradutores da língua e costumes locais, mediando a fronteira entre a sua família brasileira e a comunidade japonesa onde vivem (FERNANDES; GOMES; LEVISKY, 2016).

Essa quase completa imersão e apropriação da cultura japonesa pode gerar angústias quanto ao projeto de vida desses jovens, pois, se não se sentem e não se identificam com a cultura brasileira, dificilmente vão querer voltar/ir para o Brasil e aqui permanecer, e, caso forem, por uma decisão/imposição familiar, terão dificuldade de adaptação, conforme aponta Resstel, em sua dissertação *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* (2014). Para esses jovens, "[...] o retorno será sempre um grande desafio e exigirá da criança ou do adolescente um esforço de re/adaptação" (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 205), ainda mais se tiverem estudado somete em escolas japonesas (RESSTEL, 2014):

> Essas crianças, além de lidarem com tantas perdas, como a vida em terras japonesas, os vínculos que lá construíram e deixaram para trás, também perderam o convívio com a cultura do país que elas consideravam familiar, além do mais, na chegada ao Brasil, perderam a única língua que até então conheciam e fazia parte do seu mundo. (RESSTEL, 2014, p. 195).

Caso permaneçam no Japão e se integrem à cultura e à língua, podem concluir os estudos, obter o diploma universitário e galgar melhores postos de trabalho. Como aponta um movimento mais recente, existem jovens brasileiros que estão ingressando nas universidades japonesas e, com a formação universitária, conseguem melhores oportunidades de emprego qualificado, segundo se verifica na reportagem da BBC News Brasil (2019) intitulada "Filhos de brasileiros no Japão começam a superar barreiras no mercado de trabalho qualificado."[78] Esses jovens, no entanto, por se identificarem com os japoneses, poderão sentir vergonha e dificuldade em reconhecer e aceitar sua identidade brasileira.

Já os *abrasileirados* incorporam poucos aspectos da cultura japonesa e se identificam como brasileiros, mesmo em face do longo tempo de permanência no Japão. Sua inserção no Japão se dá de uma maneira peculiar, não se integrando à sociedade japonesa, mas formando redes sociais específicas de apoio que reproduzem os hábitos e costumes brasileiros. Ou seja, são os sujeitos que vivem nos grupos de brasileiros e pouco alargam suas possibilidades de conexão e inclusão com o povo japonês. "Em busca da preservação da subjetividade, o sujeito se fecha em seus arcabouços identificatórios." (SILVA, 2015, p. 86). Sua identidade cristalizada e alienante retira o sujeito da condição desejante e o mantém apegado ao seu país natal como garantia, imaginariamente, de pertencimento (ROSA; BERTA; CARIGNATO;

[78] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48522436. Acesso em: 14 jan. 2021.

ALENCAR, 2009). Os ditos *abrasileirados*, geralmente, são aqueles adultos que possuem dificuldade de imersão na cultura e língua japonesa, crianças que emigraram tarde ou jovens que estudam em escolas brasileiras ou japonesas, no Japão, e logo perdem o interesse em estudar, avançam pouco no aprendizado da língua japonesa, se mantêm nas rodas de amigos brasileiros, evadem-se da escola e começam a trabalhar cedo.

O abandono escolar é justificado, entre outros fatores, pela circunstância de a educação do Ensino Fundamental não ser compulsória para as crianças migrantes, segundo a Constituição do país. Assim, mesmo tendo descendência, fica a cargo da família a formação cultural, intelectual e social de seus filhos. A difícil compreensão do idioma japonês também é outro agravante para o abandono escolar junto com a exclusão, isolamento e *ijime* que alguns sofrem por parte dos japoneses (NOZAKI, 2015). Conforme aponta Nakagawa (2010, p. 17), "[...] quando a criança deixa de frequentar a escola não ocorre propriamente um processo de evasão, mas a exclusão na e da escola. Começa sendo excluída na escola e depois acaba sendo excluída da escola."

> Cientes de suas condições, as crianças brasileiras rapidamente compreendem que a obrigatoriedade escolar não deve ser levada a sério, e que a educação escolar não tem qualquer propósito para elas, já que seu destino é o ingresso no mercado de trabalho, ou seja, no trabalho nas fábricas, para onde também vão os japoneses que cursaram somente até o Ensino Secundário. (NOZAKI, 2015, p. 400).

Para os adolescentes que frequentam a escola brasileira no Japão, o desinteresse pelos estudos parece emergir de modo mais incipiente. Por estarem inseridos na rede de ensino brasileira e muitas vezes sem uma perspectiva de retorno ao Brasil, não veem a aplicabilidade daquilo que estudam. Outros não se apropriam da língua japonesa, uma vez que não precisam utilizá-la em grande escala no seu dia a dia; tendo dificuldade de inserção e integração à comunidade japonesa, acabam não vendo vantagens em dar continuidade aos estudos, por não terem perspectivas de ingressar em uma universidade japonesa e de galgar postos mais qualificados de trabalho.

Sem a escolarização concluída, o adolescente pode comprometer a possibilidade de ascensão e garantir uma posição social bem-sucedida, caminhando para uma condição de desqualificação social. "Com todos os adultos ao seu redor trabalhando nas fábricas, sem conseguir vislumbrar perspectivas de futuro, preferiram abandonar o 'vir a ser', substituindo-o pelo desejo de 'ter'." (NAKAGAWA, 2010, s/p). Desse modo, optam por não concluir os estudos e trabalhar em fábricas para ter ganhos financeiros e satisfazer o desejo pelo ter, como fizeram os seus pais.

Existem, ainda, relatos de jovens que adentram o mundo da criminalidade, se filiando a gangues e grupos que praticam atos delinquentes, sendo essa uma forma de pertencimento que esses jovens encontram. Como aponta Ueno (2010, p. 11), "[...] em meio à ausência física concreta das figuras parentais, tomados pela tarefa do trabalho extenuante e à indisponibilidade simbólica destes", alguns jovens encontram na criminalidade e nos grupos aos quais pertencem uma estrutura familiar alternativa.

Já os chamados, neste estudo, de *duplamente aculturados*, são aqueles que se integram bem às duas culturas, apesar de sempre uma se sobressair à outra, e incorporam a diversidade cultural, transitando pelas diferentes culturas, compondo sua identidade e lugar de duplo pertencimento, entre o Japão e Brasil. Para esses jovens, há um enriquecimento pessoal e cultural em sua formação enquanto sujeito, pois agregam as duas culturas, constituindo-se no "entre" os dois países:

> Aqueles filhos que vivenciam o sistema de duplo pertencimento se deparam em um conflito de lealdade entre os dois modelos culturais, o intrínseco (a cultura do país de origem) e o extrínseco (a cultura do país de adoção), como se a escolha de um país significasse o abandono de outro. A não desvalorização do país de adoção poderá promover a inclusão num modelo de adição e não de subtração, assim, o imigrante poderá construir a sua vida articulando e circulando em ambas as culturas. (RESSTEL, 2019, p. 84-85).

Eles não negam nenhuma das duas culturas e coligam traços de ambos os países, constituindo-se como nipo-brasileiros, por meio de acesso e passagem de uma cultura a outra sem conflito. "Assim, trazem consigo, como sujeitos híbridos, a cultura de dois países que são extremos opostos, amalgamada numa subjetividade duplamente social." (RESSTEL, 2014, p. 20).

> Isso não significa que esse sujeito adira a todas as culturas como um todo, mas, que, a partir da construção da interculturalidade, consegue fazer suas as partes de cada uma das culturas pelas que transitou, estruturando uma rede interna própria que diz respeito às marcas culturais. (WEISSMANN, 2016, p. 186).

Os *duplamente aculturados* constituem o que Hall (2005) chama de identidades híbridas, comuns à globalização, compondo ao mesmo tempo várias identidades, mediante a inserção e contato entre tradições culturais distantes e diversas. Segundo Naputano (2012, p. 108), "[...] híbrido não é uma soma e sim o próprio processo dos elementos que constituem a formação cultural, em outras palavras, a ideia de hibridismo é relacionada ao processo de encontro e de produção de novas matrizes de identificação."

Por outro lado, há os que estão *duplamente à margem*, os quais não incorporam nenhuma das culturas plenamente e se encontram à margem da sociedade, por estarem

duplamente desfiliados ou expatriados, acarretando numa perda ou confusão de identidade e um desamparo psíquico. O *duplamente à margem* é aquele sujeito que "[...] sempre ocupa uma posição marginal, situando-se à margem da cultura dominante, pois esta não lhe pertence, de fato e de direito." (WEISSMANN, 2016, p. 73). Nesse caso, segundo Dantas (2012, p. 118), "[...] o indivíduo fica como que suspenso, geralmente num estado de conflito pessoal e social entre as duas culturas."

Por viverem uma dupla realidade cultural, a brasileira, no ambiente familiar, e a japonesa, fora de casa, alguns jovens encontram entraves, quando o tema é identidade, se sentindo "[...] diferente[s] dos japoneses e ao mesmo tempo diferente[s] dos brasileiros." (ISHIKAWA, 2016, p. 19). Essas crianças e jovens, os quais ocupam um lugar de alteridade marcado pela exclusão, em alguns casos, são aqueles que vivem o mito do retorno ou o movimento da migração circular de idas e vindas entre Brasil e Japão. "Esse movimento circular representa, porém, uma incerteza nefasta para as crianças que não são socializadas em nenhuma das duas línguas, nem podem adquirir um *habitus* cultural definido" (LASK, 2000, p. 19), sendo chamadas de *double limited*, por não apresentarem domínio de nenhum dos dois idiomas.

> É visível como o "mito do retorno" influencia na consciência do migrante. O dekassegui se sente à parte ou marginalizado na sociedade hospedeira japonesa e a possibilidade (o mito) de retorno ao seu "lar" faz com que ele se posicione – e seja posicionado pelos japoneses – como sendo um migrante estrangeiro, um brasileiro que tem um lugar (pelo menos no imaginário) no seu *homeland* chamado Brasil. (SASAKI, 1998, p. 5).

Como podemos ver, não há um processo homogêneo e igualitário no movimento da imigração, mas uma diversidade de experiências e possibilidades. É preciso conhecer e respeitar a realidade, a bagagem, expectativas, dificuldades, medos e escolhas de cada família, para compreender como se deu esse processo de aculturação, pois "[...] não existe uma identidade homogênea, mas várias facetas da figura do *dekassegui* aparecendo em momentos diferentes e em determinadas situações." (SASAKI, 1998, p. 13).

É importante destacar que, quando se trata dos filhos, esses jovens brasileiros que vivem atualmente no Japão não residem naquele país por sua escolha, mas devido às contingências familiares, sofrendo todas as consequências do movimento da migração. Esses jovens *nikkes*, em idade de formação escolar, emocional e psicossocial, estão sendo diretamente afetados pelo meio social e familiar no qual convivem (NAKAGAWA, 2005). Pensando nessas questões, é imperioso nos indagarmos em como ocorre o processo de

formação da identidade e pertencimento nesses jovens e como lutam “contra” uma possível desintegração da identidade.

3.2.1 Identidade e pertencimento

O conceito de identidade é considerado algo demasiadamente complexo, controverso e pouco compreendido, cerceado por polêmicas, discordâncias e entraves, entre diversos autores. Por isso, é necessário teorizar o que este estudo nomeia como identidade e como faz uso desse termo.

No mundo contemporâneo, compreender nossa identidade é essencial, “[...] para que reconheçamos nossa pertença: o que somos, o que temos em comum, o que nos diferencia dos outros e o que gostaríamos de ser”, sendo relevante também para o estabelecimento dos relacionamentos interpessoais, pois a pessoa se relaciona com o outro e se posiciona no mundo a partir das suas contingências particulares e do entendimento de quem é ela (CARVALHO, 2012, p. 212). Segundo Ishikawa (2016), a identidade pode ser compreendida como um sentimento ou consciência de um indivíduo sobre si, que o leva a incluir-se em um determinado grupo étnico.

A identidade não é algo fixo, unificado, completo, estável e coerente, mas uma ideia dinâmica, plástica e múltipla, sendo constantemente deslocada pelas experiências vividas (HALL, 2005). Logo, mediante a experiência de migração, a identidade pode ser remodelada por processos sociais, em função da cultura na qual o sujeito está inserido, já que a identidade é “[...] resultado de um trabalho permanente de renovável construção social e política, mas também geográfica, que leva em conta a extrema mobilidade dos agentes sociais.” (JORGE, 2009, p. 240).

> A cultura, o contexto geográfico, a terra de nascença, junto com os sujeitos que moram nela, nos conferem uma marca de identidade, inscrição transubjetiva, marca cultural que nos inscreve, terra que nos outorga suas raízes e sua língua, inserindo-nos em um código humano que nos possibilita “serem sujeitos de” tal lugar. (WEISSMANN, 2016, p. 67).

Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), aborda as identidades contemporâneas, considerando a identidade como algo móvel que se forma e transforma constantemente, de acordo com os sistemas culturais e sociais que nos rodeiam ao longo do tempo. “A identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que

ela constitui uma resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferença." (CUNHA, 1985, p. 206).

Corroborando esse pensamento, Bauman (2005, p. 71) argumenta que a identidade "[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis." Isso mostra a alta flexibilidade que as identidades podem ter, a depender da inter-relação do sujeito com a exterioridade (sociedade, cultura, educação, relações sociais etc.) e com a sua interioridade – subjetividade (CARVALHO, 2012).

Assim, a identidade não é biologicamente definida, inata, mas historicamente constituída, através de processos inconscientes, assumindo diferentes formatos em diferentes momentos, sendo continuamente deslocada. "À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente." (HALL, 2005, p. 13). Para Hall, a identidade

> [é] definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 1990 *apud* HALL, 2005, p. 12-13).

Em consonância a essas questões, Hall (2005) alude a uma significativa mudança de nomenclatura de identidade para identificação, deixando de ter a conotação de algo acabado e colocando em marcha um processo em constante (des)construção. Em termos psicanalíticos, identificação é um "[...] processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações." (LAPLANCHE; PONTALIS, 1979, p. 295). Desse modo, a constituição de si, fenômeno permeado pela experiência cultural, se dá inicialmente através das figuras primárias, pai, mãe ou cuidadores, sendo este o primeiro processo de identificação e contato da criança com o mundo social. Nesse ambiente familiar, com o qual nos identificamos, constituímos a nossa formação e o modo de nos relacionarmos com o mundo. Por conseguinte, "[...] nosso senso de identidade é desenvolvido a partir da conexão com os outros." (DANTAS; UENO; LEIFERT; SUGUIURA 2010, p. 48).

Reforçando o caráter dinâmico, relacional e de construção da identidade, Boaventura de Souza Santos (2001, p. 135) enfatiza que esta deve ser compreendida como "[...] resultados

sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] identidades são, pois, identificações em curso.” Conforme aponta Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003), a formação da identidade se dá por meio de três fatores basicamente: intrapessoais, que são os fatores inatos e as características adquiridas da personalidade; interpessoais, as identificações que vamos estabelecendo com outras pessoas; e culturais, os valores e culturas a que as pessoas estão expostas. Assim, o mundo interno, o público e o dos outros compõem os três elementos que sustentam a identidade, inerente ao ego, e a pertença, inerente ao vínculo, contribuindo para a constituição subjetiva.

Como vimos, não há um momento em que a identidade do sujeito é estabelecida e definida, estando em constante construção, ao longo da vida, sendo um fruto histórico e não biologicamente definido (KREUTZ, 1999). Para Stuart Hall (2005), a identidade, enquanto algo unificado, seguro, completo e coerente, é uma mera fantasia, pois ela não é constituída sobre um referencial empírico, mas cultural e simbólico.

Com o avanço da globalização e tecnologias, na contemporaneidade, o indivíduo passa a constituir sua subjetividade em nível global, pressupondo uma maleabilidade e adaptabilidade na oscilação entre universos, e não apenas fixada na família e na comunidade local, uma vez que os meios modernos de transporte e comunicação possibilitam que povos de diversas nacionalidades entrem em contato com grande rapidez (DANTAS, 2015). Nesse processo de globalização capitalista, uma cultura influencia e se torna mais próxima da outra, através da migração transnacional, intercâmbio de informações, comércio, internet etc., os quais permeiam o modo como o sujeito constitui sua identidade e aculturação (PIZZINATO; SARRIERA, 2008).

> Cabe lembrar que a mudança para outra sociedade e cultura coloca em xeque o modo de ser, o modo de ver o mundo, o modo de se ver e o modo de se relacionar, trazendo à tona a questão de quem se é. Esse desconcerto está relacionado ao fato de que as pessoas são socializadas em uma determinada cultura e isso significa uma incorporação marcante de formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos. (DANTAS, 2012, p. 115).

Dessa forma, de acordo com o meio social, vivência e cultura, a identidade pode “sofrer” um deslocamento, descontinuidade, fragmentação ou ruptura, estando permanentemente aberta. Por meio desse entendimento, Hall (2005, p. 8) considera a identidade cultual como “[...] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”; ela é formada por meio do pertencimento a uma cultura nacional.

> Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que, em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural, torna-se extremamente dinâmico. Assim, cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração para geração, e sim uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. (DANTAS, 2015, p. 80).

Os sujeitos, expostos a formas alternativas de ser, ao se deslocarem para novos contextos com culturas etnicamente diversas, precisam fazer uma ruptura expressiva do seu quadro de referência, de sentido e de pertencimento, elaborar as múltiplas perdas de seu universo cultural por meio do qual se (re)conhecem, e lidar com questões referentes à mudança de sua identidade cultural, tanto a étnica quanto a nacional (DANTAS, 2015). A identidade étnica "[...] refere-se a sentimentos e laços comuns compartilhados de cultura, raça, religião, linguagem e parentesco, que são forças organizadoras importantes das compreensões individuais da realidade"; ela "[...] origina-se da herança ancestral do indivíduo que não pode ser mudada, embora possa ser negada ou ignorada." (DANTAS; UENO; LEIFERT; SUGUIURA, 2010, p. 49). A identidade étnica é formada por características culturais partilhadas por um povo, podendo ser reconstruída e reconfigurada ao longo do processo histórico (KREUTZ, 1999).

Por sua vez, a identidade nacional "[...] pode ser entendida como um espaço psicossocial de pertencimento, que supõe alguns traços significativos e uma consciência mais ou menos elaborada de compartilhar um espaço vital." (PIZZINATO; SARRIERA, 2008, p. 298). Refere-se ao sentimento de ser parte e pertencer ao país, pela "[...] aquisição de crenças, atitudes e valores socialmente compartilhados dentro de um grupo." (PIZZINATO; SARRIERA, 2008, p. 298-299). Quando sai do país de origem, o sujeito pode adquirir uma nova identidade nacional.

Por não compreenderem a diferença do conceito de nacionalidade e identidade nacional, é comum encontrarmos crianças que nasceram no Japão, que nunca foram ao Brasil ou já cruzaram o oceano algumas vezes, que, quando questionadas sobre a sua nacionalidade, dizem ser japonesas, mesmo não dominando o idioma (BLOS, 1998).

Como uma das consequências de se viver em um mundo globalizado, está o desenvolvimento do que chamamos de identidade bicultural, na qual o sujeito se identifica com alguns aspectos do seu grupo étnico, mas também com a cultura do outro. Assim, "[...] parte da própria identidade é enraizada na cultura local enquanto outra parte origina-se de uma consciência de sua relação com a cultura global." (PIZZINATO; CASTELLA, 2004, p. 17).

Levando-se em conta a articulação cultural do Brasil e do Japão, dois países tão distintos, a formação da identidade étnico-cultural pode ser afetada entre estilos de interação humana quase que opostos "[...] um deles, o brasileiro, caracterizado pelo 'calor humano', e o outro, o japonês, marcado pelo respeito, acaba se elaborando uma identidade étnica através da ambivalência." (DANTAS; UENO; LEIFERT; SUGUIURA, 2010, p. 51).

Bauman (2005) conceitua que a identidade é constituída a partir da comunidade e cultura na qual o sujeito estiver inserido. No entanto, além de estar inserido, ele precisa se sentir pertencente de algum modo àquele local/espaço transubjetivo[79] e se apropriar dos signos e significantes por meio da identificação e pertencimento a um grupo social. Logo, "[...] pensando na estruturação do sujeito e seus vínculos, consideramos a importância do contexto no qual o sujeito se constitui, sendo esse contexto um pano de fundo que, através da pertença, permite ao sujeito se conformar internamente." (WEISSMANN, 2016, p. 14).

Compreendemos como pertencimento, ou sentimento de pertença, quando o sujeito se sente parte e se identifica com o local ou comunidade em que está inserido. "O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa." (MORICONI, 2014, p. 21).

> Isso significa que somos inscritos no mundo a partir de e através dos outros que nos incluem no espaço com sua pluralidade e alteridade, concedendo-nos uma determinada cultura e um espaço transobjetivo que demarcam um lugar comum entre aqueles que compartilham traços e inscrições semelhantes. Tal aspecto constitui-se na trama do laço social que precede o sujeito e o sustenta na filiação e a um pertencimento reconhecido por um grupo. (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 206).

Portanto, nós nos constituímos através dos laços e traços sociais aos quais pertencemos, da cultura na qual estamos inseridos e por meio dos outros que nos estruturam e demarcam espaços transobjetivos que dão um contorno no qual o ego se estabelece (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017). A nossa constituição ocorre a partir desse emaranhado de relações e referências culturais que nos cercam e fazem eco em nossa constituição subjetiva e em nosso modo de identificação:

---

[79] A teoria das configurações vinculares descreve o aparelho psíquico em três espaços: intrassubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo. O espaço intrassubjetivo contém os objetos internos e as fantasias de cada sujeito, descrito na Psicanálise clássica como espaço intrapsíquico. O espaço intersubjetivo privilegia os vínculos com os outros sujeitos, constituindo-se na presença do outro. Já no espaço transubjetivo, a realidade exterior "entra" para fazer parte da situação psíquica, sendo marcas psíquica impressas a partir do contexto exterior (WEISSMANN, 2016). Enquanto o espaço intersubjetivo se constitui entre sujeitos, o espaço transubjetivo se constitui através dos sujeitos.

> Esses traços culturais caracterizam e outorgam identidade, atribuem um lugar no mundo, a partir do qual surge um ser nacional, um ser com uma língua, com um pertencimento que nos dá origem como sujeitos do mundo, como sujeitos sujeitados a um contexto, a uma terra, a um universo de iguais, a uma cultura com sua especificidade. Sujeito amarrado a outros por um laço social que o define e o inclui em um conjunto de semelhantes os quais estruturam esse nós comum e único. (WEISSMANN, 2016, p. 66).

Segundo Weissmann (2016), a cultura é um elemento que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, sendo esta uma instância na qual, de acordo com Garcia Canclini (2004), cada grupo organiza e compartilha a sua identidade. Dessa forma, o sujeito deve achar um meio de pertencer a essa cultura; para isso, precisa se sentir reconhecido e conseguir investir subjetivamente nesse espaço, criando vínculos intersubjetivos que o reconheçam e o assinalem como sujeito que faz parte daquele determinado local. Por outro lado, é importante reconhecer o modo como o estrangeiro é recebido e acolhido no país de destino, porque "[...] os outros que inscrevem o sujeito, inserindo-o nos laços sociais como pertencente a um social que o estrutura e constitui." (WEISSMANN, 2016, p. 36).

O sentimento de pertença diz respeito a uma forma de criar um sentimento de familiaridade com o novo espaço, mesmo este sendo inicialmente estranho e alheio ao sujeito. Obviamente, isso só se dá com o tempo e por meio da estratégia e forma de inserção que esse sujeito utiliza para se identificar e se sentir fazendo parte de uma dada cultura. Todavia, para se abrir espaço ao novo, é preciso flexibilizar e elaborar o luto da sua posição identitária, da imagem idealizada e dos parâmetros do contexto da cultura de origem, que já não fazem parte da sua realidade, mas ainda da sua identidade, de sorte a substitui-la por outros ideais (HASHIMOTO, 1995). Como apontam Carignato, Rosa e Berta (2006, p. 96), "[...] ignorar as rupturas, permanecendo ligado à cultura de origem, dificulta ao sujeito a construção de novos laços sociais que lhe facilitariam organizar a vida em nova sociedade."

> Este tempo no qual o sujeito custa a se localizar tem efeitos na sua posição subjetiva e política e no laço social. Entre a angústia e o desejo, é necessária a elaboração do luto face ao perdido pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas sua posição de ser causado por um desejo que lhe permita localizar-se no mundo. Para que tenha lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica numa deformação, permitindo passar da reconstrução para a criação. (CARIGNATO; ROSA; BERTA, 2006, p. 5).

Passado o período de resistência e estranhamento, o qual acomete algumas pessoas mediante o novo e o desconhecido, é preciso que esse migrante encontre pontos de referência nessa nova cultura e sociedade, a fim de se localizar nesse novo espaço social e subjetivo, superando a angústia e o luto daquilo que deixou para trás e despertando o desejo de conhecer

e se apropriar do novo. O estranho, que intimida e desperta reações sociais de exclusão e indiferença, deve ceder lugar a reações de busca de proximidade e assimilação. Só assim o sujeito abre a possibilidade ao novo e consegue fazer pontos de ancoragem e constituir novos laços sociais nesse novo país. Segundo Weissmann (2016, p. 185), quando o sujeito começa a se sentir parte do país em que migrou uma "[...] modificação subjetiva começa a tomar conta dele, apesar de jamais perder as marcas de sua origem, por ter nascido, crescido e se constituído em outra cultura."

Nesse processo de elaboração de uma nova organização cultural, os migrantes vão criando pontes que os ajudam a transitar e se sentirem partícipes de várias culturas, por meio do sentimento de pertencimento. Só ao elaborar o "[...] afastamento simbólico da cultura de origem se pode criar um espaço transubjetivo que dê lugar a um novo tecido cultural de elaboração e transformação do apreendido, anteriormente." (WEISSMANN, 2016, p. 187).

O que está em jogo aqui não é eliminar e/ou abandonar todos os costumes e normas da cultura de origem, já que incorporamos esses traços muito mais de forma inconsciente do que consciente, ou os substituir pela nova cultura em que estamos inseridos, mas agregar e articular as duas culturas, focalizando numa posição de mudança subjetiva. Se os sujeitos não conseguirem abrir mão, em certa medida, de alguns aspectos da cultura emigrante e elaborar o luto pela terra, a história e a língua, como resistência à situação de mudança, "[...] não poderão construir esse armado novo intercultural, já que permanecerão amarrados à cultura de origem e criação, e não construirão espaços livres que permitam fazer outras escolhas culturais integradas a eles mesmos." (WEISSMANN, 2016, p. 21). Quando não ocorre a elaboração do luto, o sujeito se fixa numa posição mortífera, isolando-se e realçando traços do objeto perdido, trazendo implicações no sentimento de pertença e no estabelecimento de laços sociais com a nova sociedade (ROSA *et al.*, 2009). "Só aqueles sujeitos capazes de tramitar o abandono subjetivo dos parâmetros da cultura de origem poderão ter uma abertura interna e vincular, para acrescentar a novidade que surja no transcurso. Dessa maneira, estruturariam um modo intersubjetivo de ser: intercultural." (WEISSMANN, 2016, p. 21). Por outro lado, como contrapartida, o país receptor também deverá ter uma abertura ao imigrante, oferecer espaço e reconhecimento aos novos indivíduos e criar estratégias para reduzir as barreiras que dificultam a sua integração ao país, não sendo esta tarefa apenas daquele que migra, mas também do país que abre suas fronteiras.

Em suma, segundo Weissmann (2016), o sujeito encontra duas opções, quando entra em contato com nova cultura. Uma delas é permanecer fechado e resistente frente aos outros e aos novos costumes, mantendo-se saudoso e conectado com a cultura de origem, mediante

uma exagerada manutenção dos costumes, incapaz psiquicamente de fazer o luto pela pátria perdida e impossibilitado de se sentir à vontade no país de acolhida. A outra opção é se reposicionar, apropriar-se da migração e abrir-se aos novos conhecimentos, entre eles o linguístico e o cultural, ressignificando seu lugar no mundo e propiciando um crescimento intersubjetivo intercultural que possibilita ao sujeito se identificar com uma dada cultura e se sentir pertencente a ela, tornando-se cosmopolita e verdadeiro cidadão do mundo. Em outros casos, ao se abrir para nova cultura, acabam criando uma rejeição radical a cultura de seus pais.

Assim, é preciso transitar do universo conhecido e semelhante para um novo a se descobrir e conhecer; para isso, precisamos estar abertos a essa experiência, pois aquele que migra faz uma ruptura do *heimlich* (*heim*, do alemão "lar"), que significa familiar e conhecido, devendo abrir espaço para o *unheimlich*, que corresponde ao estranho, estrangeiro, desconfortável, sombrio, assombrado, repulsivo, inquietante etc. (MARTINI; COELHO JÚNIOR, 2010). Esses dois conceitos, *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (estranho), foram descritos por Freud em seu texto *O estranho* (1919/1996, p. 306), apontando "[...] que o estranho *[unheimlich]* seja algo que é secretamente familiar *[heimlich-heimisch]*, que foi submetido à repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é estranho satisfaz essa condição." Segundo Borges e Martins (2004, p. 135), "[...] uma denegação do familiar não desejado ou interdito, rejeitado como estranho, digno de repulsa. Familiar e estranho seriam sentidos opostos funcionando conjunta, paradoxalmente." (p. 135). Os autores continuam:

> É na percepção da recusa desse outro familiar que se inscreve a experiência do migrante. Estranho é esse algo que mora no sujeito mas ao qual este não tem acesso consciente. Isto de alguma forma explicaria os sentimentos agressivos dirigidos à figura do estrangeiro, já que este seria portador de algo que não pertence aos referentes autorizados pelo novo território ocupado, acordando no sujeito que o recebe o medo da emergência em si mesmo de conteúdos recalcados. Repulsar o estrangeiro, o estranho, é uma forma de conjurar em mim aquilo a que ele me remete, mas que não quero conhecer. Aquilo que, não sendo valorizado pela cultura local, denegamos em nós. (BORGES; MARTINS, 2004, p. 135).

O estranho evocado no lugar do familiar pode ser um empecilho que aponta para a emergência dos riscos transculturais, pois, como diz Caetano Veloso, em sua bela canção Sampa[80], "[...] quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto. Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio o que não é espelho." Nessa canção, podemos interpretar que Caetano retrata o estranhamento causado quando lidamos com aquilo com que não estamos familiarizados, quando não "vemos" no outro nossos traços, marcas,

[80] Canção composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil.

signos, culturas e “rosto”. Em outro trecho da mesma música, Caetano salienta: “[...] e foste um difícil começo, afasto o que não conheço [...]”, retratando o afastamento que o diferente produz e o preconceito que traz e apavora o sujeito, diante do novo e desconhecido.

Dessa forma, muitas vezes, a hospitalidade que deveria estar no centro do código da aliança humana (FERNANDES; GOMES; LEVISKY, 2016) não está presente, tornando mais frágil a inscrição do estrangeiro na nova sociedade, a qual afasta de si o que não é conhecido, e produz a exclusão, racismo, xenofobia e a discriminação do estrangeiro, vulnerabilizando ainda mais os sujeitos migrantes (MORO, 2015). “Assim como tentamos dominar e rejeitamos esse ‘estranho’ que nos habita, também tendemos a rejeitar o que nos é estranho no exterior, pois o papel do estrangeiro é sempre de questionar nossas certezas.” (SILVA, 2015, p. 50).

Segundo Weissmann (2016), para que a migração ocorra de forma satisfatória, é preciso uma mudança e abertura ao universo novo, para que este possa ser conhecido e apreendido. No entanto, a fim de que esse processo ocorra, há necessidade de um trabalho psíquico de elaboração e aceitação da mudança do estrangeiro que chega ao país, bem como dos nativos que recebem esse outro imigrante.

> Na medida em que a mudança possa ser pensada como ruptura, algo do *heimlich* conhecido se quebra, dando espaço ao descobrimento daquele *unheimlich* que aguarda por ser descoberto. Somente a partir da elaboração da mudança é que aquele universo novo, o qual aparece aos olhos do migrante, pode começar a ser tramitado, conhecido e apreendido. (WEISSMANN, 2016, p. 55).

Entretanto, mesmo que o sujeito tente incorporar a nova cultura, o sentimento de pertencimento, que é outorgado pela experiência de interioridade de pertencer/fazer parte daquele lugar, fica abalado em face do novo país. Só com o tempo vivido se cria um sentimento de familiaridade com aquela nova cultura, pois “[...] a perda do elo entre o sujeito e sua terra de origem acarreta um sofrimento que diz respeito ao seu pertencimento e de seus aspectos identitários que o definem como um sujeito.” (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 213).

> Por isso, as questões identitárias chamam tanto a atenção nesses jovens e crianças, que vivem como se tivessem perdido um elo na cadeia geracional e não raramente, respondem ou por uma rejeição radical à sua cultura de origem ou, ao contrário, por um apego exagerado às tradições de sua origem. (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 214).

Um meio no qual o sujeito pode construir essa rede simbólica que habilita um pertencimento a um dado espaço onde os sujeitos se sintam parte integrante é a escola, a

língua e os espaços que comumente convivem, uma vez que a identificação dos *nikkeis* com o grupo de japoneses é resultado dos fatores relativos ao ambiente no qual estão inseridos, como escola, trabalho, família, comunidade e moradia (ISHIKAWA, 2016).

A escola é um espaço de diversidade, no qual a criança e o adolescente terão a experiência de encontro/confronto com o outro diferente, sendo este o primeiro lugar de inserção e contato sistemático com a outra cultura. “Não é à toa que é predominantemente nesse espaço que os efeitos da migração se fazem notar, podendo representar uma situação de intenso sofrimento.” (UENO, 2010, p. 8-9).

Nem sempre a inserção do migrante na escola japonesa ocorre de forma pacífica e bem-sucedida: há alguns entraves, já abordados no segundo capítulo deste texto, que podem barrar o desejo desse estrangeiro em se integrar à cultura, costumes e ritos japoneses. No entanto, se o migrante conseguir se incluir e usufruir bem desse espaço, sendo acolhido e respeitado, poderá se inscrever subjetivamente nessa cultura.

A escola, além de ser um espaço de aprendizagem e socialização, é também produtora de identidades, pois, devido à sua pluralidade cultural, a identidade dos sujeitos “[...] se engendra em infinitas possibilidades proporcionadas pela experiência social.” (CARVALHO, 2012, p. 210). As escolas, sendo um local privilegiado de produção de sentido para as diversas práticas sociais e transmissão cultural, “[...] funcionariam como fio condutor que une, orienta e exibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos adolescentes.” (CARVALHO, 2012, p. 210). Assim, a escola exerce um importante papel no processo identitário dos adolescentes, auxiliando na inscrição e no sentimento de pertencimento e identificação do sujeito a uma determinada cultura.

Dessa forma, será no espaço escolar que o jovem terá a oportunidade de se integrar à cultura japonesa e apreender aspectos e traços subjetivos para compor sua identidade social, sendo esta “[...] aquela parcela do auto-conceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença.” (TAJFEL, 1983, p. 290). Com efeito, a rede de ensino na qual o adolescente está inserido, como faz uso desse espaço e o quão integrado está a ele, terão reverberações no modo como o sujeito se sente e se integra à cultura japonesa, contribuindo ou não para a constituição do sentimento de pertencimento.

Além da escola, a língua materna também é considerada “[...] um traço de origem primária que concede um amparo psíquico baseado nas marcas sociais que lança os sujeitos nesse espaço reconhecido e compartilhado.” (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 206).

A linguagem, como meio de comunicação e expressão da identidade, é um instrumento de articulação entre o social e o individual, sendo uma unidade cultural e de pertencimento.

A língua, em grande parte, institui a nação, sendo constitutiva do sujeito e das relações com o outro, tendo uma importante função de representação do sujeito. Segundo Koltai (2013, p. 133), "[...] cada língua tem sua maneira particular de interpretar o mundo e seus enigmas, criando um laço identitário entre os que a compartilham." A ruptura com a língua materna pode produzir efeitos subjetivos difíceis de ser assimilados, pois, como ressalta o psicanalista J. Hassoun (1993), a língua materna é um dos prazeres da boca, pelo qual entramos em contato com o mundo e simbolizamos o que somos, produzindo pertencimento e reconhecimento.

A língua, que exerce função de uma segunda pele, é um instrumento de constituição da identidade psíquica do sujeito. Desse modo, a "perda" da língua materna também precisa ser elaborada e ressignificada, porque o idioma/linguagem se torna fundamental no processo de inserção na nova sociedade, como também no desenvolvimento emocional e cognitivo do sujeito (KOLTAI, 2013).

Ao se apropriar da linguagem local, o migrante tem a possibilidade de ser ouvido e compreendido, visto que os japoneses têm o hábito de desconsiderar aqueles que não se esforçam para aprender e falar japonês. Conseguir se comunicar com os nativos dá ao sujeito a possibilidade de se sentir pertencente àquela comunidade, mesmo vindo de um contexto cultural completamente diferente. A questão da falta de conhecimento da língua japonesa impõe algumas barreiras ao imigrante que não consegue se expressar, se fazer entender e compreender o que lhe é dito. Não compreender os signos e significados daquela língua o afasta da possibilidade de se inscrever nessa cultura:

> A aquisição de um idioma não se dá por mero contato, como muitos professores chegam a afirmar. O senso comum aponta para uma aquisição rápida por meio apenas da imersão. Mas o vocabulário do cotidiano que talvez possa ser adquirido dessa forma está longe de ser suficiente para o acompanhamento escolar. (NAKAGAWA, 2018, p. 16).

Muitos não se apropriam do idioma local, por passarem a maior parte do tempo falando sua língua materna, por conviver em espaços majoritariamente compostos por um público brasileiro, seja nas fábricas, seja na comunidade, seja ainda na escola brasileira, por terem dificuldade de entender a estrutura da língua japonesa e/ou por uma resistência velada de se integrar à nova cultura e fazer luto da sua. Assim, muitos se contentam em obter um

nível de japonês necessário apenas para conseguir se comunicar de modo prático, todavia, não o suficiente para expressar aquilo que sentem.

Outro fator que facilita (ou não) a constituição do sentimento de pertencimento aos jovens brasileiros migrantes, além da escola e da língua utilizada, são os espaços nos quais comumente convivem e os hábitos que compartilham, pois a comunidade potencializa o enraizamento, a identificação e a referência social. Se os jovens frequentam e convivem mais com a comunidade japonesa, terão maiores chances de se integrar a essa cultura, formar pontos de identificação e se reconhecerem como pertencentes a um grupo social.

No entanto, a diferença dos hábitos e costumes, a frieza e o distanciamento dos japoneses são vistos como um empecilho para a identificação e pertencimento dos *dekasseguis* ao país. O hiato gerado entre os *nikkeis* e os japoneses acaba contribuindo para o sentimento de não-pertencimento. Assim, muitos ainda acabam convivendo mais com a vasta colônia de brasileiros presente no Japão, onde se compartilha e se mantém a cultura, língua, comida, costumes e modo de ser brasileiro, criando um aparato de segurança, confiança, minimizando o sentimento de estar numa terra estrangeira e o consequente afastamento dos nativos (SASAKI, 2000a).

Outro aspecto relevante, o qual dificulta a inserção e leva a questionar sua própria etnicidade, é que, apesar de alguns apresentarem ancestralidade e um fenótipo de nativo japonês, não se comportam como os japoneses, e "[...] esta aparente contradição entre o ser e o parecer gera conflitos de adaptação dos migrantes e de aceitação pelos nativos." (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006, p. 61). Por isso, muitos acabam frequentando e se inserindo mais nos espaços compartilhados por brasileiros, por se sentirem mais seguros e acolhidos, e acabam se afastando e perdendo a oportunidade de se integrar à comunidade japonesa.

Como vimos, o sujeito precisa se sentir pertencente, se reconhecendo como "sendo de algum lugar", pois entendemos quem somos através de onde vivemos, onde nos reconhecemos e de que sentimos fazer parte. Somos inscritos no mundo, por meio dos sujeitos que nos incluem no espaço, concedendo-nos um espaço transobjetivo numa determinada cultura.

No contexto da migração, onde os sujeitos se deslocam para um novo país, com as mais diversas motivações, o migrante entra em contato com um novo espaço, cultura e povos aos quais precisa se adaptar e aos poucos se integrar. No entanto, essa experiência, como vimos, é singular para cada sujeito e família, e irá depender de diversos fatores, tais como: idade de migração, motivação, tempo de migração, expectativa, nível de apego ao país de

origem, maior ou menor abertura ao novo, como o indivíduo lida com as diferenças, o quanto se identifica com o novo espaço, rede de apoio que possui etc.

A perda da sustentação dos laços sociais e do enquadre cultural do país de origem despertam, em muitos, o sentimento de insegurança e medo, pois "[...] coloca em risco os saberes herdados: perde-se o continente e o apoio sem o qual não se pode viver." (FERNANDES; GOMES; LEVISKY, 2016, p. 143). Outro sentimento comum à experiência migratória e frente à perda das referências identificatórias é a angústia, sendo esta um afeto que diz respeito "[...] àquilo que o sujeito não pode articular em significantes; é sinal de um Real impossível de ser simbolizado." (ROSA; BERTA; CARIGNATO; ALENCAR, 2009, p. 503). Assinala Jacques Lacan, no seu Seminário *A angústia* (1962-1963/2005, p. 54):

> O encontro com situações que evocam esse desamparo inicial provoca angústia, não como manifestação sintomática (caso da angústia neurótica em Freud), tampouco como fuga, mas como um tempo no qual o sujeito custa a se localizar e que, por esta razão, é vinculado ao sentimento de estranheza, o *unheimlich* freudiano.

Esse tempo no qual o sujeito custa a se localizar na nova cultura, acaba provocando efeitos em sua posição subjetiva e no laço social. Entre a angústia, mediante o perdido, e o desejo, em relação ao novo, é necessário ocorrer "[...] a elaboração do luto em face do perdido, pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas recompõe o lugar a partir do qual se vê amável para o Outro (ideal do eu), reafirmando uma posição que lhe permita localizar-se no mundo." (ROSA; BERTA; CARIGNATO; ALENCAR, 2009, p. 503).

Por isso, alguns se esforçam para preservar a cultura de origem e passam a funcionar como um "falso *self*" em face da nova cultura, incorporando superficialmente aspectos da cultura vigente, "como se" pertencessem à cultura estrangeira, mas não se permitindo pertencer e se integrar, de fato (WEISSMANN, 2016). Outros, diante da expectativa do regresso ao Brasil, não usufruem do momento de imersão na nova cultura. Incapazes de fazer luto e elaborar as transformações identitárias impostas pela migração, recusam-se inconscientemente a entremear a cultura do país de origem com a do país de destino.

Outros migrantes, devido à diferença cultural e de *habitus*[81] tão dispares, explícitos entre Brasil e Japão, vivem entre as duas culturas, sem conseguir se identificar plenamente

[81] "Chamamos de *habitus* os costumes, pensamentos, ações e tendências (atitudes, religião, moral, etc.) que um indivíduo adquire no meio em que vive, e que faz com que um grupo desses indivíduos com características semelhantes forme uma comunidade, uma sociedade, um país, etc. Frisamos aqui, que o *habitus* é um conceito dinâmico, que tende a modificar-se conforme as mudanças que ocorrem no ambiente." (ISHIKAWA, 2016, p. 14).

com nenhuma delas, vivendo num limbo que se cria entre os dois países (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017). Desse modo, é comum encontrar nos relatos dos jovens brasileiros o sentimento de não pertencimento pleno a nenhum dos dois países, nem ao Brasil e nem ao Japão, gerando uma crise de identidade e conflitos no processo de subjetivação. “Pode-se observar que as crianças e adolescentes brasileiros vivem em uma comunidade específica, sui generis, diferente da sociedade brasileira e da japonesa.” (NAKAGAWA, 2005, p. 200).

Em função de tais diferenças culturais tão evidentes, entre a cultura ocidental e a oriental, como, por exemplo, no campo da afetividade nas relações interpessoais, espontaneidade, informalidade, menor rigidez e programação do cotidiano, intenso uso do toque corporal e comunicação verbal, muitos brasileiros não conseguem se identificar com a cultura japonesa. Assim, muitos brasileiros, apesar das exceções, devido à condição de estrangeiros, sofrem um processo de isolamento social e são compelidos a viver no isolamento. Segundo Sassaki (1998, p. 6), o Japão tem “[...] papéis reservados para os estrangeiros dentro da sua estrutura social, conservando uma distância social socialmente prescrita em relação ao estrangeiro: mesmo que o estrangeiro esteja na sociedade, ele não é da sociedade.” Nessa perspectiva, os imigrantes coexistem no mesmo espaço, sem que, de fato, estejam inseridos na sociedade (NAKAGAWA, 2005). Como reação à rejeição étnica, os *nikkeijin* fixam-se em seus próprios grupos sociais, formando guetos na sociedade japonesa, e a alienação que antes lhes era colocada agora se torna própria escolha, em um movimento de autossegregação (YONAHA, 2013):

> Então, aproximam-se uns dos outros com a finalidade de se apoiarem, buscando sentimentos comuns para elaborarem as crises que irrompem com frequência. Assim, a força do grupo coopera para atenuar o efeito impactante do mundo novo e do desconhecido, permitindo que a negação da nova realidade possa ser superada. (RESSTEL, 2014, p. 46).

Os japoneses, por sua vez, também encontram dificuldade em lidar com este outro tão alheio e dessemelhante. Assim, alguns *dekasseguis* se encontram em condições radicais de estrangeiridade, por não se identificar com a cultura e costumes japoneses; com isso, não constituem laços com pessoas, lugares e instituições por onde transitam (CARIGNATO; ROSA; BERTA, 2006), uma vez que o modo como o sujeito se relaciona com o grupo está diretamente ligado ao *status* que lhe é outorgado socialmente. Desse modo, muitos sentimentos são evocados no processo migratório:

> Além dos próprios sentimentos, existem ainda os dos outros que também o afetam, tanto daqueles que ficaram como daqueles que o recebem. Da parte dos que ficaram carregam imagens ambivalentes, talvez de admiração, respeito e reconhecimento,

> mas quiçá também de inveja e recriminação por terem desertado. Daqueles com os quais passam a conviver são alvo de olhares dúbios, nos quais mesclam sentimentos de simpatia, confiança, compaixão e solidariedade, por exemplo, com sentimento de cobiça, rejeição e escárnio. (JUSTO, 2008, p. 100).

Essa situação de vulnerabilidade gerada pelo processo de deslocamento é reforçada quando o país de acolhida, neste caso o Japão, não se mostra tão receptivo ao estrangeiro.[82] Em uma pesquisa realizada pelo Ministério da Justiça do Japão, em 2017, por meio de um questionário enviado a milhares[83] de estrangeiros residentes no país, para fazer um levantamento sobre o racismo local, identificou-se que cerca de 30% dos estrangeiros relatam já ter experimentado comentários depreciativos e aproximadamente 40% sofreram discriminação ligada à sua moradia (BBC Brasil, 2014).

Além das ofensas verbais, ainda há lugares que negam moradia, trabalho e dispõem de salários menores aos estrangeiros, assim como existem estabelecimentos comerciais que recusam a entrada dos não nativos, com placas com os dizeres *Japanese only*. A discriminação e a xenofobia direcionadas ao estrangeiro, neste caso ao brasileiro, acabam provocando um isolamento social resultante da rejeição étnica praticada pelos japoneses. Segundo Carignato (2013, p. 113),

> [...] o outro diferente é ao mesmo tempo considerado inferior, cidadão de segunda classe e, às vezes, até "desclassificado" (sem possibilidades de pertencer a nenhuma classe social). Nos tempos atuais, nas questões referentes à migração, os problemas gerados pela discriminação, preconceito e exclusão são interpretados como "choques culturais". (p. 113).

Esse processo de isolamento social, gerado pela discriminação, preconceito e exclusão, faz com que os brasileiros, muitas vezes, encontrem dificuldades de inserção na sociedade, no trabalho e na escola. Portanto, algumas crianças e jovens brasileiros deparam com um contexto escolar japonês pouco inclusivo ao estrangeiro, sendo a escola uma "[...] caixa de ressonância dos conflitos e desafios enfrentados pelos filhos dos imigrantes." (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 209).

Por conta desse rompimento étnico e pela desorientação causada pelo isolamento social, muitos brasileiros apresentam desamparo psíquico e crise de identidade (YONAHA, 2013). Tal desamparo, no contexto migratório, pode ser efeito da mudança no tecido social e pela aculturação intensa que sobrecarrega o aparelho psíquico. "A experiência de desamparo é

---

[82] Em 2014, o Japão recebeu críticas da ONU, devido a uma onda de casos de xenofobia nas ruas, com comunidades estrangeiras, chamadas de "inimigas do Japão", e à reação passiva dos policiais em manifestações desse tipo. A ONU exigiu que o governo japonês tomasse medidas concretas para lidar com o problema. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908_discriminacao_etnica_japao_et_rm). Acesso em: 10 mar. 2020.

[83] Dos 18.500 residentes estrangeiros que receberam o questionário, apenas 4.252 responderam ao levantamento.

mais profunda quanto mais os referentes culturais e psíquicos são questionados ou invalidados com a mudança de país, uma vez que representam os pontos de identificação e pertencimento dos imigrantes a um grupo social." (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 206). Diante das dificuldades encontradas pelos *dekasseguis* com a linguagem, costumes, alimentação, adaptação, distância do Brasil, ritmo de trabalho, entre tantos outros, é comum surgir o sentimento de desamparo em face do turbilhão de estranhamento provocado pelo choque cultural. Como afirma Resstel (2014, p. 13), o "[...] desamparo parece ser o sentimento básico nessa experiência, desencadeado pela sensação e percepção de perda das ancoragens e dos referenciais de si mesmo estabelecidos ao longo da vida assentada num determinado lugar", sendo essa experiência semelhante ao vivenciado no trauma do nascimento.

O isolamento social sofrido na sociedade japonesa e o afastamento da terra natal, dos costumes e língua de origem, aspectos identificados como reconhecidos e partilhados com um grupo, despertam sentimento de insegurança e potencializam a experiência de desamparo psicológico "[...] daquele que não ocupa o seu lugar, vem de fora e, portanto, ocupa um lugar de alteridade marcado pela exclusão." (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 211).

> O sentimento de desamparo psicológico é inevitável, porém, poderia ser acompanhado em sua elaboração e transformado em uma experiência positiva e enriquecedora, porque a experiência do imigrante é uma experiência radical de aventura pelo desconhecido, imprevisível e de busca e encontro/confronto com o estranho, com o diferente e com o outro. (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 216).

Assim, ao lado das possíveis perdas, há possibilidade de ressignificação e construção de uma experiência subjetiva positiva, uma vez que cada sujeito construirá uma trajetória singular de migração. Desse modo, "[...] alguns sujeitos conseguem construir uma experiência subjetiva que os faz crescer e aprimorar aptidões que não sabiam que tinham, enquanto outros sujeitos podem ficar fixados nas perdas, sem apresentar possibilidades para sobrepor-se às mesmas." (WEISSMANN, 2017, p. 183).

Para esses sujeitos, mediante o isolamento social sofrido com a não inclusão dos estrangeiros, lidar com o sentimento e a experiência de desamparo é quase inevitável. Para compreender melhor o conceito de desamparo, podemos recorrer ao texto de Freud, *Projeto para uma psicologia científica* (1886-1889/1996), no tópico onde trata da experiência de satisfação. Nesse texto, Freud salienta que o sentimento de desamparo é vivenciado já nos primeiros momentos da vida, quando, devido à incompletude do organismo, necessitamos do outro e de trocas com o mundo, para promover ações específicas de que necessitamos para sobreviver, sinalizando nossa extrema condição de dependência. Logo, precisamos de um

outro atento, que passará a responder aos sinais de apelo do bebê: essa comunicação inicial é de extrema importância para o desenvolvimento psicológico.

Como afirmam Oliveira, Resstel e Justo (2014, p. 22), o sentimento de desamparo, enquanto um sentimento estruturante do psíquico, "[...] é imprescindível para a descoberta da dependência e da inevitável relação com o mundo." Freud, em *O futuro de uma ilusão* (1927-1931/1996), atesta que o desamparo é uma condição que irá acompanhar o sujeito por toda a sua vida, sendo um sentimento estruturante e não situacional. No entanto, por mais que o desamparo seja uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua experiência, não são poucas as alternativas que o ser humano tem criado para não ter que lidar com esse sentimento. Em uma sociedade contemporânea que não admite emoções como tristeza, dor, insegurança, estranhamento, entre outras, e que busca aniquilar tais sentimentos pela lógica do consumo, seja de bens, seja de fármacos, lidar com o desamparo é extremante desesperador e angustiante.

Entretanto, mais do que a aquisição de bens de consumo, que é mais facilitada no Japão pelos ganhos financeiros e que dá uma sensação imediata, mas pouco duradoura, de satisfação e completude, somente o vínculo com o outro permite transformar o espaço vazio dentro de si em habitável, posto que é na relação com o outro que nos tornamos humanos (OLIVEIRA; RESSTEL; JUSTO, 2014). Levando em conta essas questões, quando pensamos nos jovens brasileiros que abandonam a escola, por não encontrarem naquele espaço formas de pertencimento, identificação e construção de laços sociais, podemos compreender a sua tentativa de encontrar em outros meios a busca de um lugar onde possam se satisfazer e tamponar a sensação de desamparo, quer no trabalho, quer no mundo da criminalidade.

Em face do sentimento de desamparo, evocado em decorrência do contato contínuo com outra cultura tão alheia à sua, alguns jovens experienciam uma crise de identidade, comum a essa fase da vida, marcada pela mudança e reforçada pelo processo migratório, pois "[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza." (MERCER, 1990, p. 43 *apud* HALL, 2005, p. 9).

A palavra *crise*, que, no idioma chinês, é formada por dois ideogramas, um dos quais significa "perigo" e o outro, "oportunidade", demonstra a possibilidade que o sujeito tem diante de uma situação de crise. "Há, portanto, a possibilidade dessa crise ser insuperável, devido a uma série de fatores situacionais e internos, assim como a possibilidade de a mudança poder significar ampliação do *self*, transformação." (DANTAS, 2017, p. 65).

A crise de identidade, como uma circunstância vital ao longo de toda vivência humana, "[...] que abala os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (HALL, 2005, p. 7), se faz presente, nesse contexto, pelo estranhamento e não reconhecimento que esse local e as pessoas que habitam nele provocam no jovem *dekassegui*, o qual não consegue encontrar modos de pertencer e se identificar. Ao conviver entre dois mundos com referências culturais tão distintas, o *nikkei* precisa lidar com "[...] um duplo quadro de referência, de sentido e pertencimento continuamente, cotidianamente." (DANTAS, 2015, p. 79). É nesse limiar que operam as negociações das identidades, mediante as diferenças entre o japonês nativo e o *nikkei* estrangeiro (SASAKI, 2000a):

> Nesse pano de fundo, desenrola-se o que denominamos de negociação de identidade, cujo ator social é o Dekassegui. Este é detentor de vários "elementos identitários" que são acionados de acordo com as situações vivenciadas ao longo da própria experiência migratória e conforme a dependência do "outro" com quem ele está se relacionando e em quais circunstâncias. (SASAKI, 2000a, p. 8).

A identidade, que foi deslocada e fragmentada pela migração, leva a um estranhamento de si que pode desembocar no estranhamento do outro semelhante, sendo este um sintoma comum que acompanha as pessoas em deslocamento. Sem uma comunidade que ofereça espaço e reconhecimento aos novos indivíduos, a construção de laços identitários e, consequentemente, o processo de identificações ficam comprometidos.

Dessa forma, para que o jovem *dekassegui* possa (re)construir e acoplar sua identidade em meio a uma nova cultura, é preciso que ele encontre um espaço de pertencimento à comunidade de referência, superando o isolamento social em que muitas vezes é colocado e o sentimento de desamparo vivenciado na experiência migratória que desemboca numa possível crise de identidade. Para isso, é necessário que ele encontre suporte e pontos de ancoragem em espaços que permitam emergir sua subjetividade e facilitar os processos de identificações, já que "[...] suas identidades serão moldadas em parte em função de como são vistas e recebidas." (UENO, 2010, p. 8).

Como afirma Moriconi (2014, p. 8), os sentimentos de "[...] pertencimento e identidade podem interferir na construção dos valores e das atitudes", por isso, torna-se tão importante compreender como os jovens brasileiros estabelecem sua identificação e pertencimento no país estrangeiro e, assim, entender a construção de tais fatores, em jovens que migraram em idade precoce ou nasceram no Japão, em famílias brasileiras.

3.3 Psicanálise, transmissão psíquica e vincularidade

De acordo com Freud (1886-1889/1996), o ser humano nasce totalmente dependente do outro, tanto física como psiquicamente, no que ele chamou de desamparo originário. O ser humano não se constitui sozinho e cada subjetividade se instaura a partir da presença, do acontecimento e investimento do Outro, que o aliena, humaniza, inscreve e o apresenta ao mundo. O sujeito se define "[...] tanto pela relação com seu ego-corpo e o pulsional, como no vínculo com o outro e com os outros com quem habita o espaço público, sendo outro modo de caracterizar esse lugar chamado de social." (WEISSMANN, 2009, p. 92).

Desse modo, o sujeito advém e se estrutura por meio da ligação e dos vínculos que se estabelecem, pela pertença inerente ao vínculo, antes mesmo do nascimento, entre o *infans* e seus pais ou cuidadores (WEISSMANN, 2016). Berenstein (2004, p. 29) define vínculo como [...] uma situação inconsciente que, ligando dois ou mais sujeitos, os determina em base a uma relação de presença." O vínculo seria então uma relação ou laço que une e entrelaçam dois sujeitos ou mais, dois ou mais psíquicos ligados entre si, que trazem consigo elementos conscientes, os quais têm a ver com os relacionamentos em si e a presença do outro; e inconscientes, que têm a ver com a configuração do próprio vínculo, que se atualizam nesse encontro e produzem subjetividade ou des-subjetivação, uma vez que somos constituídos e modificados por meio dos vínculos com os outros.[84] Logo, cada indivíduo se institui como sujeito por meio dos vínculos, e não previamente a ele, a partir da rede vincular inconsciente que o sustenta. O outro, com sua presença, marca a condição e possibilidade de subjetivação para o sujeito (WEISSMANN, 2008):

> A noção de vínculo delineia como significamos nossos relacionamentos e como somos significados por eles, descrevendo assim um mecanismo de retro-alimentação dos relacionamentos com o eu e o outro dos sujeitos que fazem parte dele, esboçando um movimento de ida e volta, em uma circulação constante. Esse movimento dentro do vínculo constitui, por um lado, psiquismo vincular e, por outro, também psiquismo individual. (WEISSMANN, 2008, p. 34).

Segundo Weissmann (2016, p. 70), "[...] cada sujeito movimenta-se em função de seu desejo inconsciente em direção ao outro, na necessidade de vinculação, partindo do desamparo inicial no qual o sujeito nasce, já se dirige na busca do outro para fazer vínculo." Assim, vincular trata-se de uma necessidade de identificação e ligação ao outro, numa

[84] Segundo Weissmann (2016, p. 70), "[...] os vínculos podem ser produtores de subjetividade e de criação de situações de novidade; ou podem ir se esvaziando de sentido e se empobrecendo, assim como gerando situações de dor vincular em face da incapacidade de encontro subjetivo dos sujeitos ou da detenção vincular e falta de crescimento vincular."

tentativa de sanar e tamponar esse desamparo originário ao qual estamos submetidos, ao nascer, porque o vínculo outorga ao outro um sentimento de pertença e amparo. Como afirma Berenstein (2011, p. 80), o sujeito recém-nascido constitui sua subjetividade na "[...] conjunção entre as suas próprias disposições e a oferta identificatória que percorre este vínculo."

> Isso amplia a subjetividade dos sujeitos do vínculo, ao se sentirem pertencentes ao conjunto. Os vínculos se apresentam como grandes produtores de subjetividade, pois é com o outro que o sujeito dá espaço ao novo, no relacionamento. A tarefa vincular poderia ser descrita como um trabalho de construção a partir do outro, pois só na aceitação da alteridade do outro é que cada sujeito consegue se vincular realmente. Estar vinculados significa aceitar que esses dois sujeitos são dois outros respectivamente. (WEISSMANN, 2008, p. 34).

A família é a primeira e uma das principais redes vinculares, porque participa da organização psíquica do sujeito, sendo "[...] um conjunto de pessoas vinculadas pela pertença ao sistema de parentesco." (BERENSTEIN, 2011, p. 77). Nela, temos o exemplo máximo de atribuição de lugares no interior do vínculo, uma vez que uma mulher só se constitui mãe a partir da presença e relação com o filho e vice-versa. Nessa trama, ambos se constituem na mutualidade, onde um irá determinar o outro em suas formas de atuar e em seu relacionamento. Nesse encontro com o outro, posso descobri-lo e descobrir-me, constituindo um aparato psíquico singular pelas identificações (WEISSMANN, 2008). Nas palavras de Berenstein (2007, p. 22), "[...] o vínculo familiar resulta de um fazer 'entre' os sujeitos, através do qual se tornam em sujeitos outros, sem por isso deixar de integrar essa família."

No vínculo, damos espaço ao outro e uma nova significação e inscrição se produzem, através desse espaço intersubjetivo. Este outro alheio que se apresenta no vínculo, inicialmente, é um espaço de incógnita, uma vez que o relacionamento assinala uma diferença e marca uma presença que faz confronto um com o outro, já que cada um é *ajeno*. O conceito de *ajeno* é utilizado na Psicanálise das configurações vinculares para descrever a descoberta do outro no sujeito, marcando a ideia de alteridade, não identificado, estranhamento e diferença radical a mim. Berenstein (2001, p. 102) conceitua como *ajeno* "[...] essa qualidade outorgada pela presença que sistematicamente não pode fazer-se própria, não se pode incorporar, a qual, apesar de tudo, devera fazer-se lhe um lugar, pois está ligada a um vínculo significativo para os dois sujeitos."

Segundo Weissmann (2008, p. 28), mediante o estabelecimento de um vínculo, "[...] as fantasias de um sujeito não cobririam inteiramente o outro, já que esse outro é irredutível e estranho; constituem-se assim, nesse encontro, circunstâncias novas", pois o outro não possui

inscrição prévia no psiquismo de cada sujeito e não se pode simbolizar. Esse outro *ajeno* é "[...] excedente da projeção no outro que se dá a conhecer através da presença" (WEISSMANN, 2008, p. 28), já que, na configuração/situação vincular, nós nos deparamos com a alteridade alheia.

Outro conceito, cunhado por Deleuze, Foucault, Heidegger, Badiou e Derrida, tomado emprestado pela Teoria das Configurações Vinculares, em 1990, é o acontecimento. O conceito de acontecimento assinala um lugar de possibilidade para o surgimento da novidade e das mudanças nos vínculos (WEISSMANN, 2008). Berenstein caracteriza como acontecimento "[...] a emergência de um fato novo do qual se pode dizer que não tem lugar nem representação prévia, que se dá em um campo onde é possível que aconteça, e ao mesmo tempo não é possível apreendê-lo até depois de produzido." (BERENSTEIN, 2004, p. 105). A Teoria das Configurações Vinculares defende que o conceito de estrutura marca um apoio que é passível de ser transformada, tanto pelo acontecimento quanto pelo *ajeno* do outro (WEISSMANN, 2008).

Isidoro Berenstein e Janine Puget, em 1950, em Buenos Aires, lançam luz à importância do mundo externo como constituinte da subjetividade humana por meio das experiências singulares vividas entre o sujeito e a rede de vínculos com outros, seja na trama familiar, seja no casal, grupos e instituições (WEISSMANN, 2008). A Teoria das Configurações Vinculares define o sujeito como "[...] inconscientemente relacionado a seu mundo interno e suas relações objetais, mas também a seu mundo vincular, que não é somente a prolongação ou a projeção do primeiro." (BARCIA; PORCHAT, 2006, p. 154). Embasada em tal definição, essa teoria descreve um aparelho psíquico vincular diverso do aparato psíquico descrito por Freud, "[...] já que inclui nela os objetos significativos, os relacionamentos e vinculações inconscientes e o social, que os atravessa." (WEISSMANN, 2009, p. 91).

De acordo com essa teoria, o aparelho psíquico vincular é composto por três espaços psíquicos, os quais têm lógicas diferentes e específicas[85], e três registros que se gravam no espaço psíquico ao qual se pertence. Os três espaços psíquicos são o intrassubjetivo, o intersubjetivo e o transubjetivo, incluindo o registro individual/intrapsíquico, os vínculos/representações vinculares e o social/representações socioculturais respectivamente, ou, segundo René Kaës (1997), o espaço do sujeito singular, o dos vínculos e o do outro.

[85] É oportuno destacar que os três espaços psíquicos vincular não apagam e nem tampam as marcas dos outros, "[...] mas se complementam, se superpõem ou se dissociam; cada sujeito, na sua singularidade, estrutura essa trama." (WEISSMANN, 2016, p. 68).

Isidoro Berenstein e Janine Puget descrevem esses três espaços psíquicos como zonas diferenciáveis que metaforizam "[...] um tipo de representação mental e vincular que o eu estabelece com seu próprio corpo, com cada outro ou outros e com o mundo circundante." (BERENSTEIN; PUGET, 1997, p. 21).

> Esses espaços demarcam bordas, algum tipo de organização e brechas, nas quais os espaços se diferenciam e se interceptam, por sua vez. São originários em sua constituição, fundam-se a partir do interior do psiquismo e do mundo externo. Cada um desses espaços tem vida própria com as suas representações também, e em todos eles se constituem os pilares do sentimento de pertença. Os espaços instituem subjetividade e é o sujeito que os relaciona, os liga ou os associa. Cada espaço tem determinações próprias e específicas, mas podem ser adjudicados a outro espaço por deslocamento. (WEISSMANN, 2009, p. 93).

O espaço intrassubjetivo, descrito por Freud como espaço intrapsíquico, na Psicanálise clássica, contém as fantasias, os objetos internos e o conteúdo considerado mais individual e particular de cada sujeito, estruturado pelas identificações com os outros externos significativos e as representações das relações objetais que o marcam. Desenha-se de modo intraterritorial e se institui "[...] a partir daquelas pegadas internas introjetadas intrapsiquicamente e orientadas pelo desejo e a defesa", desde a infância até a história atual do sujeito (WEISSMANN, 2016, p. 61). O outro não tem uma ação desiderativa própria nesse espaço, ocupando somente o lugar invocador ou motivador do desejo do ego (WEISSMANN, 2016).

Por sua vez, o espaço intersubjetivo privilegia os vínculos do sujeito, por meio das representações vinculares, que se constrói na presença entres dois indivíduos. Nesse espaço, definido pela extraterritorialidade, no entre sujeitos e na intersubjetividade, defronta-se "[...] com as diferenças na alteridade que cada sujeito delineia só com sua presença." (WEISSMANN, 2016, p. 61). O intersubjetivo particulariza o campo de encontro e a área do convívio entre sujeitos, nesse espaço, onde "[...] o outro está fora do sujeito com sua presença; e é fundamental para a constituição do vínculo." (WEISSMANN, 2008, p. 50).

> O espaço intersubjetivo caracteriza-se pela dupla direcionalidade dentro do vínculo, porque se arma uma ida e volta entre cada um dos sujeitos que constituem esse vínculo. Esses intercâmbios geram modificações inconscientes nos vínculos, uma vez que não temos como não nos deixar afetar pelo outro. (WEISSMANN, 2016, p. 62).

Os espaços intrassubjetivo e intersubjetivo impõem lógicas diferentes, pois, enquanto no primeiro há uma impossibilidade da presença, porque as representações conferem uma necessidade de ausência, no segundo espaço, tem-se a impossibilidade da ausência, já que,

para se encontrar em uma situação vincular, a presença do outro é fundamental (WEISSMANN, 2008).

Já o espaço transubjetivo, que transcende a noção de subjetividade, é responsável pelas marcas sociais e culturais dentro do psiquismo, e a realidade externa entra para constituir esse espaço. As representações socioculturais de nossa época, a cultura, às tradições e mitos, a comunidade, a linguagem, o momento histórico e social e o mundo exterior, do qual não podemos nos subtrair, estruturam igualmente o nosso psiquismo e moldam a forma de pensar, se relacionar, sentir, os costumes e como resolvemos os problemas, deixando inscrições pertencentes ao espaço transubjetivo. Esse espaço "[...] estabelece um contorno social conjunto, de contenção e de normas e valores, dentro do qual os sujeitos se inscrevem para formar parte dessa determinada cultura." (WEISSMANN, 2016, p. 68).

Segundo Weissmann (2016, p. 64), o espaço transubjetivo geralmente "[...] aparece como um espaço mudo e inconsciente e só surge na superfície quando se perde o entorno habitual, nas mudanças ou migrações, ou quando este é modificado." Nesse sentido, esse espaço, o qual permanecia oculto, porque não percebemos nossa inclusão nele, se apresenta quando estamos à margem do social e/ou numa condição de estrangeiro. A psicanalista Janine Puget contribui muito com esse conceito, ao estudar as imigrações forçadas pela ditadura militar, investigando os efeitos do contexto social sobre o psiquismo. Para ela, o espaço transubjetivo seria "[...] o conjunto de representações do mundo real (social e físico) em que o ego adquire diretamente, desde o momento originário, assim como pela mediação do super-ego dos pais. O sujeito é tanto sujeito do mundo quanto da estrutura familiar." (PACHUK; FRIEDLER, 1998, p. 433).

Ao aludirmos a família e vincularidade, precisamos abordar também outro conceito importante para se estudar as relações intersubjetivas, sendo este o processo de transmissão psíquica transgeracional ou entre gerações e sua influência na construção das subjetividades e dos vínculos familiares. Uma vez que os vínculos familiares "[...] são estabelecidos não apenas a partir das experiências atuais compartilhadas por seus membros, mas englobam também elementos do passado familiar, que sustentam os sentimentos de identidade individual e familiar." (FERNANDES, 2016, p. 62). Para Kaës (2005), a transmissão psíquica, nos textos de Freud, foi responsável por deslocar a tópica do inconsciente individual para a ordem intersubjetiva.

Sigmund Freud teorizou sobre os fenômenos relativos à transmissão psíquica, denominados herança arcaica, legado ou continuidade, desde 1895, em *Estudos sobre a histeria*, quando lançou luz sobre a hereditariedade dos aspectos psíquicos, no que cabe àquilo

que é transmitido inconscientemente entre as gerações da mesma família. Prosseguindo seus estudos, em seu texto *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921/1996), Freud destacou a importância da intersubjetividade na constituição psíquica do sujeito. Desde então, o conceito de transmissão psíquica incorporou-se à Psicanálise, contribuindo para o corpo teórico relacionado à temática dos grupos e vínculos.

Em suas investigações sobre o sonho, Freud (1900/1996) encontrou, na composição destes, elementos relativos à transmissão psíquica nos casos de histeria. Analisou que, por meio do mecanismo de identificação, o sujeito acabava incorporando, total ou parcialmente, um traço, aspecto ou característica do outro, através do movimento inconsciente da transmissão, no qual o sujeito não escolhe aquilo que herda e assimila e o outro não escolhe o que irá ser transmitido. No texto *Totem e Tabu* (1913/1996), Freud ressalta que a comunicação direta, costumes e tradição seriam insuficientes para dar continuidade ao legado de transmissão psíquica entre gerações, de sorte que era necessário investigar por quais meios essa continuidade se dava.

A partir de Freud, Kaës (2001) explicita algumas formas de transmissão psíquica, sendo a transmissão intrapsíquica, intersubjetiva e transpsíquica. A transmissão intrapsíquica "[...] se caracteriza pela passagem dos elementos transmitidos de uma instância para outra (do inconsciente para o consciente, da vigília para o sono), cumprindo funções específicas para o psiquismo, principalmente no que tange às defesas." (CASTRO, 2010, p. 58). A transmissão intersubjetiva ou intergeracional se dá a partir do grupo familiar, por meio da cadeia intersubjetiva, tornando-o herdeiro e beneficiário de tudo que o antecede. Na transmissão transgeracional, há uma abolição dos limites e do espaço subjetivo, sendo uma transmissão em estado bruto e, digamos, intrusiva, a qual ocorre através e não entre as gerações, "[...] que não respeita a existência de um espaço intermediário entre os dois sujeitos, deixando o destinatário sem meios de aceitar ou recusar tal objeto psíquico", pois o material psíquico familiar não é metabolizado ou transformado (BRAGA, 2011, p. 51).

Nessa perspectiva, René Kaës ressalta que o material da vida psíquica é algo que se torna passível de ser transmitido no interior de uma família, por meio dos vínculos geracionais, na dimensão intersubjetiva, via símbolos, linguagem, nas dimensões do real e imaginário, visto que "[...] o inconsciente de cada indivíduo leva a marca, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente de um outro, e, mais precisamente, de mais de um outro." (KAËS, 1998, p. 14).

> Nessas circunstâncias, os conteúdos psíquicos dos filhos estarão marcados pelo funcionamento psíquico dos avós, ou de outros ascendentes, que eles podem não ter

> conhecido, mas cuja vida psíquica marcou de forma traumática seus próprios pais [...] Este tipo de transmissão é considerado alienante e não-estruturante, impedindo a singularização do herdado, pois ela se impõe em estado bruto aos descendentes. (TRACHTENBERG; KOPITTKE; PEREIRA; CHEM; MELLO, 2005, p. 169).

Para Kaës (2001), a transmissão intersubjetiva, engendrada no grupo familiar, precede o sujeito que dele fará parte. O grupo, nesse caso familiar, o qual antecede e constitui o sujeito singular, instala a alteridade no sujeito (BENTO, 2006). Esse grupo, sendo uma realidade psíquica específica, dará sustentação e apoio à estruturação do psiquismo do sujeito que estará engendrado na trama de alianças e na malha de transferência, entrelaçado na matéria psíquica comum do grupo familiar que se constitui na intersubjetividade (DAHIA, 2010). Assim, "[...] o narcisismo das gerações precedentes sustenta a transmissão psíquica." (FERNANDES, 2016, p. 59).

> Nascemos para o mundo já como membros de um grupo, ele próprio encaixado em outros grupos e com eles conectado. Nascemos elos no mundo, herdeiros, servidores e beneficiários de uma subjetividade que nos precedem e de que nos tornamos contemporâneos: seus discursos, sonhos, seus recalcados que herdamos, a que servimos e de que nos servimos, fazem de cada um de nós os sujeitos do inconsciente submetidos a esses conjuntos, partes constituídas e constituintes desses conjuntos. (KAES, 1997, p. 106).

Todavia, segundo Weissmann (2016), nem tudo o que se transmite é de ordem inconsciente. A autora menciona dois tipos de transmissão, uma consciente/pré-consciente e outra inconsciente. No que cabe aos aspectos consciente/pré-consciente, temos a história familiar relatada aos filhos, os desejos e atos transmitidos, e, no aspecto inconsciente, "[...] pedaços da vida psíquica das gerações anteriores como bagagem para as gerações posteriores." (WEISSMANN, 2016, p. 68).

> Todavia, existe outra transmissão, a de conteúdos não processados, inscritos como um buraco e que se transmitem como um vazio, como um espaço em branco, como aquilo não representado, que beira o traumático não semantizado, cuja descarga se dá somente através da ação, via compulsão à repetição. (WEISSMANN, 2016, p. 68).

O material que é transmitido de um espaço psíquico a outro, sem possibilidade de elaboração, simbolização e representação, é "[...] aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalcamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados", as situações de violência e humilhação (KAËS, 1998, p. 9). Segundo Granjon (2000), transmitem-se aspectos negativos, como traumas, sintomas e patologias, que não possibilitam transformações, não são simbolizados nem metabolizados entre uma geração e outra, mas também positivos e adaptativos, como "[...] aquilo que ampara e assegura as

continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas."[86] (KAËS, 2001, p. 9). Além disso, transmite-se "[...] a lei que organiza a cultura e as marcas necessárias para a pertença social e cultural, assim como aquilo não representado" (WEISSMANN, 2016, p. 68), pois a cultura e o social deixam suas marcas no psiquismo.

Por conseguinte, temos duas modalidades de transmissão psíquica geracional: a intergeracional e a transgeracional (CORREA, 2000; SANTOS; GHAZZI, 2012). A intergeracional transita pelo eixo vertical, sendo diacrônica e comportando a filiação, o que é herdado e transmitido de modo explícito entre as gerações mais próximas, como os pais. Nessa transmissão, através das gerações, temos as vivências psíquicas passíveis de elaboração, de ordem simbólica e que constituem a identidade familiar, onde o material transmitido pode ser metabolizado e transformado. Cada membro da família associa, cada qual, "[...] a pertença à sua situação na filiação, na escala das relações intergeracionais e sexuais, ao seu lugar no fantasma do outro." (EIGUER, 1998, p. 38-39). A cultura também é passível de ser transmitida como conteúdo intergeracional, por processos inconscientes, pelos quais o sujeito herda as tradições, rituais, linguagem e práticas de determinada sociedade, podendo transmitir às próximas gerações (WEISSMANN, 2016).

A transmissão psíquica transgeracional não é integrada no psíquico, comporta o sincrônico; por ela, os significantes são esvaziados de sentido, não simbolizados, e a afiliação transita pelo eixo horizontal[87], sendo transmitida por várias gerações. As transmissões transgeracionais são compreendidas como alienantes[88], pois impossibilitam o sujeito de subjetivar os conteúdos herdados e encriptados, já que o material psíquico está suspenso. São conteúdos, no geral, traumáticos, sintomáticos e patológicos, que não são passíveis de modificações, porque não há espaço para representação (TOZATTO, 2004; REHBEIN; CHATELARD, 2013; ABDALA, 2013). "Tendo presente que a subjetividade se constitui na intersubjetividade e é sempre atravessada pela transubjetividade, consideramos que os conteúdos da transmissão psíquica são regidos pela influência mútua entre os campos geracional e transubjetivo." (TOZATTO, 2004, p. 100). Salienta Abdala (2013, p. 34):

---

[86] Como positivos, temos a transmissão das leis e cultura que funcionam como um organizador das relações intersubjetivas, e como negativos, os mecanismos defensivos. "Tanto os conteúdos positivos quanto os negativos são herdados inconscientemente de forma simultânea, ressaltando que não há escolha do sujeito." (ABDALA, 2013, p. 34).

[87] Os teóricos franceses estudam mais a transmissão psíquica no eixo vertical de filiação, enquanto os argentinos examinam mais transmissão psíquica no eixo horizontal de afiliação (TOZATTO, 2004).

[88] "Estes, por sua vez, terão seus conteúdos psíquicos marcados pelo funcionamento da vida psíquica dos antepassados - os quais, os sujeitos das gerações posteriores podem nem ter conhecido, - mas, ainda assim, o psiquismo guardara registro de algum trauma." (ABDALA, 2013, p. 37).

> Kaës (1998) propôs dois tipos de transmissão psíquica: intersubjetiva, a qual se relaciona com os conteúdos positivos assim como a transpsíquica faz menção àquilo que é de caráter negativo. A primeira se dá entre os sujeitos que compõe o grupo familiar diferenciando-se uns dos outros em uma relação de complementaridade. Assim, há possibilidades de transformações daquilo que é transmitido enquanto que na outra não. Além disso, na transmissão transpsíquica não há limites que estabelecem os espaços subjetivos, dificultando a separação eu-outro. Ela acontece através dos sujeitos, depositando algo que é de um no interior do psiquismo do outro.

Cada família, enquanto rede intersubjetiva, estrutura um modo peculiar de transmissão dos legados ancestrais e contemporâneos, para dar continuidade ao projeto familiar. Em suma, "[...] a família é uma produção humana, basicamente simbólica, e é por sua vez um fator de humanização que tem por função transmitir a bagagem simbólica que recebe." (BERENSTEIN, 1990, p. 17). A bagagem que nos antecede na cadeia das gerações e que o sujeito projeta no outro, a partir de seus objetos internos, torna-se parcela fundamental da subjetividade e da formação dos vínculos (TOZATTO, 2004).

Mediante o transmitido, defrontamo-nos, muitas vezes, com sujeitos aprisionados e incapazes de identificar e metabolizar seus legados (GOMES; ZANETTI, 2009). Kaës propõe a ideia de uma transmissão de destino ou, como nomeou Freud, uma compulsão de destino, onde há uma implacável e inelutável compulsão à transmissão, "[...] ficando alguns dos descendentes como depositários forçados de um destino familiar." (TOZATTO, 2004, p. 105). Dessa maneira, "[...] pela força do inelutável, o protagonismo de cada geração fica impedido e se mantém o assujeitamento de seus integrantes, em maior ou menor grau, aos mandatos dos antecessores." (TOZATTO, 2004, p. 105).

Nessa cadeia de transmissão psíquica, o filho, muitas vezes, vem ocupar um lugar de eu ideal na fantasia narcísica dos pais, onde estes investem libidinalmente, revivem e projetam compulsivamente seu narcisismo renascido, depositando no filho todos os sonhos dourados e desejos irrealizados, atribuindo a ele toda a gama de perfeição e tudo aquilo que eles não puderam ser e ter (FREUD, 1914/1996). Segundo Fernandes (2016, p. 68), "[...] na perspectiva da família, o filho deve ser e agir como um prolongamento melhorado dos pais. A criança deve, então, ser obediente, o adolescente fazer as escolhas de acordo com os ideais da família, garantindo uma perenidade ao narcisismo de seu grupo." Portanto, o filho, como sujeito que faz parte de uma história prévia que o envolve e atravessa, pode se tornar o depositário da herança psíquica dos pais, os quais se apropriam da subjetividade do filho, de forma indevida, para sua satisfação narcísica:

> A fundamentação da transmissão psíquica não ocorre nas palavras, mas sim nos desejos dos outros, a partir dos quais acontecem as identificações que, em se tratando de transgeracionalidade, se dão a partir de modelos não simbolizados. Passa a repetir-se algo do desejo, sem elaboração, construído como não-dito no discurso das figuras parentais. Este silêncio pode, então, realizar uma dupla função de alienação: o sujeito fica preso ao narcisismo, além de participar desta aliança inconsciente da família que pode aprisioná-lo em experiências - as quais ele desconhece - e defronta-se com lacunas. (ABDALA, 2013, p. 43-44).

Cada membro familiar, sendo um conjunto intersubjetivo, traz consigo e ao vínculo "[...] referentes internos que orientam cada sujeito e que contêm a história dos vínculos anteriores", ou seja, os ideais, legados e marcas psíquicas das famílias prévias (WEISSMANN, 2008, p. 74). Essa bagagem, composta pelas vivências e conluios inconscientes das gerações anteriores, se atualiza e é transportada aos demais descendentes que herdarão essa matriz vincular inconsciente que os abarca, podendo configurar sua função, lugar e posição no imaginário familiar. No entanto, essa herança não determinará o futuro do sujeito, tendo ele a possibilidade de elaborar e ser criativo diante daquilo que foi recebido, ressignificando e metabolizando o legado familiar.

Ora, como ressalta Tozatto (2004), uma transmissão psíquica pode ser repetida, contestada ou transformada. Na repetição, por meio da alienação, ocorre a manutenção do equilíbrio homeostático e o grupo se mantém em concordância, fortalecendo os papéis de cada um. Já quando essa transmissão é contestada e possivelmente transformada, tem-se uma quebra dessa aliança inconsciente de transmissão. Mas, para ser contestada e transformada, o sujeito precisa entrar em contato, reconhecer e lidar com tal transmissão, embora não tenha clareza de qual ordem se trata.

Pierre Benghozi (2010), outro autor essencial na discussão da transmissão psíquica entre gerações e na abordagem da Psicanálise dos vínculos sociais, ressalta que a adolescência, enquanto momento de engajamento na construção da identidade e pertencimento a grupos, é um período de reorganização dos vínculos e chave para a transmissão do legado familiar e, ao mesmo tempo, um período de transgressão que ameaça esse mandado e pacto familiar, acarretando uma possível ruptura da continuidade psíquica entre gerações que asseguram a continência familiar.

Segundo Scorsolini-Comin & Santos (2016), desde o nascimento, o sujeito está atravessado pelo olhar, ideais, significados, percepções, valores, desejos e mitos familiares "[...] que se inscrevem e estruturam o desenvolvimento dos filhos desde as primeiras vinculações." (p. 145). O legado e o contexto familiar ajudam na constituição da identidade do indivíduo e na construção da subjetivação. "Na cadeia de gerações os lugares vão sendo atribuídos e ocupados, lugares estes dos quais não é fácil escapar, uma vez que a trama vai se

configurando no entretecido dos respectivos narcisismos e respectivas resoluções edípicas.” (GOLDSMID, 2009, p. 16). Assim, a transmissão cultural perpassa a intenção e o desejo dos pais em dar continuidade e proporcionar a transmissão dos legados e suas raízes familiares aos filhos ou os deixar cair no esquecimento (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009).

4. A PESQUISA

4.1 Referencial metodológico

Para compreender as implicações psicossociais da experiência migratória e da longa permanência dos jovens brasileiros no Japão, as quais refletem na formação da identidade, sentimento de pertencimento e modos de subjetivação que produzem impactos na socialização, no processo educativo e no planejamento futuro dos *dekasseguis*, realizamos uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, por meio do estudo de casos múltiplos cruzados.

A pesquisa qualitativa remete a um contato direto do sujeito participante com o pesquisador, no intuito de compreender as particularidades, vicissitudes e as influências do meio em que os participantes estão inseridos (MELO JÚNIOR; MORAIS, 2018). O caráter qualitativo do presente trabalho visou a investigar o particular em profundidade, buscando informações ilustrativas, significações e "[...] centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais sem dar conta da totalidade do objeto estudado." (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

> A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Utilizamos o estudo de caso como método de pesquisa, por focalizar relações complexas e por buscar compreender e explicar alguns fenômenos sociais e circunstâncias presentes no processo migratório dos jovens brasileiros que vivem no Japão, sendo uma "[...] categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60), visa a compreender alguns fenômenos sociais e psicológicos contemporâneos, nos quais intervêm múltiplas variáveis e não há nenhum controle, tampouco previsibilidade (CARNEIRO, 2018).

Segundo Yin (2001), o estudo de caso compreende um método, uma lógica de planejamento, de coleta e análise de dados, com os quais o pesquisador procura reunir uma certa quantidade de informações, mediante um número pequeno de participantes, acreditando que este possa contribuir para a compreensão de uma realidade maior. "Visa à investigação de

um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações." (VENTURA, 2007, p. 384).

Para o delineamento de um estudo de caso, devemos passar por quatro fases: 1 - delimitação de uma unidade-caso; 2 - coleta de dados; 3 - seleção, análise e interpretação dos dados e, por fim, 4 - elaboração de um relatório com os dados analisados (GIL, 1995). A primeira fase almeja delimitar a unidade que constitui o caso, a qual pode ser um ambiente, instituição, lugar e/ou pessoa(s), a partir das problematizações embasadas nos determinantes sociais, políticos e históricos. Deve-se também elencar os objetivos de modo "[...] sintonizado com a temática e delimitado de maneira tal que auxiliem o pesquisador a encontrar resultados concretos." (MELO JÚNIOR; MORAIS, 2018, p. 28). A segunda fase consiste na coleta de dados, que pode se dar, segundo Yin (2001, p. 105), por meio de seis fontes distintas: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos."

Para a realização dos propósitos deste estudo, utilizamos a revisão bibliográfica e as entrevistas como coleta de dados, sendo esta uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso. Para esta investigação, empregamos a entrevista semidirigida (MINAYO, 1999).

Na terceira fase, para o delineamento de um estudo de caso, cabe a seleção, análise e interpretação dos dados, quando a Psicanálise e os estudos sobre a migração japonesa para o Brasil e dos brasileiros ao Japão foram adotados como norteadoras na compreensão das questões que emergem na experiência migratória dos *dekasseguis*, a fim de "[...] examinar, categorizar, classificar e recombinar as evidências tendo em vista as proposições iniciais da pesquisa." (MELO JÚNIOR; MORAIS, 2018, p. 29).

Ao coletar os relatos de entrevistas, é preciso fazer a análise do material e as evidências do estudo de caso, não se limitando à mera apresentação dos dados coletados, a qual, para a finalidade deste tipo de estratégia metodológica, possui pouco valor científico. Assim, após realizar uma coleta de dados cuidadosa, reunindo informações detalhadas capazes de contribuir para a compreensão das várias facetas de seu objeto, é preciso "[...] estabelecer um diálogo entre os achados oriundos de seu trabalho e a teoria que utiliza como base." (SANCHES PERES; SANTOS, 2005, p. 122).

A quarta fase para o delineamento de um estudo de caso é a elaboração dos relatórios parciais e finais, nos quais deve ficar especificado onde "[...] foram coletados os dados; que teoria embasou a categorização dos mesmos e a demonstração da validade e da fidedignidade dos dados obtidos." (VENTURA, 2007, p. 385).

Uma característica do estudo de caso é a sua flexibilidade e adaptabilidade em relação ao planejamento. Por isso, em virtude das necessidades que emergem no decorrer do estudo, é possível alterar a direção prevista ou incluir outro caso (SERRALTA; NUNES; EIZIRIK, 2011). Conforme Yin (2001, p. 83), [...] pouquíssimos estudos de caso terminarão exatamente como foram planejados."

Segundo Leite e Pinheiro (2005, p. 157), "[...] estudos de caso múltiplos oferecem ao pesquisador a possibilidade de conduzir a chamada 'análise cruzada' (*cross-case analysis*), a qual se constitui, provavelmente, na ferramenta metodológica mais poderosa para garantir consistência aos resultados de estudos de caso." Após concluir a análise interna e individual dos casos, inicia-se a análise cruzada, em que será estabelecida a construção de conexões entre os casos em estudo. Dessa forma, foi realizada uma leitura transversal dos casos, identificando-se as convergências e divergências, bem como as categorias e eixos relacionados ao tema e aos objetivos do estudo.

4.2 Delineamento e percurso metodológico

Após embasar e fundamentar a metodologia utilizada nesta pesquisa, iremos delinear, neste subcapítulo, o percurso metodológico, a fim de traçar as etapas, processos e caminhos que foram usados na execução desta investigação, para atingir os objetivos propostos neste trabalho. Conforme aponta Castro (2010), a própria etimologia da palavra *método* se relaciona a *metá*, que significa "através", e *hodós*, que denota "caminho". Logo, explicitar o percurso metodológico é estabelecer o "[...] caminho a ser atravessado para se chegar a um lugar/objetivo previamente determinado." (CASTRO, 2010, p. 24).

Para tanto, inicialmente foram realizadas leituras exploratórias e uma revisão bibliográfica sobre o assunto, de sorte a se apropriar dos conhecimentos, teorias e dados necessários para compor os capítulos da tese, a elaboração do material da pesquisa e a interpretação e análise dos dados. Depois dessa fase inicial de estudos, leituras e apropriação teórica, foram elaborados o projeto de pesquisa e os roteiros das entrevistas que seriam aplicadas com os adolescentes e seus pais, para o estudo de caso. Além disso, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), para apreciação, recebendo parecer favorável (número 3.025.903/ CAAE: 02157318.7.0000.5401).

Como critérios de elegibilidade dos casos, a presente pesquisa contou com cinco critérios para seleção dos participantes para compor a amostra da pesquisa: 1 – jovens

brasileiros de 14 a 19 anos[89], 2 – que estudassem em escolas privadas brasileiras e públicas japonesas, com o intuito de verificar as possíveis diversidades de experiências, no que diz respeito às concepções de futuro entre esses jovens, 3 – tempo de estadia/permanência no Japão de, no mínimo, dois anos, 4 – que soubessem falar e compreender o idioma português, e 5 – houvesse o aceite dos pais em participar da pesquisa. Os pais desses jovens também foram entrevistados para ampliar o entendimento sobre os aspectos investigados. Estipulou-se uma amostragem de 4 adolescentes participantes[90], sendo 2 estudantes de escolas brasileiras e 2 de escolas japonesas, para a realização de estudo de casos múltiplos nesta pesquisa[91].

É oportuno enfatizar que a pesquisadora contou com a ajuda e apoio de uma psicóloga brasileira, Carla Amaral Barros[92], que reside e atua no Japão, por meio do Projeto Sakura, para ter acesso a algumas escolas brasileiras e a jovens e pais selecionados para a pesquisa. Por isso, tal pesquisa só foi possível mediante o grau de confiança estabelecido entre a referida psicóloga e o *dekassegui* indicado, o qual já conhecia a seriedade de seu trabalho, no Japão. Além disso, foi utilizada a técnica da "bola de neve" onde alguns conhecidos indicavam outros amigos brasileiros e assim sucessivamente, até que tivéssemos o número de participantes suficientes para a investigação.

Após a indicação de alguns jovens, foi realizado contato com um dos genitores de cada família indicada e apresentados os objetivos da pesquisa para os pais e, posteriormente, para os adolescentes, dando total liberdade para refletirem sobre o aceite em participar ou não do estudo. Posteriormente ao aceite de ambos, realizou-se o agendamento da data e horário mais pertinentes à realização da entrevista. Em seguida, foi enviado, via *e-mail*, um termo de consentimento livre e esclarecido e assentimento, de acordo com a Resolução nº 196/1996[93], com o objetivo e conteúdo da pesquisa, para que os pais e os adolescentes pudessem ter acesso a eles. Deve-se frisar que os participantes foram respeitados em sua dignidade e

[89] Foi estabelecida essa faixa etária, pelo fato de, nessa idade, os jovens já começarem a pensar sobre planejamento de vida e estarem mais inseridos nos círculos sociais.

[90] Vale ressaltar que esse universo de entrevistados não tem pretensões quantitativas, mas sim qualitativas, não significando a totalidade e a realidade da experiência dos jovens brasileiros no Japão.

[91] Vale ressaltar que algumas entrevistas realizadas com outras famílias foram descartadas por dois motivos: 1 – a família desistiu da pesquisa por estar ocupada com outros aspectos e/ou 2 – o material coletado na entrevista continha poucos elementos que poderiam ser analisados devido a resposta muito breve do adolescente.

[92] Atua como psicóloga no Japão desde o ano de 2011. No decorrer desses anos, Carla, formada em Psicologia pela PUC-PR, em 1996, vem prestando atendimento psicológico, orientação, palestras e treinamento para milhares de brasileiros que moram no Japão, desde crianças a idosos. Durante todo esse percurso, atingiu em torno de duas mil pessoas diretamente. Pelo fato da sua longa jornada de trabalho no Japão, sendo conhecida e respeitada pela comunidade brasileira, a pesquisadora deste projeto, a qual também é participante do projeto Sakura, realizando atendimentos *on-line* à comunidade brasileira no Japão, contou com o apoio de Carla, para selecionar os participantes da pesquisa, já que possui uma boa inserção nas escolas brasileiras e japonesas no Japão.

[93] Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

autonomia, preservando-se sua identidade e assegurando-se sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa.

Após o esclarecimento de todas as dúvidas e a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido e assentimento, ocorreu a realização da entrevista, de modo virtual, via *WhatsApp*, por vídeo (aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para *smartphone*)[94]. A entrevista com o adolescente e com os pais ocorreu em dias e horários diferentes, e o tempo estimado para cada entrevista variou entre 25 minutos a uma hora de duração.

A escolha em realizar as entrevistas com os adolescentes separadamente de seus pais se explica porque, conforme é conhecimento da pesquisadora, esse grupo apresenta dificuldade para se expressar, por isso, optamos em fazer as entrevistas com cada subgrupo envolvido.

Para a entrevista, foi elaborado um roteiro que nos permitia apreender as questões investigadas, a fim de obter aproximações sucessivas com a realidade e um material qualitativo importante para a discussão sobre a questão da identidade. Assim, a entrevista foi semidirigida, organizada em um roteiro prévio baseado nos objetivos da pesquisa, de modo a instaurar uma "conversa com finalidade", para o acesso a ideias, crenças, sentimentos, valores e motivos que justificassem a atitudes e formas de atuar dos atores envolvidos no processo (MINAYO, 1999). Vale assinalar que todos os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos, de acordo com o consentimento prévio dos entrevistados, para que pudéssemos ter uma expressão mais acurada e transmitir as ideias apresentadas da maneira mais fidedigna possível, sem perder nenhum conteúdo importante. Entretanto, como ressalta Yin (2001, p. 115), isso não substitui ou invalida o "ato de 'ouvir' atentamente o entrevistado durante o curso da entrevista."

Foram selecionados para a entrevista quatro adolescentes e pais que preenchiam os pré-requisitos fundamentais para a escolha dos casos e aceitaram participar da pesquisa, sendo dois estudantes de escolas japonesas, um de 16 anos e outra de 18 anos, e duas estudantes da escola brasileira, uma de 16 anos e outra de 18 anos, e seus respectivos pais.

Após a realização e transcrição das entrevistas, os dados foram submetidos à análise qualitativa, baseada na compreensão dinâmica dos casos, através da técnica de síntese de casos cruzados. "A técnica de síntese de casos cruzados permite que seja feita a comparação de dados de casos individuais, segundo uma mesma estrutura, ou seja, estabelecer relações

[94] Vale ressaltar os desafios e as limitações de se fazer uma pesquisa online, no meio de uma pandemia, e com participantes no qual a pesquisadora não tinha vínculo prévio.

entre contextos diferentes, observando os aspectos em comum." (GADONI-COSTA; FRIZZO; LOPES, 2015, p. 904).

Inicialmente, apresentamos uma análise suscinta de cada caso – de cada família, descrita no quadro abaixo –, no capítulo 5, e posteriormente, no subcapítulo 5.5, procedemos à análise de comparação dos casos de cada família, destacando os aspectos em comum verificados durante a análise.

4.3 Descrição dos casos

A seguir, fazemos um breve resumo das histórias das quatro famílias que compõem o estudo de caso desta pesquisa, para familiarizar e situar o leitor. Para melhor visualização e identificação dos casos, elaboramos um quadro com algumas informações das famílias.

Quadro 1 – Famílias participantes da pesquisa

FAMÍLIA 1[95]	
Pai/idade:	Roberto – 36 anos (descendente)
Mãe/idade:	Luci – 35 anos (descendente)
Filho/idade:	Kenji – 16 anos (descendente)
Escola em que estuda:	Escola japonesa
Tempo de permanência do filho no Japão:	Nasceu no Japão e nunca foi ao Brasil
FAMÍLIA 2	
Pai/idade:	Maurício – 49 anos (descendente)
Mãe/idade:	Marta – 52 anos (descendente)
Filha/idade:	Yumi – 18 anos (descendente)
Escola em que estuda:	Escola japonesa
Tempo de permanência da filha no Japão:	Nasceu no Japão e já foi para o Brasil
FAMÍLIA 3	
Mãe/idade:	Ana – 40 anos (descendente)
Filha/idade:	Alice – 18 anos (descendente)
Escola em que estuda:	Escola brasileira
Tempo de permanência da filha no Japão:	Nasceu no Brasil e mora há 11 anos no Japão, mas já voltou ao Brasil algumas vezes.
FAMÍLIA 4	
Pai/idade:	Paulo – 40 anos (descendente)
Mãe/idade:	Daiane – 34 anos

[95] Todos os nomes são fictícios.

Filha/idade:	Giovana – 16 anos (descendente)
Escola em que estuda:	Escola brasileira
Tempo de permanência da filha no Japão:	Nasceu no Brasil e mora há 7 anos no Japão, mas já voltou ao Brasil algumas vezes.

Fonte: Elaborado pela autora

A família 1, composta por Roberto, Luci, Kenji e mais uma filha de 12 anos, mora no Japão há 23 anos e não pretende voltar ao Brasil. Luci (35 anos), descendente de japonês da terceira geração, migrou para o Japão quando tinha 11 anos de idade, junto a sua mãe (seus pais eram separados e seu pai já estava no Japão), em 1996, e estudou em escola japonesa. Aos 14 anos, voltou para o Brasil e, com 16 anos retornou ao Japão e nunca mais veio ao Brasil. Roberto (36 anos), descendente de japonês da terceira geração, migrou ao Japão com a sua mãe e irmão mais velho (seus pais eram separados e seu pai já estava no Japão) quando tinha 14 anos de idade, em 1997, e não seguiu os estudos. Quando tinha 17 anos, Roberto voltou para o Brasil com a família, tentando se fixar, mas logo retornaram ao Japão e nunca mais foi embora. Luci e Roberto se conheceram no Japão e estão casados há 16 anos. Atualmente, Luci trabalha como secretária e tradutora de uma empresa brasileira e seu marido como motorista de empilhadeira em uma fábrica. Seus dois filhos nasceram no Japão e ambos estudam em escola japonesa. Essa decisão foi tomada pelo fato de não terem a pretensão de retornar para o Brasil e por acreditarem que, ao estudar na escola japonesa, os filhos teriam mais oportunidades naquele país. Kenji está no 2º ano do Ensino Médio e faz “bicos” nos finais de semana, em restaurantes, para ajudar a pagar a escola e comprar as suas coisas. Kenji não conhece o Brasil e como planejamento futuro pretende terminar o Ensino Médio e ingressar em uma faculdade no Japão.

A família 2, constituída por Maurício, Marta, Yumi e mais duas filhas, uma de 22 e outra de 20 anos, moram no Japão há cerca de 30 anos e têm dúvidas em relação ao retorno ao Brasil. Marta, descendente de japonês da terceira geração (*sansei*), possui ensino superior incompleto e trancou a matrícula da faculdade, quando tinha 23 anos, para ir ao Japão, por influência de sua irmã mais nova, que já morava no país em 1992; desde então, só voltou ao Brasil para passear. Maurício, descendente de japonês da terceira geração, migrou ao Japão quando tinha 21 anos com a sua mãe, em 1992, e desde então só voltou ao Brasil para passear. Marta e Maurício se conheceram no Japão e estão casados há 23 anos. Atualmente, Marta trabalha em uma fábrica de peças de carros e Maurício como metalúrgico. Suas três filhas nasceram no Japão e todas estudaram em escola japonesa, pois os pais acreditavam que isso

facilitaria a apropriação do idioma local e a adaptação ao país, além disso, a família não tinha um planejamento de retorno ao Brasil e as escolas brasileiras, na época, eram escassas e distantes. Yumi está no 3º ano do Ensino Médio e trabalha todos os dias, meio período, em um supermercado. Yumi já foi três vezes ao Brasil para passear, mas relata ter medo do país, apesar de gostar. Como planejamento futuro, diz ainda não saber o que quer fazer.

A família 3, composta por Ana, seu marido, Alice e mais uma filha de 6 anos, mora no Japão há 16 anos e tem a pretensão de retornar ao Brasil para fixar residência. Ana é descendente de japonês da segunda geração, casada há 18 anos, e seu marido é brasileiro. Quando Ana foi para o Japão pela primeira vez, em 2004, ela tinha 24 anos de idade, era casada e já tinha Alice, que na época tinha 2 anos e 8 meses. Durante toda a sua estadia no Japão, Ana voltou ao Brasil três vezes, mas nunca com a ideia de retorno. Em 2006, devido à carga horária intensa de trabalho, Ana e o marido não conseguiam ter muito tempo para a filha e decidiram trazer Alice para o Brasil, quando ela tinha 4 anos de idade, para morar com o pai e a madrasta de Ana. Após três anos, em 2009, quando Alice tinha 7 anos, a mãe veio buscá-la para retornar ao Japão e, em 2017, veio ao Brasil para apresentar a filha mais nova para a família, tendo ficado aqui por três meses. Ana trabalha como professora em uma escola brasileira e seu marido, que não quis participar da entrevista, trabalha em uma fábrica. Alice mora há 11 anos no Japão, ao todo, e recentemente terminou o terceiro ano do Ensino Médio, na escola brasileira onde a sua mãe trabalha. Atualmente, Alice trabalha em um escritório brasileiro na parte de sistemas. Em relação ao planejamento para o futuro, Alice diz que quer fazer faculdade de Arquitetura e Urbanismo, no Brasil, e ir ao Japão apenas para visitar.

Por fim, a família 4, formada por Paulo, Daiane, Giovana e mais uma filha de 6 anos, está no Japão pela terceira vez. Em 2004, quando tinha 23 anos, Paulo, descendente de japonês da terceira geração, foi ao Japão pela primeira vez, sozinho, deixando Daiane (brasileira), com 18 anos, grávida de Giovana no Brasil. Após dois anos, em 2006, Paulo retorna ao Brasil para conhecer a sua filha e aqui fica até 2008, quando volta para o Japão com a sua família. Ficam no Japão por três anos e, em 2011, devido ao terremoto, voltam para o Brasil. Ficaram no Brasil por 5 anos e, em 2016, por não conseguirem se manter financeiramente, retornaram para o Japão, onde permanecem até momento. Daiane e Paulo estão casados há 13 anos e, atualmente, Paulo trabalha com solda e Daiane está desempregada. Ao todo, Paulo mora no Japão há 9 anos e Daiane e Giovana, há 7 anos. Na primeira vez que Giovana foi ao Japão, ela tinha 3 anos de idade e, na segunda vez, estava com 12 anos. Atualmente, Giovana está no 1º ano do Ensino Médio e estuda em uma escola

brasileira. Como plano para futuro. pretende seguir os estudos e fazer faculdade de Letras no Brasil ou no Canadá.

5. ESTUDOS DE CASOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, iremos tecer os recortes dos relatos das entrevistas e realizar a análise e discussão dos casos articulados com a teoria psicanalítica. Com cada família, foram feitas 5 entrevistas: com a mãe, com o pai, com o casal, exceto o da família 3, porque o pai não quis participar, e duas com o adolescente. No início de cada análise, a pesquisadora descreveu como foi a entrevista e a sua percepção inicial.

Os relatos das entrevistas foram agrupados em dois grandes eixos temáticos: Transmissão psíquica e pertencimento e Construção identitária. A escolha desses eixos temáticos se justifica, na medida em que a adolescência, enquanto momento crucial na constituição da identidade, é um período de reorganização dos vínculos, pertencimento a diversos grupos e chave para a transmissão psíquica ou transgressão do legado familiar. Além disso, para compreender as implicações psicossociais da experiência migratória e da longa permanência dos jovens brasileiros no Japão, objeto de estudo desta pesquisa, é necessário examinar os modos de pertencimento e as transmissões psíquicas familiares que refletem na formação da identidade e modos de subjetivação desses jovens.

Assim, no eixo Transmissão psíquica e pertencimento, iremos contemplar aspectos das entrevistas que sinalizam para o que se transmite nas relações intersubjetivas, por meio da vincularidade, como as alianças, pactos e contratos inconscientes, os quais configuram todo laço social e garantem a manutenção do vínculo e a continuidade psíquica entre as gerações, como, por exemplo, o berço psíquico, o futuro que os pais almejam para os filhos, a linguagem e os discursos que perpassam essa filiação, os significados endereçados ao filho, o que diriam aos outros imigrantes e a história de migração dos pais. Agruparemos também as falas e os tópicos que permitem ao jovem se reconhecer, se integrar e se identificar como sendo de algum lugar, formando sua identidade nacional, ou seja, seu espaço psicossocial de pertencimento. Trata-se da rede simbólica e pontos de ancoragem que habilitam um sentimento de pertencimento aos jovens entrevistados, como o idioma, a escola, a alimentação, os costumes, as características fenotípicas, os laços sociais, os espaços que habitam e as identificações.

No eixo Construção identitária, iremos sintetizar como o entrevistado se sente e se posiciona quanto à sua identidade e como seus pais o identificam, uma vez que, mediante a experiência de migração, a identidade pode ser remodelada por processos sociais em função da cultura na qual o sujeito está inserido, sendo esta dinâmica, plástica e constantemente deslocada pelas experiências vividas.

5.1 Família 1: Roberto, Luci e Kenji

Luci é muito comunicativa e respondeu prontamente às perguntas, não se mostrando acanhada. Luci tem o fenótipo caracteristicamente nipônico e fala com um pouco de sotaque. A entrevista ocorreu no dia 20/01/2020 e teve duração de 44 minutos. Roberto respondeu prontamente às perguntas, não se mostrou tímido e a entrevista transcorreu de modo tranquilo. Assim, como a esposa, apresenta um fenótipo japonês, mas não tem muito sotaque. A entrevista aconteceu no dia 08/07/2020 e teve duração de 40 minutos. Na entrevista com o casal, os pais pareceram confortáveis, ao responder às questões. Os dois foram complementando a fala um do outro, sem interromper o parceiro. A entrevista se deu no dia 08/07/2020 e teve duração de 55 minutos.

Kenji, o filho do casal, de 16 anos, mostrou-se muito tímido na entrevista e demorava para responder às questões; em outros momentos, pediu para que a entrevistadora explicasse melhor a sua pergunta. Ele tem o fenótipo marcadamente japonês e a sua fala se assemelha à de um japonês tentando falar o português. Às vezes, teve dificuldade para explicar o que queria dizer e traduzir para o português. A entrevista aconteceu em dois momentos: a primeira, no dia 21/01/2020, com 35 minutos de duração, e a segunda, no dia 23/07/2020, com 48 minutos de duração. Na segunda entrevista, Kenji parecia mais confortável do que na primeira.

Sobre a história da migração familiar, Luci, descendente de japonês da terceira geração, relata: "[...] *os meus avós sempre ficaram nesse vai e volta, né?! Aí, depois meu pai veio, né, porque eles separaram, então meu pai veio primeiro, aí depois minha mãe veio*". Luci migrou pela primeira vez ao Japão com a sua mãe, em 1996, e conta: "[...] *quando a gente é criança, meio que não tive muita escolha, né? É, eu vinha pra cá com 11 anos, né? Eu morava com minha mãe e a minha mãe veio para cá e eu vim com ela*.". O objetivo da migração era trabalhar, juntar dinheiro e retornar ao Brasil, para "[...] *ter uma vida melhor*" (Luci).

Desde que chegou ao Japão, Luci sempre estudou em escola japonesa e relembra que sentiu muita dificuldade, quando ingressou na escola, por já estar com uma idade mais avançada. Aos 14 anos de idade, Luci e sua mãe voltaram ao Brasil: "*Ah, eu voltei pro Brasil uma vez, mais tipo... não me acostumei mais.*". Depois de dois anos, retornaram ao Japão e Luci nunca mais visitou o Brasil.

A família de Luci já vinha vivenciando a migração circular desde a figura de seus avós, sendo quase uma tradição familiar. No entanto, sobre a sua ida ao Japão, ela garante: *"*[...] *não tive muita escolha",* como se fosse algo de que ela não participou, não escolheu e desejou.

Roberto, descendente de japonês da terceira geração, conta que migrou ao Japão, em 1997, com a sua mãe e o irmão mais velho, quando tinha 14 anos de idade. Sobre o motivo da imigração, afirma que *"*[...] *foi financeiro, né, como a maioria, né? E na... na época, minha mãe já era separada do meu pai.* [...] *Aí tem aquele problema de não mandar pensão, essas coisas, né? Aí, minha mãe pegou, tomou essa decisão difícil de vir pro Japão.*".

Roberto acrescenta: "*Eu tenho um irmão mais velho, 3 anos mais velho, né, mais velho que eu, no caso. Então, quando veio na época, ele já tinha idade pra poder trabalhar, eu não tinha idade pra trabalhar, por ser menor de idade, aí, então, na época, minha mãe, até minhas tias, ofereceram pra deixar eu no Brasil com eles, né? Aí minha mãe, eu falo, minha mãe foi guerreira, porque ela não, falou: 'Ninguém vai ficar pra trás', né, e trouxe eu junto, eu sem poder trabalhar, na época não sabia japonês, não podia ir pra escola, não podia não, eu não quis ir pra escola.*". Roberto conta que ficava muito tempo em casa sozinho, pois "[...] *minha mãe trabalhava, dependendo, se o pessoal trabalhava muito, minha mãe voltava 21/22 horas da noite pra casa, ela e meu irmão.*". Roberto nomeia como "difícil" a decisão de ir para o Japão e a postura de mãe como "guerreira", por não deixar nenhum filho para trás.

Ao contrário de Luci, Roberto não seguiu os estudos e, quando tinha 17 anos, voltou para o Brasil com a família, tentando se fixar, mas logo retornaram ao Japão e nunca mais veio ao Brasil. Sobre sua adaptação ao Japão, Roberto relata: "[...] *acostumamos, né desde pequeno aqui, né? Você acomoda, né?!... Na verdade, você acomoda, eu acho, né, porque você não vai querer voltar para o Brasil e começar do zero de novo, né. Mas é esse sentimento, né*". Roberto já estruturou a sua vida no Japão e se acostumou ao país, dizendo que não tem vontade de voltar ao Brasil, pois, para ele, isso parece ser um retrocesso, ao ter que "*começar do zero*", como se nada se levasse ou aproveitasse do Japão.

Luci e Roberto não escolheram migrar ao Japão: ambos foram levados pelas suas famílias, ainda na adolescência, com o projeto e a promessa de ganhar dinheiro e retornar ao Brasil, assim como a maioria dos brasileiros. Tanto a família de Luci quanto a de Roberto tentaram voltar uma vez ao Brasil, todavia, não conseguiram se estabelecer e retornaram ao Japão. Luci e Roberto se conheceram no Japão e estão casados há 16 anos; ao todo, moram no Japão há 23 anos.

5.1.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e pertencimento

Luci descreve Kenji como comunicativo e tranquilo e explica que o nascimento do mesmo foi planejado por ela, mas não pelo pai. Na época, Luci tinha 17 anos e Roberto, 18 anos. Ela diz: "*É porque era um sonho meu, né? Tipo... certo que foi cedo assim um pouco tudo mais na minha cabeça, por ter tido pais separados, eu sempre tive o sonho de ter uma família completa, né? Eu olhava outras famílias, assim, tipo, eu queria aquilo pra mim também, né?*". E o marido complementa, com humor: "*Não tive escolha*.".

Nesse trecho da entrevista, podemos observar a representação que o filho teve em sua vida: Kenji nasceu de um desejo de Luci em ter uma família, em seu imaginário, completa, já que a separação de seus pais a fez ter a sensação de uma família incompleta. A mãe de Luci engravidou com 18 anos e Luci com 17 anos; essa repetição de idade parece ser um modo inconsciente de Luci compensar e provar à mãe que é possível ter um filho cedo, este ser desejado e não ser um peso em sua vida, como sua mãe verbalizava. Havia em Luci um desejo de ter um filho e um projeto de ser mãe, algo distinto, segundo Szejer e Stewart (1997), porque o primeiro acarreta a projeção imaginária dessa criança e de seu futuro, enquanto o segundo implica como ela se vê no futuro como mãe, projeção esta diretamente relacionada aos seus modelos parentais.

Kenji nasceu no Japão e nunca foi ao Brasil, por esse motivo, ele fala muito bem o japonês, como um nativo. No entanto, em relação ao português, apesar de conseguir se comunicar, apresenta dificuldade e muito sotaque, parecendo um estrangeiro falando português. Assim, como afirma Coracini (2007), há uma "maternalização" do japonês e uma "estrangeirização" da língua considerada materna, por conta do nível de pertencimento e inserção de Kenji à comunidade japonesa, os quais atravessam a sua subjetividade e vivência.

Os pais fizeram questão de manter a língua materna em casa e esse desejo foi sustentado por meio de quatro aspectos identificados pela pesquisadora, visto que "[...] a língua materna é um fator importante, que traça uma aproximação entre sujeitos, porque sentem que os vínculos parecem já portar um tecido preestabelecido, o qual os ampara, ao compartilhar um idioma comum." (WEISSMANN, 2017, p. 201).

O primeiro aspecto é o fato de a mãe de Luci não ter dado muito valor e atenção a isso, deixando-a falar japonês, o que ocasionou o esquecimento temporário de algumas palavras em português e, como não queria que isso acontecesse com o seu filho, reforçou a importância do português em casa. "A perda da língua materna, como meio de se comunicar,

corresponde a uma perda do laço com a cultura de origem e à ruptura com o marco conhecido," (WEISSMANN, 2017, p. 203). O segundo fator é que, por não ter pretensão de voltar ao Brasil, acreditavam que, se não praticassem o português em casa, o filho não teria a oportunidade de aprender a língua. O terceiro fator se trata dos benefícios para o filho, ao desenvolver mais uma língua e como quarto, e talvez o fator mais relevante, a circunstância de o marido não compreender bem o japonês. *"Eu fiquei imaginando, como que eles vão crescer sem conversar com o pai, se precisar ter uma conversa séria, meu marido não vai facilitar conversar com eles, eu não quero isso, né?*" "*E outra, eles não vão perder nada é... aprendendo mais uma língua*." (Luci). "*Porque como eles já vão pra escola japonesa, eles já vão aprender o japonês na escola, né? Então, a gente já colocou uma regra de só falar português pra eles mesmos aprenderem o português."* (Roberto).

Nesse trecho da entrevista, podemos ver a língua enquanto sustentação dos laços sociais, afetivos e unidade cultural de pertencimento a um código comum familiar, onde "[...] a membrana sonora da língua compartilhada não é um mero depósito de sensações, imagens e afetos, mas se constitui em uma experiência transicional que procura nomear e comunicar as mesmas experiências" (SELVATICI, 2007, p. 6), uma vez que apenas a língua materna possibilitaria ao pai se expressar de modo mais autêntico e claro, perpetuando a continuidade e a segurança do vínculo familiar.

O pai relata que, no início, quando Kenji era pequeno, este não entendia e questionava por que tinha que aprender e falar português em casa. Então, os pais explicaram que era importante para ele poder conversar com o restante da família, no Brasil, e justificaram que Roberto não sabia falar japonês, "[...] *porque a Luci que acompanhava ele na escola tudo e ele via que a mãe dele falava japonês, né? Eu como só ia raramente na escola, aí a gente pegou e começou a falar pra eles que eu não entendia japonês."* (Roberto). Assim, por meio de uma mentira, os pais criaram uma justificativa para que o português tivesse alguma significação para Kenji e saísse apenas da ordem do desejo de transmissão dos pais. Para os pais, era importante a apropriação da língua materna pelo filho, já que funciona como um elo entre os membros da família, conferindo o pertencimento a um código comum, o qual reforça o pertencimento e mantém laço com a cultura de origem (WEISSMANN, 2017).

Além disso, podemos perceber que a justificativa utilizada pela família para o uso do idioma português em casa acentua a diferença cultural entre os pais e, dessa maneira, o pai ocupa um lugar mais distante na relação com o filho, principalmente no que diz respeito à identificação. Se, por um lado, a obrigatoriedade do uso do idioma de origem teria como função aproximar pai e filho, por outro, aponta a mãe como a principal figura identificatória.

Nesses termos, a imago paterna não é o ponto de identificação ao ideal do eu de Kenji, contudo, é a mãe que ocupa o lugar de ideal e âncora de sua identificação (QUINTELLA, 2014).

Luci explica que o português era mantido apenas em casa e, nos demais ambientes, conversava com Kenji em japonês, pois tinha esse cuidado em não "expor" o filho. "*Só que assim, eu sempre respeitei também os momentos, né? Por exemplo, eu falei pra ele: 'Eu não vou chegar aqui na escola e falar o português alto com eles, também, porque é lógico que eles vão sentir vergonha. Eu não vou fazer isso com vocês, né?.''* (Luci). "*É, eu tenho vergonha, até agora eu tenho um pouco assim, tipo de usar o português dentro da escola com os pais.*" (Kenji). É comum as crianças e adolescentes, que estudam em escola japonesa, terem vergonha de seus pais conversarem com eles em português em público, talvez pelo fato de eles quererem se assemelhar e se sentir pertencentes ao grupo de japoneses, almejando esse reconhecimento e pertencimento, e pois são filhos de imigrantes.

Ora, o pertencimento e as identificações são aspectos relevantes no processo de formação do jovem e em sua relação com o mundo, pois

> [...] somos inscritos no mundo a partir de e através dos outros que nos incluem no espaço com sua pluralidade e alteridade, concedendo-nos uma determinada cultura e um espaço transobjetivo que demarcam um lugar comum entre aqueles que compartilham traços e inscrições semelhantes." (OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017, p. 206).

A preocupação em "expor" seu filho, caso converse com ele na língua materna, demonstra a dificuldade com relação à aceitação da alteridade que reside na origem do pertencimento.

Desde o início, os pais de Kenji o matricularam na escola japonesa, porque tinham a pretensão de fixar residência no Japão. A mãe relata que, assim como ela, Kenji não teve dificuldade de aceitação na escola, pois "[...] *a gente tem cara de japonês*", *"*[...] *na época eu achava que sendo japonesa eu ia sofrer menos, né?''*. "*Eu acho que, por causa disso, eu não sofro tanto preconceito assim, como a maioria das pessoas falam que sofrem, né?*" (Luci). O pai complementa: "[...] *então a fisionomia deles é de japonês, entendeu? Não tem aquele, se mestiço, traço de... de... de brasileiro puro assim, né, ou da mistura. Então, o pessoal mesmo que não conhece, acha que ele é japonês [...] Então, essa é uma vantagem.''* (Roberto).

Nesse trecho da entrevista, podemos observar como a questão do fenótipo interfere no tratamento que é oferecido aos estrangeiros. Se você tem um rosto com características parecidas a eles, você acaba sendo identificado como semelhante e tem menos chances de vir

a sofrer discriminação e rejeição por ser estrangeiro. Por isso, a semelhança fenotípica fortalece o sentimento de pertencimento e integração ao grupo.

> A peculiaridade marcante do descente japonês parece encontrar-se no seu rosto. É através da sua face, dos olhos puxados, que o *nikkei* revela sua descendência e passa a não ser considerado brasileiro. [...] Independente de serem favoráveis ou não, essas características determinam em grande medida as formas das pessoas se relacionarem com os descendentes e as expectativas que elas possuem deles. (ISHIMORI, 2005, p. 6).

Apesar da semelhança fenotípica, Kenji percebia que havia algo de diferente entre ele e seus amigos japoneses, segundo o pai: "*Quando era pequeno ele... ele... ele se sentiu, ele mesmo se sentiu um pouco assim meio estranho, quando era pequeno. A gente via que ele se sentia, né? A gente começou a explicar, né? Tá assim, tá ele começar a entender que a gente entre aspas querendo ou não a gente é estrangeiro aqui, né? O nosso modo de viver é um pouco, assim, é um pouco diferente do japonês tradicional, né?*" (Roberto). Mesmo com aqueles jovens que nasceram, se socializaram, se aculturaram ao Japão e têm o fenótipo japonês tão marcado em seus traços, a questão da estrangeiridade ainda se faz presente, pois eles carregam consigo valores e comportamentos brasileiros herdados de sua família.

Ao apontar que o filho se sentia *meio estranho* e gostaria de compreender a condição dele e da família, no Japão, Roberto finaliza dizendo que, queira ou não, eles são "meio" estrangeiros no Japão – e seu relato é corroborado pelo filho, que se considera "meio" japonês. A questão do pertencimento remete a uma origem em comum, e a família comprova essa marca, revelando a condição de "meio" japonês, "meio" brasileiro, ou seja, um pertencimento parcial a duas origens e dois países. Tal aspecto aponta para a construção identitária, porque o pertencimento está associado ao sentimento identitário, do qual trataremos posteriormente.

Ao contrário de Roberto, Luci não interrompeu os estudos para trabalhar, estudou em uma escola japonesa e diz que sua experiência como estudante ajudou a orientar os filhos, "[...] *como eu fiz chuugakko e shogakko, eu sei como que são as escolas*.". A mãe relata que sempre conversou com o filho sobre o funcionamento da escola japonesa e como ela se sentia enquanto estudante: "[...] *eu puxei muito do que eu senti na época, né?*". Luci conta que teve dificuldades de adaptação na escola japonesa, por ter ingressado com 11 anos de idade: "*Porque eu não sabia nada de japonês, né, era tudo na base da mímica, tudo, né, no começo foi difícil, né? Mas depois aprende, né?!".* O que a ajudou na integração à cultura japonesa foi o fato de, "[...] *mesmo eu nascendo no Brasil e tudo, desde pequena meus avós, assim, sempre*

colocaram um pouco da cultura japonesa dentro de casa, né? Então, tipo, mesmo quando eu vim pra cá, eu não estranhei tanto assim.".

Como seus avós fizeram, transmitindo um pouco da cultura japonesa a ela, Luci transmite aspectos da cultura brasileira para os filhos, mesmo não pretendendo retornar ao país, e tudo aquilo que vivenciou e aprendeu na escola japonesa. Há um espaço de transmissão cultural e da história familiar, um mandato geracional, que reforça "[...] o sentimento de pertencimento e de construção identitária dos indivíduos" uma vez que "a transmissão através da linguagem oral constitui um dos principais meios de assegurar a continuidade e a coesão do grupo familiar." (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 423).

Ao contrário do que Luci tenta ser aos filhos, sua mãe não era presente e não a apoiava durante os anos escolares: "[...] *no meu caso, a minha mãe trabalhava muito, né? Não é julgando ela, né, era uma necessidade da época nossa, né? Ela trabalhava muito, então, não tinha muito tempo de conversar com ela, né?*" (Luci). Tomando como experiência a ausência da mãe em sua vida escolar, Luci relata que sempre procurou participar ativamente das atividades escolares do filho e que nunca deixou o seu trabalho interferir. Podemos observar que Luci tenta utilizar a sua experiência de vida para compreender as necessidades de seu filho, transmitindo, assim, sua experiência escolar e funcionando como um suporte para ele, nessa trajetória.

Luci conta que esse apoio fez diferença na vida de Kenji e que o ajudou no processo de adaptação escolar. Assim, a vivência da mãe, enquanto estudante de uma escola japonesa, refletiu e ressignificou a trajetória escolar do filho. Como Luci passou por todo o processo e infortúnio de adaptação escolar sozinha, ela se preocupou em não deixar o filho passar pela mesma desventura sozinho, tendo inclusive o colocado em terapia, antes de ele entrar no *chuugakko*, já que, segundo Luci, do "[...] *shogakko para chuugakkou é uma mudança muito grande de ambiente de como os professores vão te tratar*.". Nesse ponto, verificamos como Luci imprime a sua experiência escolar no filho e manifesta preocupação para que a trajetória escolar do mesmo não gerasse tantos conflitos, sobretudo porque ela mesma passou por essa experiência. Luci assevera que sente a satisfação do filho em vê-la participando de sua vida escolar, o que pode ser uma projeção do desejo de Luci em ver reconhecido e valorizado seu esforço em participar das atividades escolares do filho, o que gostaria que a sua mãe tivesse feito por ela. Por conseguinte, através da transmissão psíquica intergeracional, Luci projeta e comunica ao filho sua bagagem e experiências como um modo de vinculação e identificação (TOZATTO, 2004).

Ao ser questionado a respeito da escola japonesa, Kenji responde gostar e não ter problemas e dificuldade de adaptação, convívio ou aprendizagem, tendo um relacionamento tranquilo com os colegas e professores. Quanto à ocorrência de *ijime*, ressalta não ter sofrido muito. "*Não muito assim, bem pouquinho só... bem pouquinho só"*, por ser estrangeiro.

Os pais relatam que Kenji não tem muitos amigos, mas "[...[*quando tem um amigo ou dois amigos, é aquele amigo tipo pra sempre, né? [...]. Mas assim, ele não sente aquela necessidade de ter um monte de amigos*". "*Sempre com japoneses. É porque na faixa etária do Kenji não tinha muito estrangeiro estudando, né?*" (Luci). No entanto, Kenji diz ter amigos de ambas as nacionalidades, porém, se for fazer um comparativo, tem mais amigos japoneses por conta da escola, por isso, acaba saindo muito mais com o grupo de japoneses.

Como atividade de lazer, Kenji demonstra manter os costumes japoneses, como ir para o *onsen*[96] e *game center*. Em relação à alimentação, em casa, eles mantêm a dos dois países e, no que concerne a leitura, música, jogos e televisão, Kenji só consome conteúdo em japonês. "*Pra mim é fácil de... entender também japonês, do que brasileiro. Assim, eu até sei ler português, essas coisas assim só, mas tem muitas palavras... é... brasileiras que eu não entendo muito, né?. É fácil, o japonês, né?*"(Kenji). Kenji mantém mais amizade com os japoneses e se insere em atividade de lazer tipicamente japonesa, o que lhe dá a consciência de pertencer a uma cultura e grupo, que organiza e compartilha a sua identidade, fazendo com que o reconheçam e o assinalem como sujeito que faz parte daquele determinado local (WEISSMANN, 2016; CANCLINI, 2004).

Em relação às diferenças que observam entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e no Brasil, os pais frisam que, pelo fato de o Japão ser um país mais seguro, eles não são tão espertos como os jovens que estão no Brasil – e o pai complementa: "*Se um dia eles forem pro Brasil, praticamente eles vão ser meio que bobinhos, né?*". Quanto a isso, Kenji entende que os japoneses são mais sérios, cuidadosos e delicados, e os brasileiros gostam muito de bagunça.

Sobre os desafios de serem imigrantes, Roberto diz que o salário para os estrangeiros é quase sempre inferior ao dos japoneses e que ele ainda tem uma vantagem por ser chefe na firma, ser contratado direito, não por uma empreiteira, e ganhar melhor. Sobre os benefícios, além de agregar outra cultura, Luci salienta que a questão da mobilidade de poder trocar de país, por serem descendentes, é uma vantagem: "[...] *aí, tá ruim aqui, ah, vou pro Brasil, fica no Brasil; aí, está ruim no Brasil, ah, vou pro Japão, né? [...] Acho que é essa deve ser a*

[96] *Onsen* se refere a estabelecimentos e casas que oferecem banheiras ou piscinas de águas termais.

vantagem, né? De você conseguir escolher de onde você quer viver, né?". A possibilidade de deslocamento, mobilidade e poder transitar entre os dois países é vista como um ponto positivo para o nipo-brasileiro, segundo Luci.

Ao serem questionados sobre a experiência migratória do filho, Luci considera ponto negativo o fato de algumas crianças brasileiras não se apropriarem da cultura e da oportunidade de aprender duas línguas tão distintas, principalmente a língua materna. "*Porque tem criança que só sabe português e tem criança que só sabe japonês, né? Eu acho que, se a gente tem a oportunidade de vir para outro país, é importante a gente saber da cultura, da língua, aprender, é uma oportunidade que ninguém tem assim.".* Como ponto positivo, aponta a qualidade de vida, oportunidades, a segurança e a tranquilidade que o Japão oferece. Luci diz que que sua família valoriza o contato com a cultura japonesa e insere os dois idiomas ao filho, o que significa que, dentre o pertencimento pela metade, eles estão tentando o pertencimento japonês sem deixar a origem brasileira de lado.

Já Roberto, aludindo à experiência migratória do filho, afirma que o mesmo não se vê como imigrante, pois, "[...] *pra ele, ele é japonês, então tem outro pensamento. Se você falar que ele é brasileiro, ele fica meio assim, né? [...] Eu já falei, pra ele, é isso, isso, pra ele tirar cidadania japonesa, eu falei pra ele, que eu quero que ele tire, né?* [...] *Ele também fica na dúvida, eu acho.*". Por mais que seus pais sejam imigrantes, para o filho que nasceu e cresceu no Japão, o pertencimento é outro. Kenji não se vê nessa condição de imigrante e se identifica como japonês, ao mesmo tempo que reconhece a sua origem brasileira, demonstrando esse duplo e parcial processo de pertencimento identitário. Em relação à cidadania, talvez Kenji ache que, ao tirar a cidadania japonesa, estaria negando a brasileira.

A propósito do desafio de ter um filho migrante, a mãe pensa que o mais relevante é a educação, pois muitos estrangeiros não conseguem avançar e concluir os estudos, porque "[...] *já vai optar pela fábrica que é mais fácil* [...] *'Ah, vou lá, vou ganhar um dinheirinho', né?! Porque acha que é o suficiente naquele momento, né?* [...] *Porque tem que tá sempre orientando eles, conversando com eles... que ... de estudar, de ir pra frente, de escolher uma carreira, tudo, né, mesmo que seja aqui no Japão, e não deixar tipo 'meia boca', porque... nessa parte, eu sinto muito por mim, né? Ficou metade de educação brasileira, metade da educação japonesa, tipo, não ficou nenhum terminado, né?*". Luci acrescenta que os jovens brasileiros no Japão começam a trabalhar muito cedo em fábricas, abandonam a escola e acham que o dinheiro que ganham é suficiente, não tendo perspectiva para o futuro: "[...] *brasileiro aqui, como... por não saber japonês, também fica muito limitado, limitado de só*

fábrica e casa e acaba passando pros filhos só isso, que tipo só existe isso, só existe a fábrica, mas na verdade não é, é muito grande, né?!" (Luci).

Segundo os pais, o filho não se vê na condição de estrangeiro e os pais não trazem nenhum ponto negativo ou dificuldade na experiência migratória do filho, talvez por não reconhecer seu filho enquanto imigrante. Luci fala dos pontos negativos e desafios a respeito dos filhos dos outros imigrantes, mas não do seu filho, negando os possíveis entraves, dificuldades e diferenças, forjando um pertencimento mediante uma fala compensatória.

Acerca dos benefícios de ter um filho migrante, o pai não soube responder e a mãe disse que, como estudou em escola japonesa e teve mais contato com a cultura e a língua japonesa, ela sentiu falta de poder assistir a filmes em japonês e comentar com o marido, pois ele não entendia. Então, quando os filhos nasceram, ela pôde compartilhar, assistir e comentar coisas em japonês com eles. "*Esse pra mim é o benefício, né, de ter, tipo, alguém que entenda mais ou menos o que eu entendo também, né?*" (Luci). Poder compartilhar esse momento com o filho é um aspecto positivo para a mãe, pois gera identificação.

Quando questionado em qual país se sente mais pertencente, Kenji responde: "[...] *então, essa resposta eu não tenho como falar, porque eu nunca fui no Brasil. Eu não tenho resposta sobre isso.*". Mas acredita que, se fosse para o Brasil, imagina que teria muita dificuldade em se adaptar, por já estar acostumado ao Japão. Nessa resposta, podemos identificar que o sentimento de pertença, que constitui e sustenta a identidade (MORICONI, 2014), fica pendular em Kenji, pois ele não consegue dizer ao certo a qual dos dois países se sente mais pertencente, já que foi inserido apenas em um e desconhece o outro. Desse modo, apesar de se identificar com o Japão e se sentir japonês, há um entrave em relação ao pertencimento que não pode ser engessado, já que não conhece o país de origem de seus pais.

Sobre em qual comunidade têm mais suporte e se sentem pertencentes, entre a comunidade japonesa ou brasileira, Luci relata: "[...] *já não sei qual que eu me sinto assim, pra falar a verdade, porque é tão dividido, sabe*?". Hoje, por trabalhar como tradutora e secretária de uma empresa brasileira, acaba tendo mais contato com os brasileiros, contudo, pelo fasto de os filhos estarem na escola japonesa, também acaba tendo muito contato com a comunidade japonesa. Tanto a mãe quanto o pai revelam terem só amigos brasileiros. Roberto relata que "[...] *é uma pergunta difícil de responder, hein, olha, é que... a gente não... a gente não é aquele tipo de brasileiro que convive muito com outros brasileiros*", só com os amigos mais próximos. Assim como o filho não sabe definir ao certo se se sente mais pertencente ao Brasil ou ao Japão, os pais apresentam questões referentes à comunidade em que se sentem mais pertencentes, ficando divididos, a despeito de terem só amigos brasileiros.

Os pais falam que Kenji tem contato com os parentes que moram no Japão, mas não com os que estão no Brasil. Eles acham que Kenji tem curiosidade em conhecer o Brasil, porém, não de morar. Sobre a imagem que ele tem do Brasil, os pais afirmam que ele, às vezes, vê notícia na televisão, então, não sabem se é essa imagem que ele tem na cabeça. "*Aí já não sei se ele tem essa imagem, nunca chegou falar assim, mas ele vê, sim, essas coisas.*" (Luci). Sobre o Japão, a imagem que o filho tem, segundo a mãe, "[...] *é a casa deles, né? O lar deles. Único país que eles conhecem é aqui, né?*" (Luci) O pai complementa: "*Querendo ou não, eles são japoneses, né? Então, não tem... acho que... não tem... é... acho que não tem outra imagem assim do Japão, é a casa deles, né?*". Os pais percebem que Kenji tem o Japão como seu lar-familiar e lugar de reconhecimento e que nutre a imagem do distante-desconhecido em relação ao Brasil, tanto que mantém contato apenas com os familiares que moram no Japão e não tem contato com os que moram no Brasil.

Por seu turno, Kenji relata que, por enquanto, não tem vontade de conhecer e muito menos morar no Brasil, mas um dia pensa em vir ao país para passear e conhecer os seus parentes, com quem tenta manter contato via internet. Explica que, se fosse para o Brasil, possivelmente teria muita dificuldade em se adaptar, por já estar acostumado com o Japão e gostar de morar lá. "*É um lugar que eu conheço bastante coisa*", sendo o Brasil um lugar desconhecido.

Ao ser questionado a respeito do que gosta e não gosta, no Japão, Kenji diz gostar da organização e higiene do país e não gosta dos impostos, que são altos. Em relação ao Brasil, diz não conhecer muito, mas gostaria de poder conhecer a feira – e o que acha ruim é o presidente: "*Então, não gosto muito... dele também... tipo... as coisas que ele faz, fez agora também, tipo de... como... acho, você sabe também que... tá tendo muita morte de coronavírus, né?*". Perguntado se ele acompanha as notícias do Brasil, Kenji responde: "*Ah, só de vez em quando assim, que, é, eu vejo muitas notícias japonesas, né?*". Acrescenta que sua avó, que está morando com eles, também comenta um pouco sobre as notícias do Brasil.

Kenji classifica o Japão como um país bom, por ajudar muito as pessoas, inclusive financeiramente, e ser organizado. A propósito da importância que o Japão tem para ele, ressalta: "*Eu acho importante aqui no Japão pra mim, porque eu conheço muito, né, eu já conheço muitos lugares, já fui... viajar, fui pra Tóquio, fui pro... vários lugares já pra viajar. E outra coisa que assim, né, como é todo escrito tudo em japonês também, é mais fácil pra mim entender, né, do que escrito em português, né?*". E sobre o Brasil: "[...] *importância assim que eu falo tem, a minha bisavó tá no Brasil, né? É, família. Só que... os outros assim eu não tenho, por que eu não conheço muito Brasil, né?*". Garante que não trocaria o Japão

pelo Brasil "*Não, eu não trocaria não, eu acho muito confortável aqui Japão*". Kenji reconhece o território, a escrita e a língua japonesa e isso dá a ele um nível de pertencimento àquela comunidade, porque o faz se sentir parte dela, oferecendo-lhe segurança, continuidade e conforto (WEISSMANN, 2017).

Sobre o que gosta nos japoneses, Kenji declara que "[...] *eles pensam bastante nas outras pessoas* [...] *tem bastante japonês que faz voluntário*" "[...] *eu gosto desse jeito deles, né, porque eu tenho uns amigos brasileiros também, só que eu... não... eu não sei bem, porque maioria dos meus amigos brasileiros são nascido no Brasil, né? Então já, o jeito deles também, pensamento deles também, que eu acho diferente de japoneses, né? Como eu já nasci aqui no Japão, tô acostumado com jeito deles também. Eu me dou mais bem com japonês assim, né?*". Kenji diz não se identificar com o modo de ser dos brasileiros, apesar de seus pais identificarem alguns traços de brasilidade no filho. A questão que se coloca aqui é: são os pais que tentam imprimir e projetam em Kenji esses traços e modos, porque desejam ver e reconhecer no filho alguma brasilidade e, assim, terem uma identificação, ou é Kenji que nega e não reconhece esses traços em seu comportamento, por se ver como japonês?

Sobre aquilo de que não gosta nos japoneses, Kenji teve dificuldade em explicar, entretanto, disse que não gosta do fato de o grupo ser punido pelo erro de um, eles não respeitarem o tempo de descanso no serviço, se tiver muito corrido, e acharem ruim se alguém tirou o tempo de intervalo e o outro não. Quanto aos brasileiros, Kenji gosta de eles serem bem amigos e acha ruim o fato de eles terem dificuldade em cumprir as regras.

Acerca do futuro do filho, tanto Luci quanto Roberto manifestam o desejo de continuar a viver no Japão e ver o filho cursando uma universidade, sonho que a mãe não pôde realizar, e conseguir um bom trabalho. "*Então, eu coloco isso pra ele, eu coloco também... em relação a serviço, que, quando você tem estudos, faculdade, para você subir de cargo, você consegue subir de cargo, se você só tem colegial, você não consegue fazer isso. Então, você tem mais oportunidades de serviço e você tem escolha, né? O que acontece muito aqui no Japão, às vezes, por causa da língua, não tem escolha as pessoas que trabalham, né? E eu quero que ele tenha essas escolhas, várias escolhas e ele trabalhar com o que gosta, né?*" (Luci).

Segundo Freud (1914/1996), nessa cadeia de transmissão psíquica, o filho, muitas vezes, vem ocupar o lugar de eu ideal na fantasia dos pais, de modo que estes revivem e projetam seu narcisismo infantil renascido, depositando no filho todos os sonhos e desejos irrealizados, atribuindo a ele tudo aquilo que eles não puderam ser e ter. Por isso, a mãe gostaria que o filho tivesse a chance de escolher o que quer fazer e não ser levado pelas

contingências da vida, como possivelmente aconteceu com ela. Além disso, esse relato demonstra a importância atribuída ao idioma, que transcende a questão do pertencimento familiar e cultural apontado anteriormente. Existe uma preocupação com o futuro do filho, no mercado do trabalho e num país como o Japão, onde o idioma local é imprescindível para a inserção no mundo do trabalho. É importante destacar que o projeto da família é permanecer no Japão, por isso, o idioma japonês é de suma importância para seus membros, principalmente levando em consideração a condição de migrante da família, para a qual o aspecto da adaptação ao meio cultural e social é necessário, garantindo sua integração.

Kenji diz que costuma conversar mais com a mãe sobre planos para o futuro, pois "[...] *ela entende mais aqui tipo... aqui no... como fala, Japão, que meu pai não entende muito a cultura.*". Há uma forte identificação entre Kenji e a mãe, por ambos compartilharem e terem vivenciado o processo de escolarização em uma instituição japonesa.

Kenji coloca a mãe, que passou pela experiência de estudar no Japão e que domina mais a língua, no lugar de referência, e omite o pai desse processo, não encontrando nele referências que possam ajudá-lo. A mãe reforça esse lugar, ao ligar a sua vivência à experiência do filho e, tomando como base o modo como sua própria mãe conduzira a sua experiência escolar e de migração, Luci tenta fazer diferente com o filho, oferecendo a ele tudo o que ela gostaria de ter.

No que concerne à perspectiva para o futuro, Kenji ressalta: "*Então, primeiro vou trabalhar por enquanto, só pra devolver o empréstimo da escola.".* Kenji trabalha nos finais de semana para ajudar os pais a pagarem suas despesas: "*Ele não conseguiu passar, passar no Koukou público, né, porque ele não tinha nota, n?. Aí, então, ele foi pra um Koukou particular, né, muito caro a escola aqui. [...] aí então ele viu que ele, né, pisou na bola nisso aí, né? Que ele não estudou, tipo assim, ele, né, a gente colocou no Koukou, a gente paga tudo, né? Mas a gente fala pra ele, né, 'tem que trabalhar'. É, ele ajuda a pagar, igual ele tem o telefone, ele paga conta de telefone dele, as coisinhas dele, ele trabalha, ele se vira, as coisas dele assim, eu não dou dinheiro assim pra ele pra nada* [...] *ele também ficou com peso na consciência, né? Ele sabe que é caro, né? Aí, então... aí gente já falou pra ele como ele sempre quis ir pra faculdade, então, a gente falava pra ele separar uma parte do salário dele, deixar depositado no banco, né, pra pode ajudar também, né? Ai, ele guarda uma parte do salário dele pra isso, né?*" (Roberto).

Kenji tem planos: "[...] *depois eu quero ir para fora do Japão, né, conhecer um pouco fora do Japão. Porque, preciso... eu preciso olhar fora do Japão um pouco também, né? Porque dependo dos pais, se eu não, alguns lugares deve ter, né, que é... melhor do que o*

Japão, né? Conhecer outros, como fala... pensamento dos estrangeiros assim, né?". "*O Brasil entra também, eu preciso conhecer um pouco do Brasil também, né? Porque... eu sou um pouco do brasileiro também, né? Eu preciso visitar minha família também, que eu não conheço também, né, que é meus parentes também, né?*". Segundo ele, seus pais gostariam que ele termine os estudos e fizesse faculdade, assim como ele também planeja.

O desejo de conhecer, morar ou estudar em outro país, além do Brasil ou Japão, é algo comumente presente nas falas dos jovens que entrevistei e com os quais realizei atendimentos psicológicos, no período em que estive no Japão. Muitos jovens *dekasseguis* revelam uma necessidade de olhar para além do lhes foi apresentado e oferecido, habitar um outro lugar, além dos dois países de herança, já que não se sentem plenamente pertencentes a nenhum dos dois países ou desejam se ver e (re)conhecer fora desse laço. O outro país, como um terceiro elemento nessa relação Brasil e Japão, talvez funcionaria como um elemento "[...] que separa, mas também o terceiro que religa, o terceiro que gera distância, mas também o terceiro que aproxima o que estava irremediavelmente separado." (COELHO JÚNIOR, 2015, p. 177).

Destacamos que, a despeito de todos os esforços organizados pela família, no tocante à transmissão da cultura de origem, através do idioma e alimentação, e do desenvolvimento e integração do filho ao contexto do país receptor, o filho relata a busca por um outro lugar *melhor do que o Japão*, para conhecer o pensamento dos *estrangeiros*. Nesse sentido, fica uma questão relativa ao desenvolvimento do pertencimento, porque Kenji demonstra que não se sente pertencente nem ao Japão e ao Brasil. Assinala que precisa conhecer o Brasil, porque é um pouco brasileiro também, embora, de fato, não conheça e reconheça sua origem.

Tal desconhecimento relativo ao pertencimento nos faz refletir que a presença de tal conflito tem acompanhado as gerações de *nikkeis* no Brasil, desde os *nisseis*, e merece destaque a circunstância de que os imigrantes japoneses não migraram ao Brasil com o objetivo de se fixar, mas de retornar ao Japão. Diante da impossibilidade de tal retorno, criaram maneiras de manutenção da cultura e tradição de origem, acentuando a cultura nipônica na educação dos descendentes. Luci reitera essa condição, enfatizando que sua avó manteve traços da tradição japonesa em sua educação, o que facilitou sua adaptação ao Japão. Porém, o dilema do pertencimento ao Japão ou ao Brasil é evidente, no relato de Kenji, revelando o não-pertencimento a nenhum dos países e demonstrando a existência de falhas na transmissão psíquica de aspectos que compõem o pertencimento, os quais necessitam de elaboração quanto à transmissão geracional nessa família.

Ao serem questionados sobre orientações que dariam para os pais que estão migrando com os filhos para o Japão, pela primeira vez, Roberto diz: "[...] *os pais na verdade, quando*

vêm pro Japão, os pais só fica focado na parte financeira e normalmente trabalha muito e acaba largando o filho sozinho em casa, então, muitos pais, o que fazem pra compensar, só fica dando dinheiro, comprando as coisas materiais pro filho e esquece a parte afetiva, assim, né, de carinho, de conversar, né? [...] *Igual eu vou dar um exemplo aqui de casa, eu sempre falei pra ela* [esposa]*, eu não queira que ela fosse trabalhar fora, enquanto as crianças não entrassem na escola, no primário, assim que eles já são independentes. Então, desde pequeno a gente passou apertado na parte financeira uma época, né, mas ela, ela sempre junto com as crianças.*".

A ausência dos pais na participação da vida cotidiana dos filhos e a compensação material no lugar da presença é algo visível em algumas famílias *dekasseguis*. Segundo Sasaki (2010), o excesso de trabalho acaba comprometendo o convívio familiar e o acompanhamento escolar do filho, colocando em primeiro lugar o ganho financeiro, em detrimento da presença afetiva.

Luci destaca: "[...] *o conselho que eu dava assim, de escolher a educação, sabe? Que vai dar, se vai ser escola japonesa, se vai ser no Brasil, porque senão acaba ficando tudo pela metade e essa metade é tão ruim, porque você não consegue ir pra frente, né? Isso eu falo por mim, né, se eu tivesse pelo menos terminado aqui no Japão, dava pra eu continuar, né. Mas eu fiquei metade aqui metade ali, é ruim, lógico, tem a parte boa porque, eu sei dos dois, mas a parte ruim, porque não dá pra ir mais pra frente que isso.*". Complementa: "*Porque como os pais vêm pra cá por causa do financeiro, e colocam a criança, por causa do financeiro, por exemplo: 'Ah, eu tenho dinheiro, vou colocar em escola brasileira', aí acabou o dinheiro, vai pra escola japonesa, e não é assim. Eu acho que não é assim que decide, você não pode decidir pelo financeiro, você tem que decidir pelo filho, o que é melhor pra ele, né?*".

A troca frequente de escola ou a indecisão sobre em qual rede de ensino matricular o filho se torna um problema, em algumas famílias. A não clareza dessa escolha se dá, muitas vezes, por não ter estabelecido o retorno ao Brasil, a não clareza da permanência no Japão, pela mudança de emprego dos pais e de cidade, pela questão financeira ou da dificuldade escolar do filho. No entanto, essa troca ou indecisão reflete na não incorporação ou apreensão de nenhum dos ensinos e a criança ou adolescente fica com uma aprendizagem cindida e incompleta, como Luci.

Porém, analisando os relatos dessa família, notamos que, mesmo a educação do filho ficando a cargo de uma única escola, isso não garantiu uma identidade "inteira" e não pela "metade", conforme apontou Luci. Ela acredita que, como frequentou a escola brasileira e a

japonesa, ficou pela "metade", dificultando caminhar "para frente". De fato, a experiência escolar é de suma importância para a vida das crianças e jovens migrantes, todavia, destacamos que isso não garante o desenvolvimento de um pertencimento e de uma identidade "inteira". Ao contrário, esse ciclo não fechou na vida de Kenji, apesar de frequentar apenas a escola japonesa. O sentimento de "metade" desvela uma identidade inacabada e não permite que o indivíduo caminhe livremente e de maneira segura, pela vida e pelos aspectos que a compõem. Fica uma dúvida e um sentimento de incompletude e seu filho demonstra claramente esse aspecto, quando expressa que gostaria de conhecer outro país.

Além disso, os pais revelam outra característica importante, no movimento migratório japonês: a importância do ganho financeiro. Embora esse fator não esteja presente apenas nesse movimento migratório, podemos dizer que, para os imigrantes japoneses e suas famílias, o aspecto econômico atingiu uma grande relevância, porque seria a possibilidade de retorno ao Japão. Dessa maneira, as famílias valorizaram o trabalho e o ganho financeiro, além da idealização do Japão, concebido como um país ideal diante da impossibilidade de retorno e de elaboração de tal perda.

A migração dos nipo-brasileiros ao Japão pode assumir uma tentativa de retorno e, portanto, de elaboração desse retorno não consumado, fator de intenso sofrimento e frustração para a geração dos *isseis*. A migração dos *nikkeis* ao Japão retomou esse projeto de retorno da geração de antepassados, com o mesmo objetivo, de enriquecimento rápido. Nesse sentido, a despeito do reencontro com o lugar de origem, Luci aponta o quanto se sente pela "metade" e seu filho legitima tal sentimento, quando diz que não se sente pertencente a nenhum dos dois países.

Kenji, ao ser questionado sobre o que diria para uma criança ou jovem brasileiro que vai para o Japão pela primeira vez, assinala que, no Japão, hoje já há muitos brasileiros e que as coisas estão mais fáceis. Mas ressalva: "[...] *quero dizer que é, não é fácil, aqui no Japão também, né? Então, eu acho bom estudar na escola do Japão, né, porque tem bastante pais que... como fala... contra muito a escola japonesa, né, eu acho bom, mas que, se for aqui estudar no Japão, tem que ter muito vontade que eu falo, assim, né? [...] E outra coisa, que eu acho, é melhor, tipo, entrar na escola japonês pra terminar tudo, já, do que desistir no meio, né?*" "*Se tiver vontade de estudar japonês, eu acho que até pode tentar, né, só que já agora assim, né, você não tiver, né, vontade de estudar japonês, eu acho não... não vai continuar. É, não vale a pena também.*".

Apesar de considerar o ensino japonês como algo difícil, Kenji acredita que ele é mais completo. Ressalta também a importância do desejo da criança ou adolescente em estudar na

escola japonesa e completar os estudos sem desistir ou deixar pela metade, algo que possivelmente incorporou da fala e percepção de sua mãe. O jovem revela, em sua fala, a dificuldade enfrentada numa escola japonesa e que é necessário ter muita vontade para não desistir.

5.1.2 Eixo temático: Construção Identitária

Em relação à aceitação dos japoneses, Kenji diz que "[...] *foi muito tranquilo, até eu acho que eu sou... japonês, né? Que assim... eu prefiro ser japonês mesmo, né?*". Há um desejo, em alguns *dekasseguis*, em se assemelhar aos japoneses, para não sofrer exclusão e discriminação e se sentir pertencentes àquela comunidade. No entanto, Kenji também relata ter sofrido um pouco de *ijime*, por ser brasileiro. *"É por causa que eu sou brasileiro também. Dependendo o... do pessoal, tem gente que não gosta muito de brasileiro*.". Observamos aqui uma ambiguidade com respeito à sua identidade étnico-nacional, pois, ao mesmo tempo que ele prefere e acha que é japonês, também se identifica um pouco como brasileiro, apresentando um sentimento ambíguo de biculturalidade.

A fragilidade identitária, a instabilidade e o sentimento flutuante de pertencimento são aspectos presentes em famílias multiculturais (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009), onde a *estrangeiridade* ameaça o próprio ideal de ego, uma vez que a identificação com o outro perde sua consistência e há uma perda ou confusão identitária, mesmo que temporária (MALLARD; CREMASCO; METRAUX, 2015).

Além de manter a língua portuguesa, na busca de pertencimento familiar, Luci tenta reafirmar a nacionalidade brasileira dos filhos. "*Vocês são brasileiros, porque mamãe e papai, a gente é brasileiro, mas vocês nasceram aqui*.". "*Eu sempre coloquei: 'Não, vocês são brasileiros, vocês são brasileiros, apesar da cara ser japonês."*". No entanto, Luci acredita que Kenji fica no meio termo, pois, dentro de casa, ele está acostumado com a cultura brasileira (comida e demonstração de afeto, segundo ela) e que "[...] *eventualmente, se um dia eles casarem com japonês, eles vão sentir um pouco de falta dessa parte brasileira",* na opinião de Luci. Apesar de achar que o filho falaria que se identifica como japonês, a mãe vê algumas diferenças nele e nos amigos japoneses, principalmente na proximidade, diálogo e demonstração de afeto com os pais. *"Uma vez, ele indagou os amiguinhos, né? 'Por que que você não conversa com sua mãe, porque você não fala com seu pai?'. Tipo, já tá natural na cabeça deles que eles ficam... não conseguem entender, então*.". "*Talvez, talvez eles respondam que é mais pra japonês, mas eles não sabem, né, as diferenças.*" (Luci).

Kenji nasceu e foi inserido na cultura japonesa por meio da escola, mas, devido à educação recebida pelos pais, incorporou também alguns modos e traços de comportamento considerados mais brasileiros, mesmo sem perceber e compreender tal diferença, como ser mais carinhoso e mais comunicativo, segundo os pais. Assim, Kenji estranha quando não percebe e localiza nos amigos japoneses alguns costumes, para ele tão naturais, não conseguindo diferenciar, algumas vezes, aquilo que compõe o seu repertório de comportamento japonês e brasileiro, supondo que os japoneses têm os mesmos costumes e comportamentos que ele, já que não tem muito contato com outros brasileiros para compreender essa diferença.

Luci, por meio de projeto de continuidade familiar, tenta favorecer a transmissão da cultura de origem ao filho, "[...] sem que este movimento implique necessariamente a desvalorização da cultura do país de adoção." (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 421). A mãe tenta articulá-lo em torno das duas culturas, mas Kenji não reconhece a cultura brasileira como fazendo parte de sua identidade. Logo, por mais que haja um desejo endereçado ao filho de que ele se reconheça enquanto brasileiro, a transmissão de um duplo pertencimento cultural fica comprometida, uma vez que "[...] não existe reforço dos comportamentos familiares por parte da sociedade de adoção, que pode comunicar mensagens diversas, inclusive contraditórias, aos sujeitos em relação àquelas enviadas pela família, provocando a fragilização e o desequilíbrio do sistema." (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 417).

Já Roberto, ao ser questionado sobre a identidade do filho, fala da sua, talvez por se identificar: "[...] *é um negócio muito engraçado, né? Não sei se você já ouviu isso aí, igual eu sou brasileiro, né, sou descendente de japonês, cê tá vendo minha cara, só cara de japonês, eu... eu, no Brasil, o pessoal me chama de Japonês, certo? Aí eu venho aqui pro Japão, pessoal me chama de estrangeiro.* [...] *eu sou diferente dos mestiços, tratamento mesmo dentro da fábrica assim onde eu trabalho, um cara que é mestiço que tem traço assim, já não japonês puro, eles já são tratados diferente, e japonês é muito preconceituoso.*".

Observamos que, até mesmo para o pai, a flexibilidade da identidade social de nipo-brasileiro se torna um problema, parecendo vivenciar um eterno sentimento de estrangeiro ou turista, seja no Brasil, seja no Japão, onde suas características fenotípicas são variáveis de distinção e até discriminação, estando acima de sua própria descendência. Há um sentimento ambíguo de pertença e identificação nos *nikkeis*, pois, dependendo da situação e do país, podem ser considerados brasileiros ou japoneses (ISHIMORI, 2005).

Segundo Kenji, no geral, é tratado pelos japoneses como se não fosse estrangeiro, mas como um japonês nativo. Quando questionado sobre a sua identidade, responde: "*[...] eu mesmo me sinto japonês, né? Porque eu já me identifiquei com brasileiro, mas eu não...como fala... não encaixava direito com o brasileiro assim, o jeito, pensamento do brasileiro também. Eu acho diferente também, do meus pais, e comigo mesmo, né? Eles são nascidos no Brasil, já passaram na escola brasileira também. Então, pessoalmente é um pouco diferente também.* [...] *Meus pais também, eles acham melhor do jeito japonês também, né?*" (Kenji). Há uma crise instalada em relação à identidade de Kenji, pois os japoneses o consideram e ele se sente como um japonês, não se identificando com os brasileiros e inclusive com os seus pais, todavia, seus pais imprimem traços de comportamento tipicamente brasileiro no filho.

Por sua vez, Luci relata que, "[...] *nascido e criado aqui no Japão, logicamente ele vai ter traços japoneses também, né? Eu acho que... é muito diferente de você ver uma criança brasileira, né? Ele tem esse "que" de japonesa, né? Mas ao mesmo tempo, tem certas reações dele que é bem de brasileiro*", como a opinião forte, segundo a mãe. A mãe tenta a todo momento reforçar, atrelar e projetar referências brasileiras no filho, procurando encontrar traços e laços que façam alusão à identidade brasileira, a fim de manter uma certa identificação com o mesmo.

O pai ressalta que o calor humano é diferente, "[...] *porque os japoneses são mais frescos*", e Kenji é carinhoso e gosta de abraçar e beijar, "[...] *nessa parte eu falo que ele é brasileiro, porque ele gosta de calor humano*", no entanto, "[...] *ele vai querer se enturmar, né? Então, pelo estilo de roupa, corte de cabelo, tudo como se fosse japonês, né?*". Roberto também reconhece no filho alguns comportamentos ditos brasileiros e acredita que, para se enturmar, o filho tenta se assemelhar aos japoneses.

Nesses trechos, podemos observar que, diferentemente da sua mãe, que reconhece nele algumas características japonesas, mas o considera brasileiro, o mesmo se identifica mais como japonês. Essa crença pode ser reforçada pelo fato do seu grupo de amigos tratá-lo como japonês, devido ao seu fenótipo e idioma bem desenvolvido. Mas, ao ser questionado em relação ao pertencimento, Kenji diz não conseguir opinar, pois não conhece o Brasil. Dessa forma, demonstra uma lacuna no quesito pertencimento, porque só posso pertencer àquilo que conheço. E, mesmo conhecendo bem o Japão, não conhece parte importante da sua ancestralidade, como a terra natal de seus pais e, por isso, não tem como definir onde pertence. Quanto ao pertencimento, sua mãe demonstra uma incerteza, quando questionada a qual comunidade se sente pertencente, a brasileira ou a japonesa, e o filho apresenta uma incerteza em relação a qual nacionalidade pertence. Assim, a incerteza da mãe, no quesito

pertencimento à comunidade, corrobora a incerteza do filho no pertencimento à nacionalidade, apesar da boa integração e aculturação à escola japonesa.

Segundo Daure e Reveyrand-Coulon (2009, p. 418), "[...] a transmissão entre pais e filhos exerce papel fundamental na negociação entre esses dois universos culturais durante a construção de um espaço comum por parte do sujeito, onde ele possa circular, adicionando as duas realidades culturais." Entretanto, no caso da família 1, por mais que os pais tentem transmitir e articular a vida do filho em torno das duas culturas, Kenji ainda não se localiza nesse duplo pertencimento.

5.2 Família 2: Maurício, Marta e Yumi

No dia da entrevista, Marta estava bem agitada e ansiosa, falando bastante durante toda a entrevista. Ela não apresenta um fenótipo japonês muito marcado, apesar de ser descendente. A entrevista com Marta ocorreu no dia 10/07/2020 e teve duração de 57 minutos. Maurício se mostrou calmo e colaborativo, durante a sua entrevista. Antes de iniciarmos, fez algumas piadas para descontrair e sua esposa apareceu com as suas filhas na câmera, para apresentá-las à pesquisadora. Maurício exibe pequenos traços de japonês, em seu fenótipo. A entrevista com ele aconteceu no dia 12/07/2020 e teve duração de 35 minutos. Na entrevista com os pais de Yumi, Marta falou mais que o seu marido e, em alguns momentos, chegou a interrompê-lo, não dando espaço e abertura para a fala dele. Por isso, a pesquisadora teve que solicitar a opinião e o posicionamento de Maurício, em alguns momentos. O casal se mostrou colaborativo e evidenciou coesão nas respostas. A entrevista com o casal se deu no dia 17/07/2020 e teve duração de 51 minutos.

Yumi, que tem 18 anos, estava extremamente tímida na entrevista e respondia de modo muito breve apenas àquilo que era questionado. Suas respostas foram curtas e, mesmo quando instigada a falar mais sobre o assunto, Yumi não conseguia desenvolver melhor a sua resposta e estabelecer um diálogo mais livre. Sua mãe relatou, após a entrevista, que a sua filha estava tremendo e que ficara muito nervosa em ter de participar da entrevista, já que não conversa muito com pessoas fora do seu convívio diário. Yumi não apresenta um fenótipo japonês. A entrevista com ela ocorreu no dia 16/07/2020 e teve 35 minutos de duração.

Em relação às condições de imigração, Marta conta que, quando tinha 18 anos, seus pais se separaram e ela saiu de casa. Sua irmã caçula tinha ido para o Japão e estimulou Marta a ir também. A mesma relata que "[...] *eu sempre tive o sonho de conhecer o Japão, não nessas condições de dekassegui, queria vim rica*", "*Eu era muito louca lá no Brasil, e... eu*

tava em uns relacionamentos conturbado, aí eu falei: 'Sabe duma coisa, eu vou é embora', e vim embora". "[...] *era muito doida, eu era... eu fazia parte desse povo aí, tá* (se referindo aos estrangeiros brasileiros)" [risos] "[...] *eu andava com shorts e mini blusa aqui, há trinta anos atrás".*

Marta trabalhava como secretária executiva em um banco, no Brasil, ganhava muito bem e se arrependeu amargamente de ir para o Japão e deixar o serviço. No Japão, o serviço não era muito bom: "[...] *e aí eu vim, e... de bicicleta, sempre de salto alto, cheirando a graxa, foi uma decepção.*". "*E aí, quando eu recebi o primeiro salário, eu chorei, porque eu ganhei menos do que eu ganhava no Brasil, e aí... eu falei pra ela* [para a irmã]: *'Eu vô ter que ir embora, eu não vou ficar aqui, é perca de tempo isso aqui. Eu já conheci, já andei muito de bicicleta aqui, eu vou cair fora'.*". "*Só que aí, no mesmo dia que eu falei, no outro dia eu fui trabalhar, era o primeiro dia do segundo mês, eu sofri um acidente na fábrica. E aí... eu fiquei... meia que presa seis meses, por causa do tratamento. Uma peça estourou na minha boca, ela saiu da máquina, era solda, quebrou meus dentes, cortou meus lábios* [...]. *E aí eu fui ficando e... aí, depois de seis meses se acostuma, né? Aí eu fiquei.*".

Marta tinha uma vida confortável no Brasil, mas, devido aos seus relacionamentos complicados e ao sonho de conhecer o Japão, ela resolveu migrar ao país ainda jovem, para se refugiar de algumas situações conflituosas e reencontrar a irmã. No entanto, logo que chegou ao Japão e se deparou com a realidade dos *dekasseguis*, ela se arrependeu da sua decisão e pensou em voltar para o Brasil, porém, devido a um acidente na fábrica, Marta precisou ficar mais tempo no Japão para tratamento e acabou se acostumando.

Maurício foi para o Japão com a sua mãe, em 1990, quando tinha 21 anos, para viver o "[...] *sonho dourado dos brasileiros*" com o intuito de juntar dinheiro para depois retornar ao Brasil e ter "*uma posição social melhor*". Ninguém da sua família tinha ido para o Japão e a chegada ao país foi uma mistura de "[...] *um choque cultural muito grande e uma liberdade aquisitiva que você tem aqui.*".

O tal "*sonho dourado*" ao qual Maurício se refere é a repetição do mesmo sonho dourado dos japoneses, quando vieram para o Brasil, com o objetivo de retornar ao país de origem numa posição social melhor. Há uma repetição do mesmo projeto de triunfo e de vencedor daquele que lutou e atingiu a vitória. Todavia, aos poucos, a ideia da migração temporária e o ideal de uma vida melhor foram aos poucos sendo substituídos por uma migração de caráter permanente, quando Maurício constituiu a sua família no Japão.

Marta e Maurício se conheceram no Japão, namoraram por três anos e se casaram. Marta relata que, quando engravidou, parou de trabalhar para cuidar e se dedicar à família, conforme os padrões da Bíblia e de sua religião. Há quatro anos, Marta voltou a trabalhar.

Antes de iniciar a entrevista, Marta fez uma observação. Disse que, no Japão, há dois tipos de família, as não regradas, que "*tão fora da realidade*", e as regradas, "[...] *uma família que tem um padrão, mesmo talvez não sendo Testemunha de Jeová, tem padrão a ser seguido*", e que, por serem Testemunhas de Jeová, a vida familiar é bem diferente da maioria dos brasileiros. Disse que, na sua fábrica, tem um rapaz de 18 anos que seria bom para a pesquisa, porque "[...] *ele é o típico brasileiro, imigrante* [...] *Ele tá totalmente perdido entre a cultura brasileira e a cultura japonesa, e ele tá sofrendo*", "[...] *ele é típico brasileiro mais perdido nesse mundo japonês*", "[...] *ele chega atrasado, ele fica enrolando, então, falta aquela base da família pra ajudar ele a incorporar realmente no mundo.*". "*As meninas são muito assim regradas, são muito trancadinha ali dentro de casa*". Ela fala isso, alegando que sua filha tem uma vida bem regrada e não sabe se ela se enquadraria no perfil da pesquisa.

5.2.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e pertencimento

Marta descreve Yumi como lenta, devagar e mimada, até certo ponto, observando que o nascimento dela não foi planejado, "[...] *não, foi terrível*" e o marido acrescenta "[...] *ela (a filha) fica triste porque a Marta fala que não queria ter ela.*". Marta conta que, na época em que engravidou de Yumi, a filha mais velha tinha 5 anos e a outra 3 anos, sendo que esta segunda filha "[...] *era minha, meu estopim, meu problema, problema emocional, problema de alergia. Então, eu não dormia, eu não podia fazer nada, era 24h em prol daquele bebê, e aí eu engravidei dela, aí eu só chorei, eu só chorei, eu chorei, muito tempo, e eu sei que tudo o que ela é hoje é reflexo de tudo o que eu passei pra ela, né, e quando ela nasceu eu não podia dar atenção muito pra ela, porque ela nem precisava [...] e a outra me consumia. Então, eu acho que faltou estímulo pra Yumi, sabe, bastante coisa na... na... nessa época, né, de... da infância, né, que essa... época zero. Mas eu falo sempre pra ela; 'perdão, né, filha'*." (Marta).

Devido alguns impasses na relação com a segunda filha, que exigia muito dela, Marta não planejou e não se preparou para a gravidez de Yumi, não estando emocionalmente disponível. Quando descobriu que estava grávida novamente, Marta ficou triste e chorou muito, pois se sentia sobrecarregada com a filha do meio, que tinha apenas 2 anos de idade, e que a consumia muito. Em função do não desejo de ter Yumi e de não ter dado atenção e

estímulo suficiente, Marta se responsabiliza, acreditando que hoje a filha é reflexo de tudo que ela passou de negativo e não pôde ser para ela, naquele período.

Talvez, em decorrência desse berço psíquico que foi ofertado a Yumi, no início da vida, Marta passou a superproteger a filha, uma vez que a transmissão psíquica delegada "[...] veicula o modelo de parentesco, ordena as atrações e rejeições, prescrições e proscrições, distribui o lugar de cada membro da família e está na origem da transmissão dos mitos e dos ideais." (AZEVEDO; FERES-CARNEIRO, 2014, p. 181).

Um aspecto muito evidente que compõe o legado transmitido e que marca essa família, atravessa as filhas e configura o seu modo de ser é a religião. Marta e Maurício se tornaram Testemunhas de Jeová no Japão, ainda quando namoravam: *"*[...] *comecei estudar a Bíblia, e um dos requisitos era casar, pra gente poder servir a Deus"* (Marta), e, deste então, suas decisões e escolhas estão ancoradas nessa doutrina. "*Antes, quando a gente se conheceu, a gente não estudava a Bíblia, só que aí quando a gente tava pra ganhar, já a primeira filha, ele mesmo falou bem assim: 'Agora tem que cuidar da criança', então, a gente não era Testemunha de Jeová, mas era nosso, né, agora eu sou mãe, agora eu sou pai, agora a gente é família. E isso foi o tempo inteiro e aí conhecendo a Bíblia melhorou, reformou ainda mais esse negócio de família, então é muito bom.*" (Marta).

As três filhas também seguem a mesma religião dos pais e, segundo Maurício, elas já os questionaram em relação aos costumes da religião. No entanto, ele garante que sempre deixaram em aberto para as filhas seguirem ou não a mesma crença deles. "*Não é obrigado a seguir a religião dos pais, se vocês querem, vocês... é... tipo, tem o livre arbítrio pra vocês fazerem o que vocês querem, mas aí, elas mesmos chegam ao comparativo, por exemplo, como a gente é muito unido, né, a gente faz as coisas juntos, elas conseguem ver essa diferença nas outras famílias, tanto de brasileiros como os japoneses.*". "*A gente nunca impôs e nem fiz troca.*" (Maurício). *"A gente tenta seguir os padrões da Bíblia, é aquela preocupação com família, eu não trabalhei, eu cuidei das crianças, tem tudo isso."* (Marta). Por mais que os pais digam que a religião nunca foi uma imposição dentro de casa, fica claro. nas entrevistas. que as convicções, modo de criação e comportamentos de suas filhas estão balizados na religião que configura todo o laço familiar e a manutenção do vínculo dessa família, tornando as filhas "*muito regradas*" e "*trancadinhas*" .

A questão da religião também está presente no desejo de transmitir e manter a língua materna em casa, pois Marta deixou de trabalhar para ensinar as filhas o português, de sorte que pudessem ler e estudar a Bíblia: "[...] *eu fiquei em casa, né, então isso eu acho que... deu esse alicerce brasileiro pras meninas.*" (Marta). *"Yumi fala o português, lê, escreve, porque a*

gente teve essa obrigação pra ensinar a Bíblia." Segundo a mãe, eles sempre colocaram em casa a regra de estar "*falando português, porque aqui a gente não permite falar o japonês, né?"* (Marta). Observamos que a preocupação em ensinar e manter o português para as filhas, mais do que uma forma de facilitar a comunicação com os pais e outros familiares, vem do desejo de transmissão dos ensinamentos bíblicos.

Maurício e Marta optaram por matricular suas três filhas na escola japonesa, pois se identificaram e porque, "[...] *na época, as escolas brasileiras eram muito raras aqui, e... tinha, mas muito longe* [...] *e, segundo, como a gente nunca teve um... um... um plano definitivo de voltar ao Brasil, então, nós optamos pelo japonês, porque, se ela quisesse ficar aqui, dominando a língua, a vida seria bem melhor, né?*" . "*Eu sempre pensei no futuro, porque como eu não dominava, não domino a língua japonesa, a gente passa por sérias dificuldades, eu achei... não... a gente não sabe quando que vai embora, se as meninas não souberem ler, escrever, não vai saber viver aqui, né, então, a gente optou por isso também, né?*". *"Colocar na escola japonesa vai trazer um benefício tanto no presente como no futuro.*" (Maurício). E acrescenta: "[...] *optamos assim por deixar na escola japonesa, uma por causa do custo, duas por causa da... do futuro, né?*" (Maurício).

O pai acredita que as regras que a escola japonesa estabelece são um ponto positivo: "[...] *não é que você é robotizado, mas você é condicionado a ter um... um... uma... um respeito maior pelos outros* [...], *então, eles te condicionam a ser uma pessoa mais educada, a ser uma pessoa mais responsável."* . Como lado negativo, menciona a falta de liberdade ,porque passam muito tempo na escola.

Em decorrência da sua experiência como imigrante e das dificuldades que enfrentou, por não dominar a língua local, Maurício quis que Yumi estudasse em uma escola japonesa, para aprender a língua e ter um futuro melhor e mais tranquilo, no país, mesmo não tendo certeza se iriam lá permanecer. Além disso, o custo alto, a distância, a escassez da escola brasileira, o futuro das filhas no Japão e a não clareza do retorno ao Brasil foram aspectos preponderantes na decisão.

Sobre essa decisão, a mãe salienta: "[...] *por mim, não precisava estudar, né, porque eu morria de medo de deixar elas na escola*." . Marta tinha muito medo de levar as filhas na escola e queria educá-las em casa, mas, na época, leu uma revista da sua igreja e pensou: *"*[...] *quando chegou essa matéria e eu estudei, aí eu falei: 'Agora não tem mais jeito, agora é Jeová Deus falando comigo, os filhos têm que ir pra escola, você não tem essa competência de educar uma criança realmente', e lá falava quando você cria um filho num país estrangeiro, você é... bem melhor colocar o filho na escola do próprio idioma do país*." .

Nesse trecho da entrevista, observamos que, mesmo com muito receio, a decisão em matricular a filha na escola japonesa só foi tomada e sustentada, porque Marta interpretou que a matéria que leu, em uma revista, foi um sinal e mensagem de Jeová, o que demonstra a importância e a influência da religião em suas decisões.

Marta confessa que é paranoica em relação à filha e sempre teve medo de que acontecesse algo com ela. "*Como sou meio paranoica, né, que vai acontecer alguma coisa, 'Você foi no banheiro? Você, aconteceu algo?', eu sempre... as outras duas não precisava estimular, elas falavam, mas a Yumi tinha que puxar*" , porque, segundo a mãe, ela é mais quieta. Marta sempre levou e buscou as filhas na escola, mesmo a escola pedindo para deixar as filhas irem sozinhas: "*Falei: 'Eu não consigo, pelo amor de Deus, é que eu não consigo, é... é perigoso*'." "*Eu acho que o problema nunca foi minhas filhas, o problema sempre foi a mãe na escola.*" . Notamos em Marta, neste e em outros trechos da entrevista, um excesso de preocupação com respeito à filha, como se sempre algo ruim fosse acontecer com ela e Marta precisasse estar perto para protegê-la.

Marta conta um episódio no qual foi buscar a filha, que estava em uma viagem escolar em outra cidade, porque não queria deixar a filha dormir lá com os colegas, por mais que os professores pedissem; então, foi buscar a filha à noite e, no outro dia de manhã, a levou novamente (a viagem tinha duas horas de duração). "*Eu fui buscar e eu fui levar, sofri muito, mas eu expliquei o porquê do meu medo, não é normal*", *"eu pensava:* '*vão violentar minha filha, vão abusar dela, vão esquartejar ela'.*" . Na época, sua filha achou isso um "mico", mas depois sentiu esse ato como um carinho, já que suas amigas japonesas assim interpretaram o fato: "[...] *gente, quanto amor a sua mãe tem por você, porque a minha não viria buscar não, mesmo que eu quisesse, precisasse, elas não viriam*" – relato da mãe reproduzindo a fala das amigas.

Marta apresenta uma angústia ilusória e paranoica de que algo poderá acontecer a sua filha, se ela não estiver por perto, tanto que não queria que suas filhas fossem para a escola. O receio e a ansiedade na separação são tão intensos que, no início, a mãe não conseguia deixar a filha ir sozinha para a escola com as colegas e realizar as viagens escolares, algo comum na cultura japonesa, que educa as crianças para serem independentes e terem responsabilidade desde muito cedo. A mãe tenta sanar a angústia de separação e satisfazer suas necessidades maternas, alienando a sua filha, pois como afirmam Schechter e Perelson (2017, p. 408), o lugar que a filha ocupa "[...] nas representações inconscientes maternas é, sem dúvida, essencial à compreensão do processo de separação entre mãe e filha. A imagem que a mãe

possui da filha é muito anterior à existência da menina, tendo origem no próprio narcisismo materno."

Em relação à adaptação na escola, Marta disse que foi péssima, porque optaram por não colocar as meninas na creche japonesa, porque ela não trabalhava e poderia ficar com as meninas em casa. "*Eu e meu marido, isso nós decidimos, é... alfabetizar em casa, eu fiz o magistério no Brasil, então alguma noção eu tinha.*" . Matricularam as meninas apenas no *Kumon*, por 6 meses, para aprenderem a falar, ler e escrever em japonês: "[...] *a gente jogou na escola, por assim dizer, então entrou como se fosse mesmo chegado do Brasil*." (Marta). Conta que as meninas sofreram bastante, por não saber o japonês e na adaptação escolar, mesmo com a orientação da mãe de copiar tudo o que as crianças japonesas faziam.

Nesse trecho da entrevista, observamos o quanto a escola é um fator importante para a aculturação e adaptação ao país, pois, por mais que as meninas tenham nascido e se desenvolvido no Japão, isso não foi o suficiente para que elas aprendessem a língua, os hábitos e costumes, já que seu único meio de inserção social era o familiar.

Apesar de ter acompanhado as experiências das irmãs mais velhas, na escola, que segundo o pai foi mais difícil, pois elas foram as "*desbravadoras de tudo*", a mãe relata que Yumi sofreu bastante na adaptação escolar, porque ela não estava acostumada a ficar longe da mãe e pelo déficit de atenção que descobriram posteriormente. "*Porque aí cê não pode comparar filha, né, a mais velha, é muito inteligente, é muito esforçada, a do meio é meia boca, né, e a última* [a Yumi] *eu falei: 'Filha, não sobrou nada pra você, né'?*" . "*A Yumi, ela tem o déficit de atenção dela e tem a sem-vergonhice dela, então, eu levei pra escola e ela chorava, menina. Eu falei: 'Filha, eu vou te bater, se você continuasse, porque a sua irmã do meio é doida, você não é, você é sem vergonha'.*" (Marta). "*Yumi foi difícil, porque ela não queria ir. Ela tem uma dependência muito grande, muito medo, ela tava desenvolvendo Síndrome do Pânico, por causa do Déficit de Atenção*" (Marta). Disse que acompanhou a Yumi na escola por uns 40 dias até ela se adaptar. Já o pai tem a percepção de que a adaptação escolar, para Yumi, "[...] *foi mais fácil, tanto pra ela quando pra nós, porque ela já vivia esse ritmo de escola em casa* (por causa das irmãs) ".

Ao mesmo tempo que a mãe entende e nomeia a dificuldade da filha, ela também a descredibiliza, considerando como sem-vergonhice, como se Yumi abusasse do fato de ter déficit de atenção. A mãe demonstra não apostar muito nas capacidades da filha, ao dizer que, para ela, "não sobrou nada" – e, se não sobrou nada, não há no que se possa investir. Outro ponto a ser observado é a discrepância entre o discurso do pai, dizendo que a adaptação de Yumi à escola foi mais fácil, e o discurso da mãe, assegurando que foi difícil. Isso demonstra

que, na realidade, não foi a adaptação à escola que foi difícil, mas a separação mãe-filha que a escola ocasionou, pois, devido à relação de dependência que ambas (retro)alimentam, Yumi se sente muito insegura e desprotegida, na ausência da mãe, e o medo que Marta tem de que algo aconteça com a filha, em sua ausência, se projeta em Yumi a tal ponto que ela se transfaz em uma síndrome do pânico.

Yumi está no terceiro ano do *Koukou*, estuda nos finais de semana e trabalha a semana toda: "[...] *eu trabalho todos os dias, menos sábado e domingo, aí eu... trabalho quatro horas no mercado, então, eu entro às 8 e saio meio-dia. Todos os domingos eu vou na aula, por causa que eu faço por correspondência. Aí, nessa escola, tem que você tem que ir domingo, todo domingo é obrigatório ir. E, durante a semana, estudo em casa*." . Yumi diz ter dificuldades na escola: "*Tenho. Bastante. Por causa que eu não consigo concentrar. Eu... quando eu não consigo... como que eu falo... é... distraída.*" (Yumi).

Marta e Maurício sustentam que Yumi não sofreu *bullying* na escola e se sofresse não se daria conta, pois "[...] *ela é bem devagar, era, né, agora tá esperta.*" (Marta). Yumi também ressalta nunca ter sofrido *ijime* na escola, por sempre ter estudado na mesma escola. Marta conta que a filha sempre se relacionou bem com as professoras e com os pais dos outros alunos.

Sobre o seu relacionamento com os japoneses, Yumi afirma que se relaciona com eles só no trabalho e na escola. "*No trabalho, a gente conversa pouco, né, porque... é... na escola, se dá, é alguma coisinha, mas a gente não fala tanto assim não.*" . Acerca de ser tratada diferente pelos japoneses, por causa de ser brasileira, Yumi disse que nunca sentiu isso. "*É por causa que, com o tempo, eles começam se acostumar, né? Aí eles acham que eu também sou uma japonesa, então, eles falam de outras pessoas, mas, tipo, nem dá bola que eu sou brasileira, tipo 'Você é uma japonesa pra gente', então, a gente fica meio, né, mal*." . Yumi acredita que os japoneses a consideram como japonesa, por conta da convivência.

Nesse trecho da entrevista, verificamos que Yumi nutre um relacionamento mais superficial com os japoneses, não tendo tanta amizade e não se envolvendo muito. Outro ponto observado é que, por mais que Yumi seja uma estrangeira, com o tempo, ela passa a não ser mais vista nesse lugar pelos japoneses, talvez por eles se "acostumarem" e normalizarem a presença do estrangeiro que não destoa tanto do grupo e que internaliza as regras e os costumes, passando a tratá-la como se fosse uma integrante do grupo, chegando a tecer comentários sobre outros brasileiros, como se ela também não fosse. No entanto, Yumi demonstra um certo incômodo quanto a esse não reconhecimento e ao apagamento de sua

nacionalidade, porque é evidente que ela carrega marcas de origem e identitárias ligadas ao Brasil.

Em relação às amizades, segundo a mãe, Yumi tem mais amigas brasileiras e se aproxima mais das crianças, porque a "*Yumi eu acho que... é criança.*" . Segundo a mãe, Yumi tem sofrido com a saída das irmãs para se casar: "[...] *elas são muito apegadas, é unha e carne as meninas, então e... e tão sofrendo, porque eu percebi que eu não criei pra casar, é ao contrário do objetivo de Deus, 'casai e multiplicai', mas eu criei pra ficar em casa, comigo.*" . Marta atrela o lugar de infância a Yumi e reconhece que criou a filha para ela e não para o outro, acreditando sempre saber o que é melhor para a filha. Há uma dependência materna e a necessidade de manutenção da filha num vínculo de extrema dependência com a mãe.

Os pais relatam que Yumi não tem muitos amigos, que é bem reservada e nunca reclamou ou ficou triste pela falta de amizade. "*A Yumi é diferente* [...] *ela é bem na dela.*" (Maurício). "*Ela fala que a amizade que ela tem é por causa da referência das irmãs, as amigas da irmã são amigas dela."* (Maurício). Quanto às amizades, Yumi ressalta: "*Na minha escola eu tenho uma amiga que ela é filipina, já outro, eu tenho bastante amigos brasileiros e no serviço é amigos japonês*" , contradizendo a fala dos seus pais. A entrevistada, em outro momento, disse: "*Amiga japonesa não tanto. Tenho uma brasileira também.*". Além de seus pais, Yumi também é muito apegada às suas irmãs e acabou incorporando o mesmo ciclo de amizade delas.

Ao serem questionados sobre as diferenças dos adolescentes brasileiros que vivem no Brasil e no Japão, Maurício opina: "*Eu acho que os adolescentes brasileiros, eles são mais maliciosos, são mais moral mais baixa, eles são expressivos, né, isso são, são mais expressivos, eles são mais comunicativos, mas, em questão de moral, em questão assim, de educação*" ; Marta acrescenta que falta disciplina. Seus pais têm uma visão generalista, preconceituosa e estereotipada dos jovens que moram no Brasil, e isso reflete no modo como Yumi os define. Na percepção de Yumi, "[...] *os japoneses já são mais meio que inocentes, como que eu posso te falar...*" e os brasileiros, "*tipo, não se preocupa muito com as coisas, é isso que eu vejo diferente.*" .

No que concerne à experiência da migração, Marta enumera, como pontos positivos, a tranquilidade no Japão, a aproximação com a família nuclear, por não ter a família extensa por perto, e a independência que as filhas aprendem a ter na escola. "*Você fica muito família, né, então, você aprende a depender desse círculo, né?*" (Marta) e a família não deteriora, "[...] *porque a gente tem o nosso mundinho, a gente tá entre os irmãos* (da religião), *naquele*

mesmo padrão e muito em casa." (Marta). E acrescentou: "[...] *a gente tanto achou vantajoso que tá aqui até agora, né, e pra ficar.* [...] *a educação é de alto nível, a escola, porque tem escola brasileira aqui, né, você sabe, eu acho lamentável a escola, é muito precária*." . Em relação ao ponto negativo da migração, Marta menciona a perda do vínculo com a família extensa. Já Maurício diz que, com a experiência de migração, "[...] *a pessoa ela cresce em todos os sentidos, né, então ela aprende a viver, ela aprende a se virar, ela aprende a... a ter responsabilidade* [...] *tive que aprender a se adaptar*." .

Quanto aos aspectos positivos, Maurício considera a escola japonesa muito boa, pois ensina muitas habilidades para as crianças, como nadar, cozinhar, costurar etc. diferentemente da escola brasileira. Em se tratando dos pontos negativos, Maurício não identifica nada, porém, ressalta que o Japão é um país mais frio no sentido social e que sente um pouco de falta de calor humano, "[...] *mas, assim, como eu falei pra você que nós somos Testemunhas de Jeová, nós não nos envolvemos muito com cultura*." .

Os pais têm uma visão muito negativa da escola brasileira e positiva da japonesa, colocando como uma das vantagens da imigração a educação que se oferece no Japão, mas esse olhar decorre da forte ligação com a religião, sendo que o discurso da família demonstra que o pertencimento está muito mais estabelecido com a religião do que com o Japão propriamente dito, deixando isso claro quando relatam que só conseguem se relacionar com pessoas que compartilham da mesma religião.

Sobre o lado bom e o ruim de ter uma adolescente estudando no Japão, Marta disse que a filha criou muita disciplina e isso é o lado bom; como lado ruim, frisa que não tem. Depois, disse que o lado ruim são as viagens que há na escola, onde os filhos dormem fora de casa. Maurício não disse nada em relação a isso.

Segundo os pais, suas filhas já foram para o Brasil e amam o país. "*Porque são muito brasileiras, meu marido fala e ela fala assim: 'Oh, papai, eu gosto daqui, mas se um dia você quiser ir* (para o Brasil)*, tá bom, eu vou'. Aí esses dias ela falou: 'Ah, papai, eu acho que eu não vou não, tá, cê pode ir embora, tá? Eu vou ficar.'*" (Marta). Disse que Yumi agora está preferindo o Japão, por causa da última viagem que fez em dezembro para o Brasil, em Santos, com a irmã: "*Gente, é... é gostoso, mas... não é pra mim*", disse a filha, no relato da mãe. Assinala Yumi: "*Eu gosto, mas... não sei. Quando chego aí, eu fico com medo. Há... eu ... Aí difícil. Por causa que a última vez foi eu e minha irmã pro Brasil, aí eu fiquei com muito medo, porque eu não tava com meus pais.*" . Disse sentir saudade do Brasil, mas gosta muito de morar no Japão: "*Há ... não sei ... caso da cultura, das... é... da cultura. E não dá medo.*" .

Ao ser questionada sobre o medo do Brasil, disse temer ser assaltada: "*Ai, eu não sei .... É difícil.*" .

Apesar de gostar do Brasil, Yumi demonstra muito medo e insegurança, preferindo o Japão, por ser um país mais conhecido e seguro. Dessa última vez que foi ao Brasil, Yumi relata ter ficado com mais medo, porque seus pais não estavam com ela, o que reforma o seu sentimento de desproteção na ausência dos pais. Yumi, às vezes, demonstra ficar dividida entre permanecer no Japão, onde fica "*a casa dela*", ou acompanhar os pais ao Brasil, caso decidam retornar.

Apesar de os pais afirmarem que as filhas são muito mais brasileiras do que japonesas, o discurso de Yumi aponta para outra direção, inclusive porque, ao contrário do que foi realçado anteriormente, ela prefere permanecer no Japão, atualmente, caso o pai decida retornar ao Brasil. Parece que os pais negam a niponidade da filha e têm necessidade de a identificarem como brasileira. Provavelmente, tal necessidade reside na manutenção da identificação da filha com os pais, importante para a manutenção do vínculo ao aspecto religioso. Nesse sentido, existe uma dicotomia, porque os pais descrevem a filha como mais inocente do que os brasileiros, no que diz respeito à sexualidade, e, nesse momento, a identificação com o Japão é mais importante, porque se aproxima da identificação religiosa.

Nessa perspectiva, podemos notar que, com relação a esse caso, a fragmentação identitária é marcante e possui também um viés religioso, devido à dependência religiosa que caracteriza essa família. Dessa maneira, a despeito de os pais identificarem Yumi como brasileira, nos aspectos valorizados e normatizados pela religião, eles a identificam como japonesa, prevalecendo uma ruptura identitária entre Brasil, Japão e religião.

Em relação ao país a que se sente mais pertencente, Yumi afirma: "*Aos dois. Hã, pelo jeito brasileiro, de ser mais alegre... é... japonês não tem tanto, né, então, já é diferente.*" . Ao ser questionada se trocaria a vida que tem no Japão para morar no Brasil, Yumi disse: "*Pensaria três vezes. É por causa que eu meio que... não conheço direito* (o Brasil), *então, pra acostumar provavelmente vai ser muito difícil. Se pudesse, eu gostaria de continuar aqui.*" . Reitera querer morar no Japão: "*Aqui. No Japão. Ah... porque eu já conheço, não preciso acostumar com outras coisas*" .

Apesar de gostar de morar no Japão e ter pouco conhecimento e receio do Brasil, Yumi diz se sentir pertencente aos dois países, pois identifica nela alguns comportamentos e "*jeito brasileiro de ser*" . Como o sentimento de pertencimento tem sido constituído com lacunas, Yumi tem dificuldades de apontar a qual lugar se sente pertencente, desvelando,

porém, que a segurança e o aspecto do reconhecimento ao lugar de pertencimento se relacionam ao Japão e não ao Brasil.

Quanto à comunidade de apoio e a que se sente pertencente, Marta salienta: "*Ah... não sei, hein... porque eu sou muito brasileira pros japoneses, mas talvez pros brasileiros eu sou muito Japão.*" . Diz não se identificar com o jeito de ser dos brasileiros que vivem no Japão: "*O padrão de moral... aí no Brasil é lamentável, mas infelizmente aqui, eu hoje, né, quando eu cheguei, eu fazia pior do que eles, né?* [...] *A nível de Brasil, tudo bem, eu acho que aí é normal, mas de Japão, eu fico assim .... então é muita diferença.*" .

Maurício, por sua vez, diz contar mais com a comunidade japonesa, que faz um esforço para ajudar, apesar de ter um certo preconceito com os estrangeiros, do que com os brasileiros, pois os consideram "*meio oportunista*" . Ao ser questionado de qual imagem ele tem da comunidade brasileira que vive no Japão, ele responde: "*Brasileiro sendo brasileiro.* [...] *quando eu vim pra cá, minha vó falou 'Olha, galo em terreiro alheio é galinha', então, como você tá indo pra um lugar que não é o seu país, você tem que se adaptar ou respeitar as regras daí. Então, eu não sei se isso é por criação.* [...] *Agora, na maioria da comunidade brasileira que tem aqui eles... bem assim... tipo 'tô nem aí', né?*" (Maurício). O casal, por ser testemunha de Jeová e seguir todos os preceitos da religião, se preocupando muito com a moral e bons costumes, não se integra muito com a comunidade fora da sua religião, principalmente com a brasileira. Marta e Maurício trazem uma visão preconceituosa e, de certo modo, de inferioridade dos brasileiros quanto à moralidade e caráter.

Ao pedir para que Yumi descrevesse como é morar no Japão, ela relata: "*Diria que aqui é um lugar muito bonito, que compensa conhecer, ah... é... tem vários lugares que é muito bonito. Eu iria falar que eles não são muito amigáveis, mas eles ajudam bastante, se você precisar ajuda, eles vão fazer de tudo pra te entender, pra querer ajuda você.*" . E sobre o Brasil: "*Eu falaria que é um lugar bonito, legal de conhecer, as pessoas são mais alegres, elas... é são mais amigáveis, só que eu iria falar que... é... um pouco dá medo, dá um pouco de medo, mas compensa conhecer também.*" . A visão negativa e preconceituosa que os pais têm do Brasil se reflete em Yumi, que diz sentir medo do país.

Ao ser questionada sobre aquilo de que mais gosta e de que não gosta, no Japão, Yumi responde: "*Eu gosto daqui... hum... não precisa ser sobre pessoas? Ah, eu acho que aqui tem vários lugares pra você viajar, pra você conhecer. Que eu não gosto?... ah, não tem tanta coisa... ah, não tem, não, não consigo, não vem na mente.*" . Frisa que se sente bem aceita e recebida no Japão. E sobre o Brasil: "*Que eu gosto?... que eu acho aí as pessoas, todas as*

pessoas são mais amigáveis, mais alegre. Que eu não gosto... hum... também é um pouco difícil de responder, ah, eu não sei." .

Fica claro que Yumi gosta mais do Japão do que dos japoneses, pois os percebe como não amigáveis, apesar de serem prestativos, por isso, ao ser questionada sobre aquilo de que gosta no Japão, Yumi fala do lugar e não das pessoas. Já em relação ao Brasil, diz gostar das pessoas, pois são mais amigáveis e alegres, mas teme morar no país. Yumi não soube responder sobre o que não gosta no Japão e no Brasil. Tal discurso revela a fragmentação e não integração identitária, e que o pertencimento é fragmentado e frágil.

Sobre aquilo de que gosta e o que a incomoda no jeito dos japoneses, Yumi menciona que são "[...] *um pouquinho frio. Um pouquinho. Eles gostam de ajudar as pessoas, se precisar eles fazem de tudo pra te ajudar, isso eu gosto.*" Quanto aos brasileiros: "*Hã... que eu gosto é que são muito amigáveis, o que eu não gosto... é de vez em quando são um pouco barulhento, mas tipo dá pra aguentar.*" . Seus pais têm mais amizade com os brasileiros.

A respeito do planejamento familiar, Marta relata que seu marido sempre quis ir embora para o Brasil, mas ela não, por causa da qualidade de vida e da segurança, apesar do serviço ser muito cansativo. "*Eu não consigo ver minhas meninas aí bem, você tá aí, você tá viva, mas eu acho, que 'Ai, meu Deus, se eu for aí elas vão morrer, vão matar.*" . "*Mas eu tenho muito receio, e elas foram criadas aqui, elas são mui... até certo ponto, apesar de ser esperta, a de nível de Brasil, elas são muito bocozinha, muito inocente, muito, não é, diferente?*" (Marta). Suas filhas e seu marido acham isso um exagero. É comum, após muitos anos residindo no Japão, alguns brasileiros passarem a ter receio em relação ao Brasil e a uma imagem muito negativa associada ao país como um lugar violento, perigoso e sem segurança. A ideia de se sentirem protegidos e seguros no Japão está presente nos discursos dos *dekasseguis*, por isso, o retorno ao Brasil é algo que se torna cada vez mais difícil de se concretizar, com o tempo. No entanto, Marta apresenta uma preocupação excessiva com a possibilidade de um dia retornar ao Brasil, como se algo terrível pudesse acontecer, e a filha, ingênua, não tivesse condições para se proteger.

Maurício disse que ainda é incerto para ele essa decisão sobre o retorno, mas conta que "[...] *eu sempre tive vontade de voltar pra morar aí, mas... eu acredito que o nosso plano é ficar aqui mesmo, continuar nossa vida aqui, até por causa de vários fatores, né, idade, profissão e assim vai.*" . Yumi nasceu e mora no Japão a vida toda, mas já foi três vezes ao Brasil para passear. A princípio, Yumi relata ter o desejo de viver no Japão, "[...] *você pode ir embora que eu vou ficar aqui"* , mas logo corrige: "*Meu pai tem vontade de ir pro Brasil, né,*

a minha mãe já não tem tanta vontade, aí eu falo 'Ah, se for pro Brasil eu vou junta, né', se fica aqui eu continuo aqui, então. Eu vou atrás." .

Quando se pergunta sobre como se imagina estar daqui cinco anos, Yumi responde: *"Feliz e com meus pais. Com minha família, aqui no Japão, se pudesse.*" . Segundo Maurício, "[...] *ela prefere ficar aqui mesmo*" , "*o sonho da Yumi é ficar aqui, né, mas aí quando a gente fala* [de ir embora para o Brasil]*, ela fala: 'Aí, tem que ir, né', porque se... ela fala que fica com a gente.*" (Marta). Assim, ainda não há uma clareza quanto aos planos familiares, pois a mãe e filha desejam permanecer no Japão, enquanto o pai pensa em voltar para o Brasil. Yumi oscila entre sustentar o desejo de ficar no Japão e a necessidade de acompanhar e estar perto dos pais, devido à dependência que nutre em relação a eles.

Em se tratando do futuro de Yumi, não há uma definição certa nem para ela e nem para os seus pais. "*Eu ainda não pensei nada. É, por enquanto, eu não pensei em nada.*" (Yumi). Em outro momento da entrevista, disse que, após concluir os estudos, talvez vá trabalhar como cabelereira, porque gosta de mexer com cabelo. Por conta do déficit de atenção que apresenta, Yumi não quer continuar os estudos, após concluir o Ensino Médio e, de algum modo, seus pais tentam poupá-la. "*Então, eu sempre penso assim, pra Yumi não consigo pensar grandes coisas, por causa da própria limitação dela, e eu acho que não compensa fazer ela sofrer, né, por tão pouca coisa, porque o retorno, às vezes, eu acho muito pouco.*" (Marta).

Yumi aparenta ter uma autoestima baixa, insegurança, e não confia em suas habilidades e capacidades, devido à sua dificuldade em se concentrar. No entanto, mais do que a própria "limitação" do seu déficit de atenção, observamos que os pais a limitam, a fim de protegê-la, para que ela não se frustre, e, "[...] diante de projeções tão maciças o espaço para a criação fica muito estreito" (SCHECHTER; PERELSON, 2017, p. 411). Por conseguinte, percebendo essa dificuldade, os pais têm dificuldade em projetar um futuro para a filha, e Yumi responde a esse lugar, porque, segundo Manonni (1967/1980), a reação dos pais é parte implicante e integrante no sintoma e modo de ser do filho.

Marta e Maurício revelam que já levaram Yumi para fazer tratamento psiquiátrico, mas não adiantou. Devido a isso, os pais não esperam que ela continue estudando, já que está terminando o Ensino Médio *"na marra"* (Marta), mas que faça algo de que goste. No entanto, enfatizam que, se for algo que exige um pouco mais dela, ela já não quer fazer. "*Tem um casal de irmão aqui, de amigos nosso, eles são cabelereiros profissionais, falaram que dão o curso pra ela de graça, só que tem que pegar o trem a outra cidade*" e a Yumi responde: "*Ah, não, deixa quieto.*" (Maurício). O pai acrescenta: "[...] *tem uma outra que mexe com*

unha de gel, ela falou: 'Eu ensino, eu dou o curso pra ela', 'Ah, tem que também que estudar, não, tá bom, deixa quieto, não quero'." . Yumi acabou se acomodando nessa rede de proteção que os pais oferecem a ela e parece não ter disposição para sair dessa zona de conforto, visto que ela não tem um ideal, a não ser o de incapaz, que de certa maneira é compartilhado pelos pais.

Em relação ao futuro de Yumi, Marta fala que, "[...] *se ela arranjar alguém que goste dela e ela fique bem, eu já tô satisfeita, e mais satisfeita ainda, se ela não achar ninguém e ficar com a gente.*" . Segundo a mãe, Yumi afirma: "*Eu vou morar com você porque eu não sei cozinhar, eu não sei lavar e eu não sei passar, e eu não gosto.*" . "*Eu quero cuidar de você, mamãe, cê fica comigo?*" (Marta). Marta não almeja nada profissional para a filha, mas que ela arrume alguém (um substituto) que cuide dela ou, melhor ainda, que continue com a mãe. Yumi responde a essa demanda de dependência, dizendo que quer ficar e cuidar da mãe, não aspirando a realizar outras coisas.

Ora, a mãe instala em Yumi uma demanda de ilusão simbiótica, onde mãe e filha são uma unidade idílica, e a filha corresponde ao projeto narcísico da mãe (HALBERSTADT-FREUD, 2001). Segundo Ribeiro (2009, p. 53), "[...] paradoxalmente, as meninas precisam de suas mães para se separar delas. Isso torna as filhas mais suscetíveis às demandas e insatisfações narcísicas das mães, o que gera experiências traumáticas de aprisionamento aos ideais maternos."

Devido à sua dificuldade e insegurança nos estudos, Yumi não tirou a carteira de habilitação, sendo este um desejo de sua mãe. "*Ela fala: 'Mamãe, eu não vou passar'; eu falei: 'Vai', então agora ela começou a juntar o dinheiro pra tirar a carteira e ao mesmo tempo ela fala: 'Eu queria viajar', o sonho dela é viajar, 'Eu quero ir pra Nova York, eu quero ir pra não sei onde', 'Papai, vamos juntar dinheiro, papai, a gente vai viajar junto, papai*'." (Marta). Yumi diz que sonha em conhecer outros países: "*Aí, tenho vontade de conhecer outros países, vários países. Estados Unidos. Ah, não sei, acho que é diferente, aqui... aqui... é... é óbvio que é totalmente diferente dos Estados Unidos aqui, mas é diferente conhecer outras pessoas, viajar, porque lá é maior."* (Yumi). Como já destacado anteriormente, na análise do estudo de caso da família 1, o desejo de conhecer um terceiro país, além do Brasil e do Japão, é algo comumente presente nos jovens *dekasseguis*, os quais desejam se expandir e se aventurar por outros mundos, além dos que foram apresentados a ele.

Ao serem questionados sobre o que daria para os pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, Maurício disse: "*Aproveita o que tem, enquanto tem.*" .

Marta complementa: "*E pensar na família, nunca no dinheiro, o problema que vem todo mundo pelo dinheiro, mas o dinheiro não é tudo, né? Então, mesmo vindo aqui com um... trabalhando, dá pra viver, dá pra viver, não dá pra guardar, dá pra viver. E... e a gente se contentou com isso, né, por causa da família."* . Algumas famílias estrangeiras no Japão, crentes de que sua estadia será temporária, acabam priorizando a parte financeira e deixando os filhos e a convivência familiar para segundo plano, o que prejudica as relações. Entretanto, dificilmente os ganhos financeiros irão recompensar o tempo perdido de interação e convívio com os filhos.

Em relação à orientação que daria para uma criança ou jovem brasileiro que está indo para o Japão pela primeira vez, Yumi diz: "*Eu falaria que aqui é um lugar seguro, que não precisa ter medo, um lugar bom. Isso. Que pode ser que no começo é difícil, porque você não conhece ninguém, mas... com o tempo, eles também vão querer ser amigos de você, vão... é... querer conhecer você. É isso que eu ia falar.*" . Yumi traz a segurança como algo positivo no Japão, em contraste com o Brasil, no entanto, podemos observar que a segurança citada com respeito ao país traz um significado psíquico, sendo o continente a pele que protege, pois é o lugar conhecido e no qual se reconhecem.

5.2.2 Eixo temático: Construção Identitária

Os pais acreditam que, apesar de Yumi ter estudado a vida toda em uma escola japonesa, ela não pegou muito o costume japonês, por causa da criação familiar. Segundo Maurício, "*como nós não somos japoneses em casa e somos brasileiros, brasileiro raiz mesmo, porque... é porque eu não peguei nada da cultura japonesa da... da... da minha família, e a Marta também não pegou nada da cultura japonesa da família dela, então, em casa o que predomina é a cultura brasileira, a gente conversa alto, a gente abraça, a gente beija, então acho que é a família, né?*" . As três filhas são bem brasileiras, segundo a mãe, e todos estranham o fato de elas terem descendência japonesa, por não terem traços e modos. Assim, como seus pais não fizeram a transmissão da cultura japonesa a eles, Marta e Maurício também não fazem essa transmissão às filhas, mantendo em casa predominantemente a cultura brasileira a qual herdaram.

Segundo Marta, a filha tem traços e comportamentos bem brasileiros, e atribui isso ao fato de não a ter colocado na creche japonesa. "*Porque essa fase* (referindo-se à infância) *que é a fase que dizem que tá formando todo o caráter*" , as filhas ficaram com a mãe em casa, a qual deixou de trabalhar, para cuidar e educar as filhas. Em casa, a família mantém os

costumes brasileiros e, às vezes, as filhas fazem alguma comida japonesa, mas relata que "*Yumi é péssima, tanto, por isso que, quando casar, vai me levar. Ela não tem interesse em nada, nada, nada, nada, nada. Mas ela depende da mais velha, aí ela pede pra mais velha cozinhar.*". Maurício diz que assistem mais à televisão japonesa, porque o "[...] *entretenimento japonês, ele é mais inocente que o brasileiro*" , mas preferem a alimentação e música brasileira. Em casa, falam só o português; Yumi diz falar bem o japonês, mas afirma que seus pais falam um pouco.

Ao invés de incentivar, Marta menospreza e rebaixa as capacidades e potencialidades da filha, a todo momento, reforçando a sua dependência a ela e dizendo que quando – e se – Yumi se casar, vai levá-la junto.

Nessa família, predomina o pertencimento ao Brasil, com algumas características relacionadas ao Japão, representadas pela escola japonesa e o idioma japonês aprendido na escola. Porém, a casa é predominantemente brasileira. Inclusive é importante apontar que as crianças foram matriculadas tardiamente na escola, devido às inseguranças e temores da mãe. O idioma ensinado no contexto familiar é o português, sendo que o motivo mais uma vez está associado à religião, porque a mãe aponta a preocupação em ensinar o português, para que as filhas pudessem ler a Bíblia. A questão da religiosidade também pode ser compreendida como um aspecto ligado ao Brasil, porque se trata da religião Testemunhas de Jeová, de origem ocidental.

Em relação à identidade de Yumi, o pai diz: "[...] *ela... acho que tem... um... um... o... a personalidade dela... dela mesmo, nem japonesa e nem brasileira, ela é... ela é... não é que ela é difícil de... de explicar, mas ela é única.*" Em outro momento da entrevista, ele declara: "*Nós não nos envolvemos muito assim na cultura japonesa* [...] *então... eu acho que... ela é mais abrasileirada, eu posso dizer assim*" (Maurício), apesar de acreditar que Yumi se identifica tanto com os japoneses quanto com os brasileiros. Maurício complementa: "[...] *somos Testemunhas de Jeová, então a gente não tem uma certa identificação com o país, né, nós temos uma certa identificação com as nossas crenças, indiferente se nós estamos no Brasil ou no Japão.*" .

A crença da família faz com que eles não se integrem nem com a comunidade brasileira no Japão, da qual possuem uma imagem estereotipada e negativa, e nem com a comunidade japonesa, pois se sentem mais confortáveis e seguros em viver dentro da sua comunidade religiosa, com quem compartilham e compactuam as mesmas crenças e princípios. Isso faz com que Yumi não se integre, por completo, a nenhum dos dois países, já que essa imersão fica comprometida, devido aos dogmas da religião.

A mãe relata que Yumi é bem brasileira, "[...] *tanto que, quando a gente foi pro Brasil, das três, ninguém, ninguém acreditou, 'não acredito que vocês vieram do Japão', são muito brasileiras, e a Yumi é muito brasileira, muito brasileira*" , embora tenha alguns comportamentos japoneses, como a discrição e o fato de ser muito quieta, sendo essas características que a mãe atribui aos japoneses. Sobre esse aspecto, Yumi diz: "*Eu acho que eu tenho dos dois. Português é que... hum... brasileiro é porque eu sou muito louca. E de japonês é... como que eu posso falar... que... como que trata as pessoas.*". O termo "louca", que a entrevista emprega, é relativo ao seu jeito extrovertido e alegre, termo muito utilizado pela sua mãe, ao se referir a si mesma.

Yumi introjeta o adjetivo "louca", que Marta constantemente usa para fazer referência a si, a fim de se classificar, se assemelhar e se identificar à mãe, uma vez que a imagem que Yumi tem de si é mediada pelo olhar da mãe, que a coloca como uma continuidade dela e a transforma em bengala narcísica ou identitária (SCHECHTER; PERELSON, 2017). No entanto, diferentemente da mãe, que a acha bem brasileira, apesar de identificar alguns aspectos mais japoneses na filha, e o pai, que a considera abrasileirada, a despeito de dizer que ela tem um modo único de ser, Yumi pensa que incorporou um pouco das duas nacionalidades, embora possa se identificar mais com os japoneses, "[...] *por ter nascido e estudado em escola japonesa*.".

É interessante ressaltar que Yumi se serve de uma questão híbrida, para definir sua identidade, inclusive, destacamos que denomina seu lado brasileiro – extrovertido e alegre – de "louca". Além do aspecto identitário com o discurso materno, a jovem atribui sua origem e características brasileiras à loucura, ou a algo fora da norma, fora do comum. Pensamos que, aqui, ela pode significar que seria fora do normal esperado para se caracterizar como japonesa. Dessa maneira, existe uma lacuna apontada como algo fora da normalidade, de sorte que refletimos se Yumi se sente "fora" ou talvez não se sinta totalmente pertencente ao Japão. De qualquer modo, temos aqui novamente o aspecto de uma identidade a que falta algo, localizado no discurso de Maurício, para quem a filha não é "*nem brasileira nem japonesa*", mas única. Prevalece a parcialidade, porque, em sua definição, ele utiliza o termo "nem", revelando um aspecto de incompletude, de algo que falta na constituição identitária da filha.

5.3 Família 3: Ana e Alice

Ana possui ensino superior, é instruída e se expressa muito bem. Respondeu prontamente às perguntas, sem nenhuma dificuldade, e foi acrescentando outros pontos e

elementos que achava necessário, além daquilo que era questionado. Ana não apresenta traços e características marcantes de fenótipo nipônico, apesar de ser descendente. Seu marido, que não é descendente, se recusou a participar da entrevista, alegando timidez. A entrevista com Ana aconteceu em dois momentos: o primeiro, no dia 17/07/2020, com 40 minutos de duração, e o segundo, no dia 23/07/2020, com 48 minutos de duração.

Sua filha, Alice, de 18 anos, se comunica muito bem e é desinibida. Durante toda a entrevista, ela se posicionou bem em todas as questões e se mostrou disposta a contribuir com a pesquisa. A entrevista com ela aconteceu no dia 16/07/2020 e teve uma hora de duração.

Sobre a história da migração familiar, Ana conta que foi ao Japão pela primeira vez em 2004 e, na época, já era casada e Alice estava com dois anos e oito meses. Ana relata que a gravidez da filha não foi planejada, mas, após a descoberta, foi desejada.

Ana, que migrou aos 24 anos, conta que a ideia da migração partiu dela e foi motivada por um desejo tanto de conhecer o Japão quanto de adquirir alguns bens materiais, de modo mais rápido. "*A gente queria é, assim, tentar ter uma, a primeira coisa que a gente tenta é ter uma casa, né, então, a gente pensou assim, vamo embora, e ai, eu falei assim: 'Ah, eu quero ir também, meu sonho era conhecer o Japão', aí, então vamo pra lá, e ai a gente fica até a gente comprar um casa, porque é sempre quando todo mundo vem pra cá é assim, vamos ficar 2, 3 anos, e esses 2, 3 anos já se estendeu já 16 anos.".*

No discurso de Ana, observamos a presença e a repetição dos dois desejos latentes e comumente presentes na fala dos *dekasseguis*: o anseio em ganhar dinheiro rápido para retornar ao país de origem, com melhores condições financeiras, e o sonho de conhecer a terra de seus ancestrais. Como afirma Ocada (2011), além da pretensão de ganhos financeiros, o desejo de conhecer a terra dos seus antepassados também está atrelada a uma busca de natureza existencial e identitária. Outro ponto igualmente comum entre os *dekasseguis* é a intenção inicial da migração temporária que vai se estendendo e, em alguns casos, se tornando uma migração permanente ou circular (ROSSINI, 2003).

Sobre o marido, que migrou com 26 anos, Ana destaca: "*Logo ele aceitou também, na verdade, ele não queria muito vir, porque ele tava fazendo faculdade na época, ele tava no segundo ano, aí ele falou: 'Ah, mas eu vou ter que parar', eu falei: 'Ah, vamo', aí ele falou: 'Ah, então vamo*'.". Não era o sonho ou desejo de seu marido conhecer ou morar no Japão: seu plano era concluir a faculdade e exercer a sua profissão no Brasil. Apesar disso, aceitou a proposta de Ana. Como ele não participou da entrevista, não podemos apontar os seus motivos para tal aceitação, mas certamente, no momento da escolha, a migração se sobressaiu.

Como já havia alguns familiares no Japão (pai, primos e os dois irmãos mais velhos de Ana), que os ampararam, Ana disse que a adaptação foi mais tranquila para ela e mais difícil para o marido e para filha: "*Ele teve muita resistência assim, a comida, o serviço também, a gente sentiu nessa parte, né, aqui o trabalho é diferente, a carga horária. A Alice, naquela época, ela tinha 2 aninhos e 8 meses, ela sentiu muito, ela queria voltar pra casa, ela falava: 'Eu quero a minha casa'. Lá onde a gente estava é muito gelado, né, nevava mais do que qualquer coisa, então a gente teve esse baque, pela temperatura, o clima "* [...] *"a gente teve que muita dificuldade.*".

Ana teve o suporte psíquico e físico de sua família que já estava no Japão, o que facilitou o seu processo de adaptação, contudo, não os livrou do estranhamento causado pelas condições de habitação ao novo país. Alice, que identificava o Brasil como a sua casa, queria voltar para o seu lar, e seu marido, o qual não tinha a mesma intensidade do desejo de estar no Japão como a sua esposa, provavelmente viveu todas essas diferenças de maneira mais intensa. Apontamos a importância da ligação e reconhecimento com o lugar de origem e o estranhamento com o novo país, no caso, o Japão, fator gerador de dificuldades para integrar os hábitos e costumes do país receptor ao sentimento de pertencimento. Segundo Resstel (2015), quando chegam ao país receptor, os *dekasseguis* experenciam dificuldades semelhantes às de um recém-nascido, tais como o idioma, a comida, a adaptação ao novo meio, entre outras, de sorte que, "[...] no turbilhão de estranhamentos e dificuldades, diante do choque cultural, é comum surgir o sentimento de desamparo." (p. 68).

Morando no Japão há 16 anos, a família retornou ao Brasil algumas vezes, mas nunca com a ideia de aqui ficar, porém, somente para passear: "*Nós já voltamos, é, eu já voltei uma vez pra levar a Alice pro Brasil, eu fui buscá-la e depois, a gente foi recente, recente, 2017, levar a menor pra família conhecer, porque ela nasceu aqui.". "É, eu voltei, na verdade, 3 vezes, né, eu fui uma vez pra levar a Alice, quando a Alice tinha 4 anos, aí depois eu... eu a gente foi de novo em 2009* [para buscar Alice] *e agora em 2017 a gente foi, aí eu fiquei 3 meses com as meninas, né, e meu marido retornou pra cá, pro Japão, eu fiquei 3 meses lá com elas.*". Todas as vezes que voltaram ao Brasil, foi em decorrência de algum aspecto relacionado às filhas, seja para levar, seja para buscar ou para a família conhecer.

Ao ser questionada sobre o motivo para levar Alice ao Brasil, Ana disse que houve uma queda na produção de seu trabalho, e que tinha outro emprego na cidade vizinha com remuneração melhor, mas com uma carga horária muito intensa de trabalho. "*Como o intuito da gente era ganhar mais pra voltar, eu tive que optar por levar ela embora, então a gente conversou, foi uma decisão muito difícil, e aí meu marido ficou no Japão e eu fui levá-la,*

então, eu deixei ela lá com meu pai e minha madrasta, né, pra ela ficar lá com eles, então, foi por causa dessa opção nossa de tá trabalhando mais, né, se dedicar mais ao trabalho.". A prioridade do ganho financeiro em detrimento do convívio familiar aparece no discurso da mãe, considerando que esse era o objetivo e o projeto da família e, a despeito do sofrimento, optaram por levar a filha ao Brasil para que pudessem trabalhar mais e ganhar melhor.

Ana relembra como foi difícil ficar longe da filha, "*Ah, eu acho que foi pior pra mim, muito pior pra mim, bem mesmo. Nossa, eu quase entrei em depressão, eu fiquei muito triste e aí a gente foi buscar ela, demorou um pouquinho pra ir buscar, né, porque a gente tinha um objetivo também.".* Ana relata que deixar a filha no Brasil foi a *"*[...] *pior coisa, é horrível, porque, nunca mais. É, ruim. Não foi uma coisa boa que eu fiz. Mas no no... naquele momento foi o que tinha, né, não foi uma experiência muito boa*.". Ana se lamenta da escolha feita em deixar a filha no Brasil, para que pudesse trabalhar mais, dizendo que não foi uma boa decisão e que foi muito difícil lidar com a distância. Aqui podemos analisar que os ganhos financeiros parecem não ter compensado a ausência e a separação da filha, porém, a família não alterou seus planos e prevaleceu a questão financeira, apesar de todo o sofrimento relatado.

Quando mudaram para uma cidade melhor, os pais de Alice resolveram buscá-la. "*Deu um tempinho, deu aquela crise dos Estados Unidos, né, e aí 2008 foi aquele baque, caiu bem o... o... e aí eles foram mandando aos poucos os brasileiros embora, né, e aí eu lembro que eu, eu vim fazer entrevista numa escola aqui em Gunma, que foi onde eu tô trabalhando até hoje, e... e aí a gente teve que fazer essa mudança assim, repentina, e aí quando eu entrei na escola, naquele mesmo ano, em 2009, eu fui buscar a Alice.".* Ana é formada em Matemática e possui pós-graduação em Pedagogia e Matemática. Desde 2009, trabalha como professora em uma escola brasileira e seu marido trabalha em uma fábrica.

5.3.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento

Ana recorda que, quando chegaram ao Japão, foram para uma cidade pequena e afastada, no interior do país, na qual não moravam muitos brasileiros e não havia escola brasileira. "*Tinha, assim, mulheres que cuidavam das crianças, mulheres brasileiras, eu tive que optar por colocar ela numa creche japonesa, então, a primeira escola dela aqui no Japão foi uma escola japonesa. A adaptação dela foi fácil, porque criança é muito fácil, né, e o que ela sentiu muita dificuldade foi um pouco na comida, ela sentiu, é... de conversa com as professoras, né, que essa é a primeira barreira, né, até porque ela era muito novinha.".*

Todavia, Ana revela uma contradição na sua fala, quando refere que sua filha se adaptou facilmente à creche japonesa, mas, em seguida, diz que a filha enfrentou dificuldade com a alimentação e no contato com as pessoas, devido ao idioma. A mãe relata que levava a filha para brincar, passear e se distrair, para que ela não se sentisse sozinha. "*A gente dava um jeito, ia pro parquinho, perto de casa, como aqui no Japão é bem gostoso, porque cada bairro tem um parque, né, um parquinho tem balanço assim, então a gente fez isso* [...] *levava ela pra passear, então, essa foi uma parte que a gente levava justamente pra ela pode distrair um pouco, né, pra não senti tanta saudade*.".

Ana complementa, frisando que *"*[...] *foi uma fase de adaptação de muitas mudanças, assim, muito repentinas pra ela, então, assim, ela ficou doente, é... ela... teve esses, teve uns momentos aí difíceis com ela, mas depois disso também, logo que ela acostumou, eu levei ela embora e ela ficou dos 4 aos 7 anos no Brasil e depois que a gente foi buscá-la. E aí matriculei ela na escola brasileira.*". Assim, Ana se contradiz algumas vezes em seu discurso, ora dizendo que Alice sentiu, somatizou e teve dificuldade em se adaptar ao Japão, chegando a ficar doente e pedindo para voltar ao Brasil – "[...] *ela sentiu muito, ela queira voltar pra casa"*, ora afirmando que foi fácil, porque ela era criança.

Sobre a sua primeira ida ao Japão, Alice disse não se lembrar, por ser muito pequena, mas se lembra de quando voltou para o Brasil, aos quatro anos de idade: "[...] *quando eu tava aí no Brasil, eu voltei, daí eu falava japonês, né, e as crianças não entendiam, aí elas ficavam tipo meio que... tipo não entendendo nada, né, então... aí... mas depois eu acabei esquecendo também o japonês, né, e foi assim... mas eu não lembro muito quando eu vim pra cá não.*". A questão da língua se faz presente e marca a alteridade nas duas situações, no Japão, quando só falava português, e quando retornou ao Brasil e falava japonês. Alice se viu estrangeira nos dois países e lidou com a dificuldade de identificação e pertencimento, mediante o não reconhecimento da língua local. A língua é um elemento importante que fornece algum sentido de pertencimento e continuação ao estrangeiro; sem a apropriação desta, o sujeito pode vivenciar um estado de absoluta alienação. "Frente à perda de língua como referência compartilhada, os sujeitos se encontrariam em uma situação de exílio e expulsão, em sentido metafórico, ou seja, não incluídos em código comum nenhum." (WEISSMANN, 2017, p. 202).

Em relação à decisão de matricular a filha na escola brasileira, Ana disse que a escolha foi feita pensando no futuro e no retorno ao Brasil. "*Como a gente sabia que a gente não ia ficar aqui, a gente já optou pela escola brasileira* [...] *ela já ia perder muito na escola japonesa, vai pro Brasil, o que estudou aqui não vai servir de nada lá.*" Além disso, Ana

ressalta: "[...] *eu já estava numa escola brasileira, então eu pensei assim, é um privilégio você é... dá aula numa escola que sua filha estuda e poder seguir o progresso dela ali, né, na escola tudo, se pode tá perto." "Não tinha o porquê dela tá na escola japonesa, se eu não vou ficar aqui, né, e na escola brasileira, ela tem o idioma japonês, então, assim, ela não deixou de estudar japonês, né?*"

Nesse relato, podemos observar que não havia um projeto consistente para a família, no tocante à migração, porque Ana refere que a escolha pela escola brasileira ocorreu porque não pretendiam permanecer no Japão, porque, a princípio, era uma migração temporária. Porém, a família vive há 16 anos no Japão, não se sabendo mais "[...] se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento do [de] provisoriedade." (SAYAD, 1998, p. 45).

Outro fato que contribuiu para a decisão de matricular Alice na escola brasileira foi a instabilidade que os estrangeiros vivem no Japão, quanto ao emprego. "*A gente não sabe até quando dura o Japão, né, assim, o nosso trabalho aqui, a mão de obra daqui, ela vai ficando muito barata, então, pra gente não compensa ficar muito, né, tem muitos estrangeiros aqui, então o que a gente pensou: ela estuda na escola brasileira, de repente ou pode fazer até um curso, né, e assim, o intuito da gente não é nem japonês, o nosso é inglês, porque ela não tem intenção de ficar aqui, né, ela tem intenção de ir pra outro país, então o inglês é melhor.".*

A decisão de matricular a filha na escola brasileira está em conformidade com os planos futuros da família, no que tange ao retorno ao Brasil. Além disso, a mãe aponta a não valorização da mão de obra dos estrangeiros no Japão e a vulnerabilidade quanto à estabilidade do emprego, o que estimula ainda mais o retorno ao país de origem. Outro ponto a ser observado é a não priorização do idioma japonês, o que pode denunciar um apagamento ou não valorização de sua origem ancestral, em detrimento de uma terceira língua, o inglês.

Além disso, segundo Ana, as crianças que estudam em escolas japonesas, quando retornam ao Brasil, podem se sentir perdidas, "[...] *pode até dar problema psicológico na criança, problema de* bullying*, né, a criança pode ficar se sentindo inferiorizada, porque lá no Brasil o pessoal tá muito à frente*". E completa: "[...] *os pais precisam ter mais noção disso [...] porque, assim, você tá pensando no seu bolso, que é, na verdade... é ilusório essa parte assim, 'Ah, na escola japonesa não gasta' – não gasta agora. Mas todos os anos que você estudou na escola brasileira, né, é a mesma coisa, quando você entra no ensino médio aqui, você tem que dar um dinheiro muito grande pra entrar, então, dá na mesma.*". Ana traz a sua visão e opinião em relação aos pais que matriculam os filhos na escola japonesa,

pensando só na questão financeira e não no futuro e bem-estar do filho. Outro aspecto contraditório no discurso de Ana, se considerarmos que a decisão de migrar para o Japão e de deixar Alice aos cuidados do avô materno, durante três anos, ocorreram em função da prioridade financeira.

Sobre os pais que trocam os filhos de escola ou que deixam o filho estudando na escola japonesa, mesmo tendo a pretensão de voltar para o Brasil, Ana comenta: "[...] *isso é muito complicado* [...] *a criança perde muito com essa troca, porque ele não se adapta nenhuma nem a outra, então ele não consegue desenvolver lá* [na escola japonesa [...] *daí a criança, às vezes, tem* bullying*, não se adaptou ao idioma, não gostou, aí eles retorna a criança pra escola brasileira* [...] *e ela fica atrasada com conteúdo, tem uma diferença de nível aqui, e... e... isso prejudica demais o início, a criança fica perdida, ela fica com dificuldade pra estudar. A gente tem um fracasso muito grande de estudantes,* [...] *notas muito baixas, sabe, o rendimento escolar aqui é péssimo de aluno que vem da escola japonesa, é bem prejudicial*.".

Nesse trecho da entrevista, Ana sustenta que a troca de escola acaba reforçando o lugar de não pertencimento da criança que não se adapta a nenhum espaço e fica perdida entre os dois ensinos. Porém, a mãe parece não levar em consideração a troca vivida por sua filha, Alice, quando deixou a creche japonesa, retornou ao Brasil, convivendo durante três anos numa escolha brasileira no Brasil, retornando posteriormente ao Japão. Como ressalta Nakagawa (2010), ao invés de a diversidade cultural experienciada proporcionar a aquisição e possibilidade de trânsito pelas duas culturas, pode resultar em estranhamentos, perdas, cisões e sentimento de não pertencer a nenhum lugar.

Quanto ao seu percurso escolar, Alice explica: "[...] *sempre estudei praticamente na escola brasileira aqui no Japão, né, então, quando eu fui pro Brasil, eu fiquei encantada, porque lá é bem diferente. Tipo, tudo, tudo é diferente, as pessoas, tipo, não sei, é muito diferente, sabe? É... em relação ao ensino no Brasil, obviamente, é bem melhor, porque é Brasil, então, né, tipo, é bem mais fácil.* [...] *aqui no Japão você tem que ter um equilíbrio, você tem que saber tanto português, mas também você tem que saber um pouco da cultura japonesa, então, fica meio nessa divisão, mas aqui é... assim, eu gostava bastante... sempre gostei da escola daqui também, tipo... acho que vai muito do aluno também, porque aqui não é muito forte o ensino*. [...] *aqui no Japão, não sei, as pessoas parece que não têm ânimo, sabe, pra estudar muito. Talvez porque tá aqui no Japão e sabe que vai ter que tipo, trabalhar vai ter que juntar dinheiro pra voltar então, fica... o pessoal daqui não é muito interessado, digamos.*".

Alice diz que ficou encantada com a escola no Brasil, devido às diferenças que encontrou, não só no ensino como também nas pessoas. Segundo seu entendimento, no Brasil é mais fácil aprender, pois eles só têm obrigação de aprender e entender a língua portuguesa e não precisam ficar na divisão para aprender o japonês e o português. Nessa parte do relato de Alice, a questão da metade aparece novamente, pois, segundo ela, no Brasil você pode ter o ensino completo e, no Japão, você fica dividido no equilíbrio entre as duas línguas e culturas. No entanto, diz gostar da escola onde estuda, no Japão; apesar de considerar um ensino mais fraco, Alice observa ainda que os jovens brasileiros não têm muita disposição e interesse para continuar os estudos no Japão, pois já sabem que o destino inicial traçado para eles é trabalhar, juntar dinheiro e possivelmente voltar ao Brasil.

Ora, ela se refere a uma ligação de pertencimento ao Brasil, realçando as facilidades encontradas no seu breve retorno ao país e pontuando que a condição provisória de vida dos jovens brasileiros, no Japão, interfere negativamente sobre o interesse e o investimento nos estudos, porque sabem que não permanecerão naquele país. Ou, mesmo que permaneçam, como estrangeiros, seus futuros são impactados pela condição de desigualdade social e de acesso à educação e ao mercado de trabalho, restando a tais jovens empregos com pouca qualificação ou a continuidade dessa vida provisória entre o Brasil e o Japão. Com isso, pensa que é necessário muito "equilíbrio" para viver no Japão.

Segundo Fuggi (2008, p. 137-138), "[...] ao contrário dos imigrantes japoneses, no Brasil, cuja máxima valorização do estudo dos filhos possibilitou a ascensão social do grupo, a maior parte dos trabalhadores *dekasseguis* não tem garantida uma boa educação para seus filhos no Japão." Vivendo a condição de permanentemente temporários, muitos jovens acabam não investindo nos seus estudos, no Japão, pois a possível provisoriedade de sua estadia os desestimula a investir em algo aparentemente fugaz. Consequentemente, "[...] a questão da continuação dos estudos ou a entrada no mercado de trabalho pelos jovens também é afetada por estas migrações constantes." (TASHIMA, 2018, p. 87).

Alice relata que nunca teve vontade de estudar na escola japonesa, mas "[...] *queria ter aprendido mais* [o japonês]*, tipo 'Nossa, eu podia ter aprendido um pouquinho mais'.".* "*Na escola brasileira tinha aula de japonês, né, com professores japoneses, só que... tipo, não era tão intensivo quanto as outras matérias, tipo, ficava em segundo plano, digamos. Então, era mais difícil de aprender, mas a... nunca tive vontade* [de estudar na escola japonesa], *sempre gostei da brasileira mesmo, até porque... tipo, sempre quis fazer... tipo, uns planos... eram tudo voltado para o Brasil*.".

Alice mora há 11 anos no Japão e, apesar disso, ela não fala bem o japonês e seus planos estão relacionados ao Brasil: "*Bem pouquinho, tipo, eu entendo bastante, mas eu não falo [...] eu sou melhor pra escutar e na escrita eu acho, do que falar*.". Ressalta que a sua mãe entende bastante, mas fala muito pouco. Sobre a questão da língua japonesa, Ana frisa: "*Então eu, eu não dei muita importância dela não fala o japonês, pra mim isso, não, não, não é essencial, nem eu que sou descendente, eu fiz curso, tentei, mas infelizmente não entrou na minha cabeça. Então, eu não, eu não tenho interesse, né, e não passei esse interesse pra ela.*". No entanto, Ana reconhece as dificuldades em não conseguir se comunicar bem em japonês: "[...] *essa parte mesmo da comunicação que eu acho que é uma coisa que pega, você vai comprar alguma coisa, não entende o que a pessoa fala, né, é... é... e todo mundo meio perdido, tanto os japoneses quanto nós, assim, fica meio, é uma comunicação meio de índio, né?*".

Logo que chegou ao Japão, Ana tentou estudar a língua japonesa, mas teve dificuldades na aquisição do idioma e não conseguiu aprender, pois "[...] *não entrou na sua cabeça*". Talvez mediante a sua frustração em não conseguir incorporar a língua de seus ancestrais ou pela não importância dada, Ana não fez a transmissão do desejo em aprender o idioma japonês para a sua filha, considerando-o não essencial: "[...] *eu não tenho interesse, né, e não passei esse interesse pra ela."* (Ana). Assim como sua mãe, Alice não investiu na língua japonesa, deixando-a para segundo plano, pois não via sentido em aprender uma língua de que não faria uso, já que tem planos bem definidos de sua volta ao Brasil. Porém, isso resulta em dificuldades na vida cotidiana, ressaltando a condição de estrangeiro, naquele país. É interessante observar que, ao longo de onze anos vivendo no Japão, tendo frequentado a creche japonesa, a jovem não tenha adquirido o idioma local, assim como sua família, de sorte que vivem como estrangeiros no Japão, apesar de possuírem a mesma ancestralidade.

Quanto ao seu relacionamento com os japoneses, Alice relata que, "[...] *na verdade, é bem normal assim, eu... eu faço que nem eles fazem* [...]. *Alguns japoneses, tipo, eles ficam meio que olhando assim, porque... mais, tipo, depende muito do lugar, eu acho que... onde eu moro aqui, em Gunma, tem muito brasileiro, então, acho que os japoneses já tão acostumados com tanto brasileiro* [...] *mas em alguns lugares, por exemplo, lugar que só tem japonês, às vezes, eles ficam observando mais, eles olham, às vezes, tipo, dá pra ver que tão comentando de você.*". Em relação a *bullying*, Alice conta que "[...] *tipo, não foi na escola, a gente tava num restaurante, e daí tipo, tinha umas crianças brincando e eu tava brincando junto, aí os pais dessas crianças foram lá e... tipo,* gaijin [estrangeiro], *tipo estrangeiro, 'não fica perto', aí ele tirou as crianças de perto de mim.*".

Apesar de Alice realçar que não se lembra de outras situações de *bullying* e se sentir bem recebida e aceita no Japão, refere que, como na cidade em que reside existe uma grande comunidade brasileira, percebe o olhar diferenciado dos japoneses apenas quando frequenta locais nos quais os brasileiros não são tão presentes. Outro ponto observado é que Alice diz que o seu relacionamento com os japoneses é bem normal, porque "*eu faço que nem eles fazem"*, tentando se assemelhar no jeito de ser e se expressar para não destoar, no entanto, mesmo assim, eles "*ficam meio que olhando"*, ou seja, o olhar voltado ao estrangeiro e que marca a diferença existente.

Mãe e filha concordam que Alice tem pouco contato com japoneses, diferentemente de quando era pequena e convivia mais com os japoneses, embora se relacione com japoneses no emprego. *"Hoje eu só tenho amizade com os brasileiros. Mas, quando eu era menor, eu tinha algumas vizinhas, né, aí eu fazia amizade, que eu era pequena, então... bem mais fácil de fazer amizade, e elas eram tipo todas japonesas.*" . "*Hoje em dia, não tenho muita amizade japonesa, eu tenho uma no meu trabalho, só que, tipo, a gente não fala, não conversa muito, sabe, é só, é mesmo de trabalho, sabe?*". Alice trabalha em uma loja brasileira com apenas uma funcionária que é japonesa.

Sobre o trabalho de Alice, Ana diz que conscientiza muito a filha sobre o uso do dinheiro. "*Porque ela trabalha aqui, ela trabalha, e... e..., na verdade, a gente não queria que ela trabalhasse, mas ela tá trabalhando. Mas ela é consciente com relação ao dinheiro, porque aqui é outro problema esse, né, do adolescente que isso é ruim, porque o adolescente, quando ele começa a trabalhar aqui, ele deixa de estudar, porque ele vê tudo muito fácil, ele consegue comprar roupa muito fácil, de marca, tênis, ele consegue tirar uma carta e comprar o carrão que ela quer. Isso ilude muito o adolescente, então, ele deixa de estudar, porque ele vê um dinheiro fácil, né, só que é um fácil entre aspas, porque o tanto que você fica na fábrica, fechado, você é humilhado nas fabricas, né, você trabalha assim exaustivamente, porque aqui a carga horária daqui é diferente do Brasil, quando se trabalha lá, e aí eles param até de estudar aqui. E assim, a maioria dos alunos, eu vou te falar bem a verdade, olha, de 20 alunos que se formam no Ensino Médio* (na escola brasileira)*, eu te falo que 2, 3 só vai pra uma faculdade. E se for pra faculdade* (brasileira)*, esses 2, 3 acho que é 1 que termina formado, porque os outros param de estudar, porque ficaram aqui. Porque o pai e a mãe quer que ele trabalhe, então, ele começa a se desgastar, porque começa aquela rotina, né, trabalho, casa, trabalho, casa, de dia de noite trabalhando, e aí eles recebem aquele dinheiro, não têm compromisso com nada, não tem família, não tem nada pra pagar, que que ele vai fazer? Vai comprar tênis de marca, roupa de marca, isso é muito ilusório, né, então*

eles não ficam pensando no futuro, o futuro deles é só o agora, então é ilusão demais. A gente tem que, até então, a gente conversa muito com ela sobre isso, a gente deixou ela trabalhar, mas a gente deu algumas prioridades, 'Oh, então você ter que pagar isso pra você, se quer fazer tal coisa, você faz, você guarda isso', né, ela guarda o dinheiro que ela recebe e a gente fica no pé dela, sim, porque o aluno, o adolescente se perde muito fácil aqui, muito, muito, muito, ele se vê deslumbrado".

Na visão de Ana, muitos jovens ficam iludidos com o ganho financeiro que têm nas fábricas e no trabalho e param de estudar. Segundo Yano (2013), devido às facilidades encontradas em arrumar emprego e obter bens materiais, muitos jovens *dekasseguis* se desestimulam e abandonam os estudos, para se lançar ao trabalho nas fábricas. Em face desse receio, Ana conversa muito com a filha sobre a questão do uso do dinheiro. Importante destacar que a mãe pensa na continuidade dos estudos de Alice e demonstra a preocupação da valorização financeira, em detrimento dos estudos. Porém, é importante sublinhar que foi justamente a questão financeira que justificou a migração da família ao Japão.

Ao ser questionada sobre a existência de alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses, Alice assinala que "[...] *os japoneses eles são... por exemplo, quando tão entre amigos, assim, eles ficam, eu acho que, eles ficam muito mais no celular* [...] *as crianças são mais, sabe, alienadas e tipo* [...] *eles conversam, eles riem, eles brincam só que, por exemplo, os brasileiros, eles abraçam, eles têm esse contato mais físico, tipo, quando você chega, eles já vêm com um beijo, abraço, e eu sinto que os japoneses eles não... acho que eles não... conversam muito sobre coisas mais profundas, assim, tipo, emoções, sentimentos, eles são mais, tipo, fechados em relação a isso.*".

Nesse aspecto, Ana ressalta: "*A tem, tem, tem a malícia, tem, tem sim, essa parte de ser mais malandro.*". Alice percebe a dificuldade dos japoneses em demonstrar afeto e serem mais intensos, nas relações, ao contrário dos brasileiros e dela mesma, apontando tais diferenças como negativas, no caso dos japoneses. É interessante enfatizar que, ao longo da entrevista de Ana, sua postura é de crítica com relação a alguns aspectos relativos ao Japão, tais como a educação na escola brasileira, a valorização financeira entre os jovens japoneses e aqui, com relação ao comportamento. Ana teme que, ao voltar para o Brasil, a filha não tenha malícia suficiente para perceber as coisas, já que considera o Brasil um lugar não seguro e que a filha possui uma certa ingenuidade para viver no país. É interessante notar que, segundo a mãe, devido às diferenças na segurança existentes entre os dois países, Alice não estaria preparada para viver no Brasil, no caso de um retorno. Porém, ela não se refere a sofrimentos encontrados durante esses anos de vida, no Japão.

A propósito da experiência migratória, Ana vê como ponto positivo o contato com outra cultura e os aspectos financeiros, enquanto, como desafio, aprender a língua e estar distante da família. "*Ah, eu acho que assim foi tudo muito positivo, teve suas, suas coisas ruim, sim, né, essa parte do idioma, porque ela tem que, a gente tem que ter um planejamento, né, a gente não pode só vir por causa do dinheiro, na verdade, a parte do dinheiro, ela é boa, só que essa parte da família ela é muito importante, né, então, isso eu acho que foi um ponto negativo, a distância do pessoal, né, é... mas, assim, de conhecimento de cultura, isso é muito rico.*".

A postura de Ana com relação à experiência migratória e à vida no Japão revela, novamente, contradições. Ao longo da entrevista, foi possível perceber que os motivos da migração e de deixar Alice aos cuidados de seu pai, no Brasil, durante três anos, foi principalmente o fator econômico, inclusive, ela sofreu com a separação vivida com a filha, mas dizia que eles tinham um objetivo – econômico –, contradizendo sua fala de que a família é mais importante que o dinheiro. Por outro lado, a despeito de dizer que o contato com a cultura é um aspecto positivo, a família praticamente convive entre brasileiros, Alice estudou em escola brasileira e não adquiriram o idioma japonês. Tais contradições evidenciam para a dificuldade em reconhecer o sofrimento e, provavelmente, levar em consideração os resultados da migração para suas vidas.

Em relação aos benefícios de ter um filho migrante, Ana disse que a cultura, a segurança e a possibilidade de ir para outros países são aspectos positivos, sendo a parte ruim as salas seriadas, na escola brasileira, e a falta de malícia que eles desenvolvem. *"O benefício acho que é mais... é também, acho que é parte da cultura, a segurança, mas é eu acho que o... o... a parte ruim é aquela que eu te falei, aqui a escola é muito seriada."*. "*O que eu acho ruim de ter criado ela aqui, que eu falo que é, que foi ruim mesmo, é por causa da malícia, porque como aqui é muito seguro, ela anda tranquila na rua, a gente deixa ela ir em qualquer lugar, né, volta tarde, então, você não tem preocupação com a segurança, isso faz ela também ficar assim, não ter aquela, 'Nossa, eu preciso me preocupar com isso, preciso me preocupar com o mundo'.* [...] *Mas, daí a segurança te deixa tranquilo, mas outra parte pensa no retorno pro Brasil e aí é preocupante, né, bem preocupante.*".

Sobre o lado bom e ruim de ter uma adolescente estudando no Japão, Ana relata a dificuldade da escola brasileira em receber muitos alunos que estudavam na escola japonesa: "[...] *a gente não consegue alcançar todo mundo no mesmo nível e nivela eles de conhecimento, então, que que acontece, eu tenho que baixar um pouco, a... não a qualidade, né, mas é difícil, porque você não consegue, porque tem mais da metade da sala que não*

consegue, então, isso eu acho ruim, eu acho que a parte do estudo fica um pouco prejudicada, mesmo ela estando na escola brasileira.". Mesmo Alice estudando em uma escola brasileira, a mãe identifica e reconhece algumas perdas e dificuldades no ensino oferecido na escola, naquele país. A propósito do aspecto positivo, a mãe indica a aquisição de uma nova cultura, nesse caso, a cultura dos seus ancestrais: "*O conhecimento de cultura, isso é muito rico,* [...] *essa cultura que a gente vai levar alguma coisa pra nós* [...] *a gente acaba pegando um pouco jeito do japonês também, né, e até que algumas coisas ali cabem na nossa cultura, né, cabe na gente, pra gente seguir*.".

Ao pedir para que Alice descrevesse como é morar no Japão, ela relata que "[...] *é encantador e ao mesmo tempo é... um pouco estranho, porque, tipo, se você não fala nada, você fica tipo sozinho praticamente, tipo, você vai num lugar, e tipo, você não vê ninguém, porque ninguém fala com você, entendeu, e mesmo quem quer, tipo, tentar ter uma comunicação assim não consegue, porque é difícil. Mas aqui é muito lindo, tipo, os lugares aqui, tem a Disney, tem, tipo, outros parques, tem os lugares aqui, tipo, Tóquio."*. Sobre o Brasil, Alice descreve: *"*[...] *no Brasil, nossa é muito lindo, tem muita coisa lá, hã... só que é, eu acho... hum... tipo é mais por causa, tipo das pessoas que o Brasil se torna, tipo, melhor, digamos, tipo, tem uma vibe incrível eu acho, né, tipo se vai num lugar a pessoa já vem te receber, tipo, essas coisas."* Referindo-se ainda ao Brasil, diz não gostar "[...] *de ter medo, sabe, de ter medo de morar, de ter esse medo, e* [...] *algumas pessoas elas são meio traiçoeira*." (Alice).

Ao contrário de sua mãe, Alice alude a dificuldades na vida no Japão, tais como o isolamento em decorrência da situação estrangeira – principalmente devido às dificuldades decorrentes do idioma, da falta de integração com as pessoas, enfim, em função do não pertencimento ao lugar e ao mundo social. A não inserção e falta de integração do sujeito à comunidade e aos aspectos culturais daquele país farão com que ele não crie o sentimento de pertença e, consequentemente, não se veja como um sujeito inserido dentro daquela comunidade e contexto específico (MORICONI, 2014). Alice aponta também as diferenças comportamentais existentes nas pessoas, em ambos os países, considerando que o Brasil tem uma "*vibe incrível"*. Apesar disso, considera o Japão um país encantador e, ao mesmo tempo, estranho. Encantador, pelos parques, lugares e cidades, e estranho, por se sentir isolada em razão de não conseguir se comunicar em japonês. Em relação ao Brasil, considera um país bonito e melhor, principalmente por causa das pessoas, que recebem, se aproximam e se comunicam com mais calor. Enquanto o Japão seria o seu estranho encantador, o Brasil seria o familiar, acolhedor.

Alice convive com a família materna, que reside no Japão, e tem contato com os parentes do Brasil. Ana relata que Alice gosta bastante do Japão, mas não tem vocabulário suficiente para morar no país: *"*[...] *ela sabe que aqui não é o lugar dela, na verdade, né, ela entende isso, a gente já conversou bastante com ela que não é aqui, não tem como, né?*" (Ana). Acerca do Brasil, a mãe disse que Alice gosta muito também e que, quando foram em 2017, para passear, ela queria ficar lá, "[...] *ela que ir muito, ela fica um pouco assim, apreensiva, porque foi muito difícil na época que ela ficou longe da gente, então, isso pesa muito, tipo, assim, ela quer que a gente, vão todos embora, ela não quer ir primeiro, por exemplo, tem um certo medo do Brasil, justamente por causa que ficou longe da gente, que ela lembra, né, é... por causa da segurança, ela tem medo, né, ela nunca morou sozinha, então, ela tem todo um receio a isso."*. Alice acrescenta: "*A gente até pensou, né, em... em ficar* [no Brasil]*, né, porque eu tava indo bem na escola, no colégio, né, eu tava indo bem, e daí, minha mãe também queria colocar minha irmã, né, só que aí... não dava... não deu muito certo, aí a gente acabou voltando* [para o Japão]*, mas eu quase fiquei."*.

A mãe ressalta que o Japão não é o lugar da filha, que "*não tem como ser*", pois ela não tem vocabulário suficiente para morar no país, deixando uma lacuna que diz respeito à condição da diferença que marca o migrante, do pertencimento a outro lugar, costumes, hábitos, idioma. O sentimento de desamparo mediante o não reconhecimento e pertencimento ao novo lugar fica evidente, no contexto migratório, carecendo que esse sujeito desenvolva formas de vinculações identitárias com o novo espaço, para não se sentir deslocado e não integrado (RESSTEL; JUSTO; OKAMOTO, 2015).

Embora Alice demonstre uma identificação com o Brasil e com a maneira de ser dos brasileiros, a escolha em ficar separada de sua família nuclear geraria sofrimento. Ao mesmo tempo, mesmo que haja ligação com o Japão, não se sente acolhida nem pertencente ao país, sentindo-se diferente e isolada. Conquanto a mãe tenha apontado uma migração temporária, a família ainda não considera o retorno ao Brasil, demonstrando que a questão financeira pesa mais do que a escolha da filha. Ainda que Alice relate suas dificuldades e sofrimento, foi possível notar que a mãe não entrou em contato com tais conteúdos e não fez referências, em suas falas.

Ao ser questionada se gostaria de ter ficado no Brasil, Alice responde: *"Sim, com certeza. Eu gosto, antes eu tava com medo, assim, sabe, de eu não acostumar essas coisas. E quando cheguei aí, antes de eu ir pro Brasil, eu chorava, eu falava que não queria ir, porque, tipo, tinha meus amigos aqui, tinha escola e, tipo, eu não queria lagar tudo, né, e... mesmo... eu sabendo que eu ia voltar, né? Aí depois, é... quando eu cheguei no Brasil, eu fiquei um*

pouco assustada, eu cheguei, eu fui pra São Paulo, em Guarulhos, né, no aeroporto, aí eu fiquei super assustada, eu falei: 'Nossa, que estranho', tipo, eu não lembrava muito, porque fazia muito tempo que eu não ia pro Brasil. Então, eu fiquei meio assustada, sabe, aí depois de algumas semanas eu acostumei, aí eu entrei num colégio, aí eu acostumei mais ainda, aí eu gostei, daí eu falei: 'Ah, eu quero ficar aqui'." (Alice). Alice relata ter saudades do Brasil: "[...] *tenho sim, muitas saudades, queria ter ficado lá."*. Ao ser questionada do que sente saudades, Alice responde: *"Hum, ixi, tudo hein?! As pessoas, o clima, comida, os lugares, quase tudo."*.

Alice viveu rupturas, devido à separação, quando retornou temporariamente ao Brasil e reviveu, ao retornar ao Japão. Porém, ela se sente mais pertencente ao Brasil e, por isso, preferiria viver no Brasil. Embora a mãe considere essa questão, deixa claro que, caso Alice pretenda viver no Brasil, teria que se separar da família, algo que foi muito sofrido no passado. Dessa maneira, existe um conflito identitário e de pertencimento entre os integrantes da família e, até o momento, os pais não consideram viável o retorno ao Brasil.

É interessante notar que o estranho-familiar (FREUD, 1919/1996), o qual desperta um *sentimento* inquietante de *estranheza,* desorientação e desencaixe, do que no passado nos era familiar, se alterna e oscila conforme a integração ao país vai se dando. Assim, o mesmo país pode se apresentar, ora como estranho, ora como familiar, dependendo do grau de assimilação e aculturação.

Alice indica que gosta de morar no Japão, principalmente pela educação das pessoas, o fato de serem "quietinhas", a segurança e a facilidade em ganhar dinheiro, "[...] *não tem muita coisa que eu não gosto daqui do país, né?*". *"Eu gosto de morar no Japão, gosto muito daqui, na verdade, né, eu fico meio que em cima do muro, na verdade, quando a questão é Brasil e Japão. Porque do Brasil tem muita coisa que eu gosto, mas do Japão eu acho que... por eu ter morado mais tempo aqui talvez, tipo, pra mim aqui seja a minha casa, digamos, né, já tenha acostumado, então, é difícil, tipo, desapegar essas coisas, né, eu gosto muito daqui.*" . Diz que sentiu falta do Japão, quando esteve no Brasil: *"Quando eu tava lá no Brasil, eu senti muita falta da minha casa, né, que, tipo, sabe quando você sente saudades do lugar que você mora mesmo e tal? Essa sensação, mesmo eu nascendo no Brasil, né, tipo, sinto muita falta.*".

Nesse trecho da entrevista, podemos notar o sentimento de ambiguidade e essa experiência de um pertencimento pela "metade": meio brasileiro e meio japonês, acentuando a questão da indefinição. Mesmo tendo nascido no Brasil e migrado quando criança, Alice sente o Japão como a sua casa, por já ter se habituado ao país. A expressão utilizada, justificando que "*fica em cima do muro*", demonstra tal ambiguidade no tocante ao pertencimento: o

Brasil é a sua terra natal, mas o Japão é o seu lar. Tal dado refere que essa questão do pertencimento ainda é algo indefinido e que gera sofrimento, devido à ambiguidade e às dúvidas que a jovem vive, com relação a qual é o seu lugar. A qual lugar pertence? Mediante o sentimento de provisoriedade com que é vivida sua imigração, a ambiguidade de pertencer e não pertencer a nenhum lugar é emergente (SAYAD, 1998).

Ao ser questionada onde gostaria de morar, Alice hesita: "*Hum... eu... queria morar em, tipo, Portugal, assim, outros lugares, mas o Brasil também é uma opção.".* E se tivesse que escolher entre o Japão e o Brasil: *"Hum... a gente fica... hum... ai, meu Deus, então... se eu pudesse algumas coisas do Japão e levava pro Brasil, mas eu acho que... eu ainda moraria no... ficaria com o Brasil*. [...] *esse tempo que estou muito longe, acho que fez falta também porque, querendo ou não, foi o lugar que eu nasci, né, mesmo que eu tenha morado mais tempo aqui no Japão, mas... não sei... eu acho... eu me sinto melhor lá... não sei porque, se tem muito brasileiro, só tem brasileiro lá, é mais fácil, então acho que... é mais isso também. Então, eu ficaria com o Brasil.*". "*Eu prefiro mil vezes tá aí estudando do que tá aqui trabalhando. Tipo, aqui é trabalho, por incrível que pareça, tipo, parece fácil, parece que ganha dinheiro fácil, mas não é assim, é muito difícil, tipo, você trabalha muito.*".

O questionamento sobre onde gostaria de morar desperta um mal-estar em Alice, que se sente confusa e dividida. Para sair desse dilema, Alice aponta um terceiro país como uma saída encontrada para não lidar com essa escolha e ter que "trair" ou preterir um dos dois países ou mesmo para não enfrentar a decisão dos pais, os quais não demonstram um movimento de retorno para o Brasil. Alice traz também o desejo ilusório de poder mesclar ambos os países, para não ter que fazer essa escolha. No entanto, conclui que, se tivesse que escolher, "*acha*" que escolheria o Brasil, pois foi o lugar onde nasceu e por se sentir melhor lá, apesar de ter mencionado acima que sente o Japão como o seu lar. Essa escolha se pauta talvez na questão do idioma, pois, no Brasil, Alice consegue se comunicar e se expressar melhor, além da identificação com o modo de ser dos brasileiros.

Porém, é importante destacar a crítica que a jovem faz, quanto ao excesso de trabalho característico da sociedade japonesa. Entendemos que tal fato é um sofrimento para ela, e isso também diz respeito à sua família, que, devido à intensa valorização do acúmulo financeiro, vive a condição de migrante e, talvez, Alice perceba, de alguma maneira, que grande parte de seu sofrimento e fonte de ambiguidades se deva à experiência migratória. Além disso, ela confessa que preferia estudar a ter que trabalhar, que o ritmo e a valorização do trabalho e do ganho financeiro são fatores de sofrimento.

Sobre a importância do Japão em sua vida, Alice diz: "*Eu acho muito importante por causa dos meus descendentes, né, porque... tipo... o Japão é, tipo, a nossa ponta, né, então, eu sabendo um pouco daqui, eu vendo aqui, eu consigo saber, ter mais, é... tipo, entender melhor eles, essas coisas, acho muito importante por causa disso e, tipo... como eu também gosto muito daqui, então... sei lá, eu acho, acho que é isso, acho importante.".* Quanto à importância do Brasil: *"O Brasil é... onde a... é também o meu lar, né, então... é importante, aí, eu nasci lá, né, então, assim, é a minha raiz, digamos, né, é a minha primeira família, né, então.*".

Como pontua Augé (1994), os lugares são identitários, históricos e relacionais, e fazem sentido, porque foram investidos de sentidos e significação. Alice atribui importância ao Japão, por marcar a sua origem ancestral, sua "ponta", sua raiz, onde tudo começou. Pontua que, ao conhecer mais do país de origem de seus ascendentes, consegue saber mais de si e entender melhor sua procedência. Alice marca o retorno e o reconhecimento de sua origem familiar como algo importante e que traz ressignificação a si e a sua trajetória. Sobre o Brasil, Alice diz que "*é também o meu lar*", sua raiz, pois foi onde nasceu, sendo a sua "*primeira família*".

Fica evidente que Alice apresenta um duplo pertencimento conflituoso, uma dubiedade sobre onde é realmente o seu lar e *homeland* (país de origem), se é o Brasil ou Japão. E ainda destaca que existe uma diferença entre o lar (Brasil) e a casa (Japão). Para os jovens dessa geração que possui a origem ancestral japonesa, mas o local de nascimento no Brasil, fica a sensação, que Alice ressalta, de associação de sua origem à terra brasileira, enquanto a origem japonesa é distante, demarcada apenas por uma ancestralidade. Talvez porque sentem falta do Brasil, sua origem fica muito mais atrelada ao seu país de origem do que ao seu país ancestral.

Sobre o suporte das redes de apoio à qual se sente pertencente, Ana responde que "[...] *aqui no Japão nenhuma. É, nenhuma, porque a gente, assim, é muito a gente é muito na nossa, assim, né. Quando a gente tava em Ichioseki, a gente se reunia mais com o pessoal, parece que o pessoal de lá era mais unido. Aqui, o pessoal, não sei se é muita gente, mas é muito, sabe, grupos, então, a gente não pertence a nenhum desses grupos [...] é eu em casa ou eu com meus parentes só, e só também. Então, acho que não tem muito, nem nenhum dos lados, do lado japonês é muito difícil, por causa do idioma, você vai precisar de um brasileiro pra fazer tradução, porque a gente não fala o japonês, e se for do brasileiro, tipo, não tem muito não, é a gente fica assim, né?*". Ana relata que não conta com o suporte da comunidade japonesa, pela barreira linguística, e não conta com a comunidade brasileira.

Acerca do planejamento familiar, Ana conta que a família pretende retornar ao Brasil. "*A última vez que a gente foi, eu fiquei com muita vontade, a minha vontade é ficar no Brasil, eu já cansei daqui, na verdade, tô cansada.*". Os planos de voltar ao Brasil também são sustentados pelo desejo de que Alice possa fazer uma faculdade, para que a filha mais nova possa ter a oportunidade de estudar em salas não mistas, com crianças de diversas séries, como acontece muito nas escolas brasileiras no Japão, e para que as filhas tenham uma convivência mais próxima com a família. Ana prioriza a questão dos estudos e tenta transmitir esse desejo às filhas. Dessa maneira, seus planos em relação ao futuro e o retorno ao Brasil estão mediados, sobretudo, pela continuidade dos estudos para as filhas.

Ana e o marido não têm conflito na educação e nos planos para o futuro da família: *"Sempre teve assim o mesmo pensamento, que não é aqui, que é no Brasil e que ela tem que estudar lá. A pequena, a mesma coisa, a gente pensa a mesma coisa, já pensei de ficar aqui, sabe, de ter uma solução pra ficar aqui, pra gente morar aqui definitivo, mas é muito complicado. Meu marido também não quer, e eu, na verdade, eu queria muito, mas depois que eu fui pro Brasil, eu já... eu assim, meio que mudei um pouco de ideia, né, mas eu quero ir pro Brasil por causa das meninas também.*" (Ana). Segundo suas palavras, Ana gostaria inicialmente de ficar no Japão e, inclusive, já tentou pensar em formas de se manter lá, "*de ter uma solução pra ficar"*, mas "*é muito complicado"* pela questão dos estudos das filhas. Embora Ana demonstre esse desejo em permanecer no Japão, esse não é o desejo do restante da família e, como as filhas foram educadas para o retorno ao Brasil, a família não adquiriu o idioma japonês, e isso é um grande obstáculo, ou melhor, um obstáculo intransponível, para que as suas filhas atinjam o nível de escolaridade superior, naquele país.

Portanto, como ela valoriza a continuidade dos estudos e como suas filhas estudaram na escola brasileira, prosseguir os estudos só pode ocorrer numa universidade brasileira. Assim, ou a família se separa ou as filhas não poderão dar continuidade ao ensino superior. Tal questão é um conflito, porque, mesmo que elas possam fazer um curso superior à distância, a barreira do idioma seria o maior entrave para a entrada no mercado de trabalho, principalmente com um diploma superior.

Alice e seus pais têm um bom relacionamento e, segundo Ana, ela conversa muito com a filha sobre planos para o futuro: "*Eu acho que quase todos os dias. A gente tem até que parar um pouco, porque a Alice é muito, é adolescente, né, e fica um pouco pesado, e, às vezes, a gente tem que, a gente fala bastante, sim, comenta muito, porque, assim, elas fazem, elas participam, né, do que a gente decide, assim, no intuito de tá sabendo, às vezes, a gente pergunta pra elas o que elas acham, né, mesmo a pequenininha.*" (Ana). *"A gente conversa*

bastante, meus pais apoiam bastante, eles falam pra eu estudar bastante, enquanto, tipo nesse tempo que tem o corona [coronavírus][97]*, pra estudar, aí, quando chegar no Brasil, pra fazer vestibular, fala isso.*" (Alice).

Como a continuidade e a permanência nos estudos constituem um consenso familiar, Alice retrata o investimento e a dedicação nos estudos, reforçando que está aproveitando esse momento de pandemia como preparo para retornar ao Brasil e prestar o vestibular. Para a jovem, seu futuro parece delineado ao Brasil, pois é o país no qual pode dar continuidade aos estudos, encontrar pessoas com as quais se identifica e ter a possibilidade de comunicação, além de um futuro profissional. Ao contrário, no Japão, seu futuro seria um trabalho árduo e com pouca qualificação profissional.

A respeito do futuro de Alice, Ana diz: "*A gente quer que ela siga no Brasil mesmo, que ela não fique aqui, que ela faça faculdade, é exigência: ou faz ou faz.".* Fazer uma graduação é uma exigência de sua mãe e da família e que se tornou um projeto, um sonho de Alice. Ela reitera que o seu desejo e dos seus pais é voltar para o Brasil, para cursar Arquitetura e Urbanismo. Ao ser questionada se havia uma data certa para o retorno, Alice responde: "*Então, é... no momento assim, eu não sei muito, porque tem esse negócio, era pra eu ir já esse ano* (2020)*, né, na verdade. Só que, por conta do corona* [coronavírus]*, sabe, tipo, nossa, muito complicado, então... tipo, esperar passar e aí eu já quero ir, na verdade, então, final do ano, se tiver melhor, já queria voltar.*". Explica que, a princípio, voltaria sozinha para o Brasil e depois a sua família viria. Diante da incerteza do retorno, devido à pandemia da Covid-19, Alice demonstra o seu desejo e anseio pelo retorno e, apesar de todo o sofrimento referido anteriormente, devido à separação com a família, está considerando retornar sozinha para atingir seu sonho de cursar o ensino superior.

Alice salienta que seu sonho é "[...] *juntar muita grana pra poder viajar o mundo, tipo, só que eu quero, tipo, mesmo eu viajando muito, eu ainda quero ter uma casa, algo meu, assim, sabe, tipo... um apartamento, quero um lugar meu, fixo. Mas eu também quero, tipo, viajar muito, então.".* Nesse trecho da entrevista, Alice demonstra o desejo de viajar pelo mundo, conhecer outros lugares e continuar em deslocamento, mas também a necessidade de ter um lugar fixo, algo seu e estável. Alice, que viveu a migração circular entre idas e vindas ao Brasil e Japão, sinaliza, nessa fala, o desejo de demarcar e ter o seu lugar fixo,

[97] Desde 2020, o mundo foi afetado pela pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), o qual apresenta um quadro clínico variando de infecções assintomáticas a casos extremamente graves. A pandemia é a disseminação e a propagação mundial de uma nova doença infecciosa que se espalha rapidamente por diferentes continentes, neste caso, a Covid19, conhecida como coronavírus, que causa infecções respiratórias (OMS).

concomitantemente, o prazer no deslocamento, evidenciando as marcas dessa experiência em seu psiquismo, que deseja a estabilidade aliada ao movimento do deslocamento e do contato com lugares novos e desconhecidos.

Seu medo em relação ao futuro é não conseguir ser aprovada num vestibular, porque estudou no Japão. *"Não que o ensino não seja bom, mas tipo, é bem diferente, tem algumas coisas que... talvez eu não saiba por que eu não moro aí, porque, tipo, tem pouco contato, mesmo tendo internet, essas coisas."*. Ana percebe que há uma defasagem em seu ensino, por ter estudado no Japão, e tem receio de que isso possa prejudicar o seu ingresso na universidade. Além disso, admite que desconhece algumas informações do que ocorre no país, justamente porque não compartilha da vivência e, mesmo com o recurso virtual, a jovem reconhece a diferença entre viver num lugar e acessar informações sobre esse mesmo lugar.

Ao ser questionada sobre o que diria para os jovens brasileiros que estão indo para o Japão pela primeira vez, Alice responde: "*Eu diria pra essa criança pensar bem o que ela vai fazer no futuro, porque isso vai depender, tipo, o que ela planejar, vai depender muito do tempo que ela vai ficar aqui, do que ela vai fazer aqui. [...] se quiser ficar aqui, então, pra ela planejar isso. Mas se ela quiser, tipo, no Brasil, pra ela aprender o máximo possível, mas não tirar o foco, sabe, porque aqui eu acho muito fácil você tirar o foco do que você quer, porque aqui tem muita coisa que faz seu olho brilhar, só que dura pouco. E eu meio que eu sinto que eles já desistiram já, tipo, pessoal que tá na escola, os que não são muito interessados, eu sinto que eles já têm isso na cabeça, tipo, 'Ah, já tô aqui no Japão, vou fazer o quê, vou ter que trabalhar', então, acho que eles não vê muito pra frente*.".

Alice considera importante pensar e planejar o futuro, levando em consideração a pretensão de permanência no Japão ou o retorno ao Brasil, pois entende que muitos jovens se perdem e acabam largando os estudos, por não ver a aplicabilidade daquilo que estão estudando e por não ter um objetivo claro. Nesse sentido, como o Japão é um país altamente consumista, acabam desviando o foco e começam a trabalhar, já que esse caminho parece ser inicialmente mais atrativo ou porque não têm outra perspectiva futura. Assim, Alice assinala a importância da constituição de um projeto para o futuro, sobretudo quando se trata da vida de jovens.

Ao ser questionada sobre por que pensa de modo diferente da maioria dos jovens, Alice explica: "*Eu acho que é por causa da minha base, na verdade, porque a minha mãe, ela é professora, então isso, tipo... acho que aqui também o fundamental pra você é uma base, uma estrutura familiar, sabe, alguém que te apoie, então, eu acho isso muito importante. Acho que é por isso que talvez eu tenha essa cabeça, sabe, tipo, penso assim, porque eu tenho*

muita gente que conversa comigo.". A jovem realça a importância do apoio familiar, do papel de sustentação e de transmissão exercido pelo grupo familiar, especialmente no que diz respeito ao futuro. Quando se refere ao apoio, ela destaca a dificuldade em estabelecer um projeto de vida sozinha, sem o apoio e a sustentação do grupo.

Ao questionar Ana sobre o que diria para os pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, ela frisa: "*Então, é nessa parte de vir pra cá com criança, tem que ver direitinho a região que vai, né, tem muitas pessoas que vão pra região que não tem escola brasileira, então, a única opção é colocar na escola japonesa. Mas, se colocar na escola japonesa, não parem de falar o idioma, né, a língua materna, o português, né, converse bastante com a criança, tente ajudar nos estudos, tenta assim, é... fazer um paralelo, né? Eu sei que é difícil, mas... entre o português e o japonês, mas explicar pra criança que tem que aprender, porque assim, tem criança e que não aprende nem lá e nem cá, né, então, ou é tempo perdido* [...] *e se for vir e quiser mesmo colocar numa escola brasileira, que ele procure um lugar onde tenha serviço, né, e tenha escola brasileira, e procure uma escola brasileira, que seja, é... é... que seja boa. Todas aqui são boas, na verdade, né, umas têm estrutura, outras não, mas ele tem que escolher o melhor método.* [...] *pensar sobre tudo isso, e não vir pensando só no dinheiro, né, tem que pensar, sim, no futuro, só que também no estudo da criança, porque a atitude que você toma, você prejudica a criança no futuro, a gente acha que não, né? 'Ah, não, mas ele recupera', não é bem assim, 'ele recupera', tem que ter calma nesse negócio. 'Ah, mas é criança, criança recupera', não, a criança é diferente uma da outra, tem criança que tem que ter um empurrão e tem criança que por ela mesma, por natureza, ela se sobressai, mas tem que criança que não. Se você não for assim, saber bem certinho o desenvolvimento dela, se vai prejudicar ela pro resto da vida, então, vai ser um adulto que não vai ter aptidão pra nada, não vai ter vontade, vai ficar sofrendo sempre, porque não se sabe nem lá, né, o japonês, não sabe o português, então vai ficar nesse vida sempre. [...] tem uns pais que não tá nem aí pra educação, sabe. E aí, eles, é assim, tudo bem que o dinheiro é importante, mas a criança, você tá fazendo sua vida ali, mas a criança é um começo dela, né, tanto pra criança como adolescente, então é cruel você colocar e largar e achar que a criança vai se virar sozinha, não é bem por ai, né, então tem que ter responsabilidade com a criança também.*".

Ana chama atenção para a preocupação com relação ao futuro dos filhos, mencionando a relevância da escola, ou seja, da escolha do tipo de escola. Destaca a importância na manutenção da língua materna e, principalmente, que a família não priorize apenas o quesito financeiro. Com relação a tal aspecto, já apontamos a contradição

anteriormente, porém, é importante destacar que a família demonstrou que continua investindo nos estudos para a vida das filhas e que essa decisão familiar se concentra na ideia de que tal continuidade ocorra no Brasil.

Ana complementa: "*Se tem 23 crianças que terminam o Ensino Médio, adolescentes que terminam o Ensino Médio, é um ou outro, só que você vê aí, pelo menos que eu tenho contato, um ou dois só que termina faculdade, faz uma faculdade. O restante é, tudo trabalha na fábrica, já tem filho, sabe, já se juntou com alguém, já casou, já separa, já tem 3 filhos, então, é assim* [...] *os pais também não têm essa estrutura pra passar pra criança, 'Olha você tem que estudar, você tem que fazer diferente de mim', não, eles falam assim: 'Vai trabalhar, você tem que pagar sua escola, é muito caro aqui',* [...] *jogam uma responsabilidade que não é da criança nas costas dela, né, até dentro de casa mesmo* [...] *então, eles, assim, eles deixam de estudar, porque têm que trabalhar pra ajudar os pais, então, a escola fica em 2°, 3°, 4° plano da família, não é o 1° plano da família, sabe, não é uma coisa assim, que é importante, deixa de ser importante, né?".* Ana fala que esses adolescentes *"*[...] *vão casar, ter filhos e são crianças que também não vão ter estrutura, então, são outras crianças que, né, desculpa falar, perdida, ciclo, é um ciclo, fica perdido, não vai ter estudo.*".

Ana é professora, fez pós-graduação e valoriza os estudos, e isso é transmitido como um projeto da família para o futuro das filhas. Embora o desejo de migrar tenha sido delineado por ela, percebemos que acredita que, se os pais não configurarem tal ideal e sustentarem tal projeto, os filhos dificilmente poderão trilhá-lo sozinhos. Segundo ela, para a maioria das famílias brasileiras no Japão, cujo objetivo é ganho financeiro, o estudo dos filhos não é priorizado. Logo, demonstra que o futuro dos filhos depende muito dos ideais familiares, realçando a repetição trabalho-dinheiro-pouca qualificação profissional que ocorre na maioria das famílias migrantes, no contexto japonês.

5.3.2 Eixo temático: Construção identitária

Como já descrito, Alice nasceu no Brasil e, enquanto esteve no Japão, estudou em escola brasileira. Alice relata que, quando era criança, consumia principalmente os conteúdos da televisão japonesa, mas hoje os considera "[...] *muito sem graça, os programas são chatos, e é muito tedioso* [...] *o jeito que eles mostram é muito chato, os programas, não são tão legais quanto do Brasil.*". Em relação à alimentação, Alice conta que em casa eles fazem tanto a brasileira como a japonesa, ao passo que o idioma falado em casa é majoritariamente o português.

Alice se considera mais parecida com a mãe e se espelha nela: "[...] *eu acho que eu me pareço mais com a minha mãe. Ah... hum ... não sei, o jeito dela, tipo... não que somos igual, mas, tipo, eu... eu me espelho nela, assim, tipo, as coisas que ela faz, as coisas que ela corre atrás assim, é, mais parecida com minha mãe.".* Alice demonstra a identificação com a mãe, na maneira com que age, busca atingir seus objetivos, referindo que ela é seu espelho.

Tanto Alice como a sua mãe não apresentam fenótipo japonês marcante, e Ana observa que, mesmo a filha tendo vivido 11 anos de Japão, ela se identifica "[...] *totalmente com brasileiro, nada de japonês*". A mãe diz que a filha tem um jeito muito brasileiro, "[...] *é brasileira, bem brasileira, mesmo. Apesar que a gente às vezes acha bacana assim, alguns costumes* (japonês), *né?! Mas ainda puxa* (o modo brasileiro)*, né, não tem jeito.*". Ana crê que, a despeito da filha ter vivido durante 11 anos no Japão, sua identidade é marcadamente brasileira e não tem muitas dúvidas quanto a isso.

Sobre a sua identidade, Alice diz: "*Eu acho que eu sou mais brasileira, algumas coisas, às vezes, eu acho que não, eu acho que eu sou meio japonesa. Tipo, às vezes, hã... em algumas situações eu... tipo... por exemplo, as pessoas brasileiras são bem... hã... alegres, bem, sabe, tipo... já chega assim, eu já sou mais na minha, quietinha, e eu acho que é... tipo, é mais por convivência mesmo, porque o pessoal daqui é mais quieto, sossegado, né? E aí no Brasil, todo mundo já chega, sabe, fazendo festa, então, acho que... eu acho que sou mais brasileira.".* Mas por fim, afirma: *"Eu não me acho nada tipo parecida com os japoneses em si, tipo, mesmo sendo mais quietinha, assim, eu ainda acho que eu tenho aquela essência brasileira.*".

Enquanto Ana coloca e identifica Alice como "*totalmente brasileiro, nada de japonês*" , Alice oscila entre "*mais brasileira*" para algumas coisas e "*meio japonesa*" para outras, dependendo da situação. No entanto, mesmo tendo alguns comportamentos identificados como japoneses, como ser "*mais quietinha*", Alice considera que a sua essência é brasileira.

Aqui podemos identificar que a identidade de Alice não se dá inteiramente com um país ou outro, ao contrário, fica a sensação da metade. A experiência de vida dessa jovem, de origem ancestral japonesa, mas que nasceu no Brasil e viveu por onze anos no Japão, certamente seria atravessada pelas identificações e características de ambos. E é exatamente a essa experiência de uma divisão identitária que Alice se refere. É interessante notar que a mãe não considera essa divisão, afirmando que a filha é brasileira, sem nenhuma dúvida. Apontamos para uma divisão identitária, porque Alice nomeou sua experiência com a expressão "em cima do muro", relatando uma situação de indefinição e incompletude, ao caracterizar sua experiência identitária.

5.4 Família 4: Paulo, Daiane e Giovana

Daiane, que não é descendente japonesa, se apresentou tímida e respondeu às questões de modo breve e sem se alongar, sendo bem direta em suas respostas, apesar das tentativas da entrevistadora em aprofundar algumas questões. Inicialmente, a entrevistada se mostrou preocupada com o sigilo da pesquisa e, após a pesquisadora reforçar novamente o anonimato dos participantes, disse que estava pronta para responder às perguntas. A entrevista com Daiane aconteceu no dia 27 de julho de 2020 e teve 40 minutos de duração.

Paulo, nipo-brasileiro, estava animado para responder às questões e conversou bastante, durante toda a entrevista. Relatou que se sentiu feliz em contribuir com uma pesquisa relacionada a um tema que ele considera importante debater. Paulo apresenta pequenos traços nipônicos, em seu fenótipo. A entrevista com Paulo se deu no dia 30 de julho de 2020 e teve 57 minutos de duração.

Na entrevista com o casal, Paulo parecia estar mais animado para responder às perguntas, enquanto Daiane fazia breves colocações, sintetizando a fala do marido. Em alguns momentos, foi possível perceber que Daiane ficava impaciente, quando o marido se prolongava nas respostas e o interrompia, a fim de cortar o assunto. A entrevista com o casal ocorreu no dia 11/08/2020 e teve uma hora e 15 minutos de duração.

Giovana é uma adolescente, com 16 anos de idade, comunicativa, a qual se expressa muito bem. Durante a entrevista, Giovana não se mostrou tímida e respondeu com clareza todas as questões. A entrevista foi feita no dia 03 de agosto de 2020 e teve duração de uma hora.

Esta é a segunda vez que Daiane e Giovana estão migrando ao Japão e a terceira vez de Paulo. A primeira vez que Paulo foi ao Japão, em 2004, foi desacompanhado de Daiane, que na época ainda era a sua namorada e estava grávida, tendo ido morar com o seu tio, que já estava no país. "*Quando eu decidi vim pra cá, um amigo tinha vindo, meu vizinho, que a gente foi criado desde moleque, ele é descendente também, e... ele veio pra cá, é... ficou dois anos voltou pro Brasil, e... e nessa pegada a gente, é... conversou muito sobre isso tudo mais e ele quis voltar pra cá de novo, ele me chamou* [...] *daí eu peguei e vim pra cá, já pra pensa em tudo e juntar dinheiro*. [...] *Aí eu vim pra cá pra compra uma casa e... já voltar. 'Não quero fica aqui', eu nem pensava, falava: 'Não, eu só vim pra cá comprar uma casa, não quero mais voltar pra cá', e assim, no fim, já é a terceira passagem aqui na Terra do Sol Nascente.*".

Assim como os japoneses viram no Brasil, os *dekasseguis* veem no Japão a promessa da terra dourada, depositando a expectativa de um rápido ganho financeiro e retorno para a sua terra natal. Paulo migrou ao Japão pelo incentivo de um amigo, também descendente, que já tinha passado pela experiência, e motivado a comprar uma casa. Como a grande maioria dos descendentes, migrou com um objetivo financeiro específico e com a pretensão de logo retornar ao Brasil, no entanto, acabou migrando outras vezes ao Japão, fenômeno igualmente comum nesse movimento migratório. Segundo Hiraoka (2012), muitos *dekasseguis* vivenciam a chamada "migração circular ou repetitiva", um movimento constante de deslocamento entre dois lugares, no caso, entre o Brasil e o Japão, não conseguindo se fixar em um local definido.

Paulo conta como foi a sua chegada ao Japão e que, no primeiro mês, ficou deslumbrado com a cidade, por ser tudo diferente e com tecnologia. "*Depois não, depois que você cai na realidade que você tá do outro lado do mundo, que você tá longe das pessoas que você ama, longe dos seus amigos, né, que você convivia, saía pra bagunçar, e fazia todas as suas coisas, aí foi, foi mais difícil. Aí eu só queria saber de trabalhar, com aquele pensamento que todo mundo fala: 'Ah, se vai pro Japão, só tem que guardar dinheiro, cê não pode gastar e não sei o quê', e eu vim, tipo, era novato, então você vem com isso na cabeça de guardar, e cê fica assustado com tudo.* [...] *"Só que depois que cê vai vivendo, cê fala: 'Não, não tem necessidade de tudo isso, né?'. Aí fui me soltando, aí conhecendo alguns lugares, aí foi na hora que eu fui fazendo amizade na fábrica, aí fui me acostumando. Só que nisso eu falava: 'Não, aqui eu não volto mais não, só vou vim dessa vez só, pra mim tá ótimo e eu não quero saber de Japão mais', né? – e tô aqui de novo, nossa aqui é um vício.*".

Logo que chegou ao Japão, Paulo ficou deslumbrado com o país que encontrou, mas o encanto inicial foi cedendo lugar à saudade, à realidade de estar do outro lado do mundo longe de sua família e à pressão de guardar dinheiro para logo retornar. Entretanto, aos poucos, Paulo foi tirando de si essa pressão e foi se abrindo para fazer novas amizades e explorar o país de seus ancestrais. Conforme foi fazendo amizades, Paulo foi se acostumando mais e se integrando ao país, contudo, sempre frisava para si que aquela seria a primeira e a última vez no Japão, mas essa é a sua terceira estadia no país que, segundo ele, já virou um vício.

Mediante a dificuldade em se readaptar ao Brasil e com o fracasso do retorno, muito em decorrência do impasse em se inserir ou se estabilizar no mercado de trabalho, muitos *dekasseguis* vivenciam a chamada migração circular, onde "[...] se veem compelidos a novamente tentar a vida no Japão [...] seja pela dificuldade de readaptação ao cotidiano brasileiro [...] seja pela falta de preparo e orientação na aplicação de poupança." (COSTA, 2007, p. 75).

Paulo relembra: "[...] *quando eu vim pra cá, eu era bem, bem moleque, eu tinha 23 anos, né, era bem molecão* [...] *A Daiane tava grávida e me ajudo bastante também."* "*Quando eu vim, eu vim com medo, né, um país novo, né? Primeiro, tinha a curiosidade, depois medo. Curiosidade por ser um lugar novo, né, tipo tudo novo, mas medo, tipo de não dar certo, né?*". Paulo relata que tinha curiosidade de conhecer o Japão, de ter acesso à terra de seus ancestrais, mas também tinha medo de não se acostumar, não gostar e lidar com o novo. Como salientam Ferreira e Garcia (2002, p. 134) "[...] o Japão acaba se apresentando como um novo, diferente e por vezes hostil lugar, se comparado àquele descrito pelos seus antepassados, tal como havia sido transmitido e cultivado", tornando-se um lugar que, embora exista a fantasia de que seja conhecido, porque se refere ao lugar de origem ancestral, ao se deparar concretamente com o lugar e com as pessoas, Paulo percebeu que se tratava de um lugar desconhecido e novo, causando medo e ameaça frente a esse desconhecido. Embora ele não tenha apontado em seu discurso, permanece uma questão referente a uma certa desilusão aliada a um deslumbramento com esse lugar investido pelas famílias nipônicas no Brasil.

Paulo ficou dois anos no Japão sozinho e depois retornou ao Brasil: "[...] *retornei para resolver uns problemas no Brasil, umas coisas daí."* [...] *"Quando eu voltei, eu descobri que eu tava doente, daí uma parte do dinheiro também foi usado pro meu tratamento.*" .

Após alguns anos[98] no Brasil, em 2009, Paulo e Daiane resolvem ir para o Japão: "[...] *resolvi vim pra cá de novo com a minha família, né, pra elas conhecerem também."* (Paulo). Sobre a decisão de migrar para o Japão com a família, segundo Daiane, "[...] *era muito cogitado, falado dentro de casa, né, é porque ele já tinha vindo à primeira vez, então sempre falava dentro de casa, ele falava das experiências dele, às vezes, ele falava: 'Ah, vamo, vamo', daí um dia eu falei: 'Ah, então vamo, então vamos casar pra gente ir' – daí foi o que aconteceu.*". Na primeira vez que foi ao Japão, Daiane tinha apenas Giovana, a qual, na época, estava com três anos; *"*[...] *ela tava ciente de tudo, que vinha pra cá, queria também.*" (Daiane) . Em relação aos motivos que levaram sua família a migrar para o Japão, Daiane reitera: "[...] *a gente veio pra juntar dinheiro, né, acho que é o... a maioria das pessoas vem, pra juntar dinheiro pra voltar pro Brasil e abrir um negócio".* Daiane conta que teve bastante dificuldade em se adaptar, se acostumar ao país e ficar longe da sua mãe.

O que motivou a segunda migração de Paulo ao Japão foi o desejo de que sua família pudesse conhecer o país e juntar mais dinheiro, já que, por motivos de saúde, precisou gastar uma parte do dinheiro que havia juntado da primeira vez. Assim, existe a referência ao desejo

[98] Paulo ficou aproximadamente três anos no Brasil.

de que sua família pudesse conhecer o seu lugar de origem ancestral, e esse desejo aliou-se à aspiração de acúmulo financeiro.

Paulo conta que, na segunda vez que migrou ao Japão, se assustou pela situação financeira do país, devido ao desemprego causado pela crise de 2008, principalmente porque tinha uma filha pequena para sustentar: "*A questão da segunda passagem que a gente teve aqui, foi... tipo assim, meio que assustadora, porque tipo, eu nunca tinha passado, porque eu vim na primeira vez, foi abundante de serviço. E, da segunda vez, foi ao contrário. 2009 que a gente veio, 2008 teve crise aqui, muita gente ficou desempregada e a gente nunca, tipo, a gente, no caso nós dois, foi a primeira vez, nunca tinha visto uma cena daquela. Então aí foi a parte assustadora, né, muita gente desempregada, no caso, eu não fiquei, no começo de tudo ela ficou.".* Conforme Paulo, o casal ficou bem preocupado com a situação e pelo fato de ter uma filha pequena. Conta que pensaram em voltar para o Brasil, mas logo se mudaram para uma província melhor, onde Daiane arrumou um emprego e conseguiram uma escola brasileira para Giovana estudar. Com a situação financeira mais estabilizada, o casal resolveu permanecer no Japão.

No entanto, em 2011, *"*[...] *veio o terremoto, aí parou tudo de novo, aí a gente pensou: 'Não, vamos embora, não tem jeito', aí a gente voltou pro Brasil.".* Conta que, quando retornaram ao Brasil, começaram a trabalhar em um *trailer* e, em 2016, retornaram para o Japão novamente, por não conseguirem se estabilizar financeiramente, "[...] *daí eu quis voltar pra cá de novo, que... é um vício isso aqui. Aí, faz direto agora, elas fazem 4 e eu faço 5. Eu vim na frente, fiquei um ano, daí elas vieram depois."* (Paulo).

Segundo Daiane, "[...] *nós viemos pra cá e... quando a gente veio, a gente veio por causa da situação financeira, né, então tipo... na nossa cabeça, né, veio é... juntar um dinheiro e vai embora* (para o Brasil)*, aí depois, como a situação ficou difícil no Brasil, é... vamo ficar por aqui mesmo. Assim, aqui não tá conseguindo juntar o que a gente esperava, mas aqui tá melhor que o Brasil*.". Paulo complementa: "*Dessa terceira vez que a gente tá aqui, a gente, eu, por exemplo, não tenho mais aquela gana: 'Nossa, eu preciso ir lá, tem dinheiro, ah, tem que guardar', não, a gente veio e tamo vivendo uma vida normal, se sobra e guarda, ok, não sobrou, ok também, a gente segue o baile, e... a gente tem segurança, tem educação, minhas filhas estão bem na escola.*".

A família vivencia um ciclo vicioso e repetitivo, o qual consiste em ir para o Japão juntar dinheiro para retornar ao Brasil e ter uma vida financeira confortável. Porém, dificilmente isso ocorre, devido à dificuldade de (re)inserção no mercado de trabalho brasileiro ou de gerir o próprio negócio, provocando um novo retorno para o Japão, a

trabalho, a fim de retornar ao Brasil, e assim sucessivamente. O vício ao qual o entrevistado se refere é esse movimento repetitivo de vaivém entre os dois países, onde o fracasso na tentativa de regresso e reinserção no Brasil acaba impelindo-os a retornar ao Japão com certa facilidade. Podemos pensar que tal vício significa uma busca por melhores condições de vida proporcionadas por aquele país, que representa sua origem ancestral e étnica, conferindo um significado de que esse lugar de origem possa proporcionar e garantir condições que permitam a continuidade da vida no Brasil, o país que representa o lugar de nascimento e de origem.

Dessa maneira, todas as vezes que a família migrou para o Japão foram justificadas pelo desejo de ter uma vida financeira confortável, enquanto as vezes que retornou ao Brasil foi por ter acumulado uma quantia que consideravam suficiente para se estabelecer no país de origem, exceto o último retorno, causado por um desastre natural, o terremoto de 2011, que foi o maior tremor do Japão e o 7º maior da história, que afetou a economia do país e impeliu a família ao Brasil. Ora, além das questões econômicas, "[...] no Japão há acidentes naturais, como os terremotos (*jishin*) e tufões (*taifuu*), que dependendo da gravidade, acabam desencadeando o trânsito de retorno de brasileiros para o Brasil." (RESSTEL, 2019, p. 46-47).

Outro ponto observado na entrevista e comum no movimento migratório atual é que hoje as famílias não se preocupam apenas em juntar dinheiro: "[...] *não tenho mais aquela gana"*, mas também aproveitar e viver a vida no Japão: "[...] *a gente veio e tamo vivendo uma vida normal"*; desse modo, algumas famílias deixam de juntar dinheiro para ter acesso a bens desejados, viajar e aproveitar a vida no Japão, com as comodidades e segurança que a terra oferece.

5.4.1 Eixo temático: Transmissão psíquica e Pertencimento

Paulo e Daiane contam que a gravidez de Giovana não foi planejada, pois eram muito jovens na época - Daiane tinha 18 anos e Paulo 24 anos. Ora, eles namoravam e, quando Daiane engravidou, Paulo foi para o Japão trabalhar. "*Ele veio pra cá* (Japão) *e eu fiquei grávida no Brasil, aí depois, quando ele voltou pro Brasil que nos casamos*.". Quando Paulo voltou ao Brasil, Giovana já tinha nascido e estava com um ano e oito meses de idade. Daiane relembra que foi difícil ficar longe, pois, *"*[...] *no caso, pra mulher, né, momento da gestação é um momento, né, mais de sensibilidade, quer a pessoa ali perto, né, o companheiro ali perto*.".

Naquela época, Daiane não tinha acesso à internet e, quando sua mãe pôde comprar um computador, Giovana já era nascida. Paulo complementa: "[...] *na época, no ano de 2004,*

era bem, internet era escassa pra caramba, internet discada, na época, né. [...]. *E isso amenizou um pouco, a... tipo, senti a falta tanto, mas ela tinha todo acolhimento dos meus pais. Mas, não foi assim... muita turbulência, né, acho que foi mais gostoso ainda quando eu cheguei no Brasil e conheci a Giovana, era bebezinha, um ano e oito meses ainda, tudo mais, e a gente foi se descobrindo, né?*".

Daiane relembra que passar pela gestação e o parto sem a presença de Paulo foi algo difícil, ainda mais porque, naquela época, não se tinha tanto acesso à tecnologia como se tem hoje. Paulo foi conhecer Giovana quando ela já andava e falava, com quase dois anos de idade, de modo que precisou ir descobrindo e formando laço aos poucos com a filha, à qual só tinha acesso pela tela do computador.

Tal dado revela que o nascimento da filha foi permeado pela separação com o pai, além da separação entre os países de pertencimento. Seu pai decidiu migrar para seu país de origem ancestral, no momento em que teria a primeira filha e, embora atribua à preocupação financeira, tal busca se direcionou ao seu país de origem étnica. Por sua vez, essa procura por melhores condições financeiras, a qual proporcionaria maior segurança à família, demonstrou, desde o nascimento de Giovana, essa separação entre os dois países que representam dois pertencimentos: o Japão e o Brasil. Complementares a tal situação, o encontro com a filha e o reencontro com o Brasil, seu país de origem, só puderam ocorrer através de uma separação com o Japão.

Ao ser questionado sobre a chegada e adaptação da filha ao Japão, na primeira vez que migrou com toda a família, Paulo disse que, quando ela foi pela primeira vez, era bem pequena, mas se adaptou bem ao país. Dessa época, Giovana relata: "[...] *quando eu vim pra cá, a minha vó comprou um ursinho de pelúcia pra mim, logo quando eu vim com três aninhos. Eu tenho esse ursinho, até hoje, eu lembro dela me dando no aeroporto essas coisas, época de escolinha assim, dá pra lembrar.*". "*Na primeira, eu acho que foi mais difícil por saudade, eu era muito muito chegada nas minhas avós, mas com o tempo... a gente se vendo por ligação, essas coisas assim, ficou mais fácil.*" "*Quando eu cheguei aqui, foi bem fácil a adaptação, que como eu acho que era menorzinha, não entendia muitas coisas, foi bem mais fácil.*" (Giovana).

Tanto os pais quanto Giovana consideram a sua primeira migração e adaptação ao Japão como algo mais fácil e tranquilo, devido à idade de Giovana e não compreender bem os impactos de uma imigração a um novo país. No entanto, Giovana confessa que foi difícil lidar com a distância e a saudade das avós, pois tinham um vínculo e convivência muito próximos com elas. Relata que a saudade só foi aos poucos sendo amenizada pelo acesso às tecnologias.

Conforme destacou, uma das coisas que marcou e ajudou a elaborar a ausência das avós foi um ursinho de pelúcia que sua avó deu para ela e que serviu, de certo modo, como um objeto transicional e mediador da ansiedade e angústia causada pela distância, proporcionando um conforto psicológico.

Um aspecto importante a ressaltar é, que embora os pais também tenham sido entrevistados, não se referiram a esse sofrimento vivido pela filha, revelando o não contato e a negação de tal aspecto, ou seja, do sofrimento da filha pela separação de seu país de origem e dos familiares, que compõem aspectos importantes de pertencimento, incluindo as questões afetivas e sociais, sobretudo para uma criança com a idade de três anos que está em pleno processo de aquisição do idioma e dos relacionamentos sociais, na escola. Tais situações foram desconsideradas nos discursos dos pais, os quais apenas aludiram ao processo vivido por Giovana como algo fácil.

Nesse primeiro momento de migração, Giovana viveu durante três anos no Japão, retornando com seis anos de idade com os seus pais, para o Brasil. Com relação a esse retorno, Giovana ressalta a dificuldade com o fuso horário e com os costumes, mas complementa: "[...] *eu me acostumei bastante até, até que foi fácil, e agora eu não voltei ainda, então eu não sei como é.".* Ao ser questionada se conseguiria se adaptar novamente ao Brasil, Giovana evidencia: *"*[...] *eu tenho muito as minhas dúvidas, porque como eu tô muito tempo aqui, eu já tenho laços muitos fortes aqui, por isso que a mesma dificuldade que eu tive quando eu entrei aqui dentro, no Japão, vai ser a mesma coisa quando eu chega lá.*".

Segundo Giovana, ela estabeleceu *laços fortes* com o Japão pelo tempo que mora lá e tem dúvidas de como será sua readaptação ao Brasil, quando retornar, apesar da aparente boa adaptação da primeira vez que voltou ao Brasil.

Quando completou 12 anos, Giovana foi para o Japão pela segunda vez com os seus pais. Ao ser questionada quanto à decisão em migrar pela segunda vez, ela frisa que seu pai sempre quis voltar e a sua mãe não, mas isso sempre foi exposto para ela. "*A minha mãe ela conversou, né, ela falou assim: 'Então, a gente tá pensando em voltar', então desde cedo eu já tinha na cabeça que a gente ia acabar voltando, então, eu chegava na escola todo mundo falava: 'Ah, ela veio do Japão', eu falava: 'Eu vou voltar'.* [...] *mas desde cedo eu já sabia que eles queriam voltar, então, já tinha bem em mente essas coisas. Não esconderam nada de mim* [...] *todas as decisões, etapas eu já sabia.*" (Giovana).

Sobre essa segunda experiência, Paulo comenta: "[...] *é, no começo, foi legal, foi igual a primeira vez, né, 'Ah, legal, tô no Japão de novo', pra ela não era novidade, né?*". "*A primeira vez foi mais fácil, né, porque ela era pequenininha, mas dessa segunda vez, ela*

sentiu. Ela chegou aqui, ela queria voltar. Aí ela falava que ela não tava feliz aqui." (Daiane). "*Como ela saiu de lá já meio adolescente, com as amiguinhas formadas, com clube da Luluzinha dela formado, né, e tudo mais, então pra ela vim pra cá e tá sozinha foi complicado no começo, né, porque ela não tava indo pra escola, não fez amizades."* (Paulo). "*Na época, quando nós chegamos, ela ficou um tempo sem ir pra escola, né, acho que ela ficou um mês sem ir pra escola. Então, ela ficava sozinha em casa, é... não tinha amigos, né, sentia falta do pessoal do Brasil, aí até ela ir pra escola, daí ela pedia, pedia não, na verdade, ela escreveu uma carta, falando que ela não tava feliz, que ela queria voltar, aí nós conversamos com ela e falamos pra ela, é... pra ela esperar entrar na escola pra ver se ela ia se acostumar, e foi exatamente isso, daí ela entrou na escola e se acostumou e desde então ela melhorou bem, se acostumou melhor.*" (Daiane).

Mesmo sabendo que a probabilidade de voltar ao Japão era grande, pois seu pai sempre cogita essa possibilidade em casa, Giovana teve dificuldade em se adaptar e sua segunda estadia no Japão não foi tão fácil e tranquila como a primeira vez. Devido à idade e aos vínculos de amizade, no Brasil, Giovana teve dificuldade de se adaptar novamente ao Japão e repetia que queria voltar para o Brasil, pois não se sentia feliz. Como não ingressou na escola imediatamente à sua chegada, Giovana ficava muito tempo sozinha em casa e sentia falta das suas amizades do Brasil; contudo, logo que ingressou na escola brasileira no Japão e conseguiu fazer novas amizades, o sentimento de estar sozinha foi amenizado e ela conseguiu se readaptar ao país. A partir do momento em que Giovana pôde encontrar um meio para se sentir reconhecida e pertencente (a escola e as amizades), ela pôde investir subjetivamente naquele espaço, criando vínculos intersubjetivos que a reconhecessem e a assinalassem como sujeito que faz parte daquele determinado local (CANCLINI, 2004; WEISSMANN, 2016). Nesse trecho da entrevista, podemos observar a importância dos vínculos no estabelecimento e manutenção do sentimento de pertença.

É importante ressaltar que, especialmente na adolescência, as questões que envolvem o pertencimento social são muito relevantes para a vida do jovem que necessita de tal reconhecimento e de processos de identificação proporcionados pelos vínculos sociais para a sua constituição subjetiva. Na adolescência, quando há uma desestabilização e fragilização das identificações, o grupo de pares ganha relevância e passa a ser âncora identificatória. As pertenças grupais, sendo um espaço onde eles passam a ser reconhecidos pelos outros, funcionam como espaço de regulação social e psíquica (TAKEUTI, 2002).

Sobre a segunda vez que foi para o Japão, Giovana observa que não se lembrava de quase nada de lá, "[...] *não lembrava de nada, meus pais chegaram, 'se lembra dela, se*

lembra dela?' eu não conhecia ninguém, nem a minha própria vó eu cheguei reconhecer. Não conhecia ninguém. Eu demorei um pouquinho pra me adaptar, porque aqui, como eu cresci, foi bem estranho você vê e pensar 'cadê a terra onde eu estava?' e foi de volta pra outro lugar.". "*Foi bem mais difícil, e... como eu vim pra cá, eu não conversava com ninguém, eu já tinha amizade no Brasil, e... aí já foi bem mais complicado que, como eu já tinha amizade lá, todo mundo fala 'volta pra cá que a gente tá com saudade', e como eu não tava indo pra escola, eu fiquei um mês em casa, e aí foi completamente difícil, porque aí a vontade de voltar era maior, porque eu ficava sozinha.".* "*Eu acabei ficando muito triste, tipo, não tem ninguém... como todo mundo saía de casa, a minha irmã ia pra creche, então eu ficava muito sozinha, e aí eu tentava conversa com o pessoal do Brasil e eles tavam dormindo, e eu não conseguia me adaptar com essa mudança.*". *"Aí foi bem mais complicado se adaptar, conseguir fazer amizade não foi tão difícil, porque depois que eu entrei na escola, todo mundo já me acolheu muito bem, porque aqui na minha escola todo mundo que chega, a gente já tenta, já adapta ela da melhor forma possível.*".

Giovana conta que chegou a pedir para voltar para o Brasil, mas foi se adaptando aos poucos: "[...] *bem aos poucos, bem aos poucos, acho que demorou um ano pra eu me adaptar aqui, completamente, mas depois que você adapta, a vontade de voltar é só pra visitar. É vontade de voltar é só pra visitar.*".

Giovana expressa o estranhamento e o não reconhecimento daquele país o qual havia habitado, quando criança: "[...] *cadê a terra onde eu estava?"*, como se a imagem que ela tinha congelado e registrado do país em sua memória tivesse se perdido e não existisse mais ali. A realidade encontrada não condizia com a imagem do país idealizado e preservado, fazendo com que a angústia fosse maior e a adaptação mais difícil.

Outro fator que dificultou a adaptação e a integração ao país foram os vínculos estabelecidos no Brasil e a ausência, causada pela ruptura ao migrar ao Japão. No entanto, quando ingressou na escola brasileira, Giovana pôde estabelecer e estreitar os laços com uma rede de acolhimento que há, na escola, formada por aqueles que já passaram por essa experiência e conhecem a angústia e o vazio vivido pelos migrantes que vivem no Japão. Hoje, Giovana se sente tão adaptada ao Japão que só tem vontade de voltar ao Brasil para visitar e não mais para morar.

Passado o período de resistência e estranhamento, o qual acomete algumas pessoas mediante o novo e o desconhecido, é preciso que esse migrante encontre pontos de referência nessa nova cultura e sociedade, a fim de se localizar nesse novo espaço social e subjetivo, superando a angústia e o luto do que deixou, e despertando o desejo de conhecer e se

apropriar do novo. Só ao elaborar o "[...] afastamento simbólico da cultura de origem se pode criar um espaço transubjetivo que dê lugar a um novo tecido cultural de elaboração e transformação do apreendido, anteriormente." (WEISSMANN, 2016, p. 187).

Paulo e Daiane contam que a primeira vez que migraram juntos com a filha sentiram mais dificuldade, só que, dessa última vez que migraram os quatro (a filha caçula tinha nascido no período em que estavam no Brasil), estavam mais tranquilos e preparados, pois sabiam o que iriam enfrentar e conheciam a vida e os aspectos que envolviam o trabalho no Japão. "*Acho que como nós já tínhamos as experiências anteriores, né, então dessa vez foi mais tranquilo.*" (Daiane). A única dificuldade que sentiram foi com o sofrimento de Giovana, devido à separação de seus laços de amizades no Brasil.

Em relação à escola, os pais optaram por colocar Giovana na escola brasileira, pois já pensavam no retorno. Segundo Paulo, "[...] *a gente optou também por escola brasileira pra não ter um baque, né, no começo e tudo. Então, a gente, como pensa em voltar embora, a gente, é, mais optou assim por escola brasileira por causa da formação, né? Tipo muita gente é... coloca em escola japonesa, porque, 'Ah, tá aqui tem que aprender a língua', mas pensa em ir embora. O problema de quando retorna é... como engajar ela de novo na escola brasileira. É... você chega... é... muita gente chega atrasado, não acompanha* [...] *a criança passa por um perrengue e a gente mais do que tudo.* [...] *o ruim agora que se a gente coloca numa escola japonesa, vamos supor, daqui três anos a gente vai embora e chega no Brasil e coloca numa escola brasileira, e aí como é que faz?".*

Tanto Paulo como Daiane pensaram que seria mais fácil para Giovana se a matriculassem na escola brasileira no Japão, já que tinham a pretensão de voltar para o Brasil. Além disso, Paulo comenta que, quando a criança estuda na escola japonesa e retorna ao Brasil, acaba ficando atrasada e pode não acompanhar os outros alunos: "[...] *a criança passa por um perrengue e a gente mais do que tudo.".*

Paulo completa, falando sobre os pais que colocam os filhos na escola japonesa, para não gastar dinheiro com mensalidade. "*Muita gente pensa em pôr em escola japonesa por causa dos valores, né, é tem muito muita gente que pensa desse lado, 'Ah, a gente põe em escola japonesa, porque não tem tanto gasto. A gente não gasta tanto com escola japonesa', não sei o quê. Só que, no intuito, a pessoa pensa desse jeito, 'Ah, não põe em escola brasileira, porque gasta muito', mas acaba gastando do mesmo jeito, não guardando dinheiro nenhum e os filhos acabam não aprendendo a língua materna, a língua portuguesa. Tem um casal de amigos, ainda, que tem dois filhos, eles não falam português, só que hoje a mãe sente, ela fala que ela se arrepende de não ter ensinado português.*" (Paulo).

Para Paulo, era importante que Giovana não perdesse e se apropriasse da língua materna, assim, priorizou os estudos da filha numa escola brasileira, apesar do dispêndio financeiro, compreendendo que isso seria um investimento em seu futuro e não um gasto que poderia ser evitado, como pensam alguns pais *dekasseguis* que depois se arrependem por não conseguirem se comunicar com os seus filhos em português.

Sobre a troca de escola, Giovana diz: "[...] *eu não apoio, porque teve uma aluna da minha escola, que ela já se formou, ela estudou a vida inteira, é, a vida inteira, até o Fundamental II, na escola japonesa e no Ensino Médio foi pra brasileira. Ela era brasileira, mas não sabia falar o português, os pais dela abandonaram a língua do português e aí, do nada, mudaram ela pra escola brasileira, ela sofreu muito, ela não sabia falar português, nem um pouquinho, e aí tiveram que ensinar ela desde o zero a falar o português.*". "*Geralmente os pais, por motivos pessoais, não quiseram colocar na escola brasileira logo de cara, aí coloca na japonesa pra aprender japonês primeiro depois troca. Isso, na minha opinião, é uma coisa muito ruim, porque aí fica misturando as línguas, que a pessoa não sabe o que que acontece, né?"* (Giovana).

Giovana observa a dificuldade que alguns alunos, que estudaram muito tempo na escola japonesa, enfrentam ao ingressar na escola brasileira, principalmente em relação à língua. Relata que alguns pais não dão importância para o português: "[...] *abandonaram a língua do português"* e o filho fica prejudicado, pois acaba "[...] *misturando as línguas, que a pessoa não sabe o que que acontece"*, e não se apropriando de nenhum dos dois idiomas, os chamados *double limited,* crianças que não adquirem proficiência de forma adequada e domínio em nenhum dos dois idiomas parcialmente aprendidos (SAWAGUCHI, 2013).

Quanto a essa decisão de matricular Giovana na escola brasileira, Daiane conta que "[...] *pra gente era melhor, né, porque eu e meu esposo nós não entendemos nada de japonês, e ... chegou, na... na intenção dela ficar na brasileira, né, porque não conhecia o idioma, nós também não, daí foi pra brasileira. E dessa vez também, como ela já era maior, né, ah, na verdade a gente também ficou com um pouco de medo, né, até* ijime *e tal, e... optamos pra colocar na brasileira, até depois quando ela fez, acho que 13 anos, chegou uma carta do* chugakko*, pra ela entrar no* chugakko*, e... nós falamos pra ela, né, se ela queria ir, mas ela não quis*". "*Eu acho que, no caso, assim, na brasileira ela se sente mais à vontade, né, por causa acho que do idioma, né, porque ela entende todo mundo, né?"* (Daiane). Além da manutenção da língua portuguesa, que viabilizaria a comunicação entre os membros da família e a preservação do idioma materno, Daiane ficou com receio de a filha sofrer *ijime* na escola japonesa, prática ainda recorrente no Japão com a figura do estrangeiro.

Relatam, no entanto, que Giovana teve curiosidade de frequentar a escola japonesa. No início, ela dizia: "*Como é que eu vou entrar numa escola que eu não falo, não conheço ninguém, pior ainda*", mas depois que conheceu uma amiga que estudava em escola japonesa e que falava inglês muito bem, Giovana manifestou: "*Ah, seria legal se mudasse, tivesse entrado também numa escola japonesa*.". Paulo, no entanto, reforça: "*Eu queria que ela estudasse na escola japonesa, pra ela aprender uma língua diferente, só que como a gente também sentou e conversou bastante, assim, a gente não pensa em ficar, a gente pensa em ir embora, se coloca numa escola japonesa como que ela vai depois voltar pro Brasil e entrar na escola na escola brasileira, porque o ensinamento é todo diferente, né?*" O único motivo que faria Paulo matricular Giovana na escola japonesa seria para ela aprender o idioma japonês, contudo, pensando no retorno, Paulo acreditou que isso poderia prejudicar o desempenho da filha no Brasil e que não valeria a pena.

Daiane destaca que a filha está aprendendo japonês na escola brasileira, mas que tem dificuldade e vergonha de praticar o idioma, todavia, os pais a estimulam e, assim, ela está arriscando praticar com mais frequência a língua japonesa. "*Com relação à língua, a escola daqui tem bastante suporte, né, na língua japonesa, né, tanto que a minha filha tem, tem aulas de inglês, tem aulas de* nihongo *(idioma japonês), né, que no caso é língua japonesa.*" (Paulo).

Sobre o domínio do japonês, Paulo explica: "*A gente, assim, a gente se vira assim, meio raspando, né, a Daiane já fala melhor, ela já, já é mais assim, assídua, porque ela... nas fábricas que ela trabalhou, tinha mais com japoneses. Como eu falava com brasileiro todo dia, mal usa a língua japonesa, né, o* nihongo.". Tanto Daiane como o seu marido não falam muito bem o idioma japonês, por isso, contam com a ajuda de tradutores em algumas situações, como em consultas médicas. Entretanto, para as atividades cotidianas, tais como ir ao mercado e a restaurantes, "[...] *a gente consegue se virar bem.*" (Daiane). O idioma é quase sempre um dos maiores impasses e barreiras na trajetória de imigração.

Em relação a esse aspecto, Giovana diz: "*Eu falo um pouco de japonês, eu gosto muito da língua, mas acho que, como eu vim um pouquinho mais tarde, eu não consegui falar tanto, mas eu sei falar um pouquinho, básico do básico.*" . Giovana relata que tem aula de japonês na escola com professores japoneses e que dá para aprender o básico, pelo menos. *"*[...] *eles já dão aula bem, assim, pra pessoa sair já falando japonês. Por exemplo, tem um aluno da escola que se formou agora em faculdade japonesa, tem outros alunos que foram pro... que sabem falar a língua, já conseguiram emprego. Então, eu não acho as aulas da minha escola*

de japonês ruim, eu acho elas bem preparadas, bem escaladas pra cada um, eu gosto das aulas de lá.".

Giovana acredita que não desenvolveu tanto o japonês por falta de prática e treino, mesmo fazendo curso de japonês fora da escola. Ela relata que seu pai sabe falar japonês devido à convivência na fábrica, mas que sua mãe fala melhor do que todos na casa, porque ela faz curso do idioma. "*Eu acho que quem sabe mais japonês aqui de casa sou eu, mas quem fala mais é minha mãe, porque de escrever, fazer frase, isso eu sei, minha dificuldade é falar.*". Giovana reforça a importância de saber a língua: "*Se você não sabe a língua, você já pode desistir de morar aqui, que a coisa mais importante que você tem que saber, no mínimo, escrever seu nome, o kanji do seu nome e falar, pelo menos o básico, porque, se você não consegue, sofre muito aqui no Japão.*".

Mesmo que Giovana esteja estudando em uma escola brasileira e tenham a pretensão de retorno ao Brasil, seus pais a estimulam a aprender e praticar o idioma japonês, mas percebem que a filha tem vergonha, por não ter tanto contato com os japoneses e por não estar inserida em um contexto que favoreça o uso da língua de modo contínuo. Giovana diz gostar da língua, contudo, acredita que não absorveu tanto pelo fato de ter ido para o Japão com uma idade mais avançada. Tanto os pais quanto a filha entendem que a escola brasileira oferece um bom suporte na aprendizagem da língua japonesa, e Giovana considera a sua aprendizagem como algo essencial, reforçando que quem não tem conhecimento da língua sofre bastante, no país.

Giovana estuda há quatro anos em uma escola brasileira no Japão e está no 1º ano do Ensino Médio. A adolescente relata que gosta da sua escola devido à boa estrutura e se relaciona bem com todos. Em relação aos professores, diz: "*Eu acho que eles são preparados, as aulas são bem dadas, assim, alguns... às vezes, têm nossos desentendimentos, né?*". Revela ter muita proximidade com os professores e se dar bem com todos da escola.

Ao ser questionada sobre em qual escola os pais brasileiros deveriam matricular o filho, em sua opinião, Giovana afirma: "*Eu acho que depende muito da idade da criança se, por exemplo, ela chega no 6° ano, se ela for ficar aqui no Japão, ela entra na escola japonesa, mas se ela tem um futuro pra voltar pro Brasil ou estudar fora, ela entra na escola... é... que aqui se chama escola universal, né, as escolas brasileiras são escolas universais, entra numa escola brasileira. Porque, por exemplo, aqui dizem que o máximo que você pode colocar uma criança na escola japonesa é no 6° ano, a partir do 6° ano já não, é... já você... não vale a pena mais, porque, como a gente já tá entrando na adolescência, no 6° é o máximo que ela pode conseguir assimilar o japonês já conversando. A partir do 7° ano, já*

fica mais difícil. Então, eu acho que depende do futuro que a criança quer levar, se ela quer fazer uma faculdade no Brasil, numa faculdade internacional, ela entra na escola brasileira, mas, se ela quer fica aqui no Japão o resto da vida, dela entra na escola japonesa.".

Giovana estabelece uma relação entre a escolha da escola ao planejamento e futuro familiar, acreditando que, se a família tem pretensões de retorno ao Brasil, o ideal seria que o filho estudasse em uma escola brasileira. Além disso, ressalta que a idade é outro fator preponderante nessa escolha, pois, em sua percepção, quanto maior for a criança, maior será a sua dificuldade em assimilar o japonês e os conteúdos da escola japonesa.

Nesse sentido, o relato de Giovana diz muito de suas próprias escolhas, especialmente ao se referir à idade como um critério de escolha pelo tipo de escola. Ela nos remete à questão da adaptação ao lugar, à escola, ao estabelecimento dos vínculos de amizade e, principalmente, ao idioma. Todas essas questões se referem ao estabelecimento do pertencimento, e localizamos, em seu discurso, que a jovem elege uma relação entre o pertencimento ao Brasil ou ao Japão, como o principal critério para tal escolha. Para a permanência ao Japão, é imprescindível o desenvolvimento do idioma nipônico e dos vínculos sociais e afetivos que se ligam à escola. Por outro lado, caso o objetivo seja de uma permanência temporária e planejamento de retorno ao Brasil, sua opinião realça a importância na manutenção da língua e dos vínculos afetivos e sociais ao país, ao seu país de origem.

Daiane assevera que Giovana nunca teve dificuldade na escola e se relaciona bem com todos. Paulo comenta que Giovana é uma ótima filha, aluna e muito educada: "[...] *tá sendo bem implantado nossa educação, nosso ensinamento, é, tá sendo bem feito.*". Ele crê que, enquanto pais, estão fazendo uma boa transmissão à filha, em relação aos ensinamentos e à educação.

Sobre alguma experiência marcante que teve na escola ou na adaptação, Daiane conta que, quando a filha era menor, às vezes percebia que algumas crianças japonesas não se aproximavam dela para brincar, "[...] *infelizmente pelo fato da gente ser estrangeira tem essa barreira, né?* [...] *Essas situações que são desagradáveis, né, que a gente acaba passando aqui que acaba sendo desagradável, né?*" (Daiane). Giovana disse que se sente bem aceita pelos japoneses e que não sofreu *ijime*, pois onde mora os japoneses já estão acostumados com os estrangeiros. Mas que, às vezes, observa o olhar malicioso dos japoneses com respeito ao seu corpo. "*O ruim dos japoneses aqui, que a maioria, a gente pode considerar pervertido, porque isso é uma coisa que aqui no Japão tem muito, tem muito mesmo.*" (Giovana). Quanto a esse aspecto, Daiane ressalva: "[...] *como eu não sou descendente, então... é.... eu acho que... não é discriminação... eu acho... não sei se também é discriminação, mas o interessante*

é que, quando eu tô andando na rua, tem gente que me olha de um jeito diferente, sabe, como se... aí eu não sei, não é que eu... não é um jeito de vestir, assim, mas olha pra mim como se eu tivesse chamando atenção, tipo assim, 'tem uma pessoa diferente no meio de tantas outras', isso me incomoda.".

Ser estrangeiro e se ver marcado pela estranheza e diferença é algo que incomoda muitos *dekasseguis*, os quais, mesmo estando na terra dos seus ancestrais, não se sentem pertencentes e incluídos naquele espaço, como um *ajeno* marcado pela alteridade, não identificação, estranhamento e diferença (BERENSTEIN, 2001). Giovana se refere ao olhar diferente que sente dos japoneses, demarcando tal diferença e não pertencimento, apesar de possuir a mesma origem étnica e ancestral.

Ao serem questionados se eles sentiam que o Japão estava mais aberto para os estrangeiros, se comparado ao primeiro momento em que migraram, Giovana responde que sim, pois eles tentam ajudar os estrangeiros, enquanto Paulo acrescenta: "*Eu acho que... nessa parte de estrangeiros assim, sim, alguns ainda tem, tem japonês ainda que se distancia um pouco assim, eles ainda não gostam muito, sabe? Tem lugar ainda que são bem preconceituosos, não aceita, tem bastante preconceito, mas tem japoneses que são bem acolhedores com a gente.* [...] *Mas em relação à parte assim, de acolhimento, sim, melhorou muito. Esse hospital mesmo onde eu tô fazendo tratamento do meu ombro, lá tem duas mulheres que são tradutoras.* [...] *o hospital tem placas em português."* (Paulo).

Paulo e Daiane contam que a filha só tem amigas brasileiras: "[...] *como eu sou de escola brasileira é mais difícil, é mais difícil ter amigo japonês, é mais quando entra na escola mesmo.*" (Giovana). O ciclo de amizades também demarca a questão do pertencimento, de modo que, por Giovana estudar em uma escola brasileira e conviver mais com brasileiros, acaba se integrando menos ao grupo de japoneses.

Acerca das diferenças entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e um que vive no Brasil, Daiane afirma: "*Ah, bastante, isso é todo... é todo mundo que vem pra cá percebe, né, a diferença que tem mesmo assim, e não é só por ser adolescente não, viu?!* [...] *Não que... é... não tô me desfazendo, assim, não é isso, né, não é preconceito, mas assim você vê o jeito que ela se portava*.". Segundo Giovana, "[...] *aí no Brasil parece que os adolescentes são mais avançados, já tão três passos na frente daqui, porque aqui eles crescem muito na linha, eles são tipo à risca, completamente à risca, principalmente japoneses.* [...] *a gente tem um jeito diferente do pessoal daí, aqui a gente tem um grau de respeito maior, a gente não tem tanta responsabilidade que nem aí*.". Giovana fala que observa essas diferenças nas amigas que vão para o Brasil e voltam para o Japão.

Há uma diferença quase unânime em relação à percepção dos jovens brasileiros que moram no Japão e no Brasil. Os adolescentes brasileiros que moram no Japão são vistos como mais inocentes, reservados e centrados, devido à cultura, educação e segurança do país; já os que moram no Brasil são considerados como mais espertos e maliciosos.

No que concerne ao Brasil, Giovana confessa que sente falta principalmente da comida da casa da vó: "*Eu cresci muito com minhas vós, então, eu sou muito apegada com elas.*" Diz sentir falta do país também e da liberdade que tinha lá. "*Acaba batendo uma saudade, tipo, de você encontrar as pessoas, de você ir numa sorveteria, e você passear assim, pra ver paisagens aleatórias, andar de bicicleta, então, acaba batendo uma saudade.*" . Para ela, no Japão, acaba não tendo essa liberdade, porque "[...] *aqui a gente acaba caindo numa rotina, todas as vezes as mesmas coisas, é uma rotina que você acaba fazendo todos os dias, e no Brasil, não.* . [...] *Aí no Brasil eu estudava na parte da manhã até a hora do almoço, então, eu à tarde eu já tinha toda liberada, então, aí eu conseguia, por exemplo, já tinha gente em casa pra gente brincar, ia se encontrar pra fazer trabalho, aqui, apesar da gente ter essas coisas, tipo, de ser uma segurança muito maior, que até hoje todo mundo pergunta, né, 'por que que aqui a gente não consegue ter essa liberdade mais fácil', no Brasil é muito mais liberal.*" (Giovana).

Giovana nutre algumas memórias afetivas em relação ao Brasil, principalmente em torno das figuras de suas avós. Comenta que, a despeito de o Japão ser um país mais seguro, sente que tinha mais liberdade no Brasil e tem saudade disso, pois, segundo ela, no Japão, há certa rotina estabelecida e enrijecida, enquanto, no Brasil, as pessoas parecem ter uma flexibilidade maior. A liberdade, à qual Giovana se refere, está associada ao tempo e liberdade maior para se fazer aquilo que se quer, já que, no Japão, o tempo e o ritmo da vida são regidos em torno da dinâmica das fábricas.

Ao serem questionados sobre o que pensam da experiência de migração que a filha está vivenciando, Daiane responde: "*Eu acho bom, porque ela conheceu, conhece, tá conhecendo uma nova cultura, um novo país, né, é... tem mais é... aqui tem mais facilidade que o Brasil, né, acesso* [...] *agora, assim, os pontos negativos... que eu vejo é o que eu falei pra você, é o crescer longe da família, né, os amigos daí do Brasil... às vezes, assim, eu acho que aqui não tem é... falta assim, é diferente do Brasil, que tem mais acesso a cursos, né, de língua, cursos de informática, essa parte aqui já não tem, né, como no Brasil... assim... ter, tem, mas, no caso, ela teria que falar a língua* [japonesa], *né, aí já pra ela que não fala muito, então, tem essa dificuldade, né?*".

Sobre esse mesmo aspecto, Paulo opina: "[...] *por um lado, assim, foi muito bom pra ela, o crescimento em si, de pessoa e caráter, e mostrar que, tipo assim, no Brasil, a gente tenta passar uma educação que, dentro de casa, a gente passa uma, e a rua educa de outro jeito, e... nessa dela ter vindo pra cá e ter visto outra cultura, outra coisa é um jeito bom dela enxergar a vida, né?* [...] *então, um choque cultural dela ter vindo pra cá foi muito positivo, né, só a aprendizagem dela foi bom ter vindo pra cá.*".

Enquanto Paulo não pontuou nenhum aspecto negativo em relação à experiência de migração da filha, sua esposa mencionou a questão mais afetiva, relativa à separação e distanciamento da família e algumas limitações, como acesso a cursos, devido à barreira idiomática. Como ponto positivo, ressaltam o contato com uma nova cultura, educação, as regras, os valores, o crescimento pessoal e o acesso a outro modo de ver a vida e o mundo.

Sobre o maior desafio de terem um filho imigrante no Japão, Paulo entende que é fazer as filhas compreenderem as dificuldades que eles passam por serem migrantes e não conseguirem se comunicar direito com os japoneses. "*Acho que o desafio maior é fazer elas compreenderem a situação que a gente passa, né, tipo assim, não a dificuldade assim financeira nada desse tipo, de conforto, mas o maior desafio mesmo é quando, tipo assim, a gente vai num lugar com a Milena* (filha mais nova do casal) *e tem criança pra brincar e ela não consegue se comunicar, isso é um desafio. Até brincam, até conseguem brincar, mas quando rola de querer conversar alguma coisa assim, eles conversam entre eles, mas isso é um desafio que a gente passa, sim.*".

Os pais consideram a língua como a maior barreira e dificuldade na jornada de imigração e Paulo ressalta o desafio de fazer as filhas compreenderem a sua condição de imigrantes, "*a situação que a gente passa*" , e os aspectos em torno da questão de ser um estrangeiro e reconhecer a alteridade, ou seja, o modo de conhecimento e relação do outro em sua diferença (SILVA; SOUSA, 2017).

Paulo disse que nunca tentou estudar o japonês, porque acha muito difícil e complicado, todavia, sua esposa faz curso de japonês e já lê e escreve bem. Daiane frisa que "[...] *a língua é... é que a gente tem mais dificuldade, em qualquer país, se você vai, se você vai sem saber a língua, em qualquer país, é a maior dificuldade.*". Quanto aos benefícios da migração, os pais se referem à educação, qualidade de vida e segurança. "*Porque, na realidade, quando a gente muda pra qualquer país, a gente é reeducado, né? Na realidade, a gente, que é brasileiro, a gente tem aquela educação de malícia.* [...] *eu tenho medo de quando voltar pro Brasil, minhas filhas não terem a malícia do povo brasileiro e sofrerem aí*

por isso.". Muitos pais mencionam o medo de os filhos voltarem para o Brasil e serem "passados para trás", por não ter a malícia que, segundo eles, outros brasileiros têm.

No que tange aos aspectos positivos e negativos de se ter um adolescente estudando no Japão, Daiane opina: "[...] *aqui no Japão é muito diferente do Brasil, né, eu vejo pelas amiguinhas dela daí do Brasil* [...] *têm amigas dela que já são mães, foram mães com 15 anos, já tão namorando e tudo, e aqui não é assim, aqui parece que eles são mais inocentes, eu vejo por ela e pelos amigos, sabe... e... e outra, é tudo, né, é a segurança, é a educação, por mais que ela esteja numa escola brasileira, mas, assim, é diferente, né, daí do Brasil. Agora, assim, pontos negativos, é... eu vejo assim, tanto pra ela quanto pra minha menor é a distância da família, né?".*

Nesse aspecto, Paulo tem a mesma visão: "[...] *os adolescentes aqui não têm a mesma malícia, digamos assim, dos alunos do Brasil.*". "*Aquela educação que tem lá* [no Brasil] *não é igual aqui, aqui são muito regrados.* [...] *educação, da escola, assim, é um ponto positivo pra ela.*" . "*Tipo, acho que o ponto negativo, às vezes, é que tem muita coisinha assim que a escola deixa a desejar*", com muitas regras sem necessidade. "*Mas, no caso, de negativo mesmo não tem muita coisa, só ponto positivo pra escola, e pela educação que eles passam, né?*" (Paulo). Os pais analisam como algo positivo o fato de a filha estar passando o período da adolescência no Japão, pois isso fez com que ela se tornasse mais regrada, educada, inocente e menos maliciosa, na perspectiva deles.

Paulo disse que se sente mais tranquilo em educar a filha no Japão, pela questão da segurança: "*Aqui ela vai pra escola de bicicleta, demora meia hora de 'magrela' pra ir de bicicleta, no Brasil, eu não deixaria ir de bicicleta sozinha.*" . Paulo destaca que a educação no Japão é diferente: "[...] *a gente mesmo que vem pra cá é reeducado em todos os aspectos, a gente começa a pensar diferente, a gente começa a ter modos diferentes,* [...] *na realidade, a gente se adapta aos costumes deles, né... alguns, não todos.*". "*A parte ruim é que, quando eu penso em voltar, elas não vão ter a malícia de uma criança do Brasil.*" (Paulo). Não é novidade que a segurança no Brasil deixa muito a desejar, no entanto, é comum que os brasileiros que vão morar no exterior, especialmente em um país com um nível de segurança melhor, se sintam mais vulneráveis e intensifiquem a percepção do medo da violência, no Brasil.

Apontamos que, ao serem indagados acerca das marcas da experiência migratória para a filha, os pais atribuem uma dimensão de crescimento e de que o migrante é reeducado, quando vivem em outro país. Os pais revelam uma valorização da educação japonesa, em detrimento daquela existente no Brasil, e apontam alguns aspectos, tais como o respeito às

regras, a seriedade do comportamento e a valorização da educação. Inclusive, ao tentar explicar as diferenças, Daiane se refere a certo preconceito com relação à liberdade dos jovens brasileiros, e ambos valorizam o comportamento da filha, se comparado aos brasileiros.

Salientamos que tal processo de reeducação ao qual Daiane se refere diz respeito à educação baseada nos princípios morais e culturais japoneses, o que nos remete à valorização desses aspectos da cultura japonesa, inserindo a educação brasileira num patamar de certa inferioridade, se comparada à nipônica. A despeito da preocupação com a adaptação da filha, devido à tal reeducação nos moldes nipônicos, porque creditam uma falta de malícia ao comportamento da filha, prevalece a valorização da educação recebida no Japão, acentuando o valor do Japão, quando comparado ao Brasil. Nesse processo, Paulo acentua a importância de a filha viver e reconhecer os desafios vividos pelos imigrantes, e isso nos leva a pensar na situação transgeracional que acompanha as famílias nipo-brasileiras.

Os pais se referem ao duplo pertencimento, que envolve dois lugares de origem: o ancestral, representado pelo Japão, e o de nascimento, ou seja, o Brasil. Porém, não podemos desconsiderar que, de acordo com Okamoto (2007), o significado do Japão foi transmitido de maneira idealizada para os nipodescendentes, aqui representada por essa valorização da educação japonesa à qual sua filha teve acesso, através desse processo migratório. Desse modo, refletimos que Giovana só teve acesso a tal educação pela migração da família e, assim, os pais puderam transmitir o aparato cultural que oferece acesso ao pertencimento à cultura de origem ancestral da família, através do tempo de permanência no Japão.

Por outro lado, a filha percebe sua condição estrangeira e, inclusive, alude à diferença do olhar dos japoneses para ela e seu corpo, devido a essa condição. Ao oferecer essa experiência migratória para suas filhas, Paulo ensejou a repetição da experiência de ruptura e perda provocada pela imigração vivida pela primeira geração dos migrantes japoneses, na vinda ao Brasil, e, logo, a família inteira revive essa condição de não pertencimento e da condição da diferença radical com a experiência migratória, o que nos faz pensar num processo de repetição de tal experiência, a qual aponta para questões não elaboradas na transmissão psíquica familiar.

Ao ser questionado sobre as redes de apoio existentes no Japão, Paulo diz que conta com o suporte da comunidade brasileira, pois os japoneses são muito reservados, regrados e tradicionais. Para ele, é mais fácil ter amizade com os brasileiros, pelo fato de serem mais receptivos e abertos, ao contrário dos japoneses, que são mais fechados, ou seja, os brasileiros se reconhecem entre si, devido à origem em comum, inclusive no que se refere ao comportamento.

Giovana salienta que morar no Japão "[...] *é uma rotina difícil, mas é um tempo meio que valioso todos os dias. Eu recomendo 100% morar no Japão, mas se você for vir com criança, venha antes do 4° ano dela, não venha do 6° ano pra frente*", porque Giovana acredita que isso pode comprometer o desempenho escolar e a adaptação ao país e à língua. Apesar de tudo, Giovana gosta de viver no Japão e recomenda para as pessoas morarem lá por causa da segurança, qualidade de vida e cultura. E sobre morar no Brasil, associa a um lugar onde não se tem muito controle e previsão das coisas. Complementa: "*E você, às vezes, tem medo de andar no meio da rua,* [...] *que você nunca sabe o que vai acontecer, mas é um lugar muito gostoso pra você aproveitar o tempo com a família, com os amigos, e isso é uma coisa que eu acho bem legal, no Brasil, que aqui é muito difícil você ter*." (Giovana).

Giovana descreve a rotina no Japão como algo rígido, corrido e difícil, como de fato é, para a maioria dos brasileiros que passam uma jornada maior de tempo no trabalho e na escola, o que compromete o convívio familiar. Quanto ao Brasil, trata como um país onde não se tem muito controle e previsão sobre as coisas, "[...] *nunca sabe o que vai acontecer"*, por isso, o Japão é visto como um lugar seguro pela previsibilidade e rigidez da rotina. Por outro lado, considera o Brasil como o lugar que dá para "[...] *aproveitar o tempo com a família"* e permite mais encontros afetivos e liberdade, aspectos valorizados pela jovem, ao contrário de seus pais.

No que tange àquilo de que gosta no Brasil, Giovana aponta a proximidade com a família e a um clima mais favorável para festejar; em relação àquilo de que não gosta, comenta sobre a violência. Quanto ao Japão, assinala que gosta do silêncio e das paisagens, mas gostaria de ter mais tempo de convivência com seus pais. Giovana comenta que, no Japão, os pais costumam não ter muito tempo para os filhos, "[...] *porque, por mais que seja um país maravilhoso, é um país muito corrido.*". A falta de tempo dos pais é algo que marca a vida de muitos filhos, e o excesso de trabalho "[...] contribui para o deterioramento das relações sociais, comprometimento das relações familiares e reflete direta e indiretamente em problemas na educação das crianças e jovens que hoje vivem no Japão." (SILVA, 2017, p. 423).

Sobre a importância do Japão na sua vida, Giovana ressalta que "[...] *aqui eu acho que, com o Japão eu consigo ter a raiz da minha família perto, porque apesar de eu ser a 4ª geração, eu tenho esse, essa química com o Japão* [...] *Dessa raiz da família, porque em jantar de família aqui, a gente todo dia, era uma tradição, deu 1° de janeiro, a gente sempre ia almoçar na família japonesa e era todo mundo de olho puxado, menos eu e minha irmã.* [...] *a partir de mim e da minha irmã e as bebezinhas, não tinha mais ninguém de olho*

puxado, e você dava aquela diferença de geração.". No que concerne à importância do Brasil, "[...] *acho que é, com certeza, o resto da família, é o resto da família que tá aí.*" . Ao serem questionados se Giovana tem o Brasil como terra natal, os pais responderam que sim.

Nesse trecho da entrevista, Giovana demonstra a importância que o Japão tem para ela, pois ele representa a raiz de sua família, que a interliga à sua origem familiar; apesar de ser da quarta geração e não ter a identificação fenotípica com os descendentes das primeiras gerações de sua família, ainda tem essa "*química com o Japão."*. Sobre a importância do Brasil, Giovana comenta que o "*resto da família*" está lá e, por isso, é importante, além de ser o lugar de seu nascimento. Como ressalta Sasaki (1998, p. 5), alguns *dekasseguis* possuem dois *homelands* como referência:

> Num primeiro momento, antes de partir, o país de destino é pensado pelo *dekassegui* como a terra de seus ancestrais e, em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito do retorno à sua origem étnica. Mas, num segundo momento, quando ele chega no Japão e, mesmo sendo um japonês radicado no Brasil (ou um descendente), percebe-se como um estrangeiro. Nesse caso, o país de origem (ou o *homeland*) é o Brasil.

Giovana enfatiza: "*Uma coisa que eu acho muito legal assim da cultura, é em relação ao respeito com mais velhos, aqui eu admiro muito isso que eles têm.*". Ela não gosta das "[...] *olhadas, principalmente com estrangeiro, aqui eu acho que é uma das coisas que mais dificulta a convivência é isso, quando você vai ou trabalhar num lugar que tem japonês e ele percebe, ele olha pra você de um jeito estranho, você já sente incomodada. Eu nunca senti isso, mas as minhas amigas, os professores, eles contam que eles já viajaram pra lugares onde eles já não se sentiram muito confortáveis. Então, eu acho que isso é uma coisa que eles deveriam mudar, que eles têm um preconceito, por mais que eles não aparentam no olhar deles, já dá pra ver que eles não gostam da gente aqui.* [...] *Alguns acaba tendo aquele olhar tipo de, mais ou menos, de vocês não são daqui, faz parte daqui.*".

Mesmo tendo o sangue japonês correndo em suas veias, é comum alguns *dekasseguis* terem a sensação de não pertencimento ao Japão, em função do olhar de diferença e o preconceito lançado sobre eles. Fica evidente o desconforto causado e a mensagem endereçada de que "*vocês não são daqui*", como se estivessem no lugar errado, incomodando e destoando a imagem de um país que presa tanto pela homogeneidade. Ao se perceber enquanto estrangeiro na terra de seus ancestrais, o imaginário de que o Japão poderia ser seu *homeland* se desfaz (SASAKI, 1998).

O pai relata que sempre conversou com as filhas sobre a estadia temporária no Japão e a pretensão de voltar a morar no Brasil, quando Giovana concluir os estudos. Os pais de Giovana se preocupam e investem muito na educação da filha e, em casa, eles conversam sobre os planos para o futuro. Daiane diz que "[...] *a gente quer voltar pro Brasil. Então, a gente fala dela terminar o Ensino Médio e voltar, mas eu não sei, eu também quero que ela faça uma faculdade, né, então não sei exatamente como e que vai ser o nosso futuro, né, só Deus mesmo.*". Paulo explica: "[...] *a gente vai o dia que Deus planeja, mas na cabeça da gente é, tipo... a Giovana vai se formar aqui, ela já pensa em fazer faculdade no Canadá, não sei.*". "*Mas o planejamento mesmo é... é eu tentar juntar dinheiro, ainda. né, tentar juntar alguma coisa, formar ela, né, nem que seja, não, num Ensino Médio normal. Formar ela, ela procura algum outro tipo de faculdade e a gente ir embora, se as coisas melhorarem também. Se não melhorar no Brasil, como a gente vê que tá meio, ainda, não por causa de economia, mas sim pela própria pandemia, né, se tudo voltar ao normal, sim, a gente pensa em ir embora, e eu montar um negócio, que eu sempre gosto de fazer no Brasil*." (Paulo). "*Com a gente, nessas idas e vindas, querendo ou não, a gente trocava muito de escola,* [...] *aí eu falei pra Dani* (esposa): *'Nesse momento, como a gente veio pra cá, o negócio é formar ela, esse negócio de ficar troca de escola não dá certo'. Então, ela se forma aqui primeiro* (no Ensino Médio)*, põe os pés no chão, aí se tiver tudo ok, a gente retorna embora.*" (Paulo).

Devido à mudança recorrente de país, entre Brasil e Japão, os pais perceberam que isso prejudicou um pouco os estudos da filha, por isso, priorizam a finalização do Ensino Médio no Japão, para retornarem posteriormente àquele país. Porém, embora o retorno ao Brasil seja um projeto da família, os pais atribuem a decisão a "Deus", demonstrando a dificuldade na tomada de decisão. Nesse sentido, retomamos a questão destacada inicialmente por Paulo, referente ao vício entre as idas e vindas entre os países. De acordo com Paulo, esse vício concerne a essa repetição transgeracional de busca por esse Japão idealizado, transmitido geracionalmente, desde a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil e que, diante da frustração e do intenso sofrimento pelo retorno que não pode se concretizar, gerou esse conteúdo transgeracional movido pelo sofrimento e a vergonha. Isso se associa à intensa idealização atribuída a essa origem nipônica, a qual constitui o Japão como esse lugar mítico e de muitos recursos para oferecer aos seus descendentes, dificultando a separação definitiva com o país e o retorno ao Brasil, mantendo a família nesse ciclo vicioso entre ambos os países, em busca de uma elaboração no tocante ao pertencimento.

Giovana mora há mais tempo no Japão do que no Brasil e sobre o que ela pensa em relação ao Japão, Paulo comenta: "*Eu brinco com ela assim 'vamos morar aqui?' Ela fala*

‘Ah, tanto faz’, ‘Onde você prefere mais morar, aqui ou no Brasil?’ Hoje, com a cabeça que ela tem, ela fala ‘Ah, eu prefiro aqui’.”. A mãe acredita que ela pensa assim, porque percebe bem a diferença entre o Japão e o Brasil, na questão de segurança. Giovana diz não trocar a vida que tem no Japão pela vida no Brasil, *“*[...] *porque já me acostumei aqui e eu prefiro aqui. Gosto mais daqui.”*. Reitera querer morar no Japão e apenas visitar o Brasil. Apesar de os pais planejarem e investirem todos os esforços para que Giovana terminasse o Ensino Médio no Japão e voltasse para o Brasil, no final das contas, ela prefere ficar e morar no Japão, por ter-se acostumado e gostar mais do país, confirmando a hipótese apontada anteriormente, quanto à repetição relativa ao duplo pertencimento.

Sobre a pretensão dos seus pais de retornar para o Brasil, Giovana diz que ela quer terminar o Ensino Médio e prestar vestibular no Brasil e no Canadá. No Japão, ela não pretende fazer faculdade, pois “[...] *aqui é muito complicado você tentar fazer faculdade pública* [...] *porque você tem que sabe o japonês de cor e decorado, e isso eu acho que aqui eu não consigo.*”. O sonho de Giovana é ser professora e cursar Letras: “*Eu falo pros meus pais que eu quero ser professora, eles falam: ‘Ah, então só toma cuidado, porque no Brasil não dá tanto... tem tanta motivação assim’, é... não tem muito reconhecimento também. Então, eles queriam que eu fizesse Engenharia Mecânica, porque tem um grau a mais de importância. Mas eles sabem que eu quero fazer, que eu quero acabar fazendo Letras, essas coisas, eles têm consciência disso, mas eles querem que eu fique no Brasil, mas eu não quero, já tem uma contradição aí.”*[risos] .

Giovana aponta a contradição existente entre o desejo dela e de seus pais em relação à sua formação e ao seu planejamento futuro, principalmente no tocante a qual país ela irá escolher para se fixar. Ao proporcionar essa experiência migratória ao Japão, tentando resgatar uma origem ancestral, ocorreu uma repetição da experiência de duplo pertencimento que marca os nipo-brasileiros e da condição de estrangeiro. Desse modo, Giovana expressa tal contradição, porque, mesmo que prefira continuar a viver no Japão, a jovem foi educada numa escola brasileira, devido ao planejamento de retorno ao Brasil, o que a impede de acessar um curso superior, naquele país. Diante de tal impedimento, a jovem revela que poderia retornar ao Brasil ou escolher outro país para estudar, o Canadá. Possivelmente, seria uma tentativa de rompimento desse ciclo não elaborado entre o Brasil e o Japão, através da escolha de outro país para viver.

Em relação ao que os pais diriam para outros pais que estão migrando com os filhos para o Japão, pela primeira vez, Paulo ressalta que é fundamental dar atenção e ter tempo para

a família, mesmo tendo uma vida corrida. Relembra o período em que trabalhava como *nikotai*[99] e quase não via e não passava muito tempo com as filhas:

"*Eu levo isso comigo, que aí passou um sábado, a gente trabalha muito, aí numa segunda-feira à noite, quando eu cheguei, na segunda, não, no caso no domingo, quando eu acordei de manhã, aí a Giovana acordou olhou pra mim: 'Oi, pai, nossa, quanto tempo!'. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, né, tipo assim, a gente tá aqui por um objetivo, lógico, só que a gente tenta o máximo, se a gente tá aqui trabalhando é pra eles, né? No caso, quando a gente tem filhos, a gente trabalha pros filhos. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, aí depois disso, todo emprego que eu arrumo, até hoje que eu consegui, é só de dia pra pode manter esse vínculo.* [...] *Então, se eu tivesse que dar um conselho pra um pai hoje, tipo assim, trabalha, sim, a gente tem que trabalhar, a gente tem que sustentar casa, a gente é o alicerce, só que nesse alicerce a gente tem as amarras que somos nós. Então, não adianta só você pensar em trabalho e esquecer a família, que tem muitos casos que a gente escuta falar, assim, que o filho acaba adotando outros pais, porque os pais de dentro de casa não dão atenção suficiente pros filhos.*".

Daiane complementa: "*Infelizmente, acontece muito isso, sabe, sente essa falta, né, da mãe, sente essa falta do pai, a conversa, né, o carinho, então, assim, quer vir pra cá, né, tenha objetivo,* [...] *mas eu acho que não pode deixar a família de lado.* [...] *muitos aqui também acabam, é... em vez de dar presença, dá presente.*" . Paulo diz: "*Porque assim, os pais aqui eles não querem dar presença pros filhos e dão eletrônicos*. [...] *infelizmente, o Japão, ele faz isso, ele esfria muito a relação, não todo mundo, no caso, muita gente pensa igual à gente. Mas a maioria, assim, eles pensam o que, em trabalhar, em ter tudo.*" . Por sua vez, Daiane acrescenta: "*Muitas vezes é afetado emocionalmente também, né, por causa disso, porque não tem aquele afeto familiar dentro de casa, né?* E Paulo conclui: *"Aqui a pessoa fica muito fria, fica muito apegada ao material e não ao bem maior, que é a família, então, a pessoa, assim, só quer trabalhar e ter aquela vida de* status." (Paulo).

Os pais refletem que, embora os objetivos da família, inicialmente, tenham sido de trabalho e acúmulo financeiro, eles perceberam que as exigências de jornada de trabalho para atingir tais objetivos resultam no distanciamento afetivo, devido à intensidade do ritmo de trabalho. Giovana também se queixou de tal aspecto em seu relato, ao apontar seu sentimento de solidão, de afastamento dos familiares e do ritmo de vida do cotidiano japonês.

[99] *Nikotai* é o sistema em que o funcionário trabalha uma semana no período diurno e outra, no noturno, e assim sucessivamente.

Sobre o que diria para as crianças ou jovens brasileiros que estão indo para o Japão, pela primeira vez, Giovana salienta que é se preparar para uma vida cheia de surpresas, "[...] *porque você vai conhecer muitas pessoas novas e vai passar por muitos desafios principalmente em questão do psicológico.*". Na opinião dela, o psicológico se abala muito, pois "[...] a *gente acaba fazendo uma ligação muito grande com as pessoas daí* [Brasil]*, a gente acaba se vendo numa posição muito diferente, que uma hora você tava rodeada de pessoas e aqui, agora, você só tem... ninguém basicamente do seu lado. É muito difícil.*".

Giovana remete à vivência que teve, na segunda vez que foi ao Japão, quando deixou muitos amigos no Brasil e se viu solitária, no país de destino, reiterando como o afastamento das pessoas com as quais convivia de modo mais intenso pode afetar a parte emocional e psicológica das pessoas, indicando o quanto a ruptura causada pela experiência migratória afetou sua vida, sobretudo nos aspectos psicológicos.

5.4.2 Eixo temático: Construção identitária

Como já descrito, Giovana nasceu no Brasil e essa é a sua segunda estadia no Japão, ou seja, ao longo de seus 16 anos de vida, mora no Japão há 7 anos e sempre estudou em escola brasileira. Embora sua origem seja nipônica, ela é mestiça e não apresenta o fenótipo japonês – e isso é uma marca realçada pela jovem, ao longo de seus relatos, ao se referir ao olhar diferenciado dos japoneses para os estrangeiros, que, de certa maneira, indica sua condição de estrangeira e não pertencente àquele país, porque faz parte da quarta geração de descendentes.

Em relação aos traços, modos e costumes desenvolvidos por Giovana, Paulo assinala: "*Acho que... pelo convívio com brasileiros, é mais costume, mais brasileiros, né, costume é mais brasileiro, tem alguma coisa assim ou outra que a gente faz que é do japonês, né, mas a gente mais é costume brasileiro mesmo, é mais convivência, né, com brasileiros, escola, essas coisas, não tem muito costume japa assim não.*". Em casa, eles mantêm mais os costumes brasileiros também e, segundo a mãe, Giovana conserva igualmente mais os traços e costumes brasileiros.

A mãe acha que Giovana se identifica mais com os brasileiros: "*O jeito dela é brasileiro"* , ao que o pai complementa: *"Os modos assim mudam um pouco, né?! [...] não é igual no Brasil, que a menina, hoje, as meninas querem sair, gritar, bagunçar, beber, fumar e tudo mais, nessa parte, sim, acho que ela não se interessa muito, em... nessa parte, querer atropelar o tempo dela, né, querer virar adulta num corpo de adolescente, querer fazer as*

coisas de adulto no corpo de adolescente, nessa parte, sim, acho que ela regrou mais. Mas ela ainda é bem brasileira em algumas coisas.".

Segundo os pais, por manter os costumes e conviver mais com os brasileiros, Giovana se identifica mais com os brasileiros, apesar de ter *"*[...] *alguma coisa assim ou outra que a gente faz que é do japonês."*.

Giovana consome mais conteúdo da televisão brasileira e não assiste a programas japoneses. Músicas e livros também são em português, além da alimentação ser majoritariamente brasileira. Com relação à sua identidade, Giovana enfatiza: "*Eu acho que, comparando assim, eu sou mais brasileira mesmo. Porque, é por conta da família também que eu tinha mais contato com a brasileira, ao invés da japonesa. Tanto que comer, eu não como nada do Japão.*" . Mas, hoje em dia, sente que pertence mais ao Japão, identificando-se mais "[...] *com o Japão, mas quando eu cheguei, era com o Brasil, era como se eu visse o Brasil como meu único lugar e como se o Japão eu não pertencesse aqui. Acho que é porque eu não tava acostumada, essas coisas, assim, mas hoje eu acho que é o Japão mesmo*".

Giovana se refere a uma ambiguidade, quando frisa que se sente mais brasileira, por influência e convívio familiar, embora mais pertencente ao Japão. Relata que antes tinha o Brasil "[...] *como meu único lugar e como se o Japão eu não pertencesse"*, contudo, agora se sente mais pertencente ao Japão.

Por fim, a jovem afirma: "*Eu acho que eu sou mais os dois, porque eu me acostumei com a cultura do Japão, mas eu acho que nunca vou perder a essência da brasileira mesmo, isso é uma coisa que eu acho que eu vou levar pro resto da minha vida*.". Ao longo do tempo, Giovana diz que acabou agregando muitos costumes japoneses e, por isso, hoje sente que sua identidade é formada pela influência dos dois países. Podemos observar que Giovana apresenta um duplo pertencimento, o que chamamos, nesta pesquisa, de *duplamente aculturado*, pois se integra bem às duas culturas, apesar de sempre uma se sobressair à outra, incorporando a diversidade cultural, transitando pelas diferentes culturas, compondo sua identidade e lugar de duplo pertencimento.

5.5 Discussão dos casos

Após a análise individual dos casos, faremos, neste ponto, uma discussão geral e análise cruzada dos casos, por meio de uma leitura transversal, identificando e articulando as convergências e divergências, de modo a fundamentar tais questões.

Tanto o casal da família 1 (Roberto e Luci) quanto da família 2 (Maurício e Marta) são *nikkeis*, enquanto, na família 3 (Ana), apenas a mãe é descendente, e, na família 4 (Paulo e Daiane), apenas o pai. Ao todo, o casal da família 1 mora há 23 anos no Japão, o casal 2, há 30 anos, o casal 3, há 16 anos, e o casal 4, somando, Paulo mora há 9 anos e Daiane há mais ou menos 7 anos.

Exceto o casal da família 1, que não escolheu migrar ao Japão e que foi levado pelos seus pais, ainda quando eram adolescentes, as famílias 2, 3 e 4 optaram por um projeto de migração familiar. A maioria dos entrevistados relatou que já existia um histórico familiar de migração e que, na época em que migraram, já havia um familiar no Japão (exceto a família de Maurício e de Daiane, que não são *nikkeis*). Dentre os motivos, comumente apontados pelas famílias, que levaram à migração ao Japão foram: o sonho em conhecer a terra de seus ancestrais e/ou o anseio em ganhar dinheiro rápido para retornar ao Brasil com melhores condições financeiras.

Refletindo a respeito do objetivo em ganho e acúmulo financeiro, apontado pelos entrevistados, destacamos que foram os mesmos objetivos que trouxeram seus ascendentes a migrarem para o Brasil, configurando uma repetição e, possivelmente, um conteúdo herdado das gerações anteriores de um projeto de migração e triunfo familiar que não ocorreu na geração que migrou para o Brasil, sobretudo com relação ao retorno ao Japão após a consecução do projeto de enriquecimento. Dessa maneira, assim como os seus ascendentes japoneses (*isseis*) migraram ao Brasil com a promessa de um rápido ganho financeiro e retorno para a sua terra natal, seus descendentes nipo-brasileiros (*nisseis e sanseis*) migraram ao Japão com a mesma expectativa, em busca do "*sonho dourado*" na terra idealizada, a qual aponta para uma possível questão não elaborada na transmissão psíquica familiar.

Segundo René Kaës (1998), o material da vida psíquica é algo que se torna passível de ser transmitido, de um espaço psíquico a outro, no interior de uma família, por meio dos vínculos geracionais. A transmissão psíquica transgeracional, a qual transita pelo eixo horizontal dentro do grupo familiar por várias gerações, constitui um complexo de heranças fundadoras da nossa vida psíquica, composto por conteúdos que não são integrados no psíquico, de sorte que seus significantes são esvaziados de sentido e não simbolizados:

> Nessas circunstâncias, os conteúdos psíquicos dos filhos estarão marcados pelo funcionamento psíquico dos avós, ou de outros ascendentes, que eles podem não ter conhecido, mas cuja vida psíquica marcou de forma traumática seus próprios pais. Este tipo de transmissão é considerado alienante e não-estruturante, impedindo a singularização do herdado, pois ela se impõe em estado bruto aos descendentes. (TRACHTENBERG; KOPITTKE; PEREIRA; CHEM; MELLO, 2005, p. 169).

As transmissões transgeracionais são compreendidas como alienantes, pois impossibilitam o sujeito de subjetivar e elaborar os conteúdos herdados e encriptados, já que o material psíquico está suspenso (TOZATTO, 2004; REHBEIN; CHATELARD, 2013; ABDALA, 2013) e sua "[...] descarga se dá somente através da ação, via compulsão à repetição." (WEISSMANN, 2016, p. 68). Há uma compulsão à repetição de destino que atravessa as gerações de *nikkeys* e um "apego" a repetir a mesma saga familiar de migração.

Kaës (1998) propõe a ideia de uma transmissão de destino ou, como nomeou Freud, uma compulsão de destino, na qual há uma implacável e inelutável compulsão à repetição, "[...] ficando alguns dos descendentes como depositários forçados de um destino familiar." (TOZATTO, 2004, p. 105). A bagagem e os legados dos antepassados, formados pelas vivências e conluios inconscientes das gerações anteriores, se atualizam e são transportados aos demais descendentes que herdarão essa matriz vincular inconsciente que os abarca e os leva à repetição do mesmo destino (WEISSMANN, 2008).

Nenhuma das famílias entrevistadas foi ao país com o objetivo de migrar e permanecer no Japão; todas, sem exceção, foram com o projeto de ganhar dinheiro e retornar ao Brasil. No entanto, apenas a família 4 tentou, de fato, um projeto de retorno ao Brasil, ao passo que as outras famílias foram convertendo a migração temporária em uma migração de caráter mais permanente. A família 1 escolheu permanecer e se fixar no Japão, adotando o país como morada definitiva; a família 2 apresenta um projeto migratório indefinido e uma dubiedade sobre o retorno ou permanência no país, enquanto a família 3 diz pretender retornar ao Brasil, mas já mora no Japão há 16 anos e nunca tentou o retorno, de fato.

Como podemos observar, há uma mudança da expectativa temporal do projeto migratório, o qual apresenta traços de indefinições temporais, com tendência à maior permanência no Japão (YONAHA, 2013), pois, com o tempo, o retorno ao Brasil deixa de ser um objetivo, perde o sentido ou fica cada vez mais difícil e distante, por encontrarem no Japão mais segurança, melhores salários e uma qualidade de vida mais digna, apesar de ainda ser um país que demonstra muitas instabilidades, quando se trata dos estrangeiros.

Observa-se que, do mesmo modo que grande parte dos japoneses que não conseguiu concretizar o projeto de retorno ao país de origem e/ou decidiu permanecer no Brasil, os *dekasseguis* entrevistados não retornaram ao Brasil, assumindo uma posição de permanentes no Japão ou ficando no trânsito entre os dois países, como a família 4, numa migração circular. "Muitos brasileiros ainda ficam divididos entre os dois países, onde transitam – entre facilidades e dificuldades – sem muita clareza em saber qual é o seu lugar." (SASAKI, 2006, p. 99). O movimento da migração circular representa a busca pelo país e origem nipônica

idealizada, transmitido geracionalmente, o qual constitui o Japão como o lugar que possui muitos recursos para oferecer aos seus descendentes, dificultando a separação com o país idealizado e o retorno definitivo ao Brasil. Tal idealização se aproxima do conteúdo transmitido pelas famílias aos seus descendentes, diante da impossibilidade do retorno dos japoneses à sua terra natal, caracterizando o Japão como um país com recursos, ao contrário do Brasil. Porém, isso ocorre com a negação e a dificuldade da ligação afetiva das famílias *nikkeis* ao Brasil.

Outro fator apontado pelas famílias que impulsionou a migração ao Japão foi o desejo em conhecer a terra dos seus antepassados e sua origem étnica, como se estivessem buscando algo que se perdeu pelo caminho, sendo uma migração atrelada a uma busca de natureza existencial e identitária (OCADA, 2011).

As famílias japonesas que migraram ao Brasil não cortaram o vínculo com o seu país de origem e continuaram preservando e transmitindo a cultura, língua e as tradições aos seus filhos, já que existia a esperança de um dia retornar ao Japão, mesmo em longo prazo. Elas conviviam dentro das colônias japonesas com seus iguais, conservando as tradições e costumes culturais, a fim de consolidar suas raízes étnicas e manter sua identidade; assim, "[...] as diversas formas de sociabilidade, que promovessem o sentimento de grupo, de identidade, de pertencimento a um lugar e cultura, eram valorizados por eles." (HASHIMOTO; TANNO; OKAMOTO, 2008, p. 66).

Os filhos e netos desses japoneses, os quais nasceram ou vieram ainda pequenos ao Brasil, foram criados nessas colônias e num grupo familiar cujo lugar de pertencimento estava localizado no Japão, sendo transmitido aos descendentes esse outro pertencimento com o qual não tinham tido contato. Os *dekasseguis* que migraram ao Japão cresceram ouvindo as histórias daquele lugar idealizado e da terra prometida que oferece muitos recursos; logo, quando migram para o país de origem ancestral, partem em busca desse pertencimento que lhes foi transmitido geracionalmente e na procura da sua origem nipônica idealizada. O desejo em conhecer o país de origem ancestral e a terra natal dos seus avós é uma tentativa de resgatar uma parte da sua história e do seu pertencimento perdido, que receberam na família e que não foi elaborado.

Desse modo, os *dekasseguis* que migram ao Japão também estão em busca de reconstruir a filiação interrompida e suas origens "[...] renegadas e não elaboradas, herdadas de seus antepassados." (CARIGNATO, 2002, p. 60). Por isso, como afirma Ocada (2006), as raízes históricas do desejo em conhecer a terra dos seus ancestrais estão fincadas igualmente na promessa dos imigrantes japoneses de retorno ao Japão, para reaver sua origem e

elaboração no tocante ao pertencimento, pois são filhos e netos dos japoneses que ali nasceram. “Assim, o desejo de migrar, de ir para longe em busca do almejado, no caso da imigração de retorno, carrega consigo, inevitavelmente, o desejo de reaver legados dos antepassados deixados na terra natal, como se fossem tesouros soterrados.” (RESSTEL, 2014, p. 51).

Em relação à experiência migratória, de modo geral, os pais pontuam como benefícios: a mobilidade e a possibilidade de conhecer outros países, contato e aquisição de uma nova cultura, qualidade de vida e segurança no Japão e a educação de alto nível do país. E, como desafios, apontam o distanciamento da família, apropriação do idioma japonês e compreensão das implicações da sua condição enquanto migrantes. Vale ressaltar que alguns pais apresentaram uma fala compensatória e não conseguiram assinalar nenhum aspecto negativo na experiência migratória do filho, como o casal da família 1, negando o seu lugar enquanto imigrante e os possíveis entraves e dificuldades dessa vivência.

Um ponto a ser destacado quanto aos desafios da experiência migratória apontada pelos pais é fazer o filho compreender e lidar com as implicações da sua condição enquanto estrangeiro, o que, para os pais, sobretudo, é um conflito ainda não elaborado.

Segundo Sassaki (1998, p. 6), o Japão “[...] tem papéis reservados para os estrangeiros dentro da sua estrutura social, conservando uma distância social socialmente prescrita em relação ao estrangeiro: mesmo que o estrangeiro esteja na sociedade, ele não é da sociedade.” Nesse sentido, é comum que os imigrantes coexistam no mesmo espaço, sem que, de fato, estejam inseridos na sociedade (NAKAGAWA, 2005).

O pertencimento ao grupo é um aspecto valorizado e essencial, na cultura japonesa; entretanto, a inserção e a conquista de um espaço no grupo dos japoneses são algo desafiador para os estrangeiros, diante uma sociedade que busca um padrão de uniformidade e coesão: “[...] aquele que destoa do grupo, sofre exclusão e não é considerado confiável.” (DANTAS; UENO; LEIFERT; SUGUIURA, 2010, p. 51).

Segundo Silva (2015, p. 50), “[...] assim como tentamos dominar e rejeitamos esse ‘estranho’ que nos habita, também tendemos a rejeitar o que nos é estranho no exterior, pois o papel do estrangeiro é sempre de questionar nossas certezas.” O estrangeiro evoca o estranho, o *unheimlich*, e porta “[...] algo que não pertence aos referentes autorizados pelo novo território ocupado, acordando no sujeito que o recebe o medo da emergência em si mesmo de conteúdos recalcados” (BORGES; MARTINS, 2004, p. 135), que lhe possam ser familiar (*heimlich*). Freud (1919/1996, p. 306) aponta que “[...] o estranho *[unheimlich]* seja algo que

é secretamente familiar *[heimlich-heimisch]*, que foi submetido à repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é estranho satisfaz essa condição."

Segundo Roncato (2013), apesar de sua ancestralidade japonesa, o *dekassegui* é considerado etnicamente "o outro", essencialmente um estrangeiro, na sociedade japonesa, o *ajeno*, que é "excedente da projeção no outro" e que marca a alteridade (WEISSMANN, 2008, p. 28). Mesmo diante de uma população fenotipicamente semelhante a eles, inclusive no tocante à origem étnica, os *dekasseguis* se sentem e se percebem mais estrangeiros do que nunca, pois, enquanto, no Brasil, eram chamados de *japoneses*; quando chegam ao Japão, suas características fenotípicas não são suficientes para serem considerados japoneses (OLIVEIRA, 1998). "*A gente entre aspas querendo ou não a gente é estrangeiro aqui, né? O nosso modo de viver é um pouco, assim, é um pouco diferente do japonês tradicional, né?*" (Roberto).

Ao migrarem para o Japão, a fim de resgatar parte do seu pertencimento japonês e sua origem nipônica idealizada, os *dekasseguis* lidam com a realidade de serem considerados estrangeiros, no país. Com isso, o sentimento de não se sentir pertencentes inteiramente a um lugar fica ainda mais exacerbado, pois esses pais entrevistados já se sentiam assim no Brasil, devido à sua descendência japonesa e fenótipo japonês, e, quando chegam ao Japão, também são tidos como não pertencentes àquele lugar, sendo tratados como estrangeiros. Logo, quando vão resgatar a sua origem japonesa e não a encontram, porque os japoneses os rejeitam, eles se sentem excluídos do pertencimento nipônico. O Japão, enquanto lugar de investimento narcísico, não confere pertencimento a eles.

Apontamos que, se a busca pela migração ao Japão se referia a conhecer a origem ancestral em busca dessa origem "perdida", tal objetivo não parece ter sido totalmente atingido, porque, a despeito de todos os esforços empreendidos, a diferença e o não pertencimento ao país são evidentes.

Há aqui também uma repetição da experiência vivida pela primeira geração dos emigrantes japoneses, que vivenciaram a condição do não pertencimento e da alteridade, ao chegarem ao Brasil. No entanto, os japoneses que vieram ao Brasil, de fato, eram estrangeiros, pois não tinham nenhum vínculo ou descendência, ao contrário dos brasileiros que vão para o Japão e carregam consigo sua origem ancestral japonesa. Ambas a gerações vivenciam a mesma experiência, mas a partir de posições diferentes, pois o sentimento de estrangeiridade nos nipo-brasileiros os afeta em um lugar delicado em relação à constituição do seu lugar de pertencimento e identidade, porque os *dekasseguis* que migraram ao Japão não estão migrando para qualquer outro país, o que facilitaria sua aceitação enquanto estrangeiro,

porém, migraram para a terra dos seus ancestrais. Não ser aceito naquele país gera uma ferida narcísica difícil de ser elaborada, o que dificulta ainda mais a aceitação da sua condição de estrangeiro, uma vez que lhes foi transmitida uma origem japonesa que posteriormente foi renegada pelos próprios japoneses.

Além disso, na perspectiva dos japoneses que os recebem, esses *dekasseguis* não são como qualquer outro estrangeiro, pois são os filhos e netos daqueles que migraram ao Brasil e abandonaram covardemente a sua pátria, em um período delicado de reconstrução do país, no período pós-guerra, sendo considerados, portanto, os traidores da nação. Assim, os japoneses envergonham-se daqueles que migraram ao Brasil e fugiram do país pós-guerra, e seus descendentes que migram ao Japão são os representantes dessa vergonha e falta de honra ao país. O ressentimento que deveria recair sobre o governo japonês, o qual viu na imigração uma alternativa para escoar o excedente populacional devido ao desemprego gerado pela crise político-econômica no período *Meiji* (1867-1912), recaiu sobre os imigrantes, sendo o Brasil o lugar da vergonha.

Com relação aos jovens, filhos dos casais participantes da pesquisa, Kenji (família 1) e Yumi (família 2) nasceram e moram no Japão desde então: Kenji, há 16 anos, e Yumi, há 18 anos. Kenji não conhece o Brasil e Yumi veio a passeio, algumas vezes. Alice (família 3) e Giovana (família 4), nasceram no Brasil; Alice mora no Japão há 11 anos (migrou com 2 anos e oito meses) e Giovana, há 7 anos (migrou com 3 anos); ambas já retornaram ao Brasil: Alice, para morar com o avô, por um período, a fim de que seus pais pudessem trabalhar mais no Japão, e Giovana com seus pais, em uma tentativa fracassada de retorno ao país.

Quando o sujeito nasce ou migra em idade precoce a outro país, pode sentir menos o impacto da diferença cultural e da língua e consequentemente se integrar mais ao país e assimilar com mais facilidade a nova realidade, todavia, isso não garante a ele identificações profundas com a cultura em questão, as quais não percebam ou lidem com a sua estrangeiridade. Assim, mesmo migrando precocemente ou nascendo no Japão, como aconteceu com todos os nossos entrevistados, isso não os isentou dos entraves e reverberações na formação de pontos de pertencimento e identificação, como iremos ver adiante.

Em relação à adaptação dos adolescentes entrevistados ao país, Kenji é o que mais se integrou aos sistemas e modos de vida dos japoneses, sendo quase um japonês nativo, mas não tendo o direito de ser considerado japonês, enquanto Yumi não se integrou de fato nem à comunidade brasileira, a qual possui uma imagem estereotipada e negativa, herdada de seus pais, e nem à comunidade japonesa, pois se sente mais confortável e segura em viver na

comunidade religiosa. Alice e Giovana tentam reforçar sua brasilidade, procurando formas de preservar e valorizar sua identidade cultural.

O país de migração inicialmente se apresenta como estranho e alheio ao sujeito, entretanto, com o tempo, ele precisa criar estratégias e formas de inserção para se identificar e se sentir fazendo parte com a dada cultura. No entanto, para se abrir espaço ao novo, é preciso flexibilizar e elaborar o luto da imagem idealizada e dos parâmetros do contexto da cultura de origem, que já não fazem parte da sua realidade, mas ainda da sua identidade, e substitui-la por outros ideais (HASHIMOTO, 1995). Só ao elaborar o "[...] afastamento simbólico da cultura de origem se pode criar um espaço transubjetivo que dê lugar a um novo tecido cultural de elaboração e transformação do apreendido, anteriormente." (WEISSMANN, 2016, p. 187).

Em suma, segundo Weissmann (2016), o sujeito encontra duas opções, quando entra em contato com nova cultura. Uma delas é permanecer fechado e resistente, frente aos outros e aos novos costumes, mantendo-se saudoso e conectado com a cultura de origem, mediante uma exagerada manutenção dos costumes, e impossibilitado de se sentir à vontade, no país de acolhida. A outra opção é se reposicionar, apropriar-se da migração e abrir-se aos novos conhecimentos, ressignificando seu lugar no mundo e propiciando um crescimento intersubjetivo intercultural que possibilita ao sujeito se identificar com uma dada cultura e se sentir pertencente a ela.

De modo geral, todos os adolescentes se adaptaram bem ao Japão, uns se integrando mais e outros menos, de acordo com o seu modo de inserção na cultura japonesa, contato com a cultura brasileira e planejamento futuro, porque os que pretendem permanecer no Japão, aplicaram mais esforços para se integrar à comunidade japonesa, enquanto os jovens que têm a pretensão de retorno ao Brasil não se integraram tanto ao Japão.

Todos os adolescentes relatam que se sentem bem aceitos pelos japoneses. Os pais de Kenji acreditam que a aceitação foi tranquila pela semelhança fenotípica com os japoneses e por acharem que Kenji é nativo, "[...] *tem cara de japonês*", o que fortalece o sentimento de pertencimento e integração ao grupo. No entanto, Kenji conta ter sofrido "[...] *só um pouco de ijime por causa que eu sou brasileiro também"*. Segundo Yumi, ela foi bem aceita e recebida no Japão e nunca sofreu *ijime*, por sempre ter estudado na mesma escola e pela circunstância de os japoneses terem se acostumando com ela. Alice relata que se sente bem recebida e aceita no Japão e que não sofreu *bullying* dos japoneses, até mesmo porque, na cidade em que reside, existe uma grande comunidade de brasileiros, a despeito de perceber o olhar diferenciado, quando frequenta locais em que não há muitos estrangeiros. Além disso, ressalta

que faz "[...] *que nem eles fazem",* tentando se assemelhar no jeito de ser e se expressar, para não destoar e, com isso, destacar a diferença existente. Giovana diz que se sente bem aceita pelos japoneses e que não sofreu *ijime*, pois onde mora os japoneses já estão acostumados com os estrangeiros, porém, às vezes, observa o olhar diferenciado, "[...] *alguns acaba tendo aquele olhar tipo de, mais ou menos, de vocês não são daqui, faz parte daqui*."(Giovana) .

Um ponto a ser observado é que, apesar de relatarem que se sentem aceitos pelos japoneses, a maioria atribui isso a uma questão de costume, seja pelo fato de haver uma grande comunidade de estrangeiros na cidade na qual residem, seja por sempre ter estudado na mesma escola, seja ainda por tentar se assemelhar a eles no jeito de ser e no modo de se expressar, seja igualmente por ter o fenótipo parecido. Ou seja, a aceitação parece estar condicionada ao fato de você se assemelhar aos japoneses o máximo possível e conviver em espaços comumente ocupados por outros estrangeiros. Quanto mais se assemelha no fenótipo e incorpora os costumes, o modo de ser e o idioma japonês, menos exclusão, indiferenciação e retaliações o indivíduo sofrerá por ser estrangeiro.

Para se inserir no contexto cultural japonês, que preza pela homogeneidade e valorização do padrão, muitas crianças e adolescentes brasileiros precisam se moldar ao sistema japonês ou serão excluídas. "Nesses casos, adaptar-se pode significar moldar-se, ou seja, a adaptação do aluno estrangeiro será reconhecida quando ele, de acordo com as ordens, agir 'naturalmente' como todos os outros alunos japoneses." (DIAS, 2017, p. 615).

Contudo, mesmo com aqueles jovens que nasceram, se socializaram, se aculturaram ao *Japão,* incorporando os modos, costumes, idioma e comportamentos dos japoneses, que têm o fenótipo japonês e que fazem o possível para se assemelhar a eles, o olhar do diferente demarca a sua estrangeiridade e tem efeitos na sua posição subjetiva e no laço social, pois eles *carregam consigo traços brasileiros herdados de sua família. A*pesar de apresentarem ancestralidade e um fenótipo japonês, não se comportam exatamente como os japoneses típicos, e "[...] esta aparente contradição entre o ser e o parecer gera conflitos de adaptação dos migrantes e de aceitação pelos nativos." (BELTRAO; SUGAHARA, 2006, p. 61). Dessa maneira, a despeito de possuírem a mesma origem étnica e ancestral, a estrangeiridade os permeia e marca sua alteridade, a diferença e não pertencimento pleno àquele país. Conforme Kawamura (2003), os brasileiros descendentes de japoneses trazem consigo traços culturais do Brasil, não sendo confundidos ou incorporados aos nativos japoneses, como era o esperado, pois a transmissão da cultura do país de origem, feita pelos seus pais intergeracionalmente, os atravessa e marca a sua diferença.

Compreender a sua condição de estrangeiro e as conotações simbólicas e objetivas disso torna-se um desafio para os pais e para os filhos que nasceram ou migraram muito cedo ao Japão, pois os pais, que não elaboraram e aceitaram a sua condição de estrangeiros, no país, têm dificuldade em transmitir a estrangeiridade aos filhos.

Quanto ao idioma utilizado em casa, todas as famílias mantêm majoritariamente a língua portuguesa como forma de comunicação, no entanto, apenas a família 1 usa o português exclusivamente no ambiente doméstico, para não "expor" o filho fora desse contexto, enquanto as demais famílias empregam o idioma português dentro e fora de casa.

Observamos que a família 1 dissocia o comportamento dos seus membros, ao utilizar os códigos do país de origem apenas na esfera privada e os códigos da sociedade de adoção nos espaços públicos (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009), negando a sua alteridade enquanto estrangeiro. A experiência de Luci, a mãe de Kenji, enquanto estudante da escola japonesa, é um fator importante para tal decisão. Ela aponta que os filhos de brasileiros sentem vergonha de sua origem, no contexto escolar, justamente devido ao preconceito e à questão da estrangeiridade que marca esses descendentes. Assim, para evitar tal constrangimento, no ambiente escolar, a mãe sempre utiliza o idioma japonês e evita confrontar seu filho com tal condição.

A língua, enquanto componente étnico de um espaço reconhecido e compartilhado pela família, exerce função social de uma segunda pele que reveste de sentido e interliga os sujeitos, sendo um instrumento de constituição da identidade psíquica do sujeito. Nesse sentido, todas as famílias preservaram a língua materna no ambiente doméstico, para não perder a vinculação com o filho e deste com o seu país de origem.

É importante destacar que tal conteúdo surgiu em todas as entrevistas, inclusive dentre as famílias que se fixaram no país, demonstrando que, a despeito da busca pela origem étnica e ancestral que os levou a buscar a migração para o Japão, existe uma ligação de origem ao Brasil, tanto que preservam o idioma materno dentro dos lares. Apontamos que, apesar da busca pela herança ancestral e étnica com a experiência migratória, o pertencimento e a identidade brasileira se evidenciam e o idioma é um fator importante nesse processo.

Ao viver a experiência migratória e a perda de referenciais identitários, os pais buscam a manutenção cultural em comum e compartilhada pelo grupo familiar como maneira de manter a coesão grupal, e tal fato revela que, malgrado a origem em comum, eles não são japoneses, mas nipo-brasileiros (OKAMOTO, 2008). Com isso, ao procurar reafirmar a origem nipônica, os descendentes entrevistados se deparam com a condição de estrangeiros na terra de seus ancestrais e perpetuam, dentro da casa, a cultura nipo-brasileira, porque todas as

famílias afirmaram a condição da cultura mista: nipônica e brasileira, seja na alimentação, seja no idioma.

Como motivos que justificam o desejo da transmissão e manutenção da língua materna, a família 1, cujo filho nasceu e estudou a vida toda em escola japonesa, alega que, como inicialmente não tinham a pretensão de retorno ao Brasil, o ambiente familiar seria o único lugar em que Kenji teria a oportunidade de aprender o português para conseguir se comunicar melhor com o pai, qual não compreendia tanto o japonês, além do benefício de ter mais uma língua. Já a família 2, em que a filha também nasceu e estudou em escola japonesa, fez a transmissão da língua materna atrelada a uma questão religiosa, para que a filha pudesse ler e estudar a Bíblia. Tanto Kenji como Yumi falam muito bem japonês e apenas Kenji tem um pouco mais de dificuldade para se comunicar em português, apresentando muito sotaque.

Por outro lado, Alice e Giovana, da família 3 e 4, que estudam em escola brasileira, utilizam o português diariamente, sendo o maior desafio para ambas o idioma japonês. Ana, mãe de Alice, relata que não deu muita importância a isso, porque não considerava como algo essencial e que mesmo ela sendo descendente de japonês não teve interesse em se apropriar do idioma. Alice traz a dificuldade em ter que aprender e equilibrar os dois idiomas, ficando "*meio nessa divisão*".

Para a família de Giovana, era importante que ela não perdesse e se apropriasse da língua materna, por isso, priorizaram os estudos da filha numa escola brasileira, apesar do dispêndio financeiro. Tinham receio de colocar a filha na escola japonesa e não conseguirem se comunicar com ela, em português, como acontece com algumas famílias. Os pais relatam que, mesmo tendo aula de japonês na escola, Giovana tem dificuldade com o idioma e apresenta vergonha de praticá-lo. Ambas não veem a necessidade de dominar o idioma, por estarem inseridas em uma escola brasileira, por conviverem majoritariamente com a comunidade de brasileiros e, como as famílias planejam o retorno, não veem importância em se apropriar do idioma japonês, mesmo com as dificuldades encontradas na rotina de vida no país.

Podemos notar, em todas as famílias, a importância dada à manutenção da língua materna, uma vez que ela funciona como um elo entre os membros da família, conferindo um código comum, o qual reforça o pertencimento e mantém laço com a cultura de origem (WEISSMANN, 2017). Quanto ao idioma japonês, apenas a família 1 e 2 priorizaram o seu aprendizado, enquanto a família 3 não deu tanta importância e a família 4 priorizou mais a língua portuguesa, para garantir a comunicação com a filha. No entanto, o fato de Alice e

Giovana não se apropriarem dos signos e significados da língua japonesa as afasta da possibilidade de se inscreverem nessa cultura.

De qualquer maneira, a preservação da língua materna mostra a preocupação dos pais no que diz respeito à necessidade de que os membros da família reconheçam sua origem e pertencimento comum, importante fator para manter o vínculo entre os familiares. Por outro lado, se pensarmos na dificuldade apontada com relação à condição de estrangeiro naquele país, o idioma materno, que por um lado, mantém os familiares vinculados e ligados entre si, funciona como um aspecto que destaca a alteridade e o estranhamento com relação à integração ao país.

Kenji e Yumi fizeram todo o seu percurso escolar em uma instituição japonesa, enquanto Alice e Giovana estudaram na escola brasileira, apesar de Alice ter frequentado a creche japonesa, durante um período curto de sua vida, entre os 3 e 4 anos de idade. Em relação à escolha da escola, todas as famílias pontuaram o planejamento futuro como fator preponderante em sua decisão. Assim, aqueles que pretendiam permanecer no Japão matricularam os filhos na escola japonesa, enquanto os que tinham a pretensão de retorno ao Brasil os matricularam na escola brasileira. Contudo, apesar de a família alegar que a escolha da rede escolar está alinhada ao planejamento de vida familiar, entre outros fatores, coincidência ou não, Kenji e Yumi, que nasceram no Japão e cujos pais e mães são descendentes, estudaram em escolas japonesas, enquanto Alice e Giovana, as quais possuem apenas um dos pais com descendência japonesa e nasceram no Brasil, estudaram em escolas brasileiras.

Podemos pontuar também outros fatores, peculiares a cada família, que balizaram essa decisão: na família 1, além da pretensão de fixar residência no Japão, não queria que o ensino do filho ficasse “pela metade” assim como aconteceu com Luci, sua mãe, que estudou em escola japonesa e brasileira.

A família 2 relata que, na época, as escolas brasileiras eram raras, longe e com um custo elevado. Como a família não tinha um plano definitivo de retorno ao Brasil, acreditava que estudar numa escolha japonesa facilitaria o futuro da filha naquele país, principalmente devido ao idioma, e com isso ela não tivesse tantas dificuldades como eles tiveram. Além disso, a escola japonesa estava mais alinhada aos preceitos bíblicos da religião que a família segue.

Por outro lado, a família 3, por ter clara a sua pretensão de retorno ao Brasil, entendia que a filha iria perder muito, se estudasse na escola japonesa, principalmente devido à

apropriação idiomática e cultural. Além disso, a mãe de Alice é professora em uma escola brasileira e queria acompanhar de perto o desenvolvimento acadêmico da filha.

Por fim, a família 4, além de levar em consideração os planos de retorno ao Brasil, não queria que a filha ficasse atrasada nos estudos, quando retornasse ao país, que preservasse a língua materna, a qual viabilizaria a comunicação entre eles, e pelo receio de a filha sofrer *ijime* na escola japonesa.

Ao contrário do movimento migratório inicial, quando, devido ao caráter temporário, muitos pais matriculavam o filho na escola japonesa, sem levar em consideração as consequências de tal escolha, já que essa era a única opção ou a mais viável pela questão financeira e a fácil localização, os pais entrevistados escolheram a rede escolar do filho, de acordo com o projeto de vida, planejamento futuro e daquilo que traria mais benefícios aos filhos, de acordo com a sua análise e experiência de vida. Os pais que escolheram a escola brasileira foram com o objetivo de garantir e preservar a identidade brasileira, evitar o *ijime* e não perder o vínculo com seu país de origem, pensando em facilitar o retorno, a readaptação e a manutenção da cultura de seus pais (YONAHA, 2013). Os que escolheram a escola japonesa tinham a pretensão de fixar residência no Japão, queriam que seu filho se apropriasse da língua e cultura japonesa, levando em conta a integração ao país e a perspectiva de ascensão social.

Quanto às amizades, Kenji relata ter mais amigos japoneses, pois, segundo ele, "[...] *eu me dou mais bem com japonês"*, Yumi tem mais amizade com os brasileiros e Alice e Giovana só têm amigas brasileiras - "[...] *como eu sou de escola brasileira* [...] *é mais difícil ter amigo japonês.*" (Giovana). Além disso, é importante ressaltar que o círculo social dos pais é exclusivamente brasileiro, característica comum em grupos migratórios, que se unem entre aqueles que possuem traços e características comuns.

Segundo Fernandes (2016), na adolescência, transcorrem atos de afirmação identitária, a fim de estabelecer um sentimento de unidade, o qual é encontrado dentro de um grupo de afiliação que possa dar sentido e representar as transformações vividas, já que "[...] o grupo de iguais proporciona um espelho para testar a normalidade das próprias transformações e fornece os meios de apaziguar a ferida narcísica ligada à separação." (p. 55). Nesse período, o adolescente busca reformular e ressignificar os lugares e papéis ocupados, de modo a consolidar e adquirir uma identidade própria e não subordinada e alienada aos pais, por meio da inserção em outros grupos (JORDÃO, 2008).

De acordo com Gomes e Caniato (2016, p. 133), a constituição dos adolescentes se dá "[...] na/pela relação com o outro, pela via social, cultural e por meio de processos

identificatórios" necessários para sua expansão enquanto indivíduo e para o processo de separação-individuação na busca de sua identidade. Por conseguinte, na adolescência, há um profícuo processo de afiliação e vinculação a outros grupos, como suporte coletivo, e busca por maiores participações sociais para apropriações identificatórias e de pertencimento, visto que "[...] o laço social ocupa um lugar fundamental na construção da identidade." (AMPARO; ALVES; CARDENAS, 2004, p. 13).

> Os vínculos se apresentam como grandes produtores de subjetividade, pois é com o outro que o sujeito dá espaço ao novo, no relacionamento. A tarefa vincular poderia ser descrita como um trabalho de construção a partir do outro, pois só na aceitação da alteridade do outro é que cada sujeito consegue se vincular realmente. Estar vinculados significa aceitar que esses dois sujeitos são dois outros respectivamente. (WEISSMANN, 2008, p. 34).

Nesse movimento de individuação, no qual sua individualidade é encenada, os adolescentes buscam os grupos elementos identificatórios e seus próprios sistemas semióticos, a fim de fortalecer o sentimento de pertença que se constitui como um tecido do "quem sou eu" (OLIVEIRA, 2006). Verificamos nos relatos dos adolescentes que o grupo identificatório e de pertencimento majoritário de Kenji são os japoneses, enquanto o de Yumi, Alice e Giovana são os brasileiros.

É importante reconhecer o modo como o estrangeiro é recebido e acolhido no país de destino, uma vez que "[...] os outros que inscrevem o sujeito, inserindo-o nos laços sociais como pertencente a um social que o estrutura e constitui." (WEISSMANN, 2016, p. 36). Dessa forma, as três jovens brasileiras, por não encontrarem um referencial identitário no grupo dos japoneses e serem os elementos estranhos a uma suposta identidade compartilhada, não conseguem se integrar e se sentir pertencentes ao grupo de japoneses, assim como seus pais (MATHEUS, 2012a). Frente a essa barreira e não aceitação, permanecem conectadas e isoladas nos grupos de imigrantes brasileiros, permeadas pelo sentimento de estranheza e exclusão, diante da sua condição de estrangeiro. Como reação à rejeição étnica, os *nikkeijin* fixam-se em seus próprios grupos sociais, formando guetos na sociedade japonesa, e a exclusão, que antes lhe era colocada, agora se torna própria escolha em um movimento de autossegregação (YONAHA, 2013).

Na questão referente às atividades de lazer (diversão, leitura, música, jogos e televisão), Kenji conta que mantêm os costumes japoneses, enquanto Yumi, Alice e Giovana mantêm mais os costumes brasileiros. Em relação aos modos e costumes de cada adolescente, segundo os pais, Kenji apresenta os de ambas às culturas, só que predomina o lado japonês,

enquanto os pais de Yumi, Alice e Giovana revelam que a filha tem mais comportamentos brasileiros, apesar de ter alguns comportamentos identificados como japoneses.

Um aspecto interessante é que, por mais que os pais de Yumi, Alice e Giovana realcem que as filha têm mais modos, comportamentos e costumes brasileiros, observam que esse modo de ser é diferente dos adolescentes que vivem no Brasil, devido a certas características, tais como esperteza, malandragem, malícia e mais facilidade em expressão. Consideram que suas filhas são diferentes e as descrevem como mais sérias, disciplinadas, ingênuas, inocentes e reservadas (características tipicamente japonesas, na perspectiva deles), temendo que, ao retornar ao Brasil, elas tenham dificuldade de adaptação devido a tais diferenças.

Nessa perspectiva, de acordo com o grupo de amizade que compõe a rede de vínculos, que compartilha os mesmos interesses, gostos, atividades de lazer, modos e costumes, notamos que Kenji se identifica mais com os japoneses, enquanto Yumi, Alice e Giovana parecem se identificar mais com os brasileiros. No entanto, por mais que predomine e se sobressaia uma ou outra cultura, o sujeito acaba incorporando modos e comportamentos transmitidos de ambas as culturas, mesmo em proporções diferentes, não saindo ileso dessa experiência bicultural. Debiaggi (2008) nomeou esse processo como integração, no qual o sujeito adquire e incorpora os costumes da sociedade receptora, assim como preserva alguns da cultura de origem, compondo sua identidade e lugar no duplo pertencimento.

Mediante o relato apresentado pelos adolescentes e suas famílias, destacamos que a escola em que o adolescente estuda é um instrumento importante para a aculturação ou não ao país, sendo um fator relevante na composição do seu ciclo de amizades, seu grupo étnico de pertencimento, atividades de lazer, modos e costumes. Nessa perspectiva, Kenji, que sempre estudou em escola japonesa, se integrou mais ao país, enquanto Alice e Giovana, as quais estudaram em escola brasileira, preservaram sua brasilidade nas amizades, atividades de lazer e costumes, não se aculturando tanto ao Japão. No entanto, verificamos também que a rede escolar em si não é suficiente ou garantia de integração ao país, tendo os pais um papel importante também nesse processo de transmissão cultural para seus filhos, como podemos observar no caso de Yumi, que sempre estudou em escola japonesa, mas apresenta amizades, atividades de lazer e comportamentos mais brasileiros. De acordo com Daure e Reveyrand-Coulon (2009, p. 148), “[...] a transmissão entre pais e filhos exerce papel fundamental na negociação entre esses dois universos culturais durante a construção de um espaço comum por parte do sujeito, onde ele possa circular, adicionando as duas realidades culturais.”

Em relação à percepção que os adolescentes entrevistados têm do Brasil e do Japão, Kenji assinala que o Brasil é um lugar desconhecido para ele, mas tem vontade de conhecer, pois parte da sua família mora aqui. No que concerne ao Japão, por ser um país que conhece bastante, ele se sente mais confortável e se identifica. Yumi diz que gosta do Brasil, pelo fato de as pessoas serem alegres e a maior parte da sua família morar aqui, mas tem medo e insegurança, preferindo o Japão, por ser um país mais conhecido e seguro.

Na percepção de Alice, o Brasil é também o seu lar, sua raiz, pois foi onde nasceu, sendo a sua "*primeira família*", todavia, tem medo de morar aqui, pelo fato de algumas pessoas serem "*traiçoeira*s". Em relação ao Japão, considera o país mais seguro, encantador e que marca a sua raiz e origem ancestral. Por fim, Giovana descreve o Brasil como um lugar onde se consegue aproveitar e passar mais tempo com a família, mas também sente medo, por causa da violência. Atribui importância ao Brasil, pelo fato de o "*resto da família*" estar aqui e por ser o lugar do seu nascimento. Quanto ao Japão, Giovana afirma que representa a raiz de sua família, que a interliga a sua origem familiar, sendo um país mais seguro e com uma rotina muito rígida, não tendo tanto liberdade como no Brasil e tempo de convivência com seus pais, como gostaria.

Todos os jovens atribuem importância ao Brasil, devido à parte de sua família que permaneceu no país; Alice e Giovana o apontam como o seu lugar de nascimento e origem. Com respeito ao Japão, Kenji e Yumi atribuem importância, por ser um lugar conhecido e seguro, enquanto Alice e Giovana o consideram significativo, por marcar a sua origem ancestral e raiz, o que Kenji e Yumi, que nasceram no Japão, não citam.

Yumi, Alice e Giovana, que conhecem o Brasil, ressaltam ter medo e insegurança de voltar a morar no país pela questão da violência. É comum encontrar, no relato de alguns jovens brasileiros, uma imagem negativa associada ao Brasil, pela questão da violência, criminalidade e falta de segurança, por isso, alguns jovens encontram dificuldades em ligar-se identificatoriamente com o Brasil, perante a sociedade japonesa, a qual oferece segurança e proteção. No entanto, é importante refletirmos que parte dessa imagem negativa e de desvalorização que os jovens nutrem em relação ao Brasil foi transmitida pelos seus pais, que veem o Brasil como um lugar não seguro para os filhos e o Japão como um lugar bom, valorizado e idealizado, assim como seus pais transmitiram isso a eles. Além disso, a imagem do país veiculada na mídia confere o mesmo teor, confirmando essas características ao Brasil.

A questão do receio em voltar para o Brasil e a sensação de o Japão ser um lugar mais seguro nos parecem também ter um significado psíquico, sendo um lugar mais conhecido, pois é o espaço onde os jovens mais transitam e se reconhecem. Por sua vez, o Brasil

representa o lugar de origem, mas praticamente desconhecido, ao menos do ponto de vista identitário e de pertencimento, por isso, sentem-se desprotegidos. Nessa comparação, o Japão representa o lugar conhecido e reconhecido, apesar de todas as dificuldades enfrentadas e relatadas, por isso, é o continente no qual as pessoas se sentem protegidas.

Ao serem questionados sobre o país ao qual se sentem mais pertencentes, Kenji não soube responder, por não ter elementos suficientes, principalmente porque não conheceu o país. Yumi diz que se sente pertencente aos dois países, Alice relata que fica "*meio que em cima do muro"*, mas que, apesar de sentir o Japão como sua casa, se sente mais pertencente ao Brasil. Giovana frisa que hoje se sente mais pertencente ao Japão, contudo, quando morava no Brasil, se sentia mais pertencente a ele. Podemos notar que, de modo geral, há um sentimento de ambiguidade na questão do pertencimento, ficando pendular ou dividido.

O pertencimento ou sentimento de pertença ocorre quando o sujeito se identifica e cria familiaridade com o local ou comunidade em que está inserido, se sente parte daquele local/espaço transubjetivo e se apropria dos signos e significantes, por meio da identificação e pertencimento a um grupo social (MORICONI, 2014; BAUMAN, 2005).

Conforme afirma Souza (2010, p. 34), "[...] a necessidade da busca do pertencimento é tão complexa como a da objetivação que fundamenta essa mesma necessidade", e uma vez que o sujeito é inscrito no social, a migração traz novas inserções sociais e de pertenças. O ser humano é eminentemente um ser social, dependendo da relação com o outro para sentir-se real e se constituir, formando-se na intersubjetividade, por meio dos vínculos. Logo, "[...] pior que o medo da morte é o sentimento de não pertencer a nada nem a ninguém. Um sentimento que muitos *nikkeis* têm enfrentado em ambos os territórios e que atravessa todas as esferas da vida." (DEBIAGGI, 2008, p. 169).

O sentimento de pertencimento é algo importante, pois a identidade é constituída a partir da comunidade e cultura nas quais o sujeito estiver inserido e se sentir pertencente (BAUMAN, 2005). Assim, "[...] pensando na estruturação do sujeito e seus vínculos, consideramos a importância do contexto no qual o sujeito se constitui, sendo esse contexto um pano de fundo que, através da pertença, permite ao sujeito se conformar internamente." (WEISSMANN, 2016, p. 14).

Segundo Weissmann (2016), a cultura é um elemento que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, sendo uma instância na qual, conforme Garcia Canclini (2004), cada grupo organiza e compartilha a sua identidade. Dessa forma, o sujeito deve achar um meio de pertencer a essa cultura, precisando se sentir reconhecido e conseguir investir subjetivamente

nesse espaço, criando vínculos intersubjetivos que o reconheçam e o assinalem como sujeito que faz parte daquele determinado local.

Notamos que, ao migrar para o Japão, na tentativa de elaborar e integrar a ruptura do seu lugar de origem e lugar étnico ancestral, que vem marcando as gerações de *nikkeis*, tal experiência acaba por acentuar tal dicotomia nos pais, principalmente porque atesta a sua diferença e não pertencimento ao Japão, transmitindo aos filhos essa lacuna relativa ao seu pertencimento. Ao proporcionar aos filhos a experiência migratória ao Japão, ocorreu uma repetição em relação à experiência de duplo pertencimento que marca os nipo-brasileiros na condição de estrangeiro.

A própria denominação de nipo-brasileiro, as "identidades com hífen", já remete a esse binário e duplo pertencimento (UTSUNOMIYA, 2014). Dessa forma, podemos observar que todos os jovens apresentam um pertencimento indefinido e parcial aos dois países, ora se identificando mais com um, ora com outro. Há uma dubiedade sobre onde realmente é seu *homeland* (país de origem), não se localizando nesse duplo pertencimento. Tais jovens vivem a ambiguidade na elaboração referente a duas culturas tão díspares com as quais têm contato direto ou indireto, permeado pelas dúvidas com relação a qual país é o seu lugar de origem e pertencimento, em um período da vida quando as questões relativas ao pertencimento social e os vínculos estabelecidos são essenciais para os processos de constituição identificatórios.

Existe uma lacuna que os atravessa, nesse lugar de pertencimento herdado de seus pais, pois o país de origem familiar é o Brasil, porque seus pais são brasileiros e migrantes nipodescendentes e o país de origem ancestral e onde moram há mais tempo é o Japão. O fato de a origem de seus pais localizar-se no Brasil os torna "meio" brasileiros, ao passo que a origem ancestral no Japão os torna também "meio" japoneses, deixando um sentimento ambíguo e uma falha no pertencimento e na identidade, marcando sua incompletude, já que "[...] o pertencimento cria uma identidade no indivíduo." (MORICONI, 2014, p. 21).

Contudo, mesmo que parte do pertencimento esteja localizado no Brasil e outra parte no Japão, esses dois países não ocupam o mesmo lugar de pertencimento para esses jovens. Há uma ambivalência e ambiguidade enorme entre esse duplo pertencimento, já que houve uma ligação mais forte com o pertencimento japonês, por representar o lugar conhecido e reconhecido, e um desligamento parcial ao pertencimento ao Brasil, ficando apenas associado o seu pertencimento ao grupo familiar que aqui reside, mas não com o local em si, o qual se mostra como não seguro e desvalorizado. Não há um trânsito identificatório, o que seria possível pela integração desses dois pertencimentos, mas uma fragmentação e dicotomia aprisionada na tentativa de se identificar e pertencer a apenas um núcleo identificatório.

A questão que se apresenta aqui não é ter o duplo pertencimento em si, desde que esses dois pertencimentos estejam elaborados e localizados, porém, ter um duplo pertencimento em conflito, não conseguindo conviver bem com os dois pertencimentos, como acontece com os seus pais. Assim, há uma falha na transmissão psíquica dos aspectos que compõem o pertencimento, pois os pais *dekasseguis*, que não integraram e elaboraram o seu duplo pertencimento, repassam para os filhos esse pertencimento parcial e não integrado, como se um deles devesse prevalecer sobre o outro, impedindo a possibilidade de uma negociação identitária, a qual pudesse oferecer espaço para ambas culturas. "Aqueles filhos que vivenciam o sistema de duplo pertencimento se deparam em um conflito de lealdade entre os dois modelos culturais, [...] como se a escolha de um país significasse o abandono de outro." (RESSTEL, 2019, p. 84-85).

No aspecto concernente à identidade, na família de Kenji, sua mãe o vê como brasileiro, apesar de identificar algumas diferenças entre ele e outros brasileiros; o pai o vê como meio brasileiro e meio japonês, enquanto Kenji se vê como japonês, "[...] *eu prefiro ser japonês mesmo"*, mas também se identifica um pouco como brasileiro, "[...] *eu sou brasileiro também"*. Na família de Yumi, a mãe a identifica como brasileira, apesar de ter alguns comportamentos japoneses; o pai acha que ela é única, "[...] *nem japonesa e nem brasileira"*, só que é "[...] *mais abrasileirada"*, e Yumi se identifica com os dois, "[...] *acho que eu tenho dos dois"*, apesar de achar que se assemelha mais com os japoneses, "[...] *por ter nascido e estudado em escola japonesa*" . A mãe de Alice também acha que a filha "[...] *é brasileira, bem brasileira mesmo"*, Alice oscila entre "[...] *mais brasileira*" para algumas coisas e "[...] *meio japonesa*" para outras, dependendo da situação. Na família de Giovana, o pai a acha meio brasileira para algumas coisas e meio japonesa para outras, a mãe a identifica mais como brasileira, embora tenha *"*[...] *alguma coisa assim ou outra que a gente faz que é do japonês"*, e Giovana relata: "[...] *eu acho que eu sou mais os dois"*, apesar de se identificar mais com o Brasil.

Segundo Grinberg e Grinberg (1984), a adolescência, por si só, já é uma fase migratória e de transição para a vida adulta composta por uma série de sentimentos e contradições, cabendo ao adolescente processar e elaborar os lutos concernentes a essa fase da vida, "[...] apropriar-se de uma nova imagem de si e encontrar um novo lugar no laço social" (FERNANDES, 2016, p. 11). Esse período é crucial na busca de um novo sentido do Eu, quando se procura compreender seu papel no mundo, o lugar ao qual pertence e sua identidade (UENO, 2010).

O sujeito se constitui ancorado no pertencimento, nas operações identificatórias e nos ideais culturais presentes nos discursos dominantes que o rodeiam e que são determinantes nos caminhos identitários que o sujeito percorrerá (GOMES; CANIATO, 2016). Desse modo, a "[...] identidade será resultado do reconhecimento e elaboração de diversas identificações parciais, que vão se incorporando no sujeito, desde os primórdios, pela introjeção de valores parentais e sociais." (GOMES; CANIATO, 2016, p. 135).

Entretanto, em se tratando de adolescentes que vivem num contexto migratório, "[...] além de tentar compreender o *quem sou eu* na adolescência, [ele] terá que descobrir o seu próprio *eu*, no país estrangeiro, pondo em dúvida o sentimento de identidade agravado pela imigração." (RESSTEL, 2019, p. 49). No contexto migratório, a crise de identidade fica mais evidente nos jovens, "[...] uma vez que estes irão fazer suas escolhas identitárias, mas também irão se afiliar ou desafiliar totalmente do país de origem familiar." (MORO, 2015, p. 188).

A crise de identidade, "[...] que abala os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (HALL, 2005, p. 7) se faz presente, nesse contexto, pelo estranhamento e não reconhecimento que esse local e as pessoas que habitam nele provocam no jovem *dekassegui*, o qual não consegue encontrar modos de pertencer e se identificar. Assim, o processo de construção e ressignificação da sua identidade se dá também por meio das trocas, assimilações e hibridização com a nova cultura e a sua cultura de origem, colocando em marcha a necessidade de criar pontos de identificação e pertencimento, ensejando ao jovem se reconhecer como sendo de algum lugar.

A identidade, que foi deslocada e fragmentada pela migração, leva a um estranhamento de si que pode desembocar no estranhamento do outro semelhante, sendo este um sintoma comum que acompanha as pessoas em deslocamento. Sem uma comunidade que ofereça espaço e reconhecimento aos novos indivíduos, a construção de laços identitários e, consequentemente, o processo de identificações ficam comprometidos.

Ao conviver entre dois mundos com referências culturais tão distintas, o *nikkei* precisa lidar com "[...] um duplo quadro de referência, de sentido e pertencimento." (DANTAS, 2015, p. 79). É nesse limiar que operam as negociações das identidades, mediante as diferenças entre o japonês nativo e o *nikkei* estrangeiro (SASAKI, 2000a).

Nessa perspectiva, apesar de Kenji ser mais *japonizado*, buscando incorporar a cultura japonesa e se tornar um "perfeito" japonês, e Yumi, Alice e Giovana mais *abrasileiradas*, não encontrando muitos referenciais identitários na cultura japonesa e se identificando mais como brasileiras, mesmo tendo nascido ou crescido em terra japonesa, todos vivenciam a sensação de estarem divididos ou pela metade.

A palavra “dividido”, “meio” e “metade” apareceram em todas as entrevistas com os adolescentes e em alguns momentos na entrevista com os seus pais, quando questionados sobre a alimentação, língua, costumes, comportamento dos filhos, pertencimento e/ou identidade. Há um entrave em relação ao não pertencimento pleno, que interfere na construção e sentimento identitário. Portanto, quando questionados sobre a sua identidade, eles também mencionam a circunstância de serem “meio” japoneses e “meio” brasileiros. A pluralidade de referências culturais e o sentimento ambíguo de biculturalidade apontam para uma identidade incompleta e não integrada. Assim, a identidade desses jovens não se dá inteiramente a um país ou outro, ao contrário, fica a sensação de metade, atravessada pelas identificações e características de ambos os países, fruto de um pertencimento fragmentado e frágil. Segundo Dantas (2012, p. 118), “[...] o indivíduo fica como que suspenso, geralmente num estado de conflito pessoal e social entre as duas culturas.”

Diante de tal processo, podemos dizer que a dificuldade se encontra em possibilitar a constituição do que se denomina *duplamente aculturados*, aqueles que, de certo modo, se integram aos “[...] dois modelos culturais: o intrínseco, relacionado à interiorização da cultura de origem, e o extrínseco, relativo à integração da cultura do país de adoção” (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 421) , sem grades conflitos, apesar de sempre uma se sobressair à outra. Eles incorporam e coligam as duas culturas, compondo sua identidade híbrida e lugar de duplo pertencimento, constituindo-se e transitando “entre” os dois países, não negando a origem brasileira e nem a japonesa. No entanto, esse duplo pertencimento não está totalmente integrado e resolvido, na vida desses jovens.

Para esses jovens, a questão identitária não está resolvida, porque o seu pertencimento não foi resolvido. A sua identidade não está ligada ao seu pertencimento, por este ser frágil e fragmentado, por isso, não conseguem definir sua questão identitária, pois quem nasceu no Brasil não se sente seguro e tem medo do país, e quem nasceu no Japão não é considerado japonês. O senso de identidade desses jovens fica comprometido, pois não estão ligados, de fato, a nenhum pertencimento de modo coerente.

A família dará sustentação e apoio à estruturação do psiquismo do sujeito, que estará engendrado na trama dos contratos e pactos estabelecidos, entrelaçado na matéria psíquica comum do grupo familiar que se constitui na intersubjetividade (DAHIA, 2010). No caso das famílias entrevistadas, tais acordos ainda não permitem se considerarem brasileiros, porque estão em busca do resgate de sua origem nipônica. Nesse sentido, “[...] o narcisismo das gerações precedentes sustenta a transmissão psíquica.” (FERNANDES, 2016, p. 59).

> Nascemos para o mundo já como membros de um grupo, ele próprio encaixado em outros grupos e com eles conectado. Nascemos elos no mundo, herdeiros, servidores e beneficiários de uma subjetividade que nos precedem e de que nos tornamos contemporâneos: seus discursos, sonhos, seus recalcados que herdamos, a que servimos e de que nos servimos, fazem de cada um de nós os sujeitos do inconsciente submetidos a esses conjuntos, partes constituídas e constituintes desses conjuntos. (KAES, 1997, p. 106).

As transformações na adolescência têm efeitos potencialmente desorganizadores da vida psíquica do indivíduo e da família, de sorte que o apoio narcísico parental é primordial para a travessia saudável desse adolescer (FERNANDES, 2016). No entanto, nas famílias *dekasseguis* entrevistadas, podemos observar que o apoio narcísico parental fica comprometido, mediante um processo migratório caracterizado por uma não elaboração do sentimento de pertença e por uma crise identitária que atravessa as gerações, sendo difícil para os pais sustentar e elaborar esse conflito identitário vivenciado pelos filhos, já que neles essas questões ainda estão latentes.

De acordo com Benghozi (2010), as transformações subjetivas e as crises vivenciadas pelos adolescentes, nomeadas como anamorfose, podem gerar tensões e crise na malhagem dos vínculos familiares, "[...] pois essas ressoam nos outros membros da família e requer investimento afetivo para ele se adequar à mudança e assim assegure sua sobrevivência e identidade." (FERNANDES, 2019, p. 48).

O processo de malhagem, o qual é determinante para a estruturação do ego, é dinâmico e sujeito a reestruturações ou rupturas de acordo com as crises e contingentes sociais (BENGHOZI, 2010). Logo, os jovens que estão passando pelo processo migratório e pelas reconstruções que são próprias desse período atualizam os conflitos e crises em relação à identidade e pertencimento vivenciados pelos seus pais, gerando tensões na malha de transferência familiar e refletindo na dificuldade em encontrar um lugar de pertencimento e elaboração de um projeto futuro familiar.

Em relação ao planejamento futuro, os pais de Kenji desejam que o filho continue no Japão e curse uma universidade; já Kenji manifesta o desejo de conhecer outro país: "[...] *depois eu quero ir para fora do Japão né?, conhecer um pouco fora do Japão. Porque, preciso... eu preciso olhar fora do Japão um pouco também, né? Conhecer outros, como fala... pensamento dos estrangeiros assim, né?*". Os pais de Yumi se preocupam com que ela encontre e faça aquilo de que goste. Yumi ainda não tem definido o seu projeto de vida, mas sonha igualmente em conhecer outros países: "*Aí tenho vontade de conhecer outros países, vários países. Estados Unidos"*. O desejo de Alice e sua mãe é que a filha volte para o Brasil e curse uma faculdade, mas Alice também expressa o desejo em "[...] *juntar muita grana pra*

poder viajar o mundo". Por fim, os pais de Giovana querem que a filha termine o Ensino Médio no Japão e continue os estudos no Brasil, enquanto Giovana relata o desejo em terminar o Ensino Médio e prestar vestibular no Brasil e no Canadá.

Identificamos, nos relatos dos quatro adolescentes entrevistados, o desejo em conhecer, morar ou estudar em outro país, além do Brasil ou Japão.[100] O terceiro país aparece como uma saída e possibilidade em conhecer e escolher outro continente para além daquilo que lhe foi ofertado. Representa a possibilidade em dar contorno a esse conflito referente à questão do duplo pertencimento e rompimento desse pacto transgeracional que ainda parece permear a vida desses imigrantes, em busca do resgate da origem perdida, que, no caso, seria o Japão. O resgate de tal origem significa que ainda não foi possível elaborar tal perda constituída na migração dos japoneses, e os *nikkeis* continuam em busca desse elo perdido com o Japão. Talvez esse seja o principal fator que dificulta a integração das duas origens.

Em face da difícil resolução desse conflito, parece haver uma necessidade de habitar outro lugar além dos dois países de herança, já que não se sentem plenamente pertencentes a nenhum dos dois países ou desejam se ver e (re)conhecer fora desse laço. A saída pelo terceiro país possivelmente seria uma tentativa de ter um lugar para si e processar os ideais herdados na busca do rompimento desse ciclo entre o Brasil e o Japão, como um modo de elaboração ou fuga dessa dívida e sentimento de incompletude.

De certo modo, o planejamento futuro dos filhos fica refém do projeto migratório dos pais, vulneráveis às decisões das famílias sobre a permanência ou não no Japão. No entanto, diferentemente dos pais *dekasseguis* que foram ao Japão para trabalhar nas fábricas, os filhos almejam outro futuro, a despeito de três dos quatro adolescentes entrevistados já estarem trabalhando. Porém, mesmo entrando precocemente no mercado de trabalho, como comumente acontece com muitos jovens brasileiros no Japão, os quais acabam constituindo a massa de mão de obra pouco qualificada naquele país, nenhum deles se evadiu da escola, como muitas vezes acontece, por não verem vantagens em dar continuidade aos seus estudos, devido à falta de motivação e perspectiva de retorno ao Brasil, não vendo aplicabilidade daquilo que estudam. "Com todos os adultos ao seu redor trabalhando nas fábricas, sem conseguir vislumbrar perspectivas de futuro, preferiram abandonar o 'vir a ser', substituindo-o pelo desejo de 'ter'." (NAKAGAWA, 2010, s/p).

[100] O mesmo desejo e discurso foi identificado nas falas de outros adolescentes que atendi, no período em que estive no Japão, por meio do projeto desenvolvido pela Professora Dr.ª Mary Yoko Okamoto, intitulado "Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil".

Em relação ao que falariam para os novos imigrantes que chegam ao Japão, a mãe de Kenji diria para escolher bem a escola e a educação, para não ficar pela metade, e não escolher pela questão financeira, mas pelo que é melhor para eles, enquanto o pai diria para não focar somente na parte financeira e esquecer a parte afetiva. Kenji diria para não deixar de estudar e que vale a pena estudar em uma instituição japonesa.

A mãe de Yumi diria para não focar somente no dinheiro e pensar mais na família; o pai, para aproveitar as coisas enquanto têm, porque tudo é passageiro, ao passo que Yumi diria que o Japão é um lugar seguro e onde não se precisa ter medo; que, no começo, pode ser um pouco difícil, porque você não conhece ninguém, todavia, com o tempo, eles também vão se aproximando.

A mãe de Alice diria para atentarem para a educação e futuro do filho, para a manutenção da língua materna e não priorizar apenas o aspecto financeiro. Alice diria para pensar e planejar o futuro, levando em consideração a pretensão de permanência no Japão ou o retorno ao Brasil, visto que isso reflete na constituição de um projeto para o futuro.

Por fim, tanto a mãe quanto o pai de Giovana ressaltam a importância em dar atenção e ter tempo para a família, não se apegando apenas à questão financeira e material, enquanto Giovana diria para se preparar para uma vida cheia de surpresas e desafios, na parte emocional e psicológica.

Cada família falou a partir daquilo que foi a sua vivência particular e percepção enquanto imigrante, no entanto, um conteúdo comum que se repetiu na fala de todas as famílias foi para não se focar apenas no aspecto financeiro e em ganhar dinheiro, repetição dos mesmos objetivos dos imigrantes que vieram do Japão para o Brasil, o que poderia se configurar como uma transmissão psíquica transgeracional.

Outro ponto levantado foi a questão de ter mais tempo para a convivência em família, pois o excesso de trabalho no Japão, onde o tempo do *dekassegui* é o tempo da fábrica, acaba comprometendo o tempo dos pais em desfrutarem da companhia dos filhos, o que "[...] contribui para o deterioramento das relações sociais, comprometimento das relações familiares e reflete direta e indiretamente em problemas na educação das crianças e jovens que hoje vivem no Japão." (SILVA, 2017, p. 423).

É como se os pais estivessem falando para eles próprios, uma vez que a rotina das famílias acontece exatamente da maneira como eles diriam para que outras famílias não fizessem, ou seja, a ênfase e a preocupação com o ganho financeiro e a ambiguidade com relação ao pertencimento japonês ou brasileiro. Porém, podemos compreender que tais questões podem se configurar como um conteúdo herdado, portanto, inconsciente, e não

reconhecido pelos pais. Os filhos remetem a um contato mais próximo com tal conteúdo, quando relatam a necessidade de busca de outro espaço, talvez mais neutro e distante de tal conflito, o qual acompanha as famílias *nikkeis* desde a sua chegada ao Brasil. O conflito do duplo, da incompletude, porque se sente pela metade, ou seja, a sensação de uma lacuna, a despeito do tempo de duração de tal experiência entre as famílias nipo-brasileiras.

CONCLUSÕES

Antes de tecermos as conclusões deste trabalho, vale enfatizar o contexto e os limites desta pesquisa. Por ser uma pesquisa transnacional e as entrevistas terem sido realizadas de modo virtual, sem nenhum contato ou vínculo prévio com os entrevistados, os dados de análise ficaram limitados, não sendo possível examinar, por exemplo, as manifestações não verbais dos entrevistados. Desse modo, as conclusões aqui apresentadas não têm o intuito de ser universalizadas, mas representam os significados que pudemos analisar, por meio das falas e narrativas coletadas das famílias entrevistadas, uma vez que não existe uma única experiência e identidade *dekassegui*, mas várias maneiras de ser nipo-brasileiro. Assim, o pertencimento e a identidade dos jovens *dekasseguis*, aspectos investigados neste trabalho, podem ter outros desdobramentos, a partir da história e vivência do sujeito para além desta aqui exposta.

O objetivo que norteou este estudo foi investigar e compreender as implicações psicossociais da experiência migratória dos jovens brasileiros, no Japão, para a constituição da identidade e do pertencimento na subjetividade dessa população. Para isso, partimos do pressuposto de que a migração traz implicações psíquicas as quais terão desdobramentos no pertencimento e identidade dos sujeitos que a vivenciam, especialmente nos jovens que estão atravessando um período de "[...] apropriar-se de uma nova imagem de si e encontrar um novo lugar no laço social." (FERNANDES, 2016, p. 11). Nessa perspectiva, a necessidade de identificação e pertencimento, os quais permitem ao jovem se reconhecer em sua origem e ao lugar de referência que servirá como base para a constituição de suas bases identitárias, é extremamente importante no processo de migração e na constituição e ressignificação da identidade.

Através dos dados coletados e encontrados na análise das entrevistas realizadas neste trabalho, com quatro famílias brasileiras e seus filhos adolescentes que vivem no Japão, pudemos constatar que há aspectos da transmissão psíquica transgeracional nessas famílias de *nikkeis* que atravessam a experiência migratória dos jovens *dekasseguis* e compõem o sentimento de pertença e a identidade.

Os jovens entrevistados nesta pesquisa são netos e bisnetos daqueles japoneses que, entre 1908 e 1970, migraram ao Brasil em busca de melhores condições de vida, a fim de acumular recursos financeiros e retornar, o mais breve possível, à sua terra natal (YONAHA, 2013). Porém, tal objetivo não foi atingido e a sensação de frustração, dívida e sofrimento

diante de tal fato é uma questão que permeou as vidas dos nipodescendentes que permaneceram no Brasil, a despeito desse objetivo não concretizado (OKAMOTO, 2008).

Neste trabalho, pudemos constatar a manutenção desse mesmo conteúdo, ou seja, do sonho de ganho financeiro e desejo de retorno ao país de origem, nessas gerações de descendentes *nikkeis* que participaram da pesquisa. A presença do mesmo objetivo para a migração surgiu nos relatos de todas as famílias participantes e, assim, podemos assinalar que a manutenção de tais ideais pode apontar para uma transmissão psíquica geracional, do tipo transgeracional, aquela que pressupõe a existência de conteúdos traumáticos e não elaborados de gerações anteriores, transmitidos aos seus filhos e netos que ouviram as narrativas de um Japão, o lugar de origem étnica e ancestral de tais famílias, idealizado e saudoso, o qual possui muitos recursos para oferecer aos seus descendentes.

Essas falas e demandas marcaram psiquicamente os brasileiros descendentes de japoneses, que, anos depois, fazem o caminho inverso e embarcam com destino à terra de seus ancestrais. Para enfatizar a importância da manutenção desse objetivo, um dos pais participantes descreveu a migração ao Japão como um "vício", expressando a dificuldade dessas famílias em atingir o objetivo que os motivou a migrar e a característica pendular desse movimento migratório, entre idas e vindas entre os países. O termo "vício" também nos remete à característica da repetição de busca e resgate desse sonho não atingido: o retorno ao Japão, após atingir o sucesso financeiro tão sonhado.

Dessa maneira, pudemos verificar, por meio das entrevistas com as famílias *dekasseguis*, que há uma repetição e transmissão psíquica transgeracional de um projeto de migração e triunfo familiar que não foi conquistado pela geração anterior. Esse projeto de retorno e enriquecimento, não consumado e concretizado pelos imigrantes japoneses, foi transmitido como berço e herança psíquica aos seus descendentes como matriz vincular inconsciente que os abarca e os leva a repetir o mesmo destino.

Por se tratar de uma transmissão psíquica transgeracional, o seu conteúdo está suspenso, porque não se integra ao psiquismo, impedindo a singularização e subjetivação do conteúdo herdado, o qual é metabolizado via compulsão à repetição (KAËS, 1998; TOZATTO, 2004; REHBEIN; CHATELARD, 2013; ABDALA, 2013; WEISSMANN, 2016). Assim, os *dekasseguis* repetem a mesma saga familiar de migrar com objetivo de enriquecimento. Porém, no caso da migração dos nipodescendentes ao Japão, ocorre uma característica peculiar, uma vez que esse movimento migratório é de um retorno ao país de origem ancestral e, com isso, ao migrarem ao Japão, ocorre uma busca em reaver os legados dos antepassados deixados na terra natal de seus ascendentes, como uma compulsão de

destino cuja bagagem é composta pelas vivências e conluios inconscientes das gerações anteriores, que se atualiza e é transportada aos demais descendentes (WEISSMANN, 2008).

Dessa maneira, as raízes do comportamento de migração de retorno e busca por enriquecimento, o qual marca o psiquismo dos *dekasseguis*, estão engendradas no histórico familiar que os precedem e que atravessam as gerações, pautadas na trama dos pactos familiares e na malha de transferência entrelaçada na matéria psíquica comum do grupo familiar que se constitui na intersubjetividade (DAHIA, 2010), "[...] ficando alguns dos descendentes como depositários forçados" desse destino familiar (TOZATTO, 2004, p. 105).

Devido à impossibilidade do retorno dos imigrantes ao Japão, conforme apontado acima, a manutenção e a intensa idealização do país nipônico, no ideal das famílias, funcionaram como uma importante ferramenta psíquica para o enfrentamento da permanência no Brasil, ou seja, a manutenção da sua origem como um lugar idealizado foi a maneira encontrada pelas famílias japonesas, no Brasil, para transmitir sua herança cultural aos seus descendentes (OKAMOTO, 2008).

As famílias japonesas que migraram ao Brasil não cortaram o vínculo com o seu país de origem e continuaram preservando a cultura, a língua e as tradições junto aos seus filhos e netos, sendo transmitido a eles esse outro pertencimento com o qual não tinham tido contato. Anos mais tarde, esses descendentes partem para o Japão em busca desse pertencimento ligado aos ancestrais, que lhes foi transmitido geracionalmente, à procura da sua origem nipônica idealizada.

Este foi outro aspecto identificado nas entrevistas realizadas, relatado pelas famílias como um dos motivadores para a imigração: o desejo em reaver suas origens e conhecer a terra dos seus antepassados, como um retorno à sua origem étnica, marcado por uma busca de natureza existencial-identitária e de uma elaboração no tocante ao pertencimento, pois são filhos e netos dos japoneses que ali nasceram.

No Brasil, os *nikkeis* eram comumente considerados e denominados japoneses, devido aos seus traços fenótipos tão marcantes e à educação baseada em valores e tradições nipônicas. Com isso, não se sentiam plenamente brasileiros. Quando migram ao Japão, na busca de reconstruir a filiação interrompida, sua origem, pertencimento e identificação, são vistos e tratados como estrangeiros pela sociedade japonesa. Assim, mesmo habitando a terra dos seus ancestrais, diante de uma população fenotipicamente semelhante a eles, socializando-se e se aculturando ao país, a diferença continua a acompanhar a vida desses descendentes, pois *carregam consigo traços de sua brasilidade herdados de sua família e de seu país de origem, o Brasil.*

Desse modo, quando chegam ao Japão em busca do reconhecimento dessa origem, pertencimento e filiação perdida, deparam-se com a sua condição de estrangeiro, pois atestam que, naquele país, também ocupam o lugar do diferente, do outro. Assim, quando vão resgatar a sua origem metade japonesa e não a encontram, pois os japoneses os rejeitam, eles se sentem excluídos e o sentimento de não se sentir inteiramente pertencentes a um lugar fica ainda mais exacerbado. Não ser aceito naquele país gera uma ferida narcísica difícil de ser elaborada, o que dificulta ainda mais a aceitação da sua condição de estrangeiro, pois foi transmitida a eles uma origem japonesa que posteriormente foi renegada pelos próprios japoneses.

Essa condição de não pertencimento e de estrangeiro pode ser tomada como algo que desvela a indefinição identitária e de pertencimento de muitos nipo-brasileiros, os quais não ocupam o lugar de brasileiros no Brasil, nem de japoneses no Japão, destacando-se a existência desse duplo pertencimento também verificado em seus filhos, inclusive naqueles que nasceram no Japão.

Os jovens entrevistados, mesmo nascendo ou migrando em idade precoce ao Japão, estudando apenas na rede escolar japonesa ou brasileira, convivendo majoritariamente com um grupo étnico, apresentando predominantemente modos e costumes da cultura japonesa ou brasileira e preservando a língua materna, no ambiente doméstico, aspectos que reforçam o pertencimento e a manutenção do laço com uma determinada cultura, sentem o impacto, os entraves e as reverberações desse pertencimento ainda não elaborado, na formação e constituição do seu lugar de pertencimento e identidade.

Ao proporcionar aos filhos a experiência migratória ao Japão, tentando resgatar uma origem ancestral e étnica, ocorreu uma repetição da experiência desse pertencimento instável que marca alguns nipo-brasileiros. Por isso, ao migrar para o Japão, na tentativa de elaborar e integrar a ruptura do seu lugar de origem (Brasil) e lugar étnico ancestral (Japão), os pais tornam essa dicotomia ainda maior, porque atestam a sua diferença e não pertencimento pleno ao Japão, transmitindo aos filhos esse desconhecimento e lacuna relativa ao seu pertencimento. Em decorrência disso, podemos observar, por meio da análise das entrevistas, que todos os jovens apresentam um pertencimento parcial concernente aos dois países, ora se identificando mais com um, ora com outro, e não se localizando nesse duplo pertencimento.

Há uma falha na transmissão psíquica dos aspectos que compõem o pertencimento, pois os *dekasseguis* que não integraram e elaboraram o seu duplo pertencimento e biculturalidade, como vantagem, repassam para os filhos esse conflito subjetivo que os habita e os atravessa, deixando uma lacuna contínua e intransponível dessa mensagem de

incompletude, da metade e do meio, como se tivessem que escolher e se definir como pertencentes apenas a um lugar e abandonar o outro, não conseguindo negociar psiquicamente e integrar esses dois universos culturais tão díspares.

Esse sentimento de ambiguidade na questão do pertencimento, marcado pelas palavras "dividido", "meio" e "metade", repetidas em vários momentos das entrevistas realizadas, se reflete na constituição da identidade desses jovens. Assim, a identidade desses jovens se apresenta de modo pendular, atravessada pelas identificações e características de ambos os países, em decorrência de um pertencimento fragmentado, frágil e não elaborado pelos seus pais. Logo, encontramos nos relatos dos adolescentes o sentimento de não pertencimento pleno a nenhum dos dois países, nem duplo, no qual seria possível a integração de ambas as culturas.

Para esses jovens, a questão identitária não está resolvida, porque o seu pertencimento não foi resolvido. O senso de identidade desses jovens fica comprometido, pois não estão ligados, de fato, a nenhum pertencimento de modo coerente. Não há um trânsito identificatório, o que seria possível pela integração desses dois pertencimentos, mas uma identidade fragmentada e dicotômica, aprisionada à tentativa de se identificar e pertencer a apenas um núcleo identificatório. No caso das entrevistas realizadas e analisadas neste estudo, possivelmente por se tratar de uma herança não elaborada, a busca seria pelo pertencimento nipônico e não brasileiro, por isso, os conflitos relatados apontam para essa tentativa de resgate da origem japonesa, não concluída e negada pela sociedade japonesa.

Tal experiência ocorre também com aqueles jovens que frequentaram a escola brasileira e possuem o projeto de retorno ao Brasil. Apesar da vinculação com a comunidade brasileira, o fato de viverem durante muitos anos no Japão os deixa em dúvida com relação ao seu pertencimento e ao sentimento identitário. Convivem praticamente com brasileiros, mas se sentem, de alguma maneira, pertencentes ao Japão, seja devido à sua origem étnica, seja pelo tempo de vida naquele país. Apesar disso, os jovens entrevistados não demonstraram interesse no aprendizado do idioma japonês, e os dados revelaram que o planejamento do retorno e o convívio, principalmente entre os brasileiros, são fatores que levaram a tal desinteresse.

A questão da origem brasileira e a condição de estrangeiridade no Japão foram aspectos que surgiram nos relatos, principalmente dos jovens, os quais revelaram o sentimento de que a população japonesa os olha como "estranhos", e tal olhar retifica o lugar do estranho que esses jovens ocupam no Japão. Porém, apontamos que, mesmo quando ocorre o retorno ao Brasil, esse sentimento não é superado, pois os relatos e outras pesquisas

demonstram o quanto a migração de retorno ao Brasil se caracteriza pelo estranhamento, não pertencimento e desejo de retornar ao Japão.

Outro aspecto relevante e que toca nesse mesmo aspecto refere-se ao sentimento de vergonha e de estranheza que os jovens mencionaram. O aspecto étnico e fenotípico poderia ser suficiente para que eles pudessem ser considerados japoneses, na comunidade nipônica, porém, não é o que ocorre. Uma das mães entrevistadas revelou que evita conversar no idioma português com seu filho, no ambiente escolar, para evitar que ele se envergonhe de sua origem brasileira, justamente para não denunciar que se trata de uma família migrante, numa tentativa de que essa característica do diferente e estranho não seja reconhecida pelos japoneses.

Como uma possível saída e resolução desse conflito, todos os jovens apontam o desejo de conhecer e habitar um terceiro país, como tentativa de se (re)conhecer fora desse laço. O terceiro país seria uma oportunidade de processar os ideais herdados desse ciclo não elaborado, a fim de romper com esse pacto transgeracional e contornar a questão do duplo pertencimento, na busca de "[...] uma identidade própria, condizente com seu desejo, e não alienada ou subordinada às figuras parentais." (JORDÃO, 2008, p. 165).

Assim, podemos observar que o apoio narcísico parental fica comprometido, mediante um processo migratório caracterizado por uma não elaboração do sentimento de pertença e identidade que atravessa as gerações, sendo difícil para os pais sustentar e elaborar esse conflito identitário vivenciado pelos filhos, porque, neles, essas questões ainda estão latentes, revelando que o tecido familiar no tocante a tais questões demonstra uma fragilidade na integração do sofrimento não elaborado que atravessa as gerações *nikkeis*, uma vez que podemos considerar que a família poderia funcionar como o local de integração e elaboração de tais sofrimentos.

Porém, os pais são atravessados pelos mesmos conflitos, e a decisão pela migração, embora não possibilite a elaboração deste conteúdo geracional, proporciona a repetição nos filhos, os quais procuram uma maneira de integração de todos esses conflitos e a transformação do sofrimento num conteúdo elaborado, capaz de permitir às famílias integrarem todos os aspectos herdados e vividos como um duplo pertencimento de fato. Entretanto, os dados da pesquisa apontaram que a busca da origem ética e perdida, relacionada ao Japão, constitui uma identidade parcial, porque ainda não foi possível a negociação dos aspectos identitários aos dois países e referências culturais. Tal impedimento parece apontar para a presença de uma dívida simbólica ao Japão, porque o retorno ao país de origem étnica e ancestral continua sendo a busca dessas famílias.

Assim, embora esta pesquisa tenha ensejado a compreensão da edificação do pertencimento e dos processos identitários envolvidos no processo migratório Japão-Brasil-Japão, nas gerações de pais e seus jovens filhos, enfatizando a importância da compreensão dos aspectos geracionais e vinculares envolvidos, sobretudo, em tal movimento migratório, destacamos a necessidade de outras pesquisas que possam aprofundar tais questões, inclusive a respeito da transmissão psíquica que permeia as famílias nipo-brasileiras, tendo em vista que os dados indicam tal aspecto, na constituição de tais grupos familiares.

REFERÊNCIAS:

ABDALA, A. T. C. P. **Os processos de transmissão psíquica e a violência sexual incestuosa: uma análise do filme Volver**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

ABERASTURY, A.; KNOBEL. M. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: ARTMED,1981.

AMPARO, D. M. d; ALVES, P. B.; CARDENAS, C. J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. **Rev. Bras. Cresc Desenv Hum**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 11-20, 2004.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

AZEVEDO, L. J. C. de; FERES-CARNEIRO, T.; LINS, S. L. B. Sintoma infantil: efeito da transmissão psíquica?. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 31, p. 169-196, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 jan. 2021.

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 fev. 2020.

BARCIA GOMES, P.; PORCHAT, I. **Psicoterapia do casal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELTRAO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, Jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Jan. 2020

BENGHOZI, P. **Malhagem, filiação e afiliação** - Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social. (E. D. Galery, Trad.). São Paulo: Vetor. 2010.

BENTO, M. **Grupos terapêuticos em instituição de saúde**: a relação entre a intersubjetividade e o intrapsíquico na psicanálise. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BERENSTEIN, I. **Del ser al hacer. Curso sobre vincularidad**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

BERENSTEIN, I. **Devenir otro con otros. Ajenidad, presencia, interferencia**. Buenos Aires: Paidós Psicología Profunda, 2004.

BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade**. São Paulo: Via Lettera, 2011.

BERENSTEIN, I. **El sujeto y el otro. De la ausencia a la presencia**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

BERENSTEIN, I. **Psicoanalizar uma família**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

BERENSTEIN, I.; PUGET, J. **Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BLOS, P. A adolescência masculina prolongada: formulação de uma síndrome e suas implicações terapêuticas. In: Blos, P. **Transição adolescente**: questões desenvolvimentais (pp. 28-38). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BLOS, P. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BORGES, H.; MARTINS, A. Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-146, Jun. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Jan. 2020.

BRAGA, L. L. **Transmissão transgeracional do trauma e resiliência em descendentes de sobreviventes da Shoah**: um estudo qualitativo. 2011. 283f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Psiquiatria, São Paulo, 2011.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da educação. **Orientações Gerais sobre o Ensino para Brasileiros no Japão**. 2018. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/101591-orientacoes-gerais-sobre-o-ensino-para-brasileiros-no-japao/file?fbclid=IwAR3IpEytRhj4VllyyRBBEIvWV2AoJDfJGeSu4oFy0zzwNMNpGHUcQS_or8Q >. Acesso em: 4 jan. 2019.

BRITO, C. R. **Escola Alegria de Saber**: uma escola brasileira no Japão (1995-2011). 2012. 253 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2012.

BUGARIN, M. **Escola japonesa ou escola brasileira? A inserção de estudantes brasileiros na escola no Japão**. Economics Department, University of Brasília, 2017.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2004.

CARIGNATO, T. T. A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.,** Brasília, v. 21, n. 40, p. 07-129, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980 85852013000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jun. 2017.

CARIGNATO, T. T. **Passagem para o desconhecido**: um estudo psicanalítico sobre as migrações entre Brasil e Japão. São Paulo: Via Lettera, 2002.

CARIGNATO, T. T., ROSA, M. D, & BERTA, S. L. Imigrantes, migrantes e refugiados: encontros na radicalidade estrangeira. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - REMHU**, São Paulo, ano XIV, n. 26, p. 83-118, 2006.

CARNEIRO, C. O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 314-321, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200314&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 fev. 2020.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 207-224, Dec. 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jun. 2020.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Adolescências nas malhas do tráfico. In: AMPARO, D.; ALMEIDA, S.; BRASIL, K.; GANDOLFO, M.; MARTY, F. (Orgs.). **Adolescência e violência**: intervenções clínicas, psicossociais e educativas, p. 110-119. Brasília: Editora UnB, 2012.

CARVALHO, M. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n.1, p.209-227, jan./jun.2012. Disponível em: < https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em 15 jun. 2020.

CASTRO, J. E. O método psicanalítico e o estudo de caso. In: Fuad Kyrillos Neto, Jacqueline Oliveira Moreira, (organizadores). **Pesquisa em Psicanálise**: transmissão na Universidade. (pp. 24-35). Barbacena MG: EdUEMG. 2010.

CHIPKEVITCH, E. Avaliação clínica da maturação sexual na adolescência. **Revista Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, n.2, p. 135-142, 2001. Disponível em < http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-s135/port.pdf>. Acesso em 29 dez. 2020.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

COELHO JUNIOR, N. E. Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 175-195, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 dez. 2020.

CORACINI, M.J. R.F. **A celebração do Outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORREA, O. R. **O legado familiar**: A tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

COSTA, J. P. C. **De decasségui a emigrante**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

CUNHA, M. C. **Negros estrangeiros**: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

DAHIA, S. L. de M. Riso: uma solução intermediária para os racistas no Brasil. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 373-389, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2020.

DANTAS, S. D. (org). **Diálogos interculturais**: reflexões interdisciplinares e intervenções psicológicas. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

DANTAS, S. D.; UENO, L.; LEIFERT, G.; SUGUIURA, M. Identidade, Migração e suas Dimensões Psicossociais. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 34, p. 45-60. 2010. Disponível em < http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/208>. Acesso em 10 out. 2020.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, n.114, p. 55- 70. 2017. Disponível em < https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142368>. Acesso em 10 out. 2020.

DANTAS, S. Subjetividade e migração: uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. In GUANAES-LORENZI, C.; MOTTA, C. C. L. da; BORGES, L. Ma.; ZURBA, M. do C.; VECCHIA, M. D. (orgs.). **Psicologia Social e Saúde**: da dimensão cultural à políticoinstitucional. Florianópolis: ABRAPSO, v. 2, 2015.

DAURE, I.; REVEYRAND-COULON, O. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 415-429, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2020.

DEBIAGGI, S.D. Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. **Revista USP**, n.79, p. 165-172. 2008. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13702>. Acesso em 2020.

DEMARTINI, Z. B. F. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 21, n. 72, p. 43-72, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio de 2018.

DIAS, N. Crianças e jovens brasileiros no Japão: educação, cultura e inquietudes. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**. Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 607-629, 2017. Disponível em: < http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3157 >. Acesso em: 22 fev. 2020

EIGUER, A. A. **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco.1998.

ENNES, M. A. **A construção de uma identidade inacabada**. Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. SP: Ed. da UNESP, 2001.

ERIKSON, E. H**. Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

FERNANDES, E. B. **A adolescência e a problemática da separação**: do espaço familiar ao espaço social. 2016. 209f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Psicologia, São Paulo, 2016.

FERNANDES, M. I. A.; GOMES, I. C.; LEVISKY, R. B. Diversidade cultural e a noção de "entre dois". In: **Novas fronteiras da clínica psicanalítica de casal e família**. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

FERNANDES, R. M. L. **Entre o político e o subjetivo**: desigualdades, migração e suicídio em Boa Vista, Roraima. 2019. 101f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, RR. 2019.

FERRARI, A. **Adolescência**: O Segundo Desafio, Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 1996.

FERREIRA, R. H.; GARCIA, L. B. dos R. O lugar e o migrante dekassegui In: FLORES, M. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão, 1997.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa** (F. Settineri, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. (Trabalho original publicado em 1936).

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: _____. Obras completas (v. IV e V, p. 1-660). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1900).

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. XVIII, p. 77-154. (Originalmente publicado em 1920).

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. In: _____. Obras completas (v. II p. 13-318). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1895).

FREUD, S. **O ego e o Id**. In: _____. Obras completas (v. XIX p. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. **O estranho**. *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996 (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão e o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. ESB. C. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1996 (Trabalho original publicado em 1927-1931).

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: _____. Obras completas (v. XVIII p. 79-159). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. In: _____. Obras completas (v. I p. 335-396). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1886 [1889]).

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise**. In: _____. Obras completas (v. XII, p. 159-172). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. **Totem e Tabu**. In: _____. Obras completas (v. XIII p. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1913).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: _____. Obras completas (v. VII p. 119-231. Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1905).

FUGII, W. K. **Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas**: uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão (1908-2008). 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GADONI-COSTA, L. M.; FRIZZO, G. B.; LOPES, R. de C. S. A guarda compartilhada na prática: estudo de casos múltiplos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 901-912, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 fev. 2020.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GERARDI, L. H. de O. e MENDES, I. A. **Do natural, do social e de suas interações**: visões geográficas. Rio Claro: AGETEO, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL A.C. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995.

GOLDSMID, R. **Complexo fraterno**: constituição do sujeito e formação do laço social. 2009. 87f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2009.

GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. S.. Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular1. **Psicol. USP**, São Paulo, v.

20, n. 1, p. 93-108, mar. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 mar. 2020.

GOMES, V. A adolescência sob a lente da psicanálise articulada ao social. **Revista Cesumar ciências humanas e sociais aplicadas**, Maringá, v. 22, p. 247, 2017. Disponível em < https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/5759>. Acesso em 23 mar. 2020.

GOMES, V. R. R.; CANIATO, A. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 133-146, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 fev. 2020.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. B. R. Correa (Org.), **Os avatares da transmissão psíquica geracional** (pp. 17-43). São Paulo: Escuta. 2000.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y el exílio**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

HALBERSTADT-FREUD, H.C. Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o complexo de Édipo. **Rev. Bras. Psicanálise**, vol. 35 n.1, p. 143-168, 2001.

HALL, S**. A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HASHIMOTO, F. **Sol nascente no Brasil:** cultura e mentalidade. São Paulo: HVF Arte e Cultura, 1995.

HASHIMOTO, F. **Ventos de outono**: uma fenomenologia da maturidade. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Org.). **Cem anos da imigração japonesa**: História, memória e arte. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

HASSOUN, J. **L´exil de la langue**. Paris: Point Hors Ligne, 1993.

HIRAOKA, V. & ANACHE, A. A. **Rompendo o silêncio dos Dekasseguis**: Contribuições da psicologia escolar/educacional para a aprendizagem escolar. In: X CONPE - Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2011, Maringá. X CONPE - Caminhos Trilhados, caminhos a percorrer, 2011. v. X.

HIRAOKA, V. **Ausência dos pais e rendimento escolar**: um estudo a partir dos sentidos subjetivos de filhos de dekasseguis. 2012. 164f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

ISHI, A. Reflexões Sobre os 20 Anos do Movimento Dekassegui - A Perspectiva de um brasileiro Radicado no Japão. In **Fundação Alexandre de Gusmão (2010): Vinte anos de brasileiros no Japão**. Brasília: FUNAG, p. 11-20. 2010.

ISHIKAWA, E. A. A Identidade Étnica dos Jovens Brasileiros no Japão. **Estudos Japoneses,** n. 36, p. 29-42, 2016. Disponível em < https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/127688>. Acesso em 24 fev. 2020.

ISHIMORI, K. M. **Viver num corpo estrangeiro**: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes insatisfeitos com suas fenotipias. 163 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2005.

ITO, C. A. Trabalhadores Brasileiros no Japão: Reflexões sobre a comunidade em Hamamatsu. **Geografia em Atos (UNESP),** Presidente Prudente, v. 1, n. 4, p. 79-97, 2002. Disponível em < https://revista2.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7623>. Acesso em 24 fev. 2020.

JEAMMET, P. **Novas Problemáticas da Adolescência**: evolução e manejo da dependência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (org**.) As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6.a. Petrópolis, ed. Vozes. p. 53-66. 2006.

JORDÃO, A. B. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. **Aletheia**, Canoas, n. 27, p. 157-172, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 fev. 2020

JORGE, R. R. **Território, identidade e desenvolvimento**: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural. 2009. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JUSTO, J. S. A chegada dos imigrantes japoneses e a partida dos decasséguis: Dois lados da mesma viagem. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (org.). **Cem Anos da Imigração Japonesa**: história, Memória e arte. São Paulo: Editora UNESP, p. 99-123, 2008.

KAËS R. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados**: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KAËS, R. (Org.). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001.

KAËS, R. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1997.

KAËS, R. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer, **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco Editora. 1998.

KAËS, R. **Um singular plural**: a psicanálise à prova do grupo. São Paulo, SP: Loyola. 2011.

KANASIRO, A. K. Etnografia em uma escola brasileira no Japão. **Ponto Urbe** [Online], 2011.

KAWAMURA, L. **Para Onde Vão os Brasileiros?** Imigrantes Brasileiros no Japão. Campinas: ed. Unicamp, 2a edição revista, 2003.

KNOBEL. M. A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel, **Adolescência normal** (10ª ed., pp. 24-62). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 1992.

KOLTAI, C. Traumas decorrentes dos deslocamentos forçados. **Revista Diversitas**, Ano 1, n.1, p. 131-137. 2013. Disponível em < https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/inline-files/Revista%20Diversitas%201.%20Dossie%20Fronteiras%20em%20Movimento.pdf>. acessos em 15 Jan. 2020.

KREUTZ, L. Identidade étnica e processo escolar. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 107, p. 79-96, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000200003&lng=en&nrm=iso>. acessos em 15 Jan. 2020.

LACAN, J. **O Seminário livro 10, A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1962-1963/2005.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 1979.

LASK, T. Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 71-92, 2000. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400004>. Acesso em: 15 abr. 2018.

LEITE, F. C. T.; PINHEIRO, L. E. L O estudo de caso como delineamento metodológico: aplicabilidade e consistência. In: BAUER, F. C.; VARGAS JR., F. M. de. (Org.). **Produção e Gestão Agroindustrial**. Campo Grande-MS: Editora UNIDERP, 2005.

LIMA, I. A. Identidades, transnacionalidade e violência: o caso dos brasileiros no Japão. **Aedos** - Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 10, n. 22, 2018. Disponível < https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/82344>. Acesso em 29 dez. 2020.

MALLARD, S. D. S.; CREMASCO, M. V. F.; METRAUX, J. C. Estrangeiridade e Vulnerabilidade Psíquica: Algumas Contribuições Psicanalíticas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 125-132, Mar. 2015. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722015000100125&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 dez. 2020.

MANNONI, M. A **criança, sua doença e os outros**. O sintoma e a palavra. Rio de Janeiro: Zahar. 1980. (Trabalho original publicado em 1967).

MARTINI, A. de; COELHO JUNIOR, N. E. Novas notas sobre "O estranho". **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 371-402, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jan. 2020.

MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 119-131, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jul. 2020.

MATHEUS, T. C. Diálogos sobre a adolescência e a ameaça de exclusão dos privilegiados. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 721-735, 2012b. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 fev. 2020.

MATHEUS, T. C. O sujeito adolescente e a ameaça de exclusão na contemporaneidade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 82-93, 2012a. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142012000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 fev. 2020.

MATHEUS, T.C. **Ideais na adolescência**: falta (d) e perspectivas na virada do século. Annamblume, Fapesp, 2002.

MELO JUNIOR, A.; MORAIS, R. Estudo de caso como estratégia de investigação qualitativa em educação. **Ensaios Pedagógicos (Sorocaba)**, v.2, n.1, p.26-33, 2018. Disponível em: < http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/59>Acesso em: 19 jul. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6.ed. São Paulo: Hucitec. 1999.

MINEI, A. **Organização do Sistema Educacional - Sistema Educacional e Multiculturalidade**. Universidade Federal de Mato Grosso. 2018. Disponível em: <https://setec.ufmt.br/ri/handle/1/47>Acesso em: 19 jul. 2020.

MIURA, I. K. Dekasseguis: Relatos de identidade a partir da experiência de trabalho temporário no Japão. In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura.** DeBiaggi, Sylvia Dantas; Paiva, Geraldo José. (Orgs). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MORICONI, L. V. **Pertencimento e identidade** – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

MORO, M. R. Psicoterapia transcultural da migração. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200186&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 jan. 2020.

NAKAGAWA, K. Y. (Org.). **Projeto kaeru**: 10 anos. 1ed. São Paulo: Benjamin Editora, 2018.

NAKAGAWA, K. Y. **Crianças e adolescentes brasileiros no Japão**: províncias de Aichi e Shizuoka. 2005. 245f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NAKAGAWA, K. Y. A inserção escolar e social das crianças que retornam do Japão. In: **Congresso Internacional da Associação de Estudos Brasileiros**, X., 2010, Goiás. Anais [...]. Goiás, 2010.

NAPUTANO, M. **Identidades culturais em imigrantes de segunda geração**: Os filhos de Pedrinhas. 2012. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2012.

NOZAKI, I. Escolarização de crianças brasileiras migrantes no Japão: política de inserção escolar e currículo, **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 379-403, 2015. Disponível em < https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2338>. Acesso em 13 jan. 2020.

NOZAKI, I. MIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO: a escolarização das crianças brasileiras residentes no Japão. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 8, n. 15, p. 01-19, 2016.

Disponível em < https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3649>. Acesso em 13 jan. 2020.

OCADA, F. K. As motivações invisíveis da emigração dekassegui ao Japão. **CEDEM**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 39-61, 2011. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115362>. Acesso em 13 jan. 2020.

OCADA, F. K. Uma reconstrução da memória da imigração japonesa no Brasil. **Teoria & Pesquisa:** Revista de Ciência Política, UFSCar, São Paulo, v. 1, n. 49, p. 141-164. 2006. Disponível em <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/23>. Acesso em 13 jan. 2020.

OKAMOTO, M. Y. **Dekassegui e família**: encontro e desencontros. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

OKAMOTO, M. Y. **Imigração japonesa**: rupturas e construção de vínculos afetivos. São Paulo: Arte e Ciência, 2008.

OKAMOTO, M. Y.; JUSTO, J. S.; RESSTEL, C. C. F. P. Imigração e desamparo nos filhos de dekasseguis. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 25, n. 50, p. 203-219, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852017000200203&lng=en&nrm=iso>. acessos em 13 jan. 2020.

OLIVEIRA, A. A.*;* RESSTEL, C. C. F. P.*;* JUSTO, J. S. Desamparo psíquico na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 13, n. 1, p. 21-32, 2014. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf>. Acesso em 13 jan. 2020.

OLIVEIRA, A.C. Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A Trajetória de uma Identidade em um Contexto Migratório. In Anais **XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Abep**, Caxambu, SP. Belo Horizonte: ABEP. 1998. Disponível em < http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/865>. Acesso em 13 jan. 2020.

OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 jan. 2020.

PACHUK, C., FRIEDLER, R.(orgs.) **Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

PAES, F.F.; RUDGE, A.M.; "Está no sangue": transmissão e psicanálise. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, 2011. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus>. Acesso em 10 set. 2020.

PAIM FILHO, I. A. Compulsão à repetição: pulsão de morte "trans-in-vestida" de libido. **Rev. bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 117-126, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2020.

PEREIRA, D. R. **Aspectos do Compulsão à Repetição na Clínica Psicanalítica**: resistências e toxicomania. 2013. 126 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2013.

PEREIRA, D. R.; MIGLIAVACCA, E. M. Aspectos da compulsão à repetição na toxicomania. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 71-87, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2020.

PIZZINATO, A.; CASTELLA SARRIERA, J. Identidade étnico-nacional e competência social em escolas de Porto Alegre. **Aletheia**, Canoas, n. 19, p. 07-20, 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2020

PIZZINATO, A.; SARRIERA, J. C.. Identidade: elementos de etnicidade entre escolares. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 298-306, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2020.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

QUINTANEIRO, T. Plantando nos campos do inimigo*:* japoneses no Brasil na segunda guerra mundial, **Estudos ibero-americanos**, PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 155-169, 2006. Disponível em: < https://core.ac.uk/download/pdf/25531875.pdf>. Acesso em: 22 maio de 2018.

QUINTELLA, R. As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 284-296, 2014. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200011>. Acesso em: 22 maio de 2020.

REHBEIN, M. P.; CHATELARD, D. S. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 563-583, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Mar. 2020.

REIS, M. E. F. **Brasileiros no Japão**: o elo humano das relações bilaterais. São Paulo: Kaleidus-Primus, 2001.

RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil**. 2014. 363 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2014.

RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPG Digital- UNESP).

RESSTEL, C. C. F. P. **Leitura psicanalítica de experiência de trabalho no Japão com filhos de dekasseguis.** 2019. 523 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESSTEL, C. C. F.P.; JUSTO, J. S.; OKAMOTO, M. Y. Filhos de decasséguis: desafios e dificuldades no retorno ao Brasil. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 18, n.

3, p. 490-503, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000300490&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mar. 2019.

RIBEIRO, C. A. do C. & COVEZZI, M. Crianças brasileiras no Japão: as dificuldades de inserção na sociedade e o reconhecimento da cidadania. In Seminário do ICHS - **Humanidades em Contexto: saberes e interpretações**, p. 764-772. Cuiabá. 2014. Disponível em: < https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/CONASUM/index/search/authors/view?firstName=Carla&middleName=Carmo&lastName=Ribeiro&affiliation=&country=>. Acesso em: 9 fev. 2020.

RIBEIRO, M. F. da R. **De mãe em filha:** a transmissão da feminilidade. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

RONCATO, M.S. **Dekassegui, cyber-refugiado e working poor**: o trabalho imigrante e o lugar do outro na sociedade de classes. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ROSA, M. D et al. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2020.

ROSSINI, R. E. Identidades e paisagem: o enraizamento dos dekasseguis do Brasil e no Japão. In: **Geografia e migração:** movimentos, territórios e territorialidade**s**. 1 ed. São Paulo. Expressão Popular. p. 217-234. 2010.

ROSSINI, R. E. **O Brasil no Japão:** a conquista do espaço dos nikkeis do Brasil no Japão. Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, Brasil, 2004. Disponível em <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1293>. Acesso em 15 jan. 2020.

ROSSINI, R. E. Os Dekasseguis do Brasil foram para o Japão e lá estão criando raízes. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 7, n. 2, p. 65-76, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123832>. Acesso em: 12 maio. 2020.

ROUCHY, J. C. Identificação e grupos de pertencimento. In J. N. G. de Araujo & T. C. Carreteiro (Orgs.), **Cenários sociais e abordagem clínica** (pp. 124-139). São Paulo, SP: Escuta. 2001.

SAKURAI, C. **Os japoneses**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SANCHES PERES, R.; SANTOS, M. A. dos. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em psicologia. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 109-126, 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 fev. 2020.

SANTOS, G. A. DOLL, J. GAUDIOSO, T. K. A integração cultural do japonês na cultura brasileira: a experiência da colônia de Ivoti. In: **Tecendo relações: 200 anos de encontros entre Brasil e Japão**. Porto Alegre: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito -

PPGDir/UFRGS, v.1, n.3, ed. Especial, 2003. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/ppgdir/article/view/48593/30248>. Acesso em: 22 maio de 2018.

SANTOS, V. O.; GHAZZI, M. S.. A transmissão psíquica geracional. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 632-647, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fevereiro de 2020.

SASAKI, E. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p.99-117, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 maio de 2018.

SASAKI, E. M. Dekasseguis. Trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão. in: **Textos NEPO**, n. 39. Campinas. NEPO, UNICAMP. 2000a. Disponível em: < https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_39.pdf>Acesso em: 22 maio de 2019.

SASAKI, E. M. Dekasseguis: a questão da identidade dos migrantes brasileiros descendentes de japoneses no Japão. **Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, Caxambu, MG, Brasil, 1998.

SASAKI, E. M. Migração internacional contemporânea entre o Brasil e o Japão: novas configurações, velhas questões. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA**, 18, 2011, Recife. Anais...Recife: UFPE, 2011.

SASAKI, E. M. Um olhar sobre o "Movimento Dekassegui" de Brasileiros ao Japão no balanço do Centenário da imigração japonesa ao Brasil. In: **Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil**. (Org.). Centenário: Contribuição da Imigração Japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural. 1ed.São Paulo: Editora Paulo´s Comunicação e Artes Gráficas Ltda, v. 1, p. 361-372. 2009.

SASAKI, E. M. Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão. **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 11, Caxambu, 1998. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2000b. Disponível em: < https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt09-11/5104-capuano-sasaki-dekasseguis/file>. Acesso em: 22 maio de 2018

SAWAGUCHI, G. C. T. **Resiliência e Migração**: um estudo sobre as crianças que retornaram do Japão. 2013. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2013.

SAWAGUCHI, G. T. Bullying, segregação e marginalização sofridos pelas crianças e adolescentes atendidos pelo Projeto Kaeru. In: NAKAGAWA, K. Y. (Org.). **Projeto kaeru: 10 anos**. 1ed. São Paulo: Benjamin Editora, 2018.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

SCHECHTER, L. M.de S.; PERELSON, S. Separar-se da mãe para tornar-se mãe: a criação do espaço de concepção. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 403-427, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2020.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-159, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2020.

SELVATICI, M. Fenómenos de transculturación en la asistencia de parejas. In: **CONGRESO DE FLAPAG, 17. Anais**... Santos, 2007.

SERRALTA, F. B.; NUNES, M. L. T.; EIZIRIK, C. L. Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 501-510, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 fev. 2020.

SHISHITO, K. T. **A expectativa temporal e a permanência de brasileiros no Japão**. 2012. 141 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2012.

SILVA, C. Escolas brasileiras no Japão: Uma análise a partir do contexto migratório. **Brasiliana - Journal for Brazilian Studies**, vol. 5, n. 2, p. 410-428. 2017. Disponível em < https://tidsskrift.dk/bras/article/view/25363>. Acesso em 15 fev. 2020.

SILVA, T. A. **Implicações subjetivas oriundas do processo migratório**: um estudo psicanalítico sobre brasileiros no Algarve. 2015. 147 f. Doutorado (Doutorado em psicologia) - Universidade do Algarve – Faculdade de Ciência Humanas e Sociais, Portugal, 2015.

SOUSA, D. P.; SILVA, R. B. A questão do estrangeiro na contemporaneidade: Uma leitura a partir de Zygmunt Bauman. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 24-45, 2018. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000200003>. Acesso em 15 fev. 2020.

SOUSA, M. W. de. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Revista Significação**, São Paulo, vol. 37, n. 34, p. 31-52, 2010. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/68112 >. Acesso em 15 jan. 2020.

SZEJER, M. & STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TAKEUTI, N. M. Inconsistência simbólica e fragilidades identitárias. **Psicologia em Revista**, vol. 8, n. 12, p. 32-44. 2002. Disponível em: < http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/147>. Acesso em 19 jan. 2020.

TANAKA, E. **A volta dos filhos de dekassegui ao Brasil**: escolarização, dificuldades e superação. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

TASHIMA, J. N. **Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão**. Tese. 2018. 331 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TONGU, É. A. S. **Migrações, processo educacional e os dekassegui**: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão. 2010. 230 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

TOZATTO, M. I. S. **Transmissão psíquica**: metamorfoses teórico-clínicas de um campo em movimento. 2004. Tese de Doutorado. Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ. 2004.

TRACHTENBERG, A. R. C., KOPITTKE, C. C., PEREIRA, D. Z. T., CHEM, V. D. M., & MELLO, V. M. H. P. **Transgeracionalidade**: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.

UENO, L. S. Constituindo-se entre dois mundos: crianças na migração Brasil-Japão. X Congresso da BRASA (Brazilian Studies Association), Mesa "Educação e Migração: Práticas Educacionais" realizado em Brasília-DF. Jul, 2010.

UTSUNOMIYA, F. I. **Análise de discursos de sites de Kenjinkai do Brasil**: a construção de uma identidade cultural tipicamente nacional. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista: Socerj**, vol. 20, n. 5, p. 383-386. 2007. Disponível em <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.

WEISSMANN L. **Interculturalidade e vínculos familiares**: uma intervenção psicossocial. 2016. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

WEISSMANN, L. **Famílias monoparentais**: Um olhar psicanalítico. 2008. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2008.

WEISSMANN, L. Migração/exílio e a perda da língua materna. **Cad. psicanal.**, Rio de Jeneiro, v. 39, n. 37, p. 185-206, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2020.

WEISSMANN, L. **Famílias monoparentais**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2009.

YANO, L. P. **Famílias brasileiras no Japão**: migração transnacional, adaptação e estresse aculturativo. Porto Alegre: Poá Comunicação. 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman; 2001.

YONAHA, T. Q. **A educação de crianças e jovens brasileiros no Japão**: características sociológicas do fenômeno decasségui e seus reflexos na educação infanto-juvenil. 2013. 51f. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Curso de Letras - Japonês, 2013.

APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PAIS

1- Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?

2- Os filhos participaram dessa decisão?

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão?

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera?

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?

13 – Como procura participar da vida do seu filho?

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O CASAL

*Caso o(a) filho(a) tenha nascido no Brasil:

** Caso o(a) filho(a) tenha nascido no Japão:

1 - A ideia da migração veio de quem? Como foi, os motivos, os medos, etc.?

2 - Alguém da família de vocês já tinham migrado antes?

3 - Como foi a chegada ao Japão? Como se sentiram na época?

4 - Vocês gostaram do Japão na época em que chegaram? O que estranharam?

5 - Há quanto tempo moram no Japão? Pensam em voltar para o Brasil? Conversam com o seu filho sobre isso?
6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de serem imigrantes? E os benéficos, os ganhos?
7 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de terem um filho imigrante no Japão? E os benéficos, os ganhos?
8 - *Vocês perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão?
9 - *Se sim, como lidaram com essas dificuldades e como fizeram para superá-las?
10 - O nascimento do filho (entrevistado) foi planejado? Me conte como foi?
11 - **Vocês tiveram algum receio de ter um filho nascido no Japão?
12 - Vocês têm outros parentes que moram no Japão? Seu filho tem contato? E com os familiares no Brasil, ele tem contato?
13 - O que você acha que o seu filho pensa ou sente em relação ao Brasil? E ao Japão?
14 - Vocês acham que ele se identifica mais com os brasileiros ou japoneses? Por quê?
15 - E na opinião de vocês, ele tem mais traços (costumes, modos, jeito de ser e de se identificar) mais dos brasileiros ou japoneses?
16 - Vocês acham que existem diferença entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e que vive no Brasil? Se sim, percebem essa diferença no filho de vocês?
17 - Como foi a decisão por qual rede escolar matricular o filho? O que motivou e pesou na decisão? O que vocês sentiram?
18 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho na escola?
19 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho em relação as amizades com os brasileiros ou japoneses?
20 - O que vocês planejam para o futuro dele? O que desejam?
21 – Há algum conflito entre vocês em relação a educação do seu filho?
22 - Como vocês aproveitam as horas de lazer com a família?
23 - Se vocês pudessem dar um conselho para pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, o que vocês falariam?

ROTEIRO ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE – PARTE 1

1 – Onde nasceu?
2 - Você conhece o Brasil? Já esteve lá? Tem vontade de conhecer?

3 - Com qual idade veio para o Japão?

4 - A decisão de ir para o Japão foi conversada ou explicada para você antes?

5 – Tem saudade do Brasil? Por quê?

6 - Você gosta de morar no Japão? Por quê?

7 – Há quanto tempo mora no Japão?

8 - Durante esse tempo já voltou para o Brasil?

9 – Com quem veio para o Japão?

10 – Você fala japonês?

11 – Seus pais falam japonês?

12 – Com relação as amizades, você tem mais amigos de que nacionalidade?

13 – O que acha da escola onde estuda?

14 – Como é o seu relacionamento com os colegas e professores?

15 – Quais as dificuldades que você tem na escola/aula?

16 – Você já mudou de escola? Por quê? Como se sentiu?

17 – Já sofreu ijime/bullying na escola?

18 - Quando for adulto onde quer morar? Por quê?

16 – Se eu te perguntar como se sente em relação a sua identidade, como brasileiro, japonês, os dois ou nenhum dos dois o que me responderia? Por quê?

17 – Você sente que pertence a qual país? Com qual mais se identifica? Por quê?

18 – Como você se diverte nas horas de lazer? Onde costuma frequentar?

19 – Como se relaciona com os japoneses?

20 – Qual o seu plano em relação ao futuro?

21 – Qual o sonho?

22 – Qual o seu medo em relação ao futuro?

23 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTE – PARTE 2

Caso nasceu no Brasil:

- Como foi a chegada no Japão? Você se lembra?

- Você teve dificuldade em se adaptar ao Japão? Como você lidou com essas dificuldades?

Se retornou ao Brasil:

- Você teve alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil?

1 -Como é o seu relacionamento com os seus pais?

2 - Você acha que se parece mais, tem mais o jeito, da sua mãe ou do seu pai? Por quê?

3 - O que você gosta e o que incomoda no jeito dos japoneses? E nos brasileiros?

4 - O que mais gosta e o que não gosta no Brasil? E no Japão?

5- Você se sente bem recebido e aceito aí no Japão?

6 - Você acha que existe alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses? Quais?

7 - Você assiste mais TV brasileira ou japonesa? E a leitura? Jogos? Música? Comida?

8 - Você se identifica mais com os brasileiros ou os japoneses? Por quê?

9- Qual o seu passa tempo favorito nas horas livres?

10 - Me descreva como que é morar no Japão para você? E o Brasil?

11 - Qual a importância que o Japão tem para você? E o Brasil?

12 - Você trocaria sua vida daí para morar no Brasil? Por quê?

13 - O que você pensa em fazer depois de concluir a escola?

14 - O que você acha que seus pais esperam de você ao concluir a escola?

15 - Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?

16 - Se você pudesse dar um conselho para uma criança ou jovem brasileiro que está vindo para o Japão pela primeira vez, o que você falaria?

APÊNDICE B – Entrevistas Transcritas

ENTREVISTA COM FAMÍLIA 1

Família 1 – Entrevista Mãe

Nome completo: Luci
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Kenji
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 35 anos **Data de nascimento:** 04/09/1984
Escolaridade: Segundo grau incompleto
Grau de descendência: 3º geração
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): 23 anos que mora do Japão
Durante esse tempo, já voltou para o Brasil: Voltou uma vez e ficou 2 anos, o filho não era nascido. Voltou com 14 anos por vontade dos pais, mas quis voltar para o Japão.
Profissão no Japão: Secretaria e tradutora
Província onde mora: Guma
Estado de origem no Brasil: São Paulo - Guarulhos
Estado Civil: Casada **Se casado, há quanto tempo:** 16 anos
Quantos filhos tem: 2 filhos (uma menina de 12 anos e um menino de 16 anos)
Idioma falado em casa: português (às vezes mistura com o japonês).

Questões:

1- Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída? Como foi sua migração?
Quando a gente é criança meio que não tive muita escolha, né. É, eu vinha pra cá com 11 anos né. Eu morava com minha mãe e a minha mãe veio para cá e eu vim com ela.

- O que levou seus pais a irem para o Japão?
Eu acho que foi por causa do dinheiro, né, de querer juntar, de querer trabalhar, ter uma vida melhor assim, né.

2 - Os filhos participaram dessa decisão?
Não, porque nasceram no Japão.

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão?
Essa pergunta não foi realizada, pois os filhos nasceram no Japão.

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Eles sempre estudaram em escola Japonesa? Sempre foi assim? E por que decidiu colocar eles na escola japonesa?
Sempre, na...só no comecinho na creche que eles foram para a creche brasileira, mas depois passaram da idade da creche a partir do jardim pré, eles já foram pra escola japonesa.

- Por que decidiram pela escola japonesa?
Uma porque ele mora no Japão, né. Eu, eu moro aqui a gente não tem pretensão de voltar para o Brasil. Então, é melhor eles ter...ter estudos daqui e ter as coisas daqui, lógico que não esqueço do português também, né....é foi pensando nisso, ne.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Por serem brasileiros, como foi a adaptação na escola japonesa? Teve algum problema ou não?
Não, porque assim..., tanto eu como meu marido a gente é estrangeiro porque a gente nasceu no brasil, mas a gente tem cara de japonês, né. Então meus filhos é a mesma coisa, então quando eles entraram na escola, da mesma forma quando eu entrei na escola japonesa ninguém sabia que eu era estrangeira..., porque tipo, tem cara

de japonesa, né. Eu acho que por causa disso eu não sofro tanto preconceito assim, como a maioria das pessoas falam que sofrem, ne.
É ... meus filhos mesmo eles sempre foram pra escola, sempre é ... falaram o japonês assim dentro de casa falava, eu falo português com ele, mas no começo é ... por eu saber japonês eu, eu ensinava muito, né. As palavras assim, em português em japonês né. Eu deixava eles falarem japonês porque logicamente eles aprendiam na escola né, eu deixava eles falarem japonês quando não sabiam alguma coisa, mas eu traduzia para o português e eles já decoraram...já decoravam o português as palavras, ne. Então em casa de adaptação eles nunca sofreram assim não.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Que eu me lembre não, assim acho que pra mim também era muito novo de se... porque até então eu sempre fui aluna, né. Agora eu era a mãe, né, então era diferente, né, de... é tentar entrar no círculo dos pais japoneses de participar da...dos trabalhos de escola, das coisas, né, pra mim foi novo, mais assim, eu me acostumei bem também não era aquele bicho de sete de cabeças, e eu acho que... é meu filho ajudou muito, ele sempre foi muito comunicativo , né. Então todos os pais conheciam ele e me conheciam por causa dele, né. Eu não tive, eu não lembro de ter tido nenhum tipo de problema assim.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?
... é que na verdade com o Kenji eu nunca tive problema com ele, a ... normalmente a maioria dos jovens é normal chegar na faixa etária dos ... dá sétima série, mais ou menos, né... que é o chuugakko aqui no Japão, começa a se revoltar assim, né, ficar um pouco agressivo, assim, e o Kenji nunca teve essa fase. É ... na verdade até hoje eu espero essa fase dele, mas nunca veio, né; É... não sei se é porque eu sempre conversei com ele, como eu fiz chuugakko e shogakko, eu sei como que são as escolas. Muitos antes dele ingressar nas escolas eu sempre conversei com ele sobre as mudanças, ... né. Porque do shogakko para chuugakkou é uma mudança muito grande de ambiente de como os professores vão te tratar. Então, conversei com ele sobre isso, conversei sobre ... aqui no Japão é ... a partir do chuugakko começa a ter muito esse negócio de senpai e kouhai, os veteranos né, eu expliquei sobre isso para ele também, né, ... e também expliquei o que eu senti na época, né, que além de ter todas essas mudanças da escola de ambiente, também tem a mudança de corpo, né uma criança vai virando a virar adolescente e começa a ter corpo diferente hormônios e fica tudo a flor da pele e é muita mudança para uma pessoa só, né. Então eu tentei preparar desse modo ele, né, conversando com ele, é...antes dele entrar no chuugakko é.. ele fez um pouquinho de terapia com a Carla também, pra ajudar mais a prepara ele, né. E... então hoje....assim... esse tipo de conversa com ele eu tive sempre quando ele ele ia entrar nas escolas novas, né. Do chuugakko para o colegial que é o kouko eu também tive essa conversa, é outro ambiente né, é ... o colegial é logico que você vai gostar mais, eu falei para ele, que é mais livre não tem aquela tanta cobrança, e realmente ele gostou mais. Então ele fala que essas conversas ajudou muito preparar ele. Porque ele via assim os outros amigos, assim..., perdidos, meio revoltado com tudo assim, né...Ele fala que ajudou muito, então eu não tive problemas com ele até hoje não tenho problemas, assim...com ele, né.

- A sua experiência na escola também ajudou ele?
Ajudou, né. Então ... assim ... a parte ruim e boa de ter um adolescente na escola japonesa, é ... eu acho que não consigo te falar ainda, né. A minha filha vai entrar no chuugakko ainda, então pode ser que com ela .... seja diferente, ne. Mas assim, eu posso te falar da minha experiência, né. Eu ... eu gostei de estudar em escola japonesa, lógico teve suas dificuldades de adaptação no meu caso eu tinha vindo do brasil, mas assim eu gostei, né. Aprendi bem o japonês assim, né. .... A parte ... é eu não sei se é boa ou ruim, né. mas acho que também depende muito dos pais, né. No meu caso ... é, a minha mãe trabalhava muito, né. Não é julgando ela, né, era uma necessidade da época nossa, né. Ela trabalhava muito, então não tinha muito tempo de conversar com ela, né. E.....como eu passava muito tempo na escola eu não tinha aquele momento de falar o português. Eu só falava o japonês, então eu estava esquecendo o português. Quando eu ia conversar com a minha mãe travava o português. Então eu conversava com ela em japonês mesmo, e tipo assim, em vez dela ... é chamar minha atenção ou tentar me corrigir forçando eu falar em português, não. Ela deixava eu falar em japonês do jeito que eu tava falando só para entender, né. Então por isso, assim, eu fui esquecendo a linga, né. Então nessa parte eu nunca deixei eles falarem o japonês aqui dentro de casa, dentre eles, porque normalmente acontece dos irmãos conversar em japonês, né. É .... mas eles conversa em português mesmo e até meu filho que é um pouco mais chato, né. quando minha filha não sabe de alguma coisa, ela começa a falar muito em japonês, vixi, ai ele vira o bicho, ele ficha bravo. “fala o português” “que não sei o que” ai a gente finge que não entende, “hã não entendi o que você falou”. Ai ela força, né,.. a falar o português assim, coisa que ela não sabe a gente também ta ensinando né.

- Por que você achou importante manter a linga portuguesa/brasileira mesmo você tendo o objetivo de morar no Japão?
Porque ... eu sei japonês, né. eventualmente eles vão crescer a gente vai precisar ter umas conversa séria sobre as coisas, explicar sobre as coisas eu não que eu consigo explicar em japonês, mas meu marido não, tipo ele sabe japonês bem pouco, né. Aí eu fiquei imaginando, como que eles vão crescer sem conversar com o pai, se precisar ter uma conversa séria, meu marido não vai facilitar conversar com eles, eu não quero isso, né. e outra eles não vão perder nada é ... aprendendo mais uma língua, que é possível, não é impossível né. É... na época que quando eles eram pequenininhos eu pegava muito exemplo dos que eu via... dos pais que conseguiam ensinar bem os filhos o português e falava super bem o português e o japonês e eu falei, nossa é possível, então fui baseando nisso, né.

- Teve algum momento que eles achavam que seria desnecessário aprender outra língua?
Tiverem, como toda criança, porque eu lembro que eu também tive. Mas eu puxei muito do que eu senti na época, né. Porque eu sentia vergonha, né, assim eu na época eu achava que sendo japonesa eu ia sofrer menos, né. Então a partir daí que eu comecei a conversar com eles, né. Eu falava, olha independente de vocês serem japoneses ou não, né. Se tiver sofrendo de medo, vão sofrer, se você for gordo e magro vai sofrer, porque o que as pessoas as vezes querem é tirar o sarro então qualquer coisa que você tiver e se eles quiser tirar o sarro eles vão achar. Né. Aí eu falei, "vocês são brasileiros porque mamãe e papai a gente é brasileiro, mas vocês nasceram aqui". Aí eu mostrava, tentava mostrar para eles que não precisava ter vergonha, é ao contrário tinha que ter orgulho, né. Eu falava muito isso para eles, "olha só ... seus amigos, quantas línguas eles conseguem falar?" A só japonesa. Então, vocês conseguem falar japonês e o português e fora a pronúncia, que quando vocês vão aplicar falar o inglês vocês conseguem pronunciar certinho. Então eles...assim eles começaram entender, começaram a se sentir bem com isso, né.
Eu sempre coloquei, não vocês são brasileiros, vocês são brasileiros, apesar da cara ser japonês. É... era engraçado que a minha filha que ela tem muito disso, né. Que ela é brasileira e todo mundo olha pra ela com aquela cara de japinha falando japonês isso não sei o que, não, você é japonesa, não eu sou brasileira. Ai eu acho que quando ela tava na segunda série uma coisa assim, ela voltou para casa triste, né. Eu falei, "Lalinha que que aconteceu? Mamãe, eu to falando que sou brasileira, eles ficam porque sou japonesa, eu não sou japonesa, sou brasileira." Risos.
Eu falei, você ta certa, você é brasileira, você não é japonesa, né. Então eu consegui grava isso neles com que eles gostasse, né. e nisso, tipo, o que era o bom, porque o ruim eles já conheciam. Né. E graças a Deus eles conseguiram enxergar, então, eles não tiveram assim.
Só que assim, eu sempre respeitei também os momentos, né? Por exemplo, eu falei pra eles, eu não vou chegar aqui na escola e falar o português mo alto com eles, também, porque é logico que eles vão sentir vergonha. Eu não vou fazer isso com vocês, né. Só que eles entenderam também, que eu não consigo falar japonês com eles, e eles também não conseguem falar japonês comigo, né. Então quando eles vêm falar comigo eles falam baixinho "ah mãe é isso, isso, aquilo, que não sei o que", né. E... Eles acostumaram também, os amiguinhos já acostumaram de ver eles falando português, que na escola tem outros brasileiros, né, e muitas vezes eles ajudam, né, traduzindo essas coisas assim, então não, ...já tá tudo acostumado, né... não tiveram assim essa dificuldade.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?
Por enquanto é ajudar eles a formarem na faculdade, né. É...no começo meu filho não queria fazer nem colegial, né. Eu que ... insisti muito e falei como o colegial poderia ser bom e que era importante ele ter pelo menos o colegial e depois se ele não quisesse estudar não teria nenhum problema, né. Hã... ele foi pro colegial conversou com várias pessoas e colocou na cabeça que ia fazer faculdade, né. Eu fiquei toda contente.ne. Então eu...sempre falo que os estudos é importante, né. Hã...Então, tipo assim, nosso objetivo assim por agora é com eles, né. eles se formarem, tudo, né...É...

- Ele já sabe qual curso fazer ou não?
Então, é que agora ele entrou no colegial de mecânica, né. Porque na época ele gostava muito de mecânica só que agora ele falou que não quer fazer faculdade de mecânica, né. Ai ele tá em dúvida em ... é tecnologia as informática, tecnologia alguma coisa assim né, e....qual que era o outro? ... A...não lembro agora antes de ontem ele tinha me falado o outro. Tá em dúvida assim ainda, né.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera?
Uhum.

- Sobre ele fazer faculdade aí no Japão, o objetivo é conseguir um trabalho melhor?
Também.

- Seu marido trabalha com o que?
Ele trabalha com...dirigindo empilhadeira. É uma fábrica de suco, refrigerante assim, né.

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Sim, eu tento ... por exemplo eu não posso falar de mim porque eu não cheguei até a faculdade, né. Mas eu tento mostrar para eles o que há de bom, né ... na faculdade, né. É ... fora, fora também em relação a serviço, né. Porque eu falei é normal a gente ter dúvidas, né. No que que vai estudar, no que que vai trabalhar. Mas eu falei para ele "não tem nenhum problema também de você fazer uma segunda faculdade, ou um outro curso, ou pegar um outro serviço, né. Só que eu sempre falo pra ele "só que tem que terminar", né. Porque colegial ele entrou eu falei "não gostou, tudo bem que não gostou. Aguenta mais uns dois três anos até terminar o colegial" né. Então... a faculdade eu falo a mesma coisa, começou o curso, as vezes acontece, que nem é normal, eu falei pra ele, é normal você não gostar do curso as vezes, né. Mas termina, termina depois começa alguma coisa, porque você não vai perder em nada em terminar o curso, é ao contrário se você pagar pela metade ai que é ruim, né. Então eu coloco isso pra ele, eu coloco também...em relação a serviço que quando você tem estudos, faculdade, para você subir de cargo você consegue subir de cargo, se você só tem colegial você não consegue fazer isso. Então você tem mais oportunidades de serviço e você tem escolha, né. O que acontece muito aqui no Japão, as vezes por causa da língua, não tem escolha as pessoas que trabalham, né. E eu quero que ele tenha essas escolhas, várias escolhas e ele trabalhar com o que gosta, né.

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?
Não, risos.
Uma porque eles já estão estudando aqui, ... uma porque eles estão estudando aqui e eu acho que eles vão querer ficar aqui, né. e outra eu não vou embora para o Brasil para ficar longe deles, sabe? Eu sei que eles vão crescer, eventualmente pode ser que eles vão morar sozinho, ou mesmo que se vá para outro país morar, né. Mas vai ser uma opção deles, né. Agora de eu pegar e morar longe deles, eu falei "eu não aguento, eu não aguento". Pelo menos, que seja pelo menos no mesmo país, né. Ou seja, se eles falarem "a mãe eu vou morar nos Estados Unidos então vai, mais tipo, eu to aqui". Entendeu .... né. Então essa opção de ficar longe deles eu não coloco, por isso que para mim tanto faz pra onde eu morar vocês, né. Risos

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
Qual é o ponto bom, você fala?
O ponto negativo seria que...quando eu vejo uma criança estrangeira criada aqui no Japão e não, e não aprende a língua materna, dos pais e nem a cultura local. Né. Porque tem criança que só sabe português e tem criança que só sabe japonês, né. Eu acho que se a gente tem a oportunidade de vim para outro país é importante a gente saber da cultura da língua, aprender, é uma oportunidade que ninguém tem assim, tipo, tem muita gente que quer aprender ... por exemplo, que quer aprender inglês, aprende inglês, aprende inglês mas não consegue, tipo, ir para o Estados Unidos ou morar, entendeu, então, tipo, vê como uma oportunidade isso, né, e ta aqui de ta apendendo, né.
A...eu não sei direito...eu não sei explicar.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
Aqui nas escolas japonesas tem muita reunião, tem ... é ... tem aula com participação dos pais, que falam, né. Que eles fazem as aulinhas e os pais vão lá assistir. Né. Tem as reuniões que eles fazem com os professores, ne. E as vezes é... quando vai crescendo assim no colegial não tem tanto, né. Mas na fase de jardim pré, tem muito...muita... muita ajuda que a escola pede, né, tipo em eventos essas coisas, né, então eu sempre procurei participar de tudo. É... mesmo eu trabalhando, essas coisas eu ... eu sempre quando começava um trabalho ... já, assim, já fui bem clara, né. Se ter alguma reunião, alguma coisa da escola dos meus filhos eu vou faltar. E eu vou. Né. Então... pra tudo eu pude, né, eu consegui participar de reuniões de eventos, ajudar, né. E nisso também eu conseguia ter uma aproximação, amizade com os pais japoneses também, né. Hã...e outra, que pros filhos, eu não sei direito ... mas eles vê a gente na escola fazendo alguma coisa eles se sentem, né. "Ai minha mãe tá lá, não sei o que", né. Então é muito gostoso, né. É dessa forma que eu tentava ficar mais perto deles, participando das coisinhas deles, né.
Porque eu sempre falo para eles, que as coisas deles, os problemas deles, são meus problemas, importa também. Não é porque é criança, não é porque é menor, não existe isso, problemas são problemas, né. Importa para mim também.
É...então dessa forma eu tento participar...hã....entre as amiguinhas assim, os amigos, meu filho não tem... tanto amizade assim, porque ele já é ... ele gosta de ficar mais sozinho, né. mais minha filha tem bastante amizades assim, né.

Então eu tento, assim, fazer as coisinhas junto, há, chama uma amiguinha, vamo lá no shopping, vamo fazer isso. Ela gosta né.
Hã....é assim que eu tento tá assim mais na vidinha deles, né.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Nossa, é complicado em. Risos.
Hã ... nascido e criado aqui no Japão logicamente ele vai ter traços japoneses também, né.
Eu acho que ... é muito diferente de você ver uma criança brasileira, né. Ele tem esse "q" de japonesa, né. Mas ao mesmo tempo, tem certas reações dele que é bem de brasileiro né. Do tipo assim ... ele é muito ... ele é muito certo nas opiniões dele, né, já teve ... é já teve um certo problema por causa disso, mas agora já superou, já entende, né. Assim, de ter uma opinião forte, né, e antigamente ele não conseguiu aceitar porque que as pessoas não pensavam da mesma forma que ele ... Né. Ai eu explicava para ele, tudo né. Que não tinha nenhum problema das pessoas pensarem diferente, o que importa é o que ele ta pensando, tudo. E que ele não tinha que mudar ninguém, né. Opinião dele é só dele, né. Então nessa parte eu acho ele bem brasileiro, sabe, de ter a opinião forte e de quando assim, a pessoa não entende o que ele tá falando ou que não vai entender, ele simplesmente vira as costas e vai embora. Ele pensa "ah, não adianta insistir, eu já falei". Né. Então nessa parte eu acho que ele assim, bem brasileiro, né.
Isso eu acho um lado bom dele, porque ai ele não vai nas conversa dos outros, né. Eu sempre falei para ele que ele tem que fazer o que ele acha certo. Mesmo que seja errado, mas ele fez o que ele acha certo não o que os outros achou. Então pra ele independente se é professor, se é amiguinho, se falou alguma coisa assim e ele ve que é errado ele não faz. Né. Tanto é que os amiguinhos assim... no começo ... brigavam com ele, né. Por causa disso, né, "ah mas você tem que fazer assado que não sei o que" principalmente no chuugakko por conta desse se veterano, essas coisas, né. Os veteranos queriam que ele fizesse certas coisas e ele não fazia.
É ... ai ele fala então vocês que fazem. Só que que acontecia por ele não fazer, os outros pagavam, tipo, ah ele não vai fazer então faz você, só que ele também não tava nem ai, porque ele fala é vocês que quer fazer porque quem ta tomando a decisão são vocês.
Então nessa parte eu acho ele bem assim ... brasileiro. Né, eu acho que é uma parte que... que eu consegui ser tanto, né.

- No geral, ele acaba tendo mais traços japoneses por ter sido criado ai? Apesar de ter alguns traços brasileiros também?
Eu acho que no brasil é muito ... os adolescentes são muito pra frente, né. Eles entendem muitas das coisas, mesmo porque as novelas assim, ensinam muita coisa, né.
Então é...é diferente sabe?

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
Meia a meio, porque eu sempre... eu sempre gostei de... tanto comida brasileira como japonesa, né. Então eu sempre fiz meio a meio e ... e eles sempre comeram meio a meio.
Só assim ... em questão de televisão assim que eu nunca fui fã de assistir coisa brasileira, né. Então eles não têm muito esse costume de assistir, né. É meu marido que assisti mais, tipo notícias, né. Hã ... Só que eles não são muito de televisão brasileira assim, né.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
É que agora por eu estar trabalhando com a Carla eu tenho mais contato com brasileiro do que japonês, né. meus amigos mesmo são só brasileiros, né. Os amigos do meu marido também são só brasileiros, né. Mas eu acho que no caso dos meus filhos fica bem dividido, né. Porque como eles vão para a escola japonesa eles tem os amigos japoneses e eles também tem os amiguinhos brasileiros que estudam juntos, é... isso no caso da minha filha, né.
Hã...na idade do meu filho já não tem tanto brasileiro assim, né. Então ele não tem amizade assim com brasileiro, assim, né.
Mas já não sei qual que eu me sinto assim, pra falar a verdade, porque é tão divido sabe.

- De certo modo o suporte é de ambas as redes?
Aham, certo.

Família 1 – Entrevista Pai

Nome completo: Roberto
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Kenji

Sexo: ( ) Feminino (X) Masculino
Idade: 36 Anos **Data de nascimento:** 19/09/1983
Escolaridade: Segundo grau incompleto
Grau de descendência: 3º geração
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): 23 anos
Durante esse tempo, já voltou para o Brasil: Voltou uma vez com 17 anos.
Profissão no Japão: Empilhadeira
Província onde mora: Guma
Estado de origem no Brasil: Três Lagos/MS
Estado Civil: Casada **Se casado, há quanto tempo:** 16 anos
Quantos filhos tem: 2 filhos (uma menina de 12 anos e um menino de 16 anos)
Idioma falado em casa: Só português. "Dentro de casa é só português. Somente português. Porque na verdade a gente colocou como ... como assim ... a gente colocou como regra, né. Porque como eles já vão pra escola japonesa, eles já vão aprender o japonês na escola, né. Então a gente já colocou uma regra de só falar português pra eles mesmos aprenderem o português. Porque a gente já viu exemplos de alguns amigos dos filhos que não falam português. Então, aí fica complicado, porque igual a Luci, no caso, ela é fluente no japonês, eu sei, mais assim eu é só o básico, né. Então alguma coisa, precisar ter uma conversa mais séria alguma coisa pode ser que eles não entendam, né, mesmo assim eles falam bem português fluente, mas o vocabulário deles não é rico em português, ai muitas coisas as vezes eles não sabem falar em português, ai ele fala em japonês, a gente explica pra ele português o que é, né. Então, dentro de casa somente português"

- Eles acham ruim em ter que falar só em português em casa?
Na verdade ... bom você conversou com o Gabriel, né? O Kenji quando era pequeno ele não entendia o porquê disso. Porque ele começou a ir pra escola japonesa, lógico os amigos dele só eram todos japoneses, só falavam japonês, então ele questionava muito por que que ele tinha que aprender o português, né. Então a gente sempre explicou, que era bom ele aprender, pra poder falar ... mesmo minha mãe assim, os avós dele não falam japoneses fluente né. E eu ... a gente inventou pra eles que eu não sabia falar japonês. Porque a Luci que acompanhava ele na escola tudo e ele via que a mãe dele falava japonês, né. Eu como só ia raramente na escola, aí a gente pegou e começou a falar pra eles que eu não entendia japonês. Né.
Porque aí era até, eles ... pegavam e ... eles mesmos quando eram pequenos eles traduziam as coisas pra mim. Para você ver como eles ficaram tão fluente e já era tão automático falar as duas línguas que já era natural pra ele traduzir as coisas. A gente saia nos lugares assim, eles viravam pra mim e falavam: "o pai falou isso, isso, isso". Entendeu? É, então a gente acostumou eles assim, a gente quis acostumar eles assim, né.

Questões:

1 - Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
Então, na verdade o motivo foi financeiro, né, como a maioria, né. E na ... na época minha mãe já era separada do meu pai. Faz, já eram 7 anos que meu pai mais minha mãe já tinham separado, né. Aí tem aquele problema de não mandar pensão, essas coisas né. Ai, minha mãe pegou tomou essa decisão difícil de vim pro Japão, porque eu tenho um irmão mais velho, 3 anos mais velho, né, mais velho que eu no caso. Então quando veio na época ele já tinha idade pra pode trabalhar, eu não tinha idade pra trabalha, por ser menor de idade, ai então na época minha mãe, até minhas tias, ofereceram pra deixar eu no Brasil com eles, né. Ai minha mãe, eu falo, minha mãe foi guerreira porque ela não, falou: "ninguém vai ficar pra trás", né, e trouxe eu junto, eu sem poder trabalhar, na época não sabia japonês, não podia ir pra escola, não podia não, eu não quis ir pra escola. Ai minha mãe e meu irmão iam trabalhar e eu ficava em casa sozinho. Sozinho, o dia inteiro praticamente sozinho.

- E como foi essa adaptação para você com 14 anos?

Não, foi complicado, não é fácil não. Então...porque ai...ai meio que eu fiquei responsável de fazer as coisas em casa. Entendeu? Aí partiu de mim, né. Como ... eu desde o Brasil já ajudava e já sabia a cozinhar, fazer as coisas básicas de casa. Aí eu ajudava minha mãe tudo. Minha mãe trabalhava, dependendo se o pessoal trabalhava muito minha mãe voltava 9/10 horas da noite pra casa, ela e meu irmão. É ... então, ai praticamente eu já tinha limpado a casa, ai eu aprendi a fazer compra, ai já fazia comida, chegava em casa assim, minha mãe, já tava tudo pronto, janta, comida, casa tudo limpo, deixava sempre feito as coisas pra ela, né.

- Sua mãe e seu irmão nunca voltaram pra Brasil?
Então, na verdade minha mãe tinha se aposentado ano passado, né. A ideia dela era ir pro Brasil pra ficar né. Ai, ela foi pro Brasil, quantos meses agora? Foi ano passado, ficou uns 3, 4 meses, só que ela foi de começo pra passear, né. Mas ela foi vê mais pra ver mais como que tava a situação, né. Mais o plano dela era ir e voltar. Assim, o pensamento dela, tanto é que ela voltou e... na verdade ela queira ir até embora, mas com negócio da pandemia agora ela tá segurando né, pra ir, não dá pra viajar assim. Mas a ideia dela é ir, mas eu to ... conversando com ela porque meu irmão mora aqui no Japão também, né. Então se ela for pro Brasil ela vai ficar praticamente sozinha e com os parentes só, né. Então aí é complicado, assim, né, essa parte, né.
Sim, então, ela tá morando comigo agora, né. Ela tava ficando na casa do meu irmão e agora veio morar aqui comigo, né. Então, eu ... ela ... e tem meu padrasto, o marido dela, né, que não é meu pai. Ai a gente conversa, né. Opa, eu quero que eles fiquem aqui pra gente pode ajudar, né. Que já são de idade tudo, né. Só que ai ... eles ficam incomodado, né, que ... fica em casa, negócio de ficar incomodando, parte financeira, eu falo "não se preocupa com nada, passar fome a gente não passa". Porque assim ... a preocupação deles é essa, né. Que atrapalhar negócio de espaço, privacidade.
É, acho que todo mundo, né. Fica assim, em casa de favor na casa, né. Acho que, ser humano, acho que é normal de ser humano, né.

2 - Os filhos participaram dessa decisão? Não se aplica

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão? Não se aplica

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Então, é ... eles tão na escola, desde o ... do ... do jardim, né, do pré escolar sempre em escola japonesa, sempre, né. É que na verdade a gente sempre teve o intuito ... de não querer ir pro Brasil mais, então já pensando nisso em futuro de seguir carreira escolar aqui no Japão, né, nosso pensamento desde pequeno. Lógico, né, a gente nunca sabe, a gente pensa numa coisa, né, mais, mais nossa ideia, assim nosso plano, desde que o Kenji começou, por exemplo, a gente ... começou a ir pro ... pro ... pra escola mesmo, né, depois que ele saiu do pré-escolar já firmou isso, né, logo, mais até eles se formarem na escola a gente vai ficar aqui, né. Mais a ... a gente mesmo nunca teve vontade de ir embora, porque tanto os pais da Luci essas coisas estão aqui no Japão, então a gente não tem tanta necessidade de ir embora assim, né. Entendeu?
Então, que aí igual, minha mãe fala que quer ir embora, né, mais igual, né, a gente fala, coração frio, mas eu falo: "eu não vou embora, né". Minha mãe me entende, ela sabe que eu não vou embora também, por causa dos meus filhos também, né.
Entendeu? Eu não tenho coragem mesmo, mesmo se eles crescerem, igual Kenji já tá com 17, mesmo daqui, sei lá, 3, 2, 3 anos, vai pra faculdade, vai morar sozinho, eu não tenho coragem de largar ele sozinho aqui e ir embora por causa da minha mãe também, né. Então é complicado, né. To tentando convence minha mãe a ficar, né. Na verdade, né. A ideia é essa, né.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Olha, então ... o bom, bom nosso, meu e da Luci é que a gente é descendente... japonês pura, assim, né, não tem nenhuma mistura de... de sangue, sem ser japonês, né. Então a fis... fisionomia deles é de japonês, entendeu? Num tem aquele, se mestiço, traço de ... de ... de brasileiro puro assim, né, ou da mistura. Então o pessoal mesmo que não conhece, acha que ele é japonês. Entendeu? É dos traços, é, isso. Tanto é que tem gente que não conhece muito e vê eles e ... num ... num fala que é brasileiro, né. Então essa é uma vantagem, da ... da nossa parte, né. Entendeu? Mas o Kenji quando era pequeno ele ... ele ... ele se sentiu, ele mesmo se sentiu um pouco assim meio estranho, quando era pequeno. A gente via que ele se sentia, né. A gente começou a explicar, né. Tá assim, tá ele começar a entender que a gente entre aspas querendo ou não a gente é estrangeiro aqui, né. O nosso modo de viver é um pouco, assim, é um pouco diferente do japonês tradicional, né. Então hoje em dia, e ... igual mesmo a Larissa mesmo já são grande eles já sab... entendem essa diferença, né. Por mais que a gente mora no Japão, eles, entre aspas eles são japoneses, meus filhos, eles nasceram aqui, mais né, querendo ou não a nossa cultura que a gente vive dentro de casa é uma cultura brasileira mais, né. Então a gente sempre explicou pra eles, assim, tentou explicar na medida do possível um pouco da diferença disso aí, né. Então assim, entre aspas um pouco diferente do japonês nativo daqui, né.

Então, igual a Larissa ela já tem 13 anos, então, ela né. Tá ficando mocinha ela fica meio confusa as vezes, tanto é que ela veio perguntar, né, "Porque que eu sou brasileira?", sabe? É, tipo assim, dentro dela fica na dúvida, né. Sabe? Que ela deve se sentir japonesa, por tá sempre aqui com os amigos japoneses, né. E dentro de casa se brasileira, assim, acho que, num sei explicar mais dentro dela as vezes da pra ver que ela ficou meio ... sabe? Confusa assim, né.

É um negócio muito engraçado, né. Num sei se você já ouviu isso aí, igual eu sou brasileiro, né, sou descendente de japonês, se tá vendo minha cara, só cara de japonês, eu ... eu no Brasil o pessoal me chama de Japonês, certo? Aí eu venho aqui pro Japão, pessoal me chama de estrangeiro. É ... então. Você já ouviu falar o termo gaijin, já viu o termo gaijin, é bem pejorativo, o que eles falam assim, né, meio que discriminando, né. Então eles falam: Ah o gaijin, né? Mas eu falo "como eu sou gaijin, meu vó, meu vó é japonês, foi ... a única coisa foi minha mãe que nasceu no Brasil, mas eu sou japonês". Aí os cara muda, né. Eles ... eles ... assim, eu sou diferente dos mestiços, tratamento mesmo dentro da fábrica assim onde eu trabalho, um cara que é mestiço que tem traço assim, já não japonês puro, eles já são tratados diferente, e japonês é muito preconceituoso. Num sei se você já ouviu falar isso.
A discriminação é grande, entendeu? Então, nessa parte minha família não sente tanto, né. Mesmo eu também, e a Luci também, tanto é que ... assim, pessoal só sabe que é estrangeiro porque as roupas as coisas, estilo de roupa é diferente assim da cultura, né. Então eles sabem muito pelas roupas, mais, tipo assim, se eu colocar uma roupa igual estilo japonês e sair, pessoal num fala, né. É, eu passo, tanto é que muita gente ... começa a trabalhar comigo assim, se eu fica quieto e num fala nada eles acham que eu sou japonês, entendeu?

- Você vê isso como uma vantagem? Ter o rosto parecido pelo sentido da discriminação?
Sim, eu sempre achei mais tranquilo, principalmente em fábrica grande, que se trabalha com muito estrangeiro essas coisas, os japoneses mesmos, assim os chefes japoneses já te tratam diferente. Por saber ... por eu saber o idioma também essas coisas, já né, facilita muito.

- Você acha que tem muita discriminação aí no Japão?
Sim, sim, sim. E a diferença é grande, a discriminação aqui, nossa, é muito grande. Ainda mais na região onde a gente mora, se você conhece a região onde a gente mora tem muito estrangeiro, muito brasileiro. Então dá muito problema, por causa de não sabe idioma, ai eles, né, discriminam por ser brasileiro, assim, né, brasileiro, traços brasileiro, ou brasileiro puro, né. Entendeu? Mas acho que é uma coisa normal porque é choque de culturas, né.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?

Assim, se fala em discriminação essas coisas assim? Falando assim ... esses problema, assim, eu não agora, não me lembro assim de nada assim, que seja marcante, mesmo pra bom pra ruim, assim, pelo fato de ser estrangeiro. Acho que num tem muita coisa não, igual eu falei pra você, como o pessoal aqui da região ta acostumado conviver muito com estrangeiro a gente não sente tanto. Entendeu? A ... aqui ... que essa região da cidade onde tem mais brasileiros, assim, estrangeiros no geral, né. Então as escolas mesmo assim, mesmo pessoal japonês tá acostumado convive com estrangeiro eles não tem tanta, né, sabe? Já acostumaram um pouco assim, né. Entendeu?
Aqui, a maioria, é o pessoal brasileiro que mora aqui, ... eu moro há 30 anos quase na cidade, então já, eu já sou meio que uma da segunda ou terceira geração que mora assim, né. Então a gente já tem muita facilidade nessa parte assim, né. A escola já tá preparado, já entende mais os brasileiros, tem tradutor na escola pra quem não sabe. A gente nunca precisou, mas tem famílias que precisa, desse lado assim, né. Mas eu, igual eu falei pra você, por a gente ser muito parecido com japonês, em termos assim de ... de dificuldade, alguma coisa assim, que eu me lembre não, escola assim, que eu me lembre assim, num lembro muito não. Só lembro de coisa vantajosa da escola, porque ele sabe que a gente é brasileiro as vezes tem feira essas coisas assim, uma vez eles pediram pra gente fazer churrasco brasileiro, que japonês gosta, né. É ... quando a Larissa é ... da Larissa no caso a minha filha, e eu to... no jardim no ... no último ano lá, tem a Matsuri, né. Sabe, Matsuri? Ai, ai cada um, pessoal ficou encarregado de fazer um pouco, leva um pouco de comida essas coisas, né. Ai como a Luci fazia parte lá do comitê que organizava, ela pegou falou "ah, eles queriam alguma coisa brasileira assim, né". Aí deu a ideia de fazer churrasco, e japonês gosta e aí vendeu tudo. Foi ... vendeu tudo antecipado, é foi sucesso, né. Então acho que um lado bom, sim, ter pelo menos lado bom assim, né. Coisa ruim, não acho que num, coisa grava assim, que me lembre assim, acho que não, por, pelo falo de ser estrangeiro alguma coisa assim, discriminação eu acho que não.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?

Olha ... né, então. Igual ... eu ... eu ... vou falar ... eu vou dizer assim, como a gente tem muito tempo no Japão, a gente não tem muito contato, nessas parte com pessoal do Brasil, eu mesmo tenho poucos contatos com pessoal do Brasil, tem os primo tudo, mas né só converso coisa básica. Falando profundamente assim, né, sobre o Brasil, eu num sei, o que seria, né, diferente alguma coisa assim, né, mais, acho que a única coisa assim, é o negócio de ... de ... de ... como é que fala ... é ... convivência de calor humano mesmo, porque os japoneses são mais frescos assim, né. E o Gabriel, Kenji gosta muito negócio de abraçar, vim dá beijo, essas coisas assim, mesmo ele sendo grande, né, ele vem deita aqui na cama comigo, né, entendeu? Ele gosta. Ele é meio ... nessa parte eu falo "que ele é brasileiro", porque ele gosta de calor humano, né. E no Japão não tem muito isso, né. Então, é ... essas coisas, é mais nessas, nessa parte afetiva, que japoneses não tem muito, né. Tanto é as vezes ele vai ... ele vai ... ele vai no ... no ... na ... no jardim de infância que ele estudava ele vê as professoras dele, né. E como ele era pequeno ele sempre foi lá abraço e beijo as professoras, mesmo depois que ele saiu da escola e cresceu um pouquinho e ia lá, as professoras ficavam com receio, que japoneses não faz isso, né. Mesmo com ... mesmo com criança de nove, dez anos, né. E nessa parte via que ele queria chegar abraçar a professora, professora ficava meio assim, sabe? Então a gente explicou pra ele, né. Entendeu? É, nessa parte acho que ...assim diferença grande que eu posso é nessa aí mesmo, né. Porque igual ... eu num tenho mais noção nenhuma, Brasil assim, né. Eu me desliguei, eu falo pra você assim, televisão essas coisas assim, malemá, vejo algum vídeo assim de ... mais nem notícias do Brasil quase não vejo, sabe? É, malemá assim, pego abro um site aqui, vejo uma notícia outra, né, mais fala assim, que eu tô por dentro que acontece no Brasil, nem negócio de política essas coisas assim a gente só ouvi o básico assim, mais nada profundo assim, sabe. Então a gente meio que se for perguntar pro Kenji coisa do Brasil, mesmo pra crianças, eles num sabem nada, e também num se interessam né, que como a gente num tem plano de ir embora, a gente num falou que quer ir embora então eles né. Tão com a vida deles como se fosse pra ficar aqui mesmo, né.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?
Ah, bom, igual eu falei, né. Querer ir embora a gente num vai mais, né. Igual, igual, único plano que a gente faz é para as crianças, né. Que quer que eles se formem, né, tem um, né, consiga se formar, num sei se vai conseguir trabalhar na área dele. Preocupação de pai, eu acho assim, né. A gente faz plano, mais ... né. Então ...

- E para o Gabriel?
É, então, ele quer ir pra Faculdade, né. Que faculdade aqui é difícil, porque é caro, e é difícil as vezes conseguir um curso bom. E ele tá na dúvida do que ele quer fazer também, tem esse lado ainda, ele já vai entrar no último ano, e tá no último ano e tem dúvida do que ele quer fazer ainda, né. Então eu converso com ele, só que ... eu ... eu ... igual eu falei pra Luci, eu num quero forçar ele da opinião e fala: "não faz isso", né, a gente deixa ele a vontade para escolher o que ele quer, né.

- Vocês conversam bastante com ele sobre isso?
Sim, é então agora mais a gente nossa preocupação pelo menos agora é faculdade, né, escolher o curso que ele quer, que que ele vai seguir, né. Igual eu falei pra ele "terminou uma faculdade, pode fazer outra depois, né." Porque, ele tá numa idade que é complicado decidir, né. Ainda mais que é uma coisa pra vida toda, né. É, então, então a gente deixa ele a vontade, a gente falou pra ele, né, "faz um curso, escolhe um curso que acha que quer fazer agora, termina esse, depois se pode fazer outro", né. Se tiver condições financeiras dele, ele tiver trabalhando, conseguir pagar outro, eu falei pra ele "pode fazer outros cursos também", né, pode ser que ele mude a cabeça dele, né. Então, porque ... é uma decisão muito difícil, né, pra tomar nessa idade, né. E como eu e a Luci não quer ficar influenciando, então a gente não fica enchendo a cabeça dele, sabe, "ah, faz isso, ah faz aquilo que é melhor", né. Ele que vem e pergunta, ele pesquisa as coisas ele vem e conversa com a gente "a pai que o senhor acha disso, ah que isso daqui?", né. Entendeu? Ai a gente da nossa opinião, mas a gente deixa a decisão toda pra ele, né, que a gente não quer influenciar, né. Entendeu? É complicado assim, um pouco, né.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera? Já respondeu

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro? Já respondeu

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê? Já respondeu

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
Pra ele, ele é japonês, então tem outro pensamento. Se você falar que ele é brasileiro, ele fica meio assim, né. Tanto é que eu já falei pra ele, quando ele chegar a maior idade aqui no Japão dá pra ele escolher virar japonês, né. Eu já falei, pra ele, é isso, isso, pra ele tirar cidadania japonesa, eu falei pra ele, que eu quero que ele tire, né.

Porque a gente não tem plano de ir embora, né. Por que como ele já vai ser a 4° geração né, fica complicado outras coisas, documentação parte, né. Então, então eu falei pra ele vira japonês, que ai já vai facilita tudo as coisas pra ele, né, pra vida dele, né, daqui pra frente, né, como ele vai entre aspas, viver como um japonês, né, falei pra ele "num é só porque você tem documento de japonês que você é japonês", né. Ele também fica na dúvida eu acho. Num sei se você já conversou com ele, mas ele fica meio confuso, então acho que deve ficar, né.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
É ... então .... é ... então, quando ele era menor tinha ... tinha mais tempo, né. Que agora como ele tá maior, já estuda o dia inteiro, ele trabalha fim de semana, então o ... o horário nosso junto, mesmo comigo, que também trabalho, então ... né, os horários, comigo mesmo assim, ultimamente ele tá sendo raro, raro assim, né. Mas ele tira folga no serviço fim de semana a gente faz alguma coisa ... né, mas também as vezes ele folga, ele já é grande, ele quer pegar as coisas, sair com os amigos, as coisas, né. Adolescente, então, a gente... eu num forço, né. As vezes ele tá de boa ele vem aqui, a gente gosta de jogar vídeo game, vê vídeo no youtube, alguma coisa junto, negócio de futebol a gente assisti junto, que ele gosta de futebol, né. Mas ele sempre vem, se precisa de alguma coisa ele vem e conversa, né. Aí ele pede... ele tirou carta de moto, ele pede minha moto emprestado, essas coisas assim, né.
É ... é adolescente, né, a gente não tem como prender mais, só orienta, né. É então, eu num ligo, né, a gente foi adolescente a sabe como é, a gente tende a só orienta, né, pra não fazer coisa errada, fazer né ... É ... mais nessa parte assim, mais ... na verdade ultimamente tanto pra ele quanto pra mim os horário agora acho que cada vez mais, vai ser mais difícil ele trabalhando.

- Foi por iniciativa dele começar a trabalhar?
É ... que na verdade foi meio a meio, né. Meio a meio, é ... porque ... ele tá no colegial, né, no Koukou aqui, né. E ele num conseguiu passar, passar no Koukou público, né, porque ele num tinha nota, né. Ai então ele foi pro um Koukou particular, né, muito caro a escola aqui. Então, ele ... esse negócio de dinheiro assim, ele sempre já foi meio ligado com isso ai então ele viu que ele, né, pisou na bola nisso ai, né. Que ele num estudou, tipo assim, ele né, a gente colocou no Koukou, a gente paga tudo, né.
Mas a gente fala pra ele, né, "Tem que trabalhar". É, ele ajuda a pagar, igual ele tem o telefone, ele paga conta de telefone dele, as coisinhas dele, ele trabalha, ele se vira, as coisas dele assim, eu num dou dinheiro assim pra ele pra nada. Que a gente falou pra ele "se quer, se quer comprar suas coisas, se trabalha e se vira ai", meio que a gente falou assim, né. E ele também ficou com peso na consciência, né. Ele sabe que é caro, né. Ai então...aí gente já falou pra ele como ele sempre quis ir pra faculdade, então a gente falava pra ele separa uma parte do salário dele, deixar depositado no banco, né, pra pode ajudar também, né. Ai, ele guarda uma parte do salário dele pra isso, né.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Ahh, então, igual assim, vou dar um exemplo assim, né, parte de...de...de vestimenta, igual parte de cabelo, eu acho que num tem como fugir, né, da ... dele ... no ... com amigos japoneses, então ele vai querer se enturmar, né. Então pelo estilo de roupa, corte de cabelo, tudo como se fosse japonês, né. Essa parte assim, né.
Sim, tanto negócio de... negócio de comida essas coisas assim, ele gosta de comida brasileira, tudo, mas ele né, parte japonesa ele gosta bastante, sim também, por tá habituado, eu acho, né. Entendeu? E as coisas brasileiras ele sabe que só come em casa, né, aí ele pede pra fazer as coisas.

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
Não, acho que ... num vou falar meia a meio, mas boa parte das coisas é brasileira, né. Que como a gente já convive tudo japonês, aí dentro de casa a gente deixa para comer coisas mais brasileira que a gente gosta como feijão, bife, essas coisas assim, a gente sempre faz, quando da, a gente sempre faz, comida brasileira assim.
Isso, eles, eles televisão só japonesa, num tem jeito. Mesmo computador as coisas que ele vê também youtube, essas coisas, tudo japonês, malemá, assim quando to vendo um filme português, né, que eu num sei ler japonês, ai eu coloco filme português, as vezes vem e fica assistindo comigo assim, mais o resto da ... dá vida deles praticamente a cultura é toda japonesa, né.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
Hum ... em ... é uma pergunta difícil de responder em, olha, é que ... a gente não ... a gente num é aquele tipo de brasileiro que convive muito com outros brasileiros, a gente os amigos brasileiros, tudo assim, os amigos assim, mais próximos, né. Agora se fala de suporte, precisar de ajuda pra fazer as coisas, né, às vezes, né, negócio de sair juntos, a gente sempre tem os amigos, né. Mas igual, na parte, igual, se você fala como parte de escolar, as coisas da vida, do Gabriel, por isso que eu falo, é praticamente japonês, entendeu? A escola, e ... as coisas da escola, os professores, coisa que precisa assim, da escola, ligada a parte escolar do Gabriel, nunca precisamos de

nada, coisa brasileira, assim, sabe? Nunca dependemos também de nada, ne. Como a Luci é fluente em japonês, essas coisas, sempre foi atrás só do lado japonês, né, nunca precisou dependente de nada disso assim, né, do brasil, brasileiro, né.
É, então é porque, é se for coisa realmente ligada as coisas do Kenji mesmo é mais parte japonesa, assim, num tem como fugir disso, eles praticamente vive uma vida de japonês, né, num tem como, né, amizade tudo. Mas as amizades, principalmente do Kenji é só japonesa, maioria da idade dele, tudo japonês, né. Ainda mais a escola que ele ta agora num tem muito estrangeiro, muito é só japonês, convive só com japonês mais, né. Entendeu? Mas é assim.

Família 1 – Entrevista Casal

Mãe: Luci
Pai: Roberto

1 - A ideia da migração veio de quem? Como foi, os motivos, os medos, etc.?
2 - Alguém da família de vocês já tinham migrado antes?
Luci: Os meus avós sempre ficaram nesse vai e volta, né?! Ai depois meu pai veio, né, porque eles separam, então meu pai veio primeiro, ai depois minha mãe veio.
Seus avós já tinham ido? Já já.
Roberto: Então, na verdade, como meus pais separam, né, igual eu falei, meu pai veio prá cá, né, pro Japão, ai a gente veio, né, mais tipo assim, a gente veio, não para ficar com ele, a gente veio independente, é, sozinhos, com minha mãe no caso, né ... Meu pai já estava aqui.

3 - Como foi a chegada ao Japão? Como se sentiram na época?
Luci: Ah, eu vim pra cá eu tinha 11 anos, né? Então, é ...tudo novidade, tipo assim, sai do Brasil, "ah, vou andar de avião. Viajar né". Então, é tudo farra, né?! criança, né? Ai ... quando eu cheguei aqui, vi bastante diferenças assim ... só de ... assim, sair do aeroporto ... botar o pé no Japão, o ar assim é diferente, o ar que você respira, né, a ... como que fala ... a paisagem urbana assim, também, nossa, muito diferente, logo de cara, né, eu vi, né.

- Com os japoneses também teve essa diferença?
Luci: Ah, isso daí eu senti bastante quando eu comecei estudar, né?! Porque eu não sabia nada de japonês, né, era tudo na base da mímica, tudo né, no começo foi difícil, né. Mas depois aprende, né?!

- E gostaram né?
Roberto: Acostumamos, né desde pequena aqui, né. Você acomoda, né?!... Na verdade você acomoda, eu acho né, porque você não vai querer voltar para o Brasil e começar do zero de novo né. Mas é esse sentimento, né.
Luci: Ah, eu voltei pro Brasil uma vez, mais tipo ... não me acostumei mais.
Roberto: Não consegue, né. É difícil.

- Você também tem o plano de ficar no Japão mesmo, né? Não voltar para o Brasil, constituir a vida aí?
Roberto: Aham, sim.
Luci: Ah, meus planos é ficar perto dos meus filhos ... pelo menos no mesmo país, né.?
Roberto: Que dá pra ver sempre.

4 - Vocês gostaram do Japão na época em que chegaram? O que estranharam? Já responderam.

5 - Há quanto tempo moram no Japão? Pensam em voltar para o Brasil? Conversam com o seu filho sobre isso? Já responderam.

6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de serem imigrantes? E os benéficos, os ganhos?
Roberto: Bom, falando assim, parte igual, chefe de família a diferença é grande, né. Pra japonês no caso, assim, né. Parte de salário, né, esse negócio de ... de ... de ... de diferença, assim, nessa parte de diferença é grande, pra quem é um estrangeiro e pra quem é japonês, eu ainda que tenho um pouco mais de vantagem, que eu sou o *shain* na firma, sou contratado direto, né, não trabalho em ... por empreiteira, né, você sabe, você trabalha com intermediários, né. Então, eu sou um pouco diferente, já trabalho direito, né, nessa parte é diferente, mesmo eu sendo estrangeiro o tratamento é diferente, nessa parte burocrática, assim, né, financeira, né, esse ai a diferença é grande pra japonês, né. ... Entendeu?... Essa parte assim é complicada um pouco. Porque você acaba um pouco entre aspas, na desvantagem, né?. E a carga tributária praticamente é tudo igual, mas na hora de receber os benefícios é diferente, entendeu? ... É ... eu ainda to um pouco de vantagem do brasileiro padrão no caso aqui, né.

- E os benéficos, os ganhos?
(Pausa longa)
Roberto: Difícil, né?
Luci: Difícil.
Roberto: Por ser um imigrante aqui no Japão?
Luci: Eu acho que a gente ... a gente tem essa vantagem de pode ... ir e vim, né ... por exemplo ... igual muitos brasileiros também, "ai, ta ruim aqui, ah vou pro Brasil", fica no Brasil, "ai, está ruim no Brasil, ah, vou pro Japão", né, a gente tem essa vantagem de pode ir e vim, né, do que por exemplo, do que ser só ... só brasileiro que até conseguir visto, mesmo os brasileiros que, por exemplo, querem morar nos Estados Unidos pra conseguir vistos essas coisas é complicado, né. Acho que é essa deve ser a vantagem, né. De você conseguir escolher de onde você quer viver, né.
Roberto: É uma opção a mais assim ... fácil né. É uma opção, querendo ou não, a gente tem uma opção por ser descendente A parte de visto, é mais fácil, né. Até se precisar votar para o Brasil tem cidadania brasileira também, essa parte, se pensar por essa parte, né. É uma opção... é uma opção, né?!

- E o ganho cultural que vocês têm, né?!
Luci: Ah sim, isso também, né.
Roberto: Isso aí, acho que é impossível, né. Não, não pegar né, depois de anos e anos morando aqui tanto tempo, né. É natural eu acho.
Luci: E outra que, mesmo eu nascendo no Brasil e tudo, desde pequena meus avós, assim, sempre colocaram um pouco da cultura japonesa dentro de casa, né. Então, tipo mesmo quando eu vim pra cá eu não estranhei tanto assim, as coisas né, a gente acaba um pouco acostumada, né.
Roberto: Igual, ao contrário do que a gente faz com as crianças, né, a gente põe cultura brasileira pra eles no caso, uma coisa mais ou menos nesse sentido.

7 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de terem um filho imigrante no Japão? E os benéficos, os ganhos?
Luci: Ah, eu acho que sempre vai ser a educação. Educação, estudo, né?! Porque a gente sempre vê ... descendentes de brasileiros, né?! Muitos não conseguem ... é ... ir pra frente com seus estudos, concluir os estudos, escolher uma profissão que quer, né. Porque, é ... já vai optar pela fábrica que é mais fácil, na hora, na hora só, né?! "Ah, vou lá, vou ganhar um dinheirinho", né?! Porque acha que é o suficiente naquele momento, né. Então, esse, esse que é a parte assim ... difícil que eu acho, né. Porque tem que ta sempre orientando eles, conversando com eles ... que ... de estudar, de ir pra frente, de escolher uma carreira, tudo, né, mesmo que seja aqui no Japão, e não deixar tipo "meia boca", porque ... nessa parte eu sinto muito por mim, né! Ficou metade de educação brasileira, metade da educação japonesa, tipo, não ficou nenhum terminado, né. E a minha prioridade é deixar eles terminarem pelo menos um, se eles começaram a estudar aqui no Japão, então termina pelo menos um, uma educação, um estudo, né?!
Roberto: Uma formação, né!
Luci: E... tipo, por ser muito fácil aqui no Japão. Aqui no Japão você começa trabalhar cedo, fazer alguns bicos cedo, você ganha dinheiro e a pessoa acha que isso é o suficiente para viver, mais num é, tipo é colocar na mente deles, que existem mais coisas além disso, o mundo, tipo é muito grande, né! Tem várias coisas para eles conhecerem ainda, né! E ... eu acho que ... brasileiro aqui, como ... por não saber japonês também fica muito limitado, limitado de só fabrica e casa e acaba passando pros filhos só isso, que "tipo só existe isso, só existe a fábrica", mas na verdade não é, é muito grande, né?!
Roberto: Porque a gente tenta, né, dar uma opção, né, pro Gabriel. Igual o Kenji assim, quer faculdade, a gente fala pra ele né, "se forma, se possível, se pude, se conseguir, seguir uma carreira", né! Então a gente dá essa opção pra ele, né. Eu explico pra ele, igual eu trabalho, ele vê que eu trabalho até tarde essas coisas ... querendo ou não a pessoa que trabalha assim, não... ... financeiro a longo prazo vai ficar a mesma coisa ... não muda, né?! Então, você ter uma carreira, né ... futuramente cada vez mais ... tem a possibilidade de aumentar termos financeiros salários, essas coisas assim, benefícios, né, então eu sempre explico isso aí pra ele, né. Que a longo prazo, a hora que ele ficar mais velho, essas coisas vai facilitar, né!
Luci: É ... e eu sempre falo pra ele conversar com pessoas que ele ... já fez faculdade que tem uma carreira, porque é a mentalidade diferente, cabeça diferente, modo de falar diferente, né. Eu falo pra ele "vai conversa com seus professores, pergunta", né, eu falei, "você vai fazer uma faculdade, não gostou, não tem problema", né, tipo "faz até o final, faz outra faculdade, não tem problema nenhum, muda de carreira se quiser". Né! Ai ele sempre procura conversar, né. Porque eu falei pra ele, né, eu ... eu dou o que eu sei, né. Eu falo o que eu sei, eu sou limitada, né, eu não cheguei na faculdade nem nada, né, "mas você tem a oportunidade de conhecer então vai e pergunta", E ... e ele faz isso, né, conversa com pessoas que fazem outras coisas assim, e ele vem e conta, né.

- Quais os benefícios?

Luci: Benefício? ... Eu lembro que quando a gente começou a namorar, né, porque como eu estudei em escola japonesa, tenho uma pouca mais da cultura japonesa, quando a gente começou a namorar, eu sentia muita falta de ... de ta falando algumas palavras em japonês, porque ele não sabe. Né, principalmente ... em ... assim, tipo cinema, né, e cinema eu entendia tudo, eu gosto de ver anime essas coisas, eu falei "como que eu vou levar ele, se ele não entende", então eu sentia muita falta, né. Ai, quando ... as crianças nasceram, né, eles foram crescendo, então eu vou com eles, a gente vai assisti um filme, assisti um desenho, e eles entende, a gente comenta o filme. Eu falei: "nossa isso que é bom, né" Esse pra mim é o benefício, né, de ter, tipo, alguém que entenda mais ou menos o que eu entendo também, né.
Roberto: Difícil, né. Pra mim? Hum... benefícios de cultura?... que é complicado falar que já uma coisa ... é .... especificar alguma coisa.

8 - *Vocês perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão? Não se aplica

9 - *Se sim, como lidaram com essas dificuldades e como fizeram para superá-las? Não se aplica

10 - O nascimento do filho (entrevistado) foi planejado? Me conte como foi?
Luci: Então, coitado dele, né. Ele foi planejado por mim. (muitas risadas)
Roberto: Eu não participei (muitas risadas)
Luci: Não, porque assim, não ... porque assim, pelo menos na minha cabeça, eu acho que a mulher tem mais o controle das coisas, né. Tipo assim, se num quiser engravidar e se quiser engravidar, engravida também. Né, eu pelo menos comigo, pra mim é assim, e como assim ... é a minha mãe me teve nova, ela me teve com 18 anos, e a minha vida inteira eu ouvia assim, "que ela engravidou cedo", né, e eu ouvia comentário dela ... dela do tipo "que teve que para de estudar, de fazer isso" ... não, então, eu me sentia como se eu ... que eu não fosse desejada, na época, né, pelas ... por eu, por causa desses comentários dela, né. Então, quando eu soube que eu tava gravida, tipo não foi novidade pra mim, porque eu sabia que a gente não tava se protegendo o suficiente pra isso, logicamente ia acontecer, por que não? Né, é uma coisa normal. Então eu falo, tipo "foi planejado, mais assim, mais por mim, né". Ai, depois ele ficou sabendo, coitado, né?! Mas assim, deu tudo certo, né.
Marido: Não tive escolha.

- Quantos anos na época?
Luci: Tinha 17.
Roberto: Tinha 18.
Luci: É porque era um sonho meu, né. Tipo, ... certo que foi cedo assim um pouco, tudo, mais na minha cabeça, por ter tido pais separadas eu sempre tive o sonho de ter uma família completa, né. Eu olhava outras famílias, assim, tipo, eu queria aquilo pra mim também, né. Então ... meio que aconteceu assim, né, e aí, tipo ... ... foi realizado um sonho pra mim mais rápido, só isso, né.

- Vocês não eram casados? Eram namorados?
Luci: É, então, isso daí é meio loco, né. Porque assim, no começo do ano ele me pediu em casamento, né.
Roberto: E ela não queria.
Luci: E eu não aceitei, eu falei que era muito cedo, é ... eu falei que era muito cedo, né. Ai ... é ... no meio do ano, em julho, julho que eu descobri que estava grávida, né. Ai a gente, "tá bom agora tem que casar, né". Ai a agente, casou ... acho que depois, setembro mais ou menos. Aí ele deu risada, ele tirou sarro, né. Eu não quis aceitar.

11 - **Vocês tiveram algum receio de ter um filho nascido no Japão?
Luci: Não, ... eu não tive não.
Roberto: Acho que também não.
Luci: É porque assim, eu acho que a vantagem de tudo, é por eu saber ... por eu saber japonês, né.
Roberto: Não tinha esse medo né.
Luci: Talvez, acho que eu se eu não soubesse a língua, acho que ia senti muito insegura sobre tudo, né. Mas como eu sei fala, me comunicar, eu num ... num tive esse medo assim, insegurança não.

12 - Vocês têm outros parentes que moram no Japão? Seu filho tem contato? E com os familiares no Brasil, ele tem contato?
Luci: Tem ... tem ... na verdade ele tem contato com ... com os parentes que tão aqui, né, com os do Brasil ele já não tem tanto.
Roberto: Como não conhece, né.

13 - O que você acha que o seu filho pensa ou sente em relação ao Brasil? E ao Japão?

Roberto: Ao Brasil?
Luci: Eu acho que eles têm curiosidade.
Roberto: É ... que a gente fala, né, assim, né, que conviveu lá, né, conta as histórias, mais acho que ... vontade igual, ele nunca falou que quer ir morar as coisas assim, né. No máximo pra ir conhecer, só, né.
Luci: Não, isso daí não, eu acho que isso aí não porque ... ai acho que como ele já não conhece gera a insegurança nele, né. Mas acho que curiosidade ele tem sim.

- Qual imagem do Brasil?
Luci: Hum ... vixi, eu nunca parei pra pensar.
Roberto: Igual, na televisão japonesa passa sobre o Brasil, e nunca passa coisa boa. Num sei se tem essa imagem assim, né, de coisa ruim, igual assim, imagem de crime, essas coisas que acontece é porque mostra as vezes, né. Ai já não sei se ele tem essa imagem, nunca chegou falar assim, mas ele vê sim, essas coisas também. É, então ... não porque a gente sempre falou que sempre vai ficar aqui, então na cabeça dele nunca passou pela ideia, nem possibilidade da gente ir um dia para o Brasil assim, morar mesmo, né, então, nem passear, porque a gente mesmo brinca fala pra ele: "a gente não tem vontade de passear no Brasil também", né. Então eles num tem nem essa imagem na cabeça, deles de ir pro Brasil, nem que for pra passear, né, entendeu? Mas a gente fala que queria que eles fossem, né, mais tipo, sabe? Num fala, não vamos assim, planeja ai, né. Sabe? Uma coisa meio assim, sem ... sem uma afirmação assim, né.

- E sobre o Japão?
Luci: Longa pausa ... é a casa deles, né. O lar dele. Único país que eles conhecem é aqui, né. É ... acho que na cabecinha deles num tem como pensar em outra país, igual a gente, porque a gente conhece os dois, né. É ....
Roberto: Querendo ou não eles são japoneses, né. No caso, né. Querendo ou não, eles são japoneses, né. Então, não tem ... acho que ... não tem ... é ... acho que não tem outra imagem assim do Japão, é a casa deles, né. Só conhecem aqui como ... é.

14 - Vocês acham que ele se identifica mais com os brasileiros ou japoneses? Por quê?
Luci: Eu acho que eles ficam no meio termo também, porque dentro de casa eles estão acostumados com ... com a cultura brasileira, é ... de ... é ... de ter afeto, carinho ... comida também, eu faço, eu misturo muito, eu faço comida brasileira, eu faço comida japonesa, né, então acho que, eventualmente se um dia eles casarem com japonês, eles vão sentir um pouco, de falta, dessa parte brasileira. A não ser que eles consigam incluir, né, porque ... eu ... tem muitos japoneses que ... que começa a gostar também e começa a ... a aderir um pouco do costume, né. Mas acho que tá nesse meio a meio.

- Você acha que ele responderia que seria um pouco dos dois?
Luci: O que eles responderiam? Talvez eles responderiam da parte japonesa, mas é porque eles não sabem ... tão a fundo como que é, né. Porque eles tiveram uma época que eles ficavam meio assim, né, de ser brasileiros, né. Que aí eu falei alguns detalhes que eram diferentes, né, eu falei "olha, se vocês irem na casa de um japonês vocês vão ver que é diferente, porque a gente sabe as diferenças, eles não sabem". Né. O Kenji sabe mais, porque ele vai conversando com os amigos, né. Igual ... é ... o diálogo que eu e ele a gente tem, ele fala que os amiguinhos dele não consegue ter com os pais, né, ele já viu que é diferente, né. Ficar perto, de ... de ... de abraçar, beijar, assim, livremente.. ele também viu que os amiguinhos dele não fazem isso com os pais, né. Mesmo sair assim, passear com os pais assim, não tem muito, né, é uma coisa que eu sempre coloquei pra eles, é ... o tempo de família também é importante. Não precisa ficar grudado 24h, não nisso, né. Mas precisa ter, né. Então talvez eles não saibam uma diferença porque nunca viveu, assim, só em casa de japonês ou só em casa de brasileiro.
Roberto: Para eles é normal, pra eles é o normal.
Luci: É, tanto é que meu filho mesmo falou um dia pra mim que ele achava estranho, porque a gente sempre conversou tudo, né. E ele fala que na casa dos amigos eles não tem isso. Aí ele disse que uma vez ele indagou os amiguinhos, né. "porque que você não conversa com sua mãe, porque você não fala com seu pai". Tipo, já tá natural na cabeça deles que eles ficam ... não conseguem entender, então.
Roberto: A cultura japonesa não faz isso muito, né.
Luci: É, talvez, talvez eles respondam que é mais pra japonês, mas eles não sabem, né, as diferenças
Roberto: Eles não sabem diferenciar, né.

15 - E na opinião de vocês, ele tem mais traços (costumes, modos, jeito de ser e de se identificar) mais dos brasileiros ou japoneses? Já responderam.

16 - Vocês acham que existem diferença entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e que vive no Brasil? Se sim, percebem essa diferença no filho de vocês?

Luci: Ah .... tem muita diferença.
Roberto: Grande, né.....!
Luci: Uma por causa do ambiente onde vive, ne. Aqui no Japão é muito seguro as coisas, no Brasil já não. Você já tem que ser mais esperto. Então essa é uma diferença. Ahh ... hum .... em relação de relacionamento também é diferente, no Brasil, é ... tanto em casa ou publicamente, é ... a gente é acostumado com afeto, né, beijo, abraço, anda de mão dada essas coisas todas, né. E aqui no Japão não se vê muito isso, né ... eles ... se eles fazem é mais entre eles, dentro de casa, né, eles não vão ficar fazendo isso na rua, né. Hum ... o modo de pensar também é diferente, né. É ... porque ... aqui no Japão é educado desde pequeno de uma forma e no Brasil é outra, né. Eu falo assim, por exemplo ... aqui desde pequeno nas escolas eles ensinam fazer limpeza, né. Cada um limpa a sua parte, é ... todo mundo é ... limpa a escola inteira, uma partizinha, e tá tudo bem assim. No Brasil já é diferente, não tem isso, né ... é cultura, né. Tem muita diferença sim, né. Muitas vezes só de você olhar o mesmo adolescente na rua você sabe quem é brasileiro e que não é. Só pelo jeito.
Roberto: No caso deles, eu acho que eles são mais japoneses, né. Porque igual nessa parte de ter ... cuidado como no Brasil tem que te...num é necessário aqui, tanto, né. Então acaba não sendo assim, né. Mas eu falo assim, se um dia eles foram pro Brasil praticamente eles vão ser meio que bobinhos, né.
Roberto: Vão ter dificuldade, vão ter dificuldade eu acho.

17 - Como foi a decisão por qual rede escolar matricular o filho? O que motivou e pesou na decisão? O que vocês sentiram? Já responderam.

18 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho na escola?
Luci: Kenji sempre, Kenji sempre nunca foi muito de estudar. Então, é que o Kenji nunca gostou de estudar, né. Sempre foi empurrado, ele ... ele tinha um pouco de dificuldade pra decorar as coisas assim, né. É porque assim, nele eu sempre percebi que ele não ... ele não funciona com pressão. Quanto mais pressão você faz em cima dele, pior ele fica. Tanto é que eu falava pros professores e os professores, tipo, continuavam empurrando, pressionando, não adianta. E aí ... é ... no ginásio ele não queira fazer mais colegial não queria fazer faculdade, porque o ginásio daqui é muita pressão, né. Muita tarefa, muita pressão. Só que aí eu conversei com o Kenji e eu falei pra ele "tenta fazer o colegial, porque o colegial é diferente e você vai gostar" eu falei pra ele. Né. Ai realmente, ele foi pro colegial, colegial não tem pressão. Porque assim, professor fala o que você tem que fazer e como você vai fazer o problema é seu. Então, ele funciona assim. Eles se dão muito bem no colegial e ... tanto é que pela primeira vez na vida dele que ele começou a estudar mesmo, porque eu nunca vi ele estudando, e ele pegou gosto porque começou a tirar nota boa.
Roberto: Porque nunca tirou.
Luci: É ... porque nunca tirou. Então no colegial assim, meio que dissertou ele, né. É ... esse foi a dificuldade do Kenji né. Agora a minha filha a Larissa, vixi maria, ela ... ela é muito cdf, ela quer ser primeira em tudo. Tipo, num é só em relação com a matéria. Em relação à educação física, ela quer ser primeira. Então, ela ... ela estuda firme, ela treina firme pra ser a melhor. Então ela num ... então a dificuldade dela é assim, de ser demais, de se cobrar demais, então com ela eu tenho que segurar um pouco. Fala "calma, descansa um pouco, para de estudar, vamos descansar um pouco". Agora com meu filho tenho que fala "vai estudar, estuda". Então, tipo assim, eu fico louca, sabe? Porque eu fico na contraditória. Eles são opostos.

19 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho em relação as amizades com os brasileiros ou japoneses?
Luci: Então, em relação a amizade eles também são opostos. A minha filha é da turma. É de te turma, é de ter amizade com menino, é de ter amizade com menina, é de sair em turminha. As vezes a gente chega aqui no quarto dela tá cheio de criança, e meu filho já não. Ele já ... ele gosta de fazer as coisas sozinhos, sempre gostou, né. E quando tem um amigo ou dois amigos, é aquele amigo tipo pra sempre, né. Tanto é que ele tem um amiguinho dele, que ele conheceu na primeira série, eu brinco com ele que é alma gêmea dele, porque foi até no colegial eles tão juntos. E saem juntos e conversam, né. Então, pra ele esse que é amiguinho dele, né. De vez em quando ele começa a fazer amizades assim, mas ... as vezes ele vê que não vai pra frente e ele já para também, ne. Mas assim, ele não sente aquela necessidade de ter um monte de amigo. Pra ele tá bom assim, ele não sente falta, né.

- Sempre japoneses?
Roberto: O Kenji sim, né.
Luci: É ... sempre com japoneses. É porque na faixa etária do Kenji não tinha muito estrangeiro estudando, né. Agora já na faixa etária da Larissa já tem mais estrangeiros, né. Então ela convive com estrangeiros e com japoneses. E ela ... e ela tem amizade com os dois.

20 - O que vocês planejam para o futuro dele? O que desejam?

Roberto: É ... o plano é esse, pelo menos que ele faça faculdade, né. Ai o que ele vai seguir daí pra frente, né. Igual eu falo pra ele "minha obrigação é pagar os estudos dele" O que ele vai fazer daí pra frente aí já né ... ele que tem que decidir, né. O mínimo que a gente pode fazer é pagar ... o colégio as coisas, educação pra ele, né. Formação dele, depois daí pra frente, aí ele ... ele tem que ver o que ele quer, né. Mesmo igual, o curso da escola, essas coisas, a gente, né, a gente da opinião tudo, mais a ... ele que ... a decisão é dele né o que ele decidir, a gente vai respeitar, né. Porque até hoje ele não decidiu, assim, firme, não, quero fazer isso, né. Então ele também tá na dúvida, só que a gente também não força, né. A gente não dá nossa opinião, faz isso, faz aquilo, né. Então, a gente deixa ele bem à vontade nessa parte, a gente não pressiona ele, né.

21 - Há algum conflito entre vocês em relação a educação do seu filho?
Roberto: Acho que não, né. A gente sempre conversou e conversa. E ... o que é melhor ou não a gente entra num acordo, né. Nunca teve conflito, "não, faz assim, eu quero que faz assim, ela quer que faça de outro jeito", né. Foi sempre, nem ...
Luci: Ah, eu tento ver conforme a natureza de cada um. Como eles são muito diferentes não adianta eu querer, "ah você faz isso, porque seu irmão fez", né, ou vice e versa. Não tem como, né. Eu tento ver a natureza de cada um, do que gosta, do que tem mais facilidade, né, aí eu vou falando a partir daí o que eu vejo, né. Vou contando assim, igual o Gabriel, quando ele foi escolher o colégio dele, eu falei pra ele: "olha você desde pequeno você sempre gostou de mexer nas coisas", né, ai ele: "brincar de carrinho, fuça os carrinhos, desmontar e num sei o que, né". Eu falei, "sempre gostou disso, né". Eu falei pra ele "num sei agora". Aí ele foi relembrando também, né. "Ah, é mesmo, eu sempre gostei de carro e num sei o que, né", Ele via os carros na rua ficava fascinado, então ele foi ... foi vendo do que ele gostava, né.

22 - Como vocês aproveitam as horas de lazer com a família?
Luci: Acho que agora que eles tão maiores ... é mais difícil ainda, né. Porque antes a gente pegava ia nos parques, né. Levava eles pra brincar, tudo, né. Ai agora que eles tão grande, é mais difícil, mais ... pelo menos agora ... tem a parte que faz tudo em família, né. Que eu falo pra eles "ah, vamos sair juntos, jantar", a gente vai tudo, a gente aproveita esse momento, né. E tem a parte que eu faço com individual com cada um, né. Por exemplo, as vezes sai só nos dois, né, a gente aproveita tempo de casal, as vezes sai só eu e minha filha, a gente aproveita aquele tempo, as vezes sai só eu e meu filho a gente aproveita esse tempo. E nesse tempo que eu pego com cada um, né, eu vou conversando, né, com eles tudo. Mas também tem o momento todo mundo junto, né. Você também tem, né, um pouco, né? Com a Lalinha, as vezes a Lalinha vem "ah, papai vamo jogar bola, vamo brincar de bola", aí vai, e as vezes meu filho vem "ah papai você viu aquele jogador que num sei o que lá". Ai eu já não entendo nada, né. Eu só fico olhando, né. Então, assim, eu acho que cada um tem os seus momentos também, né.

- Qual o passatempo favorito dele?
Luci: Ele tem ... tem que ir adaptando enquanto cresce né.
Roberto: É tão pouco tempo que ele fica em casa. O tempo dele tá tão limitado, controlado, mas ele gosta de jogar game, né, o Kenji é jogar vídeo game assim, né.
Luci: Ah, ele gosta de sair também.
Roberto: Ele gosta de sair, né, mas quando tá em casa.
Luci: Quando ele quer, ele vem e pede pra gente, "ah, papai vamos tal lugar, vamo fazer isso, vamo fazer aquilo".
Roberto: É que o Kenji gosta de passear.
Luci: É, tanto é que essa última vez ele falou que queria ir pra ... pra montanha assim, tipo sem rumo sabe, porque nessa parte ele é igual eu. "Ah, mamãe vamos lá, ve o que tem de bom pra comer, coisas diferentes", vamo ver né, falei pra ele. É disso que ele gosta, né. De fazer essas coisas junto.

23 - Se vocês pudessem dar um conselho para pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, o que vocês falariam?
Roberto: Os pais na verdade quando vem pro Japão, os pais só fica focado na parte financeira e normalmente trabalha muito e acaba largando o filho sozinho em casa, então muitos pais, o que fazem pra compensar, só fica dando dinheiro, comprando as coisas materiais pro filho e esquece a parte afetiva assim, né, de carinho, de conversar, né. A gente vê muito isso, né, muitos pais é assim, né. Muitos pais com crianças pequenas, nenenzinho nasce já põe na creche com 3, 4 meses sabe, então acaba perdendo a parte afetiva com seu filho, né. Igual eu vou dar um exemplo aqui de casa, eu sempre falei pra ela, eu não queira que ela fosse trabalhar, fora, enquanto as crianças não entrasse na escola, no primário, assim que eles já são independentes. Então desde pequeno a gente passou apertado na parte financeira uma época, né, mas ela, ela sempre junto com as crianças, mais do que eu até, porque eu tava trabalhando, né, então uma meta nossa foi essa, cuidar das crianças, até elas cresce uma certa idade pra poder, né, eles tivessem a rotina escolar deles, e ai sim ela ir trabalhar, né.

Luci: É, acho que cada um fez o seu papel, né. Eu conseguia administrar essa parte afetiva, né, e ele conseguia administrar essa parte financeira, né. Mas o conselho que eu dava assim, de escolher a educação, sabe? Que vai dar, se vai ser escola japonesa, se vai ser no Brasil, porque se não acaba ficando tudo pela metade e essa metade é tão ruim, porque você não consegue ir pra frente, né. Isso eu falo por mim, né, se eu tivesse pelo menos terminado aqui no Japão, dava pra eu continuar, né. Mas eu fiquei metade aqui metade ali é ruim, lógico tem a parte boa porque eu sei dos dois, mas a parte ruim porque num dá pra ir mais pra frente que isso.
Roberto: No caso você num terminou nem do Brasil, né. Se tivesse terminado ...
Luci: No caso eu teria que terminar um pra poder ir, indo pra frente.
Roberto: Ficou meia e maia e num terminou nenhum, na verdade, ficou no meio do caminho os dois.
Luci: Então, tipo assim eu falo pra focar na educação. Qual? Escolher qual ...
Roberto: Escolher uma linha e ir até o final, né.
Luci: Porque como os pais vem pra cá por causa do financeiro, e colocam a criança, por causa do financeiro, por exemplo: ah eu tenho dinheiro vou colocar em escola brasileira, aí acabou o dinheiro vai pra escola japonesa, e não é assim. Eu acho que não é assim que decidi você não pode decidir pelo financeiro, você tem que decidir pelo filho, o que é melhor pra ele, né.
Roberto: É, então ... por isso que a gente teve essa ... essa ideia, como a gente não quer, não tem que ir pro Brasil a gente colocou a meta de pelo menos eles terminarem a escola aqui, pra depois se for pensar em alguma coisa, né. Depois que se formarem tudo, a gente pensa se vai ... se ... se for possibilidade de ir pro Brasil, aí sim ele vai pensar, mais até ai teve a mente pra ficar aqui no Japão, terminar a escola aqui no Japão, né.

Família 1 – Entrevista Adolescente – Parte I

Nome completo: Kenji
Sexo: ( ) Feminino (X) Masculino
Idade: 16 anos Data de nascimento: 20/02/2003
Estuda em: ( ) Escola brasileira (X) Escola Japonesa ( ) Já estudou em ambas
Há quanto tempo estuda nesta escola: Toda a vida
Ano escolar: 2º ano do kokou
Grau de descendência: 4º geração
Província onde mora: Guma
Estado de origem no Brasil: Pais são de Guarulhos
Com quem mora no Japão: Pai, mãe e irmã
Idioma falado em casa: português

1 – Onde nasceu? ( ) Brasil (X) Japão

Se nasceu no Japão:
2 - Você conhece o Brasil? Já esteve lá? Tem vontade de conhecer?
Não, nunca fui para o Brasil.
Por enquanto agora não.
Hã... se fosse para viajar até ... vai, pra morar no Brasil mesmo ainda não.
É, pra passear assim, vê os parentes assim no Brasil eu tenho.

- Tem contato com parentes no Brasil?
Eu tenho, tenho contato com meus avós, e que mais... umas tias aí no Brasil também.

- Você gosta de morar no Japão?
É, eu gosto que é um lugar que eu já tô acostumado já desde pequeno morando pra cá.

- O que tem de bom em morar no Japão?
Hã... é um lugar que eu conheço bastante coisa.

Se nasceu no Brasil:
3 – Com qual idade veio para o Japão?
Não se aplica

4 – A decisão de ir para o Japão foi conversada ou explicada para você antes?
Não se aplica

5 – Tem saudade do Brasil?
Não se aplica

6 – Você gosta de morar no Japão?
Eu gosto. Porque é onde nasci.

7 – Há quanto tempo mora no Japão?
Nasci aqui.

8 – Durante esse tempo já voltou para o Brasil?
Nunca fui para o Brasil

9 – Com quem veio para o Japão?
Não se aplica

10 – Você fala japonês?
Sim, eu falo bem. Falo mais do que o Português

11 – Seus pais falam japonês?
Meu pai só o básico e minha mãe fala bem.

- Conversa mais em português com seu pai?
Sim. Meu pai não entende muito o Japonês.

12 – Com relação as amizades:
Tenho amigos brasileiros e japoneses. Mas eu tenho mais amigo japonês por conta da escola.

- Costuma sair mais com os japoneses?
É mais com japonês.
É difícil de sair com amigos brasileiros.

13 – O que acha da escola onde estuda?
Há...é uma escola que dá pra ....como vou explicar... várias...é... carta que... como fala...tipo de...
chugakko ... tipo... licença para você mexer no tipo de...como que fala....tipo de solda....aprende.... que dá para tirar bastante na escola.

- Algo que goste da escola japonesa?
Nessa parte eu acho boa que dá para tirar bastante licença;

- Algo que não goste?
Não gosto porque é budista.

- Tem alguma religião?
Não.

14 – Como é o seu relacionamento com os colegas e professores?
Não, é tranquilo.

15 – Quais as dificuldades que você tem na escola/aula?
Hã...dificuldade não. Por enquanto, agora.

- Quando você era pequeno, por ter pais brasileiros, sentiu dificuldade?
Como eu converso com meus pais só em português, podia ir uma vez na escola shogakko que fala....da escola que tinha os pais eles vão ver aula, né.
Então, daí eu falava... minha mãe falava muito em português no dentro da escola, quando tá tipo assim meus pais ta junto na escola.
E eu acho que meus amiguinhos japonês n...como eu vou explicar...é como fala, língua diferente né. Acharam estranho.

- Você em algum momento lembra de ter tido vergonha dos seus pais serem brasileiros?
É, eu tenho, até agora eu tenho um pouco assim, tipo de usar o português dentro da escola com os pais assim.

16 – Você já mudou de escola? Por quê? Como se sentiu?
Não se aplica

17 – Já sofreu ijime/bullying na escola?
Não muito assim, bem pouquinho só...bem pouquinho só. Muito assim não.

- Você acha que sofreu ijime pelo fato de ser brasileiro?
É por causa que eu sou brasileiro também. Dependendo o... do pessoal, tem gente que não gosta muito de brasileiro, então.

- Por ter bastante características japonesas, o pessoal descobria que você não era japonês?
É que eles...eu já perguntei uma vez no começo que achava que eu só era japonês assim, foi pro...estrangeiro né. Não acharam muito que eu sou estrangeiro, né.
Eles acharam muito estranho sabe?

- Hoje no Japão ainda tem ijime com brasileiro na sua opinião?
Hã...eu acho que diminuiu bastante do que antigamente.

18 - Quando for adulto onde quer morar? Por quê?
Então se for ou Brasil ou Japão, prefiro Japão. Porque já o lugar que eu tipo... já to acostumado de viver aqui no Japão e do jeito japonês.

- Outro lugar?
Eu tenho vontade de morar lá pra Europa.

16 – Se eu te perguntar como se sente em relação a sua identidade, como brasileiro, japonês, os dois ou nenhum dos dois o que me responderia? Por quê?
Eu mesmo me sinto japonês, né. Porque eu já me identifiquei com brasileiro, mas eu não...como fala...não encaixava direito com o brasileiro assim, o jeito, pensamento do brasileiro também.
Eu acho diferente também, do meus pais, e comigo mesmo, né. Eles são nascidos no Brasil, já passaram na escola brasileira também.
Então pessoalmente é um pouco diferente também.

17 – Você sente que pertence a qual país? Com qual mais se identifica? Por quê?
Como assim? (tive que explicar a pergunta)
Então, essa resposta eu não tenho como falar porque eu nunca fui no Brasil. Eu não tenho resposta sobre isso.

- Se algum dia você tivesse que morar no brasil você iria se adaptar rápido ou não? O que você imagina?
Eu acho que seria muito difícil.

- Por quê?
O Japão estou acostumado desde que eu nasci, né.

18 – Como você se diverte nas horas de lazer? Onde costuma frequentar?
Meus feriados eu...nos feriados vocês fala dias que não tem escola?
Então eu gosto de sair para fora de casa.
Dependendo da época também, tipo, essa época aqui no Japão é frio, né. Então época de frio é gostoso ir lá pro onsen. Sabe?
Eu fui acho que semana passada? É semana passada.

- Sai junto com amigos japoneses?
Já saiu bastante com meus amigos japonês também.

- O que costuma fazer?
Costuma fazer tipo...normalmente eles gostam de game center, shopping no brasil.

19 – Como se relaciona com os japoneses?
Tranquilo, tudo bom.

- Hoje eles te tratam diferente ou não?
Não, porque eu não sinto muito assim não. Eu acho que eles me .... comigo igual os japoneses também.

- Você não se sente estranho com eles?
Não.

20 – Qual o seu plano em relação ao futuro?
Então depois de formar colégio quero ir para faculdade já. De particular. É por enquanto tudo no Japão.

21 – Qual o sonho?
Meu sonho...é como fala...viver tranquilo.

22 – Qual o seu medo em relação ao futuro?
Tipo de como fala...doença ... tipo câncer assim?
Então, o maior medo que eu ... que eu tipo não quero ficar internado a vida inteira.

22 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
De vem em quando só.

- Mais com a sua mãe ou pai?
Minha mãe, né. Que ela entende mais aqui tipo...aqui no...como fala, Japão, que meu pai não entende muito a cultura.

- Pelo fato do seu pai não falar japonês, você acha que isso prejudica sua relação com ele? Ou é igual entre ambos?
Igual com minha mãe.
Caso ele não saber eu explico para ele do meu jeito. Mas minha mãe conversa, né.

Família 1 – Entrevista Adolescente – Parte II

Nome completo: Kenji

1 - Como é o seu relacionamento com os seus pais?
Ah, se dá bem, de vez em quando dá, mas ... é, conversar a gente conversa sempre assim, né. Tipo sobre ... sobre a escola, o serviço assim, né.

- É tranquilo morar com seus pais?
É tranquilo.

2 - Você acha que se parece mais, tem mais o jeito, da sua mãe ou do seu pai? Por quê?
Ah ... é um pouco difícil falar, como que é, né. Mais eu, eu ... deve te um pouquinho dos dois, né.
Com minha mãe assim, que eu acho, que parece... o parecer que eu falo, é ... na hora de viajar também, né. Tipo, de vez em quando a gente vai lá pra casa do meu tio, que é ... que fica lá em que é Aichi, que fala ... deve ter uns ... quantos quilômetros daqui? Uns 500km até aqui, de casa, leva umas 6h de carro, né. Assim, eu e minha mãe a gente gosta de tipo ... viajar ... viajando parando nas paradas assim ... tipo no ... como fala ... aquela rua lá ... num sei como ... eu acho que tem no Brasil também, aquelas ... a rua ... que precisa pagar pra passar. É o pedágio. Então, nessa rua assim, é ... dependendo do lugar ... é ... quando a ... dependendo do lugar tem umas parada assim pra você ir no banheiro, pra se comprar tipo ... um ... um *omiyague* que fala assim, que significa um presente, né. Ai, a gente gosta tipo de ... parar nas parada um pouco andar assim, como a gente passa na frente de monte Fuji tem uma parada que dá pra olhar o monte Fuji a gente para, tira foto, é ... a gente vai andar, olha os ... os presentinhos lá vendendo e dependendo do lugar tem ... tipo, tipo de uma barraquinha assim, vendendo, igual *oniguiri*, é..... sorvete, essas coisas assim, né. Então eu a minha mãe, a gente vai passando em frente, tipo, comprando sorvete de ... de... um sorvete de ... de ... como fala ... pêssego, pêssego, essas coisas assim, que é de fruta, né. Então a gente para e fica andando passeando um pouco nas paradas, né.
Agora já o meu pai, ele num gosta, de tipo, de assim, é ... pegar assim e ir parando, ele já prefere, já, como fala ... i pra casa do meu tio logo.

Ai como minha mãe gosta de ... tipo ... andar um pouco nas paradas e eu também gosto .. eu ... acompanho minha mãe, junto.

- E com seu pai, tem algo parecido?
Com meu pai? Eu e meu pai a gente gosta de futebol, né, assistir futebol, né. Assim, meu pai assisti muito a ... a liga brasileira, né. Só que eu assisto, eu assisto, tipo ... é ... é igual futebol, só que eu assisto mais futebol da Europa, Europa, inglês, francês, que mais que tem, vários lugares assim, né, espanhol.
Ah ... eu, eu de vez em quando assisto futebol com meu pai do jogo Corinthians, que ele é corintiano também, né. Eu assisto um pouco junto com ele.

3 - O que você gosta e o que incomoda no jeito dos japoneses? E nos brasileiros?
Com os japoneses? Ah, do jeito japonês que eu gosto, que tipo, o ... que assim, que eles pensam bastante nas outras pessoas, né. Que eu falo assim, que japonês pensa bem nas, nas pessoas, né. E tipo, tem bastante japonês que faz voluntário, né, aqui no Japão, tem bastante ... o ... grupo de voluntário assim, né. E como agora teve, choveu bastante lá, pra baixo do Japão, pro lado de Kumamoto, num sei se você sabe, choveu muito e ... como fala, teve acidente, né? Então, tem bastante japoneses, eles vão pra lá, pra tipo, ajudar a tirar ... tirar terra que entro dentro de casa, essas coisas assim.

- Isso é uma coisa que você gosta deles?
É, também. Eu falo também, eu gosto desse jeito deles, né, porque, eu tenho uns amigos brasileiro também só que eu ... num ... eu num se do bem, porque maioria dos meus amigos brasileiros são nascido no Brasil, né. Então já, o jeito deles também, pensamento deles também, que eu acho diferente de japoneses, né. Como eu já nasci aqui no Japão, to acostumado com jeito deles também. Eu me dou mais bem com japonês assim, né.

- E o que te incomoda nos japoneses?
Ah, tem, tem, só que eu num sei como explicar ... é ... aí num sei como explicar. Tipo, no serviço assim, também, né, tipo, de ... assim, você tira ... duas horas de *Kyukei*, que significa intervalo, né. Ai tipo, assim, dependendo da hora, a loja, a loja que eu fazia serviço tá corrido assim, que tem gente que num conseguiu tirar *Kyukei*, né. Então ai o dono lá do restaurante, falou que né, só eu que eu tirei 2 horas de *Kyukei*, e outro num conseguiu tirar *Kyukei*, que eles ... como fala ... acha ruim, né. Pra eles é assim têm tirar todo mundo ... um tanto assim de intervalo, né. Né, também tem que mais? É ... Num sei palavra em português, só que ... aqui no Japão tem bastante que fala ... tipo, tem um grupo assim, né, nesse caso, tipo ... no mesmo grupo do um cara assim, tipo, faz uma coisa errada que ele ... como fala ... precisa ... leva multa, multa que fala, num sei como explica, né. Ai nesse caso assim, num grupo assim, num é só, aqui já vai ter muito assim, né, num é só ele que tem que multar. Esse grupo todo mundo tem que precisa multa assim, multa assim, mais ou menos isso. Eu num gosto muito disso de japonês, também, né. Porque pensando bem, você num fez nada, se ... se precisa ... né ... Isso que eu acho ruim dos japoneses.

- E nos brasileiros
Ah, eu gosto muito dos brasileiros assim que eles ... tipo de ... é ... eles são bom amigo assim, né, tipo ... Ah ... como que eu vou explicar ... tipo assim, é um cara bom, né, um cara bom, assim sabe? Só que ... eu acho ruim dos brasileiros que eu falo assim, que eles num ... tipo assim ... quando tem regra, né, quando tem que fazer as regras... só que muitos brasileiros num vai seguindo as regras, né. Japoneses assim num tem muito assim, mas brasileiro já tem bastante disso. É, amizade deles assim, eu gosto sim.

4 - O que mais gosta e o que não gosta no Brasil? E no Japão?
No Japão? No Japão, que eu assim, que ... é uma coisa que eu já ouvi fala, né. Aqui no Japão, eles falam que os banheiros são limpos aqui, o banheiro que tem ... na cidade assim, né. Igual no mercado ou no Kombini, essas coisas assim, né. Eles ... os estrangeiros que vieram aqui Japão acham limpinho, né. É ... tipo de no Brasil, essas coisas assim, também já ouvi fala que num é muito são limpinho os banheiros essas coisas assim, né. Então ... aqui no Japão, aqui se vai em qualquer lugar se vai no banheiro tem papel higiênico, tem ... dependendo ... acho ... agora tem até álcool pra limpar assim. É ... da organização também. Só que o ruim daqui do Japão que ... agora eles tão ... aumentando imposto, aumentando imposto e eles tão ... como fala ... parando de dar ... sacola, tipo ... normalmente se vai no mercado assim se compra as coisas eles coloca num saco, né, agora ... esse mês começo, né. Eles tão cobrando 3 ienes na sacola aqui no Japão, todos os lugares. Eu até sei que é sobre ... tipo ... como fala ... poluição que fala? ... sobre negócio de mares também, né. Mas assim, mais dependendo das coisas que se compra se precisa de saco, né, tipo ... de se comprar ... um lanche assim, né ... que ... depois de você come só ... só sobre lixo, né, eles dava o saco pra ... tipo coloca o lixo e, como fala, joga tudo juntinho, né, não tudo ... separado, né.

- E no Brasil, o que você gosta e não gosta?
Ah... eu num conheço muito o Brasil, né. Mas eu gosto ... assim, eu ouvi fala também, mais ... tipo de ... né, eu queria tenta ir uma vez ir na fera ... na feira, que eu gosto muito de ... das frutas, né. Eu queria i uma vez no Brasil pra ir na feira, né. E ... eu acho que o ruim do Brasil, que agora, eu num gosto muito as coisas que faz o ... presidente que fala? ... do Brasil. Então, num gosto muito ... dele também ... tipo ... as coisas que ele faz, fez agora também, tipo de ... como ... acho você sabe também que ... tá tendo muita morte de corona vírus, né. Então, as coisas que ele fez também, tipo ... pra num ... como fala ... é .... é ... pra num as pessoas faze ... pega corona vírus também, é. Aqui no Japão, eles pararam tudo a escola, mais tipo ... eles assim ... eles falaram pra ficar em casa, pra tipo, pro, pra coloca máscara, pra lava a mão tudo assim, né, tipo pra toma cuidado, né, só que mais .... aí, só vi falando notícia assim que o presidente ele ... como fala ... já fechou tudo de uma vez e já, como fala, proibiu de sair de casa, né. Aí deu algum, como fala, deu ... como que eu explica ... é tipo aqui, assim, muita gente que ficasse, sem serviço, sem dinheiro que eu falo.

- Você acompanha as notícias aqui no Brasil?
Ah, só de vez em quando assim, que, é eu vejo muitas notícias japonesas, né. Bem de vez em quando assim eles, eles falam, falam sobre Brasil, né, sobre ... o ... o que ele ... que que os ... o que o presidente do Brasil fez, essas coisas assim, né. É ... também tem, e como agora tá minhas vós aqui em casa eles ... tipo assim, comentou um pouco sobre as notícias do Brasil, né.

5 - Você se sente bem recebido e aceito aí no Japão?
Há, tipo, que eu, como fala, é ... se ... se eu acho ... melhor o Japão? Eu, foi muito tranquilo, até eu acho que eu sou ... japonese, né. Que assim ... eu prefiro ser japonês mesmo, né.

6 - Você acha que existe alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses? Quais?
Ah, eu acho que o japonês é muito ... eles tomam muito cuidado ... assim nas coisas. E outra coisa que eles são delicados com ... assim ... do que brasileiro, né. Que eu num sei explicar, mais ... eu que ... é diferença é isso, dos amigos brasileiros e amigos japoneses.
Eu acho que brasileiro as vezes gosta mui... mais de bagunça, assim, sabe? Eu num sei explicar. Japoneses, eles ... eles ... como fala ... zuam de vez em quando, mas eles são mais sérios.

7 - Você assiste mais TV brasileira ou japonesa? E a leitura? Jogos? Música? Comida?
É, eu acho que são tudo japonês, que pra mim é fácil de ... entender também japonês, do que brasileiro. Assim, eu até sei ler português essas coisas assim só, mais tem muitas palavras... é .... brasileiras que eu num entendo muito, né. É fácil, o japonês, né.

- Sabe escrever em português?
Agora escreve, sabe eu sei, só que eu erro muito. Só que ... só que lê português assim num tem problema, eu consigo ler, só que tem algumas palavras que eu num entendo, né.

8 - Você se identifica mais com os brasileiros ou os japoneses? Por quê?
Porque que eu acho que eu ... é ... o que falei antes, eu, como eu só nascido no Japão, eu só ... eu passei já todo escola japonês, tudo assim, tipo, de ... eu acho que é costume também, né. Eu acho que outra coisa, é sobre muito dos pais, também, né. Igual, minha mãe também, minha mãe ela sabe japonês, ela trabalha com japonês, tudo assim, já ... ela também já sabe como é o jeito do japonês e brasileiros também, né, então acho que a diferença é isso, também, outra coisa assim, é que os meus pais também eles acham melhor do jeito japonês também, né.

9 - Qual o seu passa tempo favorito nas horas livres?
Se fala quando eu to de folga de tudo? Ah, eu gosto de sai, mas como agora num da pra sair muito, eu vou pros lugares aberto, tipo ... eu pego moto eu vou lá pra montanha, vou anda pros vários lugares também, e de vez em quando fica no lugar fechado, mas eu vou no shopping, tipo, é ... comprar roupa essas coisas assim, né, compra coisas.

- Você gosta de sair sozinho ou com amigos?
Ah, os dois, os dois. Que eu falo assim, que uma hora você quer ficar sozinho e tem uma hora que você quer sair com os amigos, né, então.

10 - Me descreva como que é morar no Japão para você? E o Brasil?
Ixi, aí já é difícil, hein? (pausa longa). Ah, se fosse assim, morar em cada estado assim... eu acho morar aqui, onde eu, eu moro, né. Que fica em Oizumi. Que como em Oizumi tem bastante brasileiro, se vai na prefeitura essas coisas assim, sempre tem um tradutor brasileiro, né. Então, eu acho eles melhor tipo de morar aqui em

Oizumi porque já tá bastante lugar que tá escrito em português, tá cheio de tradutor, tem também, bastante brasileiros, bastante lojas do Brasil assim, né.

- Por que acha que seria um país bom?
Ai então, eu acho um país bom, porque tudo ... é ... organizado, tudo, assim, né. Porque eu falo assim, tem bastante ... ajudas também, né, sobre ... em dinheiro também, né. Tem bastante ajuda pra estudante, assim, pra tipo, ir pra escola assim, né. Eu acho, eu acho que parece que tem ... a escola japonesa tem até tradutor brasileiro, né.

11 - Qual a importância que o Japão tem para você? E o Brasil?
Importância? Hum... se fala como ... é? hum ... Eu acho importante aqui no Japão pra mim, porque eu conheço muito, né, eu já conheço muitos lugares, já fui ... viajar, fui pra Tóquio, fui pro ... vários lugares já pra viajar. E outra coisa que assim, né, como é todo escrito tudo em japonês também, é mais fácil pra mim entende, né, do que escrito em português, né. É assim, sabe lê eu sei lê português, só que eu num entendo muito as palavras português, né. Então, quando eu to junto com minha mãe assim, eu pergunto pra ela assim, né.

- E o Brasil tem alguma importância?
Ah ... importância assim que eu falo tem a minha bisavó tá no Brasil, né. É, família. Só que ... os outros assim eu num tenho, por que eu num conheço muito Brasil, né. Só sei o Brasil tipo ... por pessoas fala, né, que o Brasil é lugar bom, né, tem gente que fala muito isso, né.

12 - Você trocaria sua vida daí para morar no Brasil? Por quê?
Não, eu não trocaria não, eu acho muito confortável aqui Japão.

13 - O que você pensa em fazer depois de concluir a escola?
Então, por enquanto, como ... eu tenho um pouco tipo de dinheiro emprestado, que fala ... tenho ... eu preciso devolver o empréstimo, né, do dinheiro da ... escolas, né. Então, primeiro vou trabalha por enquanto só pra devolver o empréstimo da ... da .... da escola, depois eu quero ir para fora do Japão né, conhece um pouco fora do Japão. Porque, preciso ... eu preciso olhar fora do Japão um pouco também, né. Porque dependo dos pais, se eu num, alguns lugares deve te, né, que é ... melhor do que o Japão, né. Conhece outros, como fala ... pensamento dos estrangeiros assim, né.

- Isso inclui o Brasil?
Sim, o Brasil entra também, eu preciso conhece um pouco do Brasil também, né. Porque ... eu sou um pouco do brasileiro também, né. Eu preciso visitar minha família também, que eu num conheço também, né, que é meus parentes também, né.

14 - O que você acha que seus pais esperam de você ao concluir a escola?
Ah, eu nunca perguntei sobre isso, né, mas eles, eles ... o que eles sempre falem, pra formar, formar faculdade, as coisas que eu ... eu ... tipo, comecei entrar ... tipo numa faculdade, assim, que aqui no Japão tem muito gente que desiste da faculdade, né. Ai, os pensamentos dos meus pais, minha mãe, eles falam assim, né, que pra terminar a faculdade, pra não desisti, porque ... tipo faculdade, essas escolas assim são cara, né, e vai dinheiro também, né. O que eles sempre falam, pra tipo, terminar a escola, né. Ai ... eu acho que eles devem falar tipo assim, terminar a escola ... você pode fazer o que você faz, né. Porque eu já formei, né, tipo de faculdade assim, então pra mim, tipo trabalhar numa empresa boa, num caixa bom, né. Tipo, quiser morar em Tóquio, em qualquer lugar também, acho que eles deixam, porque é minha vida, né.

15 - Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?
Daqui 5 anos? ...Ah ... daqui 5 anos é ... depois de formar a faculdade, né. Então, daqui 5 anos por enquanto ... vó trabalha né, pra tipo ... aquilo que eu falei, que eu preciso devolver os empréstimos, né, que eu tó pensando assim, que agora, que eu vou ... tipo, primeiro devolver os empréstimos, primeiro, pra depois tipo, né, se fala, pra viajar, pra ... pra ... tipo, como fala ... pra comprar as coisas que é cara assim, né.

16 - Se você pudesse dar um conselho para uma criança ou jovem brasileiro que está vindo para o Japão pela primeira vez, o que você falaria?
Conselho tipo ... se fala eu dá um ... como fala ... é ... ixi num sei agora em português ... tipo tanto faz ... Ah ... que eu falo assim, aqui no Japão, tem, acho que deve ter bastante brasileiro que já, mais fácil, né. Que eu queria fala que aqui no Japão num é também fácil, né, porque as coisas aqui é difícil, né, tipo, serviço, é ... comprar tipo ... é ... como explica ... faze contrato de uma coisa, né. Então, quero dizer que é, num é fácil, aqui no Japão também, né. Então, eu acho bom estudar na escola do Japão, né, porque tem bastante pais que ... como fala ...

contra muito a escola japonesa, né, eu acho bom, mais que se for aqui estudar no Japão, tem que te muito vontade que eu falo assim, né. Porque como aqui no Japão tem muitas regras, que tipo assim, tem que i de roupa que a escola falou, né, tipo... uniforme, essas coisas assim, que são cara também, né, então, quem vai pagar é os pais, então tem que te ... que eu falo, vontade de estuda japonês. E outra coisa, que eu acho, é melhor, tipo, entrar na escola japonês pra terminar tudo, já, do que desisti no meio, né. Que aqui no Japão, dependendo da escola são cara também, né. Igual eu to indo pro colégio particular, também, né. Colégio particular, não... tipo ... fazer vestibular que fala, pra entrar é fácil só que eu acho que é difícil tipo, pra ... manter a estudar e assim, dinheiro também, que é caro particular, né. Eu acho que ... a escola paga é mais ou menos 50 mil por mês, acho que o total deve i ... a ... deve i uns 300 mil, 350 ... mais ou menos, é.

- Você acha que para um brasileiro seria bom estudar em escola brasileira ou japonesa?
Há, eu acho que depende muito dele, sabe, que eu falei, é vontade mesmo, né, se tiver vontade de estudar japonês eu acho que até pode tentar, né, só que já agora assim, né, você num tiver, né, vontade de estudar japonês eu acho num ... num vai continua. É, num vale a pena também. Que tem alguns brasileiros que saíram também, né. Ainda tem mais os pais, também, né. Tipo, os pais que tiram o filho na escola japonês, que tem bastante já, né. É, então, eu falo que depende muito deles mesmos.

ENTREVISTA COM FAMÍLIA 2

Família 2 – Entrevista Mãe

Nome completo: Marta
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Yumi
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 52 anos **Data de nascimento**: 16/10/1967
Escolaridade: Superior incompleto
Grau de descendência: Terceira Geração

Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano):
Vai fazer 30 anos. Eu ... é eu fechei a matrícula aí e vim embora. Eu tinha o que, 23 anos, mais ou menos, é, é era, mais ou menos isso.
A minha irmã ... é, o histórico da família, meus pais eram separados, foi uma época difícil na parte de 18 anos, e minha... e eu já sai de casa, e aí minha irmã caçula veio morar aqui. Eu sempre tive o sonho de conhecer o Japão, não nessas condições de Dekassegui, queria vim rica. Mas, minha irmã estava morando aqui há 30 anos atrás e ela falou "é muito bom isso aqui", a minha irmã tem vários problemas ... emocionais, eu acredito que hoje mentais, né, ela está no brasil, e .... naquela época ela ... ela era muito quietinha, tímida, e ela falava: "vem Mari, vem Mari" e eu era muito loca lá no Brasil, e ... eu tava em uns relacionamentos conturbado eu falei: "sabe duma coisa, eu vou é embora", e vim embora. E fiquei, menina.
Meu pai, veio depois eu encontrei com ele aqui com a outra esposa dele, antes dele falece. A minha mãe veio passear, só passear, eu trouxe ela no nascimento da minha segunda filha, aí ela veio passear. Odiou, odiou.

Durante esse tempo, já voltou para o Brasil:
Já, já, já. Só pra passear, nunca pra ... com a ideia de fica, nunca, nunca.

Profissão no Japão:
Agora, é ... peças de carro. Eu cheguei trabalhando com peças de carro, trabalhei 4 anos e meio, conheci meu marido, a gente namorou 3 anos e resolvemos morar junto. E aí eu já ... ele também, pensamos em ter filhos, então casamos nessa época em que eu já tava morando com ele e engravidei. E ... e comecei estudar a bíblia, e um dos requisitos era casar, pra gente poder servir a Deus. Porque eu era como o povo que eu falei pra você, esse povo aqui ... tudo doido, eu entendo perfeitamente eles, né. Então, aí resolvemos casar e ai eu parei de trabalhar.

Aí foi a questão, cuidar da família, realmente se dedicar. E aí voltei, agora, faz, 4 anos, mais ou menos, que eu voltei a trabalhar, curto período, bem pouquinho.
Província onde mora: É, Aichi-ken, no estado de Aichi, na cidade de Hekinan. Amiga vai conhecer, eu brinco aqui é o sertão do Japão, meu Deus, aqui não tem nada, menina.
Estado de origem no Brasil: Londrina, Paraná.
Estado Civil: Casada **Se casado, há quanto tempo**: 22 para 23 anos.
Quantos filhos tem: Sim, três filhas, uma de 22 anos, outra de 20 anos e a Yumi tem 18 anos.

Idioma falado em casa: português, só em português.

MARTA: Hum. ... Então, uma coisa que meu marido pediu pra explica pra você.
Se já morou aqui, você sabe como é. Ah, em que região você morou?
JULIANA: Eu morei em SAITAMA.
MARTA: Ah, Saitama. SAITAMA ... num sei a época que você morou, mas num devia de te tanto brasileiro, né?
JULIANA: Não, na época que eu morei num tinha tanto.
MARTA: Não ... Ah, não, então num tinha. É ... aqui tem dois ... tipos de família, né. Por exemplo, nós estamos aqui há muito tempo, e devido a gente ser testemunha de jeová, então, é muito diferente a nossa vida, da maioria dos brasileiros, aí meu marido falou: "será que vai se enquadrar, naquilo que você deseja?". Porque ... as meninas têm aquela vida bem regrada, apesar que a gente, se você conhece mesmo, se vai ver, é tudo loco, né, aqui em casa. Mais a gente, tenta por seguir os padrões da bíblia, é aquela preocupação com família, eu não trabalhei, eu cuidei das crianças, tem tudo isso. Elas falam português, as minhas meninas são muito brasileiras, muito brasileiras. Tanto que, elas amam o Japão, mas se for fala elas, ninguém acredita que elas moraram aqui, porque a gente foi pro brasil, todo mundo estranhou: "elas são japonesas mesmo?", elas não têm nada, elas são muito brasileira. Agora tem aquele tipo de família, que...ainda eu fiquei pensando várias pessoas e tem um menino, mas eu num sei se ele aceitaria, né. Ele chegou a um tempo atrás aqui, ele estudou com minha filha, minha filha é professora na escolinha japonesa, né, a mais velha. Ai, esse menino agora, sem querer, eu fui trabalhar recentemente, e ele chegou lá, e eu fiquei sabendo o nome dele, falei pra ela, da dó, é, ele é o típico brasileiro, imigrante, então meu marido falou, "as meninas são muito assim regradas, são muito trancadinha ali dentro de casa", é o tipo de vida delas, agora se você acha que vai enquadrar, na sua pesquisa, tudo bem, mas eu ainda pensei, eu estava querendo conversar com esse menino, se ele aceitar, porque ... gente aquele ali eu falo "é o típico brasileiro", que ele tá totalmente perdido entre a cultura brasileira e a cultura japonesa, e ele tá sofrendo. Ele é ... isso, entendeu? Porque ... ele dá pra notar, que é sofrida, que aquela criança, que ele tá, acho que que agora 18, eu acho que é, 17, 18, ele é típico brasileiro mais perdido nesse mundo japonês, e ele trabalha comigo de vez em quando, ele mais falta, eu falei "gente, esse menino é muito brasileiro", ele chega atrasado, ele fica enrolando, então, falta aquela base da família, pra ajuda ele a incorporar realmente no mundo. Então, eu ... eu fiquei pensando, eu falei: "poxa, será que num era isso que a Juliana queria?", porque tem muito, Juliana aqui, tem muito. Têm famílias regradas, a sua veio aqui, dá pra notar, e o fato de você ter estudado, todo mundo tem desafios, mas é uma família regrada, uma família que tem um padrão, mesmo talvez não sendo testemunha de jeová, tem padrão a ser seguido. Mas aqui, é ... ta muito difícil, você vê a situação dos brasileiros. A gente passando na parte da escola aqui, é da noite, né, as crianças da noite, e a minha menina, elas ... como eu falei elas são muitos brasileiras, né, ela falou "mãe vamo passar aqui, se vai ligar esse som no último, e eu vou gritar pra essa molecada", eu falei "se vai é apanhar menina". E tem, elas escutam músicas do Brasil, e elas "mãe iram muito legal, esses moleque iam surta a hora que eu passar aqui e eu grita com eles esse pedaço", só que eu num lembro a música, né. Então as minhas

meninas, elas são ... bem assim, eu acho, alegres, né, apesar de viver nesse ... nessa cultura, porque a gente é muito família, é muito em casa, é aquela coisa gostosa, né, mesmo tendo as dificuldades. Se você achar que enquadra, daijobu a gente vai responder tranquilo, mas eu vou ver se na verdade se você quiser ... eu não sei se ele vai aceitar, mas eu vou tentar conversar com ele. Ele é ... ele seria 10, é aquela turma que eu vejo ele andando na rua, eu falei "meu deus, esse povo", eles tão fora da realidade, fora da realidade. Mas se nós pudermos ajudar, a gente tá disposição.

Questões:

1- Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
Foi uma aventura, na época. Eu trabalhava eu ganhava muito bem, eu me arrependi amargamente de te vindo. Eu trabalhava no Banco Itaú, processamento de dados, que eu era secretaria executiva, e eu cheguei aqui .... risadas .... não, era muito bom. Eu só ganhava 15 salários mínimos, muito pouco. E aí eu vim, e ... de bicicleta, sempre de salto alto, cheirando a graxa, foi uma decepção. Isso, pra minha irmã que já era tímida, num tava numa profissão, era excelente esse lugar, mas pra mim, era péssimo. E ai quando eu recebi o primeiro salário eu chorei, porque eu ganhei menos do que eu ganhava no brasil, e ai ... eu falei pra ela "eu vo te que ir embora, eu num vou ficar aqui, é perca de tempo isso aqui. Eu já conheci, já andei muito de bicicleta aqui, eu vo cair fora". Só que ai, no mesmo dia que eu falei, no outro dia eu fui trabalhar, era o primeiro dia do segundo mês eu sofri um acidente na fábrica. E aí ... eu fiquei ... meia que presa 6 meses por causa do tratamento. Uma peça estourou na minha boca, ela saiu da máquina, era solda, quebrou meus dentes, cortou meus lábios. E ... aí eu fui pro hospital, que eles me levaram e ai o tratamento dentário aqui que é muito horrível, precário, 6 meses, duas semanas sem comer, ai fizeram uns dentes, que eu fiquei com os dente tudo fora da boca. E ... foi precário, mas eu fiquei presa 6 meses, porque eu falei "eu não vou embora agora, do jeito que eu to", eu num podia comer, eu fiquei muito ruim. E ai eu fui ficando e ... ai depois de 6 meses se acostuma, né. Aí eu fiquei, é aí eu fiquei.
Não, eu gostei, como eu gostava de aventura ... eu achava tudo graça, como andar de bicicleta, eu saia dessa cidade, a gente morava em outra cidade, era uma hora de bicicleta pra ir no mercado, que ela disse que era muito bom, "a vamos bora, vamos bora". Eu era esse típico brasileiro que eu hoje vejo na escola que minha menina acha engraçado, eu era muito doida, então eu acredito que da mesma forma que hoje alguns japoneses olham, só que o pessoal já acostumou com os brasileiros. Eu era muito doida, eu andava com shorts e mini blusa aqui, a trinta anos atrás, era ... hoje eu falo "meu Deus eu num tinha nenhum semancol, nenhum". Eu fazia compra assim, eu atendia porta desse jeito, eu era ... achava que eu estava em casa. Então, eu não tive dificuldade de adaptação no sentido, a fábrica nossa era mais de 100 brasileiros, até chefe era brasileiro, Juliana. Então ... estava em casa, estava em casa, estava ... foi muito assim, mais eu acho que é por causa desse meu jeito, muito doida, eu ... eu me adapto fácil as circunstancias, só depois, que eu recebi o salário, ai foi difícil.

2- Os filhos participaram dessa decisão? Não se aplica.

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão? Não se aplica.

- Sua filha nasceu no Japão?
Nasceram aqui, isso, todas elas nasceram aqui. 3 filhas, tudo menina. Uma 22, a outra tem 20 e a outra, a Yumi tem 18.

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Sim, sim. Esse foi o padrão ... que na ver ... é orientação que a gente tem na organização das testemunhas de jeová. Morando num país estrangeiro, é ... seria muito mais prático pra família matricular os filhos na escola local pra aprender o idioma loca, e o materno ensinar em casa. Então ... foi assim que a gente pensou.
Isso. Porque hoje a gente só sofre como operário, porque até hoje eu não sei falar, eu me viro. Mas ela trabalha no mercado, porque sabe ler, escrever e falar. Então ela tem uma vida muito tranquila.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Foi péssima. Não, foi péssima, porque também nós ... ai isso é nosso ... optamos por não por na creche, então ... é porque ... eu e meu marido, isso nós decidimos, é ... alfabetizar em casa, eu fiz o magistério no Brasil, então alguma noção eu tinha, então eu alfabetizei a mais velha, alfabetizei a do meio e alfabetizei a Yumi, então eu falei "se por na creche com três anos, eu num trabalho, eu vou ficar fazendo o que em casa?". Né, então, não, eu to aqui pra cuidar de filho, agora. Então eu não vou por na creche, eu alfabetizei em casa e paguei aquele

Kumon, só 6 meses, pra aprender a ler a letrinha hiragana e katakana e a gente jogou na escola, por assim dizer, então entrou como se fosse mesmo, chegado do Brasil. Perdida, eu falei "olha, você olha pro lado a pessoa levanto você levanta, pessoa sentou você senta, pessoa riu você ri, a pessoa chorou você chora, filha". Pronto, que vai dar certo, mas ela sofreu muito.
Não, não sabia, não sabia.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Ela, não. A Yumi só sofreu, a Yumi, aí a gente descobriu depois, tem déficit de atenção. Então, num aprendida mesmo, eu falei "meu Deus, que que ..". Porque ai se num pode comparar filha, né, a mais velha, é muito inteligente, é muito esforçada, a do meio é meia boca, né, e a última eu falei "filha num sobrou nada pra você, né". E ela ... ela já sabia mais ou menos como funciona a escola por causa que a minha do meio me deu muito problema, então eu tinha que ficar na escola junto e eu tinha que levar a Yumi, então Yumi tinha uma certa noção, mas nunca ficou sozinha. Nunca ficou sozinha, então a Yumi me deu trabalho nesse ponto, a do meio eu fiquei indo na escola uns 2 meses. Pode adaptar, porque ... é ... a minha do meio é o bicho, porque ela tinha problema emocional, então foi muito complicado, e a Yumi viu todo esse sofrimento. A Yumi ela tem o déficit de atenção dela e tem a "sem-vergonhice" dela, então eu levei pra escola e ela chorava, menina. Eu falei "filha, eu vou te bater, se você continuasse, porque a sua irmã do meio é doida, você num é, você é sem vergonha". Mas só que ela é muito bonitinha. Então, ai eu fui ficando com ela. Eu fiquei com a Yumi na escola uns 40 dias. Mas bem menos do que a do meio, porque ela não dava trabalho. É muito quietinha, era muito assim, só que ... olhava, mais depois a gente viu, ela não conseguia concentra. Mas problemas não teve, não teve.

- Bullying?
Hum, acho que não, porque a Yumi ela num se dá conta. É, é ela é bem devagar, era né, agora tá esperta. E ela ri muito, ela acha tipo assim, se você maltrata ela, ela levanta assim e faz assim (EXPRESSÃO FACIL DA ENTREVISTADA), e vira ... eu falei "gente como que consegue?", é dela.
Não, não, não.

- Como era sua relação com os pais, professores?
Com os outros pais eu sempre me dei bem, né, sempre conversei muito, tudo, com as professoras também. Ah, um incidente que a Yumi teve, mas ela já era grande, num sei se vale, foi na 5° serie quando ela recebeu um presente, naquele negócio ... dia de ... que é Valentine Days, mas aqui agora é dia dos amigos, e como testemunha de jeová a gente num participa tal, mas ela ganhou, e ... alguém contou para a professora, e eu sempre me dei bem na escola, mais o que que aconteceu, a professora brigou com ela e no final da aula teve outro chamado sério mesmo. Eu ouvi os gritos lá de cima, mas eu num tava entendendo o que, né, eu subi a Yumi começou a chorar. Mas ai meu marido falou "ela não chorou por causa do professor, porque ela não desceu chorando, ela chorou por causa de quem?" Da megera da mãe, porque a mãe vira um bicho. E ela começou a chorar, eu briguei com ela já na escada. "Mas porque que se tá chorando? Que que aconteceu? Por que que esse homem tá berrando lá em cima?" Aí ela falou "eu ganhei o presente e num sei o que e a sensei falou pra mim que eu sou muito boba, olha o tipo de amigo que eu tenho". Ai num presto. Apesar de eu precisar ter algum domínio eu subi e falei pra ela "Olha, você ... e eu falei ..." elas dão muita risada, porque eu não sei falar. Mas a minha filha falou "mãe quando se ta nervosa ..." "mãe não era pra você falar..." porque eu não sei falar, então o jeito que a gente fala é grosso, né. Eu sei falar palavras. Eu falei pra sensei mesmo, né, "você é mentirosa, eu te perguntei se tava tudo bem, eu te perguntei o porquê minha filha não chegou em casa ainda e você me disse que estava tudo bem. Então por que eu estou ouvindo gritos de um professor lá em cima? Então se você mente pra mim e eu confio a minha filha um ano na sua mão, eu já começo a desconfiar da sua pessoa." Eu falei "o mínimo que nos precisamos é de veracidade, se você não é veraz eu vou ser obrigada a ti aturar, por obrigação, mas não mais por respeito". Ela era muito boazinha, mais ... eu ... não ... é ... é aquela ... é .... tem muito disso assim: "hahahahaha (sarcasmo) japonês, hahahahaha (sarcasmo)" e eu num gosto disso, eu prefiro que fale a verdade, né, "olha sua filha, ela desobedeceu uma regra e agora está sendo punida", ótimo, eu ia entender, mas como eu perguntei "sensei daijobu?" Ai eu fiquei muito nervosa, trouxe a Yumi pra casa aquele dia, ai ela falou "ai mãe eu quero falar com você", a professora, eu falei: "eu não quero mais falar com você, porque eu preciso ter o autodomínio pra te tratar bem, e eu agora, eu não estou com autodomínio, a sua atitude vai me fazer pecar mais do que eu já pequei, então eu estou me retirando", "mas mãe", eu falei "não fale mais comigo". Enfiei a Yumi no carro, e vim embora, ai faltou na escola por minha culpa, porque eu falei pra Yumi "eu to muito brava com você, porque você tem que ser firme, é algo que é uma regra, nós precisamos obedecer, você já sabe disso", mas a Yumi não tem boca pra nada, ela não tem ...

- Qual foi a regra que ela desobedeceu?

Não podia, é, receber o presente mesmo que alguém trouxer um presente de fora você não pode pegar. E a Yumi tadinha, a outra menina que ... deu o presente eu acho que tem o mesmo problema que a Yumi, é muito devagarinho, e até hoje ... porque num é normal, tipo eles abraça, você sabe, né, Juliana, beija, mas eu beijo muito minhas filhas, até na porta da escola, eu levava a gente dava beijinho na boca "tchau", e as crianças tudo olhando. Essa menininha ... ela via eu e vinha correndo e me abraçava, só que isso quando tem 6 anos é normal, porque é criança. Eu encontrei com ela ... dezembro agora, ela tá com a mesma idade da Yumi, dentro do mercado, menina. Aí ela "okasan" eu falei "Oi, falei em japonês com ela, eu falei "filha que se tá fazendo aqui no mercado uma hora dessa? Você tem que tá na escola". Ai ela me contou, a japonesinha, tá sofrendo ijime, então ela mente pra mãe dela e ela falta na escola, ai eu conversei sério com ela no mercado, eu falei "senta aqui agora", porque tinha lugar, eu falei "você vai ..." e ela é super ... como ela já sabe que eu não sei falar, ela já acostumou a conversar comigo, e ai, eu falo com ela brava, eu falei "você vai pra escola agora e se alguém te bater você me liga, que eu vo lá bater na pessoa", "não, num pode", eu to brincando, ai eu falei, eu queria que ela sentisse amor, proteção. E essa menina é igual a Yumi, por isso elas se deram muito bem. E ela levou um docinho, a Yumi num tem boca, a Yumi pegou, e aí a Yumi foi punida, não a menina, a Yumi foi punida, porque ela recebeu. E não podia pela regra da escola. Mais aí eu fiquei brava com a Yumi em casa, é regra, é regra, temos que obedecer, né.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?

O que tem de bom? Porque ele cria muita disciplina, eu acho que a disciplina ... ela é importante em qualquer fa... é faceta da sua vida, né. Mas ruim? Num sei, acho que num tem. Então ... num sei ... eu achei tudo muito bom, ela tem estudado aqui, então, que nem eu falei ... talvez sofreu lá, lá na ... nos 3 primeiros meses de escola, mas o resultado positivo era ... Ah, uma coisa eu acho ruim, aqui tem viagens escolares, e ... menina eu quase morro, eu sou brasileira, onde já se viu? Vão ... vão violentar minha filha, vão abusar dela, vão esquartejar ela. Meu marido olha pra mim e fala: "Se num quer fazer um tratamento psiquiátrico? Num é normal". Eu falei, "fala pra mim, no brasil, aonde que você vai deixar um filho?" E ... aí ... isso ... isso eu ... eu sofri, eu levava na escola e eu buscava, Juliana. A escola implorava pra mim ... mas Ju, na época da Yumi, já num tinha mais o que falar, porque falavam na primeira, e eu conversava com a professora e eu chorava, eu falei "eu não consigo pelo amor de Deus, é que eu não consigo, é .. é perigoso", ela "mamãe não é perigoso". A Sensei vinha em casa, elas faziam reunião comigo. Eu acho que o problema nunca foi minhas filhas, o problema sempre foi a mãe na escola.

Eu tinha muito medo do que iria acontecer, né, e nunca aconteceu nada, né. Então, só que ... esse pra mim, foi difícil, principalmente a primeira viagem, mas foi mais com a mais velha, aí com a Yumi meio que você "ah, pode ir, num vai acontecer nada", né. É, então eu acostumei, mais pra mim isso foi difícil, e a Yumi foi difícil, porque ela não queria ir. Ela tem uma dependência muito grande, muito medo, ela tava desenvolvendo síndrome do pânico, por causa do Déficit de atenção, então, eu nem me tocava, do que era na época, né. A gente, descobriu quando ela entrou no ginásio daqui, aí que a gente descobriu. Só a viagem, a viagem que eu não dei conta.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?

Meu ... é ... meu marido sempre quis ir embora. E eu nunca quis. É ... acho que o serviço é muito cansativo, mas essa tranquilidade e segurança vale a pena. É ... eu num consigo vê minhas meninas ai bem, você tá a aí você tá viva, mais eu acho, que "ai meu Deus, se eu for ai elas vão morrer, vão matar" meu marido fala "meu Deus, da onde você tira essas ideias?" eu falei "eu num sei". Mas eu tenho muito receio, e elas foram criadas aqui, elas são mui... até certo ponto, apesar de ser esperta, a de nível de Brasil, elas são muito "bocozinha", muito inocente, muito, num é, diferente?

Ai tem uma malícia que você joga, você olha, você manja, elas, tão de boa assim, eu falei "filha pelo amor de Deus, anda direito, segura essa bolsa", elas olhavam pra mim "mãe você parece loca, mãe" eu falei assim "não gente, vocês não tão entendendo". Ai eu vi um homem olhando "pelo amor de Deus, abaixa essa blusa, que num sei o que", "ai mãe como que..."

- Elas já vieram para o Brasil e gostaram?

Já, já. Ama o Brasil. Porque são muito brasileira, meu marido fala e ela fala assim "oh papai, eu gosto daqui, mas se um dia você quiser ir, tá bom, eu vou". Ai esses dias ela falou "ah, papai, eu acho que eu num vou não tá, se pode ir embora, tá? Eu vou ficar". Ela fala que aqui é muito tranquilo, a Yumi tá tendo agora esse sentimento, "papai aqui é muito sossegado", porque ela foi pro Brasil agora em dezembro, e ... ela ... e primeira vez, foi meio que sozinha porque foi com a mais velha, mais velha foi ficar noiva aí no Brasil e ela foi junto. Mas a mais velha vai embora. E ai ela falou "foi muito cansativo, muito estressante o povo é muito barulhento", ela pegou final de ano, né, juliana, barulho de natal, buzina, aquela muvuca lá em santos, porque ela ficou na praia grande, ela falou "gente, é ... é gostoso, mas ... num é pra mim", ela falou, agora se fala que vai morar no Paraná, no interior, ela fala "ai eu vo, ai eu vo", ela falou que achou muito sossegada a casa da minha mãe, muito tranquilo o bairro, né, então ela gostou.

- Ainda não decidiram se voltam ou ficam aí?
Isso, não temos. Não, ainda não. Mas meu marido tem muita vontade, porque ele falou "ta ficando velho", né, e uma hora como vai fazer.
Então tem esse fator, então a gente tá bem assim, as vezes ele pensa, mas aó agora se ouve a história do covid ai e a gente fala, "eu vou ficar por aqui mesmo", tá tudo bom né.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera?
Então, foi, agora ela começou a fala, que nem ela falou pro meu marido "oh, pai. Você pode ir" mais eu sei que não, se a gente for ela vai, né, mais ela fala sempre, né, "ah, você pode ir embora que eu vou ficar aqui", "oh papai ..." ela tem muita vontade de viajar, mais é muito criança ainda, né, pra idade dela, só que ao mesmo tempo eu falo "é criança, mas da nó em pingo d'agua, eu num posso bobear". Então ela fala "vou juntar dinheiro" eu falei agora "filha eu quero que você tira carteira de carro, né, de moto, e num sei o que". Mas ela como tem déficit de atenção não consegue estudar, né, num tem interesse. "mamãe eu num vou passa", eu falei "vai", então agora ela começou a juntar o dinheiro pra tirar a carteira e ao mesmo tempo ela fala "eu queria viajar", o sonho dela é viajar, "eu quero ir pra Nova York, eu quero ir pra num sei aonde" "papai vamo juntar dinheiro, papai, a gente vai viajar junto, papai" então ela fala isso, eu falo sempre pra ela, que "uma já casou, a outra vai casa e eu vou ficar sozinha", "que nada eu vou ficar com você". Falei "não, daqui a pouco arranja um também e vai querer casa" "não, não, mas eu vou morar com você porque eu num sei cozinha, eu num lava e eu num sei passar, e eu não gosto" eu falei "hã? E você quer uma empregada?" "Não mamãe, eu quero cuidar de você, mamãe, se fica comigo".
Então, ela comenta assim, até no momento não pensa em casar, mais é o que eu falo, né, num pensa porque não achou ninguém, na hora que achar, eu já tive a experiência de duas né, num vai ter quem segure. Né. Então ... ai eu sei que ela ... ela comenta isso, mas ela fala que casar por enquanto ela tá sossegada e que quer viajar, ela gostaria muito de viajar.

- Ela fala algo sobre continuar os estudos?
Não, não. Tá terminando o colegial na marra. É muito sofrido pra ela, por quê? não entende, não entende. Mas se tivesse no português, porque tem escola brasileira, ela também não entenderia. Uma, a professora falou "ela tem o déficit de atenção e ela não tem interesse nenhum", então paguei o tratamento pra ela, uma época, e ela foi aqui no psiquiatra e o psiquiatra falou "eu to dando o melhor remédio pra ela, mãe era pra ela ta tirando 90, porque o cérebro dela tá ativo", eu falei "só se tiver ativo pra outra coisa, pra dançar, pra música" porque quando ... mas estuda professora ela ainda tá tira ... é ... médico, ela ainda tá tirando zero, ele falou "então mãe, não adianta você fazer o tratamento, ela não quer, ela está usando todo o potencial do remédio só praquilo que ela gosta", ai foi ... médico mesmo chegou a essa conclusão e ai eu interrompi, eu interrompi o tratamento. É ... Então estudar ela vai fazer só esse o Koukou, que seria o colegial, e vai parar.

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro? Já foi respondido

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?
Vai ser só por causa da dificuldade de viver aqui, mas é o que meu marido fala, "dificuldade vai ter ai também, porque não tem carteira assinada, não contribuiu, então não vai ter o que comer aqui e não vai ter o que comer ai". Só que ... só que ai ele fala, ele acha bem interessante que, ai se tá no brasil, né, você tem família, é outra coisa se você ta sozinho. Então ele comenta sempre, então talvez a gente volte na hora que não tiver mais jeito, e vai cair. Porque quando solteiros eu comprei casa pra minha mãe e ele comprou pra mãe dele, então, a gente sempre imagina, é família, né. Se vai ter onde ficar, é então ... a minha mãe ...

- Tem contato com os avós?
Tem muito, tem. Só que a vó do meu marido .. a mãe do meu marido não é muito ... ela é japonesa, né. Então num ... é meia fria ... elas foram pro Brasil agora elas sentiram muito, principalmente a Yumi, nesse ponto ela até falou "eu vou falar a verdade, mãe, uma palavra bem feia, a vó tava andando e cagando pra nós". Eu falei "num fala assim", "é mãe, a gente tentava conversar com ela, ela num ... foi simpática nenhuma vez". A minha mãe, até hoje, "oi vovó, eu te amo", minha mãe também é assim. Elas chegaram lá minha mãe se desdobra pra fazer tudo que elas querem. Por isso que eu acho que ela fala que quer morar em Londrina, na casa da minha mãe ... mais familiar, minha mãe trata muito bem, né. Mas da casa do meu marido elas não conseguiram ter liga, não conseguiram.

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?

Eu acho muito bom, pelo fato de que ... como você aqui no Japão você não tem ... família, bem dizer você tá sozinho, você fica muito família, né, então você aprende a depender desse círculo, né. E como a gente foi a orientação da bíblia e entra de novo, as crianças não se perderam, porque os jovens que ... hoje eu vejo, eles não tem família, não tem mãe, não tem pai, cada um tem a sua vida, e o perigo de aprender o idioma japonês, eles esquecem o português, em casa foi ao contrário, então a gente consegue se comunicar. Ai, se vê esse ... que nem esse garoto, ele consegue se comunicar porque tem pouco tempo, mas a maioria eu vejo, os pais não têm comunicação. É por isso, fala só o idioma, então pra nós tá aqui, eu sei a gente comenta a gente pode de tudo, tudo quanto é interferência, tanto de família, e até da sociedade é ... brasileira, porque a gente tem o nosso mundinho, a gente tá entre os irmãos naquele mesmo padrão e muito em casa. Então a gente tem uma dependência um do outro. E ... eu acho isso importante, porque a família vai deteriorando ... e uma família deteriorante é muito triste, pra todos os membros, então se consegue manter aquela paz, aquela felicidade, então esse ponto eu acho dez. Ai tem o ponto negativo que você comentou, a família, é ... a família continua sendo a família, vô, vó, tio, tia. E ai fica muito longe, muito distante, mas depende te vários fatores. Porque é o que a gente comenta em casa, com a mãe dele não consegue nada, mas sempre foi assim, até com ele. Porque ela é muito nihonjin é muito fechada, é dela. Agora da minha mãe, a minha mãe é brasileira, e o meu pai é descendente e o meu pai é falecido, a minha irmã morou aqui quando elas nasceram, então é muito família. Isso, então, é a distância, eu acho que não atrapalhou tanto, o que atrapalha é condição do coração de cada um, né. Mas as vezes se talvez morasse bem perto da minha sogra, ah, talvez teria um contato melhor, não sei, talvez, né.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
Ai ela abre, ela se abre, se abre, é dela de falar, e é um costume nosso, porque eu habituei chegar da escola ... só que antes a gente não entendia, ela num lembrava o que ela comeu no almoço. "que que se comeu hoje?", "esqueci", eu falei "mais como você esquece o que comeu minha filha?" ai só que as outras chegavam "Yumi, hoje teve isso, isso, isso e isso", mas a gente achava que como era a caçula, meia mimada, né. Mais num era, que ela era devagar, mas a gente sempre teve essa comunicação. "É, o que que você fez? O que que aconteceu? O que que te falaram?" E ... e eu como sou meio paranoica, né, que vai acontecer alguma coisa, "você foi no banheiro? Você aconteceu algo..", eu sempre ... as outras duas não precisava estimular, elas falavam, mas a Yumi tinha que puxa ... é pergunta, ai ela num lembrava ela num falava, ai ela ... só fala assim, até hoje as vezes é assim, "normal", "como foi o serviço hoje", "normal", eu falei " o que que é normal" eu falo sempre o que é normal, ai agora ela tá na parte da verdura, "ué, mexer na verdura", "fala pra mim filha, que verdura você mexeu hoje, é pepino, é laranja, banana, cabotian, fala filha", "mãe, é a mesma coisa", só que ai depois eu ficava lendo uma coisinha, né Juliana, ai ela falava "ah, então, ai eu fiz isso fiz aquilo", ai ela fala.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Brasileiro. Brasileiro. Tem que segurar. Muito brasileira, muito brasileira. Eu acho que sim, as três minhas são muito brasileira, e o que eu acho que aconteceu foi não ter colocado na creche, eu acho que isso ajudou muito. Porque essa fase que é a fase que dizem que tá formando todo o caráter. É, então era muito a gente, eu sou muito, muito bagunceira, meu marido é pior, só que ele é mais sério, né, eu sou muito dada, muito doida, e elas pegaram isso, então as três são assim, só que ela... só que hoje como eu já to velha e velha deveria ser mais cometida, elas falam "mãe menos", eu falei "ah, eu ein, sai fora, eu to pra morrer, eu vou aproveitar minha vida", "mãe pelo amor de Deus".

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
Brasileiro, brasileiro. É, aí quer comer alguma coisa, eu não sei fazer né, então ai no restaurante, ou agora que sabe ler, elas fazem, mas a Yumi é péssima, tanto, por isso que quando casar vai me levar. Ela num tem interesse em nada, nada, nada, nada, nada. Mas ela depende da mais velha, aí ela pede pra mais velha cozinha, "faz isso, mas eu quero tempero japonês, não deixa a mãe saber". Aí ela faz.

- Eles são unidas?
São, muito. Muito mesmo.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
Ah... não sei, em ... porque eu sou muito brasileira pros japoneses, mas talvez pros brasileiros eu sou muito Japão ... é, pros japoneses eu sou muito brasileira e pros brasileiros eu sou muito japonesa.

- Você comentou que não interage com a comunidade brasileira, mais com o pessoal da igreja?
Não. Isso, isso.

- Você comentou do jeito de ser do brasileiro daqui, os imigrantes, o que percebe de diferente?

Muito, muito diferente. O padrão de moral ... aí no Brasil é lamentável, mais infelizmente aqui, eu hoje, né, quando eu cheguei eu fazia pior do que eles, né, obvio, né. Mas hoje eu olho eu tenho dó, porque senhoras da minha idade, realmente que nem minha filha falou "mãe, menos", né, mas eu sou muito bagunça, mais hoje eu vejo senhoras quase nuas. A nível de Brasil, tudo bem, eu acho que ai é normal, mas de Japão, eu fico assim "EXPRESSÃO FACIL", então é muita diferença, e as próprias pessoas olham pra gente olham pra mim e tipo assim, "essa pessoa é estranha", por causa do estilo da roupa mais assim, né. Só que ai eu já ... sempre quando eu vou no mercado brasileiro, que eu gosto de conversar, eu brinco muito, ai elas sempre perguntam "você é evangélica? Você é alguma coisa? É que você é muito bagunceira". Eu falei "ué, eu sou testemunha de jeová mas sou feliz minha querida, eu num sei porque eu tinha que ser seria".

- Mas a Yumi tem amizade com brasileiros ou japoneses?
Mais brasileiro, mais brasileiro. Só que, que nem no salão do reino, tem família japonesas que aprenderam português, ela ama, agora não tem criança no nosso salão, japonesa, e como ... as minhas três são muito carinho, aquela brasileirada que ... elas são muito brasileira, de abraçar, de beijar, de pegar no colo e brincar, e bagunçar que nem a mãe. Então as crianças japonesas se achegam muito a elas, as brasileiras também, mas elas conseguem pegar a japonesadinha assim e fazer aquela festa, mas elas gostam dos dois. Porque criança, né, a Yumi eu acho que ... é criança, a gente brinca com ela, e ela fica as vezes chateada, né, e tem até um ... um irmão, que agora tá no Brasil, ele falou "quando eu sai daí a Yumi tinha 5, quantos anos ela fez agora, 7?" Porque eles falam, "A Yumi é muito criança", né. Ai esses dias ela falou pra ele "Olha para com a palhaçada que eu já cresci, eu fiz 10", mas ela tem 18. "Eu já fiz 10 tá, já to crescendo". Ela brinca. Eu geralmente comento com as pessoas que ela é devagar, ela fala "mãe para de falar que eu sou devagar", eu falei "você quer que eu fale o que, que você é rápida?" "Não, você só não fala nada, tá? Pelo amor de Deus", "tá bom filha, não vou falar mais.".
E esse ponto, Juliana, mesmo que conversar com outras famílias testemunhas de Jeová num tem, algo ... porque é da consciência, porque tem a orientação, né, e outra tem limitações, eu entendo que muitos pais tem a suas limitações e vai interferir na educação, no relacionamento do filho, então ... as meninas brincam sempre "a única limitação que a minha mãe tem é que ela é doida, ela devia ser internada", né. Mas ela num foi e gerou filhos e ai a gente tá arcando, elas sempre falam isso, né, "mamãe a gente nem vai levar você no psiquiatra, mamãe, porque você é um caso perdido, se for se num sai, deixa do jeito que tá", eu falei "então tá bom", então a gente tem muito assim, então eu acho que como ... eu devo ter vários problemas, que nem elas brincam eu sou louca, mas a gente consegue se divertir muito, né, tem problema, tem desafios, a gente vai sentar e vai chorar juntos, e chora mesmo, chora os 5 juntos, então vamo conversar, vamo sentar e vamo resolver isso agora. Então é muito aberto, ai eu falo, a Yumi fala, a Tassani fala, a Danka agora saio de casa, então foi outro problema grave pra Yumi, né, porque a Yumi, que nem você falou, elas são muito apegada, é unha e carne as meninas, então e ... e tão sofrendo porque eu percebi que eu não criei pra casar, é ao contrário do objetivo de Deus, casai e multiplicai, mais eu criei pra ficar em casa, comigo. Só que, no entanto, uma já caso a outra vai casa, mas a Yumi já tá conseguindo entender isso, né, então sofreu muito, mais a gente vamo senta e vamo conversar, a gente não precisa briga, então é aquela choradeira, todo mundo chora, todo mundo fala, todo mundo expressa sua opinião e cabo, se tiver que levar bronca, vai levar brinca, mas vamo chorar junto, né. Então, mais ou menos assim a nossa vida, por isso que meu marido falou "será que vai ajudar a Juliana".

Família 2 – Entrevista Pai

Nome completo: Maurício
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Yumi Costa
Sexo: ( ) Feminino (X) Masculino
Idade: 49 anos **Data de nascimento**: 10/03/1961
Escolaridade: Superior Incompleto – Bacharel em Computação
Grau de descendência: Sansei
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): 29 anos
Durante esse tempo, já voltou para o Brasil: Já, já voltei, algumas vezes. Mas só pra passear mesmo.
Profissão no Japão: Metalúrgico
Província onde mora: Aichi
Estado de origem no Brasil: São Paulo
Estado Civil: Casado **Se casado, há quanto tempo**: 22 anos
Quantos filhos tem: três filhas

Idioma falado em casa: Só português.

Questões:

1 - Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
Vim pro Japão com minha mãe porque em 1990 era o ... sonho dourado dos brasileiros, né. Então vim pra cá com a minha mãe, eu e minha mãe viemos pra cá, eu acho que com o intuito de todos os brasileiros, vim pra cá junta um dinheiro e depois retornar ao Brasil e ter uma vida mais ... mais como fala, mais regrada, uma posição social melhor.

- Quantos anos na época?
21 anos.

- Já tinha alguém da família que estava aí?
Não, a gente foi os pioneiros.

- Como foi a chegada no Japão?
Ah, foi ... foi muito, foi uma mistura de tudo, né, um choque cultural muito grande e um, a liberdade aquisitiva que você tem aqui.

- O que fez você continuar aí?
Estilo de vida, né, estilo de vida aqui é bem mais sossegado, e que nem eu falei pra você, poder aquisitivo é ... lá no brasil eu andava de ... acho que você nem lembra, a cidade, você num sabe o nome do carro, chevette, um carro, né, então, o pessoal tipo assim, meus amigos que eram um pouco mais abastado, tinham tipo Monza, que eram carros, na época, só que quando eu cheguei aqui eu consegui ter algo que eu nunca ia ter em tão pouco tempo, né.

2- Os filhos participaram dessa decisão? Não se aplica

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão? Não se aplica

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Pela escola japonesa, porque nós pais nos encontramos, né. Uma que na época escolas brasileiras eram muito raras aqui, e ... tinha, mas muito longe, as vezes tinha que andar de ... aquelas van, transporte, né, as vezes uma hora, uma hora e meia de transporte né, e segundo como a gente nunca teve um ... um ... um plano definitivo de voltar ao Brasil, então nós optamos pelo japonês porque se ela quisesse ficar aqui dominando a língua a vida seria bem melhor, né.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
É que acho que como minha esposa comentou contigo, nós temos três filhas, né, então meio que uma escadinha, né, que é a mais velha a do meio e a Yumi. A mais velha foi tipo ... a desbravadora de tudo, né, então no começo ela sofreu um pouco a adaptação a escola, mas eu acredito, porque ... por ser criança você aprende o idioma muito mais rápido e se adapta muito mais rápido a cultura, porque é todo mundo amigo num tem essa diferença de raça, nacionalidade, idade, né, ai veio a segunda que já encaminhou porque a primeira já tava e a terceira, só que a segunda deu um pouco mais trabalho pra se adaptar, a Yumi foi mais fácil porque, tanto pra ela quando pra nós porque ela já vivia esse ritmo de escola em casa, então no caso, teve tarefa pra fazer, já viu uniforme, já ... ela mesmo pegava o uniforme das meninas colocava, colocava ... eu num sei se você ... acho que a Mari comentou que você teve aqui no Japão. Então, num sei se você ... usou o randoseru e aquele chapeuzinho amarelo, então a Yumi pegava o randoseru colocava nas costas. Então acho que pra ela um pouco mais fácil a adaptação pelo sentido de que ... já tava meio que encaminhado, e nos também, como pais, sabíamos quais eram os requisitos, essa ... coloca essa palavra, as regras da escola, né.

- Houve alguma dificuldade, mesmo com a primeira filha? Por ela ser estrangeira na escola?
Nunca. Acho até interessante muito isso que o pessoal sempre fala sobre o bullying, né, aqui no Japão é chamado de Ijime, nunca sofreram nada, eu acredito que é até ao contrário, acho que elas que fizeram, num sei não viu.

- E com os colegas e professores?
É sempre foi muito ... muito assim, acessíveis e colaboradores.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Há, que ela tipo ... sempre foi uma menina muito querida e tipo ... então os amiguinhos, né, e aqui a gente tem aquele undokai que as pessoas competem, as vezes com elas, né, então ela conseguiu, chegar em ... no primeiro ano ela conseguiu chegar em primeiro, então, a gente "ah, legal", né, só que no segundo ano ela conseguiu chegar em 5°, 6°, no terceiro ano nem terminou a corrida, mas foi tipo pra nos foi algo assim, "tipo que ta acontecendo?", né, mas assim, num tem nada assim, tipo "ah, que legal", foi algo assim marcante, hum ... foram acontecimentos, né. Uma vez ela foi cortar uma folha do pé de tomate com uma amiguinha, a amiguinha em vez de cortar a folha de tomate cortou o dedo dela, teve que levar três pontos, mas assim, fala pra você que tipo "ah, coisa maravilhosa aconteceu", isso não temos, pelo menos eu não, né.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?
No Japão, no sentido na escola japonesa? Ah, eu acho que ... caso bom ... é que como aqui é tudo muito ... tem muito ... como é que fala ... regras, então ... você consegue desde pequeno, não é que você é robotizado, mas você é condicionado a ter um ... um ... uma ... um respeito maior pelos outros, né, então você é obrigado a tirar o sapato, você é obrigado a cumprimentar, você ... então eles te condiciona a ser uma pessoa mais educada, a ser uma pessoa mais responsável, a ser uma pessoa mais assim ... é ... que faz as coisas quando realmente tem que ser feita, né. O lado ruim, negativo que eu acredito que ... é porque eu fui criado no Brasil e na escola você tem mais liberdade, né, então ... você passa muito tempo aqui na escola, né, acredito porque os pais trabalham longas horas jornadas de trabalho, então num sei se é o sistema japonês é criado nesse sentido pra facilitar a vida dos pais, né.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?
Plano é tudo muito incerto agora na época que nós estamos vivendo, né, então essa pandemia, essas coisas ... uma vez ... e ... eu sempre tive vontade de voltar pra morar ai, mas ... eu acredito que o nosso plano é ficar aqui mesmo, continua nossa vida aqui, até por causa de vários fatores, né, idade, profissão e assim vai.

- As meninas falam algo sobre isso?
A princípio elas sempre falaram que queriam ficar aqui morrer aqui, mas ai ... a ... minha menina do meio caso, o marido dela é brasileiro, então eu não sei os planos dela, né. A minha menina mais velha vai casar agora em maio e ela nunca quis ir embora pro Brasil, mas achou o sonho brasileiro dela ai, né, ela vai embora, e a Yumi num quer ir embora daqui, né, aqui é muito sossegado, porque é ,... a... quatro, três anos atrás elas tiveram no brasil, né, então, a Yumi num ... num ... num é que ela num consiga se adaptar, como aqui é muito mais sossegado em vários sentidos ela prefere ficar aqui mesmo.
Há, é Juliana, né, Juliana. É ... no ... Acho que a Mari já comentou contigo que somos testemunhas de jeová, então a gente não tem uma certa identificação com o país, né, nós temos uma certa identificação com as nossas crenças, indiferente se nós estamos no Brasil ou no Japão, então no fato ela eu acredito que tipo assim ... é mais ... "se meu pai e minha mãe vai ficar aqui eu vou ficar aqui ... se meu pai e minha mãe vão pro Brasil eu vou pro Brasil", só que se ela a opção de escolher, por enquanto é ficar aqui.

- Por enquanto é ficar aí, mas há uma possibilidade de voltar para o Brasil no futuro?
Sim, sim.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera? Já foi respondido

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro? Já foi respondido

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?
Ah, família, minha mãe já tá com certa ... certa idade, minha sogra tem ... tem câncer, né, também tem. Precisa de cuidado, apesar que tanto a minha mãe como minha sogra ela têm ... no meu caso minha mãe tem meus irmãos que tomam conta dela, e minha sogra minha cunhado toma conta dela. E ... acho que a incerteza da idade, né, porque você vai ficando velho aqui e tipo assim. ... num sabe né. Então seria isso, né.

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
É ... eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei de viajar, né, então acho que ... tipo assim, a pessoa ela cresce em todos os sentidos, né, então ela aprende a viver, ela aprende a se virar, ela aprende a ... a ter responsabilidade, né, então ... e ... vindo pra cá eu tive essa oportunidade de realizar, meu sonho num era vir pra cá não, era ter ido pra Austrália, mas como eu sou descendente de japonês eu vim pra cá. Então esse lado positivo que tipo assim,

eu tive que aprender a viver, né, outra cultura, você teve ... tive que aprender a se adaptar, tive que ... que se virar com a cara e com a coragem, né.

- Tem algum ponto negativo na experiência da migração?
Hum... eu acredito que pelo país ser um pouco mais frio do que o Japão, quer dizer do que o Brasil, né, assim em sentido social, então a gente sente um pouco de falta do calor humano, né. Mas, assim, como eu falei pra você que nós somos testemunhas de Jeová, nós não nos envolvemos muito com cultura, com ... com ... com ...costumes com essas coisas, né, então aqui no Japão acredito que a maior dificuldade que a comunidade brasileira encontra até mesmo os adolescentes seria isso, né, esse ... essa amizade de você pode jogar bola na rua sem preocupação e assim por diante.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
Diariamente. Sim, e ... eu ... tipo ... tanto que quando minha filha do meio ela casou saiu ela falou ... eu nunca ... meu ... meu ... tipo ... falando pra mim, né, que "você sempre foi um pai presente", né, desde aprender a falar, até aprender a andar de snowboard, surfar eu ensinei elas, né, então ... a gente sempre teve ... muito assim ... contato, nunca fui um pai ausente.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Ela... acho que tem ... um ... um ... o ... a personalidade dela ... dela mesmo, nem japonesa e nem brasileira, ela é ... ela é .. num é que ela é difícil de ... de explicar, mas ela é única, ... não ... é ... menina ... bem .. ela é ... por ela ser bem sossegada, então, que nem eu comentei com você, né, nós não nos envolvemos muito assim na cultura japonesa e nos tipos assim... sempre tá falando português, porque aqui a gente não permite falar o japonês, né, então ... eu acho que ... ela é mais abrasileirada eu posso dizer assim.

- Você disse que não se envolve muito na cultura devido a religião, como isso funciona?
Não, qualquer outro pais, até mesmo no Brasil, até mesmo qualquer outro pais, é, a gente não se envolve até porque o que nós acreditamos muitas vezes num é o que as pessoas acredita, né, então ... a gente tipo assim, não que a gente se isole das pessoas, na verdade, as pessoas que se isolam da gente ... mas nós ... assim ... de forma alguma somos contra ninguém, nada né, e aproveitamos a ... ter uma vida em família da melhor forma possível, porque isso eu sei, que indiferente se sermos testemunha de jeová, católico ou qualquer outra religião, o papel de família ela é fundamental, como pai, mãe, o que ... né. Eu acho que ... não to falando em sentido religioso eu to falando no sentido de experiencia de vida, eu acho que a família é base da sociedade.

- Vocês passeiam, vão em restaurantes, shopping aí no Japão?
Se tivesse dinheiro a gente ia todo dia. Normal, a gente vai ... frequenta os lugares tudo. É normal.

- Só não tem a convivência intensa com a cultura?
É, até mesmo com outros brasileiros, né, não ... não digo só ... só com a cultura japonesa, com a cultura brasileira também que existe aqui a gente também não tem muito contato.

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
Ah ... a gente aqui, uma ... o ... japonês a gente ... é ... mais ... ass ... é ... é meio uma mistura porque ... o entretenimento japonês ele é mais inocente que o brasileiro, né, então ... pra entretenimento a gente tá achando mais fácil, até eu mesmo gosto mais do japonês, mas assim, música essas coisas é ... num dá, né, ai tem que se brasileiro. Então acho que esse ... alimentação é totalmente brasileira e se for japonesa é ... é abrasileirada, né, é tipo assim ... é um sushi de picanha alguma coisa assim. Porque .... a minha esposa ela num ... num ... num sabe cozinha, né, assim comida japonesa, né, e aqui tem ... a gente mercados brasileiros, né, então como a gente aprendeu, cresceu comendo comida brasileira aí chegou aqui tem, vamos continuamos, né.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
Mais em que sentido suporte assim, tipo ... é ... econômico? ... Tudo ... tudo no japonês, porque mesmo se você não souber falar japonês, eu acho muito interessante na cultura japonesa isso, todos que são estrangeiros eles tem um certo preconceito, mas eles vieram aqui, pra nos ajudar, então nós temos a responsabilidade de ajudar eles, então se eu chegar no. .. em qualquer lugar aqui no Japão e precisar de uma ajuda, um japonês ele vai ... vai fazer mímica vai fazer qualquer coisa pra tentar me ajudar em algum sentido. Já com brasileiro ... brasileiro meio que tem uma fama meio assim de ser oportunista, né, se ele pude te ... te ... te ... como é que fala ... tirar alguma coisa de você ele tira, né, em visto que a comunidade brasileira num tem tanta força aqui no Japão, acredito que o suporte maior todo vem do Japão.

- Qual a imagem que vocês têm da comunidade brasileira?
Brasileiro sendo brasileiro. É ... não ... porque tipo assim, eu acho que por causa de criação, a gente vem de um ... acredito que não seria o seu caso, mas a gente aprende a ter respeito pelos outros, se você ... minha vó sempre dizia... quando, quando eu vim pra cá minha vó falou "olha, galo em terreiro alheio é galinha", então como você tá indo pra um lugar que não é o seu país, você tem que se adaptar ou respeitar as regras daí. Então eu num sei se isso é por criação, por ser criado dessa forma, então eu ... sempre ... imaginei dessa forma, né, eu to num país que me acolheu eu preciso respeitar essas orientações, as leis, e até mesmo não concordando ou concordando eu preciso respeitar as autoridades. Agora na maioria da comunidade brasileira que tem aqui eles ... bem assim ... tipo "to nem ai", né. Então tem esse lado negativo, acredito eu.

Família 2 – Entrevista Casal

Mãe: Marta
Pai: Maurício

1 - A ideia da migração veio de quem? Como foi, os motivos, os medos, etc.? Já foi respondido

- Vocês não migraram juntos, mas se conheceram aí no Japão?
Marta: Ele veio primeiro, quando você veio? Ele veio em 90 e eu vim em 92.

- Como se conheceram?
Marta: É ... na fábrica que eu tava trabalhando a irmã dele foi trabalhar lá, e ai ele ... "você foi fazer a mudança, né?" Ele foi fazer a mudança dela, foi ele e o irmão dele e ai a gente se conheceu.

2 - Alguém da família de vocês já tinham migrado antes? Já foi respondido

3 - Como foi a chegada ao Japão? Como se sentiram na época? Já foi respondido

4 - Vocês gostaram do Japão na época em que chegaram? O que estranharam? Já foi respondido

5 - Há quanto tempo moram no Japão? Pensam em voltar para o Brasil? Conversam com o seu filho sobre isso? Já foi respondido

- Vocês têm muito tempo no Japão, pensam em voltar para o Brasil?
Marta: Ele sempre pensa, eu prefiro ficar, mas também se ele quiser ir eu vou, mas ele pensa em ir. Conversa, conversa, tanto que o sonho da Yumi é ficar aqui, né, mas aí quando a gente fala, ela fala "ai, tem que ir, né", porque se ... ela fala "que fica com a gente".

6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de serem imigrantes? E os benéficos, os ganhos?
Marta: Que eu acho que é a tranquilidade e o fato de ... a gente tá sozinho, né, família num tem, então ... você ... você se torna muito família, porque você num tem um tio, uma vó, um primo, uma prima pra correr atrás, então fica muito família ... eu acho isso bom, num acho ruim. Eu comentei, né, com você ... é ... num sei se eu comentei ... é ... daquela dificuldade de agora é aproximação com a família, né, mais a minha mãe elas são bem próximas, né, e com a mãe dele, mas é atitude de cada um num depende só de uma pessoa, e a mãe dele é muito japonesa ... então ... sem jeito.

7 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de terem um filho imigrante no Japão? E os benéficos, os ganhos?
Marta: Eu acho que a independência, aqui as crianças têm. Acho que aí no Brasil também mudou muita coisa, né, mais ... as crianças aqui já são nascidas pra ser independentes, né, é ... num existe família, é muito diferente aqui, porque que nem as pessoas põe as crianças na creche, elas já sabem se trocar, elas ... é muito bonitinho, eu também acho bonitinho, né, dois aninhos já sabe por sapato, já põe a roupinha pega a bolsinha, mas isso, eu, eu, penso lá no futuro, né, eles se sentem, quando entra na escola, dono do nariz deles, num precisa, tipo, de pai e mãe. É ... é ... interessante as crianças saber cozinhar, sabe isso, sabe aquilo, parece que eles são autossuficientes, não precisam mais dos seus genitores.
Maurício: Aqui no caso tipo, dificuldade, n ... é ... é ... é pelo fato do ... que nem eu comentei contigo, né, por sermos, termos uma religião mais assim, diferenciada das outras então a gente meio que ... é ... tem mais cuidados, diferenciados, né, a gente se preocupa muito com a moral, a gente se preocupa muito com a companhia, então no caso ... que nem a Mari falou aqui no Japão as crianças, elas ... elas ... as ... elas saem sozinha de bicicleta, tipo com 4, 5 anos, se vê as crianças andando ai, pelo fato também de ... se mais seguro

aqui, né, não tem preocupação tipo, “ah vai ser assaltado”, se vê ai criança com 5, 6 anos com iphone na mão, então, a gente consegue entender esse ponto, criança é criança, é nosso filho então tem que andar com a gente.

- As meninas sempre entenderam essa questão da religião?
Maurício: Questionam, questionam, e a gente sempre deixou assim ... em aberto, né, num é obrigado a seguir a religião dos pais, se vocês querem vocês ... é ... tipo tem o livre arbítrio pra vocês fazerem o que vocês querem, mas aí, elas mesmos chegam ao comparativos, por exemplo, como a gente é muito unido, né, a gente faz as coisas juntos, elas conseguem ver essa diferença nas outras famílias, tanto de brasileiros como os japoneses. Porque aqui que nem eu falei pra você, a Mari também comentou, são independentes, né, então o filho tá só sem o pai sem a mãe, as vezes eles viajam pra outra cidade até outro estado sozinhos, né.
Marta: Posso fala uma coisinha, num sei se vai te ajudar, pode falar para eu parar de falar, é ... eu ... eu ... eu que tenho a paranoia do negócio de viajar, lembra? Que eu falei com você. Ai a primeira filha foi viajar, o professor teve que vim em casa conversar comigo, porque eu só falava “não, não vai, não, não vai”, ai eu deixei, só que que eu fiz, eu num fui buscar que eu não deixei a menina dormir lá. Foi ridículo, porque ... sabe o que é aquela escola, aquela tensão lá no meio do mato, era numa montanha, duas horas daqui de casa, e eu fui buscar e no outro dia 6 hora da manhã tinha que tá lá. Um absurdo, só que na hora que eu cheguei ela fala, que ... ela num falo na época, depois de muito tempo ela falou ... “mãe, que mico mãe, que que isso”. Só que uma coisa que ela ficou feliz, que as meninas falaram pra ela “sua mãe é mãe mesmo, ein”. Então, as próprias japoneses quando viram aquilo, ela sentiu vergonha, “ai, olha minha mãe”, eu fui buscar dois dias, eu fui buscar e fui levar, depois na segunda viagem eu já deixei, né, mais na primeira eu fui buscar eu fui leva, sofri muito, mas eu expliquei o porquê do meu medo num é normal. Mas ai a própria atitude das amiguinhas da escola ajudou a minha atitude, porque elas falaram “gente, quanto amor a sua mãe tem por você, porque a minha não viria busca não, mesmo que eu quisesse, precisasse elas não viriam, é um favor”, ai que bom, então a ... então ... ai ela não ficou triste, então foi bom.
Maurício: Mas aí tipo assim, nunca ... como é que fala, fez uma troca, nunca fizemos uma troca, tipo assim, “você vai fazer isso pra ser recompensado com aquilo”, né, que nem eu comentei com você, a decisão delas de ... de seguir nossa religião é delas, de não seguir é delas, a gente nunca impôs e nem fiz troca. Não só em questão de religião, em questão de tudo, né, “ah, você vai ganhar um telefone se você tirar nota boa na escola”, não, obrigação sua é tirar nota boa na escola, se num trabalha, se num faz nada, né, então a gente sempre tem essa comunicação e nunca tivemos assim ... esse problema de nos comunicar.

- Algum benefício de viver no Japão? De passar essa experiência com as meninas?
Maurício: No caso, acho que, num sei se seria muito assim, ajuda você nesse sentido, porque nós não migramos com as meninas.
Marta: Elas nasceram aqui.
Maurício: Nós migramos sem as meninas, então é diferente de você pegar uma criança aí com 7, 8 anos, que já tem uma certa idade, começando a criar um certa raiz, você arrancar a plantinha daí e coloca e planta ela aqui, então nosso caso, eu vim pra cá solteiro, a Mari veio pra cá solteira, nos conhecemos, vivemos um tempo junto, depois tivemos as nossas filhas, né, então a partir do momento que a gente teve os filhos a nossa vida, eu ... você é ... se num é casada, ou é casada? Não, né, então, a partir do momento, eu acho ... que ... que ... eu acho que é comum do ser humano, o ser humano acho que foi criado nesse sentido, a partir do momento que você tem filhos, você deixa de viver a sua vida pra viver a vida dos seus filhos. Então, teve esse lance, num ... num foi uma migração com família, de criança pequena, de chegar aqui. A minha filha mais velha ela trabalha na escola ajudando na adaptação dos que vem do Brasil pra cá. Tanto hoje ela teve uma reunião na escola que chegou uma criança do Brasil, tem 8 anos, 9 anos, né, fala nada de japonês, então, o governo japonês dá esse suporte, aí chamou ela que trabalha com isso, pra ajudar ele na integração, então ela vai ter que explicar coisas sobre material, horário essas coisas. No nosso caso foi diferente, como elas nasceram aqui num teve muita essa adaptação.
Marta: Só que aí se perguntou da vantagem, né? É ... a ... a gente tanto achou vantajoso que tá aqui até agora, né, e pra ficar. E tá ficando, né, ficando, porque realmente ... a educação é de alto nível, a escola, porque tem escola brasileira aqui, né, você sabe, eu acho lamentável a escola, é muito precária.
Maurício: É, porque aqui no Japão, por exemplo a gente comenta com familiares amigos ai no Brasil, tem aulas de música, as meninas sabem partitura, né, elas ... elas sabem fritar um ovo, elas sabem ligar uma máquina de costura, elas sabem construir móveis, banco essas coisas, né, tudo, é ... a escola assim, num é escola particular, é escola do estado mesmo, é ... é currículo, né, todas as escolas tem piscina, então que dizer a criança ela aprende a nada, né, então, é ... e tanto que ... que nem comentando exemplo da minha filha, ela falou que dá dó de ver as crianças que vem do Brasil pra cá, porque elas são muito defasadas.
Eu acredito que vai ser desafio elas voltarem pro Brasil, né.

8 - *Vocês perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão? Não se aplica

9 - *Se sim, como lidaram com essas dificuldades e como fizeram para superá-las? Não se aplica

10 - O nascimento do filho (entrevistado) foi planejado? Me conte como foi?
Marta: Não, foi terrível.
Maurício: Ela fica triste porque a Mari fala que num queria ter ela.
Marta: É. Porque eu tinha a mais velha com 5, ai eu tinha a outra com 3, não ... a diferença entre ela é um ano e pouco num chega dois, só que a minha do meio era minha minha, meu estopim, meu problema, problema emocional, problema de alergia. Então eu não dormia, eu não podia fazer nada, era 24h em prol daquele bebe, e ai eu engravidei ela, ai eu só chorei, eu só chorei, eu chorei, muito tempo, e eu sei que tudo o que ela é hoje é reflexo de tudo o que eu passei pra ela, né, e quando ela nasceu eu não podia dar atenção muito pra ela, porque ela nem precisava, a Yumi sempre foi do jeito que é, assim ó, (EXPRESSÃO FACIAL), se você fala com ela tá bom, se você num vai lá também, to nem ai pra você, ela é ... é dela, e a outra me consumia. Então eu acho que faltou estímulo pra Yumi, sabe, bastante coisa na ... na ... nessa época, né, de ... da infância, né, que essa ... época zero. Mas eu falo sempre pra ela "perdão né filha", "há, se nem me queria", "mas se viu como eu sou boa pra você?", "Ai, você é o máximo".

11 - **Vocês tiveram algum receio de ter um filho nascido no Japão?
Marta: Eu tive ...
Maurício: é ... era novo né.
Marta: Não, era novo mais eu num tinha medo assim de nada, tudo novidade, só que ... eu sempre ... eu pensei, é ... as coisas que foi ajeitando sabe, eu peguei excelente maternidade, e ... único meu problema era num saber fala, né, e isso foi, mas ai se tem tradutor, se tem um amigo que fala, você paga alguém pra ir com você e ...
Maurício: Eu que fui.
Marta: É, as vezes ele ia.
Maurício: É ... ai eu que também quase fiz o parto dela.
Marta: Porque eu sou muito ai, tipo, assim, eu vou deixando as coisas a hora que chega na hora a gente vê, entendeu. Então eu me divirto com muito pouco, qualquer coisa pra mim eu to de boa, então a maternidade, é ... o fato da gravidez de tá sozinha... todo mundo com muito medo "ah, num tem mãe", num "ah, num tem problema não, os índio num morre eu também num vou morrer". Então eu consegui levar de boa, eu consegui ficar tranquila... é ... eu acho que não, assim, foi tranquilo, foi tranquilo.

12 - Vocês têm outros parentes que moram no Japão? Seu filho tem contato? E com os familiares no Brasil, ele tem contato?
Marta: Tem, tem meu irmão, mas ele mora na cidade vizinha, então ele vê ... a agora vê bem pouco, mas quando era mais criança via, tinha mais contato, né, mais ele também tem filhos agora, ele se separou, ai já não tem muito contato. Mas essa semana ele veio em casa, só que ai também tem corona, né, então tá bem complicado, ai ele veio ficou na porta. Só que ai é irmão, eu falei "ai, é bom que num vem", né, ai ele me abraçou assim, como se fosse despedida, eu falei "eita lasqueira", num queria que abraçasse ai me abraçou, e me apertou assim e foi embora, eu falei "ai que porqueira, era melhor que num viesse". Porque ele tem contato com muita gente, então é muito perigoso, mais já foi.
Maurício: Não, tá todo mundo ai no Brasil. Vieram pra cá, mas voltaram todos.

- E no Brasil, vocês têm contato?
Marta: Então, a mãe dele só que ela é arredia, mas o irmão dele é como se fosse pai pras meninas mesmo estando longe, então, porque elas foram ficaram na casa dos irmãos na praia grande, mas meu cunhado, irmão dele, que ficou meio no lugar de pai, ela foi aí noiva. Então as crianças, os primo tudo junto iam pra praia junto, e andam abraçados e o irmão dele é chamado ... ele sempre ensinou, quando era bebe que eu fui pro Brasil quando nasceu pra mostrar as crianças, então, ensina elas, "tio lindão", tio ... e elas tem 20 anos, a Yumi tem 20, tio lindão, é tio lindão até hoje, se dão muito bem, muito bem mesmo.

13 - O que você acha que o seu filho pensa ou sente em relação ao Brasil? E ao Japão?
Maurício: Ah, ela num quer ir pra aí não, tem medo, tem receio.
Marta: Mas gosta.
Maurício: Tipo, é um lugar que tipo se que tive que ir, num tem outro jeito, então vamo, mas se num pude ir num vamo.

- E sobre o Japão?
Maurício: Que é a casa dela.

Marta: Tanto que ela fala “se vocês num que ir embora, vocês pode ir sozinho, né, por causa que eu to crescendo, ai eu posso fica”, eu falei “olha tá ficando corajosa em”.

- As outras filhas também têm essa sensação?
Marta: Tem, tem. Tem e a mais velha tá indo embora, ela tá indo embora pro Brasil ano que vem, vai morar aí. Ela vai morar ai. Ela tá feliz porque tá amando, né, acho a cara metade dela, então tá feliz, né, eu falei “olha a situação é mais séria do que você imagina, né”, mas a gente tá conversando bastante, mas ela tá disposta a fazer outro sacrifício por amor, né, eu falei “então tem que ter muita disposição, serenidade, né, porque a vida ali é diferente”. Ela foi passear e foi com o dinheiro daqui é uma coisa, mas vai viver aí, todo dia, né. Mas ela, ela vai embora. E ela ... só que ela tá contente, né, acho que é porque vai casar, é diferente, ne.

- E os pais como estão com essa decisão?
Maurício: É ... preocupante, né, tipo, como foi criada aqui e é um outro costume e a gente ... tipo ... num ... num ... nunca pensou delas ir pra i, né, então foi uma decisão dela sim então a gente fica preocupado, né.
Marta: E acho que tinha preocupação, mas agora piorou, né, por causa da pandemia, né, então eu to ... to preocupada, né, mas ai eu falei “bom, num tem problema, né, porque se quiser ir vai, né”.
Maurício: Antes a gente ficava preocupado com assalto, agora é a gente fica preocupado com o contágio, né.
Marta: Num tem jeito, né, Juliana.

14 - Vocês acham que ele se identifica mais com os brasileiros ou japoneses? Por quê?
Maurício: É porquê ... a gente aqui ... tem mais cont... é ... é ... ai entra mais ou menos a questão da religião, a religião no caso nós somos brasileiros, nós temos contatos com os brasileiros, só que pra ajudar a nós a pregarmos ou falarmos sobre o reino de Deus pros brasileiros que tem aqui no Japão, alguns japoneses vieram aprender o português, então a nossa casa ela é uma casa aberta tanto para os brasileiros como os japoneses e a Yumi se identifica com os dois lados. Ela não acha assim, tipo, “ah, os japoneses nada”, só que muitas vezes na hora de conversar com os japoneses ela usa bastante o japonês, né, olhando assim, ai, que nem comentei contigo em relação a religião, a amizade na escola elas nunca tiveram assim, né, então acredito que acho que meio a meio.
Marta: Eu acho ela muito brasileira. Tanto que quando a gente foi pro Brasil, das 3, ninguém, ninguém acreditou, “num acredito que vocês vieram do Japão”, são muito brasileira, e a Yumi é muito brasileira, muito brasileira. Ela é quietinha assim quando tem que ser quieta, porque a cultura aqui é assim, né, ela anda na rua num olha pros lado assim num conversa, entra no trem, eu vou entrando no trem se bobear eu converso com qualquer um que tiver do lado, e ela fala “para mãe, japonês num é assim”, eu falei “ah, eu num só japonês mesmo, então eu converso mesmo, se alguém quiser eu vou batendo papo. Então ela tem um pouquinho desse lado, mas ela é muito brasileira, do tip ... se você conhece, ninguém vai fala “ah, você mora no Japão” você vai acha ela meio devagarzinho, ela num acompanha o ritmo, porque pra brasileiro é muito, né, mais quem vê ela aqui num acha que ela é ... é ... nascida aqui.

15 - E na opinião de vocês, ele tem mais traços (costumes, modos, jeito de ser e de se identificar) mais dos brasileiros ou japoneses?

- Vocês acham que ela não pegou essa identidade japonesa por quê?
Maurício: Acho que da família.
Marta: Família eu acho que é.
Maurício: Porque como nós não somos japoneses em casa e somos brasileiros, brasileiro raiz mesmo, porque ... é porque eu não peguei nada da cultura japonesa da ... da ... da minha família, e a Mari também não pegou nada da cultura japonesa da família dela, então em casa o que predomina é a cultura brasileira, a gente conversa alto, a gente abraça a gente beija, então acho que é a família né.

16 - Vocês acham que existem diferença entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e que vive no Brasil? Se sim, percebem essa diferença no filho de vocês?
Maurício: Ah, tem, tem. Eu acho que os adolescentes brasileiros eles são mais maliciosos, são mais moral mais baixa, eles são expressivos, né, isso são, são mais expressivos, eles são mais comunicativos, mas em questão de moral, em questão assim, de educação ...
Marta: Disciplina, disciplina, num tem.
Maurício: Deixa a desejar. Até porque ... é meio que imposto, né, na escola.
Marta: É, mais ai foi aquilo que eu falei ... eu queria que ... eu falei hoje com o menininho da minha fábrica, e se você conversar com ele se vai ver que num tem nada a ver com a conversa que teve com a gente, ele é muito doido, sabe, ai eu conversei direitinho com ele, eu chamo ele de fio, né, eu falei “oh fio, queria pedi um favor”, só que ele falou “ta bom tia, tá bom tia”. Então, ai eu dei meu número pra ele que ele num tinha, ele falou que

vai conversar com a mãe dele, depois ele vai me avisar e eu te aviso, tá? Mas se você ver o jeito dele é uma judiação, ele é um brasileiro que na verdade ... ele ... veio pra cá, mas assim, ele tá vivendo oprimido pela cultura japonesa, então ele se rebela, é cabelão cumprido, pintado, ele ... acho que com 16 anos ele tava fumando, ele ... eu acho isso, aqui ele anda com caixa de som no ombro, andando na rua, dançando assim, é anormal isso aqui, entendeu? Então ele, ele tá tendo dificuldades, ele tá tendo muita dificuldade, então ele tá criando o mundo dele, e ai eu vejo, não conheço os pais, mas ai você tem uma noção né, Juliana, da ausência, da falta de apoio, da falta de alicerce. Então, é ... é ... eu queria que se de certo de você conversar com ele porque você vai sentir, é na verdade ele é o típico imigrante que tá sofrendo realmente, né, então vamo vê se vai dar certo, mas tem jovens aqui que tão assim também, tadinhos.
Marta: Uhum, é isso mesmo, então, é o que você falou, a Yumi fala o português, lê, escreve, porque a gente teve essa obrigação pra ensinar a bíblia, mas eu tenho pessoas que estudam a bíblia comigo que os filhos a mãe tem que falar em japonês, porque os filhos não conseguem se comunicar e os pais trabalham até hoje, ai os filhos cresceram, já tão saindo de casa e os pais continuam no mesmo ritmo daquela loucura de 5 horas extras por dia, então num tem família, se num tem família, então, no caso, aqui foi muito bom, porque ele, sempre se sacrificou e eu, lembra que falei, eu fiquei em casa, né, então isso eu acho que ... deu esse alicerce brasileiro pras meninas.

17 - Como foi a decisão por qual rede escolar matricular o filho? O que motivou e pesou na decisão? O que vocês sentiram?
Marta: Eu por mim não precisava estudar, né, porque eu morria de medo de deixar elas na escola. Eu sou, ai ele falava assim "meu deus se é loca que que isso".
Maurício: E eu, optamos assim por deixar na escola japonesa, uma por causa do custo, duas por causa da ... do futuro, né.
Marta: Teve uma matéria que saiu numa revista, que explicou né, uma antiga, foi bem na época que a mais velha ia entrar na escola e eu teimando que eu não queria "eu vou ensinar em casa eu num sei o que", eu falava desse jeito, só que aqui se você não manda o filho pra escola a polícia vem em casa, né, e ele falava "você vai ser presa, você vai ser presa, em". E ai chegou essa matéria, era obvio que eu ia ter que por na escola, né, mas quando chegou essa matéria e eu estudei, ai eu falei "agora num tem mais jeito, agora é Jeová, Deus, falando comigo, os filhos tem que ir pra escola, você não tem essa competência de educar uma criança realmente", e lá falava quando você cria um filho num país estrangeiro, você é ... bem melhor colocar o filho na escola do próprio idioma do pais, e foi ali então, ele já tinha ideia "não, que vai pra escola", mais a mãe era louca, ainda é, né, "não, filho meu num vai na escola, filho meu num vai na escola", ai quando chegou a matéria ele falou "tá ai, mãe, pronto", ai ficou resolvido, então fomos no consenso.

- Essa matéria dizia dos benefícios de colocar os filhos na escola do país?
Marta: Isso, isso.
Maurício: Não, que não seria na escola ... porque ... é abrangente, tipo assim, num é pros pais do Japão, é no mundo inteiro que serviu pra aqueles que tem filhos em países dife ... estrangeiros. Mas eu sempre pensei no futuro, porque como eu num dominava, não domino a língua japonesa, a gente passa por uma serias dificuldades, eu achei ... num ... a gente num sabe quando que vai embora, se as meninas num souberem ler, escrever, num vai saber viver aqui, né, então a gente optou por isso também, né.

- Vocês ficaram pensativos sobre voltar para o Brasil e como seria para as meninas ter estudado em escola japonesa?
Marta: Eu, eu achava sempre que ia ser tranquilo, uma que é porque, porque a gente ... eu já tinha alfabetizado, né, em casa, num era grande coisa, mas já sabiam lê, sabiam escrever, né.
Maurício: E matemática é igual no mundo inteiro.
Marta: Matemática é igual, eu pensei, é uma questão de chegar no Brasil e fazer o negócio rende, então quando ele falava assim "ah, de ir embora", ai teve a crise de 2008 aqui no Japão, então essa vez ... é ... ele pensou mesmo em a gente ia embora, porque a situação ficou muito difícil, na época eu falei assim, aqui tava difícil, eu falei "mas eu ... eu num quero ir sozinha antes, se for vamos junto", e num tinha dinheiro, era aquilo ali acabou mesmo, e ai ficamos, mais ai ele falou "e como vai ser?" eu falei "vai ser tranquilo, assim como foi aqui a gente continua se esforçando lá e vai dar tudo certo", mas ai a gente no fim acabou ficando.
Maurício: É interessante que vários amigos que foram pro Brasil por causa dessa crise, eu converso com eles quase todos os dias, se arrependem de ter ido embora, por causa da família.

18 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho na escola?
Marta: Não, nunca teve problema, nunca. É, era dela, ela era muito ... ela é ainda muito querida, então tudo que era ... criança com problema encostava nela, eu acho que .. que sentiam bem parecidas e ela é bem carinhosa, né, então crianças lá que tinham ... é ... o pai que faleceu, a mãe abandonou, crianças problemáticas, japonesa,

sempre tava do lado dela e chamavam ela de mãe. A Yumi é muito grande, ela era muito estranha na época da escola dela ...
Maurício: E tá quase com 1.72 já.
Marta: Ela é alto, então, e ela sempre foi alta na escola e os japonesinho tudo pequenininho, num é, então tinha um que ela carregava ele no colo, e eu chegava na escola e eu ficava brava. É, era bem ...
Isto, isto, e ela é amorosa, então ... prato cheio, e isso foi até o chugakko, pessoas problemáticas, pessoas é .. com problema de identidade sexual, as crianças grudam nela, porque ela não é de discriminar ela num é de julgar e ela gosta de ajudar. Então sempre deu certo, né, ai agora no koukou que é mais difícil, acho que ela comentou, né, então só vai fim de semana é ... pessoas de um monte de lugar, de várias idade, mas ai tem uma filipina que já sempre gruda nela, ai manda mensagem pra perguntar, e ela tem paciência pra explicar, pra falar, as duas brasileiras também de vez em quando manda mensagem pra ela. Você pode me ajudar ... não pra estudar, porque a Yumi num vai conseguir, mas pra falar o que que tem que fazer quando é pra entregar ai elas mandam mensagens pra Yumi, ai a Yumi "ai de novo, olha", eu ... e eu sempre brinco que ela é devagar, né, ela fala "eu sou devagar e essas meninada num sabe nada".

19 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho em relação as amizades com os brasileiros ou japoneses?
Maurício: Ela num tem amigo, ela é bem na dela. Ela fala que a amizade que ela tem é por causa da referência das irmã, as amigas da irmã são amigas dela, mas ela mesmo assim, tipo assim também, se quer conversar comigo se conversa, se num quiser também puff.
Marta: O Juliana, ela, depois dessa pandeia, num dá pra encontrar, então a gente num tá saindo muito nem recebendo as pessoas em casa, ai ela resolveu fazer de sexta feira a noite do filme, ela tá lá assistindo o filme, então ela conecta duas pessoas que são amigas da mais velha, mais as duas amigas da mais velha, elas tão se sentindo abandonadas, porque a mais velha vai embora e vai abandona elas, então elas fizeram uma ... uma brincadeira dum pacto, "as abandonadas", pela mais velha, então fica, só que ai é interessante, que as meninas nem sempre entram, porque olha na verdade, uma tem 25 e a outra tem 22. E a Yumi é a mais jovem, ai a Yumi fica assim no celular olhando "oh, pai, chamei pra assistir filme, ó, to esperando já faz a tarde inteira, ninguém responde. Pai você assisti comigo?" Eu não, porque eu não gosto de filme eu não gosto de televisão.
Maurício: Ela num quer saber de você.
Marta: É ... mais ai ele ... que ela é, o que que ela faz, e já vai corre nele, "pai você assisti comigo?", então ela não tem amigos, mas ao mesmo tempo ela chama .. "o pai assisti comigo?" Ai ele senta lá e assisti filme com ela.

- Ele nunca reclamou da falta de amizade? Para ela é tranquila?
Marta: Muito, muito.

- E na igreja, ela não enturma?
Marta: A Yumi é diferente.
Maurício: É tipo assim, se falar comigo eu respondo, se num fala também ...
Marta: Bem, bem na dela.
Maurício: E ela num se incomoda de entrar 20 pessoas num lugar e ninguém falar com ela.
Marta: Ela comenta depois, né, "olha mãe, é ... hoje ninguém falou comigo, mas também num faz mal, que eu também num falei com ninguém", eu falei "Então, quando as pessoas num falam com a gente, a gente pode falar com elas, né, se as pessoas num viram a gente se faz notar, né", ela "eu não, eu fico quietinha, de boa", e num ... da pra ver que ela num fica triste, não incomoda ela.

20 - O que vocês planejam para o futuro dela? O que desejam?
Maurício: A Yumi é muito vaidosa, né, ela coloca ... parece que tem uma vassoura no olho dela, ela gosta de mexer com essas coisa, né, então, tipo se ... se isso faz bem pra ela. Só que ela é ... meio ... tipo assim, ela gosta, a que ela se esforça pro que interessa, se exige muito esforço ela já num ... tipo assim, que nem, ela gosta de maquiagem, ela gosta de cílios, ela gosta de unha de gel essas coisas, "vai fazer uma curso, né, vai fazer alguma coisa..." tem casal ...
Marta: Vai Yumi "tem que estudar, eu não".
Maurício: Tem um casal ... tem um casal de irmão aqui, de amigos nosso, eles são cabelereiros profissionais falaram que dão o curso pra ela de graça, só que tem que pegar o trem a outra cidade, "ah, não, deixa quieto".
Marta: É, "tem muito cabelereiro já, num precisa, pai corta em qualquer lugar ai mesmo tá bom".
Maurício: Tem uma outra que mexe com unha de gel, ela falou "eu ensino eu dou o curso pra ela", "ah, tem que também que estuda não tá bom deixa quieto, num quero"
Marta: Ela num tirou carteira de motorista, né, que eu quero que tire, né, mais tem que estudar, né. Ela conversou com você a minha mais velha tava perto né, ele tava tremendo, "mas a juliana tava do outro lado, ela nem

consegue te morde", mas é dela, né, então "meu deus eu vou te que falar, o que que eu tenho que falar", ela sofre, ansiosa, então ... que nem você perguntou, "o que eu penso pra ela?", olha, se ela arranjar alguém que goste dela e ela fique bem eu já to satisfeita, e mais satisfeita ainda se ela num acha ninguém e fica com a gente. Ela tem esse jeitinho dela, né, ela gosta de ir no shopping, ai paixão da Yumi é shopping e agora está extremamente proibido por causa do corona, né, então a gente num vai. Só que hoje a gente foi fazer compra, eu falei "olha no mercado a gente vai", ai nos aproveitamos ... ela falou "bom, já que num da um shopping vai mercado mesmo", porque que passear, né, ai a gente foi no mercado, então ela se contenta assim com essas coisas, e passear no parquinho, dar uma volta, cabo. Então eu sempre penso assim, pra Yumi num consigo pensa grandes coisas, por causa da própria limitação dela e eu acho que não compensa fazer ela sofrer, né, por tão pouca coisa, porque o retorno as vezes eu acho muito pouco.

21 – Há algum conflito entre vocês em relação a educação do seu filho?
Marta: Sempre alinhou bem, eu louca e ele sensato, ai eu surto ai ele abaixa a poeira e eu falo "ah, é mesmo, né", mas assim, conflito? Num teve, não. Sempre conversamos, sempre delineando bem é ... qual escola que vai, pra onde vai, como que vai ser, a sempre conseguiu tá em comum acordo.

22 - Como vocês aproveitam as horas de lazer com a família?
Maurício: Ah, depende da, da, da estação do ano aqui no Japão, né, porque aqui é bem, muito extremo, calor é muito calor e o frio é neve, né, então, então a gente aproveita a, por exemplo, o outono pra ver aquelas flores ficar vermelhas, né, no inverno a gente procura esquiar todo ano, no verão a gente acampa todo ano na praia, a gente curte muito a natureza.
Marta: é, e amigos ...
Maurício: Sempre tá rodeado de amigos.
Marta: Então, nem, num dá pra ir passear sempre, né, toda semana, né, então, mas a casa, aqui, tanto que a gente as vezes fala "olha a gente tá precisando ser convidado" porque tem muita gente que vem aqui, e ai acaba num dando tempo da gente sair, né, mais elas gostam muito, elas falam "mãe é muito cômodo, o pessoal vai embora, tá que a gente tem que limpar a sujeira, mas a gente deita e dorme, agora vai lá na casa dos outros, até volta pra casa", né, mais assim, a gente sempre tá muito com os amigos, é churrasco, jantar, né, ai quando dava pra ir no shopping até pra que elas gostam, né, então combina com as amigas ai a gente vai todo mundo junto.

23 - Se vocês pudessem dar um conselho para pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, o que vocês falariam?
Maurício: Pra aproveita o que tem enquanto tem....
Marta: E pensar na família nunca no dinheiro, o problema que vem todo mundo pelo dinheiro, mas o dinheiro não é tudo, né. Então, mesmo vindo, aqui com um trabalhando dá pra viver, dá pra viver, não dá pra guardar, dá pra viver. E ... e a gente se contentou com isso, né, por causa da família, da família. Então eu acho assim, e na ... antes quando a gente se conheceu a gente não estudava a bíblia, só que ai quando a gente tava pra ganha já a primeira filha ele mesmo falou, bem assim "agora tem que cuidar da criança", então a gente não era testemunha de jeová, mas era nosso, né, agora eu sou mãe, agora eu sou pai, agora a gente é família. E isso foi o tempo inteiro e ai conhecendo a bíblia melhorou, reformou ainda mais esse negócio de família, então é muito bom.
Maurício: E também o fato de que o tempo passa muito rápido, né, então quanto você vê já foi e ... e o .. é com... como se vive, né, é ... a ... intensidade da ... da ... do ... da família, intensidade de demonstração de sentimento, né, as vezes você fala um eu te amo e deixa pra depois porque a gente num sabe de vai ter depois, né, então é demonstrar, demonstrar mesmo o carinho, paixão, amor, e assim que nem a Mari falou, o dinheiro ele num compra felicidade.

- Em relação a escola, vocês dariam algum conselho?
Marta: Coloquem na escola japonesa, eu passo ali na escola brasileira tenho vontade de fazer um abaixa assinado, tiram essas crianças daqui leva pra escola japonesa, eles aprendem muito mais, eles vivem muito mais, eles vão ser adultos mais produtivos.
Maurício: Às vezes eles tiram os ... quem é brasileiro, que nem ai no Brasil é 4 horas de aula, né, aqui são quase 6 horas, mais a cada, cada, cada aula que termina tem 10 minutos de intervalo, a pessoa vai brincar, quer dizer então você curte mais a escola, se ... e ai você vem com a mente mais relaxada pra você aprender mais, então colocar na escola japonesa vai trazer um benefício tanto no presente como no futuro.

Família 2 – Entrevista Adolescente – Parte I

Nome completo: Yumi
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino

Idade: 18 anos **Data de nascimento**: 24/05/2002
Estuda em: ( ) Escola brasileira (X) Escola Japonesa ( ) Já estudou em ambas
Há quanto tempo estuda nesta escola: A vida toda
Ano escolar: Terceiro ano do koukou
Grau de descendência: Não sabia responder
Província onde mora: Aichi
Estado de origem no Brasil: Londrina – Mãe/Santos - Pai
Com quem mora no Japão: Mãe, pai e uma irmã
Idioma falado em casa: português

1 – Onde nasceu?
Nasci no Japão.

Se nasceu no Japão:
2 - Você conhece o Brasil? Já esteve lá? Tem vontade de conhecer?
Já. A última vez foi com 17. Eu gosto, mas ... não sei. Quando chego aí eu fico com medo. Há... eu ... Aí difícil. Por causa que a última vez foi eu e minha irmã pro Brasil, aí eu fiquei com muito medo porque eu num tava com meus pais.

- Quantas vezes veio para o Brasil?
3 vezes.

Se nasceu no Brasil:
3 - Com qual idade veio para o Japão? Não se aplica

4 - A decisão de ir para o Japão foi conversada ou explicada para você antes? Não se aplica

5 – Tem saudade do Brasil?
Tenho sim.

6 - Você gosta de morar no Japão?
Eu gosto muito.

- Por quê?
Há ... num sei ... caso da cultura, das ... é ... da cultura. E não dá medo.

- No Brasil tem medo de alguém te roubar? Quais outros medos?
Um pouco. Ai eu num sei .... É difícil.

7 – Há quanto tempo mora no Japão?
A vida inteira.

8 - Durante esse tempo já voltou para o Brasil?
Já sim.

9 – Com quem veio para o Japão? Não se aplica

10 – Você fala japonês?
Sim, eu falo até bem.

11 – Seus pais falam japonês?
Meu pai e minha mãe falam um pouco

12 – Com relação as amizades:
Na minha escola eu tenho uma amiga que ela é filipina, já outro, eu tenho bastante amigos brasileiros e no serviço é amigos japonês.

- Você trabalha além de estudar?

Sim. É ... eu trabalho todos os dias, menos sábado e domingo, aí eu ... trabalho 4 horas no mercado, então eu entro as 8 e saio meio dia. Eu trabalho ... é.
Eu vo ... todos os domingos eu vou na aula, caso que eu faço por correspondência. Ai, nessa escola tem que você tem que ir domingo, toda ... todo domingo é obrigatório ir. E durante a semana estudo em casa

13 – O que acha da escola onde estuda?
Eles são muitos bonzinhos, todo mundo. Mas não tenho tanto contato assim porque a gente não vê todos os dias, né. É só domingo. Mas eles são muitos bonzinhos.

- Amigas japonesas você tem?
Amiga japonesa não tanto. Tenho uma brasileira também. Já.

14 – Como é o seu relacionamento com os colegas e professores?
Bem tranquilo

15 – Quais as dificuldades que você tem na escola/aula?
Tenho. Bastante. Por causa que eu não consigo concentrar. Eu ... quando eu num consigo ... como que eu falo ... é ... distraída. Sim.

- Além da dificuldade de atenção tem outra?
Não.

16 – Você já mudou de escola? Por quê? Como se sentiu? Não se aplica

17 – Já sofreu ijime/bullying na escola?
Não.

18 - Quando for adulto onde quer morar? Por quê?
Aqui. No Japão. Há ... porque eu já conheço, não preciso acostumar com outras coisas.

16 – Se eu te perguntar como se sente em relação a sua identidade, como brasileiro, japonês, os dois ou nenhum dos dois o que me responderia? Por quê?
Eu acho que eu tenho dos dois. Português é que ... hum ... brasileiro é porque eu sou muito loca. E de japonês é .... como que eu posso fala ... que ... como que trata as pessoas.

17 – Você sente que pertence a qual país? Com qual mais se identifica? Por quê?
Aos dois. Hã, pelo jeito brasileiro, de ser mais alegre ... é ... japonês não tem tanto, né, então já é diferente.

18 – Como você se diverte nas horas de lazer? Onde costuma frequentar?
Num gosto de fazer nada, né. Eu já sou mais de ficar em casa, mas se for eu gosto mais de sair, passear.

- Tem algum lugar específico?
No shopping.

19 – Como se relaciona com os japoneses?
Há, é só trabalho e na escola. No trabalho a gente conversa pouco, né, porque... é... na escola, se de é alguma coisinha, mas a gente num fala tanto assim não.

- Na escola não teve tanta interação assim?
Ai ... ai .... é caso que essa escola já é diferente, né. Ah sim, teve bastante amigos, mais nessa escola como também tem várias idades é ... eu acho difícil, criar amizade assim.

- Já sentiu que algum japonês te tratou diferente por você ser brasileira?
Hum... não. É caso que com o tempo eles começam me acostuma, né. Aí eles acham que eu também sou uma japonesa, então eles falam de outras pessoas, mas tipo, nem da bola que eu sou brasileira, tipo "você é uma japonesa pra gente", então, a gente fica meio, né, mal.

- Por que você acha que te consideram uma japonesa?
Há, a convivência, né, eu acho.

20 – Qual o seu plano em relação ao futuro?
Eu ainda não pensei nada. É, por enquanto eu num pensei em nada.

- Se pudesse continuaria no Japão?
Se pudesse, sim.

21 – Qual o seu sonho?
Meu sonho? Aí tenho vontade de conhecer outros países, vários países. Estados Unidos.
Há, num sei, acho que é diferente, aqui ... aqui ... é ... é obvio que é totalmente diferente dos Estados Unidos aqui, mais é diferente conhecer outras pessoas, viajar, porque lá é maior.

22 – Qual o seu medo em relação ao futuro?
Não sei ... Aí, eu num sei, é difícil essa pergunta.

22 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Não tanto.

- Você sabe o que seus pais querem?
Meu pai tem vontade de ir pro Brasil, né, a minha mãe já não tem tanta vontade, aí eu falo "ah, se for pro brasil eu vou junta, né", e fica aqui eu continuo aqui, então.
Isso, eu vou atrás.

Família 2 – Entrevista Adolescente – Parte II

Caso nasceu no Brasil:
- Como foi a chegada no Japão? Você se lembra? Não se aplica
- Você teve dificuldade em se adaptar ao Japão? Como você lidou com essas dificuldades? Não se aplica

Se retornou ao Brasil:
- Você teve alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil? Não se aplica

1 - Como é o seu relacionamento com os seus pais?
Bom ... é ... a gente conversa bastante.

2 - Você acha que se parece mais, tem mais o jeito, da sua mãe ou do seu pai? Por quê?
Eita nos ... eu acho que eu tenho mais jeito do meu pai. Ah, porque o meu pai é mais alegre, mais engraçado, a minha mãe já ela é mais séria, mas também tem o lado de ser legal.

3 - O que você gosta e o que incomoda no jeito dos japoneses? E nos brasileiros?
De serem um pouquinho frio. Um pouquinho. Eles gostam de ajudar as pessoas, se precisar eles fazem de tudo pra te ajudar, isso eu gosto.
Hã ... que eu gosto é que são muito amigáveis, o que eu num gosto ... é de vez em quando são um pouco barulhento, mas tipo da pra aguentar.

- Seus pais têm amizades com brasileiros?
Bastante.

4 - O que mais gosta e o que não gosta no Brasil? E no Japão?
Eu gosto daqui ... hum ... não precisa ser sobre pessoas? Ah, eu acho que aqui tem vários lugares pra você viajar, pra você conhece. Que eu não gosto? ... ah, num tem tanta coisa .. ah, num tem, não, não consigo, num vem na mente.
Que eu gosto ... que eu acho ai as pessoas, todas as pessoas são mais amigáveis, mais alegre. Que eu num gosto ... hum ... também é um pouco difícil de responder, ah, eu num sei.

5 - Você se sente bem recebido e aceito aí no Japão?
Uhum. Sim.

6 - Você acha que existe alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses? Quais?
Ah ... os japoneses já são mais meio que inocentes, como que eu posso te fala ... é ... tipo, não se preocupa muito com as coisa, é isso que eu vejo diferente.

7 - Você assiste mais TV brasileira ou japonesa? E a leitura? Jogos? Música? Comida?
Em relação a televisão, na verdade, nenhum dos dois. Em relação a livros, só em português, jogo eu não gosto e música eu escuto mais brasileira e de outro lugar, japonesa eu num sou muito fã. Em relação a comida, então, a gente come bastante brasileira, mas eu gosto das duas.

8 - Você se identifica mais com os brasileiros ou os japoneses? Por quê?
Com os japoneses por ter nascido e estudado em escola japonesa eu acho.

9 - Qual o seu passatempo favorito nas horas livres?
Eu gosto de ... dança ou assisti filme.

- Que tipo de música e dança?
Ai ... hum ... tudo. É ... pra mim pode ser qualquer filme, se não for de terror tudo bem.

- Você sai com as amigas?
Sai. Sim. A gente vai mais em shopping mesmo, aqui não tem tanto lugar pra ir, então sobrou o shopping, ah, ir pra praia.

10 - Me descreva como que é morar no Japão para você? E o Brasil?
Diria que aqui é um lugar muito bonito, que compensa conhecer, ah ... é ... tem vários lugares que é muito bonito. Eu iria falar que eles não são muito amigáveis, mas eles ajudam bastante, você precisar ajuda eles vão fazer de tudo pra te entender, pra querer ajuda você.
Eu falaria que é um lugar bonito, legal de conhecer, as pessoas são mais alegres, elas ... é são mais amigáveis, só que eu iria fala que ... é um pouco dá medo, da um pouco de medo, mas compensa conhecer também.

- Já acontecer alguma situação que te fez ficar com medo?
Hum, a ultima vez que eu e minha irmã viajou, num é ... num é que eu fiquei com medo, eu fiquei meio que ... como é que eu posso falar ... é ... causa que a gente ... a gente tinha ficado na casa da nossa vó, que ela mora em londrina, ai de londrina pra onde que meu pai mora a gente foi de ônibus, então isso acho que meio que assustou eu, ai eu fiquei com medo.

11 - Qual a importância que o Japão tem para você? E o Brasil?
Hum ... num sei, ai eu num sei. Familiar, eu acho que é. Que a maior parte mora no Brasil, então... é.

12 - Você trocaria sua vida daí para morar no Brasil? Por quê?
Pensaria três vezes. É por causa que eu meio que... não conheço direito, então pra acostumar provavelmente vai ser muito difícil. Se pudesse eu gostaria de continuar aqui.

13 - O que você pensa em fazer depois de concluir a escola?
Eu gosto de mexer com cabelo essas coisas, então quem sabe algum dia ser uma cabelereira ... num sei.

14 - O que você acha que seus pais esperam de você ao concluir a escola?
Hiiiii, eu num sei não (risos). Tipo continuasse certinha, né, não fazer nenhuma besteira.

15 - Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?
Hum ... é ... feliz, e com meus pais. Com minha família, aqui no Japão, se pudesse.

16 - Se você pudesse dar um conselho para uma criança ou jovem brasileiro que está vindo para o Japão pela primeira vez, o que você falaria?
Que eu falaria, que aqui e um lugar seguro, que não precisa ter medo, um lugar bom. Isso. Que pode ser que no começo é difícil, porque você não conhece ninguém, mais ... com o tempo eles também vão querer ser amigo de você, vão ... é ... querer conhecer você. É isso que eu ia fala.

ENTREVISTA COM FAMÍLIA 3

Família 3 – Entrevista Mãe – Parte I

Nome completo: Ana

Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Alice
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 40 anos **Data de nascimento**: 01/05/1980
Escolaridade: Pós-graduada – Matemática, pedagogia (Graduação: Ed. Matemática)
"É que eu trabalho em escola aqui, né, eu sou professora de escola brasileira, né"
Grau de descendência: Eu sou nisei, segunda geração. "Eu que sou descendente, meu marido não é. Não parece, mas eu sou."
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): 16 anos
Durante esse tempo, já voltou para o Brasil: "Nós já voltamos, é, eu já voltei uma vez pra levar a Amada pro Brasil, eu fui buscá-la e depois a gente foi recente, recente 2017, levar a menor pra família conhecer, porque ela nasceu aqui"
- Em alguma dessas vezes foi para ficar?
"Não, sempre foi pra passear assim, pra sair um pouquinho daqui assim"
- Mas tem vontade de voltar para morar?
"Não a última vez que a gente foi eu fiquei com muita vontade, a minha vontade é ficar no Brasil eu já cansei daqui na verdade, to cansada".
Profissão no Japão: "Quando a gente chegou, quando eu cheguei eu trabalhei, é ... 2004, 2005, 2006, 2000 eu trabalhei acho que uns 3 anos, 3, 4 anos na, na fábrica, e aí depois, eu vim pra escola, ai desde então eu to sempre, desde 2009 eu to na escola"
Província onde mora: Guma
Estado de origem no Brasil: Paraná.
Estado Civil: Casada **Se casado, há quanto tempo**: Há 18 anos.
Quantos filhos tem: 02, a menor tem 6.
Idioma falado em casa: português.

Questões:

1 - Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
É, a gente já era casado, já, e a gente queria é assim, tentar ter uma, a primeira coisa que a gente tenta é ter uma casa, né, então a gente pensou assim, vamo embora, e ai, eu falei assim, 'ah, eu quero ir também, meu sonho era conhecer o Japão', ai, então vamo pra lá, e a ai a gente fica até a gente compra um casa, porque é sempre quando todo mundo vem pra cá é assim, vamos ficar 2, 3 anos, e esses 2, 3 anos já se estendeu já 16 anos, então, isso é o principal, ter uma casa própria.

- Já tinha família aí no Japão?
Meus primos os meus dois irmãos mais velhos, eu sou a caçula de 3, e eles já estavam aqui, meu pai, já, né, voltou também, agora ele ta no Brasil, mas é ... sempre tem um aqui no país.

- Os filhos participaram dessa decisão?
Ela nasceu no Brasil, ela veio com 2 anos e 8 meses pra cá.

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão?
Assim, onde nós fomos, é um lugar onde não tem muito brasileiro, não tinha muito brasileiros, eram poucos brasileiros, né, e lá, é um lugar muito afastado, interior, é foi no nordeste do Japão, né, então lá, é ... não tinha escola brasileira, tinha assim, mulheres que cuidavam das crianças, mulheres brasileiras, eu tinha que optar por colocar ela numa creche japonesa, então a primeira escola dela aqui no Japão foi uma escola japonesa, a adaptação dela foi fácil porque criança é muito fácil, né, então, e o que ela sentiu muita dificuldade foi um pouco na comida, ela sentiu, é ... de conversa com as professoras, né, que essa é a primeira barreira, né, até porque ela era muito novinha, ai foi sai da fralda porque ela ainda usava fralda, ela ainda mamava, chupeta, então foi assim, uma fase meio, foi uma fase de adaptação de muitas mudanças, assim, muito repentinas pra ela, então assim, ela ficou doente, é .. ela ... teve esses, teve uns momentos aí difíceis com ela, mas depois disso também logo que ela acostumou, eu levei ela embora e ela ficou dos 4 aos 7 anos no Brasil e depois que a gente foi buscá-la. E aí matriculei ela na escola brasileira, ela já tava também né, estudando, né, então.

- Ela ficou dos 4 aos 7 anos no Brasil? Por que decidiram levar?

Isso, isso. Porque assim, o lugar que a gente é, trabalhava caiu bastante o serviço e outro estado próximo tinha serviço pro homem e pra mulher e num dava pra ficar com ela, porque ia ficar assim, é, uma carga horária muito intensa, eles num ia aceitar, porque eu tinha que trabalhar em dois turnos, eu tinha que fazer o de dia e o de noite, e pra poder ganhar mais, como o intuito da gente era ganha mais pra voltar, eu tive que optar por levar ela embora, então a gente converso, foi uma decisão muito difícil, e ai meu marido fico no Japão e eu fui leva-la, então eu deixei ela lá com meu pai e minha madrasta. Né, pra ela fica lá com eles, então foi por causa dessa opção nossa de tá trabalhando mais né, se dedica mais ao trabalho, e ter ... e assim com ela ia fica difícil, né, porque com ela a gente num pode trabalhar a noite, por exemplo, eu no caso, né, e assim, e os dois trabalhando só um turno, ai então era muito difícil, financeiramente.

- Como chama essa cidade?
É, a cidade, no nordeste, primeiro a gente foi para Taiwa – Miyagi, depois a gente foi para Iwate – Ichinoseki e quando a gente buscou ela a gente tava aqui em Guma, Ota, então a gente veio assim, pra bem longe, porque teve aquela crise, de 2009, né, 2008, 2009 aqui no Japão, e ai saímos de lá porque todos os brasileiros da onde a gente tava foram mandados embora, então teve que vir pra cá.
Deu um tempinho, deu aquela crise dos Estados Unidos, né, e ai 2008 foi aquele baque, caiu bem o ... o ... e ai eles foram mandando aos poucos os brasileiros embora, né, e ai eu lembro que eu, eu vim fazer entrevista numa escola aqui em Guma, que foi onde eu to trabalhando até hoje, e ... e ai a gente teve que fazer essa mudança assim, repentina, e ai quando eu entrei na escola, naquele mesmo ano em 2009 eu fui buscar a Alice, que daí a Alice veio pro Japão.

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Bom, a primeira coisa assim, que, que é ... que a gente optou uma porque eu já estava numa escola brasileira, então eu pensei assim, é um privilégio você é ... dá aula numa escola que sua filha estuda e poder seguir o progresso dela ali, né, na escola tudo, se pode tá perto, então, foi um dos, uma das coisas que a gente optou pela escola brasileira e outra, porque eu ia volta, a nossa intenção era voltar pro Brasil, então não tinha o porquê dela tá na escola japonesa, se eu não vó fica aqui, né, e na escola brasileira ela tem o idioma japonês, então assim , ela não deixou de estudar japonês, né, então foi um opção por causa disso. E, assim, a gente vê tantos comentários da escola japonesa, e eu particularmente, eu acho que ... se ... porque a gente não sabe até quando dura o Japão, ne, assim, o nosso trabalho aqui, a mão de obra daqui ela vai ficando muito barata, então pra gente num compensa fica muito, né, tem muitos estrangeiros aqui, então o que a gente pensou, ela estuda na escola brasileira de repente ou pode até um curso, né, e assim, o intuito da gente num é nem japonês, o nosso é inglês, porque ela num tem intenção de ficar aqui, né, ela tem intenção de ir pra outro pais, então o inglês é melhor, então eu , eu num dei muita importância dela num fala o japonês, pra mim isso, num, num, num é essencial, nem eu que sou descendente, eu fiz curso tentei, mas infelizmente num entrou na minha cabeça, então eu num, eu num tenho interesse, né, e num passei esse interesse pra ela sabe, nem ela num, num quer.

- Alguns pais mesmo pretendendo voltar para o Brasil, deixam o filho na escola japonesa por uma questão financeira, né?
É. É, alguns é, mas menina isso é muito complicado, ó eu to na escola brasileira eu vejo muitos casos assim, de pessoas, que sai da escola japonesa vem pra escola brasileira, e assim, a criança perde muito com essa troca, porque ele num se adapta nenhuma nem a outra, então ele não consegue desenvolver lá, ai ele já, daí a criança as vezes tem bullying, tem num se adaptou ao idioma, num gosto, ai eles retorna a criança pra escola brasileira, a criança brasileira, dai ela vai pra escola brasileira, e ela fica atrasada, com conteúdo, tem uma diferença de nível aqui, e ... e ... isso prejudica demais o início, criança fica perdida, ela fica com dificuldade pra estuda, tá, então a gente tem um fracasso muito grande de estudantes, aqui a gente, notas muito baixas, sabe, o rendimento escolar aqui é péssimo de aluno que vem da escola japonesa, é bem prejudicial, então é nesse intuito também que a minha mais nova não vai, então a gente optou também por não ir.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Foi tranquilo. Isso, eu sou professora dela, então, e ai, fica aquela pressão de mãe, né, eu fico no pé, sabe, mas só, em ... em função assim de nota essas coisas ela sempre foi boa, boa aluna tudo, e se num for também a gente já, né, pega ali, mas é, eu não tive problema, não, adaptação dele é ótima, foi ótima, né.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Eu acho que, que a pior, a maior barreira assim, é realmente o idioma, né, então se vai em algum lugar, que nem ela vai pra algum lugar, é, é as vezes num consegue se comunicar, ne, eu num consigo me comunicar, a gente mora aqui a gente pra tudo qualquer lugar, a gente faz mímica, a gente procura no google, a gente se vira, né, porque tem que se virar mas não que eu fale perfeitamente, ou ela fale assim, né, agora não que ela, conforme ela

foi estudando ela foi melhorando mais o japonês dela, entre aspas da pra se virar na verdade, né, mas assim, não é muito também. É, então, é só essa parte mesmo da comunicação que eu acho que é uma coisa que pega, você vai comprar alguma coisa num entende o que a pessoa fala, né, é ... é ... e todo mundo meio perdido, tanto os japoneses quanto nos assim, fica meio, é uma comunicação meio de índio, né.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?
Olha na verdade a primeira coisa assim, do estudo, em relação ao Brasil eu sei que tem muitas escolas do Brasil também que o nível de estudo é ruim, mas assim, a escola também aqui, pelo que te falei que vem muito aluno de escola japonesa pra escola brasileira, então assim, as vezes uma sala de 20 alunos eu tenho que fazer a maioria de escola japonesa, então aquele aluno que vem desde pequenininho na escola brasileira o rendimento dele é melhor, né, ele tem uma melhor nota, que que acontece, o professor, isso eu vejo por mim, a gente não consegue alcançar todo mundo no mesmo nível e nivela eles de conhecimento, então que que acontece eu tenho que baixar um pouco, a ... não a qualidade, né, mas é difícil porque você num consegue porque tem mais da metade da sala que num consegue, então isso eu acho ruim, eu acho que a parte do estudo fica um pouco prejudicada, mesmo ela estando na escola brasileira, né, mas é bom porque ela tá ali, ela tem aquele conhecimento, então quando ela for no Brasil tudo que ela aprendeu aqui, ela fazendo um cursinho ou ela se esforçando, pelo próprio esforço dela ela consegue se sobressair. O que eu acho ruim de te criado ela aqui, que eu falo que é, que foi ruim mesmo, é por causa da malícia, porque como aqui é muito seguro, ela anda tranquilo na rua, a gente deixa ela ir em qualquer lugar, né, volta tarde, então você não tem preocupação com a segurança, isso faz ela também fica assim, não ter aquela, "nossa eu preciso me preocupar com isso, preciso me preocupar com o mundo" é que nem, ela mesmo esquece as vezes a porta aberta, sabe, esquece de tranca, porque, porque aqui num acontece, muito difícil, ninguém vai entrar na sua casa assim, então essa parte que eu achei ruim, sabe, é .. mas segurança é fundamental mesmo, a gente fica muito tranquilo aqui. Mas, daí a segurança te deixa tranquilo, porque uma parte pensa no retorno pro Brasil e aí é preocupante, né, bem preocupante.

- O que você percebe, porque os pais mudam, quais os maiores motivos que você percebe?
Bom, os maiores motivos é assim, acontece uma confusão lá, porque é a criança japonesa, a criança brasileira também, mas tem criança que é muito ruim, então as vezes, o japonês aqui, porque você é estrangeiro, eles fazem discriminação sim, independente, porque eu tenho alunos que saiu da escola e foi pra faculdade japonesa, e eles não conseguem a inserção dentro do mercado, porque, porque ele é estrangeiro. Porque assim, você estuda toda sua vida na escola japonesa, quando você entra lá, num é de igual pra igual, então entra um brasileiro, estrangeiro, e o japonês, mesmo que o japonês não é tão bom que nem você, que você seja o melhor, tenha as melhores notas, ele vai optar pelo japonês, então isso eles tão cientes, as crianças eles tão cientes disso, porque há uma discriminação, independente se você é o melhor, e .... e eu acho assim que, as crianças perdem muito, então é muito difícil, agora a pessoa que segue o caminho, né, depende muito da estrutura familiar, porque aqui a estrutura familiar aqui é difícil, o pai, a mãe e os filhos, é muita bagunça, eu num sei no Brasil, mas eu num lembro, sabe, dessa bagunça tão grande, né, mas aqui é uma bagunça assim incrível entre os estrangeiros, entre os brasileiros, né, então muito desestruturada a família, então passa essa desestrutura pra criança, o que acontece com os jovens aqui, antes deles terminar o ensino médio eles vão tudo pra trabalhar, eles vão fazer Arubaito. Arubaito aqui é aqueles serviço temporário, né, eles vão, eles já vão pra fábrica, eles já tem que pagar meio período no Mcdonalds, no seven, no combine, né, nas lojas de conveniência, pra pode ajuda a família. Porque tem muito pai que joga na cara, "olha eu to pagando tua escola" então a criança acaba saindo da escola brasileira, ele deixa de estuda, isso acarreta na criança uma falta de interesse de estuda, e a criança japonesa também, então o pai as vezes chama a escola japonesa porque recebeu bullying, porque num tá indo bem, porque tá com nota baixa, porque mudou de cidade, aqui você num fica fixo, né, como aqui é uma rotatividade de serviço, de emprego, de lugar, daí aquele lugar manda embora ai eles tem que ir pra outro, então essa também, essa troca de serviço também acarreta com a criança fica mudando toda hora de escola, então ela num se adapta. E a estrutura familiar, esse negócio de troca de serviço, bullying, e a criança num se adapta a escola japonesa, ou dá uma briga lá, né, a família sai com uma confusão, a escola num sei, e acaba tirando, então são essas mais, são essas mais coisas que a gente vê, né, que acontece.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?
Então, nosso planejamento familiar é ... eu quero ir embora logo, né, a gente já tá tentando, é ... fazer já ... o que a gente já queria fazer, a gente praticamente já quase fez tudo, e eu, e a gente tem o intuito de ir embora pra poder colocar a Alice na faculdade, né, no Brasil, e a Ayla tem um outro tipo de, porque as salas daqui são muito seriadas, né, então, é, a nossa escola ali ela trabalha do 6° ao médio com salas separadas, só a educação infantil e fundamental um é junto, então eu falo pra elas se eu vou ter a oportunidade agora de ir embora, eu queria que pelo menos a mais nova tivesse, ela tá no primeiro ano do fundamental, né, eu queria que ela, fizesse certinho, sabe, as etapas, só com uma sala, só ela, só a turma dela, né, então, numa escola boa, né, é isso que a gente pensa assim, então a gente tá focado agora nelas também principalmente, né.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera? Já foi respondido

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Sim, muito, muito, muito, muito, eu acho quase todos dias a gente tem até que parar um pouco porque a Alice é muito, é adolescente, né, e fica um pouco pesado, e as vezes a gente tem que, a gente fala bastante sim, comenta muito, porque assim, elas fazem, elas participam, né, do que a gente decidi, assim, no intuito de tá sabendo, as vezes a gente pergunta pra elas o que elas acham, né, mesmo as pequenininha, e por causa de toda família, né, acho que ... os ... o ... eu só tenho pai no Brasil, minha mãe é falecida já faz tempo, antes, quando a Alice já era novinha, né, 8 meses, e ... o meu ... ah ... o meu ... o meu sogro e minha sogra são bem idosos também, então a gente tem esse medo, esse cuidado, né, delas participarem um pouco da vida deles, porque é muito complicado, que aqui num, é difícil, né, tudo pela internet.

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê? Já foi respondido

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
Ah, eu acho que assim foi tudo muito positivo, teve suas, suas coisas ruim sim, né, essa parte do idioma, porque ela tem que, a gente tem que ter um planejamento, né, a gente num pode só vir por causa do dinheiro na verdade, a parte do dinheiro ela é boa, só que, essa parte da família ela é muito importante, né, então isso eu acho que foi um ponto negativo, a distância do pessoal, né, é ... mas assim, de conhecimento de cultura isso é muito rico, porque o tanto que a gente passa aqui, tudo que a gente conhece aqui, então tudo, mesmo com idioma, né, então a gente passa a conhecer, mesmo falando poucas coisas, mas a gente tem essa, essa, essa cultura que a gente vai levar alguma coisa pra nós, o calçado ali na porta, né, é, interessante assim, não tocar no outro, a gente acaba pegando o um pouco jeito do japonês também, né, e até que algumas coisas ali cabe na nossa cultura, né, cabe na gente, pra gente seguir, então acho que interessante essas coisas assim, o modo como eles fazem, é bem legal, a comida principalmente, porque a gente come de tudo, né.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
Ah, eu me intrometo muito na vida dela, principalmente em relação de namorado e do estudo, porque é uma coisa assim, que eu preso bastante, a parte do estudo, eu sou bem chata, então eu falo pra ela, e meu marido também, né, você tem que estuda, ter uma profissão, você tem que se formar, você tem que ter uma faculdade, a gente fala, frisa isso muito pra ela, que sem estudo, ela não vai ser nada, assim, vai ser, vai ser com muito custo, né, então a gente fala que o caminho é o estudo, é ... então a gente fala também da questão do namoro, né, pra ela prioriza ela tem que ter prioridades, né, ela tem que ter um foco na vida e ela partir desse foco, se isso desestrutura ela, então isso é ruim, porque ela trabalha aqui, ela trabalha, e ... e... na verdade a gente não queria que ela trabalhasse, mas ela tá trabalhando, mas ela é consciente com relação ao dinheiro, porque aqui é outro problema esse, né, do adolescente que isso é ruim, porque o adolescente quando ele começa a trabalhar aqui ele deixa de estuda porque ele vê tudo muito fácil, ele consegue comprar roupa muito fácil, de marca, tênis, ele consegue tirar uma carta e comprar o carrão que ela quer, e isso ilude muito o adolescente, então ele deixa de estuda porque ele vê um dinheiro fácil, né, só que é um fácil entre aspas, porque o tanto que você fica na fábrica, fechado, você é humilhado nas fabricas, né, é você trabalha assim exaustivamente, porque aqui a carga horária daqui e diferente do Brasil quando se trabalha lá, e ai eles param até de estuda aqui, e assim, a maioria dos alunos, eu vou te falar bem a verdade, olha, de 20 alunos que se formam no ensino médio eu te falo ai que 2, 3 só vai pra uma faculdade, e se for pra faculdade esses 2, 3 acho que é 1 um que termina formado, porque os outros param de estuda, porque ficaram aqui, porque o pai e a mãe tem quer que ele trabalhe, então ele começa a se desgastar, porque começa aquela rotina, né, trabalho, casa, trabalho casa, de dia de noite trabalhando, e ai eles recebem aquele dinheiro, não tem compromisso com nada, num tem família, num tem nada pra pagar, que que ele vai fazer, vai comprar tênis de marca, roupa de marca, isso é muito ilusório, né, então eles num ficam pensando no futuro, o futuro deles é só o agora, então é ilusão de mais. A gente tem que, até então a gente conversa muito com ela sobre isso, a gente deixou ela trabalhar mas a gente falou, oh, então a gente deu algumas prioridades, “oh, então você ter que pagar isso, pra você, se que fazer tal coisa, você faz, você guarda isso”, né, ela guarda o dinheiro que ela recebe e a gente fica no pé dela sim, porque é ... é ... o aluno, o aluno ó, o adolescente se perde muito fácil daqui, muito, muito, muito, ele se vê deslumbrado.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Ela tem mais brasileiro, bem mais, é.

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?

É brasileira, bem brasileira mesmo. Apesar que a gente as vezes acha bacana assim, alguns costumes, né?! Mas ainda puxa, né, num tem jeito.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
Aqui no Japão nenhuma. É nenhuma, porque a gente assim, é muito, a gente é muito na nossa assim, né, quando a gente tava em Ichioseki a gente se reunia mais com pessoal, parece que o pessoal de lá era mais unido, aqui o pessoal, num sei se é muita gente, mas é muito, sabe, grupos, então a gente num pertence a nenhuma desses grupos, a gente vai na igreja as vezes, a gente no mercado, a gente vai, sei lá, frequenta a escola, mas é ali na escola, fora da escola, é eu em casa ou eu com meus parentes só, e só também, então acho que num tem muito, nem nenhum dos lados, do lado japonês é muito difícil por causa do idioma, você vai precisa de um brasileira pra fazer tradução porque a gente num fala o japonês, e se for do brasileiro, tipo, num tem muito não, é, a gente fica assim, né.

Família 3 – Entrevista Mãe – Parte II

OBS: Só a mãe respondeu, o pai não quis participar da pesquisa.
Nome completo: Ana

1 - A ideia da migração veio de quem? Como foi, os motivos, os medos, etc.?
De mim, é, que daí eu fiz muito pra cá, que eu achava assim que a gente ia conseguir uma coisa mais rápida do que ficar lá, né, porque eu tinha muita vontade de vir, ai foi de mim que partiu.
É logo ele aceitou também, na verdade ele não queria muito vir, porque ele tava fazendo faculdade na época, ele tava no segundo ano, ai ele falou "ah, mas eu vou ter que para", eu falei "ah, vamo", ai ele falo "ah, então vamo".

- Quantos anos na época?
Eu tinha vinte e ... pera ai, eu tinha 24 e ele 26.

2 - Alguém da família de vocês já tinham migrado antes?
Já, meu pai, os meus irmãos, tios, primos, a família. A gente veio e foi amparado pela família também aqui, pelo meus irmãos, né.

3 - Como foi a chegada ao Japão? Como se sentiram na época?
Ah, foi ruim, não pra mim muito, né, é assim, eu me acostumei mais fácil, mas meu marido ele teve muita resistência assim, a comida, o serviço também, a gente sentiu nessa parte, né, aqui o trabalho é diferente, a carga horaria, a Alice naquela época ela tinha 2 aninhos e 8 meses, ela sentiu muito, ela queira voltar pra casa, ela fala "eu quero a minha casa", , lá onde a gente estava é muito gelado, né, nevava mais do que qualquer coisa, então a gente teve esse baque, pela temperatura, o clima.

- Ele é descendente? Seu marido?
Não, só eu.

- Vocês tiveram dificuldade de adaptação?
Aham, isso. Tudo né, a gente tinha, que nem meus irmãos levaram a gente no mercado pra falar como que era ... o açúcar o ... o ... o sal que a gente não conhecia embalagem, né, tudo que podia comer, que era certo, que que era gostoso, lembrava um pouco do Brasil, né, porque lá onde a gente foi num tinha nada, então a gente teve que muita dificuldade.

- Você voltou para o Brasil alguma vez?
É, eu voltei na verdade 3 vezes, né, eu fui uma vez pra levar a Alice, quando a Alice tinha 4 anos, ai depois eu ... eu a gente foi de novo em 2009 e agora em 2017 a gente foi, aí eu fiquei 3 meses com as meninas, né, e meu marido retornou pra cá, pro Japão, eu fiquei 3 meses lá com elas.

- Você sentiu que esse tempo que a sua filha ficou no Brasil sem você afetou ela?
Ah, eu acho que foi pior pra mim, muito pior pra mim, bem mesmo, nossa eu quase entrei em depressão eu fiquei muito triste e ai a gente foi buscar ela, demorou um pouquinho pra ir buscar, né, porque a gente tinha um objetivo também, a gente levou ela justamente porque lá num podia levar criança, num tinha como, a carga horário ia ser muito complicada, e como a gente, o intuito volta logo ai a gente pegou e cabo deixando ela com meu pai, é ela ficou com meu pai e minha madrasta, pior coisa, é horrível, porque, nunca mais. É, ruim. Num foi uma coisa boa que eu fiz. Mas no no .. naquele momento foi o que tinha, né, não foi uma experiência muito boa.

4 - Vocês gostaram do Japão na época em que chegaram? O que estranharam? Já foi respondido.

5 - Há quanto tempo moram no Japão? Pensam em voltar para o Brasil? Conversam com o seu filho sobre isso?
A gente fala com elas tudo, essa aqui quer bastante ir embora por causa da vó, né, então a gente conversa, quase todo dia a gente fala que quer ir embora.

6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de serem imigrantes? E os benéficos, os ganhos?
Não, então benefício, é porque, a gente aprende uma outra cultura, a gente também num vou dizer que a gente não ganha dinheiro, né, é mais sofrido, mas a gente até que se souber guardar a gente consegue alguma coisa então isso é bom. E ... acho que a coisa ruim é mesmo o idioma, né, a barreira da linguagem, a gente ... eu não sei fala, eu me comunico por gestos, só sei alguma coisa, mas complicado essa parte da comunicação saber os meus direitos assim, eu acho que é complicado quando a gente não sabe o idioma, né.

7 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de terem um filho imigrante no Japão? E os benéficos, os ganhos?
Olha, benefício acho que é mais ... é também, acho que é parte da cultura, a segurança, mas é eu acho que o ... o ... a parte ruim é aquela que eu te falei, aqui a escola é muito seriada, tem um monte de .... é complicado, né, porque aquela parte ela fica muito ... na ... hã ... aqui no Japão por causa da segurança daí deixa de pensar sobre as coisas ruins, pode acontecer, a malícia do Brasil ela tem, né, então as vezes isso, isso é ruim, eu acho que isso é parte ruim. E a parte boa é por tá em outro país, ela tem outra oportunidade, por exemplo se ela quiser se... se uma pessoa tiver condições e a pessoa quiser ir pra outro país, eu acho que a facilidade pra sair daqui pra outro país também é mais fácil do que se tiver no Brasil até por questões financeiras.

8 - *Vocês perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão?
Aqui foi o idioma, idioma com certeza, porque como ela era uma criança ainda pequenininha, 2 anos e 8 meses, daí ela foi pra creche ela num sabia o que as tias tavam falando e a comida também porque você tinha que preparar a comida pra mandar e a comida, é né, daqui é muito, pra criança é meio complicado, né, até porque eu tava lá num lugar bem distante num tinha muita coisa que ... tem como a gente preparar, né, mas assim, o arroz é diferente, porque é bem papento, né, é assim, coloca, num dá pra fazer aquele arroz do Brasil, o tempero, né, se tenta ali se o máximo possível fiel a do Brasil, mas as vezes é difícil, então acho essa parte, né, a comida, a parte de comunicar também, os amiguinhos, porque daí também num tem muitas pessoas aqui num tinha família, então num dava pra alguém vim brincar com ela né, então essa parte da família também é ruim.

9 - *Se sim, como lidaram com essas dificuldades e como fizeram para superá-las?
Ah, a gente dava um jeito, ia pro parquinho, perto de casa, como aqui no Japão é bem gostoso, porque cada bairro tem um parque, né, um parquinho tem balanço assim, então a gente fez isso, levo ela, saia bastante, ai quando ele começo a dirigir comprou um carro, ai a gente saia mais, levava ela pra passear, então essa foi uma parte que a gente levava justamente pra ela pode distrair um pouco, né, pra num senti tanta saudade, e assim, como tinha brasileiro, é, um poucos brasileiros, mas muitos brasileiros tinham filhos, pequenos, então a gente fazia isso, de levar junto, é marca coisa com criança pra ela pode brincar e ... fica mais tranquila, né, em relação a isso.

10 - O nascimento do filho (entrevistado) foi planejado? Me conte como foi?
Na verdade ela não foi planejada. É, aconteceu.

11 - **Vocês tiveram algum receio de ter um filho nascido no Japão? Não se aplica

12 - Vocês têm outros parentes que moram no Japão? Seu filho tem contato? E com os familiares no Brasil, ele tem contato?
Tem meu irmão ainda, meu irmão ele vem aqui a gente sai com ele, tem os primos também, de primeiro grau, também que é criança pequeninho, daí ela também brinca, Alice tem contato, mas adolescente se sabe, né, tem hora que não quer sair então, é, tadinha, ela gosta assim, Alice super tranquila, ela é muito boazinha, então, a gente não tem problema.

- E com a família no Brasil, também tem contato?
Mais assim, né, num é aquele contato assim de ligar toda semana, mais assim, na internet se comunica, no facebook, no instagram, primo, primos, né, que agora meu irmão voltou, né, o meu irmão que tem os meus

sobrinhos também, tem o sobrinho, tem tias, ah, quando dá ela liga, mas num é uma coisa todo dia toda hora não, é quando liga ela fala um oi, mas não é sempre. Adolescente, né?!

13 - O que você acha que o seu filho pensa ou sente em relação ao Brasil? E ao Japão?
Hum, bom, nessas épocas agora de ... na idade de namoradinho, né, é, tava com uma dificuldade nesse sentido ai com ela, porque ... ela tava ... querendo se relaciona e nos queremos que ela tinha foco, né, nos estudos, mas ela quer ir embora tudo, ela pretende fazer faculdade, ela quer dirigir, porque tem 18 anos, ela gosta muito do Brasil, quando a gente foi em 2017 ela queria ficar na verdade, é que num dava pra ela ficar, mas assim, apesar de tudo que ela quer ir muito, que ela que ir muito, ela fica um pouco assim, apreensiva porque foi muito difícil a época que ela ficou longe da gente então isso pesa muito, tipo assim ela quer que a gente, vão todos embora, ela não quer ir primeiro, por exemplo, tem um certo medo do Brasil, justamente por causa que ficou longe da gente, que ela lembra, né, é ... por causa da segurança, ela tem medo, né, ela nunca morou sozinha, então ela tem todo um receio ai, isso.

- E em relação ao Japão?
Ah, ela gosta bastante daqui, só que assim, é ... é, falando tudo isso, fica difícil, porque ela num fala bem, entende, ela fala um pouco da escola, mas pra viver aqui acho meio complicado, né, e ... mas ela gosta muito daqui, agora ela tá bem adaptada com comida, com tudo, com amigos, é ... ela trabalha então. É, mas ela sabe que aqui num é o lugar dela na verdade, né, ela entende isso, a gente já conversou bastante com ela que num é aqui, num tem como, né.

- Quantos anos de Japão ela tem?
Alice tem uns ... há ela tem uns 10 anos de Japão, pra mais. É um tempão.

14 - Vocês acham que ele se identifica mais com os brasileiros ou japoneses? Por quê?
Não, totalmente com brasileiro, nada de japonês ... Ela teve amizade com japonês assim que morava do lado, criança, a Alice ia na casa brincava tudo, mas, com certeza brasileiro.

15 - E na opinião de vocês, ele tem mais traços (costumes, modos, jeito de ser e de se identificar) mais dos brasileiros ou japoneses?
Jeito de ser tudo.

16 - Vocês acham que existem diferença entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e que vive no Brasil? Se sim, percebem essa diferença no filho de vocês?
A tem, tem, tem a malicia, tem, tem sim, essa parte de ser mais malandro, ai eu acho. E tem a parte de segurança apesar que eles saem bastante lá também, mas aqui também sai, mas ... ai, tem diferença, é um cuidado todo. Né.

17 - Como foi a decisão por qual rede escolar matricular o filho? O que motivou e pesou na decisão? O que vocês sentiram?
Foi pensando no futuro de não ficar aqui também, porque na verdade a gente veio pra cá com a intenção já de voltar, né, a gente só não tinha colocado ela no outro, na creche, porque lá realmente, onde a gente foi não tinha lugar pra ela ficar depois da escola e não tinha escola brasileira, mas como a gente sabia que a gente não ia ficar aqui, a gente já optou pela escola brasileira, por que é complicado a escola japonesa né, eu, eu acho assim, ela ia , já pensando, eu pensei, ela ... já, ela já ia perder muito na escola japonesa, vai pro Brasil o que estudou aqui num vai servir de nada lá, então num adianta pra mim eu acho num tem ... motivo pra colocar ela na escola japonesa, como eu vou voltar pro Brasil eu acho complicado, mas e mesmo se eu ficasse aqui também, assim, falando "não, eu vou morar aqui ainda um bom tempo" eu ... eu sou estrangeira aqui, é difícil, né, é difícil pro estrangeiro aqui, eu acho que a pessoa tem que focar, porque que nem se ela num fica aqui acontece, eu tenho que pensar lá na frente, se acontece alguma coisa ... e eu não vou ficar aqui, porque o serviço daqui complicado pra gente, né, estrangeiro assim, eles vão pensar mais no japonês, porque eles são tudo voltado aqui pra nação só, num é voltado para o estrangeiro, então o estrangeiro é em último caso, eles vão, por exemplo, se acontece alguma coisa na fábrica eles mandam todos os brasileiros, todos os peruanos, filipinos, todo mundo, menos os japoneses, os japoneses eles vão dando um jeito justamente pra ficar, então eu posso ficar sem serviço, posso ficar eu e meu esposo a gente vai ter que fazer o que retorna pro Brasil. Então e por exemplo, que nem a pessoa coloca na escola japonesa e a criança só fala japonês, que que ela vai fazer no Brasil, ela vai ficar perdida lá, sabe é um processo novo pra criança, então os pais precisam ter mais noção disso, porque isso é o, porque assim você tá pensando no seu bolso, que é na verdade ... é ilusório essa parte assim, "ah na escola japonesa num gasta", num gasta agora, mas todos os anos que você estudou na escola brasileira, né, é a mesma coisa quando você entra no ensino médio aqui, você tem que dar um dinheiro muito grande pra entrar, então dá na mesmo se for ver dá na mesma, então, complicado.

- Por que tem alguns pais que optam pela escola japonesa pela questão do dinheiro, né?! E a acham que quando voltar para o Brasil, a criança vai recupera.
Mas se a criança não fala, não se comunica, que acontece muito aqui, da criança não, eles não se comunica em casa, no ... com o português, a língua materna, quando a criança chega no Brasil, a recuperação dela, então tudo que ele não gostou ele vai ter que recuperar, porque pode até dar problema psicológico na criança, problema de bullying, né, a criança pode ficar se sentindo inferiorizada porque lá no Brasil o pessoal tá muito a frente, com questões, até crianças daqui mesmo eu vejo que eles contavam pra mim do 7° ano lá, que a escola japonesa é assim, eles dão um conteúdo, por exemplo, vamos fala hoje de, sei lá, potência, ai eles trabalham a potência tudo sobre potência, tá, se viu isso, ai por exemplo, como eles ficam só nisso, quando eles chegam lá no ensino médio tem matérias que eles não viram ainda, então assim, é diferente o estudo, eles ... ve ... eles vê o mesmo conteúdo mas em momentos diferentes, então as vezes uma criança que vai pro 1° médio ele num viu um monte de matéria que precisava pra base pra ele, pra vim pra escola brasileira, né, então, é complicado, é ... a criança perde muito na verdade.

18 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho na escola?
Não, não. Foi sempre tranquila. Assim, aqui a escola brasileira ela tem esse problema de ter essa dificuldade de professorado, porque as vezes muda muito, é ... por exemplo, como eu falei para você, da escola japonesa pra escola brasileira, então dentro da sala de aula a gente não pode puxar muito conteúdo, o apostilamento é positivo, de Curitiba, ele é forte, só que não consegue acompanhar. Então a gente tenta e tem muita dificuldade, então ou seja, o ... o apostilamento é forte, mas como tem esse problema de estudo, que tem as vezes diferença, né, de conteúdo, então fica uma coisa assim meio, num é jogada, mas a criança, né, num aprende ali como a gente gostaria que aprendesse, assim, sabe, então é complicado. As vezes a gente pega professor que não é da área, também tem isso na escola brasileira. Que nem eu sou da área da matemática, então eu dou aula só de matemática e não dou aula de outra matéria, agora tenho professor lá que é professor de química, física, mas da aula de história, da aula de geografia, da aula de ciências, então não é professor da área, então isso é muito complicado porque o professor da área ele consegue, claro depende do profissional, mas ele aprofunda mais conteúdo, ele sabe como ele passa o conteúdo pra criança, sei lá, pra criança absorve o máximo, né, pra aquilo, pra saber a importância que tem determinado conteúdo, agora professor que não é da área, ele só vai lê a apostila, ele vai fazer o que dá, ele vai tentar explicar ao máximo, né, mas num tem todo o estudo ali pra poder direcionar melhor pra criança, então, é .. isso aí é o que eu vejo da Alice, assim, então ela tem dificuldade em algumas matérias? Ela tem, muita, é .. por .. justamente por causa disso, por causa dos professores que não é da área, num é que o professor é ruim, professor não é da área, ele tá dando aula ali, mas não entende muito a matéria então isso é complicado aqui, num tem como ter um professor da cada matéria, muito complicado aqui.

- Deve ser um desafio ser professor aí.
É ... aqui é muito ... é muita coisa assim que envolve, né, é estrutura familiar aqui, é uma das, eu acho que é uma das pegam mais assim, porque as famílias muito desestruturada e isso passa pra criança então a criança fica uma carga assim, uma culpa que nem é dela, porque ai eu to pagando a escola, porque a escola é cara, já fala isso desde de pequeno pra criança, você tem que me ajuda a pagar sua escola, porque sua escola é muito cara, então isso daí faz tudo a criança se desmotiva a estuda, porque é uma época dele só tá pra estuda e ele num faz isso.

19 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho em relação as amizades com os brasileiros ou japoneses?
Não, não, ela num tem muito contato com japonês, é mais com brasileiros, mas com os brasileiros não. Na verdade elas são bem tranquilas, algumas, né, tem problema de droga aqui, tem, bebida, saída, igual no Brasil, os problemas são iguais, né, mas eles são mais, eu acho que eles são mais calmos, dentro da sala de aula, eles são mais calmas, não afrontam tanto o professor, mas ela em si assim num tem problema nenhum.

20 - O que vocês planejam para o futuro dele? O que desejam?
É, é, a gente quer que ela siga no Brasil mesmo, que ela num fique aqui, que ela faça faculdade, é exigência, ou faz ou faz. É, ou faz ou faz.

21 – Há algum conflito entre vocês em relação a educação do seu filho?
Não, não. Sempre teve assim os mesmo pensamento, que num é aqui, que é no Brasil e que ela tem que estuda lá, a pequena a mesma coisa, a gente pensa a mesma coisa, já pensei de ficar aqui, sabe, de ter uma solução pra ficar aqui, pra gente morar aqui definitivo, mas é muito complicado. Meu marido também num quer, e eu, na verdade eu queria muito, mas depois que eu fui pro Brasil eu já ... eu assim, meio que mudei um pouco de ideia, né, mas eu quero ir pro Brasil por causa das meninas também.

22 - Como vocês aproveitam as horas de lazer com a família?
Há, a gente sai bastante com elas, vai no parque, assim, todo fim de semana quando dá a gente sai mesmo pra não ficar dentro de casa, né, levo ela no parque que tem aqui perto, a Alice também quando era pequeninha a gente fazia isso, quando tem os feriados, aqui os feriados prolongados, de maio, agosto, a gente vai pra praia, vai pra piscina, a gente, até sai bastante. É, quando a gente num tá com aquele, ne, trabalhando insanamente, a gente sai bastante.

- Seu marido trabalha em fábrica?
Trabalha em fábrica. 6:30, 6:30.

23 - Se vocês pudessem dar um conselho para pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, o que vocês falariam?
Então, é nessa parte de vir pra cá, com criança, tem que vê direitinho a região que vai, ne, tem muitas pessoas que vão pra região que não tem escola brasileira, então o única opção é colocar na escola japonesa, mas se colocar na escola japonesa, não parem de falar o idioma, né, a língua materno o português, né, converse bastante com a criança, tente ajudar nos estudos, tenta assim, é ... fazer um paralelo, né. Eu sei que é difícil, mas ... entre o português e o japonês, mas explicar pra criança tem que aprender, porque assim, tem criança e num aprende nem lá a nem cá, né, então, ou é tempo perdido, então não faça pra ser perdido, e ... e se for vir e quiser mesmo colocar num escola brasileira que ele procure um lugar, aonde tenha serviço, né, e tenha escola brasileira, e procure uma escola brasileira, que seja, é ... é ... que seja boa, todas aqui são boas na verdade, né, umas tem estrutura, outras não, mas ele tem que escolher o melhor método, né, qual é a metodologia que é estudada, que a escola a linha, né, de ensino da escola, qual o material didático que a escola usa, e pensar sobre tudo isso, e não vir pensando só no dinheiro, né, tem que pensar sim no futuro, só que também no estudo da criança, porque a atitude que você toma você prejudica a criança no futuro, a gente acha que não, né, ah não, mas ele recupera, num é bem assim, ele recupera, tem que ter calma nesse negócio , ah, mas é criança, criança recupera, não, criança é diferente uma da outra, tem criança que tem que ter um empurrão e tem criança que por ela mesma, por natureza ela se sobressai, mas tem que criança que não. Se você num for assim, saber bem certinho desenvolvimento dela, se vai prejudicar ela pro resto da vida, então vai ser um adulto que num vai ter aptidão pra nada, num vai ter vontade, vai ficar sofrendo sempre porque num se sabe nem lá, né, o japonês, num sabe o português, então vai ficar nessa vida sempre. Então assim, as famílias elas vão, tem muita, eu num sei, eu vejo aqui que tem uns pais que num tá nem aí pra educação, sabe. E ai, eles, é assim, tudo bem que o dinheiro é importe, mas a criança, você tá fazendo sua vida ali, mas a criança é um começo dela, né, tanto pra criança como adolescente, então é cruel você colocar e largar e achar que a criança vai se virar sozinha, num é bem por ai, né, então tem que ter responsabilidade com a criança também.

- E você acha que isso interfere no planejamento de vida delas?
É, então, e assim, né, olha, eu vou fala, que nem eu falei pra você aquele dia, né, é, se tem 23 crianças que terminam o ensino médio, adolescentes que terminam o ensino médio, é um ou outro só que você vê ai, pelo menos que eu tenho contato, um ou dois só que termina faculdade, faz uma faculdade, o restante, é tudo trabalha na fábrica, já tem filho sabe, já se junto com alguém, já caso, já separa, já tem 3 filhos, então é assim ... é ... num é que eu não acho legal casar, mas eu acho que deveria pensar mais um pouco, né, se estruturar melhor, então vendo o exemplo de casa, que o pai e a mãe sofre, deveria fazer ao contrário, mas ai os pais também num tem essa estrutura pra passar pra criança, olha você tem que estuda, você tem que fazer diferente de mim, não, eles falam assim, vai trabalhar, você tem que pagar sua escola é muito caro aqui, eu tenho que trabalha, eu trabalha mais, jogam uma responsabilidade que num é criança nas costas dela, né, até dentro de casa mesmo, ai já fala pra criança, porque a gente, eu sei disso porque tem adolescente que falou isso pra mim, "eu tento que estudar mas eu tenho que trabalha, porque meu pai e minha mãe mandou eu trabalha", então eles assim, eles deixam de estuda porque tem que trabalhar pra ajuda os pais, então a escola fica em 2°,3°, 4° plano da família, num é p 1° plano da família, sabe, num é uma coisa assim, que é importante, deixa de ser importante, né. Então isso é muito triste, né, muito triste, fazendo o que, que é cada vez mais vão ser mais crianças, porque eles vão casar ter filhos e são crianças que também não vão ter estrutura, então são outras crianças que, né, desculpa fala, perdida, ciclo, é um ciclo, fica perdido, num vai ter estudo, num tem como ser, passa necessidade, tem aquela vida bem ruim assim, digamos assim, então é, eu acho que é ... triste, muito triste, bem triste.

Família 3 – Entrevista Adolescente – Parte I

Nome completo: Alice
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 18 anos **Data de nascimento**: 09/04/2002

Estuda em: (X) Escola brasileira ( ) Escola Japonesa ( ) Já estudou em ambas
Há quanto tempo estuda nesta escola: Quando eu era menor, eu ... tipo, ia pra creche japonesa, ai eu falava um pouquinho, mas aí eu fui pro Brasil, né, tipo, várias vezes eu fui, voltei, ai eu ... perdi ... tipo, japonês, né, aí agora só estudo em escola brasileira.

- Como foi a sua trajetória escolar?
Sim, é ... depois eu estudei, acho que ... que me lembre ... na creche eu fiquei até uns 3, 4 anos, aí eu fui pro Brasil. Aí nesse tempo fui pra escola ... é ...fui pra creche brasileira, né, ai eu fiquei até uns 5 anos, ai eu voltei pra cá, aí foi tipo, idas e vindas, ai eu fiquei ... aqui eu fiquei ... ai eu entrei na escolinha também, né, mas eu fiquei também pouco tempo, porque depois logo eu fui pro Brasil, acho que eu fui com uns 6 anos por ai, ai ... lá no Brasil eu fiquei até uns 7 anos, até uns 7 anos mais ou menos e depois agora, to até agora aqui, né.
É, na verdade, foi, retornei em 2009, né, só que nesse tempo eu fiquei, acho que ano retrasado, é ano retrasado, eu fui pro Brasil eu fiquei 3 meses lá, ai eu estudei, os 3 meses, eu estudei numa escola brasileira...num colégio, né, no segundo ano do ensino médio. Na verdade eu já me formei.
Sim, sim, muitas mudanças.
Ano escolar: Terminou o terceiro ano recentemente
Grau de descendência: Eu sou, é ... aqui no Japão a gente fala sansei
Província onde mora: é ... na província de Guma
Estado de origem no Brasil: Apucarana, Paraná.
Com quem mora no Japão: Eu moro com minha mãe, meu pai e com minha irmã. Minha irmã tem 6 anos.
Idioma falado em casa: A gente fala ... a gente algumas palavras em japonês, por exemplo daijoubu, essas palavras assim, né, são mais fáceis e cotidianas, mas a gente fala português mesmo.

1 – Onde nasceu?
Eu nasci no Brasil

Se nasceu no Japão:
2 - Você conhece o Brasil? Já esteve lá? Tem vontade de conhecer? Não se aplica.

Se nasceu no Brasil:
3 - Com qual idade veio para o Japão?
Bem pequenininha, acho que eu tinha uns 3 anos, por ai, quando eu vim pra cá.

- Você disse que já veio várias vezes para o Brasil, alguma dessas voltas foi para ficar ou foi só para passear?
Sempre foi só pra passear, ai ... nesse ... nessas 3 vezes que eu fui, a gente foi pra... meus pais tinha resolver algumas coisas e ai a gente até pensou, né, em ... em ficar, né, porque eu tava indo bem na escola, no colégio, né, eu tava indo bem, e daí, minha mãe também queria colocar minha irmã, né, só que ai ... num dava ... num deu muito certo, ai a gente acabou voltando, mas eu quase fiquei.

- Por você, teria ficado?
Sim, com certeza. Eu gosto, antes eu tava com medo assim, sabe, de eu não acostumar essas coisas, e quando cheguei ai, antes deu ir pro Brasil eu chorava eu falava que não queria ir, porque, tipo, tinha meus amigos aqui, tinha escola, e tipo eu não queria lagar tudo, né, e ... mesmo ... eu sabendo que eu ia voltar né. Ai depois, é ... quando eu cheguei no Brasil eu fiquei um pouco assustada, eu cheguei eu fui pra São Paulo em Guarulhos, né, no aeroporto, ai eu fiquei super assustada, eu falei "nossa que estranho", tipo eu não lembrava muito, porque fazia muito tempo que eu não ia pro Brasil, então eu fiquei meio assustada, sabe, ai depois de algumas semanas eu acostumei, ai eu entrei num colégio, ai eu acostumei mais ainda, ai eu gostei, daí eu falei "ah, eu quero ficar aqui", mais ou menos assim.

4 - A decisão de ir para o Japão foi conversada ou explicada para você antes?

Então eles já tinham, acho que já tinham ido um pouco antes já. É ... acho que ... é acho que já foram um pouquinho antes, ou eles foram tipo, na mesma época, mais ... eu acho que ... eles foram ... é ... um pouquinho antes.

- Como foi para você, lembra de algo?
Eu num lembro muito. Eu lembro tipo, de algumas das voltas, né, que eu fui .. quando eu tava ai no Brasil, eu voltei, dai eu falava japonês, né, e as crianças num entendiam, ai elas ficavam tipo meio que ... tipo num entendendo nada, né, então ... ai ... mas depois eu acabei esquecendo também o japonês, né, e foi assim ... mas eu num lembro muito quando eu vim pra cá não.

5 – Tem saudade do Brasil?
Tenho sim, muita saudades, queria ter ficado lá.

- Do que você sente saudade?
Hum, ixi, tudo hein?! As pessoas, o clima, comida, os lugares, quase tudo.

6 - Você gosta de morar no Japão?
Eu gosto de morar no Japão, gosto muito daqui, na verdade, né, eu fico meio que em cima do muro, na verdade, quando a questão é Brasil e Japão, porque do Brasil tem muita coisa que eu gosto, mas do Japão eu acho que ... por eu ter morado mais tempo aqui talvez tipo, pra mim aqui seja a minha casa, digamos, né, já tenha acostumado, então é difícil, tipo, desapegar essas coisas, né, eu gosto muito daqui.
É, sim. Inclusive quando eu tava lá no Brasil eu senti muita falta da minha casa, né, que, tipo, de, sabe quando você sente saudades do lugar que você mora mesmo e tal, essa sensação, mesmo eu nascendo no Brasil, né, tipo, sinto muita falta, senti muita falta daqui quando eu fui, né.

- O que faz você gostar de morar no Japão?
Tem muitas coisas, tem ... eu gosto também muito do clima, as pessoas aqui elas são ... bem tipo ... educadinhas, tipo, são bem quietinhas, tipo que tem meio que uma paz digamos ... hã ... tem ... é ... mais isso assim, as pessoas, a segurança também aqui é tipo bem melhor, se pode sair assim, a noite, claro que você tem que ter cuidado, mas tipo ... num é tão ... tipo num é tão perigoso quanto o Brasil, né ... e também aqui ... são assim ... de ... dinheiro essas coisas eu acho que é bem mais fácil também.

7 – Há quanto tempo mora no Japão?
Hum ... eu que uns ... acho que se soma acho que da uns 10, 11 anos por ai.

8 - Durante esse tempo já voltou para o Brasil? Já foi respondido.

9 – Com quem veio para o Japão? Já foi respondido.

10 – Você fala japonês?
Então, eu num falo, num falo. Bem pouquinho, tipo eu entendo bastante, mas eu num falo.

11 – Seus pais falam japonês?
Então, o meu pai ele já fala mais que a gente, ele se vira bastante, mais ... ele escreve bastante também. A minha mãe não muito, tipo, ela num fala muito mas ela entende bastante também, e eu também, só que tipo, eu sou melhor pra escutar e na escrita eu acho, do que falar, meu pai ele já sabe mais um pouquinho.

12 – Com relação as amizades:
Hoje eu só tenho amizade com os brasileiros. Mas quando eu era menor eu tinha algumas vizinhas, né, ai eu fazia amizade, que eu era pequena, então ... bem mais fácil de fazer amizade, e elas eram tipo todas japonesas, e era bem interessante porque elas queriam aprender o português, então elas ... toda hora que eu ia lá na casa, tipo aparecer pra brincar, a mãe dela tava com um livrinho... um dicionário, anotando as palavras, era bem legal, ai ... só que nessa época eu já falava um pouquinho mais, né, também, era bem mais fácil. Hoje em dia num tenho muita amizade japonesa, eu tenho uma no meu trabalho, só que tipo a gente num fala, num conversa muito, sabe, é só, é mesmo de trabalho sabe, mas ela é japonesa, só japonesa, tipo, então ... é.

- Você trabalha onde? Com o que trabalha?
Então, eu trabalho no escritório ... é ... tipo tem uma loja que ela vende tipo wifi essas coisas e eu trabalho na parte do escritório, eu mexo na parte do sistema, né, ai eu trabalho nessa parte, só que é brasileira, né, de cá tem

uma ... é ... brasileira essa loja, então tipo ... o pessoal de lá é tudo brasileiro, né, todo mundo fala português, e só tem uma japonesa, no caso, que é essa que as vezes eu converso com ela.

13 – O que acha da escola onde estuda? O que você acha da escola brasileira no Japão?
Então, eu ... sempre estudei praticamente na escola brasileira aqui no Japão, né, então quando eu fui pro Brasil eu fiquei encantada, porque lá é bem diferente. Tipo, tudo, tudo é diferente, as pessoas, tipo, num sei, é muito diferente, sabe?. É ... em relação ao ensino no Brasil, obviamente, é bem melhor, porque é Brasil, então né, tipo é bem mais fácil, tem muito mais contato com a cultura, então obvio... tipo você vai saber mais sobre, né, aqui no Japão você tem que ter um equilíbrio, você tem que saber tanto português, mas também você tem que saber um pouco da cultura japonesa, então fica meio nessa divisão, mas aqui é ... assim, eu gostava bastante... sempre gostei da escola daqui também, tipo ... acho que vai muito do aluno também, porque aqui não é muito forte de ... tipo ... professor essas coisas, mas tipo ... tem muito professor bom e muito aluno que quer aprender, então da uma junção boa, sabe? No Brasil eu acho que .... o que falta talvez são as crianças, tipo ... acho que ... bom na minha escola tinha bastante aluno que estudava muito muito, muito, tipo ... era uma sala bem competitiva assim, aqui no Japão num sei, as pessoas parece que num tem animo, sabe?, pra estudar muito talvez porque tá aqui no Japão e sabe que vai te que tipo, trabalhar vai te que junta dinheiro pra voltar então, fica ... o pessoal daqui num é muito interessado digamos. Então ... é ... eu gostei mais do Brasil na verdade, né.

- Já teve vontade de estudar na escola japonesa aí?
Não, nunca. Nunca, nunca, tipo, eu queria ter aprendido mais, tipo "nossa eu podia ter aprendido um pouquinho mais", só que na escola japo... na escola brasileira tinha aula de japonês, né, com professores japoneses, só que ... tipo num era tão intensivo quando as outras matérias, tipo ficava em segundo plano, digamos. Então, era mais difícil de aprender, mas a ... nunca tive vontade, sempre gostei da brasileira mesmo, até porque ... tipo sempre quis fazer. ... tipo uns planos... eram tudo voltados para o Brasil, então acho que ... que por causa disso também.

14 – Como é o seu relacionamento com os colegas e professores?
Sim, era bem tranquilo. Pessoal é bem de boa.

15 – Quais as dificuldades que você tem na escola/aula?
Hum ... num lembro, não, na verdade, sempre foi tranquilo.

16 – Você já mudou de escola? Por quê? Como se sentiu? Não se aplica

17 – Já sofreu ijime/bullying na escola?
Hum... tipo ... eu ... assim, foi meio que ... tipo não foi na escola, a gente tava num restaurante, e daí tipo tinha umas crianças brincando e eu tava brincando junto, ai os pais dessas crianças foram lá e ... tipo, gaijin, tipo estrangeiro, num fica perto, ai ele tirou as crianças de perto de mim, ai minha mãe ficou, tipo "nossa," meio assim, sabe? ... ai ela, tirou também, isso a gente tava num restaurante, num lugar de espera tem um lugarzinho pra brincar, né, as crianças, ai a gente tava lá e aconteceu isso, mais só isso, que eu me lembro.

18 - Quando for adulto onde quer morar? Por que?
Hum ... eu ... queria morar em tipo Portugal assim, outros lugares, mas o Brasil também é uma opção.

- E entre o Brasil e o Japão?
Hum ... a gente fica ... hum ... ai meu Deus, então ... se eu pudesse algumas coisas do Japão e levava pro Brasil, mas eu acho que ... eu ainda moraria no ... ficaria com o Brasil.

- Por quê?
Hã, num sei, eu acho que ... porque por esse tempo que estou muito longe, acho que fez falta também porque querendo ou não foi o lugar que eu nasci, né, mesmo que eu tenha morado mais tempo aqui no Japão, mas ... num sei ... eu acho ... eu me sinto melhor lá ... num sei porque, se tem muito brasileiro, só tem brasileiro lá, é mais fácil, então acho que ... é mais isso também. Então eu ficaria com o Brasil.

16 – Se eu te perguntar como se sente em relação a sua identidade, como brasileiro, japonês, os dois ou nenhum dos dois o que me responderia? Por que?
Hum... eu acho que eu sou mais brasileira, algumas coisas as vezes eu acho não, eu acho que eu sou meio japonesa, tipo as vezes, hã ... em algumas situações eu ... tipo ... por exemplo, as pessoas brasileiras são bem ... hã ... alegres, bem sabe, tipo ... já chega assim, eu já sou mais na minha, quietinha, e eu acho que é ... tipo, é mais por convivência mesmo, porque o pessoal daqui é mais quieto, sossegado, né, e ai no Brasil, todo mundo já chega, sabe, fazendo festa, então acho que ... eu acho que sou mais brasileira.

17 – Você sente que pertence a qual país? Com qual mais se identifica? Por quê?
Hum ... eu que eu me identifico mais com o Brasil.
Ai ... hum ... eu não me acho nada tipo parecida com ... os japoneses em si, tipo ... mesmo sendo mais quietinha assim eu ainda acho que eu tenho aquela essência brasileira.

18 – Como você se diverte nas horas de lazer? Onde costuma frequentar?
Hum ... ai geralmente eu saio com meus amigos, a gente fica em algum parque ou a gente vai pra um restaurante ... hã ... as vezes eu fico tipo só em casa mesmo, assistindo alguma coisa, a gente, aqui a gente vai muito pro shopping essas coisas, ai no Brasil, quando eu saia, quando eu tinha hora livre assim, geralmente a gente ia, eu e meu primo, né, a gente ia pro centro a gente andava muito, andava muito, muito, muito muito ... hã ... a gente, tipo só andava mesmo, meio que, ou a gente ficava parado na praça ou algo assim, e ai aqui tipo, aqui não tem praça, digamos, tipo a gente tem parquinho, mas é diferente, então aqui você sai mais, só que você fica mais parado, tipo fica em um lugar só, ou você fica só em casa, ou você fica na casa do seu amigo, ou você fica em algum restaurante, ou, que é um shopping, lá no Brasil parece que você tem ... é mais livre, acho que ... num sei porque, mas o pessoal num anda muito na rua, você vê o pessoal, é tipo, num tem muita gente na rua, você vê, lá no Brasil é lotado, as ruas são lotadas, tem calçadas enorme, sabe, então tipo, a gente, lá no Brasil eu andava mais, aqui no Japão eu fico mais presa, digamos, né, tipo dentro sempre de algum lugar, de algum ambiente, né.

19 – Como se relaciona com os japoneses?
Hum ... com japoneses ... hã ... na verdade é bem normal assim, eu ... eu faço que nem eles fazem, tipo cumprimento, sabe quando você abaixa, essas coisas, falo, tipo obrigado, quando eu vou numa loja de conveniência sabe, que as ... aquelas lojas, normal, sim, normal, combine, normal. Alguns japoneses tipo eles ficam meio que olhando assim, porque ... mais tipo, depende muito do lugar, eu acho que ... onde eu moro aqui, em Guma, tem muito brasileiro então acho que os japoneses já tão acostumados com tanto brasileiro. Quando eu vou pra Tóquio, por exemplo, também é bem normal, porque Tóquio sempre tem um monte de gente, um monte de celebridade, então pessoal de lá já tá acostumado, mas em alguns lugares, por exemplo, lugar que só tem japonês, as vezes, eles ficam observando mais, eles olham, as vezes, tipo da pra ver que tão comentando de você, mas ... sim, sim ... ou as vezes tem alguns que ficam até surpresos eles ficam felizes, tipo eles vem e perguntam, sabe, legal.

20 – Qual o seu plano em relação ao futuro?
Então, eu quero fazer faculdade aí no Brasil, faculdade de arquitetura e urbanismo, ai no Brasil, ai no Brasil, né, e ... é eu quero estudar ai e viver ai na verdade, né, quanto eu pude, né.
Aqui no Japão só para visitar.

- Você sabe quando vem para isso, para fazer a faculdade?
Então, é ... no momento assim eu num sei muito, porque tem esse negócio, era pra eu ir já esse ano, né, na verdade, só que por conta do corona, sabe, tipo nossa muito complicado, então ... tipo, esperar passar e ai eu já quero ir na verdade, então, final do ano se tiver melhor, já queria volta.

- Sozinha ou com a família?
Então, a princípio sozinha, eu ia ficar ai no Brasil com a minha família, tipo, tio assim, né, tia, e depois eles, eles vem, de novo né.

- Você mantém contato com a sua família aqui no Brasil?
Sim, sim, tem meus avôs, meus primos.

21 – Qual o sonho?
Meu sonho, ai eu quero ... junta muita grana pra poder viajar o mundo, tipo, só que eu quero, tipo mesmo eu viajando muito eu ainda quero ter uma casa, algo meu assim, sabe, tipo ... um apartamento, quero um lugar meu, fixo. Sim, sim, mas eu também quero, tipo viajar muito, então.

22 – Qual o seu medo em relação ao futuro?
Hã ... tenho, tenho medo de não conseguir passar na faculdade por conta que eu estudei aqui, tipo, não que o ensino não seja bom, mas tipo, é bem diferente, tem algumas coisas que ... talvez eu não saiba porque eu não moro ai, porque tipo tem pouco contato, mesmo tendo internet essas coisas, tipo você num... tipo no Brasil é ... você não precisa ficar em internet, conectado o tempo inteiro pra você saber o que tá acontecendo, tipo as pessoas comentam ao seu redor, né, só que aqui no Japão as coisas tipo eles comentam sobre as coisas do Japão,

então, meio que fica essa barra ai, né, então eu tenho medo de não conseguir algumas coisas por conta daqui, sabe, eu não conseguir aqui, então....

22 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Sim, sim, a gente conversa bastante, meus pais apoiam bastante, eles falam pra eu estudar bastante enquanto, tipo nesse tempo que tem o corona, pra estudar ai quando chegar no Brasil pra fazer vestibular, fala isso. A gente conversa bastante.

Família 3 – Entrevista Adolescente – Parte II

Nome completo: Alice

Caso nasceu no Brasil:
- Como foi a chegada no Japão? Você se lembra? Já foi respondida
- Você teve dificuldade em se adaptar ao Japão? Como você lidou com essas dificuldades? Já foi respondida

Se retornou ao Brasil:
- Você teve alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil? Já foi respondida

1 - Como é o seu relacionamento com os seus pais?
Sim, é tranquilo.

2 - Você acha que se parece mais, tem mais o jeito, da sua mãe ou do seu pai? Por quê?
Hum ... eu acho que eu me pareço mais com a minha mãe. Ah ... hum ... num sei, o jeito dela, tipo ... não que somos igual, mas tipo, eu ... eu me espelho nela, assim, tipo as coisas que ela faz, as coisas que ela corre atrás assim, é, mais parecida com minha mãe.

3 - O que você gosta e o que incomoda no jeito dos japoneses? E nos brasileiros?
Hum ... eu gosto dos japoneses tipo, eu gosto do ... da educação que eles tem, sabe, do ... do jeito assim, eles são bem reservados, educados mesmo, mas eles são, alguns, eles são em parte meio ignorantes, eles são meio egoístas, por exemplo, com relação a estrangeiro também e eles são bem menos afetivos. Então isso me incomoda um pouco.
Hum ...eu gosto dos brasileiros ... hã ... são pessoas bem carinhosas, né, bem alegres, elas são bem receptivas, mas ... hã, as vezes alguns brasileiros são ... como eu posso dizer ... eles são muito ... tipo ... as vezes querem cuidar muito da vida dos outros, tipo são muito então e tipo as vezes a gente que privacidade.

4 - O que mais gosta e o que não gosta no Brasil? E no Japão?
Hum ... no Japão ... hã, que eu não gosto ... hum ... ah, é, tipo no país em si ... eu acho que eu gosto de tudo daqui, hum ... talvez a comida, a comida é ... gostaria que fosse um pouco melhor, tipo eu gosto de tudo daqui, a comida e tals, mas talvez mais coisas, aqui parece que é meio ... hã ... num sei, se é por causa do clima mais é meio escuro, meio ... sabe ... tipo, é ... meio sei lá, é um pouquinho estranho, mas é gostoso aqui, então ... num tem muita coisa que eu não gosto daqui, do país, né.
Do Brasil eu gosto de quase tudo, praticamente, só que eu ... é ... tem um ... num gosto do, por exemplo de ter medo, sabe, de ter medo de morar, de ter esse medo, e tipo ... as pessoas também brasileiras tem medo .... tipo ... como fala ... não que elas são em si, tipo ... algumas pessoas elas são ... meio traiçoeira sabe, tipo é meio estranho, então ... tipo ... é isso.

5 - Você se sente bem recebido e aceito aí no Japão?
Hum, é sim. Sim, sim.

6 - Você acha que existe alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses? Quais?
Sim, muita. É bem diferente. Hã, bom, os japoneses eles são ... por exemplo, quando tão entre amigos assim, eles ficam, eu acho que eles ficam muito mais no celular, tipo num sei, eu tenha essa impressão que como aqui é um pouco mais moderno, então, tipo as crianças são mais, sabe, alienadas e tipo ... com os amigos assim eles são ... é ... eles são, tipo é normal assim, sabe, você vê assim, eles conversam, eles riem, eles brincam só que, por exemplo, os brasileiros eles abraçam eles tem esse contato mais físico, tipo, quando você chega eles já vem com um beijo, abraço e eu sinto que os japoneses eles num ... acho que eles num ... conversam muito sobre coisas

mais profundas, assim, tipo emoções, sentimentos, eles são mais, tipo fechados em relação a isso, aqui, tipo até namorado assim, tipo eles não, eles quase não anda junto praticamente, tipo, eles andam juntos só que é muito difícil você vê que nem no Brasil, sabe, então é muito diferente. E parece que eles tem vergonha de mostrar, tipo, num sei é muito estranho.

7 - Você assiste mais TV brasileira ou japonesa? E a leitura? Jogos? Música? Comida?
Então, antigamente eu assistia tv japonesa ai depois a gente mudou pra brasileira, né, mas agora hoje a gente só assisti filme essas coisas, então ... a tv, eu particularmente não gosto de tv japonesa, tipo é muito sem graça, os programas são chatos, e é muito tedioso. Tipo, brasileiro tem um monte de coisa, tem novela, tem realitys tipo todas as coisas, eu acho que é bem mais ... é ... tem muito mais entretenimento, japonês tem alguns desenhos, algumas novelinhas, mas o que eles falam, por exemplo, numa noticia assim, as vezes, o jeito que eles mostram é muito chato, os programas, não são tão legais quanto do Brasil.
Hum, então antigamente ... eu costumava lê, tipo ... é, assisti, né, assistia aquele animes, sabe, eu assistia bastante, é ... mas hoje eu assisto mais brasileiro, tudo brasileiro.
A comida, a comida eu amo os dois a gente mistura, tipo as vezes a gente come um feijão, as vezes a gente come um sushi, é dividido.

8 - Você se identifica mais com os brasileiros ou os japoneses? Por quê? Já foi respondido

9 - Qual o seu passa tempo favorito nas horas livres?
Meu passa tempo ... hum ... eu gosto de ... as veze eu jogo futebol com meus amigos, vou na casa dos meus amigos, a gente ... gosto de ir pro shopping, eu gosto de ... as vezes só sair assim mesmo pra dar uma volta, tipo andar de bicicleta, mas também gosto de ficar em casa e fica assistindo filme, gosto de pintar também.

10 - Me descreva como que é morar no Japão para você? E o Brasil?
Hum ... morar no Japão ... é ... hum ... é encantador e ao mesmo tempo é ... um pouco estranho porque tipo se você num fala nada, você fica tipo sozinho praticamente, tipo você vai num lugar, e tipo você num vê ninguém, porque ninguém fala com você, entendeu, e mesmo quem quer, tipo tentar ter uma comunicação assim num consegue, porque é difícil. Mas aqui é muito lindo, tipo os lugares aqui, tem a Disney, tem tipo outros parques, tem os lugares aqui, tipo Tóquio, lá em Tóquio parece que é outro mundo inclusive, porque é enor... tipo é pequeno mais tipo você olha pro lado tem uma coisa, se olha pro outro tem um monte de coisa, tipo é muita coisa pra você vê, muita coisa pra você absorve, mas tipo é muito incrível assim morar aqui, eu acho tipo, eu gosto muito, né, de morar aqui.
No Brasil, nossa é muito lindo, tem muita coisa lá, hã ... só que é, eu acho ... hum ... tipo é mais por causa, tipo das pessoas que o Brasil se torna tipo melhor, digamos, tipo tem uma vibe incrível eu acho, né, tipo se vai num lugar a pessoa já vem te receber, tipo essas coisas. Aqui no Japão o pessoal eles tipo, por exemplo, numa loja, né, vamos supor, aqui no Japão você entra numa loja eles falam "ah, seja bem-vindo", e tipo some, você faz a sua compra sozinho, porque aqui, aqui é meio diferente as lojas, né, num sei se você lembra, mais tipo, lá no Brasil, é ... tem as lojas... tipo cada loja tem tipo um monte de pessoas e eles ficam tipo toda hora perguntando "ah, você quer ajuda", tipo eles ficam, tipo eles te recebem mesmo, né, e aqui, tipo você faz sua compra sozinho, você só recebe tipo, bem vindo e um obrigado no final, se você compra alguma coisa. Mas tipo, eles são educados, mas as vezes sabe, então lá no Brasil a gente tem essa vibe melhor, sabe.

11 - Qual a importância que o Japão tem para você? E o Brasil?
Hum ... bom ... Japão ... eu acho ... hã ... eu acho muito importante por causa dos meus descendentes, né, porque ... tipo ... o Japão é tipo a nossa ponta, né, então eu sabendo um pouco daqui, eu vendo aqui, eu consigo saber, ter mais, é ... tipo entender melhor eles, essas coisa, acho muito importante por causa disso e tipo ... como eu também gosto muito daqui, então ... sei lá, eu acho, acho que é isso, acho importante.
Ah, o Brasil é ... onde a ... é também o meu lar, né, então ... é importante, ai eu nasci lá, né, então assim é a minha raiz digamos, né, é a minha primeira família, né, então. Tenho minha família lá também.

12 - Você trocaria sua vida daí para morar no Brasil? Por quê?
Hum ... acho que sim. Hum ... porque eu prefiro mil vezes tá ai estudando do que tá aqui trabalhando. Tipo aqui é trabalho, por incrível que pareça tipo parece fácil, parece que ganha dinheiro fácil, mas não é assim, é muito difícil, tipo, você trabalha muito e ... claro convertendo dá muito, muito mais, só que o tanto que você trabalha aqui é esgotante, sabe, você fica cansado pra caramba, ai no Brasil ainda parece que mesmo tipo tendo, tipo, o valor num é tão alto assim, o real, mas tipo você consegue, por exemplo, trabalhar num período, estuda, você consegue fazer o seu hobby, aqui é parece que é tudo meio atropelado, então tipo ... é difícil.

13 - O que você pensa em fazer depois de concluir a escola? Já foi respondido

14 - O que você acha que seus pais esperam de você ao concluir a escola?
Eu acho que eles queiram que eu faça isso mesmo, que eu estude, que eu faça faculdade, que eu vou pro Brasil, é, tipo acho que eles querem muito isso, porque eles falam isso muito pra mim, tipo "olha estuda, corre atrás", essas coisas, então eu tenho certeza que eles querem.

15 - Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?
Ai, daqui 5 anos eu espero tá ... tá trabalhando na minha área, tipo em algum ... arquitetando alguma casa, algo assim, ou tipo trabalhando na minha área mesmo nessa parte e ... já ter pelo menos a minha, meu próprio apartamento, tipo é o que eu mais quero eu acho.

16 - Se você pudesse dar um conselho para uma criança ou jovem brasileiro que está vindo para o Japão pela primeira vez, o que você falaria?
Hum ... eu falaria... eu diria pra essa criança pensa bem o que ela vai fazer no futuro, porque isso vai depender, tipo o que ela planejar vai depender muito do tempo que ela vai ficar aqui, do que ela vai fazer aqui, tipo porque aqui não é ... a ... melhor coisa do mundo mas também tipo dá pra quebrar um ganho, então, eu diria pra essa adolescente ou essa criança ela pensa no futuro primeiro, planeja e se ela quiser, tipo, fazer outra, aprende outra língua ou até mesmo o japonês, e quiser ficar aqui, então pra ela planejar isso. Mas se ela quiser tipo, no Brasil, pra ela aprende o máximo possível, mas num tirar o foco, sabe, porque aqui eu acho muito fácil você tirar o foco do que você quer, porque aqui tem muita coisa que faz seu olho brilhar, só que dura pouco. E eu meio que eu sinto que eles já desistiram já, tipo pessoal que tá na escola, os que não são muito interessados, eu sinto que eles já tem isso na cabeça, tipo "ah, já to aqui no Japão, vou fazer o que, vou te que trabalha", então acho que eles não vê muito pra frente, eles num tem muito ... como fala ... sabe num, num tem mais o que fazer.

- Você acha que se tornou essa jovem que pensa de modo diferente por quê?
Eu acho ... então eu acho que sim eu penso diferente, e ... eu acho que é por causa da minha base na verdade, porque a minha mãe ela é professora, então isso, tipo ... acho que aqui também o fundamental pra você é uma base, uma estrutura familiar, sabe, alguém que te apoie, então eu acho isso muito importante. Acho que é por isso que talvez eu tenha essa cabeça, sabe, tipo penso assim, porque eu tenho muita gente que conversa comigo, que fala isso, né, tipo os adultos que moram aqui que sabe como é, que aconteceu isso com eles, tipo eles falam pra mim e também meus pais, e tem os professores também, eles falam muito. Até o pessoal do meu trabalho falam pra mim, né, pra eu ... pra eu num fica pensando só aqui, né, então acho que ... isso me ajudou bastante, por isso que eu penso dessa forma.

ENTREVISTA COM FAMÍLIA 4

Família 4 – Entrevista Mãe

Nome completo: Daiane
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Giovana
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 34 anos **Data de nascimento**: 01/07/1986
Escolaridade: Ensino Médio Completo
Grau de descendência: Eu não tenho (Marido – Sansei)
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): 4 anos
- É a primeira migração? Durante esse tempo, já voltou para o Brasil?
Não, é a segunda. Nós viemos em 2008 e ficamos até 2011. Nós fomos pro Brasil ficamos 5 anos e voltamos em 2016.

- Da primeira vez que você foi, a sua filha foi junto para o Japão?
Sim, só a mais velha né, ela veio ela tinha 3 aninhos.

Profissão no Japão: Atualmente eu não to trabalhando. Eu no momento estou no seguro desemprego.
- E no que o seu marido trabalha? Ele trabalha com solda.
Província onde mora: Guma

Estado de origem no Brasil: São Paulo
Estado Civil: Casada **Se casado, há quanto tempo**: 13 anos
Quantos filhos tem: 2 filhas – Uma tem 16 anos e a outra tem 6 anos.
Idioma falado em casa: Só português.

Questões:

1 - Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
A....a gente veio pra junta dinheiro, né, acho que é o ... a maioria das pessoas vem, pra junta dinheiro pra volta pro Brasil e abrir um negócio.

- Quando retornaram, não aconteceu o que esperavam?
Sim, uhum. Sim, sim.

2 - Os filhos participaram dessa decisão?
Sim, sim, conversamos. Ai, né, no caso com a família toda, ai a vai pro Japão, ah, nós vamos, mas ela tava ciente de tudo, que vinha pra cá, queria também.

- Tanto da primeira quanto da segunda vez ela queria?
Sim, uhum.

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão?
Ela tava com ... acho que ela tava com 12 anos. É, a primeira vez foi mais fácil, né, porque ela era pequenininha, mas dessa segunda vez ela sentiu. Ela chegou aqui ela queria voltar.
Ai ela falava que ela num tava feliz aqui.

- Hoje ela se adaptou?
Sim, sim, sim, é que na época quando nós chegamos ela ficou um tempo sem ir pra escola, né, acho que ela ficou um mês sem ir pra escola, então ela ficava sozinha em casa, é ... num tinha amigos, né, sentia falta do pessoal do Brasil, ai até ela ir pra escola, daí ela pedia, pedia não, na verdade ela escreveu uma carta falando que ela num tava feliz que ela queria voltar, ai nos conversamos com ela e falamos pra ela, é .. pra ela esperar entrar na escola pra ver se ela ia se acostumar, e foi exatamente isso, daí ela entrou na escola e se acostumou e desde então ela melhorou bem, se acostumou melhor.

- Com o idioma, como ela lida?
Então ela tem aula de japonês na escola, tá aprendendo tudo, mas assim, pra falar mesmo ela tem um pouco de dificuldade, ela tem vergonha de fala, num... assim é ... a gente que fala, né, "ah filha mas você tem que praticar tudo' aí agora que quando vai em restaurante ela pede, sabe, tá perdendo um pouco a vergonha.

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê?
Não, não, foi só na brasileira. Pra gente era melhor, né, porque eu meu esposo nos não entendemos nada de japonês, e ... chegou, na ... na intenção dela ficar na brasileira, né, porque não conhecia o idioma, nós também não, daí foi pra brasileira. E dessa vez também como ela já era maior, né, a na verdade a gente também ficou com um pouco de medo, né, até ijime e tal, e ... optamos pra colocar na brasileira, até depois quando ela fez, acho que 13, chegou uma carta do chugakko, pra ela entrar no chugakko, E ... nos falamos pra ela né, se ela queria ir, mas ela num quis.

- Ela tem receio da escola japonesa, dos japoneses ou não?
Não. É só que como eu falei ... eu acho que, no caso, assim, na brasileira ela se sente mais a vontade né, por causa acho que do idioma, né, porque ela entende todo mundo, ne.

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Não, não, aqui graças a Deus é muito bem a relação dela, nunca teve dificuldade nenhuma.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Não. Que eu me lembre não. Desagradável? Não, que eu me lembre, não. Mas assim, o que a gente sentia um pouco quando ela era menor até, as vezes acontecia assim, tipo de brincar, ai... menorzinha em parquinho ia brinca ela fazia amizade, né, tipo, mesmo num entendia ela brincava, mas as vezes tinha aquela criança que tinha

vezes que a gente ia no parque mas também num brincava com ninguém ne, por não entender nada acabava brincando sozinha, né, só isso, mas discriminação assim que eu me lembre não.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?
Olha, assim, é ... aqui no Japão é muito diferente do Brasil, né, eu vejo pelas amiguinhas dela, daí do Brasil, num é que aqui é atrasado, mas ... acho que num sei se isso vai de educação em casa, num sei, mas ... tem amigas dela que já são mães, foram mães com 15 anos, já tão namorando tudo, e aqui num é assim, aqui parece que eles são mais inocentes, eu vejo por ela e pelos amigos, sabe ... e ...e outra, é tudo, né, é a segurança, é a educação, por mais que ela esteja numa escola brasileira, mas assim, é diferente, né, daí do Brasil.
Agora assim, pontos negativos, é ... eu vejo assim, tanto pra ela quanto pra minha menor é a distância da família, né.

- Elas sentem falta da família do Brasil?
Sentem, assim, mas assim, num são muito de fala, né, é ... vivem tranquilo, acho que já se acostumaram também, mas assim, é ... o convívio né, acho num sei se sou eu que sou mãe, que eu sinto falta delas ter convívio com os avos, os tios, os primos, né.

- Tem algum familiar aí no Japão?
Não.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?
Então, não, a agente quer voltar pro Brasil. Então a gente fala dela terminar o ensino médio e voltar, mas eu num sei, eu também quero que ela faça uma faculdade, né, então num sei exatamente como e que vai ser o nosso futuro, né, só Deus mesmo.

- Queria que ela fizesse faculdade no Brasil?
Sim, sim, sim porque o que ela quer ser é só no Brasil. Porque ela quer ser professora.

- Pelo seu desejo, voltaria para o Brasil quando?
Hum ... num sei. Num sei. Hum ... ai é eu meio, meio confusa, porque tem hora na minha cabeça tem hora que eu num sinto nem vontade de tá aqui sabe, mas ai, mas na mesma hora eu vejo que aqui no momento pra gente é melhor, né, então mais agora assim, quando é que eu tenho vontade de ir embora eu num sei, eu vejo as notícias do Brasil ai falo ai não por enquanto num dá pra voltar não.

- E seu marido, pretende voltar quando der?
Sim, sim, quando der, né.

- Quando voltaram para o Brasil, vocês abriram algum comércio ou procuraram emprego?
Então, é o meu sogro ele tinha um trailer de lanche e nos fomos trabalhar com meu sogro nesse trailer de lanche por um tempo. Aí depois meu esposo arrumou serviço, o trailer era a noite, né, daí meu esposo arrumo serviço de dia e trabalha a noite no trailer, ai depois ele se estressou lá com o irmão e daí ele arrumou serviço em outra cidade, ai nos mudamos para outra cidade ficamos lá dois anos e nessa cidade que daí ele decidiu que queria vim pra cá.

- Nesse período que voltaram você chegou a trabalhar?
Trabalhei um ano, quase um ano, fora, numa fábrica.

- Antes de ir para o Japão, na primeira vez, do que trabalhavam no Brasil?
Nesse trailer de lanche.

- Na segunda vez, ele voltou a trabalhar no trailer?
Sim, voltou, ele também, ele trabalhava nesse trailer também só que ai trabalhava a noite e de dia em outro lugar, mas ele trabalhava nesse trailer também.

- Quando foram pela primeira vez, a decisão foi tomada em conjunto? Quem decidiu, ele, você ou os dois juntos?
Era muito cogitado, falado dentro de casa, né, é porque ele já tinha vindo a primeira vez, então sempre falava dentro de casa, ele falava das experiencias dele, as vezes ele falava "ah, vamo vamo", dai um dia eu falei "ah, então vamo, então, vamo casa pra gente ir" dai foi o que aconteceu.

- Como foi para você, não sendo descente, ir para ouro país?
Na primeira vez foi mais difícil, agora pra mim tá melhor, mas a primeira vez eu num me acostumei bem não. Eu acho que pelo fato de ficar longe também, né, num é nem da minha família, é da minha mãe, por ficar longe da minha mãe então eu sentia bastante.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera? Já foi respondido

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Sim.

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?
Sim. Ai é que na verdade nós viemos pra cá é ... quando a gente veio a gente veio por causa da situação financeira, né, então tipo ... na nossa cabeça, né, veio é ... junta um dinheiro e vai embora, ai depois como a situação ficou difícil no Brasil, é ... vamo ficar por aqui mesmo. Assim, ai aqui num tá conseguindo junta o que a gente esperava mas aqui ta melhor que o Brasil. Agora ... é .. em relação a sua pergunta ... Ah família, né, é ... no caso dela estuda ...

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
A no caso assim, é ... eu acho bom porque ela conheceu, conhece, tá conhecendo uma nova cultura, um novo país, né, é ... tem mais é ... aqui tem mais facilidade que o Brasil, né, acesso ... vamos dizer assim, pra tudo, né, tem mais facilidade do que no Brasil, e ... agora assim, os pontos negativos ... que eu vejo é o que eu falei pra você é o crescer longe da família, né, os amigos daí do Brasil ... as vezes assim, eu acho que aqui num tem é ... falta assim, é diferente do Brasil que tem mais acesso a cursos, né, de língua, cursos de informática, essa parte aqui já num tem né, como no Brasil ... assim ... te tem, mas no caso ela teria que fala a língua, né, ai já pra ela que não fala muito então tem essa dificuldade, né.

- A questão da língua, como é para vocês? Vocês falam japonês?
Não, eu num falo muito não. Meu marido também não.

- Vocês conseguem, mesmo com a barreira, viver bem e fazer as coisas?
Sempre em médico tem vezes que eu vou, eu vou com tsuyako mas tem vezes assim, dependendo do que elas tem ou do que o meu esposo tem as vezes a gente consegue se virar sozinho, que vai sozinho mesmo, agora já em mercado, restaurante a gente consegue se virar bem.

- E sua filha?
Então, ela já sabe, é lê, escreve, né, ela sabe muito bem, o problema mesmo é falar, né, a conversação.

- Ela só tem amigas brasileiras?
Sim, tudo é em português.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?
Hum ... como assim, como é que eu procuro participar, como assim?
A conversando, perguntando, até eu acho que eu sou muito chata, mas é que eu fico muito em cima, sabe ... Mas é assim, é ... conversando, perguntando, ai é, ela tem a escrivaninha dela lá, tá fazendo as coisas eu to sempre perguntando o que ela tá fazendo.

- Vocês tem um bom diálogo, ela se abre para você ou é mais fechada?
Não, ela é mais fechada. Mas isso não é porque ela é ... isso ela sempre foi ... não é de agora porque tá na adolescência não, isso é ... ela sempre foi mais fechadinha, até é... quando nós morávamos no Brasil, a minha mãe morava comigo, né, a minha mãe também fala isso, que ela era mais fechada.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Não, é brasileira.

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
É brasileira, porque elas não comem comida japonesa. Não, a televisão eu assisto, a gente assiste.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?

Da brasileira.

- Os amigos de vocês são todos brasileiros?
Sim, sim, uhum.

- Vocês encontram alguma dificuldade aí além da barreira da língua?
Ai eu num sei, mas é, num sei... num é impressão minha. Como eu não sou descendente então ... é .... eu acho que ... num é discriminação ... eu acho ... num sei se também é discriminação, mas o interessante é que quando eu to andando na rua tem gente que me olha de um jeito diferente, sabe, como se ... ai eu num sei, num é que eu ... num é um jeito de vesti, assim, mas olha pra mim como se eu tivesse chamando atenção, tipo assim "a tem uma pessoa diferente no meio de tantas outras", isso me incomoda.

- Você sente esse olhar para as meninas?
Não, ela nunca falo nada. Mas ... é ... teve um caso que aconteceu, é ... foi recente, depois que eu me mudei pra cá, nessa casa, é eu fui leva, mas foi a pequena né, que nos fomos no parquinho e tava lá uma menininha, acho que deve ter uns 7, 8 anos, e ai ela foi pra, assim foi chegando perto dela e ela ficou meio com medo sabe, saiu correndo, e foi fala pra vó *batchian, batchian* e num sei o que e deu a impressão que ela ficou com medo da minha filha, sabe. Eu num sei se a minha filha ela teve vontade de brincar, sei que a minha filha tava indo em direção a ela, no balanço, assim olhando pra ela, e ela ficou com medo e saiu correndo, até falei né, é .. infelizmente pelo fato da gente ser estrangeira tem essa barreira, né, a minha filha também é ... não .. num ... assim ... num é maldade, né, no caso sete anos ela quis brinca, né, num sei acho que a intenção da minha pequeno foi brinca, mas ai a menininha acabo se esquivando sabe, assim essa situações que são desagradáveis, né, que a gente acaba passando aqui que acaba sendo desagradável, né. Agora já com a mais velha ela nunca relatou nada.

- E você como mãe o que sente?
Então, é desagradável, né, num gostei não, eu num gosto. Porque ...

- Você explicou para sua filha a situação?
Sim, sim, sim, não, não, eu falei ... é porque, eu acho que independente se a pessoa é negra, né, branca ... é .. tem olho puxado ou não, ou se tem cabelo, né, pintado assim igual o meu, loiro, num é por assim que a pessoa vai olhar diferente, né. Bom, é a minha forma de pensa, né.

Família 4 – Entrevista Pai

Nome completo: Paulo
Nome do(a) filho(a) participante da pesquisa: Giovana
Sexo: ( ) Feminino (X) Masculino
Idade: 40 anos **Data de nascimento**: 01/04/1980
Escolaridade: Primeiro Grau
Grau de descendência: Eu sou sansei
Há quanto tempo mora no Japão (de que ano até que ano): Nesse momento faz 5 anos, que a gente tá aqui, eu né, no caso.

Durante esse tempo, já voltou para o Brasil: Ah sim, ah, em 2004, eu vim pra cá ai fiquei 2 anos, retornei, resolvi uns problemas no Brasil, umas coisas, daí resolvi vim pra cá de novo com a minha família, né, pra elas conhecerem também. Ficamos 3 anos, retornamos, daí eu quis voltar pra cá de novo, que... é um vício isso aqui, aí faz, direto agora, elas fazem 4 e eu faço 5. Eu vim na frente, fiquei 1 ano, daí elas vieram depois.

Profissão no Japão: Aqui eu to trabalhando no seguimento de solda, trabalho com solda. É ... aqui a parte de construção não para, né, aqui é um país que sempre mexe muito na parte de construção, e ... nesse momento a gente tá fazendo peça de túnel, né, os túneis que cortam Tóquio, fazem todo aquele seguimento, então a gente, eu faço a parte de ... do túnel, né, a parte de soldar, eu soldo, a carcaça do túnel, né.

- Aprendeu aí no Japão ou já exercia aqui no Brasil?
Ah, cara, no Brasil eu sempre, assim, fiz muita coisa, né, sempre gostei de, sempre fui curioso na parte de aprender, tinha uma noção básica de solda, tipo, eu tenho no Brasil, eu tenho uma máquina de solda, tipo, tipo só brincava, né, como profissional não, daí tirei carta de solda, né, me aperfeiçoei mais nessa parte ai, eu gosto muito, né, desse trabalho.
Província onde mora: Guma
Estado de origem no Brasil: Eu sou interior de São Paulo, Caçapava.
É, bem bem, tipo, sentido Rio de Janeiro, sentido Rio assim, São Paulo, a gente fala ...a gente até brinca, quem mora em Caçapava fala que a gente mora no centro do mundo, né, que ela, Caçapava fica perto de tudo, perto de São Paulo, perto do Rio de Janeiro, perto de Campos do Jordão, então fica no centro de tudo, então a gente fala que Caçapava é o centro do mundo.
Estado Civil: Casado **Se casado, há quanto tempo**: 13 anos
Quantos filhos tem: duas filhas
Idioma falado em casa: português.

- No serviço trabalha com japoneses e estrangeiros?
Na fábrica lá, é mais brasileiros que a gente trabalha, lá é uma fábrica, assim, que é uma empresa brasileira dentro de uma fábrica japonesa, então maioria, chefe são brasileiros, encarregados são brasileiros, é maioria tudo brasileiro, poucos japoneses assim, bem poucos.

- Quando foi pela primeira vez, era casado ou ainda não?
Não, não, não. Eu vim pra cá, eu só namorava com a minha esposa, atual esposa, e eu vim solteiro, ai eu fiquei os dois, é dois anos e pouquinho, é solteiro aqui, trabalhando.

Questões:

1 - Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão? Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída?
Na verdade, quando eu vim pra cá eu era bem, bem, moleque, eu tinha 23 anos, né, era bem molecão. O objetivo era juntar uma grana, compra uma casa, é, né, resolve uma coisinha ou outra e tá ok, né, tipo. A Dani tava gravida e me ajudo bastante também, quando eu voltei eu descobri que eu tava doente, daí uma parte do dinheiro também foi usado pro meu tratamento. Então, em se ... digamos que foi uma bicuda bem rápida na minha vida, né, tipo, pro uma pessoa, vamo supor, tipo, no Brasil, normalmente compra uma casa e faz em 30 anos eu acho, num sei como é que funciona um parcelamento de uma casa, pra mim foi tipo ... dois anos eu comprei, apesar que também os imóveis eram mais baratos, né, num eram, num tinha esse preço que hoje tem, que uma casa, a minha casa hoje deve valer uns, 300 mil, na época tinha pagado 50 mil, na época. Então, tipo, na época que eu fui era mais fácil, hoje em dia já tá mais complicado eu acho, é, hoje em dia tá mais difícil.

- Já tinha referência de alguém que tinha ido antes?
Sim, meu tio, acho que foi o ... primeiro a vim pra cá na época, ,né, em meados de 90, na década de 90, né, quando os estrangeiros tavam muito revoltado, meu tio ficou um ano aqui foi mesmo esquema ali, mas só veio uma vez, ai veio pra cá comprou uma casa pra ele lá, arrumou as coisas que tinha que arruma, mas depois ficou por lá mesmo, e quando eu decidi vim pra cá, um amigo tinha vindo, meu vizinho, que a gente foi criado desde moleque, ele é descendente também, e ... ele veio pra cá, é ... ficou dois anos voltou pro Brasil, e ... e nessa pegada a gente, se ... é ... conversou muito sobre isso tudo mais e ele quis voltar pra cá de novo, ele me chamou, "vamo vai ser uma experiência legal tudo mais", na época era, né, molecão tinha, tinha emprego normal, tinha minhas coisas de moleque, né, que meu carro, tinha minha moto, tinha tudo, só memo ... ah, vamo então, daí eu peguei e vim pra cá, já pra pensa em tudo e juntar dinheiro.
Ai eu vim pra cá, e ... pra compra uma casa e ... já volta e num quero fica aqui, eu nem pensava, falava "não, eu só vim pra cá compra uma casa num quero mais voltar pra cá e assim" e no fim já é a terceira passagem aqui na terra do sol nascente.

- Como foi sua chegada no Japão?
Olha no começo, é tipo assim ... se ... te ... "ai vou pro Japão, nossa, Japão, né, vai se legal pra caramba", sim, no começo é muito ... tudo diferente, né, só ... é engraçado que assim, assim que a gente pensa "ah, vou chegar lá", quando era moleque "vou chegar lá, vai ser muito da hora, vai ser o shopping mais da hora, tecnologia pra todo

quanto é lado num sei o que", e eu fui pra uma cidade em Nagano, que chama Ueda é uma cidade que tinha bastante brasileiros, né, e o engraçado que a gente chegou a noite, né, a gente chegou no aeroporto em Narita, e viemos de Narita pra cá, acho que levamos mais umas 3 horas. E ... ai a gente chegou a noite, então a gente chegou a noite, na cidade chamada Ueda, pra mim foi tipo "nossa que legal", né, tipo, vendo tudo aceso, os cartaz, né, os outdoors iluminado, "nossa, legal". Um mês foi tudo legal, depois não, depois que você cai na realidade que você tá do outro lado do mundo, que você tá longe das pessoas que você ama, longe dos seus amigos, né, que você convivia, saia pra bagunçar, e fazia todas as suas coisas, ai foi, foi mais difícil, ai eu fiquei mais ou menos, acho que uns ... porque eu só queria saber de trabalhar, com aquela ... aquele pensamento que todo mundo fala "ah, se vai pro Japão, só tem que guardar dinheiro, se num pode gastar e num sei o que", e eu vim, é tipo, era novato, então você vem com isso na cabeça de guardar, e se fica assustado, com tudo ... que o pessoal fala, as informações que você colhe, né, só nessa parte, então, no primeiro ano foi bem difícil, sabe, eu fui bem, num comia, tipo só o básico do básico, não sai pra lugar nenhum, num comprava nada, né, e ... vivia só naquilo, só que depois que se vai vivendo, se fala "não, num tem necessidade de tudo isso, né", ai fui me soltando, ai conhecendo alguns lugares, ai foi na hora que eu fui fazendo amizade, na fábrica, ai fui me acostumando, só que nisso eu falava, "não aqui eu num volto mais não, só vou vim dessa vez só, pra mim tá ótimo e eu num quero saber de Japão mais", né, e to aqui de novo, nossa aqui é um vício, aqui a gente fala, quando a gente fica bravo, a gente estranha, mas acostuma, você se acolhe muito bem com a vida que você tem aqui, só que você não quer ficar aqui, não que aqui também esteja fácil, que agora o Japão tá passando por um momento meio difícil, né, por tudo, o mundo inteiro está, né, só que aqui reflete mais, porque o Japão é dependente muito da parte de fora, e quem sofre mais são os estrangeiros. Isso é o problema.

- Quando foi com a família deve ter sido outra experiência, né?
Sim, quando a gente vem já com família, né, filhos, no caso minhas duas filhas, é tudo já é diferente, né, e você já num que, se num já num tem uma vida, de, vamo supor, sozinho, né, tipo perrengue se você passa sozinho, você passa agora com família. Você já num passa, se já tem uma liberdade diferente, você quer dar liberdade pros seus filhos terem as coisas, você quer viver bem, então, tipo assim, dessa terceira vez que a gente tá aqui, a gente, eu por exemplo, num tenho mais aquela gana, "nossa eu preciso ir lá, tem dinheiro, ah, tem que guardar", não a gente veio e tamo vivendo uma vida normal, se sobra e guarda, ok, não sobrou. ok também, a gente segue o baile, e ... a gente tem segurança, tem educação, minhas filhas estão bem na escola, né, a educação que elas levam são diferente, tudo mais, a qualidade diferente, né, a educação que eles tem é diferente, então pra mim acho que também é recompensador nessa parte, né.

2- Os filhos participaram dessa decisão? Já foi respondido

3 - Como foi a chegada e a adaptação do(a) seu(sua) filho(a) no Japão?

É ... pra minha filha mais velha ... é no começo foi legal, foi igual a primeira vez, né, "ah, legal, to no Japão de novo", pra ela num era novidade, né, mas quando ela saiu daqui ela saiu pequena, né, com 6 anos ela retornou, e meio que ela lembrava das coisas, né, só que como ela saiu de lá já meio adolescente, com as amiguinhas formadas, com clube da Luluzinha dela formado, né, e tudo mais, então pra ela vim pra cá e tá sozinha foi complicado, no começo, né, porque ela num tava indo pra escola, num fez amizades. Mas depois que a gente, ah, a gente optou também por escola brasileira, pra num ter um baque, né, no começo e tudo, então a gente, a gente como pensa em voltar embora a gente, é, mais optou assim por escola brasileira por causa da formação, né, tipo muita gente é ... coloca em escola japonesa, porque, "ah, tá aqui tem que aprender a língua", mas pensa em ir embora, o problema de quando retorna é ... como engajar ela de novo na escola brasileira. É .. você chega... é ... muita gente chega atrasado, não acompanha, é ... muita gente apanha no começa da escola, por exemplo, porque você só aprendeu nihongo né, no caso a língua japonesa, então pra você ta no método de uma escola brasileira, a criança passa por um perrengue e a gente mais do que tudo, isso num é fácil não, bota na escola brasileira, ela se forma em escola brasileira, as duas no caso, a Mel como ela é ... tá aprendendo, tipo o ruim agora que se a gente coloca numa escola japonesa, vamo supor daqui 3 anos a gente vai embora e chega no Brasil e coloca numa escola brasileira, e ai como é que faz? Ai a cabeça, por mais que criança absorva mais rápido as coisas, é meio complicado, então a gente optou mais por esse degrau. Mas em ... em ... com relação a língua, a escola daqui tem a bastante suporte, né, na língua japonesa, né, tanto a minha filha tem, tem aulas de inglês, tem aulas de Nihongo, né, que no caso é língua japonesa, ela vai muito bem na aulas de língua japonesa também, apesar que, é ... num sei .. criança, adolescente ou criança é um pouco mais rápido, né. Tanto que minha filha pequena quando vai no parquinho eles brinca com japoneses sem entende a língua mesmo, mas brinca, né, se diverte. Mas não tem nenhum tipo, como posso dizer assim, é ... susto assim, de tá na língua, de tá envolvido, assim, até as vezes até legal, que elas mesmo procuram saber algumas coisas que tá escrito, e criança absorve mais rápido, né, a minha filha mais velha hoje ela tá bem, tá tranquila tem o clube da Luluzinha dela lá, e ... se diverte bem, né, brinca, estuda, faz bastante atividades com pessoa, até eu brinco com ela "e ae, vamo, quer

morar aqui ou quer morar lá?" "eu num sei, tanto faz", ela num esquenta tanto a cabeça. No começo, quando ela passou por essa fase, né, de tá longe dos amigos dela, ainda falei pra ela "você, né, a gente sabe o quanto é sofrido o quanto tá longe dos seus amiguinhos e tudo mais", e eu falei pra ela "o problema num é você sair de lá pra cá, que a gente pensa em volta, o problema é você sair do Japão e volta pro Brasil, coisa que aqui você num sabe se vai voltar mais", né, ai quem fica aqui no Japão, que é mais doido de quem tá lá, ai ela "ah, verdade num sei o que".

- Geralmente, os pais colocam na escola japonesa pela questão financeira para não ter tanto gasto. No caso de vocês, nunca pensaram assim?
Não, não, no entanto, ainda a gente até fala que ... a gente veio pra cá por causa da educação, no Brasil tá muito ruim, o ensino das escolas, né, tá muito. .. um pouco atrasado ou já é ... o método de ensino tá completamente diferente, eles tão ensinando algumas coisa que não tem nada a ver mais com o ensino, e .... no caso dela, ela é ... o valor que, igual você mesmo falou, né, muita gente pensa em por em escola japonesa por causa dos valores, né, é tem muito muita gente que pensa desse lado, "ah, a gente põe em escola japonesa porque num tem tanto gasto. A gente num gasta tanto com escola japonesa, num sei o que". Só que no intuito a pessoa pensa desse jeito, "ah, num põe em escola brasileira porque gasta muito", mas a caba do mesmo jeito, num guardando dinheiro nenhum e os filhos acabam não aprendendo a língua, materna, a língua portuguesa. Tem uma casal de amigos ainda, que tem dois filhos, eles não falam português, só que hoje a mãe sente, ela fala que ela se arrepende de não ter ensinado português, porque a filha quer se comunicar com todo mundo com os brasileiros que são amigos deles, e eles as vezes também não falam alguma coisa ou as próprias crianças as vezes não falam Nihongo, a língua japonesa, e a criança acaba sendo é meio tipo que excluída porque ela quer conversar, ela quer brincar e não consegue, né. Aqui no Japão é diferente, né, tipo, a liberdade, num é liberdade, como posso dizer, a amizade, mesmo a criança tendo sabendo falar tudo mais, né, com japonês, com nihongo, ela num tem a liberdade, igual tipo assim, a gente tende fazer amizade, ai tipo "ah vou deixar minha filha na tua casa, pra elas brincarem", aqui no Japão é diferente, né. Japonês num tem costume de ninguém ir na casa de ninguém, a não ser se for parentes, né, mas tipo, ah, eu fiz amizade com um japonesa ele fala, "vai lá em casa, lá, toma um café, vai lá em casa se divertir", não isso não existe no Japão, né, e ai acaba meio que, tipo ... regrando as crianças, a família, né, tudo mais.

4 – Em qual escola matriculou, brasileira ou japonesa, e o porquê? Já foi respondido

5 – Como foi a adaptação na escola? Com os colegas e professores?
Não, não, a Giovana ela é, ela é bem, tipo, graças a Deus ela é bem educada, ela segue bem à risca do que a gente ensina, lógico que adolescente tem sempre uma derrapadinha aqui e ali, né. Mas com relação a estudo, a ... educação ... a tudo, né, ela, a gente não tem que reclamar, escola não tem que reclamar dela. Só uma vez que ela brigou lá, com um amiguinho, que foi uma coisa bem idiota assim, bem besta, que eu fui lá vê o que realmente aconteceu, né. No entanto, eles mesmo não tinha o que reclamar, eles num tinha que fala nada da Giovana, mas ... é ... ela num é... tipo é ótima menina, estuda bem, até uma dia uma amiga, uma família que veio pro Japão junto com a minha esposa, né, que vieram bastante gente junto, e essa moça foi, é o filho dela tá na mesma escola e a Giovana passou por ela na escola e falou "bom dia, tia, tudo bem?" e foi embora. Ai ela mandou mensagem na hora falando pra Dani, minha esposa, falou assim "nossa tá de parabéns, a Giovana é muito educada, de todos que passaram por mim, ali da sala deles, ela foi a única que olhou pra mim com sorriso, "bom dia tia tudo bem e saiu, ela é uma ótima menina, muito educada", sabe, então ai a gente pensa então, tá, tá sendo bem implantado nossa educação, nosso ensinamentos, é, sendo bem feito.

6 – Houve experiência/situação marcante na vivência escolar e ou da adaptação do(a) seu(sua) filho(a) na escola?
Não, acho que não, pelo ... de passagem não, só quando ela era bem criança, que quando a gente chegou a primeira vez aqui, ela foi no hakuen, tipo um 1,99 do Brasil, e ela pegou e tava vendo algumas coisinhas assim, ela era bem pivetinha e a gente pegou ela pra ir embora ela tava com os olhos cheio de lágrimas, acho que de saudades, né, de pivetinha tá longe, ou tá assustado por estar em outro lugar, mais nada que isso, fazia algum problema, tipo alguma coisa que marco ela, que ela ficou assim, não, não só isso mesmo.

7 – O que há de bom e ruim em se ter um adolescente estudando no Japão?
Olha, o bom é que a, tipo, esse período de educação aqui os adolescentes aqui não tem a mesma malícia, digamos assim, dos alunos do Brasil, não, num sei se vai ser a resposta que você mesmo perguntou, mas vou falar tipo, ela ... há ... aquele, há, tipo um exemplo, uma amiguinha dela, de conviveu mesmo, de quando ela, antes de vim pra cá, de brincadeiras, de sair assim, na praça que tem em frente de casa, hoje ela é mãe, ela engravidou com 14 anos de idade, e ... a educação, tipo, que a escola, ah, não escola em si, os pais, tudo mais, mas a escola em si ajuda um pouco, porque ... tá dentro da escola e tá com aquela panelinha, aquela educação

que tem lá não é igual aqui, aqui são muito regrados, a escola mesmo, por exemplo, que ela estuda ela não gosta de viajar, mesmo aluno namorando, lá dentro não tem convívio nenhum, tipo sem nenhum abraço, tipo eles num podem ficar no pátio de mãos dadas, eles não podem trocar beijos, não podem ... é ... demonstrar nenhum afeto perante todo mundo. A escola fala, do portão pra fora vocês têm sua vida, aqui dentro já é outra coisa. Quando a gente entrou lá, tinha acho que dois moleques que eram gays lá dentro, né, que eram homossexuais, também a mesma coisa, eram regrados, aqui vocês são do sexo masculino, vocês não têm que ficar fazendo nenhum tipo de afeto um com o outro, ou tentando fazer alguma coisa um com o outro. Então essa parte da ... educação, da escola assim é um ponto positivo pra ela, ensinamento, eles ensinam, tem bastante coisas do Brasil que eles ensinam, tipo o hino nacional, que eles toda vez têm, eles tocam, eles ensinam a criança a ser patriota, ter patriotismo. Todas, tipo, festa nacionais eles comemoram. Tipo acho que o ponto negativo as vezes é que tem muita coisinha assim que a escola deixa a deseja, mas acho que nenhuma escola é 100%, né, mas ... tipo ... como posso dizer, ah, muitas regrinhas ... é .... tipo, bobas assim, que acho que não tem necessidade, e muitas coisas que acontecem ali, tipo, poderia ser melhor, por exemplo, é ... tem campeonato essas coisas que a escola podia fazer lá, e num fazem, jogam pra outro lugar, umas coisas, né, meio que num tem nada a ver com a educação. Mas, no caso, de negativo mesmo não tem muita coisa, só ponto positivo pra escola, e pela educação que eles passam, né, não sei se foi essa realmente a pergunta, né.

- Você, como pai, se sente mais seguro por elas terem passado mais tempo no Japão do que no Brasil? Ou não?

Ah sim, aqui a tranquilidade é muito grande, é ... até mesmo como falei pela educação que as crianças aqui tem, eles tipo ... tem, lógico, né, tem parte adolescente deles, né. Mas até também, tem um caso quando a minha filha veio, tava aqui, ela foi dormir na casa de uns amigos próximo da gente, e a cunhada dela, tinha vindo, tava no Brasil, tava aqui, e vendo as amiguinhas tudo conversando, tipo a festinha do pijama, e vendo todos conversarem assim, e a Giovana que mais falava, pa, pa pa, num para, igual eu, começa a falar e num paro, e ... ai a gente ... essa menina falou assim "nossa como é diferente mesmo a criança que vem do Brasil pra cá, né". A criança do Japão ela é mais, ela é mais reservada, ela é mais assim, tipo como a Giovana já tava no Brasil muito tempo ela falava muito, ela mais tipo, mais ligada, e ai nesse ponto que ... que a gente pesa assim, as ... se fosse no Brasil, igual falei pra minha esposa, se fosse no Brasil eu não deixaria minha filha ir dormir na casa de uma amiguinho. Aqui ela vai pra escola de bicicleta, demora meia hora de magrela pra ir de bicicleta, no Brasil eu não deixaria ir de bicicleta sozinha. É ... Mel mesmo, minha filha mais novinha, tem 6 anos, ela já dormiu na casa de uma amiguinha. Então tipo assim, é diferente a educação, a gente mesmo que vem pra cá é reeducado em todos os aspectos, a gente começa a pensar diferente, a gente começa a ter modos diferentes, a gente é reeducado, na realidade a gente se adapta aos costumes deles, né, e ... alguns, não todos, não todos são assim, se adaptam bem aos costumes e a educação que eles tem, e as crianças, por elas absorvem mais isso, né, então com relação a tranquilidade deixar elas aqui, acho pra mim é bem melhor, não que seja só bom, é ruim também, em partes é ruim, porque quando eu penso em quando eu vou voltar, elas não vão ter a malicia de uma criança do Brasil. Teve um caso de quando a gente foi embora, a Giovana tinha 6 anos, se não me engano, e a gente levou muitas coisas, levou muitas coisas daqui, e a gente chegou no Brasil ela entrou na escola e ela tinha uma lápis que escrevia colorido, é um lápis diferente, escreve com várias cores assim, escrevendo cada letrinha mudando a cor. E a Dani ela foi fazer a liçãozinha de casa dela, e ela pegou um lápis desse tamainho pra escrever, e a Dani olhou aquilo e falou "e esse lápis ai de quem é?", "ah, um amiguinho trocou comigo", ai a Dani "trocou com você?", "É, eu tinha aquele lápis que escrevia colorido, e ele falou pra mim que ela ia trocar comigo porque esse dele era especial porque era o tamanho dele era pequeno, ai eu troquei com ela". Ai a gente pensa, né, tipo assim, pros filhos da gente já vai sem malícia nenhuma, aí chega lá encontra isso de malícia e acaba sofrendo algum tipo de coisa. E ai falou "não negativo, se pode chegar pra esse amiguinho amanhã e pegar seu lápis de volta, que isso não pode, isso não pode acontecer". Aí ela foi na escola e falou pro amiguinho, o amiguinho devolveu o lápis dela. Mas ai nessa parte eu falo, que as vezes, tipo, eles podem ir inocentes daqui, chega lá com a cabeça sem malícia nenhuma, né, com relação as crianças do Brasil, com as adolescentes de lá.

8 – Qual o seu planejamento familiar para o futuro?

Então, é ... pelo futuro a gente deixa na mão de Deus, né. A gente vai o dia que Deus planeja, mas na cabeça da gente é, tipo ... a Gabrieli se formar aqui, ela já pensa em fazer faculdade no Canadá, num sei, ai ... ai até nesse ponto a gente, eu falo pra Dani, se a gente educou muito bem a Giovana, porque quando ela falou assim, ai ... é no começo ela falava que ia pros EUA fazer faculdade lá, ai eu falei pra ela assim "nossa, mas se você for pros EUA como que eu vou embora pro Brasil vou ter que ficar aqui pra pagar seus estudos". Ai que vem tipo assim, aquele ... eu to fazendo a coisa certa, ela falou pra mim assim "Não pai, se eu for pros EUA, eu consigo bolsas de estudos lá, ai eu consigo trabalhar lá e pagar os meus estudos", dai eu falei "caramba, assim que você pensa então, se vai lá, você trabalha e paga seus estudos?", falei assim, ai eu falei pra Dani, " ah, então a gente tá indo no caminho certo, pensar assim então tá ótimo". Mas o planejamento mesmo é ... é eu tenta junta dinheiro, ainda né, tenta junta alguma coisa, forma ela, né, nem que seja, num, num ensino médio normal, forma ela, ela procura

algum outro tipo de faculdade e a gente ir embora, se as coisas melhorarem também, se não melhorar no Brasil, como a gente vê que tá meio, ainda, não por causa de economia, mas sim pelo própria pandemia, né, se tudo voltar ao normal sim, a gente pensa em ir embora, e eu montar um negócio que eu sempre, gosto de fazer, no Brasil, e ... e elas se forma, que quando a gente veio pra cá, eu falei assim, agora, com a gente nessas idas e vindas, querendo ou não a gente trocava muito de escola, se tá no Brasil ou é pra cá, tá aqui volta pra escola, tá aqui volta pra lá, ai eu falei pra Dani, "nesse momento como a gente veio pra cá o negócio é formar ela, esse negócio de ficar troca de escola não dá certo". Então ela se forma aqui primeiro, põe os pés no chão, aí se tiver tudo ok, a gente retorna embora.

9 – E quanto ao futuro do(a) seu(sua) filho(a), o que espera?

- Vocês querem que ela continue os estudos, né?
Sim sim, ela ... sim, é o que a gente é ... mais ... investe pra isso, focar no estudo, bem, pra se formar direitinho. No entanto, já é terceira formação ela quer, antes ela queria ser engenheira, depois ela queria trabalhar com robô, agora quer ser professora, ela num sabe muito bem o que ela decidiu o que quer ser não.

10 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Sim. Sim, sim, a gente conversa muito sobre isso, né, a gente fala "nossa que ser professora, você tem certeza? Vai aguentar?" mas ela fala, "ah, mas agora eu quero ser", de exatas ela foi pra humanas, né, totalmente diferente, né.

11 – Pretendem voltar para o Brasil? Quando? Por quê?
É ... na realidade, aqui no Japão, é ... família, sim, é por causa da família, a gente já, tipo, querendo ou não o mais difícil a gente conquistou, que era uma casa, e hoje em dia é mais difícil, então, tipo o mais básico a gente já tem. A gente tem tudo... praticamente a gente tem tudo lá, os nossos carros ficaram guardados, a casa, minha sogra que mora em casa, né, ela toma conta. Então a gente num tem, tipo, se volta num tem gastos. Mas aqui é temporário, aqui é um país tipo assim, do mesmo jeito que é ... como posso dizer assim, é bom e é ruim ao mesmo tempo, eu to com problema no ombro e eu to afastado, tipo se é no Brasil você entra no INSS você recebe 100% do seu salário e você pode se aposentar, dependendo o grau do problema. Aqui não, aqui a gente paga um seguro no caso de um afastamento, o seguro, né, afastamento pelo seguro, só que ele paga 60% do meu salário, e nem é salário bruto, é um salário base que eles pegam de 3 meses. Fazem a soma e dividi esse valor até chegar em 60%, só que como ... o ... a empreiteira considera muito pelo meu trabalho e eu trabalho bem pra eles e tudo mais, eles vão pagar 100% do seguro. Só que tipo assim, é ... eu num tinha 1 ano e meio só, raramente um ano e meio, se eu ficar encostado durante esse tempo o ombro não melhorar, eu não ficar bom do ombro, eu só tenho que ir vai prorrogando por tempos e tempos até chegar a um ponto que fala, "não, vamo aposentar". Aqui já não, aqui não existe isso, e por mais que o pessoal pense assim, "ah, você tá no Japão, você tá bem", sim a gente, pensa razoável, só que os gastos são altos, né, e por mais que a pessoa fale, "aposenta ai", né, aposenta no Japão com o salário que você tem, o tipo de aposentaria que você tem aqui, os japoneses eles tem que fazer uma reserva, ela tem que fazer tipo uma poupança pra aposentadoria dele com o dinheiro que ele ganha. Ai quando ele aposenta, ele tem que trabalhar essa reserva que ele fez pra junta com a aposentadoria dele. Vamos supor, se um salário dele fosse de 250 mil, quando ele se aposentar vai receber 90 mil iens, e ... geralmente 90 mil iens você num paga muito coisa aqui, você não faz nada com esse dinheiro. Então, né, voltando a responder, sim, aqui é passageiro a gente não pensa que, assim pensa em voltar e ... fazer minhas filhas criarem raiz lá, né. Como elas são a 4° geração elas não têm o direito de voltar mais pra cá, até a terceira, tava uma lei, querendo abrir mão pra 4° geração pode voltar, só que é muito burocrático pra eles é muita coisa pra eles poderem voltar aqui. Então acho que no caso delas seria .. a última passagem até mudar a lei, né, mas sim a gente quer ir embora.

12 – O que você enquanto pai/mãe acha dessa experiência de migração que você e o seu(sua) filho(a) estão passando? Quais os pontos positivos e negativos?
Foi muito bom pra ela, o crescimento em si, de pessoa e caráter, e mostrar que tipo assim, no Brasil a gente tenta passar uma educação que dentro de casa a gente passa uma, e a rua educa de outro jeito, e ... nessa dela ter vindo pra cá e ter visto outra cultura, outra coisa é um jeito bom dela enxergar a vida, né, diferente, tipo, positivamente assim ela é ... hã. ... por parte de educação, por parte de humanismo, tipo, dela vê que as pessoas ficam mais unidas por partes da nossa nacionalidade, né, em partes também, os brasileiros sim, eles acolhem mais, e ... ela mesmo as vezes num acredita nas notícias que ela vê no Brasil, ela fala "nossa como assim, como pode isso num sei o que", então um choque cultural dela ter vindo pra cá foi muito positivo, né, só aprendizagem dela foi bom ter vindo pra cá.

13 – Como procura participar da vida do seu filho?

Ah, a gente procura sempre sim, sabe, um ponto quando eu fico no trabalho ou até mesmo chego ou ela mesmo chega, a gente sempre pergunta como foi seu dia, como foi a escola, se foi complicado ou não foi, se tá, tá tudo bem? Né, foi tranquilo, num teve nenhum tipo de preocupação? E ... eu mesmo por elas serem meninas eu acho que eu sou mais chato, pego mais no pé.

14 – Você acha que o(a) seu(sua) filho(a) hoje tem mais traços, de acordo com o modo, costume e comportamento, de brasileiro ou japonês?
Acho que ... pelo convívio com brasileiros é mais costume, mais brasileiros, né, costume é mais brasileiro, tem alguma coisa assim ou outra que a gente faz que do japonês, né, mas a gente mais é costume brasileiro mesmo, é mais convivência, né, com brasileiros, escola essas coisas, num tem muito costume japa assim não.

15 – Em casa vocês mantém, na alimentação, costumes, etc., a cultura brasileira ou japonesa, ou ambas?
É ... a ... eu como comida japonesa, eu gosto, né, mas a gente tenta, ah, num .. até que ... agora como fiz o outro, ela come, né, tipo o frango japonês, o frango frito aqui, mas a gente, dentro de casa mesmo, a gente faz só comida brasileira mesmo, num faz comida japonesa assim, alguma coisa assim, tipo carne, algumas coisas assim, é mais brasileira.

- A sua filha tem ou teve amigas japonesas ou só com os brasileiros mesmo?
Não, só amigas brasileiras mesmo.

16 - Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais de qual comunidade?
Acho que brasileira, a maioria que, como fala, japonês é muito reservado, né, então, é tipo, tradicionais. Festa brasileira mesmo, ou até mesmo churrasco alguma coisa assim, quando você tem um amigo que vai no churrasco de outro amigo, que chama outro amigo, tipo, sabe, faz tipo uma panela, ai nisso os brasileiros são bem acolhedores, né, "ah, vou no churrasco", "ah, vou chamar um amigo, pode?", "não, pode, pode chamar esse amigo". Então e daí, "ou vou no churrasco de um amigo que chamou do amigo, posso ir?" ai o outro amigo "ah, pode, traz, quanto mais gente melhor". Então tipo, a gente já, esse, essa amiga da Giovana mesmo, a melhor amiga dela de hoje, a gente tinha contato com os pais dela por telefone essas coisas, não pessoalmente, e ... ele mesmo, um amigo fez churrasco, que chamou ele e ele já pegou e chamou a gente pra ir num churrasco que era na cachoeira, né, que a gente brasileiro vai muito em cachoeira, em rio essas coisas, e acabou chamando, e acaba aumentando cada vez mais os ciclo de amizade. Agora parte de japonês assim já é mais regrado, né, tipo eles fazem tudo entre eles assim, é muito difícil essa conviven... num é convivência porque aqui onde eu, essa casa que eu aluguei num tem brasileiros aqui por perto, né. Todos meus vizinhos são japoneses e ... e eu já fiz churrasco no quintal de casa aqui já, e num tem, tipo, incomodo. Quando você vai se mudar, no caso eu me mudei pra cá, a gente se apresenta para os vizinhos, né, aqui é famoso levar um omiyague, que é um presente, e tipo, num importa o que seja, até a gente levou uma mesmo caixa de papel, pedindo desculpa pelo transtorno que a gente fez, pelo caminhão parou e interrompeu e muita gente falando, uma mudança, né. E a gente acaba se apresentando pra eles, né, no caso, eu falo que eu cheguei e o xerife da rua que toma conta, né, ai a gente se apresenta pra ele, se apresenta e fala que a gente tem duas filhas. Isso é um costume deles, que a gente aprende com o tempo. Ai a gente levou os nossos dados, ele apresenta o bairro, entre aspas assim, ele se apresenta fala com quem ele mora, e ele fala as regras do bairro, ai ele, tipo aqui no bairro, por exemplo, cada morador tem o seu dia do lixo, e assim, todos os moradores eles tem um ponto específico pra colocar o lixo. Num é igual no Brasil que o cara põe um passa na porta de casa e vai pegando o lixo de todo mundo, você leva o lixo até certo ponto que é pra ser recolhido, e ... o tipo, dia do lixo ele pega cada, cada mês, ou cada a dois meses, um morador tem que ser responsável por isso, ai ... ele ... cada dia, cada mês é um morador que é responsável, até agora num fui, ainda bem. ... num chegou minha vez ainda.

- E você fala japonês? Fala bem?
Não, ah, é me virar, a gente, assim, a gente se vira assim, meio raspando, né, a Dani já fala melhor, ela já, já é mais assim, assídua, porque ela ... nas fábricas que ela trabalhou, tinha mais com japoneses, como eu falava com brasileiro todo dia, mal usa a língua japonesa, né, o Nihongo. Mas quando, tipo, se vira assim, pra comer a gente se vira, né, se vira bem. Igual os hospitais daqui como tem muito brasileiros, tem hospital aqui que os japoneses falam algumas palavras em português, os médicos japoneses assim, ela ... a gente saiu de uma cidade chamada Sesaki, que lá tinha uma clínica que ele mesmo falava algumas palavras que tipo, "ah, sua garganta tá inflamada, você vai tomar remédio, é, seu ouvido tá inflamado", eles falam até o nome da doença, "amidalite", falam, né, algumas coisas. E aqui ela achou também um médio que também é a mesma coisa, um senhor que fala a mesma coisa, "tá doendo, a garganta tá doendo? Se vai tomar tal remédio, depois da comida" e eles falam, e ... isso ajuda bastante ela, porque ela vai, ela leva as crianças no médico, né, então ela se vira bem. Nessa parte ela se vira bem, ah, a gente se vira mais ou menos, que a gente consegue, mas que é difícil, é.

- Você percebe que o Japão está mais aberto para os estrangeiros nesse período do que da outra vez que você migrou?
Eu acho que ... nessa parte de estrangeiros assim, sim, alguns ainda tem, tem japonês ainda que se distancia um pouco assim, eles ainda não gostam muito, sabe. Tem lugar ainda que são bem preconceituoso, não aceita, tem bastante preconceito, mas tem japoneses que são bem acolhedores com a gente. Esse senhor mesmo, meu vizinho aqui, até quando eu fiz o churrasco, aqui no quintal, né, com os amigos, eu fiz um prato de carne, com as coisas que a gente tava fazendo e ele tava ali e eu levei pra ele, né, como desculpa, né. Porque aqui é tudo na base da desculpa, a gente tá fazendo uma bagunça, né, desculpa, e ele me deu um vinho, uma garrafa de vinho que é da região aqui. E o rapaz que morou aqui, um conhecido do lugar, que morou aqui falou "cara, esse véi nunca me deu nada", e ai, eu falo "ah, vai ver que você num foi educado o suficiente com ele, né". E ... uma vez a gente tava na Disney aqui e tinha duas japonesas que eram, num sei se eram estudantes, né, e tava eu, a minha esposa, a Mel e a Giovana. As duas faziam de tudo pra tenta conversar com a gente sabe, tiro foto com a gente, então tem muito japoneses que acham legal. Mas tem japonês também que são mais, sabe assim, mais secos assim, sabe, mal-educados. Mas em relação a parte assim, de acolhimento, sim, melhorou muito. Esse hospital mesmo onde eu to fazendo tratamento do meu ombro, lá tem duas mulheres que são tradutoras. Na recepção mesmo, se eles vê que é estrangeiro, no meu caso, brasileiro, eles mesmo já fala "ah, você vai querer a tradutora", e são bem acolhedoras. As duas senhoras que trabalham lá, e o hospital tem placas em português, tipo, então eles, né, nessa parte assim saúde, eles foram bem atenciosos assim, nessa parte, sabe, tem bastante e eles veem que você é estrangeiro então eles tentam usar o máximo possível pra você entender, nessa parte sim melhorou bastante, até a parte de ... de acolhimento do pessoal aqui.

Família 4 – Entrevista Casal

Mãe: Daiane
Pai: Paulo

1 - A ideia da migração veio de quem? Como foi, os motivos, os medos, etc.?
Paulo: Na realidade a primeira vez quando eu vim, né, eu vim com medo, né, um país novo, né. Primeiro tinha a curiosidade, depois medo. Curiosidade por ser um lugar novo, né, tipo tudo novo, mas medo, tipo de não dar certo, né. A primeira passagem minha foi tranquila, foi, né, como eu já tinha falado, foi...foi tranquila, consegui os objetivos que eu imaginava tudo mais. Ai na segunda passagem que ela veio ...
Daiane: É que no caso é a minha a primeira vez, né.
Paulo: É, no caso, a segunda passagem minha e primeira vez dela, né, aí o que eu tive ela teve, né, no começo queria vir por curiosidade, lugar novo, tudo diferente, né, mas o medo também por não dar certo. Por .. é ... tudo ... ah ... acho que todo mundo pensa, "ah, tá num lugar que num conhece nada, num fala a língua, e num dá certo, como que a gente vai embora, como que a gente vai mexer com tudo isso", né. Mas eu acho que foi tranquilo, num sei a parte da minha esposa, né, mas a minha parte foi tranquilo sim. A decisão de vim pra cá foi quando, tipo ... da primeira vez, veio pra cá com um objetivo, então daí eu conquistei, né, primeira parte que você perguntou né, porque de vim pra cá, ai na segunda vez, ai se veio ... ai na segunda vez a gente veio com o mesmo objetivo, só que aqui é uma caixinha de surpresa, né. Acho que, num sei se nos outros países, fora do Brasil seria a mesma coisa, mas aqui no Japão é assim, se tem serviço e você trabalha você recebe, né, agora se acaba o serviço, né, num é igual no Brasil que você tem um ... tipo um ... generaliza assim, é ... tipo ... você tem um seguro-desemprego. Agora hoje tem, né, hoje no Japão tá tendo tudo isso, mas no começo num tinha. Questão da segunda passagem que a gente teve aqui, foi ... tipo assim, meio que assustadora, porque tipo eu nunca tinha passado, porque eu vim na primeira vez foi abundante né, serviço, e da segunda vez foi ao contrário. 2009 que a gente veio, 2008, teve crise aqui, muita gente ficou desempregada e a gente nunca, tipo a gente, no caso nós dois foi a primeira vez, nunca tinha visto uma cena daquela. Então ai foi a parte assustadora, né, muita gente desempregado, no caso eu não fiquei, no começo de tudo ela ficou, porque a gente morava em Hamamatsu. Ela ficou um mês só acho, nem isso, parada, então a gente ficou meio que assustado com tudo aquilo, né. Eu falei "e agora?" com criança, que no caso a Giovana era pequenininha. Daí ela falou "não, a gente vai embora num tem problema, né, num deu certo a gente volta". Mas ai a gente mudou de província, né, foi pra outro estado. Ai a gente arranjou um serviço que manteve a gente aqui, né, daí começou a tudo a voltar ao normal, ne, aí a gente mudou de cidade, porque aonde a gente tava num tinha suporte de escola pra Giovana direito. No caso, né, íi a gente mudou pra Isesaki, daí a gente conheceu uma escola, primeira escola que ela foi bem, que foi a playground. Eu troquei de serviço comecei receber salário melhor e ela conseguiu emprego também, daí a gente retomou tudo novo. Só que 2011 veio o terremoto, aí parou tudo de novo, ai a gente pensou "não vamos embora, num tem jeito", ai a gente volto pro Brasil, ai a gente ficou 4 anos lá ...

- Hoje estão conseguindo atingir o objetivo?
Daiane: Não, não.

Paulo: É, na realidade dessa vez, no caso minha terceira e segunda dela, a gente já veio com uma cabeça mais aberta assim da situação, é ... como a Giovana parou 3 vezes, trocou 3 vezes de escola, a gente veio dessa vez pra cá e falou assim "não, vamos viver nossa vida tranquila, normal, se a gente conseguir alguma coisa, tranquilo, se não conseguir a gente vai viver uma vida normal", né, a gente veio com um objetivo, sim, a gente veio com um objeto sim, só que ...
Daiane: ainda não tá dando, né, num tá perto de alcançar.
Paulo: É, num tá perto de alcançar ... como a gente veio agora com, no caso duas filhas, os gastos são maiores de escola.
Daiane: É mais difícil.
Paulo: É mais difícil, e .... mas também a gente num tá ... tipo assim .... é ...como posso dizer ... desesperado, assustado, "nossa a gente num tá conseguindo nada", não, a gente, como a gente ... meio que põe na balança o que tá acontecendo hoje no mundo, no Brasil por exemplo, e se a gente tivesse lá também, num sei se traria no caso ruim né. Como eu era autônomo no Brasil, né, e o comercio tá muito difícil lá, tá complicado, a gente vê, não só eu imagino. Como eu era pequeno comerciante e grandes empresas faliram, fecharam as portas, né, por causa do que tá acontecendo mundialmente, né, então a gente pois na balança e meio que tipo assim, tem aquele 5 minutos "Ah, a gente tá bem", aqueles 5 minutos, bem aqui né, eu falo assim, "ah, tá bom no Japão, mas tá bem puxa queria ter ido embora". Mas a gente vê tipo assim, que a Giovana tá bem na escola, né, a gente quer formar ela aqui primeiro, né, pra num pode fica trocando de escola. O ensino é bom, né, ela tem uma cabeça bem formada na escola, da primeira vez que a gente conversou eu falei né, da situação das escolas no Brasil, que também tão meio complicadas, então a gente tá bem tranquilo, mesmo não conseguindo atingi a meta que a gente quer, mas a gente tá tranquilo aqui, tamo bem assim, e vamos aí tocando o barco.

- Só são vocês aí? Contam com o apoio de algum familiar?
Daiane: Não, é só nós.

- Sente dificuldade com as meninas por não terem familiares próximos?
Daiane: Ah, a gente leva, né, mas dificuldade tem sim, porque no caso quando tá doente tem que falta serviço, né, pra poder levar ao médico. Nessa parte é sim, porque no Brasil quando, né, eu trabalhava se elas estavam doente ou se ia pra escola e ficava doente, minha mãe que ia buscar, né, ou minha mãe que ficava, agora aqui já não tem jeito, né.
Sim, sim, aham.

2 - Alguém da família de vocês já tinham migrado antes? Já foi respondido

3 - Como foi a chegada ao Japão? Como se sentiram na época? Já foi respondido

4 - Vocês gostaram do Japão na época em que chegaram? O que estranharam?
Paulo: Acho que a cabeça tava mais é ... sabendo o que ia enfrentar, né, tipo, já sabia como que era a vida rotineira aqui, é ... todos os aspectos, né, de trabalho e tudo mais.
Daiane: Acho que como nós já tínhamos a experiencias anteriores, né, então dessa vez foi mais tranquilo.
Paulo: É, logo quando a gente conversou a primeira vez, a única coisa que foi meio assim, complicado, é da Giovana, né, tipo já ter formado os amiguinhos, né. Aquela cabeça de adolescente que ela tava virando. Ai, só isso que, no começo sim, mas bem tipo no começo, como ela ainda não tinha entrado na escola e feito amizade, então isso meio que atrapalhou, não que atrapalhou, meio que é ... mexeu com ela, né?!. Mas foi muito rápido, foi uma coisa bem passageira, assim, da parte dela, ela se adaptou bem direito.

5 - Há quanto tempo moram no Japão? Pensam em voltar para o Brasil? Conversam com o seu filho sobre isso?
Paulo: Sim, a gente deixa elas bem cientes que a gente, a nossa vida aqui é passageira, no Japão é passageira, que a gente pensa em voltar embora pro Brasil. No entanto, a Giovana mesmo a gente fala "ah, filha, sabe que a gente tá aqui, você se formando a gente pensa, sim, em ir embora", né, ela "ah sim, que num sei o que", a pequeninha também, ela sempre ela fala "ah, a gente vai pro Brasil num sei o que". Mas a gente num deixa elas falando "ah, a gente vai morar aqui, a gente vai viver o resto da vida aqui não", elas têm ciência, é, ciência que a gente vai voltar.
Daiane: Que uma hora a gente vai, agora a gente num sabe, né, se ... quando né.

6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de serem imigrantes? E os benéficos, os ganhos?
Paulo: A língua.
Daiane: A língua.

Paulo: A língua, escrita, né, é a ... o nihongo é complicado, é ... acho que tem gente que tem uma cabeça bem aberta assim, que aprende rápido, tipo assim, a gente até surpreende. O médico que eu passo, por exemplo, tem enfermeiros que são estrangeiros, né, uma brasileira, e uma peruana, e falam nihongo perfeito assim, tipo né, e ... só que, eu no caso, eu num tentei estuda, só que, nossa é difícil, é complicado. A minha esposa, ela tá estudando, né, tá fazendo o curso dela aqui, já escreve bem algumas letras, já sabe lê palavras bem assim, mesmo assim...
Daiane: A língua é ... é que a gente tem mais dificuldade, em qualquer país, se você vai, se você vai sem saber a língua em qualquer país é a maior dificuldade, é a língua.
Paulo: Acho que a educação é a principal, viu.
Daiane: É, e a segurança, né.
Paulo: Acho que o benefício é a segurança, de morar em outro país, é assim, igual a gente até tava comentando com a minha sogra, ela quer trocar o portão de casa, quer botar um portão mais reforçado. Ai na hora que a gente deita a gente conversa bastante, né, ai a gente deitado conversando pensando, caramba, né, a gente aqui, a gente mora numa casa, o muro na verdade é só pra dividir o terreno do vizinho, não tem portão, é ... a porta de casa já é a porta pra rua, as bicicletas, né, delas, a minha bicicleta, a delas ficam tudo solta, ficam sem tranca, sem nada, o espaço que a gente tem, ninguém mexe.
Daiane: Então acho que a segurança, né, a qualidade de vida daqui também.
Paulo: E a ... e de bom a educação, que a gente aprende muito tá aqui, que a gente é reeducado, vê os valores diferentes, né, e a gente passa pros nossos filhos, pras nossas filhas, no caso, a educação em geral, em si o que a gente aprende, né. Porque na realidade, quando a gente muda pra qualquer país, a gente é reeducado, né. Na realidade, a gente que é brasileiro, a gente tem aquela educação de malícia. Quando a gente conversou primeira vez eu falei, né, eu tenho medo de quando volta pro Brasil, minhas filhas num terem a malícia do povo brasileiro e sofrerem aí por isso. Mas a qualidade que a gente aprende aqui, sim, a vida e a educação que a gente aprende é muito aqui.

6 - Qual o maior desafio, na opinião de vocês, de terem um filho imigrante no Japão? E os benéficos, os ganhos?
Paulo: Acho que o desafio maior é fazer eles compreenderem a situação que a gente passa, né, tipo assim, não a dificuldade assim financeira nada desse tipo, de conforto, mas o maior desafio mesmo é quando, tipo assim, a gente vai num lugar com a Mel e tem criança pra brinca e ela num consegue se comunicar, isso é um desafio. Até brincam, até conseguem brincam, mas quando rola de querer conversar alguma coisa assim, eles conversam entre eles, mas isso é um desafio que a gente passa sim.
Daiane: Tem também acho que o estar longe, né, no caso estar longe, fazer elas crescerem longe da família, né, que ... no caso, acho que é importante, né, tá junto e viver junto os primos, os avós, os tios, e ... conforme a gente tira assim, né, no caso a gente tá ciente que tá tirando eles, né, desse convívio familiar, acho que isso também é difícil, né. Porque por mais que converse tenha o whatsapp, tenha Messenger mas num é a mesma coisa, né.
Paulo: E aí eles acabam adotando amigos, né, que a gente faz, né. Ao longo do tempo eles adotam famílias, a gente também no caso, a gente ... que exagero a gente acaba fazendo uma nova família aqui, né, adotando familiares assim entre aspas, amigos, né. Ontem mesmo veio um pessoal em casa e a gente passou uma tarde, né, como foi feriado aqui, passou todo mundo junto né. Ai a gente, tipo assim, a gente meio que troca os familiares do Brasil, como eles não estão aqui, por familiares aqui que a gente acaba adotando né, falando os amigos que viram amigos no caso. Até então nessa parte que eu falo pra minha filha, né, o duro num é quando a gente sai no do nosso país, o duro quando a gente larga o pessoal aqui, que a gente sabe que num vai embora, né. Esse pessoal que tá aqui, por exemplo, num vai embora, já compro casa aqui, até os pais do amigo pensa em compra casa, então já é um pessoal que eles falam "a gente tá tanto tempo aqui já, num tem o que fazer no Brasil", né. Tem os parentes deles, tem os amigos, a mãe, tem tudo, só que já enraizaram aqui, não conseguem ir embora mais.

- E qual o benefício?
Paulo: Acho que é a educação, valores, né, é ... tipo ... a gente todo mundo junto, né, fica junto, isso ai, é ... a ... que mais que eu posso dizer, tipo, elas não fazem nada por conta delas, elas, a educação que elas vão recebendo aqui, tipo eles aprendem a pedir permissão. A minha filha mesmo de 16 anos, ela pede as coisas, pergunta se pode, Mel pergunta se pode, então educação, no caso, mais a educação que a gente ensina aqui e a própria cultura ensina em si, né. Tipo, sai em algum lugar vê alguma coisa que num é deles, um pertence, fala "ah, mano tem alguma coisa ali, alguém perdeu" mas não mexe.
Daiane: Que por mais que não estudem numa escola japonesa, que acho que se fosse numa escola japonesa tenderia mais, né, mas acho que por mais que num estude numa escola japonesa vai aprendendo alguma coisinha ou outra, né, as regrinhas daqui, né, a cultura.

8 - *Vocês perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão?

Daiane: Então, é ... como eu falei da outra vez, né, com você, dá ... da Giovana ela teve mesmo assim, né, acho que por num ta indo na escola se sentia sozinha, e como tinha ... né, as amiguinhas no Brasil acho que ela, ela sentiu bastante, né. Essa mudança dessa vez que a gente veio agora, e ... a Mel também falava bastante que queria voltar por causa que era muito grudada com minha mãe, "ah, quero a vovó, quero a vovó". Acho que no caso, é esse laço que deixa no Brasil que num tem aqui, chega aqui é só nós 4, que acaba sentindo falta, até começar a criar laços afetivos de novo né. Não que esqueça, né, no caso quem ficou no Brasil, num é isso né, mas acho que a partir do momento que começa, né, criar laços aqui, né, começa conhecer, né, amiguinhos novos, e começa conhece lugares ai acho que vai se adaptando melhor, né.
Paulo: No caso dela como a Dani trabalhava e a Mel ficava muito com a minha sogra, né, então isso que deixa muito grudado. Mas acho que no caso, ela teve esse baque, por exemplo, como aqui a gente, ela tinha que ir pra creche, no caso dela era creche, então ela nunca teve esse contato com outras pessoas, era só com a minha sogra, então acho que isso mexeu muito com ela, porque daí ela teve que ir com outras pessoas que ela não conhecia, e ... né, vê minha esposa indo trabalha e ela num fica com a vó, acho que isso que um pouco meio que mexeu com ela, né, mas depois até, como a Dani falou, cria os laços, né, acostuma com tudo, e hoje tá bem, hoje tá tranquilo.

9 - *Se sim, como lidaram com essas dificuldades e como fizeram para superá-las? Já responderam

10 - O nascimento do filho (entrevistado) foi planejado? Me conte como foi?
Daiane: Não, num foi não.
Paulo: Aconteceu.

- Vocês eram jovens? Quantos anos tinham?
Daiane: Eu tinha 18, era novinha.
Paulo: Eu tinha 24.

- Casaram depois disso?
Daiane: Não, namorávamos, né, aí ele veio pra cá e eu fiquei gravida no Brasil, ai depois quando ele voltou pro brasil que nos casamos.
Não, ela já tinha nascido, ela tava com 1 e 8 meses quando ele voltou pro Brasil, ai é a gente só se via por vídeo, foto.

- Como foi esse processo da gestação sem ele?
Daiane: Acho que é difícil, né, porque no caso pra mulher, né, momento da gestação é um momento, né, mais de sensibilidade, quer a pessoa ali perto, né, o companheiro ali perto. Então, acho que, assim ... mas depois que minha mãe comprou o computador que dava pra ver por vídeo, então, ai ... é mas isso a Giovana já tinha nascido, né, quando minha mãe comprou o computador, mas até então era só por telefone era mais difícil, né.
Paulo: Naquela época, ainda em 2000, na época, no ano de 2004 era bem, internet era escassa pra caramba, internet discada, na época, né, aí depois que vieram as internets de linha, linha que fala, fibra ótica. E isso amenizou um pouco, a ... tipo, senti a falta, tanto, mas ela tinha todo, tipo, acolhimento dos meus pais, no caso quando meu pai era vivo, minha mãe, a mãe dela tudo mais. Mas num foi assim ... muita turbulência, né, acho que foi mais gostoso ainda quando eu cheguei no Brasil conheci a Giovana, era bebezinha, um ano e oito meses ainda, tudo mais, e a gente foi se descobrindo, né. Ai igual, tem um amigo, um senhor, Kumimori ele falava "é se vai ter que levar muita bala e muita boneca", né, no começo de tudo, pra ir acostumando ela com você, mas foi tranquilo assim, em parte, foi tranquilo.

11 - **Vocês tiveram algum receio de ter um filho nascido no Japão? Não se aplica

12 - Vocês têm outros parentes que moram no Japão? Seu filho tem contato? E com os familiares no Brasil, ele tem contato? Já responderam

13 - O que você acha que o seu filho pensa ou sente em relação ao Brasil? E ao Japão?
Paulo: Quando ... as vezes a gente, eu brinco com ela assim "vamos morar aqui?" ela fala "ah, tanto faz", "Onde você prefere mais morar, aqui ou no Brasil?" Hoje com a cabeça que ela tem ela fala "ah, eu prefiro aqui".
Daiane: É que no caso ela já viu, né, a diferença, né. Não, não falo assim, pelo fato "ah tem amigos aqui", num é isso, mas acho que ela já viu a diferença, né daqui pro Brasil, né.
Paulo: Ela, é ... a gente tava ontem mesmo na casa, a gente foi levar umas bolsas na casa de uns amigos que eles esqueceram e eles tem canal do Brasil e nisso tava vendo reportagem, e ela vendo tudo aquilo, né, situação, ela falou "nossa como assim?", É ... é complicado, Brasil é assim.

- Ela tem o Brasil como terra natal?

Daiane: Sim, sim. Aham.
Mar Paulo ido: Sim, sim. Ela tipo, ela num quer, ela num fala assim "ah, eu nunca mais volto pro Brasil", não, ela ... ela mesmo ... depois que conversou com você, ela adorou muito te conhecer, né, de conversar com você, nossa ela se encantou de mais, e na ... a gente tava jantando e falou "pai, eu quero fazer faculdade e tem dois lugares que escolhi já, é lá numa faculdade no Brasil mesmo e numa outra e depois eu vou pro Canadá ou pra fora, daí eu vou me especializando mais, mas agora eu quero fazer nesse dois lugares". Ai acho que você que comentou dessa faculdade, se comentou ela entrou na internet já pesquisou sobre o lugar, já falou um monte de coisa, já ... nossa ela se encantou mesmo.
E é engraçada esse lado da humanas que ela quis adotar, porque antes era só exatas, né, nossa mate...falava com ela era matemática, mas depois que ela, acho que a cabeça foi mudando, nossa ela virou de humanas de um jeito que é até engraçado.

14 - Vocês acham que ele se identifica mais com os brasileiros ou japoneses? Por quê?
Daiane: É, o jeito dela é brasileiro.
Paulo: Mas os, é os modos assim mudam um pouco, né, tipo, essa ... se portar as vezes assim, em lugares assim, ela ... num se porta igual brasileiro, é ... sei lá ... que faz bagunça, as vezes ela se porta bem mais assim, dependendo o lugar. mais quieta, mais ... assim, tipo, num é igual no Brasil que a menina, hoje as meninas querem sair, gritar, bagunçar, beber, fuma e tudo mais, nessa parte, sim, acho que ela num se interessa muito, em ... nessa parte, querer atropelar o tempo dela, né, querer virar adulta num corpo de adolescente, querer fazer as coisas de adulto no corpo de adolescente, nessa parte, sim, acho que ela regrou mais. Mas ela ainda é bem brasileira em algumas coisas.

15 - E na opinião de vocês, ele tem mais traços (costumes, modos, jeito de ser e de se identificar) mais dos brasileiros ou japoneses? Já responderam

16 - Vocês acham que existem diferença entre um adolescente brasileiro que vive no Japão e que vive no Brasil? Se sim, percebem essa diferença no filho de vocês?
Daiane: Ah, bastante, isso é todo ... é todo mundo que vem pra cá percebe, né, a diferença que tem mesmo assim, e num é só por ser adolescente não, viu?! Da outra vez que nos viemos também que ela foi embora, ela tinha 7 anos, quando nós chegamos lá, que ... eu coloquei ela numa escola tal, ai eu já vi já diferença dela pros outros alunos. Não que ... é ... num tô me desfazendo, assim, num é isso, né, num é preconceito, mas assim você vê o jeito que ela se portava pro uma criança de 7 anos e uma outra criança de 7 anos assim, assim, né, pra uma outra criança de 7 anos lá do Brasil era totalmente diferente.
Paulo: Até os professores falavam.
Daiane: Os professores falavam também que tinha essa diferença, né, pro uma criança que ... não que ela nasceu aqui ... mas que ficou um pouco tempo aqui e voltou pro Brasil, tem é ... tem diferença sim.
Paulo: É, teve as escolas que queria ela pra estuda lá, "não, tem que estuda aqui, vamo fazer de tudo pra estuda aqui", duas escolas queria que ela estudasse na escola.

17 - Como foi a decisão por qual rede escolar matricular o filho? O que motivou e pesou na decisão? O que vocês sentiram?
- Vocês optaram por colocar ela na escola brasileira pelo retorno?
Daiane: Sim.

- Ela teve curiosidade de ir para a escola japonesa?
Daiane: Sim, muito.
Paulo: Não, no começo, depois ela, que ela conheceu aquela brasileirinha que lá que estuda lembra? Ela falou: "nossa ela fala inglês pra caramba", daí ela falou assim "ai se eu soubesse, eu tinha até escolhido escola japonesa".
Depois de um tempo dela ... tipo ... depois de um bom tempinho dela formada na escola assim, que ela conheceu uma brasileira que ela estudou em escola japa, e ela num falava português direito, né. Então muitos pais não pensam assim, daí coloca numa escola brasileira pra pessoa tenta acostuma com a língua, né, e ela fez amizade com essa menina, e ela, achei interessante porque aqui a língua, na escola japonesa, o inglês é matéria tipo obrigatória e firme. Daí que ela falou, tipo "ai, ah, seria legal se mudasse, tivesse entrado também numa escola japonesa", ai a gente tinha falado "agora que você fala isso". Porque no começo ela meio que assusto, né, ela num ... "ah, tipo, como é que eu vou entrar numa escola que eu num falo, num conheço ninguém, pior ainda". E a gente também no começo meio que falou assim "ah, não", eu queria que ela estudasse na escola japonesa pra ela aprende uma língua diferente, só que como a gente também sentou e conversou bastante, assim, a gente não pensa em ficar, a gente pensa em ir embora, coloca numa escola japonesa como que ela vai depois voltar pro Brasil e entrar na escola na escola brasileira, porque o ensinamento é todo diferente, né. Bom aqui é diferente,

tudo é diferente, histórica, história é diferente, a geografia é diferente, né, a ciência num sei, né, mas nessa parte é diferente. Daí a gente, ela no caso, e a gente depois sentando e conversando a gente optou pela escola brasileira.

18 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho na escola?
Daiane: Não.
Paulo: Não, foi tranquilo, foi bem tranquilo.

19 - Vocês percebem alguma dificuldade do seu filho em relação as amizades com os brasileiros ou japoneses?
Daiane: Não, com japonês ela num tem amizade não. Agora com os brasileiros nuca teve dificuldade não.
Paulo: Aqui eles, eles te adotam, né.
Daiane: Eles são até bem receptivos, sabe, acho que como tá chegando agora do Brasil, acho que até a escola em si já, já faz esse ... essa adaptação pra eles não sofrer, já fala na sala, "ah tá chegando um amiguinho do Brasil, vai lá conversar com ela", que fizeram isso no caso com a Giovana, né. Chamaram algumas meninas da sala dela, e ... falaram, né, que ela tava chegando do Brasil e tal, e ... fizeram, fizeram ela se .. recebe a Giovana ali. Então foi onde ela se sentiu muito bem acolhida, sabe, e num teve, por esse lado de amizade num teve dificuldade nenhuma.
Paulo: E até hoje está com as mesmas amizades que ela fez, quando a gente, no caso, há 4 anos que ela, nos estamos aqui, são as mesmas meninas, né, que estão na escola desde pivetinha, desde bem pequena até se formarem, então ela apegou todo mundo junto, né, então seguindo juntos, ne, essa caminhada toda.

20 - O que vocês planejam para o futuro dele? O que desejam?
Paulo: A gente quer que ela estude.
A gente coloca a opção na mão dela, né, a gente pergunta sempre pra ela, "e ai já sabe o que você quer?". Ela já mudou umas três vezes já, do que você quer, mas a gente não quer que pare de estudar.
Daiane: Mas, a gente quer que ela estude, assim, num quer que pare.

21 – Há algum conflito entre vocês em relação a educação do seu filho?
Paulo: Não.
Daiane: Nessa parte de educação assim, do que é que a gente quer pra elas, não.

22 - Como vocês aproveitam as horas de lazer com a família?
Paulo: Assim, como agora tá essa, né, esse período do vírus aí, atrapalhando todo mundo. A gente mesmo quando num tinha vírus, a gente sempre ia final de semana num parque, né, tipo parque público, ou mesmo pagos assim, piscina, ou em casa mesmo a gente ou faz essas coisas, né, faz "que vocês quer comer?" "ah, a gente que comer pizza, quer comer pastel", então a gente faz lá ...
Daiane: Aproveita a ... no caso o tempo que a gente tem, né, a folga com elas, né.
Paulo: Ontem, ontem, anteontem mesmo a Mel dormiu cedo, né, ela foi assisti o filminho dela e dormiu cedo, ai a ... como a Mel toma conta da tv, né, ai ela falou assim "ah, a Mel dormiu, vamo coloca um filme, né". Ai eu coloquei um filme que a gente gosta de assistir muito, ai a Dani acaba dormindo no filme ai fica eu e a Giovana até o final do filme. Daí na hora de deitar a Dani falou assim "ah, foi dormi muito tarde" ai eu falei pra ela "ah, que como a gente, geralmente a gente, num tem momentos assim de assisti todo mundo junto", né, porque a Mel que assisti as coisas dela, então daí eu falei assim "ah, aproveitei que a Mel dormiu nesse momento e coloque um filma pra gente assisti, só nós três, sem a Melissa". Porque como a Giovana já é grandona ela já tem a vidinha dela, né, querendo ou não, ela tem o quadrado dela, e a Mel depende, como a Mel é bem criança depende da gente. Então a Mel direto "mamãe, vem brinca", aí a Dani senta põe as bonecas no chão e brinca com a Melissa, "ah, vem assisti desenho", daí a gente senta com a Mel e põe desenho da Melissa. Não que a gente exclui a Giovana, né, mas ... querendo ou não a atenção é um pouquinho mais da Melissa. Era 9 horas a Mel capoto, a gente coloco ela no quarto pra dormi, eu falei pra Dani "ah, vou assisti um filme", ai foi que eu falei pra ela, né, e ela falou que ela num gosta de dormir tarde, né, daí ela falou "fui dormir muito tarde". E aí eu pensei como a Mel dormiu, eu queria momento assim, só nós três, como era assim, como era antes, daí ela até gostou, né. Eu falei: "ah, vamo assisti um filme", ela largou o que tava fazendo também, "ah, vamo", ai deitou no sofá, eu e a Giovana deitamos no tapete, e acabamos juntos assistindo. Mas assim, quando a gente folga, essas coisas a gente quer fazer o máximo possível já junta, fica todo mundo junto.
Daiane: Ah, passa esse tempo com elas, né.
Paulo: Até ontem mesmo eu falei pra ela "vamo sai, vamo toma sorvete em algum lugar ai, vamo sai pra rua nos junto ai", já que tá todo mundo de folga mesmo, vamo sai assim, pra fica.

23 - Se vocês pudessem dar um conselho para pais que estão migrando com os filhos para o Japão pela primeira vez, o que vocês falariam?

Paulo: Ah, eu ... se eu tivesse, é que a gente tem uma vida muito corrida aqui, né, mas eu acho que a atenção pra família é tudo. Eu ... quando elas vieram pra cá, e eu ... trabalhava numa fábrica, a gente fala nikotai que é uma semana de dia, e uma semana se trabalha a noite, faz esse revezamento, e eu comecei a trabalha. E quando elas vieram eu peguei, acho que três dias de folga, pra busca no aeroporto e passar um tempo com elas e tudo mais. Ai cabo minha folga e eu fui trabalha, e eu trab... voltei de dia, uma semana inteira de dia, então dava, chegava em casa era 7 horas, num sei, então chegava tomava meu banho, jantava com elas, conversava, sentava, assistia tv, e na outra semana já era de noite. Então tipo assim, eu ... acordava com elas, só que daí quando virava o serviço eu chegava em casa já num tinha ninguém mais e quando elas chegava eu já tinha saído pra trabalha, por causa do horário da escola que era muito longe. E aí eu levo isso comigo, que ai passou um sábado a gente trabalha muito, ai numa segunda feira a noite, quando eu cheguei, na segunda não, no caso no domingo, quando eu acordei de manhã, ai a Giovana acordou olhou pra mim "oi pai, nossa quanto tempo". Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, né, tipo assim, a gente tá aqui por um objetivo, lógico, só que a gente tenta o máximo, se a gente tá aqui trabalhando é pra eles, né. No caso, quando a gente tem filhos, a gente trabalha pros filhos, Ai eu fiquei com aquilo na cabeça, ai depois disso todo emprego que eu tentei arrumo, até hoje, que eu consegui, é só de dia pra pode manter esse vínculo de ... normal, acordo de manhã vejo elas indo pra escola, volto trabalho e janto, a gente se dá boa noite, te amo, durma com Deus e tudo mais. Então se eu tivesse que dá um conselho, pra um pai hoje, tipo assim, trabalha sim, a gente tem que trabalha a gente tem que sustenta casa, a gente é o alicerce, só que nesse alicerce a gente tem as amarraras que somos nós. Então não adianta só você pensa em trabalho e esquece a família, que tem muitos casos que a gente escuta fala assim que o filho acaba adotando outros pais porque os pais de dentro de casa não dão atenção suficiente pros filhos e acabam caçando ... ai tipo assim, vai visitar um amiguinho e os pais sempre juntos, eles acabam na realidade, tipo adotando aquele pai do amiguinho porque trata bem, né, porque é uma visita, é um amiguinho, ai sente que aquele acolhimento em casa não tem. Então eu.. tipo se eu fosse aconselha alguém falo assim "trabalha é bom sim, mas de atenção muito pra família, ainda mais aqui, nesse lugar", porque no Brasil se ainda ... se tiver ainda tem uma vó, alguma coisa, mas nesse lugar aqui, trabalha é bom sim, né, agora se você trabalha no caso, eu trabalho pago as contas e ainda dou uma vida tranquila. Então num queira mais que isso e fique longe da sua família, quanto mais a família.

Daiane: Eu também concordo, é ... esse ... a presença, né, dos pais, tanto do pai quanto a mãe, né ...

Paulo: principalmente a mãe.

Daiane: ... Por mais que a gente trabalhe e tudo, né, chegue casando, eu não faço, mas tem gente que faz hora extra, tudo mais, o tempo a presença dos pais é importante pros filhos, né. Ainda mais aqui, como o Hirome falou, ainda mais aqui, que no caso são só, né, só eles, só os pais e os filhos, né, num tem os tios, num tem os primos, num tem avós nada, só aquele ali dentro da casa só eles ali. Infelizmente a gente vê, né, muitos no caso que estuda com ela, que num tem esse contato, "ah minha mãe trabalha em três serviço. A nem vejo minha mãe, tia. Nem vejo minha mãe". Infelizmente acontece muito isso, sabe, sente essa falta, né, da mãe, sente essa falta do pai, a conversa, né, o carinho, então, assim, que vir pra cá, né, tenha objetivo, que quer vir pra cá, "não eu quero ir só mesmo pela qualidade de vida, pela segurança", mas eu acho que num pode deixar a família de lado. Os filhos num podem, num pode deixar os filhos de lado, né, tem que ter a presença, tem que ... igual muitos aqui também acabam, é .. em vez de dar presença dá presente, né, a gente vê, tanto ai no Brasil também acontece isso, né, pai trabalha fora, acaba querendo comprar a criança com presente, mas nada como a presença mesmo, né, que tem que ser, né.

Paulo: E a gente, a gente ... nessa troca de pensamento que eu tive de serviço, né, em trabalhar só de dia, isso é mais saudável não só pros filhos, né, que tem a presença no caso, como a gente também, o casal. Porque querendo ou não, igual ela mesmo falou, tem um momento da mulher, que vocês mulheres, que vocês têm aquele momento frágil, aquele momento, que ... ainda mais ela longe de tudo. A gente que é homem, a gente tenta fazer o papel de durão, o firme a rocha, né, mas querendo ou não tem o lado da mulher. Até ... tipo quando era só a gente, eu e ela ficava nessa troca de horário de serviço, a gente ficava sem se ver. Então, tipo se via assim por telefone, ligava, falava, mas tem o contato, né, tem o abraço, tem o carinho e num tinha. Então isso é muito complicado, isso é uma coisa que muitos brasileiros aqui, é ... infelizmente o Japão ele faz isso, ele esfria muito a relação, não todo mundo no caso, muita gente pensa igual a gente. Mas a maioria assim, eles pensam o que, em trabalhar, em ter tudo. A gente veio com uma vida já modesta, tranquila, modesta, mas tem gente que vem pra cá, e como é fácil, trabalho e muito coisa, então eles querem ter aquela vida nata. Então muita gente deixa de lado os filhos e no caso o casal em si. Ela mesmo citou uma amiguinha da Giovana que fala "ah minha mãe trabalha em três serviços já separado e num sei o que". No caso, a mãe dessa menina queria ter o carro do ano, mais caro e morar numa casa enorme, nisso ela queria trabalhar pra ter tudo isso só que ela num focava ...

Daiane: Deixava os filhos de lado e isso num é certo, né. Que a criança o adolescente eles sentem bastante, eu acho que nisso daí é onde acaba entendendo, vê muitos casos de crises de ansiedade, é ... suicídios, né, psicológico muitas vezes afetado emocionalmente também, né, por causa disso, porque num tem aquele afeto familiar dentro de casa, né.

Paulo: Aqui, infelizmente, se a pessoa num tem calor, entre famílias e se apegar aqui esfria muito. Aqui a pessoa fica muito fria, fica muito apegada ao material e não ao bem maior que é a família, então a pessoa assim, só quer trabalhar e ter aquela vida de status, igual a gente fala, no facebook é lindo, né, abraça todo mundo tira foto e posta com sorriso, só que na hora que posto a foto se vai ver cada um tá no seu canto, cada um tá resolvendo a coisa que quer. Tipo, então... é isso, é o conselho que a gente dá, né, não, nada que a gente se leva, então deixa o bem maior registrado na cabecinha dele, que é a gente reunido. A gente, se tiver que passar perrengue, mostra pra eles que a vida num é colorida também, mostra pra eles que a gente passa apertado, que a gente passa apuros. Igual aqui a gente, até a gente tava conversando, tem uma boneca que a Mel queria, que é a Lol, e a gente entrou no site do Brasil, essa boneca custa quase 500 reais no Brasil e aqui ela custa 4 mil ienes, 4 não, 7 mil ienes. E é um dinheiro que é fácil a gente ter aqui, se trabalha então é fácil se ir na loja e compra. Todo dia se você quiser compra uma diferente da outra, se pode compra uma, duas, três isso é fácil. Só que ela já vem pedindo essa boneca faz uns 4 meses e a gente ensina que num é assim, "ai eu quero", "toma". Nós sabemos e temos que mostrar a realidade, tudo tem dificuldade, tudo tem surpresas. Agora ela falou "ah, queria uma boneca assim, se pode me dar?" ai eu falei pra Dani, agora a gente dá, e ai explico pra ela "olha, a gente tá te dando, mas assim quando você pede num é sempre que a gente vai dar, então você põe na sua cabecinha que quando a gente pode a gente vai e compra". Não que aqui seja difícil, tenha dificuldade, mas a gente quer mostrar pra ela que num é fácil também, que num é uma coisa que você "ah eu quero. Toma". Igual a Dani mesmo falou, que aqui o pessoal é ausente, mas quer ser presente com presentes, né. Então, a gente mostra que num é assim que funciona, nesse caso, é ... tipo o Ipad que ela mesmo, se você vê muitas crianças da idade dela que tá com ipad aqui porque é fácil ter. Então tá com ipad tá lá e ela falou "ai eu quero ipad", a Dani falo "não senhora, num tem ipad não", porque assim, os pais aqui eles não querem dar presença pros filhos e dão eletrônicos. Eu falei pra Dani, é legal você dá o eletrônico pra ela, assim, pra ela vê um dia, o futuro dela em si, aprende a mexer e tudo mais, só que o errado deles aqui é isso, como você perguntou, né, qual o conselho, é mais viver com os filhos do que fazer isso com eles, deixar de lado, comprar com coisas significantes uma coisa que eles querem. As vezes num você não dá, muitas vezes ela tá no celular da Dani ou no meu, jogando, ou tá no computador jogando joguinho, assistindo tv, mas quando você fala pra ela assim "vamo brinca", na hora ela larga tudo e já sai correndo, eles querem isso, querem que a gente esteja presente.
Daiane: No caso eles querem atenção, né, tanto a criança como o adolescente, né, eles querem a atenção dos pais, né.
Paulo: E isso ai é uma coisa que a gente quer passar pra elas, que elas não sejam frias também com o próximo, né, como as vezes a criança pode carregar a frieza da gente com eles e eles serem frios também com o próximo, não ter o afeto, não ter carinho, como chama aquela palavra? Empatia.

Família 4 – Entrevista Adolescente – Parte I

Nome completo: Giovana
Sexo: (X) Feminino ( ) Masculino
Idade: 16 anos **Data de nascimento**: 07/07/2004
Estuda em: (X) Escola brasileira ( ) Escola Japonesa ( ) Já estudou em ambas
Há quanto tempo estuda nesta escola: 4 anos, fez 4 anos dia 01.
Ano escolar: 1° do ensino médio
Grau de descendência: Eu sou 4° geração
Província onde mora: Guma, se eu não me engano.
Estado de origem no Brasil: Estado de São Paulo
Com quem mora no Japão: Mãe, pai e irmã
Idioma falado em casa: Brasileiro, aqui manteve a língua português mesmo.

1 – Onde nasceu?
Nasci no Brasil

Se nasceu no Japão:
2 - Você conhece o Brasil? Já esteve lá? Tem vontade de conhecer? Não se aplica

Se nasceu no Brasil:
3 - Com qual idade veio para o Japão?
Eu tinha 3. 3 aninhos. Pior que eu lembro, ah ... quando eu vim pra cá a minha vó comprou um ursinho de pelúcia pra mim longo quando eu vim, com 3 aninhos, eu tenho esse ursinho até hoje, eu lembro dela me dando no aeroporto essas coisas, época de escolinha assim, dá pra lembrar.

- Você lembra se gostou do Japão quando chegou?
Não, quando eu cheguei aqui foi bem fácil a adaptação, que como eu acho que era menorzinha, não entendia muitas coisas foi bem mais fácil.

- Durante esse tempo, ficou até quantos anos no Japão?
Até os 6 anos. Aí eu voltei pra cá, quando eu vol.. eu voltei a segunda vez eu fiz, eu tava com 11, ai eu fiz 12 aqui.

- Como se sentiu quando voltou para o Brasil?
Não, não lembrava de nada, meus pais chegaram, "Se lembra dela, se lembra dela" eu não conhecia ninguém, nem a minha própria vó eu cheguei reconhece, num conhecia ninguém, eu demorei um pouquinho pra me adaptar, porque aqui, como eu cresci, foi bem estranho você vê e pensar "cadê a terra onde eu estava?" e foi de volta pra outro lugar, mas até que foi bem fácil, foi bem fácil quando eu era criança, pelo menos, agora da segunda vez foi mais difícil.

- Agora, da última vez que voltou, foi mais difícil?
Já, foi, foi bem mais difícil, e ... como eu vim pra cá eu num conversava com ninguém, eu já tinha amizade no Brasil, e ... ai já foi bem mais complicado, que como eu já tinha amizade lá, todo mundo fala "volta pra cá que a gente tá com saudade", e como eu não tava indo pra escola, eu fiquei um mês em casa, e ai foi completamento difícil, porque ai a vontade de volta era maior porque eu ficava sozinha. Ai foi bem mais complicado se adaptar, conseguir fazer amizade não foi tão difícil, porque depois que eu entrei na escola todo mundo já me acolheu muito bem, porque aqui na minha escola todo mundo que chega a gente já tenta já, adapta ela da melhor forma possível.

- E aí foi se adaptando?
Bem aos poucos, bem aos poucos, acho que demorou um ano pra eu me adaptar aqui, completamente, mas depois que você adapta, a vontade de voltar é só pra visitar. É vontade de voltar é só pra visitar.
Eu gosto, eu gosto, é bem gostoso o tempo, os lugares, assim, tudo bem que com o coronavírus num dá pra fazer nada.

4 - A decisão de ir para o Japão foi conversada ou explicada para você antes?
Na verdade meu pai sempre quis volta pra cá, minha mãe que não queria. Ai ... a minha mãe ela conversou, né, ela falou assim "então a gente tá pensando em voltar", então desde de cedo eu já tinha na cabeça que a gente ia acabar voltando, então, eu chegava na escola todo mundo falava "ah, ela veio do Japão", eu falo "eu vou voltar", então, já fica na cabeça que eu já vou embora. Mas ai foi enrolando, enrolando, enrolando por causa do tempo do visto, essas coisas assim, ai querendo ou não a gente acaba se apegando Ai foi bem mais difícil, mas desde cedo eu já sabia que eles queriam voltar, então, já tinha bem em mente essas coisas. Não esconderam nada de mim, já foram assim, bem, todas as decisões, etapas eu já sabia.

5 – Tem saudade do Brasil?
Sim. Eu sinto falta, sinto, pior que sinto. Acho que principalmente da comida, acho que senti comi..., o cheiro da comida da casa da vó é uma sensação sem igual, que aqui muitas v..., por a gente ser estrangeiro a gente num tem isso, tem comida da mãe, comida de, é ... MC essas coisas, agora comida de vó, é uma coisa que todo, acho que todo mundo da minha escola sente falta, de quem tem vó no Brasil.

- Você é muito apegada a sua vó?
Sim, sim, sim, eu sou muito apegada nas duas, tanto na de pai, quanto na de mãe, muito apegada. Quando meus pais, eles trabalhavam num carrinho de lanche, eu ficava com a minha vó, ai ou eu ia pra casa de uma ou eu ia pra casa da outra, então eu sempre era ... era nesse revezamento assim, eu cresci muito com minhas vós, então eu sou muito apegada com elas.
Da família de lá, e também da minha cachorrinha, não podemos esquecer.

- E do país?
Não, pior que eu sinto, porque no Brasil a gente tem um grau a mais de liberdade, pra encontrar os amigos, pra ir pra escola. Aqui, apesar de ser um país muito seguro, a gente não faz essas coisas, é muito diferente do que você vê as pessoas do Brasil fazendo. Então acaba batendo uma saudade, tipo de você encontrar as pessoas, de você ir numa sorveteria, e você passear assim, pra ver paisagens aleatórias, andar de bicicleta, então acaba batendo uma saudade.

- No Japão você acha que não tem essa liberdade por quê?
Porque aqui a gente acaba caindo numa rotina todas as vezes a mesmas coisas, é uma rotina que você acaba fazendo todos os dias, e no Brasil não. Ai no Brasil você nunca sabe o que você vai acontecer no dia seguinte, apesar de você ir pra escola todas as vezes, como é que aqui no Japão, ou você estuda integral, ou de manhã, eu estudo na verdade na parte da tarde, então eu já perco tudo já basicamente. Ai no Brasil eu estudava na parte da manhã até a hora do almoço, então eu a tarde eu já tinha todo liberada, então ai eu conseguia, por exemplo, já tinha gente em casa pra gente brincar, ia se encontra pra fazer trabalho, aqui apesar da gente ter essas coisas, tipo de ser uma segurança muito maior, que até hoje todo mundo pergunta, né, porque que aqui a gente não consegue ter essa liberdade mais fácil, no Brasil é muito mais liberal, pode se dizer. Porque, num sei se é por questão de o bairro ser mais perto, né, de ... porque aqui, aqui os bairros, as pessoas moram cada um em um canto, então já dificulta um pouquinho, e aí é tudo mundo pertinho.

6 - Você gosta de morar no Japão?
Eu gosto, eu acho que se alguém me perguntasse um país pra morar eu recomendo bastante o Japão.
Aqui é um país muito seguro em questão de ... de ... de questão policial porque, por exemplo, aqui dizem que a coisa que você mais é escuta é polícia. Mas eu não vejo isso não, que é muito raro você vê polícia andando assim, geralmente assim é só pra fazer ronda na rua assim, porque eu moro num lugar que é só brasileiro, aqui é a maior concentração de brasileiros no Japão do país inteiro. Então aqui eles fazem ronda, eles ficam na esquina da escola pra ver todo mundo saindo, então eu acho que a cultura do Japão é muito rica, pras geração futuras em questão de segurança também, os impostos também apesar de serem muito caros, aqui a gente tem uma qualidade de vida, brasileiro não consegue ter.

7 – Há quanto tempo mora no Japão?
Eu acho que é mais tempo no Brasil, no Brasil.

8 - Durante esse tempo já voltou para o Brasil?
Uhum. Sim, sim, sim.

9 – Com quem veio para o Japão? Já foi respondido

10 – Você fala japonês?
Eu falo um pouco de japonês, eu gosto muito da língua, mas acho que como eu vim um pouquinho mais tarde eu não consegui falar tanto, mas eu sei falar um pouquinho, básico do básico.

- Tem aula de japonês na sua escola? E você acha que dá para aprender?
Tem, tem, tem. Sim, da, pior que dá, quando eu cheguei eles sempre ensinam o básico que seria escreve, escreve nosso nome, a começar a ler as letrinhas, essas coisas. E os professores que dão aula lá, uma é japonesa mesmo, o outro da aula em faculdade japonesa, e a outra, é ... ai tem o nível básico, o nível intermediário e o nível avançado, eu já participei dos três. Mas eu fiquei no intermediário, mas todo mundo que chega eles dão aula separada, eles vão dando livros, eles vão ensinando, por exemplo, as criancinhas também tem aula de japonês, eles já dão aula bem assim pra pessoa sair já falando japonês. Por exemplo, tem um aluno da escola que se formou agora em faculdade japonesa, tem outros alunos que foram pro ... que sabem falar a língua já conseguiram emprego. Então eu não acho as aulas da minha escola de japonês ruim, eu acho elas bem preparadas, bem escaladas pra cada um, eu gosto das aulas de lá.

- Você acha que não fala melhor por quê?
É que aqui no Japão pra você conseguir fala, você tem que na verdade fazer bem repetidas vezes, escreve e falando, falando, falando, o ruim daqui do Japão que você não consegue tempo pras coisas, esse é uma coisa muito ruim, que você ... parece que seu dia acaba em um piscar de olhos, que você vai pra escola seu dia já acabou. E ai pra gente conseguir aprender a gente tem que ir treinando, treinando, treinando, e ai.. eu não consigo tempo pra fazer isso, eu faço curso de japonês separado da escola e eles falam tem que fazer repetidas vezes assim.

11 – Seus pais falam japonês?
Meu pai fala, ele fala, por causa da convivência na fábrica essas coisas. A minha mãe ela fala mais, aqui de casa ela fala mais, ela tá fazendo um curso agora também de japonês, essas coisas, que nem eu. Só que ela faz um curso diferente, e ela tá aprendendo... ela tá avançando bem, mas eu acho que quem sabe mais japonês aqui de casa sou eu, mas quem fala mais é minha mãe, porque de escrever, fazer frase, isso eu sei, minha dificuldade é falar.

- Você acha importante, vocês como brasileiros, saber falar o japonês?
Sim, se você não sabe a língua você já pode desistir de morar aqui, que a coisa mais importante que você tem que saber, no mínimo, escrever seu nome, o kanji do seu nome e fala, pelo menos o básico, porque se você não consegue sofre muito aqui no Japão.

12 – Com relação as amizades:
É, eu tenho conhecidos que estudam em escola japonesa, é que como ... como eu treino vôlei, as vezes, é ... as vezes a gente encontram né, as pessoas que estudam em escola japonesa, essas coisas, que falam português também que são brasileiros, que é da nossa idade, e que conhece por lugares. Tem uma amiga minha que faz treino com pessoas que são de escola japonesa, a gente acaba tendo uma convivi... por mais que seja muito pequena a gente tendo uma convivência, mas como eu sou de escola brasileira é mais difícil, é mais difícil ter amigo japonês, é mais quando entra na escola mesmo. Que a gente tem que ajudar a falar o português.

- São brasileiros que falam japonês e entram na escola brasileira?
Uhum, que geralmente os pais, por motivos pessoais, não quiseram colocar na escola brasileira logo de cara, aí coloca na japonesa pra aprender japonês primeiro depois troca. Isso na minha opinião é uma coisa muito ruim, porque aí fica misturando as línguas, que a pessoa num sabe o que que acontece, né.

- Você não acha interessante quando muda da escola japonesa para a brasileira?
Não, eu ... eu não apoio, porque teve uma aluna da minha escola, que ela já se formou, ela estudou a vida inteira, é a vida inteira, até o fundamental 2 na escola japonesa e no ensino médio foi pra brasileira. Ela era brasileira, mas não sabia falar o português, os pais dela abandonaram a língua do português e ai do nada mudaram ela pra escola brasileira, ela sofreu muito, ela não sabia falar português nem um pouquinho, e ai tiveram que ensinar ela desde o zero a falar o português.

- Na sua opinião, você acha que os pais deveriam colocar em qual escola? Na japonesa ou brasileira?
Eu acho que depende muito da idade da criança, se por exemplo, ela chega no 6° ano, se ela for ficar aqui no Japão ela entra na escola japonesa, mas se ela tem um futuro pra voltar pro Brasil ou estudar fora, ela entra na escola ... é ... que aqui se chama escola universal, né, as escolas brasileiras são escolas universais, entra numa escola brasileira. Porque, por exemplo, aqui dizem que o máximo que você pode colocar uma criança na escola japonesa é o 6° ano, a partir do 6° ano já num, é ... já você ... num vale a pena mais, porque como a gente já tá entrando na adolescência no 6° é o máximo que ela pode conseguir assimilar o japonês já conversando, a partir do 7° ano já fica mais difícil. Então eu acho que depende do futuro que a criança quer levar, se ela quer fazer uma faculdade no Brasil, numa faculdade internacional ela entra na escola brasileira, mas se ela quer fica aqui no Japão o resto da vida dela entra na escola japonesa.

- Então seus amigos são brasileiros, tem de outras nacionalidades?
Sim, sim, sim. Tem alguns que nasceram aqui, mas são brasileiros também, alguns são, eram japoneses mas já saíram, tem alguns que falam bem o japonês que vieram também de escola japonês. Tem, acho que, umas 4 pessoas da minha sala, que saíram de escola japonesa e vieram pra escola brasileira, que também tem dificuldade, e a gente tem que acabar ajudando, porque saiu da escola agora.

- Então você não tem amigos japoneses?
Não, não, é. É bem raro eu ainda ter contato com alguém que é japonês mesmo.
Sim, é. Só contato com brasileiro, então é bem difícil você ter contato com japonês, é mais quando é necessário mesmo.

13 – O que acha da escola onde estuda?
A minha escola é considerada, eu considero ela boa, mas em relação... é que aqui na minha cid... na região tem acho que umas 5 escolas brasileiras e cada povo fala mal uma da outra, é sempre assim. Principalmente os pais, por exemplo, se o pai põe em uma escola, ele vai fala mal da outra, estuda em outra, ele vai fala mal da outra, é sempre assim. Mas os alunos eles sempre se ... eles se, eles conversam assim, eu converso muito com todos os alunos de todas as escolas, a maioria na verdade eu tenho contato. Eu gosto da minha escola, ela é, de estrutura dizem que ela é a maior porque tem qua..., aqui é muito raro você vê uma escola com quadra, brasileira, né, brasileira é muito raro, pra conseguir autorização pra construir. Então a minha escola é uma das únicas que tem quadra, ela tem uma estrutura grande, desde do pequenininho até o ensino médio, eu gosto, a estrutura dela é muito boa, a administração, tem nossos altos e baixos, não tem o que fazer, fazer o que né, tem seus altos e baixos.

- Qual o nome da escola?
Escola Paralelo.

- Você gosta da escola?
Eu gosto da escola.

- E os professores são preparados? O que você sente?
Não, eu acho que os professores que dão aula na escola, eles são bem preparados, principalmente por alguns que dão aula desde quando era criancinha assim, desde quando tá no berçário, eles têm uma conexão um pouquinho maior com os alunos daqui do Japão. Eu acho que a maioria dos professores que entram, a gente acaba sentindo quando vão embora, ou quando vai viaja mesmo, acaba sentindo mais porque acaba fazendo uma conexão. Então eu acho que eles são preparados, as aulas são bem dadas assim, alguns as vezes tem nossos desentendimentos, né, mas fazer o que, entra um professor novo, é, como toda escola. Mas eu gosto, dá falta quando eles vão embora, quando vão pra outra escola, mas fazer o que né.

- Você sente muita diferença da escola brasileira aqui do Brasil para a escola brasileira aí do Japão?
Com certeza, aqui é muito diferente, muito diferente. É que na verdade aí no Brasil eu estudei em escola pública, eu num estudei em escola particular, e aqui todas as escolas brasileiras são particulares, então já deu uma diferença. Porque a média do Brasil, da escola pública, que eu saiba é 5, aqui a média já é 7. Então já aumentou um pouquinho, já deu uma diferença de estudo, o estudo daqui é, é um livro da apostila positivo, já é um .. não é do governo que eu tava acostumada, já é um estudo mais avançado, então deu uma diferença bem grande. Então eu já fiquei "meu Deus, socorro", mas não foi difícil se adaptar aos estudos mesmos, foi até que bem razoavelmente fácil, não foi 100% fácil, mas até que eu consegui me adaptar bastante com as notas com as provas, e to ... e como eu era ... eu cheguei era uma sala muito pequena, isso é uma das coisas que eu notei muito na diferença das escolas. Aqui no Japão a quantidade de alunos é muito pequena, por exemplo, o máximo da sala da minha escola que tem é 21, eu estudei numa sala que tinha 40, 35, muito diferente a quantidade. Eu cheguei na escola em 2016, eu fui a 7° pessoa da minha sala, eu olhei eu fique "só tem isso?" "Só tem isso? Como assim." E por ser pouca gente, tem uma união um pouquinho mais forte, eu me acostumei com sala, eu me acostumei com sala vazia, tanto que eu acho que se eu fosse pro Brasil eu iria numa sala muito cheia eu ia estranha.

14 – Como é o seu relacionamento com os colegas e professores?
Ah, com os professores eu gosto bastante dos professores, tanto que tem um professor meu que diz que eles têm que estudar pra dar aula pra mim, porque eu sou a que mais faz pergunta. Porque a minha mãe falou assim "se você tem dúvida, pergunta, não vem embora pra casa". Então eu faço a festa, não quero nem saber, tá me dando aula tem que responder as coisas que eu pergunto. Com os colegas eu também me dou bem com todo mundo, eu num tenho briga com ninguém eu vou lá converso se eu tiver alguma, e eu consigo me dar bem com todo mundo, eu não tenho dificuldade de fazer amizade, nem nada.

15 – Quais as dificuldades que você tem na escola/aula?
Aqui teve uma época que a gente, aqui no Japão, teve o problema com os professores, é caso eles estejam muito ocupados. Porque na minha escola, a diretora e o filho da diretora são professores, então as vezes eles têm coisas pra resolver na secretaria e eles não dão aula. Ai teve uma época que isso já ficou com troca de professor, que entra um pra da aula, ai entra outro, ai entra outro, e ai fica essa diferença de aprendizado, que cada um ensina de um jeito, e ai já bagunço o cérebro da minha sala inteira. Porque a gente num sabia com quem se acostumava, que cada um explica de um jeito, e a gente ficou "meu Deus, com quem a gente aprende?" e ai, bagunço completamente. Então o ruim daqui do Japão também é que se tem essa troca de professor já bagunça a sala inteira. Isso é muito ruim.

16 – Você já mudou de escola? Por quê? Como se sentiu? Não se aplica

17 – Já sofreu ijime/bullying na escola?
Quando eu cheguei, eu num senti muito, quando eu entrei na escola também não, mas geralmente como eu sou adolescente essas coisas assim, minha mãe ela as vezes ela sai comigo, acaba japoneses olhando, tipo pelo corpo mesmo. Porque, num sei, falam que eu tomei hormônio, pro meu corpo, que num parece, mas tudo bem, fazer o que? Fazer o que? Aí acaba, eles acabam olhando na maldade mesmo, eu num sei se eu diria ijime, eu diria mais um olhar ruim.

- Por parte dos japoneses?

Por parte dos japoneses. O ruim dos japoneses aqui, que a maioria, a gente pode considerar pervertido, porque isso é uma coisa que aqui no Japão tem muito, tem muito mesmo.

- Por ser estrangeira, já sentiu discriminação?
Não, aqui eu acho dava pra sentir um respeito, a maioria das vezes. Como eu ia pra lugar onde tinha muito estrangeiro ou que japoneses já estão acostumados, eu acho que num tinha muito essas coisas.

18 - Quando for adulto onde quer morar? Por quê?
Eu tenho vontade de fazer intercambio, eu tenho vontade de ir pro Canada, mas pro Brasil é só pra visitar mesmo, só pra visita, só pra visita.

- Mas moraria no Japão?
Sim, eu acho que eu moraria aqui.

16 – Se eu te perguntar como se sente em relação a sua identidade, como brasileiro, japonês, os dois ou nenhum dos dois o que me responderia? Por quê?
Eu acho que eu sou mais os dois, porque eu me acostumei com a cultura do Japão, mas eu acho que nunca vou perder a essência da brasileira mesmo, isso é uma coisa que eu acho que eu vou levar pro resto da minha vida.

- Mas os costumes, modos que são mais japoneses?
Que são mais japoneses, principalmente a parte de entrar em casa tirar o sapato, eu acho que se eu tivesse no Brasil, eu ia acaba fazendo isso, com certeza. Em relação a usar o banheiro, a gente joga o papel aqui na privada, eu já fiz isso quando eu voltei aí, eu acabai fazendo muitas vezes até acostumar. Em relação a organização mesmo.

- E a sua personalidade, acha que parece com qual?
Eu acho que comparando assim eu sou mais brasileira mesmo. Porque, é por conta da família também que eu tinha mais contato com a brasileira invés da japonesa. Tanto que comer, eu não como nada do Japão, entre aspas assim, não gosto da culinária, não, aqui, meu pai me chama de japonês et porque eu não como, eu não como, sushi, coisa que prepara com peixe, essas coisas de frutos do mar eu não como nada, a culinária o meu jeito é brasileiro.

17 – Você sente que pertence a qual país? Com qual mais se identifica? Por quê?
Hoje em dia com o Japão, mas quando eu cheguei era com o Brasil, era como se eu visse o Brasil como meu único lugar e como se o Japão eu não pertencesse aqui. Acho que é porque eu não tava acostumada, essas coisas assim, mas hoje eu acho que é o Japão mesmo.

- Seus pais querem ir embora para o Brasil?
Sim, a gente num tem planos de ficar aqui, sempre o foco foi sempre vim pra cá ficar um tempo depois voltar.

- Como se sente em relação a isso?
Bom, o meu foco é eu chegar no meu terceiro ano, tentar já fazer o vestibular, tenta já, tanta fazer tanto pra faculdade do Canada, tanto no Brasil, fazer vestibular. Se eu voltar, eu quero prestar o Enem, né, pra tenta entrar na faculdade. Mas fora do Brasil, logicamente, mas eu, eu sei que a gente vai acabar voltando alguma hora ou outra, mas meus planos é acabou o terceirão é tentar fazer a faculdade, em outro país.

- No Japão não tem vontade de fazer faculdade?
Não, no Japão aqui eu não tenho vontade, porque aqui é muito complicado você tentar fazer faculdade pública. Meu treinador de vôlei, que na verdade, foi ele que fez a faculdade aqui no Japão, ele falou que é muito complicado porque você tem que sabe o japonês de cor e decorado, e isso eu acho que aqui eu não consigo.
O nível de japonês muito alto, porque ele estudou em escola japonesa, ele fez curso de japonês particular, então ele teve que ter um nível um pouquinho mais elevado.

18 – Como você se diverte nas horas de lazer? Onde costuma frequentar?
Aqui eu, nos meus horários vagos assim eu costumo jogar vôlei, eu treino... eu treinava, porque tá de quarentena, mas eu treino vôlei, eu acabo brincando... As vezes eu brinco com a minha irmã, geralmente eu estudo, nas horas que eu não preciso, mas eu estudo. Que mais ... hum ... ah, eu costumo também ir pro parque com os meus amigos, que aqui a cada esquina que você vai tem um parque, é incrível isso. Porque ou num tem nada ou é só parque pela esquina, e aqui eu moro perto de um parque muito grande, então as vezes quando a gente num tem nada pra fazer a gente leva, "vamo ali brinca com as criança" que ai eu levo minha irmã também pra brinca.

- Como é a sua rotina?
Bom, geral... eu estudo a tarde, então geralmente eu acordo, se eu não tenho tarefa nenhuma pra fazer de manhã, ou ajudo minha mãe em casa ou eu assisto desenho, né, porque, a minha irmã ela estuda de manhã, então ela vai pra escola cedo, então eu nem vejo ela. Aí eu almoço mais ou menos 11:30, 11:40 pra meio dia eu tá saindo de casa, e ai eu chego na escola 12:20 mais ou menos. E aí uma hora a gente entra pra aula, e a minha aula acaba 17 horas, e aí volta pra casa e chego 17:30. E aí noite geralmente eu faço tarefa.
Não, eu vou com dois amigos, um vem me busca em casa e o outro a gente encontra lá na frente, mas geralmente ou a gente se encontra ou eu que tenho que buscar eles, é alguma dessas duas, mas sozinha eu não vou. A gente vai de bicicleta, que escola é aqui pertinho. Geralmente quando tá chovendo a minha as vezes leva ou os pais do meu amigo, ele vem aqui em casa e me busca, é isso que eu acho muito interessante aqui no Japão, porque a gente acaba tendo um relacionamento até com os pais dos alunos.

19 – Como se relaciona com os japoneses?
Bom, aqui, quando eu vou pra escola, tem .... é uma das ruas a gente passa por uma senhorinha japonesa, a gente todos os dias, a gente cumprimenta ela. Tanto que quando a gente não cumprimenta, a gente até estranha. A gente passa perto de uma delegacia, a gente anda sempre na linha, tanto que o japo... nenhuma vez a gente foi parado pela polícia até hoje, espero que não seja, em nome de Jesus, espero que não seja. Então a gente tem uma relação de muito respeito aqui no Japão, porque a gente sai da escola ai eles, os japoneses, algumas vezes, como eles fazem esporte depois da aula, a gente acaba encontrando com eles, ai a gente cumprimenta, tipo, com a cabeça baixa, né, acaba cumprimentando. Alguns acaba tendo aquele olhar tipo de, mais ou menos, de "vocês não são daqui, faz parte daqui". Então as vezes a gente acaba vendo alguns, mas são bem poucos, o resto cumprimenta tudo, fala konichiwa, que seria boa tarde. Eles têm um respeito bem grande com a gente, isso eu acho muito interessante aqui, porque apesar da gente não se conhecer a gente acaba tendo respeito, por exemplo no caso da senhorinha, todos os dias a gente fala com ela, nem que seja só boa tarde.

- Você acha que os japoneses e o Japão estão preparados para receber os estrangeiros?
Sim, eu acho que aqui é um lugar muito bom pra quem quer viajar, pra quem quer ter uma experiência nova e começar do zero. Porque é muito bom, por exemplo, quando eu tenho um trabalho pra entregar aqui, tem as lojinhas de conveniência, e uma delas que seria o familymart eles tem a maioria das línguas, chinês, português, inglês, e isso eu acho muito interessante, porque eles acabam, se você for lá na recepção e pedir ajuda eles vão lá ensinam, perguntam qual língua que você fala, eles sempre tentam ajudar você, isso eu acho muito interessante.

20 – Qual o seu plano em relação ao futuro?
Eu quero seguir os estudos e fazer faculdade. Geralmente, eu ... eu quero ser professora, porém eu não quero fazer pedagogia porque é pra dar aula dos menorzinhos ao 5°, então eu penso em fazer faculdade de letras e línguas.
Eu penso em fazer a Unesp ou a tenta Unip, porque a Unip tem em São Jose dos Campos é a cidade do lado da minha e eu queria aprender a língua que seria Frances, porque no Canada é a língua que mais fala, então eu tenho vontade de aprende.

21 – Qual o sonho?
Meu sonho é me tornar uma professora de Faculdade, se der, de faculdade ou ensino médio mesmo.

22 – Qual o seu medo em relação ao futuro?
Meu medo é que eu acabe voltando e eu não passo no Enem ou no vestibular, um desses dois, tenho medo de acabar, porque eu quero terminar o terceiro e já tenta prestar o Enem. Se eu consegui, eu tenho medo deu acabar não conseguindo por nervoso essas coisas assim, porque eu sou uma pessoa muito ansiosa, eu acabo me precipitando, se eu ... principalmente com prova, desde pequeninha, eu sempre sofri com prova.

22 – Em casa, vocês conversam sobre planos para o futuro?
Bom, meus pais eles sempre quiser... eu queria antes de tentar fazer professora, né, eu queria tentar engenharia mecânica, eu sempre gostei de montar as coisas assim. Mas eu sempre tive esse negócio de dar aula, por exemplo, quando a gente vai ter prova, eu vou na escola de manhã dar aula pros meus amigos da matéria inteira. Eu dou aula da matéria inteira, eu ensino eles, eles consegue tirar nota, tanto é que esse é meu maior orgulho, que eu consegui ensinar. Então eu sempre gostei muito de brincar de escolinha desde pequena com minhas avós, eu brincava, pegava caderno, então eu sempre percebi que eu tinha esse negócio em relação a escola. Eu sempre gostei muito de estudar também, e ai os professores perguntam até hoje pra mim que que você quer fazer, eu falo que quero ser professora, "ah, então tá explicado". Eles já sabem, que quero ser professora mesmo. Então eu falo pros meus pais que eu quero ser professora, eles falam "ah, então só toma cuidado porque no Brasil não dá tanto

... tem tanta motivação assim", é num tem muito reconhecimento também, então eles queriam que eu fizesse engenharia mecânica porque tem um grau a mais de importância, Mas eles sabem que eu quero fazer, que eu quero acaba fazendo letras, essas coisas, eles tem a consciência disso, mas eles querem que eu fiquei no Brasil, mas eu não quero, já tem uma contradição aí (risos).

Família 4 – Entrevista Adolescente – Parte II

Nome: Giovana

Caso nasceu no Brasil:

- Como foi a chegada no Japão? Você se lembra? Já respondeu

- Você teve dificuldade em se adaptar ao Japão? Como você lidou com essas dificuldades? Já respondeu

- Quando eu cheguei a primeira vez ou a segunda?
Na primeira eu acho que foi mais por saudade, que como eu era muito chegada foi bem ... das minhas avos, mas com o tempo já ... com a gente se vendo por ligação essas coisas assim ficou mais fácil. Mas da segunda vez foi com certeza em relação as amizades, que como eu fiquei sozinha, eu acabei ficando muito triste, tipo, num tem ninguém.. como todo mundo saia de casa, a minha irmã ia pra creche, então eu ficava muito sozinha, e ai eu tentava conversa com o pessoal do Brasil e eles tavam dormindo, e eu num conseguia me adaptar com essa mudança, que tipo eu tava muito sozinha, e ai eu comecei a pensar que se eu entrasse na escola ia ser todo dia assim, e eu num queria isso. Então aí eu pedi .. eu acabei pedindo pra ir embora, mas aí logo depois eu entrei na escola e aí pensei de novo, ah, agora não adianta mais.

- Seu maior problema foi a saudade das avós, dos amigos, não teve problema com o país, com o Japão?
Não, não foi alguma coisa contra o país, foi sempre contra essa distância.

Se retornou ao Brasil:
- Você teve alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil?
Quando eu voltei acho que a maior dificuldade foi perder os costumes que a gente faz aqui, os horários... porque eu dormia muito cedo em relação a escola e aí comecei a dormir tarde, acordar tarde, porque eu acordava cedo. Ai já mudou tudo, mas eu me acostumei bastante até, até que foi fácil, e agora eu num voltei ainda, então eu num sei como é que é, mas quando meu amigo voltou, ele ia fica, num deu nem três meses ele voltou, porque ele falou que ele não conseguiu se adaptar porque é completamente diferente.

- E você acha que se adaptaria da próxima vez?
Eu acho, eu tenho minhas dúvidas, eu tenho muito as minhas dúvidas, porque como eu to muito tempo aqui eu já tenho, laços muitos fortes aqui, por isso que a mesma dificuldade que eu tive quando eu entrei aqui dentro, no Japão, vai ser a mesma coisa quando eu chega lá, a mesma coisa e principalmente a rotina, por mais que eu deteste rotina, já to acostumada, porque no Brasil é diferente.

1 - Como é o seu relacionamento com os seus pais?
Ah, eu diria que bom. É ... é ...

2 - Você acha que se parece mais, tem mais o jeito, da sua mãe ou do seu pai? Por quê?
Eu pareço de aparência com a minha mãe, mas eu tenho o jeito do meu pai. Eu acho que o jeito brincalhão, eu sou muito extrovertida e isso eu tenho certeza que eu puxei dele, porém questões psicológico puxei 100% da minha mãe, que eu tenho, não sei me controlar, ansiedade eu não sei me controlar eu sou uma pessoa muito ansiosa que eu preciso de tudo pra ontem. É, com organização também ela é sempre assim, eu sou igualzinha, na sala principalmente se alguém, nossa, se alguém não faz o que eu mando, ou não faz a limpeza, eu tenho um treco, eu já tenho isso.

3 - O que você gosta e o que incomoda no jeito dos japoneses? E nos brasileiros?
Uma coisa que eu acho muito legal assim da cultura, é em relação ao respeito com mais velhos, aqui eu admiro muito isso que eles têm. Porque aqui no Japão, as crianças, principalmente, crianças as pequeninhas que estudam, que já vão pro primeiro aninho, elas nunca vão sozinhas, elas vão a pé, os pais não podem levar pra elas aprenderem a independência, mas a ... tem sempre um mais velho, tipo do 6° ano, do 4° ano, que leva elas, ele fica num ponto esperando todas as criança chegar, e isso eu acho muito bonito, porque eles chamam esse aluno mais velho de senpai, que significa pessoa com mais respeito. E você tem que ter um grau a mais de

respeito dele, e esse senpai quando ele chega na escola, ele mostra pros professores, ele faz tecnicamente uma chamada com todo mundo, mostra quem que foi no dia e também se alguma criança falta ele vai na casa buscar a tarefa dele. Eles têm esse grau de respeito, isso eu admiro muito, porque esses mais velhos, também tem, esses senpai tem com os professores e isso eu admiro muito, é o respeito com os mais velhos.

- E o que não gosta?
O que eu não gosto é as olhadas, principalmente com estrangeiro, aqui eu acho que é uma das coisas que mais dificulta a convivência é isso, quando você vai ou trabalhar num lugar que tem japonês e ele percebe, ele olha pra você de um jeito estranho, você já sente incomodada. Eu nunca senti isso, mas as minhas amigas, os professores eles contam que eles já viajam pra lugares onde eles já num se sentiram muito confortáveis. Então eu acho que isso é uma coisa que eles deveriam mudar, que eles têm um preconceito, por mais que eles não aparentam no olhar deles, já dá pra ver que eles num gostam da gente aqui.
Aqui os brasileiros eles respeitam, mas tem uns que ultrapassam basicamente todos os limites, porque quando você mora num, num apartamento que só tem japonês, você já fica meio assim, você tem que manter as regras. Mas quando você mora em apartamentos que só tem estrangeiros, você já se sente um pouquinho na liberdade. Porém tem brasileiro que acaba ultrapassando esses limites, que acaba colocando som alto, ai tem estrangeiro que não gosta, porque aqui a gente tá acostumado com silêncio essas coisas. Mas tem brasileiro que já acaba ultrapassando esses limites, e eu num gosto dessas coisas que acaba desrespeitando a própria cultura daqui, por exemplo, se você vê algum brasileiro entrando de sapato em casa você já estranha, aqui é completamente estranho.
Aqui eu acho muito bonito que apesar da gente tá num país diferente, a cultura da moda, essas coisas assim dos vestimenta eles não têm, eles não se vestem igual japonês, tanto que quando você olha na rua e vê alguém vestido diferente, se já sabe que é estrangeiro, ou é brasileiro ou de outra nacionalidade, se já consegue identificar. É, sim, sim, sim.

4 - O que mais gosta e o que não gosta no Brasil? E no Japão?
Eu gosto no Brasil em questão de tá sempre a família perto, festejando, crescendo, tipo tendo a infância perto dos avós, isso é uma coisa que eu admiro muito. Porque aqui no Japão não tem isso. No Japão é muito raro, é mais quando eles vão visita, porque geralmente os avós moram muito longe, então eles não vão visitar muito. Ai no Brasil ou você mora com os avós ou ele mora do seu lado, é sempre assim, então isso é uma coisa que eu admiro muito, principalmente você visitar, se fazer festas, essas coisas assim, eu acho muito bonito. Principalmente o natal que você comemora a família inteira, é aquela festa bonita, sim, sim, eu acho muito bonito.
Mas o que eu não gosto, com certeza, é a violência daí, isso é uma coisa que eu acho que não me acostumaria, vendo isso toda hora, indo pro lado pro outro que, porque aqui não tem isso.
Que eu gosto aqui é o silêncio, o silêncio, com certeza o silêncio, que você pode, se pode ir pra qualquer lugar e você consegue, ou você só ouve o barulhinho dos passarinhos voando, que isso as vezes me irrita, mas tudo bem, ou é só carro. E é muito gostoso você passa num lugar, tipo, que aqui se chama hatake, que seria plantações, se passa na rua dos hatake se sente a brisa gostosa, se vê as paisagens isso é uma coisa que eu admiro muito aqui no Japão, que seria o silêncio, que você entra que você já sente uma vibe diferente, nossa super gostoso.
E o que eu não gosto, que eu não gosto, é a falta de tempo que a gente tem aqui, com os pais, muito corrido, muito corrido.

- Os pais trabalham bastante aí no Japão, né?
Sim, sim, por exemplo, os professores nas escolas japonesas, se eles têm filhos eles nem vê o filho deles. Porque, por exemplo, o diretor, o filho do diretor da minha escola, a filha dele estuda na nossa escola, ela tem aulinha lá, então ele nem conversa com ela direito. Então a gente já sente essas coisas, as professoras de lá também tem filhas lá, então a gente já sente essa diferença, elas só passam recreio junto ou é só em casa. Por exemplo, quando meu pai trabalhava ele só chegava em casa à noite, só tinha aquele tempo com a gente, e eu tava fazendo tarefa, então eu não tenho esse tempo, então a falta de tempo aqui no Japão, porque por mais que seja um país maravilhoso é um país muito corrido.

5 - Você se sente bem recebido e aceito aí no Japão?
Sim, sim, sim, aqui eu acho que ... nossa eu acho que aqui é muito gostoso você se recebida, se ter esse contato, né, com as pessoas assim, se vê japoneses saindo da escola e num precisa olha feio pra você.

6 - Você acha que existe alguma diferença entre os adolescentes brasileiros e os japoneses? Quais?
É completamente visível, quem chega aqui no Japão que acabou de voltar do Brasil é completamente diferente. Por exemplo, eu tenho duas amigas, uma foi embora em 2017 e outra foi embora em 2018, e as duas voltaram em 2019 e outra em 2020, as duas voltaram completamente diferente do que elas vieram pra cá, elas voltaram com um jeito, que ai no Brasil parece que os adolescentes são mais avançados, já tão três passos na frente daqui,

porque aqui, eles crescem muito na linha, eles são tipo à risca, completamente à risca, principalmente japoneses. Aqui a gente já tem aquela convivência, mas a gente tem um jeito diferente do pessoal daí, aqui a gente tem um grau de respeito maior, gente não tem tanta responsabilidade que nem aí, porque aí com 16 anos se já começa a fazer jovem aprendiz. Aqui a gente pode trabalha, mas é muito pouco que trabalha. Então aqui eles são um pouquinho mais atrasados, principalmente os adolescentes japoneses, eles são bem atrasados, e aí eles são completamente avançados, você chega, já sente que a pessoa tá completamente diferente, tá mais madura assim logo de cara. Sim, sim, completamente.

7 - Você assiste mais TV brasileira ou japonesa? E a leitura? Jogos? Música? Comida?
Então, eu ... assistia muito os desenhos, Nickelodeon e Disney Chanel. Mas aqui, a gente não tem isso, é muito raro você chega na casa de um brasileiro que tá assistindo essas coisas, eu assisto bastante Netflix, tanto que metade das coisas que lançam no Brasil a Netflix japonesa não, não chega lança, tanto que eu procuro site. Mas eu costumo assistir as coisas que lança aí da mesma forma que lança aqui, mas é muito raro eu assistir televisão japonesa, é muito raro.

- Músicas, livros são japoneses?
Não, não, é com certeza mais do Brasil.

8 - Você se identifica mais com os brasileiros ou os japoneses? Por quê?
Brasileiros, com certeza. É, mais a maior parte brasileira.

9 - Qual o seu passa tempo favorito nas horas livres?
Jogar vôlei, com certeza.

- O vôlei você joga só com brasileiro ou não?
Não, é só brasileiro, geralmente a gente faz campeonatos com as escolas brasileiras de outras regiões assim, ou daqui mesmo, mas só brasileiro. A gente não teve oportunidade de jogar com as escolas japonesas, mas as escolas japonesas no esporte elas são mais avançadas.

10 - Me descreva como que é morar no Japão para você? E o Brasil?
É uma rotina difícil, mas é um tempo meio que valioso todos os dias. Eu recomento 100% morar no Japão mas se você for vir com criança, vim antes do 4° ano dela, não venha do 6° ano pra frente.

- E se alguém pedisse para descrever como é morar no Brasil?
Morar no Brasil é você não saber o que vai fazer no dia seguinte. E você as vezes ter medo de andar no meio da rua, é você com certeza as vezes andar de madrugada, ter medo de andar assim, que você nunca sabe o que vai acontecer, mas é um lugar muito gostoso pra você aproveita o tempo com a família, com os amigos, e isso é uma coisa que eu acho bem legal no Brasil, que aqui é muito difícil você ter.

11 - Qual a importância que o Japão tem para você? E o Brasil?
Aqui eu acho que, com o Japão eu consigo ter a raiz da minha família perto, porque apesar de eu ser a 4° geração eu tenho esse, essa química com o Japão. Eu gosto muito de morar aqui, eu acho que é uma oportunidade única, com certeza é uma oportunidade única morar aqui. Dessa raiz da família, porque em jatar de família aqui, a gente todo dia, era uma tradição, deu 1° de janeiro a gente sempre ia almoça na família japonesa e era todo mundo de olho puxado, menos eu e minha irmã. Com a família do meu pai, a gente sempre almoçava todo mundo junto, aí a partir de mim e da minha irmã e as bebezinha num tinha mais ninguém de olho puxado, e você dava aquela diferença de geração.

- Hoje você tem parentes que mora aí no Japão?
Hum, eu acho que só tem dois, um primo que veio aqui, mas a gente num viu e uma prima e só esses dois, o resto tá tudo no Brasil.

- Qual a importância que o Brasil tem para você?
Importância do Brasil acho que é, com certeza, o resto da família, é o resto da família que tá aí, e a maior saudade que a gente tem. É ter todo mundo por perto.

12 - Você trocaria sua vida daí para morar no Brasil? Por quê?
Eu acho que não. Não. Porque já me acostumei aqui e eu prefiro aqui. Gosto mais daqui.

13 - O que você pensa em fazer depois de concluir a escola? Já respondeu

14 - O que você acha que seus pais esperam de você ao concluir a escola?
Que eu arranje um emprego, que eu consiga, que eu consiga trabalha já, conquistar outras coisas. Já começa minha vida.

15 - Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?
Quando eu me imagino daqui 5 anos, formada, morando na minha casa própria, com os meus 5 diplomas estampados na carinha de .... (risos)

16 - Se você pudesse dar um conselho para uma criança ou jovem brasileiro que está vindo para o Japão pela primeira vez, o que você falaria?
Eu acho que é prepara-se para uma vida cheia de surpresas porque você vai conhecer muitas pessoas novas e vai passar por muitos desafios principalmente em questão do psicológico.

- Você acha que o emocional é afetado?
Abala, muito abalado, com certeza. Porque como a gente acaba fazendo uma ligação muito grande com as pessoas daí, a gente acaba se vendo numa posição muito diferente, que uma hora você tava rodeada de pessoas e aqui agora você só tem, ninguém basicamente do seu lado. É muito difícil.

- Você tem bastante contato com a família do Brasil?
A minha mãe conversa quase todo dia com a minha vó, e o meu pai quase toda semana tá falando com ela, então a gente tem um contato bastante grande até, do que as outras famílias que eu vejo.